Paulo Neto

RELENDO A BÍBLIA, REVENDO A TEOLOGIA

Volume III

Análise crítica de alguns temas bíblicos de acordo com uma visão não dogmática.

Agradecimentos

Os nossos sinceros agradecimentos a todos os membros do Grupo Apologético Espírita – GAE, (**www.apologiaespirita.org**) pelo apoio e incentivo nas pessoas dos amigos Maurício C. Pimenta, Dr. João Frazão de Medeiros Lima e Hugo Alvarenga Novaes pelas suas valiosas sugestões aos textos colocados nesse nosso livro.

À minha esposa Rosana e aos meus filhos Ana Luisa, Rebeca e João Pedro, que souberam compreender o tempo que lhes retiramos para dedicar a esse livro.

Índice

Apresentação.....4
Prefácio.....6
Uma história de estarrecer e a Bíblia.....7
A aparição de Jesus depois da morte.....9
A circuncisão entre os primeiros cristãos.....19
A comunicação entre os dois planos.....28
A mediunidade no tempo de Jesus.....32
A parábola do rico e Lázaro na visão espírita.....45
A profecia sobre a volta de Elias se realizou?.....50
Anjos, segundo a Bíblia, são espíritos humanos desencarnados.....69
As relações dos primeiros cristãos com os espíritos.....78
Adão e Eva: o primeiro casal?.....85
Ajustes a dogmas.....88
Antiga ou nova aliança, qual delas devemos seguir?.....93
Comunicação com os mortos: fato escondido nas traduções e exegeses bíblicas.....97
"E o Verbo se fez carne" faz de Jesus o próprio Deus?.....100
Em Deuteronômio 18, Deus proibiu de se evocar os mortos?.....111
Ecos do Passado – O paganismo no cristianismo.....121
Mistérios ocultos aos doutos e inteligentes.....127
Nazareno: o significado.....130
Mas os mortos não estão proibidos de evocar os vivos.....140
O Antigo Testamento é a palavra de Deus?.....145
O Castigo será Eterno?.....149
Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam os seus autores?.....152
Perdão, punição, redenção, crença ou reencarnação?.....163
Reencarnação na Bíblia.....166
Se o espírito é imortal, significa imortalidade da alma na Bíblia.....194
Somos filhos ou criaturas de Deus?.....219
Referências bibliográficas.....250

Apresentação

A Bíblia é um livro excepcionalmente importante para toda a Humanidade.

Foi o primeiro livro a ser impresso tipograficamente, sendo também a obra publicada no maior número de idiomas em todo o mundo.

Para alguns, o livro representa a palavra de Deus, de capa a capa. Para outros, entretanto, seu texto deve conduzir à reflexão e apreciado como literatura alegórica, em muitas oportunidades.

A Bíblia é chamada de "O Livro Sagrado", pelo respeito exacerbado que, ao longo dos séculos, foi construído pela Igreja. A reforma protestante exaltou, ainda mais, o texto bíblico, buscando torná-lo inatacável.

As gerações humanas se sucederam, sem que, mesmo quanto aos trechos da Bíblia notoriamente exagerados ou controversos se colocasse qualquer observação, sob pena de granjear, o audacioso que assim procedesse, o epíteto de herege ou sacrílego.

É inegável o excepcional valor de muitos ensinamentos do livro.

É inaceitável, contudo, afirmar-se ser, todo o seu conteúdo a palavra de Deus, tantas são as menções carentes de racionalidade.

Com a evolução temporal, surgiram vários estudiosos que deliberaram esclarecer, debater e reparar as passagens bíblicas merecedoras de observação.

No Brasil, anteriormente, destacaram-se, como críticos da Bíblia, o conspícuo Dr. Carlos Imbassahy, espírita convicto e militante e o Dr. Mário Cavalcanti de Melo, autor do livro "Da Bíblia aos Nossos Dias", cujo subtítulo é: "Suas lendas, seus erros e contradições", em obra prefaciada pelo Professor Deolindo Amorim.

Hodiernamente, irrompe outro grande estudioso da Bíblia, em seus múltiplos aspectos, o estimado confrade Paulo da Silva Neto Sobrinho, com os mesmos objetivos colimados por aqueles precursores ilustres, qual seja, o de retirar as *"escamas"* que perduram nos olhos de tantos, incrustados num dogmatismo irremovível.

O escopo de Paulo Neto, nesta obra, confunde-se integralmente ao daqueles baluartes, o que se pode depreender da transcrição que, com a devida vênia faremos, de excerto do prefácio do Professor Deolindo Amorim à obra de Mário Cavalcanti de Melo:

"A preocupação do Autor, entretanto, é de quem, não estando conformado com certos ensinos bíblicos até agora aceitos como definitivos e verdadeiros, quer rasgar o véu que ainda encobre muitas passagens da Bíblia e, assim, afastar dúvidas ou equívocos sensivelmente prejudiciais à exata compreensão de muitos pontos da História."

A maior virtude desta nova obra analisadora e revisora dos textos bíblicos é o enfoque de novos aspectos, sob uma ótica, raciocínio e lógica diferentes. Entretanto, acontece com todos aqueles que buscam estudar a Bíblia com base no realismo, serem considerados heréticos e inimigos da fé.

Anteriormente, Paulo Neto lançou outra apreciada obra sobre o mesmo tema: "A Bíblia à Moda da Casa".

Evidenciando o fato de que a análise do texto bíblico prossegue suscitando muito interesse, surgiu esta nova obra, com nova formatação, em que os temas são estudados em tópicos separados.

As incongruências, insubsistências e diatribes são exaustivamente estudadas, e o Autor demonstra excepcional capacidade ao demonstrá-las, e mais, de extrair conclusões eivadas de racionalidade das suas colocações.

Assim como aconteceu com a sua obra antecedente, "A Bíblia à Moda da Casa", este novo trabalho do Autor é um libelo contra o fanatismo e o dogmatismo.

Tudo porque o enfoque dado ao texto bíblico é calcado num raciocínio embasado na Doutrina dos Espíritos, de Allan Kardec.

O Espiritismo trouxe novos conhecimentos e novas luzes, em campos do saber humano até então inamovíveis, seja pelo tradicionalismo, seja pela oclusão mental. *"Mais vale repelir dez verdades do que admitir uma só mentira",* lecionou o Codificador.

Paulo Neto embasa suas reflexões, observações e conclusões no conhecimento espírita, que vem amealhando ao longo de seus estudos, em estrita observância aos preceitos doutrinários.

Todo o seu trabalho é, mui certamente, oriundo de exaustivas pesquisas e de uma busca incessante de fontes confiáveis, pois a abordagem e a temária mexe e incomoda aos exegetas de plantão. O embasamento é necessário e, muitas vezes, imprescindível, para abafar reações esdrúxulas dos que se sentem atingidos com a exposição realista que é apresentada.

Não é possível, entretanto, que se continue aceitando como verdade intocável e inamovível certas colocações e certas passagens bíblicas, à vista de equívocos e impossibilidades que saltam à vista de quantos as compulsem.

Esta não é uma obra de leitura, mas sim de estudo. Apresentada em tópicos , cada um deles vai suscitar reflexão por parte do leitor. Alguns dos raciocínios e explicações apresentados serão apreciados com surpresa, levando o leitor a uma pergunta inevitável: *"como nunca pensei nisso antes?"*

Honra ao raciocínio, à crítica e à capacidade intelectiva de Paulo Neto, lançando esta nova obra sobre assunto tão delicado e tão profundo quanto o conteúdo da Bíblia.

Usufruamos desse manancial de informações.

Belo Horizonte, em 15/04/2005.
Gil Restani de Andrade (1941-2006)

N.A.: Infelizmente o nosso companheiro e mestre Gil Restani desencarnou em 29/11/2006. A ele nossa eterna gratidão.

Prefácio

Mantivemos, ainda aqui nesse volume III, a apresentação do nosso companheiro Gil Restani de Andrade, por dois motivos. Um como uma singela homenagem póstuma a quem soube viver plenamente os ensinamentos Espíritas, pois era, como se diz, um Espírita de primeira linha. O outro, gostaríamos de justificar porque, quando ele fez o prefácio, o texto do livro era único, mas, por necessidade, acabou sendo divido em três volumes.

Continuando com o nosso estudo da Bíblia, vamos rever o que as explicações oferecidas pela teologia dogmática, procurando sair das interpretações de conveniência, em busca daquilo que realmente deve ser entendido os textos.

Como fizemos nos Volumes I e II, trabalhamos como se não tivéssemos nenhuma informação sobre os assuntos enfocados para que nada pudesse nos influenciar, já que os dogmas poderiam nos manter estacionados nas mesmas interpretações interesseiras, onde, para nós, se encontram os erros teológicos, que não causam preocupação a quase ninguém.

Graças a Deus, estamos sentido uma crescente busca dos fatos acontecidos, isso, como não poderia deixar de ser, também acontece com os assuntos bíblicos. Disso vislumbramos um horizonte menos nebuloso para a geração futura, que não mais aceitará imposições dogmáticas, mas quererá, e com razão, saber das coisas usando para isso a lógica e a razão, longe do creio porque está escrito.

Não se mudou muito em relação aos Volumes I e II, ou seja, o nosso raciocínio sempre nos guiou para resultados completamente diferentes dos dogmas e interpretações que estávamos acostumados a acreditar. Entretanto, sempre nos apoiando em pesquisas formamos as bases consistentes e sólidas que nos levaram aos mesmos resultados, pelos quais já vimos no primeiro volume. A razão e lógica foram as bases que buscamos para sustentá-los.

Ainda continuamos com a certeza de que muitos dos nossos estudos irão chocar algumas pessoas, especialmente aos fundamentalistas que não arredam o pé daquilo que aprenderam. Mas a busca da verdade que fomos, nesse tempo todo, pautando os nossos estudos, não nos permitiu preocupar a qual resultado final poderíamos chegar.

O choque mais extraordinário que tivemos foi quando, no estudo das citadas profecias a respeito de Jesus, não encontramos uma só que pudéssemos nos apegar como uma verdadeira profecia, explícita e direta, a seu respeito. Acreditamos que isso também chocará a muitos, entretanto, achamos que a verdade deverá se sobrepor, até mesmo porque Jesus nos recomendou: *"Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará"*. Agora, mais do que nunca, entendemos o verdadeiro sentido dessa frase. Falava o Mestre justamente das adulterações, das interpolações, das interpretações de conveniência que fariam de seus ensinamentos, buscando, principalmente, subjugar os fiéis, os quais se tornam, em suas mãos, nada mais que simples joguetes do interesse do poder social ou financeiro, base fundamental de seus princípios, que nada tem, é claro, a ver com a verdade que liberta.

E reafirmamos que esse nosso estudo poderá, se bem divulgado, causar descontentamento em determinada liderança religiosa, essa a qual mais evidência o interesse do poder e do dinheiro, da qual já falamos. Mas encontrará repercussão favorável naqueles em que, como nós, o mais importante é a verdade legítima, não a fabricada por interesses como essas que vigoram entre quase todas as denominações cristãs.

Queremos ver outros autores, os mais gabaritados que nós, levando adiante essa ideia que iniciamos com esse livro *Relendo a Bíblia, Revendo a Teologia*, de forma a forçar uma revisão teológica, a qual achamos urgente e necessária de se fazer.

Aqui os textos, a não ser o primeiro, serão colocados em ordem alfabética dos títulos, podendo seus assuntos abranger tanto o Antigo quanto o Novo Testamentos.

Paulo Neto

Uma história de estarrecer e a Bíblia

Uma certa pessoa, a qual chamaremos de José, o homem mais rico e poderoso do país do "Faz de Contas", promete a seu amigo João, a quem muito estimava, que lhe daria um relógio de ouro. Algum tempo depois, José diz a João que estava chegando a hora de cumprir com o prometido. Que ele, João, deveria ir à loja do Júlio, o mais hábil joalheiro da capital, que trabalhava junto com a sua mulher e dois filhos, pois não tinha nenhuma confiança em pessoas de fora, não sem razão, dada a peculiaridade de seu negócio.

José recomenda a João exatamente isso: vá à loja do Júlio, mate a ele, mulher e filhos, depois pegue o relógio de ouro da melhor marca que houver por lá, e pode ir tranquilo para sua casa e assim considere cumprido o que lhe prometi.

Já estou imaginando o que você deve estar pensando, e que obviamente me dirá:

– Que cara maluco, meu! Que história é essa, sem sentido algum? Só um "doido de pedra" poderia vir com algo assim.

– Sinceramente? Você está coberto de razão. Não há sentido algum numa coisa absurda dessa, mas…

– Eita! Lá vem você com o "mas".

– Isso aconteceu de verdade.

– Como, aconteceu de verdade? Xiii, você é mais maluco do que pensei de início.

– Então vou provar-lhe que isso realmente aconteceu, mas sei que é bem provável que não gostará do que vai ouvir, dado o seu tradicionalismo religioso. A única diferença em relação ao que vou lhe contar é que o prometido não foi um simples relógio, mas uma vastidão de terra pertencente a outros povos.

– Tá certo, essa quero pagar para ver.

– Bom, não vá dizer que não avisei, certo? Vamos lá, ouça:

Conta-nos, os escritores bíblicos, que Deus havia prometido a Abraão, patriarca do povo hebreu, uma terra, na qual correria leite e mel, que, segundo se entende, seria onde viviam os cananeus (Gn 12,6-7; 17,8).

Tempos mais tarde, resolve dizer a este povo que já estava pronto para cumprir o prometido a Abraão, era o momento de dar-lhe essa terra. Para isso retira-o do Egito, onde vivia na condição de escravidão, mandando-o seguir rumo a essa terra, por um caminho orientado por Ele. Chegando lá, com o seu exército promove uma carnificina geral, passando a fio de espada todos os habitantes – homens, mulheres e crianças –, das cidades: Jericó (Js 6,21), Hai (Js 8,24), Maceda (Js 8,28), Lebna, Laquis, Gazer, Eglon, Hebron e Dabir (Js 10,28-39). Tudo isso por determinação de "Javé" (Dt 20,16-17), que, ainda lhes envia "o chefe de seu exército" (Js 5,14) para, dessa forma, dar-lhes apoio incondicional a esse ato ignominioso que os hebreus levaram a efeito. Os únicos daquela região que não sucumbiram, foram os gabaonitas, porém, impuseram-lhes a escravidão (Js 9,23).

E para se vangloriarem do feito, são listados os trinta e um reis que pereceram nessa chacina, executada naquela vasta região (Js 12).

Narra-se que "desse modo, Javé deu a Israel toda a terra que jurara dar a seus antepassados. Eles tomaram posse e nela se estabeleceram" (Js 21,43). O próprio "Javé", disse aos hebreus: "Eu dei a vocês uma terra que não lhes custou nada,…" (Js 24,13). Para dizer isso, certamente, só poderia pensar que a vida das pessoas não valia nada.

E, ao que tudo indica dos acontecimentos, estava querendo implantar a raça do "povo eleito" aqui na terra, mesmo que a custa de milhares de vidas humanas. Não muito diferente

do que a história registra em relação a uma determinada personagem que queria que só existisse a "raça pura". Comparação dura poderá achar, mas são os fatos que levam a ela. Nos tempos atuais, tais atrocidades seriam enquadradas como crime contra humanidade, seus responsáveis seriam punidos, sem sombra de dúvida.

Não posso fechar essa história senão afirmando que isso obviamente não pode ter vindo da Divindade. Acredito que Moisés, na condição de chefe guerreiro, usou desse artifício para levar os hebreus a uma guerra de conquista, pensava, talvez, em tornar-se o rei deles. É por esse e outros muitos absurdos que não posso, em sã consciência, aceitar a Bíblia como sendo mesmo a palavra de Deus. Os que assim acreditam, de duas uma: leram e não entenderam nada ou estão evolutivamente próximos desse deus tribal.

Nota: O objetivo de colocarmos esse texto, logo no início, é para se demonstrar como muitas pessoas largam mão do raciocínio lógico para acreditar em coisas que não fazem o menor sentido, quando as submetemos ao crivo de uma análise racional.

A aparição de Jesus depois da morte

Em várias oportunidades, Jesus disse aos seus discípulos que, após sua morte, ressuscitaria. Preocupa-nos a compreensão correta do que, em seu conceito, seria a ressurreição. Vejamos a seguinte passagem:

> Lc 20,37-38: *"E que os mortos ressuscitem, é Moisés quem dá a conhecer através do episódio da Sarça Ardente, quando chama ao Senhor: o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó. Ora, Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos; para ele, então, todos são vivos".*

Vejam bem: se Jesus, em se referindo a três pessoas que haviam morrido, diz que para Deus todos *"são vivos"* é porque nossa individualidade sobrevive após a morte; em outras palavras, estaria dizendo da nossa condição de espíritos eternos. Aquilo que chamamos de morte é apenas o processo pelo qual o nosso espírito, em seu regresso à dimensão espiritual, de onde veio, devolve à natureza os elementos constitutivos do corpo físico, cuja finalidade é viabilizar o seu desenvolvimento moral e intelectual. Em vista disso, é que devemos entender que a ressurreição, de que Jesus fala, não é a do corpo físico, e sim o ressurgir em espírito. Foi exatamente isso o que aconteceu com ele. Depois de sua morte esteve ainda na terra em seu corpo espiritual, conforme se encontra narrado em Atos: *"Após sua paixão, **ele lhes mostrou**, com muitas provas, **que estava vivo,** aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando-lhes do Reino de Deus".* (At 1,3).

Sabemos, por informação dos próprios espíritos, que eles se manifestam em seu corpo espiritual, denominado perispírito. Nele é evidenciada toda a evolução moral do espírito; assim, quanto mais luminoso, maior evolução; e, via de consequência, quanto menos luz possuir mais o espírito se encontra em degraus inferiores de evolução. Deve ser pelo motivo de sua luminosidade que, em algumas situações, Jesus não foi reconhecido pelos seus discípulos, como observamos neste passo: *"Depois disto, **ele apareceu sob outra forma**, a dois deles que estavam a caminho do campo"* (Mc 16,12). Vejamos todo o episódio pela narrativa de Lucas:

> Lc 24,13-35: "*Nesse mesmo dia, dois discípulos iam para um povoado, chamado Emaús, distante onze quilômetros de Jerusalém. Conversavam a respeito de tudo o que tinha acontecido. Enquanto conversavam e discutiam, **o próprio Jesus se aproximou, e começou a caminhar com eles**. Os discípulos, porém, estavam como que cegos, e não o reconheceram. Então Jesus perguntou: 'O que é que vocês andam conversando pelo caminho?' Eles pararam, com o rosto triste. Um deles, chamado Cléofas, disse: 'Tu és o único peregrino em Jerusalém que não sabe o que aí aconteceu nesses últimos dias?' Jesus perguntou: 'O que foi?' Os discípulos responderam: '**O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em ação e palavras, diante de Deus e de todo o povo**. Nossos chefes dos sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte, e o crucificaram. Nós esperávamos que fosse ele o libertador de Israel, mas, apesar de tudo isso, já faz três dias que tudo isso aconteceu! É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deram um susto. Elas foram de madrugada ao túmulo, e **não encontraram o corpo de Jesus**. Então voltaram, dizendo que tinham visto anjos, e estes afirmaram que Jesus está vivo. Alguns dos nossos foram ao túmulo, e encontraram tudo como as mulheres tinham dito. Mas ninguém viu Jesus'. Então Jesus disse a eles: 'Como vocês custam para entender, e como demoram para acreditar em tudo o que os profetas falaram! Será que o Messias não devia sofrer tudo isso, para entrar na sua glória?' Então, começando por Moisés e continuando por todos os Profetas, Jesus explicava para os discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito dele. Quando chegaram perto do povoado para onde iam, Jesus fez de conta que ia mais adiante. Eles, porém, insistiram*

com Jesus, dizendo: 'Fica conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando'. Então Jesus entrou para ficar com eles. ***Sentou-se à mesa com os dois, tomou o pão e abençoou, depois o partiu e deu a eles. Nisso os olhos dos discípulos se abriram, e eles reconheceram Jesus****. Jesus, porém, desapareceu da frente deles. Então um disse ao outro: 'Não estava o nosso coração ardendo quando ele nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras?' Na mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém, onde encontraram os Onze, reunidos com os outros. E estes confirmaram: "Realmente, o Senhor ressuscitou, e apareceu a Simão!' Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e como tinham reconhecido Jesus quando ele partiu o pão*".

O ponto mais importante dessa narrativa relacionado a esse nosso estudo é o fato de Jesus não ter sido reconhecido pela sua aparência, mas, tão somente por um gesto seu. Ora, isto prova que o seu corpo ressurreto não era o mesmo que tinha quando vivo, pois, se fosse, seria facilmente distinguido por todos e especialmente pelos seus discípulos, que conviveram diuturnamente com ele. Sendo assim, não se pode afirmar que ressuscitara no corpo físico como é comum ouvirmos de cristãos dogmáticos.

Sabemos que "Os Espíritos que se tornam visíveis se apresentam, quase sempre, sob as aparências que tinham quando vivos, e que pode fazê-los reconhecer". (KARDEC, 1993h, p. 108); então, a aparição de Jesus, aos dois discípulos, só pode ter ocorrido em outra forma, porquanto [os espíritos] "Podendo tomar todas as aparências, o Espírito se apresenta sob a que melhor o faça reconhecível, se tal é o seu desejo". (KARDEC, 2007b, p. 146). Não sabemos por qual motivo Jesus não ter achado conveniente se apresentar na aparência que tinha quando vivo; porém, é fato que tal possibilidade é do perispírito, seu corpo espiritual, e não do corpo físico.

O perispírito, por ser totalmente maleável, assumirá a aparência que o espírito, pela força do seu pensamento, queira lhe dar. Allan Kardec (1804-1869) confirma isso:

> […] Mas a matéria sutil do perispírito não possui a tenacidade, nem a rigidez da matéria compacta do corpo; **é, se assim nos podemos exprimir, flexível e expansível**, donde resulta que a forma que toma, conquanto decalcada na do corpo, não é absoluta, amolga-se à vontade do Espírito, que lhe **pode dar a aparência que entenda,** ao passo que o invólucro sólido lhe oferece invencível resistência.
>
> Livre desse obstáculo que o comprimia, **o perispírito se dilata ou contrai, se transforma: presta-se, numa palavra, a todas as metamorfoses, de acordo com a vontade que sobre ele atua**. Por efeito dessa propriedade do seu envoltório fluídico, é que o Espírito que quer dar-se a conhecer pode, em sendo necessário, tomar a aparência exata que tinha quando vivo, até mesmo com os acidentes corporais que possam constituir sinais para o reconhecerem. (KARDEC, 2007b, p. 81-82, grifo nosso).

É oportuno ressaltar que, quanto mais evoluído for um espírito, mais facilmente conseguirá moldar o seu perispírito na aparência que desejar. Kardec explica-nos:

> […] O Espiritismo nos faz compreender como podem os Espíritos achar-se entre nós. **Comparecem com seu corpo fluídico ou espiritual e sob a aparência que nos levaria a reconhecê-los**, se se tornassem visíveis. **Quanto mais elevados são na hierarquia espiritual, tanto maior é neles o poder de irradiação**. É assim que possuem o dom da ubiquidade e que podem estar simultaneamente em muitos lugares, bastando para isso que enviem a cada um desses lugares um raio de suas mentes. (KARDEC, 2007c, p. 416, grifo nosso).

Podemos, portanto, aceitar que Jesus tenha mudado a aparência do seu corpo espiritual; o que não temos é condição de avaliar porque motivo ele fez isso.

O relato do desaparecimento do seu corpo no sepulcro é fato que vem mantendo a crença de que ele teria ressuscitado fisicamente, quando, na verdade, isso não prova absolutamente nada, pois várias hipóteses poderiam ser levantadas para o seu sumiço. Esse

assunto é, por demais, polêmico:

> O desaparecimento do corpo de Jesus após sua morte há sido objeto de inúmeros comentários. Atestam-no os quatro evangelistas, baseados nas narrativas das mulheres que foram ao sepulcro no terceiro dia depois da crucificação e lá não o encontraram. Viram alguns, nesse desaparecimento, um fato milagroso, atribuindo-o outros a uma subtração clandestina.
>
> Segundo outra opinião, Jesus não teria tido um corpo carnal, mas apenas um corpo fluídico; não teria sido, em toda a sua vida, mais do que uma aparição tangível; numa palavra: uma espécie de agênere. Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais de sua vida teriam sido apenas aparentes. Assim foi que, dizem, seu corpo, voltado ao estado fluídico, pode desaparecer do sepulcro e com esse mesmo corpo é que ele se teria mostrado depois de sua morte. (KARDEC, 2007e, 400).

Kardec procura analisar esse fato sem apegar-se à letra e nem preso às interpretações dogmáticas, e assim explica:

> Todos os evangelistas narram as aparições de Jesus, após sua morte, com circunstanciados pormenores que não permitem se duvide da realidade do fato. Elas, aliás, se explicam perfeitamente pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito e nada de anômalo apresentam em face dos fenômenos do mesmo gênero, cuja história, antiga e contemporânea, oferece numerosos exemplos, sem lhes faltar sequer a tangibilidade. **Se notarmos as circunstâncias em que se deram as suas diversas aparições, nele reconheceremos, em tais ocasiões, todos os caracteres de um ser fluídico**. Aparece inopinadamente e do mesmo modo desaparece; uns o veem, outros não, sob aparências que não o tornam reconhecível nem sequer aos seus discípulos; mostra-se em recintos fechados, onde um corpo carnal não poderia penetrar; sua própria linguagem carece da vivacidade da de um ser corpóreo; fala em tom breve e sentencioso, peculiar aos Espíritos que se manifestam daquela maneira; **todas as suas atitudes, numa palavra, denotam alguma coisa que não é do mundo terreno**. Sua presença causa simultaneamente surpresa e medo; ao vê-lo, seus discípulos não lhe falam com a mesma liberdade de antes; sentem que já não é um homem.
>
> **Jesus, portanto, se mostrou com o seu corpo perispirítico, o que explica que só tenha sido visto pelos que ele quis que o vissem. Se estivesse com o seu corpo carnal, todos o veriam, como quando estava vivo**. Ignorando a causa originária do fenômeno das aparições, seus discípulos não se apercebiam dessas particularidades, a que, provavelmente, não davam atenção. Desde que viam o Senhor e o tocavam, haviam de achar que aquele era o seu corpo ressuscitado. (Cap. XIV, nos 14 e 35 a 38.) (KARDEC, 2007e, p. 398, grifo nosso).

Essas considerações confirmam o nosso pensamento de que Jesus, após sua morte, se apresentou no corpo espiritual, ou, no linguajar espírita, no corpo perispirítico.

E para que se fique evidenciado que esses questionamentos não são só nossos, trazemos o teólogo Hans Küng (1928-), ex-padre católico, consultor teológico do Papa João XXIII e no Concílio Vaticano II, teve papel fundamental na redação do Vaticano II, cuja opinião transcrevemos:

> 4. Crer no Túmulo vazio?
>
> Chegaremos rapidamente ao ponto fulcral, se levantarmos a seguinte questão: ao encontrar um túmulo vazio, quem suporia que o morto teria ressuscitado? **O fato puro e simples de um túmulo vazio não significa nada por si só. Pois, para um túmulo vazio podem existir várias explicações, tanto hoje como outrora**. São os próprios Evangelistas, defendendo-se de rumores tendenciosos judeus, que relatam tais explicações. **Senão vejamos: o túmulo estava vazio? Então, só pode tratar-se de um roubo ou de uma troca do corpo ou de uma simulação da morte por parte do supostamente falecido. Ou pior ainda, a história da**

ressurreição é apenas uma ficção fraudulenta dos discípulos. Sim, ainda hoje, há quem acredite, contra todas as declarações das fontes autênticas, na tese da simulação da morte de Jesus. Estas teses pouco sérias são divulgadas entre nós com títulos tais como: "Jesus, o primeiro homem novo". Uma ideia absurda tendo em conta os testemunhos históricos.

Ou seja, o túmulo vazio por si só não prova a verdade sobre a ressurreição de Jesus. Isto **seria uma *petitio principii* declarada** - pressupõe-se precisamente aquilo que tem que ser provado. O túmulo vazio por si só apenas nos permite tirar a seguinte conclusão: "Já não está aqui" (Mc 16,6). E acrescenta-se expressamente o que não é de todo óbvio: "Ele ressuscitou". (Mc 16,6). Esta mesma afirmação também pode ser feita sem a existência de um túmulo vazio.

Com tudo isto pretendemos dizer que o túmulo vazio por si só, segundo o Novo Testamento, não conduziu à crença no ressuscitado (no Evangelho de João a existência de um túmulo vazio não leva Pedro a crer. Apenas o discípulo predilecto é levado a crer por influência divina). Tal como em todo o Novo Testamento **ninguém afirma que presenciou ele próprio - como em Grünewald - a ressurreição ou que conhece testemunhas oculares que presenciaram o processo da ressurreição, também não existe ninguém que afirme ter sido levado a crer no ressuscitado pelo túmulo vazio**. Em passagem alguma os discípulos mencionam o facto do túmulo vazio para reforçar a fé da jovem comunidade cristã, nem para desmentir ou convencer os seus opositores. Portanto, não admira

- que o relato mais antigo do aparecimento de Jesus (1Cor 15,4) não relacione a ressurreição com o episódio do túmulo vazio;

- que também Paulo nas suas cartas não mencione o "túmulo vazio" nem testemunhas do "túmulo vazio" para corroborar a sua mensagem sobre o ressuscitado;

- e, por fim, que os textos do Novo Testamento exteriores aos Evangelhos não mencionem o túmulo vazio.

Hoje em dia, para nós isto significa que - estando o túmulo de Jesus vazio ou não do ponto de vista histórico - **a fé na nova vida do ressuscitado junto de Deus não depende do túmulo vazio**. O acontecimento da Páscoa não é condicionado pelo túmulo vazio, quando muito será ilustrado por este episódio. O "túmulo vazio" não é, portanto, um artigo de fé, isto é, razão ou objecto da fé na Páscoa. Consequentemente o "túmulo vazio" não tem que ser mencionado no Credo. Justamente aqueles que pretendem ser fiéis à Bíblia não têm que crer com base no túmulo vazio, nem têm que crer «no» túmulo vazio. A fé cristã não nos chama para o túmulo vazio, mas sim para o encontro com o Cristo vivo, conforme consta do Evangelho: "Por que procuram entre os mortos aquele que está vivo?" (Lc 24,6).

Acresce que, já no Novo Testamento, **os detalhes das histórias à volta do túmulo vazio divergem fortemente**. Senão vejamos: os guardas do túmulo, que em Grünewald caem para o chão encandeados pelo seu brilho e atordoados pelo seu poder, só encontramos em Mateus; a caminhada de Pedro para o túmulo só se encontra em Lucas e João; as mulheres só se encontram em Mateus e Maria e Madalena apenas em João. Tudo isto leva exegetas críticos da bíblia a chegarem à conclusão de que as histórias sobre o túmulo vazio não são mais do que retoques lendários da mensagem da ressurreição do mesmo tipo das histórias da Epifania do Antigo Testamento, que foram registradas por escrito muitas décadas depois da morte de Jesus.

Se observarmos com mais precisão, verificamos que no centro da história do túmulo vazio se encontra não no túmulo vazio, mas sim a seguinte **mensagem curta da fé na ressurreição** (da boca do anjo): "(...) ele ressuscitou". O mesmo se encontra. em documentos mais antigos do Novo Testamento, na primeira carta aos Tessalonicenses do ano 51/52: "(...) Jesus, a quem ele (Deus) ressuscitou da morte (...)" (1 Ts 1,10). **A história do túmulo vazio não deveria, pois, ser entendida como o reconhecimento de um facto, mas sim como uma elaboração lendária crescente da ressurreição, tal como também está presente na proclamação do (ou dos) anjo(s)**.

Faz sentido ler justamente estas histórias sobre o túmulo no domingo de Páscoa? Sim, faz todo o sentido. Aquilo que eu afirmei relativamente às histórias sobre o Natal aplica-se também a estas histórias, ou seja, uma história concreta como a dos discípulos a caminho de Emaús, um quadro preciso como o de Grünewald transmitem mais do que uma afirmação teórica, um princípio

> filosófico ou um dogma teológico. E todas estas histórias são um sinal clarificador e confirmativo de que para Jesus não terminou tudo com a morte, de que Jesus não permaneceu morto e de que o ressuscitado é nada mais nada menos do que o Nazareno executado. (KÜNG, 1997, p. 122-124, grifo nosso).

Estão, aí, portanto, as considerações judiciosas de um respeitável ex-padre católico, porque consultor de um papa.

Há, ainda, um outro ponto nessa passagem de Lucas (24,13-35), que não podemos deixar de falar. Vê-se, claramente, que, para os daquela época, Jesus é um profeta; portanto, isso é a prova categórica de que não o consideravam como um ser divino e, muito menos, como o próprio Deus.

Depois dessa digressão, voltemos ao nosso assunto em foco.

Também ao aparecer a Saulo, na estrada de Damasco (At 9,3-9), veio em sua plenitude espiritual, fato que impossibilitou, aos que presenciaram o fenômeno, de vê-lo, mas só conseguirem ouvir sua voz. Ao narrar esse acontecimento, Paulo diz (At 22,6-9): *"... aí pelo meio-dia, de repente* ***uma grande luz que vinha do céu brilhou*** *ao redor de mim",* o que confirma o que estamos dizendo sobre o perispírito refletir a evolução moral.

A matéria, igualmente, não oferece nenhuma resistência a esse corpo perispiritual; como uma prova disso vemos o fato de Jesus ter entrado em ambiente totalmente fechado: *"Oito dias depois, os discípulos se achavam de novo na casa, e Tomé com eles. Jesus* ***entrou, estando as portas fechadas****, pôs-se no meio deles e os cumprimentou: A paz esteja convosco!".* (Jo 20,26).

Podemos aceitar também que, em algumas circunstâncias, Jesus se materializou diante dos discípulos; nesse caso tornou-se tangível, o que podemos verificar quando diz: *"Olhai para minhas mãos e pés: sou eu mesmo! Apalpai-me e vede:* ***um fantasma não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho****! Dizendo isto, mostrou-lhes mãos e pés. Mas como hesitavam em acreditar, por causa da muita alegria, e continuavam espantados, Jesus lhes disse: 'Tendes aqui alguma coisa para comer?' Deram-lhe um pedaço de peixe grelhado. Ele o tomou e comeu na presença deles"*. (Lc 24,39-43). É bem provável que Jesus, ao se materializar, teve que se comportar como se fosse realmente de carne e osso, tendo em vista que nem os discípulos, nem os de sua época, tinham conhecimento dos mecanismos das manifestações espirituais para entenderem o que estava acontecendo.

Temos que convir que, em certos relatos do Evangelho, existem alguns exageros. Assim, determinados acontecimentos foram colocados buscando valorizar os fatos ou a pessoa que os produziu. Vejamos, como exemplo, o que consta em Jo 21,25: *"Há, porém, muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem escritas uma por uma,* ***creio que nem o mundo inteiro poderia conter os livros que seriam escritos****".*

Dito isso, vamos à 1ª carta de Paulo aos Coríntios, capítulo 15: *"Eu vos transmiti principalmente o que eu mesmo recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; que apareceu a Cefas, depois aos doze. Em seguida* ***apareceu, de uma só vez, a mais de quinhentos irmãos****, dos quais a maior parte vive ainda hoje, embora alguns tenham morrido"* (1Cor 15,3-6). Dos quatro evangelistas nenhum deles fala que Jesus teria aparecido a quinhentas pessoas; assim, podemos supor que isso pode ser apenas um exagero de Paulo.

É o apóstolo dos gentios quem dá uma explicação sobre qual será o tipo de corpo que ressuscitará. Vejamos, nessa mesma carta, a continuação de suas orientações aos coríntios:

> 1Cor 15,35-53: "***Mas, dirá alguém, como ressuscitam os mortos?*** *Com que corpo voltam? Insensato!* ***O que semeias não readquire vida a não ser que morra****. E o que semeias não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas um simples grão de trigo ou de qualquer outra espécie. A seguir, Deus lhe dá corpo como quer; a cada uma das sementes ele dá o corpo que lhe é próprio. Nenhuma carne é igual às outras, mas uma é a carne dos homens, outra a carne dos quadrúpedes, outra a dos pássaros, outra a dos peixes. Há corpos celestes e há corpos terrestres. São, porém, diversos o brilho dos celestes e o brilho dos terrestres. Um é o brilho do sol, outro o brilho da lua, e outro o brilho das estrelas. E até de estrela para estrela há diferença de brilho.* ***O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos; semeado corruptível, o corpo***

ressuscita incorruptível; semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual. Se há um corpo psíquico, há também um corpo espiritual*. Assim está escrito: o primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente; o último Adão tornou-se espírito que dá a vida. Primeiro foi feito não o que é espiritual, mas o que é psíquico; o que é espiritual vem depois. O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre. O segundo homem vem do céu. Qual foi o homem terrestre, tais são também os terrestres. Qual foi o homem celeste, tais serão os celestes. E, assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também traremos a imagem do homem celeste. Digo-vos, irmãos:* ***a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade****. Eis que vos dou a conhecer um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados, num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final; sim, a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que este ser mortal revista a imortalidade*".

É tão clara a explicação de Paulo que nos causa espécie ver que muitos não a entendem. Para ele há dois corpos; um o físico e outro o espiritual; e é com este último que herdaremos o Reino de Deus. A comparação que ele faz em relação ao fato de que Deus dá um corpo necessário a cada situação, leva-nos a ver que, sendo o plano espiritual (reino de Deus) uma outra dimensão, não resta dúvida que outro será o corpo para se ali vier, tal e qual têm os peixes um corpo apropriado para viverem na água e os pássaros para poderem voar.

Leiamos as colocações do estudioso Geza Vermes (1924-) sobre essa carta de Paulo:

> […] A esse respeito, a imagem de Paulo pressupõe uma sepultura (1Cor 15:4) de onde acredita-se que o Cristo morto foi ressuscitado por Deus. Ninguém sabe exatamente o que Paulo pensava que havia acontecido, mas **ele destaca que o corpo ressuscitado de Cristo (ou qualquer corpo ressuscitado) não era físico e terrestre, mas espiritual e celeste (1Cor 15:42-49)**. Não obstante, este corpo espiritual é visível, como foi visto pelos apóstolos, discípulos e finalmente pelo próprio Paulo (1Cor 15:5-8). Ele não sabe ou explica para onde foi o corpo do Cristo ressuscitado; depois de uma série de aparições nos primeiros dias, semanas ou meses após a ressurreição já não se pensava mais que estivesse na terra. Sem dúvida, pode-se deduzir dos relatos de Paulo sobre a segunda vinda que o Cristo ressuscitado ascendeu aos céus para voltar depois como "primícias" (1Cor 15:23), à frente da esplêndida procissão dos que lhe pertencem. (VERMES, 2006a, p. 110-111, grifo nosso).

Por outro lado, até mesmo a questão de Jesus ter ficado quarenta dias no meio dos discípulos, poderíamos entender de outra forma, pois o número 40 possuía, para eles, um significado importante; observe:

- O povo hebreu permaneceu 40 anos no deserto;

- No dilúvio choveu 40 dias e 40 noites;

- Jacó ao morrer ficou 40 dias embalsamado;

- Moisés ficou no Sinai 40 dias e 40 noites, quando recebeu os Dez Mandamentos;

- Deus, por castigo, entrega os israelitas aos filisteus por 40 anos (Jz 13,1);

- Em desafio um filisteu se apresenta ao exército hebreu por 40 dias (1Sm 17,16);

- Davi reinou por 40 anos (2Sm 5,4);

- O templo tinha 40 côvados.(1Rs 6,17);

- O reinado de Salomão durou 40 anos (1Rs 11,42);

- Elias, após comer o que um anjo lhe dá, caminha 40 dias e 40 noites (1Rs 19,8);

- Jesus jejuou 40 dias e 40 noites.

Carlos Torres Pastorino (1910-1980), no livro *Sabedoria do Evangelho*, quando fala sobre como devemos fazer a interpretação da Bíblia, coloca:

> Os números possuem sentido muito simbólico, assim:
>
> 10 – diversos
>
> 40 – muitos
>
> 07 – grande número
>
> 70 – todos, sempre.

Então, conclui: "não devem ser tomados à risca" (PASTORINO, 1964, p. 9).

Dessas aparições de Jesus, podemos realçar duas coisas importantes; a primeira, é que há vida após a morte, senão ninguém poderia aparecer depois de morto; a segunda, é que os mortos se comunicam com os vivos, por mais que alguns ainda venham a dizer que isso não pode ocorrer. A nós não resta dúvida alguma quanto a essa ocorrência, embora certas pessoas queiram sustentar que Jesus tenha se manifestado com o corpo físico; entretanto, isso, segundo nossa opinião, não condiz com o que podemos tirar dos acontecimentos.

Então Jesus não ressuscitou no corpo físico? Reafirmamos: Não, apesar de que isso possa lhe causar um certo choque, caro leitor; mas analisemos.

Quando se apresenta a Maria de Madalena, diz *"não me toques, porque ainda não subi para meu Pai"* (Jo 20,17); entretanto, a Tomé Ele disse: *"Põe aqui o teu dedo, vê as minhas mãos, aproxima também a tua mão, põe-na no meu lado"* (Jo 20,27), nos parecendo contraditório. Fica ainda mais difícil de compreender, quando colocam Jesus dizendo *"porque um espírito não tem carne, nem ossos, como vós vedes que eu tenho"* (Lc 24,39), e, na sequência (v.43), ele está comendo peixe com favo de mel. Tudo isso nos dá a impressão de ter sido um "ajuste" para sustentar a ideia de que a alma não sobrevive sem o corpo físico ou, quem sabe, para justificar a "ressurreição da carne", contida no credo e transformada em dogma...

No livro de Tobias, narra-se um anjo fazendo coisas comuns aos seres humanos, inclusive comendo; mas, ao final, ele declara: *"Eu sou Rafael, um dos sete anjos... Vocês pensavam que eu comia, mas era só aparência... E o anjo desapareceu..."*. (Tb 12, 15-22). No caso de Jesus não poderia ter sido uma situação semelhante ou mesmo completamente materializado, conforme já o dissemos? Esta hipótese justificaria a possibilidade de que Ele poderia ser tocado, pois estaria tangível.

Mas, considerando que, em várias oportunidades, se manifesta e ninguém o reconhece (isso somente acontecendo após algum gesto dele), esse "não reconhecimento" não ocorreria se ele tivesse mesmo ressuscitado no corpo físico. Se fosse em espírito, dada sua evolução espiritual, poderia muito bem transparecer com tanta luz que não conseguiriam, de imediato, identificá-Lo. Teria Ele, quando vivo, dito algo que viesse a negar depois de morto, já que acreditamos que o que pregou foi realmente a ressurreição do Espírito?!

Os evangelistas são unânimes em dizer que o corpo de Jesus foi colocado num túmulo novo. As narrativas de Mateus (27,59-60) e Marcos (15,46) dizem que o túmulo era de José de Arimateia; já a de Lucas (23,52) não dá a entender isso, enquanto João (19,41-42) diz apenas que o túmulo estava localizado no jardim perto do lugar onde Jesus fora crucificado e o colocaram lá apenas porque estava perto; faltam dados para concluir que seria de José de Arimateia. Prestem a atenção à narrativa, pois foi dito "colocaram" em vez de "enterraram"; com isso não estaria mesmo para ser um lugar provisório?

Sobre isso, James D. Tabor (1946-), em *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*, faz as seguintes considerações:

> **Uma sepultura temporária**
>
> Os evangelhos relatam que José de Arimateia, um rico e influente membro do Sinédrio judaico, ofereceu-se para ajudar. José dirigiu-se ao governador romano, Pôncio Pilatos, e, usando sua influência e posição como membro do Sinédrio, obteve autorização para remover o corpo de Jesus da cruz e sepultá-Lo em caráter temporário. Presumivelmente, José não tinha sido chamado, na noite anterior, para o "julgamento" convocado, às pressas, na casa de Anás e Caifás. Arimateia pertencia a uma minoria de influentes líderes judaicos que apoiava Jesus. Ele recrutara a ajuda de um homem chamado Nicodemos, também

membro do Sinédrio, que compartilhava sua simpatia pelo movimento messiânico. A questão que se punha era onde enterrar Jesus, temporariamente, em circunstâncias tão difíceis.

É crença generalizada que o túmulo em que Jesus foi posto naquele fim de tarde pertencia a José de Arimateia. Não é o caso. Esse erro se deve a uma breve glosa editorial do evangelho de Mateus, e nenhuma outra fonte que conhecemos sustenta essa teoria (Mateus 27:60).(1) Os evangelhos de Marcos e Lucas dizem apenas que "levaram o corpo e o colocaram em uma tumba talhada na rocha". O evangelho de João nos fornece um importante detalhe adicional: "No local em que Jesus fora crucificado havia um jardim, e no jardim havia uma tumba, onde ninguém ainda tinha sido sepultado" (João 19:41). **É improvável que uma tumba recém-talhada, convenientemente localizada perto do local onde Jesus tinha sido crucificado, por casualidade pertencesse a José de Arimateia.** Fato é que não temos a menor ideia de quem era o dono dessa tumba. Tinha sido recentemente talhada na rocha e ainda não fora usada, resolvendo, portanto, a situação de emergência que José e Nicodemos enfrentavam. **Podiam colocar, temporariamente, o corpo de Jesus nessa tumba, até depois da Páscoa dos hebreus e dos feriados do Sabbath, quando a família voltaria e daria a Jesus um enterro de acordo com os costumes judaicos**.

A mãe de Jesus, Maria, e sua companheira, **Maria Madalena, seguiram José e Nicodemos à tumba, fixando sua exata localização. Já não havia tempo para preparar o corpo de acordo com os costumes judaicos, que incluíam lavá-Lo e ungi-Lo, e passar vários tipos de especiarias e perfumes para controlar o cheiro da decomposição**. José e Nicodemos simplesmente enrolaram o corpo em um pano de linho, e o colocaram em uma laje de pedra, que serviria como local de descanso temporário, entre o fim da tarde de quinta-feira, a Páscoa, na sexta, e o semanal Sabbath, no sábado. Fecharam a pequena entrada do túmulo com uma pedra, cortada à medida, para afastar os animais ou os desconhecidos que pudessem passar por ali.

_____

(1) A afirmação de Mateus, de que José de Arimateia depositou Jesus em "sua tumba nova, que havia aberto em rocha"; **é um acréscimo editorial aparentemente sem qualquer base histórica**. Sabemos que a única fonte de Mateus sobre a morte e o sepultamento de Jesus foi o evangelho de Marcos. Como Marcos nada diz sobre José ser dono da tumba, e Lucas, que também usa Marcos como fonte, não possui essa alegação, **fica claro que Mateus acrescentou essa ligação, provavelmente por razões teológicas**. Décadas após a morte de Jesus, quando Mateus escreveu seu evangelho, os cristãos estavam dispostos a provar que Jesus era a figura do "servo sofredor" de Isaías 53. Uma das coisas que diz Isaías sobre essa figura é que "puseram sua sepultura com os ímpios e com o rico na sua morte" (Isaías 53:9). Aparentemente, **Mateus embarcou na ideia de um "homem rico" e queria atribuí-la a José de Arimateia, como forma de demonstrar que Jesus cumpria a profecia**. Mateus tinha como característica editar suas fontes, na tentativa de inserir cumprimentos de profecias na vida de Jesus. Ele o faz dezenas de vezes. Mateus parece estar tão sequioso para extrair essa citação de Isaías 53:9, que parece ignorar o fato de que esse texto, caso aplicado a José de Arimateia, iria caracterizá-lo não só como "rico"; como também "ímpio"

(TABOR, 2006, p. 239-240, grifo nosso).

E, um pouco mais á frente, Tabor completa:

Todos os quatro evangelhos do Novo Testamento dizem que a tumba em que **Jesus foi colocado temporariamente** foi encontrada vazia na manhã de domingo. Mas não se entenderam sobre quem teria chegado primeiro a ela e o que teria acontecido depois. O evangelho de João diz que Maria Madalena foi sozinha, sem ninguém, mesmo antes de o sol nascer, quando estava ainda escuro, encontrara removida a pedra que fechava a entrada, e o corpo ausente da laje em que fora colocado ao entardecer da quinta-feira. Ela correu de volta à cidade para procurar Simão Pedro e o "discípulo que Jesus amava", exclamando: "**O Mestre foi levado da tumba e não sabemos onde o puseram**" (João 20,2). Simão e o discípulo não nomeado correram até a tumba. Tudo o que encontraram foram os panos de linho em que Jesus tinha sido enrolado – o corpo sumira. **Ninguém aventou, então, a hipótese de que Jesus tivesse sido ressuscitado dos mortos**. A essa altura, a questão cingia-se ao desaparecimento do corpo. (TABOR, 2006, p. 244, grifo nosso).

O que mais não fizeram para adaptar as narrativas às suas crenças?... É de se ressaltar que Tabor afirma categoricamente que "ninguém aventou, então, a hipótese de que Jesus tivesse sido ressuscitado dos mortos". Logo é fácil concluirmos que foi algo que aconteceu posteriormente, que não se tem como precisar.

Em Atos (5,6.10), quando se narra a morte de Ananias, e, logo após, a de Safira, sua mulher, a expressão usada foi: "levaram para enterrar", ou seja, em definitivo. Assim, por falta de maiores comprovações, podemos inferir que o lugar onde colocaram o corpo de Jesus não era o seu túmulo definitivo, o que, provavelmente, foi providenciado depois; daí a razão do desaparecimento de seu corpo, hipótese mais provável, tomando-se como base as narrativas bíblicas.

Por outro lado, no domingo de manhã, dois dias depois da morte de Jesus, algumas mulheres compraram perfumes e foram ao sepulcro para embalsamar o corpo (Mc 16,1; Lc 24,1); isso reforça a ideia de que ele estava ali provisoriamente. João (20,1-2) relata que somente Maria Madalena foi ao sepulcro, sem dizer o motivo, e que, ao encontrá-lo vazio, diz: *"levaram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o puseram"*; ou seja, falou exatamente o que seria de se esperar para uma situação provisória, ficando a dúvida, apenas, em relação a quem teria levado o seu corpo, e para onde.

Quem vai nos tirar desse impasse? Em Atos (16,7), Paulo e Timóteo tentam entrar na Bitínia; aí diz o texto: *"mas **o Espírito de Jesus** os impediu".* Em 2Cor 3,17, Paulo afirma: *"O Senhor é Espírito".* Pedro já nos diz que Jesus: *"[...] sofreu a morte em seu corpo, mas **recebeu vida pelo Espírito**"* (1Pe 3,18) e, mais adiante, nos dá outra informação, dizendo que Jesus foi pregar o Evangelho aos mortos (1Pe 4,4-6), o que Jesus só poderia ter feito em Espírito. Assim, tudo se converge para a ideia de que Jesus, após sua morte, ressuscitou em Espírito e suas aparições ocorreram mediante o fenômeno mediúnico que hoje é conhecido com o nome de materialização.

Interessante é que, à medida em que vamos lendo algumas coisas, surge-nos a ideia de algo em que ainda não havíamos pensado. O escritor Tobias Churton (1960 -), mestre em Teologia, informa que "os gnósticos entendem a imagem das 'vestes' como o corpo, o véu do espírito" (CHURTON, 2009, p. 91), em se referindo à passagem bíblica na qual um jovem, ao fugir, para não ser preso, deixa suas vestes para trás (Mc 14,51-52). Ocorreu-nos que, na ressurreição, as vestes, panos de linho puro, que envolviam o corpo de Jesus, também foram deixadas para trás (Jo 20,5-6). Não teria aí o mesmo significado gnóstico? E, pensando bem, se Jesus tivesse mesmo ressuscitado no corpo físico não teria saído totalmente nu do túmulo? Certamente que, ressuscitado em espírito, dessas vestes não precisaria; portanto, essa é a hipótese que explicaria o fato delas terem sido encontradas no túmulo. E, também, não podemos nos esquecer que o próprio Jesus havia dito: *"... a carne para nada serve"* (Jo 6,63) e que *"quando os mortos ressuscitarem... serão como os anjos do céu"* (Mc 12,25).

Estes dois passos, em o Evangelho de João, testificam a preexistência de Jesus:

> Jo 8,56-58: "*'Abraão, o pai de vocês, alegrou-se porque viu o meu dia. Ele viu e encheu-se de alegria". Então os judeus disseram: 'Ainda não tens cinquenta anos, e viste Abraão?' Jesus respondeu: 'Eu garanto a vocês: **antes que Abraão existisse, Eu Sou***'".
>
> Jo 17,5: "*E agora, Pai, glorifica-me junto a ti, com **a glória que eu tinha junto de ti antes que o mundo existisse***".

Considerando que antes de Jesus encarnar aqui na Terra ele já vivia, obviamente, na condição de espírito e, para que fique ainda mais claro, esclarecemos que não possuía corpo físico, mas, sim, um corpo espiritual; então, a questão que colocamos é: se antes ele tinha o corpo espiritual, por que razão ao voltar para o plano espiritual, de onde veio, ele teria que levar consigo o corpo físico? Ter-se-á com sair desse dilema sem apelar para: "isso é mistério", chavão usado para tudo aquilo que não se tem reposta na teologia?

Como conclusão, portanto, fica-nos a certeza de que a ressurreição contida na Bíblia é a do Espírito e não a do corpo. E sendo a do Espírito teremos também que, forçosamente, admitir a comunicação dos espíritos dos "mortos" com os vivos, conforme o acontecido com o próprio Jesus após sua morte.

Está aí ainda evidenciada a necessidade de uma exegese mais realista dos fatos acontecidos, já que algumas versões, que os teólogos nos apresentam, muitas vezes, não condizem com a realidade.

A circuncisão entre os primeiros cristãos

Lendo um texto que chegou às nossas mãos para uma análise, encontramos a afirmativa de que Pedro, por ser um judeu convicto, exigia a circuncisão dos candidatos ao Cristianismo, ou seja, primeiramente exigia-se a conversão ao Judaísmo. Embora não tivesse nenhuma informação a respeito, algo nos dizia que isso poderia não ser bem assim.

Posteriormente em diálogo sobre essa questão com um teólogo amigo, ele também defendeu essa ideia. Por isso, fizemos uma pesquisa no Novo Testamento para inteirarmos do assunto, e assim formar uma opinião.

De início fomos alertados para ter todo o cuidado ao fazer este texto sobre esse assunto, pois no meio teológico isso era questão fechada. Que qualquer coisa em contrário àquela ideia cairia como uma bomba.

Não estamos nem um pouco preocupados com a possível repercussão que isso possa causar, se é que irá causar alguma, já que para nós a verdade é muito mais importante do que a opinião de teólogos comprometidos com um dogmatismo sectário. Exporemos nosso pensamento mesmo que isso venha a contrariar opiniões anteriores, inclusive de pessoas com maior cabedal do que nós, sobre esses assuntos teológicos.

Mas, por outro lado, se, de vez em quando, não aparecesse alguém trazendo ideias novas, ficaríamos presos aos conceitos do passado, muitas vezes equivocados ou mesmo absurdos. Veja, por exemplo, o caso de Galileu Galilei, a pretexto de toda a adversidade, veio trazer a lume sua ciência. Entretanto, como, muitas vezes, ocorre, queriam que silenciasse sobre suas ideias, chegando a ponto de quase o colocar numa fogueira. Ele é somente um exemplo, explico, pois não podemos admitir que você pense que nós estamos querendo nos igualar a ele.

Iremos colocar como essa questão era tratada antes, durante e depois do Concílio de Jerusalém, tendo como principais protagonistas Pedro, Paulo e Tiago.

Podemos encontrar o conceito de circuncisão no *Dicionário Prático* constante da *Bíblia Sagrada, Edição Barsa*: é a ablação da pele que cobre a glande do pênis. Tanto para os pagãos como para os judeus era cerimônia religiosa. Para os judeus foi estabelecida por Deus como sinal da aliança com Abraão (Gn 17,10; At 7,8). Todos os meninos judeus deviam ser circuncidados no oitavo dia após o nascimento (Lv 12,3). Sendo Jesus descendente de Abraão, submeteu-se à Lei. A mãe, o pai, ou um sacerdote podia operar este rito.

Verificaremos o que acontecia antes do Concílio de Jerusalém que resolveu a questão da circuncisão. Nossos personagens são: Pedro, Paulo e algumas pessoas não exatamente identificadas, a não ser que eram fariseus da Judeia.

a) Pedro

> At 2,38: "*Pedro lhes respondeu: 'Convertei-vos e cada um peça o batismo em nome de Jesus Cristo, para conseguir perdão dos pecados. Assim recebereis o dom do Espírito Santo'".*
>
> At 10,44-48: *"Pedro ainda falava, quando o Espírito Santo desceu sobre todos os que escutavam seu discurso. Os fiéis de origem judaica, que tinham ido de Jope a Pedro, ficaram admirados por verem que o dom do Espírito Santo tinha sido derramado também sobre os não-judeus. De fato, eles os ouviam falar em diversas línguas e glorificar a Deus. Então Pedro disse: 'Quem poderá recusar a água do batismo a esses, que receberam o Espírito Santo da mesma forma que nós?' E decidiu que fossem batizados em nome de Jesus Cristo".*
>
> At 11,1-3: "*Os apóstolos e os irmãos que viviam na Judeia souberam que também os*

não-judeus tinham recebido a palavra de Deus. Assim, quando Pedro subiu a Jerusalém, os fiéis de origem judaica o atacaram, dizendo: 'Entraste na casa de pessoas não circuncidadas e comeste à mesa com eles'".

Não encontramos, em momento algum, qualquer citação de que Pedro pregava a circuncisão. Ele, inclusive, admitiu como cristãos a família de Cornélio sem exigir a circuncisão, apenas foram batizados no Espírito Santo, que consistia na imposição das mãos, conforme podemos ver Paulo fazer (At 19,1-7), que citamos mais abaixo. Pregava o batismo. A única acusação que recebeu foi de comer com os pagãos, mas se defende: "*Vós sabeis que não é permitido aos judeus reunir-se com estrangeiros e nem sequer aproximar-se deles. Mas Deus mostrou que não devo considerar ninguém estrangeiro ou impuro*" (At 10,28).

Especificamente quanto ao batismo era o do Espírito Santo, que consistia na imposição das mãos, providência que, ao que tudo indica, abria a percepção psíquica da pessoa que mediunizada (recebia um Espírito Santo), passava a falar em línguas como podemos observar sobre esse batismo em At 10,44-48, e confirmado em At 11,15-17: "*Ora bem, apenas comecei a falar, desceu o Espírito Santo sobre eles da mesma forma que sobre nós, no princípio. Foi então que me lembrei da declaração do Senhor, quando disse: 'É verdade que* ***João batizou com água****, mas vós sereis* **batizados no Espírito Santo'***. Portanto, se Deus deu a eles o mesmo dom que a nós, por termos abraçado a fé no Senhor Jesus Cristo, quem era eu para impedir a ação de Deus?".*

Uma parte do trecho de At 10,44-48, que citamos um pouco atrás, ao que parece sofreu uma interpolação, talvez por quererem justificar o batismo com água. Vejamos, o texto em análise: Então Pedro disse: "'*Quem poderá recusar a água do batismo a esses, que receberam o Espírito Santo da mesma forma que nós?' E decidiu que fossem batizados em nome de Jesus Cristo"*. Se dele retirarmos a expressão "a água do batismo" o texto estaria mais coerente em sua estrutura e significado, senão vejamos: "Quem poderá recusar a esses, que receberam o Espírito Santo da mesma forma que nós?" Assim, percebemos que "a água do batismo" não tem nada a ver com a questão colocada por Pedro que questionava da possibilidade dessas pessoas serem recusadas mesmo depois de terem recebido o "dom do Espírito Santo".

Para a confirmação do batismo no Espírito Santo, podemos acrescentar, ainda, as duas passagens abaixo para ficar bem evidenciado qual o batismo que praticavam:

At 1,5: "*Porque João batizava com água; vós, porém,* ***sereis batizados no Espírito Santo****, dentro em poucos dias".*

At 19,1-7: "*Enquanto Apolo se achava em Corinto, Paulo, depois de percorrer as regiões montanhosas, chegou a Éfeso e lá encontrou alguns discípulos. E perguntou-lhes: 'Recebeste o Espírito Santo quando abraçastes a fé?' Eles responderam: 'Mas nem sequer ouvimos dizer que existe um Espírito Santo'. Ele continuou: 'Então, que batismo recebestes?' Eles replicaram: 'O batismo de João'. Paulo explicou: '****João dava um batismo de conversão****, dizendo ao povo que devia crer naquele que viria depois dele, isto é, em Jesus'. Ouvindo isto,* ***foram batizados no nome do Senhor Jesus****. E quando Paulo lhes impôs as mãos, o* ***Espírito Santo desceu sobre eles e começaram a falar em diversas línguas e a profetizar****. Eram ao todo cerca de doze pessoas"*.

b) Alguns Convertidos

At 15,1*: "Alguns indivíduos que tinham chegado a Judeia começaram a ensinar aos irmãos o seguinte: 'Se vós não receberdes a circuncisão, conforme a lei de Moisés, não podereis ser salvos'".*

At 15,5: "*Contudo, algumas pessoas do grupo dos fariseus, que tinham abraçado a fé, intervieram para sustentar que era preciso circuncidar os pagãos e mandar que seguissem a lei de Moisés".*

Essas passagens são as que provam que alguns indivíduos do grupo dos fariseus (as pessoas citadas acima são as mesmas) queriam impor a circuncisão àqueles que se convertiam ao cristianismo. Entretanto, não existe identificação de quem eles eram, portanto, não podemos supor que entre eles estava Pedro. Ou que Pedro os tenha instruído sobre isso, pois

viria contrariar o que já colocamos a respeito da maneira que ele agia. Não vemos nenhuma coerência nisso, pois como um discípulo direto de Jesus iria propor a circuncisão, já que não recebeu este ensinamento do Mestre? O mais lógico seria Paulo, judeu por nascimento, anteriormente fiel cumpridor dos preceitos de Moisés, que, inclusive, perseguia os cristãos, exatamente por ter esta convicção, uma vez que não foi discípulo de Cristo, mas apóstolo. Apesar disso contrariando essa lógica, era quem mais defendia que não havia necessidade da circuncisão.

Vejamos o que consta em nota de rodapé na *Bíblia Sagrada, Edição Pastoral*, que vem a confirmar o que estamos dizendo:

> Enraizada no ambiente judaico e pagão, a Igreja enfrenta o primeiro grande conflito. Os cristãos provenientes do judaísmo continuavam praticando a circuncisão e observando as prescrições da Lei. A evangelização não obrigava os pagãos convertidos a esses costumes judaicos. Contudo, alguns de Jerusalém (fariseus convertidos – cf. v. 5) começaram a ensinar que também os pagãos, para se salvarem, deviam observar as mesmas coisas que os judeus convertidos. Em outras palavras, primeiro deviam ser "judaizados" e depois cristianizados. A questão era muito séria; os costumes judaicos pertencem à essência da mensagem cristã? Até que ponto a ação missionária da Igreja transmite o Evangelho, ou confunde o Evangelho com determinado contexto sociocultural, impondo a um povo a cosmovisão de outro: O Evangelho é fermento libertador, e não superestrutura que aprisiona e perverte a alma de um povo. (p. 1413).

E, como consequência desta divergência, é "convocado" o Concílio de Jerusalém.

c) Paulo

> At 15,1-2: "*Alguns indivíduos que tinham chegado a Judeia começaram a ensinar aos irmãos o seguinte: 'Se vós não receberdes a circuncisão, conforme a lei de Moisés, não podereis ser salvos'. Paulo e Barnabé protestaram, travando uma discussão muito forte com eles. Por isso ficou resolvido que Paulo e Barnabé, acompanhados de alguns deles, iriam a Jerusalém para tratar a questão com os apóstolos e os presbíteros"*.

Tendo chegado a Antioquia, estes fariseus exigiam a circuncisão, entretanto a posição de Paulo (e Barnabé) quanto a isso fica muito clara nessa passagem. Protestaram contra os que queriam exigir a circuncisão, daí é que surge o Concílio de Jerusalém.

Esse acontecimento se deu no ano de 49 d.C., para resolver, de uma vez por todas, a questão da circuncisão dos pagãos convertidos ao cristianismo. As figuras principais deste Concílio foram Pedro, Paulo e Tiago, que tiveram oportunidade de expor suas ideias perante o Concílio, vejamos:

a) Pedro

> At 15,7-11: "*Depois de uma longa discussão, Pedro se levantou e lhes disse: 'Irmãos! Sabeis que desde muito tempo Deus fez uma escolha entre vós: que os pagãos ouvissem de minha boca o Evangelho e abraçassem a fé. E Deus, que conhece os corações, manifestou-se em favor deles, dando-lhes o Espírito Santo do mesmo modo que a nós, sem fazer nenhuma distinção entre nós e eles, depois de purificar seus corações pela fé. Por que agora tentais a Deus, impondo aos discípulos um peso que nem nossos pais nem nós mesmos pudemos suportar? Mais uma vez: pela graça do Senhor Jesus é que nós cremos ter alcançado a salvação, exatamente como eles'".*

Ao questionar sobre os que queriam impor aos outros os preceitos da Lei Mosaica, diz que "quem agia desta maneira estava tentando a Deus". E, para ser coerente com o que já vinha fazendo na prática, não poderia agir de outro modo.

Na verdade Pedro também não concordava com a imposição de se fazer a circuncisão aos convertidos, isso fica mais claro, quando recorremos à Bíblia Sagrada, Edição Pastoral, numa de suas notas explicativas, no rodapé da página:

> O discurso de Pedro é fundamental e contém a orientação conciliar. Pedro parte de fatos concretos: ele foi o primeiro evangelizador dos pagãos e compreendeu que Deus não faz distinção entre pagão e judeu (cf. At. 10, 34, 44-47), mas concede a ambos o mesmo Espírito Santo que leva o homem a seguir Jesus. Depois, Pedro salienta que os costumes judaicos são um jugo, isto é, um elemento cultural que não deve ser imposto aos pagãos, pois o que salva a todos é a graça que leva à fé em Jesus Cristo. Barnabé e Paulo reforçam o testemunho de Pedro. (p. 1413-1414).

Aqui fica mais evidente ainda que Pedro e Paulo não eram divergentes quanto à essa questão. E, que, no princípio, Pedro pregou também aos pagãos.

b) Paulo

> At 15,12: "*Toda a assembleia ficou em silêncio e escutou a Barnabé e Paulo relatarem todos os sinais e prodígios que Deus tinha feito entre os pagãos por meio deles".*

Paulo, nesse momento, relata tudo o que aconteceu a ele e Barnabé quando estavam a divulgar o Evangelho do Cristo. Aí coloca, com certeza, o que faziam sobre o assunto do concílio, explicando que eram totalmente contra essa prática.

c) Tiago

> At 15,13-20: "*Quando acabaram de falar, Tiago tomou a palavra e disse: 'Irmãos, escutai-me! Simão acabou de explicar como Deus, logo de início, se dignou separar dentre os pagãos um povo consagrado a Ele. Isto concorda com a palavra dos profetas, porque está escrito: Depois disso, voltarei e reconstruirei a tenda arruinada de Davi. Reedificarei as suas ruínas e as reerguerei. Os outros homens irão procurar o Senhor, como também as nações que foram consagradas pela invocação de meu Nome. Assim fala o Senhor, que faz essas coisas conhecidas desde os tempos mais antigos. Julgo, por isso, que deixeis de molestar os que se convertem do paganismo para Deus. Basta lhes escrever que não se contaminem com a idolatria ou uniões ilegais, nem tampouco comendo sangue ou carne de animais estrangulados. Porque desde muito tempo a Lei de Moisés está sendo lida e proclamada todos os sábados nas sinagogas de cada cidade'".*

Tiago, depois de ouvir Pedro e também a Paulo, toma posição favorável a não haver necessidade de circuncidar os convertidos. Mas, algumas exigências da Lei Mosaica ficaram ainda em vigor, entretanto não estavam relacionadas ao problema da circuncisão. Foram elas: abster-se da carne imolada dos ídolos, do uso do sangue e da carne de animais estrangulados e das uniões ilegais.

d) Decisão do Concílio

> At 15,22-29: "*Os apóstolos, presbíteros e toda a assembleia resolveram então escolher entre eles alguns homens e enviá-los a Antioquia junto com Paulo e Barnabé. Eram eles: Judas, Barsabás e Silas, homens de muito prestígio entre os irmãos. Por seu intermédio lhes foi enviada a seguinte carta: 'Os apóstolos e presbíteros, vossos irmãos, aos irmãos que moram em Antioquia, na Síria e na Cilícia, provenientes do paganismo. Saudações. Fomos informados de que alguns dos nossos, sem nossa autorização, vos foram inquietar com certas afirmações, criando confusão em vossas mentes. Resolvemos por unanimidade escolher alguns representantes e enviá-los a vós, junto com nossos queridos irmãos Barnabé e Paulo. Estes dois têm dedicado suas vidas à causa de Nosso Senhor Jesus Cristo. Enviamos, pois, Judas e Silas, para vos transmitir de viva voz as mesmas diretivas. Porque o Espírito Santo e nós mesmos decidimos não vos impor nenhum outro peso além do indispensável: abster-vos da carne imolada dos ídolos, do uso do sangue e da carne de animais estrangulados e das uniões ilegais. Fareis bem evitando isto tudo. Passai bem!'".*

A opinião de Tiago acaba por ser a decisão final do Concílio, que para ficar bem registrada e para que todos pudessem cumprir a decisão tomada deu origem a uma carta que

foi enviada aos convertidos do paganismo que moravam em Antioquia, na Síria e na Cilícia.

Vejamos os acontecimentos após o Concílio de Jerusalém:

a) Paulo em Listra

At 16,1-3: *"Paulo chegou a Derbe, depois a Listra. Encontrava-se ali um discípulo chamado Timóteo, filho de mulher judia mas cristã, e de pai grego. Os irmãos de Listra e Icônio falavam bem dele. Paulo resolveu que ele o acompanhasse. Mas antes o circuncidou, por consideração aos judeus daquelas regiões: pois todos sabiam que seu pai era grego".*

Aqui não dá para entender a atitude de Paulo, vejam bem: além de ser declaradamente contra a circuncisão, estava, naquele momento, de posse da Carta com a decisão do Concílio de Jerusalém e, mesmo assim, faz a circuncisão de Timóteo, que tinha mãe judia, mas cristã e apenas o pai era grego.

b) Paulo em outras localidades

At 19,1-7: "Enquanto Apolo se achava em Corinto, Paulo, depois de percorrer as regiões montanhosas, chegou a Éfeso e lá encontrou alguns discípulos. E perguntou-lhes: 'Recebeste o Espírito Santo quando abraçastes a fé?" Eles responderam: "Mas nem sequer ouvimos dizer que existe um Espírito Santo'. Ele continuou: 'Então, que batismo recebestes?' Eles replicaram: 'O batismo de João'. Paulo explicou: 'João dava um batismo de conversão, dizendo ao povo que devia crer naquele que viria depois dele, isto é, em Jesus'. Ouvindo isto, foram batizados no nome do Senhor Jesus. E quando Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo desceu sobre eles e começaram a falar em diversas línguas e a profetizar. Eram ao todo cerca de doze pessoas".

At 21,19-21: *"Depois de saudar a todos, Paulo contou minuciosamente tudo quanto Deus tinha feito entre os pagãos através de seu serviço. Ouvindo isso, glorificaram a Deus e lhe disseram: 'Vês, irmão, quantos milhares de judeus abraçaram a fé e, no entanto, são todos cuidadosos observadores da Lei. Mas eles ouviram dizer a teu respeito que ensinas todos os judeus dispersos entre os pagãos a romperem com Moisés, dizendo-lhes que não devem circuncidar seus filhos nem observar as tradições. Que vamos fazer? Sem dúvida, virão a saber de tua chegada. Faze o que te vamos sugerir: há entre nós quatro homens com um voto a cumprir. Leva-os contigo, cumpre com eles o rito da purificação e paga por eles as despesas para raparem a cabeça. Assim, todos saberão que não há nenhum fundamento no que ouviram dizer a teu respeito e que, pelo contrário, vives corretamente observando a Lei. Quanto aos pagãos que abraçaram a fé, comunicamos por escrito o que tínhamos decidido, que se abstenham de carne sacrificada aos ídolos, de carne de animais sufocados, de sangue e de uniões ilegais'. Paulo, então, levou consigo aqueles homens e, no dia seguinte, depois de purificar-se com eles, entrou no Templo para comunicar o término dos dias da purificação, quando seria apresentada a oferta em nome de cada um deles".*

Após o vacilo inicial com a circuncisão de Timóteo, Paulo pregava o batismo do Espírito Santo, e coerente continuou defendendo a questão da não circuncisão, como fica demonstrado nessas passagens e nas que se seguem.

c) As recomendações de Paulo por Cartas

Rm 2,25-29: *"A circuncisão é de fato útil, se cumpres a Lei. Mas, se lhe desobedeces, a tua circuncisão se transforma em incircuncisão! Se o que não foi circuncidado observa os mandamentos da Lei, porventura ele não será contado como um dos circuncisos? De fato, quem não é circuncidado fisicamente, mas cumpre a Lei, estará te condenando a ti, que possuis a letra da Lei e a circuncisão e não obstante transgrides a Lei. O verdadeiro judeu não se nota só pelo exterior, assim como a verdadeira circuncisão não está só na marca visível da carne. O verdadeiro judeu é quem o é no seu interior, assim como a verdadeira circuncisão é a do coração, vivida segundo o espírito e não segundo a letra da Lei. Embora ele não seja elogiado pelos homens, é elogiado por Deus".*

Rm 3,1-2: "*Portanto, que vantagem tem o judeu, ou que proveito traz a circuncisão? Traz grande proveito, sob todos os aspectos. Em primeiro lugar, porque as palavras divinas lhe foram confiadas".*

Rm 3,30: "*Realmente existe um só Deus que justificará, pela fé, os circuncidados e pela mesma fé os que não estão circuncidados".*

Rm 4,9-12: "*Esta felicidade valerá só para os circuncidados, ou também para os não circuncidados? De fato, nós afirmamos que a fé de Abraão lhe foi creditada para justificação. Mas como é que ela foi creditada em seu favor? Depois de circuncidado ou antes de circuncidado? Não foi depois da circuncisão, mas antes! De modo que ele recebeu o sinal da circuncisão como selo da justificação, conseguida já antes de circuncidado, por força da fé. Assim é que se tornou o pai de todos os crentes não circuncidados, para que também a eles fosse creditada a justificação. Pai também dos circuncidados: não só dos que pertencem ao povo dos circuncidados, mas também dos que seguem as pegadas da fé que nosso pai, Abraão, tinha antes de ser circuncidado".*

Rm 15,8-9*: "Eu vos afirmo, pois, que Cristo se fez servo dos circuncidados como prova de que Deus é fiel em cumprir as promessas feitas aos antepassados. E as nações pagãs glorificam a Deus por sua misericórdia como está escrito: Por isso te glorificarei entre as nações pagãs e cantarei louvores ao teu Nome".*

1Cor 7,17-20: "*No mais, que cada um continue a viver como Deus lhe deu ou como Deus o chamou. É isto o que ensino em todas as Igrejas. Alguém era circunciso quando foi chamado? Não disfarce a marca da circuncisão. E alguém era incircunciso quando foi chamado? Não se faça circuncidar. A circuncisão é nada, e o prepúcio também; mas o que vale é a observância dos mandamentos de Deus. Que cada um fique na condição em que foi chamado".*

Gl 2,3: "*Ora, nem mesmo Tito, meu companheiro, que é grego foi obrigado a se circuncidar. Ele o seria por causa dos falsos irmãos, intrusos que se tinham infiltrado para espionar a liberdade que possuímos em Cristo Jesus, com a intenção de reduzir-nos à escravidão...".*

Gl 2,14-16: "*Então, ao ver que não procedia direito, de acordo com a verdade do Evangelho, eu disse a Cefas na presença de todos: 'Se você, que é judeu, segue os costumes pagãos e não os judaicos, como pode obrigar os pagãos a seguir costumes judeus?' Nós, de nascimento, somos judeus e não pecadores do paganismo. No entanto, por sabermos que ninguém é justificado pela prática da Lei, mas somente pela fé em Jesus Cristo, nós abraçamos a fé em Cristo Jesus para sermos justificados em virtude da fé em Cristo e não em virtude da prática da Lei. É que ninguém se tornará justo pela prática da Lei".*

Gl 5,2-6: "*Sim, eu, Paulo, vos digo: Se vos fizerdes circuncidar, Cristo de nada vos servirá. Atesto de novo a todo aquele que se deixa circuncidar que ele está obrigado a observar toda a Lei. Rompestes com Cristo, vós todos que procurais a justiça na Lei; fostes degradados da graça. Quanto a nós é do Espírito e pela fé que aguardamos a justiça esperada, pois em Cristo nem a circuncisão vale coisa alguma, nem a incircuncisão, mas a fé animada pela caridade".*

Gl 6,15*: "Pois ser circuncidado ou não ser, nada importa; o que importa é ser uma nova criatura".*

Fl 3,2-3*: "Cuidado com os cães! Cuidado com os maus operários! Cuidado com os fanáticos da circuncisão! Os circuncisos, somos nós, que em espírito prestamos culto a Deus, que colocamos nossa glória em Cristo Jesus e não depositamos a confiança meramente legal!"*

Cl 2,8-11: "*Ficai atentos, para que ninguém vos arme uma cilada com a filosofia, esse erro vazio que segue a tradição dos homens e os elementos do mundo e não segue a Cristo. De fato, é nele que toma corpo toda a plenitude da divindade, e nele participais, repletos de plenitude dele que é a cabeça de toda Autoridade e de todo Poder. Vós fostes também circuncidados nele, com uma circuncisão que não foi efetuada por mãos*

humanas, mas coma a circuncisão de Cristo, pelo despojamento do corpo carnal".

Em todas as cartas a recomendação básica aos destinatários era a mesma: não havia necessidade de se fazer a circuncisão.

Isolamos, propositalmente, uma passagem bíblica sobre a circuncisão, pois nesta será necessário colocarmos como a encontramos em diversas Bíblias, já que isso é de fundamental importância para o nosso assunto em análise.

A passagem é de Gl 2,7-10, retiradas das Bíblias especificadas a seguir:

Edição Barsa, 1ª forma: *"Antes, pelo contrário, tendo visto que me havia sido encomendado o* ***Evangelho da incircuncisão****, como também a* ***Pedro o da circuncisão****: (porque o que obrou em Pedro para o apostolado da circuncisão, também obrou em mim para com as gentes) E como Tiago, e Cefas, e João, que pareciam ser as colunas, conheceram a graça que me havia dado, deram as destras a mim, e a Barnabé, em sinal de companhia: para que nós fôssemos aos gentios, e eles à circuncisão: recomendando somente que nos lembrássemos dos pobres, isto mesmo é o que eu também procurei executar com cuidado".*

Editora Ave Maria, 2ª forma: *"Ao contrário, viram que a* ***evangelização dos incircuncisos me era confiada****, como* ***a dos circuncisos a Pedro*** *(porque aquele cuja ação fez de Pedro o Apóstolo dos circuncisos, fez também de mim o dos pagãos). Tiago, Cefas e João, que são considerados as colunas, reconhecendo a graça que me foi dada, deram as mãos a mim e a Barnabé em sinal de pleno acordo: iríamos aos pagãos, e eles aos circuncidados. Recomendando-nos apenas que nos lembrássemos dos pobres, o que era precisamente a minha intenção".*

Editora Vozes, 3ª forma: *"Pelo contrário, viram que a* ***mim fora confiada a evangelização dos pagãos****, como* ***a Pedro tinha sido confiada a evangelização dos judeus****. Pois aquele que incentivou Pedro ao apostolado entre os judeus, incentivou também a mim para o dos pagãos. Tiago, Cefas e João, que são considerados as colunas, reconhecendo a graça que me foi dada, deram as mãos a mim e a Barnabé em sinal de pleno acordo: nós iríamos aos pagãos e eles aos judeus. Recomendaram-nos apenas que nos lembrássemos dos pobres, coisa que procurei fazer com muita solicitude".*

Essas são as três formas como a encontramos narradas entre as seis Bíblias por nós pesquisadas. E para que vejam que o nosso entendimento não é isolado, colocaremos algumas notas de rodapé, relacionadas a esta passagem, constantes das seguintes Bíblias:

> **Edição Pastoral**: Na segunda vez que vai a Jerusalém (cfe AT 15), Paulo tem duas preocupações: fazer um acordo com Pedro, Tiago e João, para manter a unidade das Igrejas; e ao mesmo tempo, assegurar que os pagãos convertidos não precisem observar a religião judaica. A viagem tem dois resultados importantes: as autoridades da igreja de Jerusalém reconhecem o Evangelho, tal como Paulo e Barnabé o pregam aos pagãos; é feito um acordo prático, delimitando os campos de apostolado de Pedro e de Paulo. O sinal visível desse acordo é a preocupação e o auxílio aos pobres (cf. 2Cor 8-9). (p. 1495).
>
> **Editora Mundo Cristão**: *o evangelho da incircuncisão*. I.e., o evangelho para os gentios. Paulo era especialmente responsável por espalhar o evangelho entre os gentios (Rm 1;5), e Pedro entre a circuncisão (os judeus). (p. 1474).

Quem estiver de posse de uma Bíblia que contém a 1ª forma, pode ser levado a entender que Pedro pregava a circuncisão. Entretanto, pregar aos circuncidados não significa necessariamente advogar a circuncisão. Jesus era judeu e pregava a judeus, entretanto não o vemos citar a necessidade da circuncisão. Na 3ª forma, qualquer dúvida fica dissipada, pois o que as duas anteriores querem significar é exatamente o que consta dela. Assim, não há dúvida alguma que Paulo cuidava de pregar o Evangelho aos gentios (também chamados de incircuncisos) e Pedro ficou com a missão de levá-lo aos judeus (normalmente chamados de circuncisos), apenas isso. Não como querem interpretar alguns que nessa passagem Paulo esteja defendendo a não circuncisão, embora saibamos que ele era contra ela, e Pedro o contrário. Dizem inclusive que havia discórdia entre os dois; mas não é verdade, como iremos

ver no incidente de Antioquia.

Esse pequeno incidente, que ocorreu entre Pedro e Paulo, está narrado em Gl 2,11-16:

> *"No entanto, quando Cefas foi a Antioquia, opus-me a ele abertamente, pois merecia repreensão. Realmente antes que chegassem certas pessoas do partido de Tiago, ele tomava suas refeições com os pagãos. Mas, quando elas chegaram, tirou o corpo e manteve-se afastado por receio dos circuncidados. Os outros judeus também fizeram a mesma simulação; até o próprio Barnabé deixou-se envolver por esta duplicidade. Então, ao ver que não procedia direito, de acordo com a verdade do Evangelho, eu disse a Cefas na presença de todos: 'Se você, que é judeu, segue os costumes pagãos e não os judaicos, como pode obrigar os pagãos a seguir costumes judeus?' Nós, de nascimento, somos judeus e não pecadores do paganismo. No entanto, por sabermos que ninguém é justificado pela prática da Lei, mas somente pela fé em Jesus Cristo, nós abraçamos a fé em Cristo Jesus para sermos justificados em virtude da fé em Cristo e não em virtude da prática da Lei".*

Para entender o ocorrido entre os dois vamos recorrer às notas de rodapé, constantes das Bíblias:

> **Edição Pastoral:** Um judeu não podia comer ao lado de um pagão, pois ficaria impuro, violando a Lei. Contudo, no encontro de Jerusalém, fica resolvido que os pagãos convertidos ao cristianismo não precisavam observar a Lei judaica. A atitude de Pedro é hipócrita: por medo de ser criticado pelos judeu-cristãos, ele evita comer com os pagãos convertidos. O fato é grave, pois o comportamento hipócrita de um chefe da Igreja causa divisões, esvazia o trabalho da evangelização, chegando até mesmo a desviar a comunidade do verdadeiro Evangelho. (p. 1495).
>
> **Editora Ave Maria:** Alguns judeus cristãos pensavam que os demais povos ou gentios convertidos deveriam seguir os costumes ou modos de viver dos judeus. S. Pedro e os apóstolos, no entanto, no Concílio de Jerusalém haviam dado aos gentios convertidos a liberdade de seguir os costumes próprios (ver Atos 15, 1-28). S. Pedro seguia esta decisão, considerando os não-judeus convertidos iguais aos demais cristãos. Mas devido a muitas críticas ou pressão de judeus fanáticos, achou prudente não comer mais com os gentios ou pagãos convertidos, para não suscitar críticas ou zangas prejudiciais. São Paulo, no entanto, achou que S. Pedro devia manter-se firme no costume adotado, para que todos vissem que os não-judeus convertidos e os judeus cristãos eram iguais perante o Evangelho. Trata-se, portanto, de um modo externo de agir de S. Pedro, uma questão de prudência ou de energia, por conseguinte de assunto externo, acidental, secundário, e não essencial, doutrinário ou dogmático. S. Pedro aceitou e seguiu a advertência amiga de S. Paulo, comprovando assim que ambos estavam de pleno acordo a este respeito. Aliás nunca houve desacordo doutrinário entre eles. Por este fato acima relatado, S. Paulo até reconhece que a autoridade de S. Pedro era grandemente acatada e de influência entre os cristãos, como chefe da Igreja Universal que era. (N. do Tr.) (p. 1493).

Assim, a única divergência ocorrida entre os dois foi a que acabamos de relatar. Não estava ela relacionada com a questão da circuncisão, conforme podemos verificar pelo texto e nas notas citadas.

E, para concluirmos, embora já falamos anteriormente, mas para reforçar a conclusão a que chegamos, acrescentamos que em Atos (10,9-34) é relatada uma visão de Pedro, que após pensar muito sobre ela, chega à seguinte conclusão*: De fato agora compreendo que Deus não faz distinção de pessoas; mas todos os que o adoram e praticam o bem são aceitos por ele, seja qual for a sua nação* (At 10,34-35). Ora, esta revelação lhe é dada no início de sua missão apostólica, assim não há como sustentar que ele, depois desta compreensão, venha a querer separar as pessoas entre circuncisos e incircuncisos, como era costume entre os judeus radicais, para exigir que os últimos fossem também circuncidados. O que podemos confirmar pela pesquisa que fizemos no Dicionário Prático constante da Bíblia Sagrada Editora Barsa: Após a visão que recebeu do céu, acolheu o gentio Cornélio dentro da Igreja e decretou que os ritos da Antiga Lei não mais deveriam onerar as consciências dos homens (At 10,1-48; 11,5-17).

Uma outra coisa que devemos levar em conta, e isso normalmente não é percebido pela grande maioria dos teólogos, é que houve uma divisão entre Pedro e Paulo quanto aos que cada um iria Evangelizar, o primeiro aos judeus e o segundo aos gentios, daí o nome de Apóstolo dos Gentios dado a Paulo. Com o mesmo pensamento, poderíamos dizer que Pedro era o Apóstolo dos Judeus, em Gl 2,7-10, diz exatamente isso. Ora, se Pedro passou a pregar o Evangelho junto aos judeus e esses são os que seguiam a Lei Mosaica, e nela havia a determinação de que toda criança do sexo masculino deveria ser circuncidada no oitavo dia (Lv 12,3), como explicar que Pedro estaria exigindo a circuncisão, já que aos que se dirigia certamente já eram circuncidados, a não ser que ele estivesse pregando a crianças com menos de oito dias?

L. Palhano Jr. (1946-2000), o autor de *Teologia Espírita* em seu outro livro *Aos Gálatas – A Carta da Redenção*, nos diz que: "Pedro não vivia segundo os preceitos judeus, ele mesmo era livre em Cristo, como pois apoiava os judaizantes? Não consta que Pedro exigisse a circuncisão, mas tudo indica que ele não via outra saída que não fosse o apoio que poderia ter dos judeus-cristãos" (PALHANO, 1999, p. 74-75).

Tudo o que levantamos demonstra de forma categórica que Pedro nunca pregou a circuncisão. O que ficou a seu encargo fazer era evangelizar (pregar) aos judeus, leia-se circuncidados, entretanto, isso está bem longe de se afirmar que ele estava circuncidando os recém-convertidos ao cristianismo.

Que os teólogos que não pensam assim nos desculpem, pois nosso objetivo não é levantar polêmica alguma, mas buscar a verdade onde quer que ela possa se encontrar.

A comunicação entre os dois planos

Temos recebido de várias pessoas, seguidoras de outras correntes religiosas, e-mails com textos ou mensagens, que apesar de alguns dos autores não admitirem, querem "abrir os nossos olhos" para a verdade, deles é claro. Alguns buscam realçar a questão dos "milagres" como base para sustentar que Deus escolheu a religião deles para os produzir. Isso não seria um privilégio?

Primeiro queremos dizer que não serão os "milagres" que irão nos convencer, já que não acreditamos neles. Acreditamos sim, que eles são na verdade fatos naturais cujas leis ainda desconhecemos, que acontecem desde os tempos primitivos, em todos os lugares a qualquer um. Não existe nenhum privilégio para quem quer que seja, já que *"Deus não faz acepção de pessoas"*, e principalmente, porque, como está livro Sabedoria (11, 24): *"Tu amas tudo o que existe, e não desprezas nada do que criastes. Se odiasse alguma coisa, não a terias criado"*.

Mas queremos realçar um dos pontos fundamentais da Doutrina Espírita, inclusive por ter sido por ele que ela se formou, que é sobre a comunicação com os mortos e que eles possam interferir no mundo dos chamados "vivos".

O caso que iremos contar agora, não está devidamente relatado como acontecido, pois infelizmente a memória nos trai não retendo tudo aquilo que queremos, mas é um fato real e relatado em reportagens televisivas, há pouco tempo atrás.

Um casal comemorando as bodas de ouro (ou seria de prata?), junto com familiares e amigos estavam numa Igreja participando de uma missa realizada em agradecimento a Deus pelo convívio mútuo dos cônjuges até aquela data, e nos dias de hoje, diga-se de passagem, isso se torna cada vez menos frequente, já que a separação se tornou uma rotina para muitos casais. Para guardar aquele acontecimento, a belíssima cerimônia foi filmada já que no futuro a lembrança do que ocorreu naquele dia poderia se perder completamente.

Nos dias que se sucederam, todos os familiares se juntaram para assistir o que foi gravado em videocassete, mas ninguém tinha atentando para um pequeno detalhe. Até que, num determinado dia, um dos que assistiam chamou a atenção de todos para duas pessoas, que bem ao fundo da Igreja, estavam indo de um lado para outro. Conseguiram identificar uma delas. A surpresa foi geral, pois era a imagem de um parente que havia morrido, ou seja, voltou para o mundo espiritual de onde veio, assumindo a sua verdadeira condição de ser espiritual.

Reboliço muito grande, na época. Apareceram em vários canais de TV exibindo a fita, da qual o casal afirmava categoricamente reconhecer, entre aqueles dois que atravessavam de um lado para outro na Igreja, um de seus parentes desencarnado. Num determinado canal de TV, chamaram "especialistas" para opinar sobre o ocorrido, e entre eles estava um padre católico. Esse padre, que se diz especialista em parapsicologia, na verdade um reconhecido antiespírita, disse que tudo se tratava de fruto da imaginação. Que teria sido o inconsciente das pessoas que teriam produzido tal coisa. Desculpe-nos, mas foi bom ver, o casal partindo para cima deste dito padre, que se não fosse contido, talvez o esganasse ali diante de milhões de telespectadores.

Só que este padre, travestido de cientista, não explicou como o inconsciente consegue produzir a imagem de uma pessoa, que ninguém poderia estar pensando naquele momento, e o contrário não se pode provar, passou a ter vida própria, para caminhar de um lado a outro na Igreja. Entretanto, este mesmo padre, aceita sem contestar que aqueles aos quais os católicos chamam de santos, aparecem. Citam a aparição de vários deles e em muitas ocasiões, fato, inclusive, que recorre aos anais da Igreja para comprovar. Aí perguntamos: somente os espíritos de santos católicos podem se manifestar?

Já que falamos em santos, podemos acrescentar: se não há nenhum tipo de

comunicação com os mortos, qual o sentido de os católicos fazerem preces e pedido a eles? E mais, como esses santos atendem aos pedidos sem que haja uma via de comunicação entre o mundo espiritual e o material? Veja bem, podemos encontrar a maior prova de que os mortos se comunicam exatamente naquilo em que acreditam.

Mas não queremos ficar só nessa prova, vamos agora recorrer à Bíblia, Livro Sagrado, que segundo aceitam é a palavra de Deus, e tudo que nela contém não há erro.

Analisemos as seguintes passagens:

> 1Sm 10,6: *E o espírito do Senhor tomará conta de ti, de modo que entrarás em transe com eles, sendo transformado num outro homem*.

Aqui percebemos claramente a ocorrência de uma pessoa em transe (mediúnico) recebendo a influência de um espírito. Ora, você irá dizer que se trata de "o" espírito e não "um" espírito? Segundo afirmam vários estudiosos da Bíblia quando em grego não aparece o artigo definido é porque a tradução correta deverá ser de "um" e não "o" como se costuma colocar em algumas traduções bíblicas. Ademais, perguntamos: se fosse realmente o espírito de Deus, ele iria "baixar" em alguém? Mais à frente você entenderá porque colocamos "baixar". Será que existe um ser humano com tamanha elevação para poder receber no seu corpo a influência direta do Criador? Pode ser que alguém acredite nisso, mas nós não, já que não conseguimos enxergar Deus como o simples Criador da Terra, mas o Criador do Universo infinito, do qual não temos ainda capacidade de compreender a magnitude.

> 1Sm 11,6*: Quando Saul ouviu estas palavras, o espírito de Deus tomou conta dele, e foi possuído de violenta cólera*.

Essa passagem é para comprovar que Deus não influência as pessoas, da forma que os espíritos fazem. Os que aceitam isso deverão admitir também que Deus ao influenciar alguém possa fazer com que a pessoa se tome de "violenta cólera", conforme narrado nesta passagem. Somente fanático poderá aceitar um absurdo desse.

> 1Sm 16,14-16.23: *O espírito do Senhor se tinha retirado de Saul e cada vez mais frequentemente o assaltava um mau espírito da parte do Senhor. Então os cortesãos de Saul lhe disseram: "Está bem claro que o espírito mau de Deus te assalta. Ordene nosso senhor – nós teus servos estamos às tuas ordens –que procuremos um homem que saiba tocar cítara. Quanto vier sobre ti o mau espírito de Deus, ele vai tocar com sua mão e te sentirás melhor". Quando o mau espírito de Deus se apoderava de Saul, Davi tomava a cítara, sua mão dedilhava as cordas e Saul se sentia aliviado e melhorava, e o espírito mau se afastava dele.*

Saul sendo ora influenciado por um espírito bom (espírito do Senhor), ora por um espírito mau (espírito mau de Deus) é perfeitamente aceitável, é o que realmente acontece. Não há como contestar, para aqueles que não possuem espírito sectário, de egoísmo eclesiástico ou fanatizados por seus líderes religiosos.

> 1Sm 19,9-10: *Um dia um espírito mau do Senhor baixou sobre Saul; ele estava sentado em casa com a lança na mão, enquanto Davi dedilhava a cítara. Em dado momento Saul quis espetar a Davi na parede com a lança, mas Davi conseguiu esquivar-se de Sal, de modo que este acertou a lança apenas na parede. Davi fugiu, escapando ileso.*
>
> 1Sm 19,19-20: *Quando comunicaram a Saul que Davi estava em Naiote em Rama, ele enviou mensageiros para prender a Davi. Estes viram a comunidade dos profetas, presidida por Samuel, falando em transe profético. Então o espírito de Deus baixou sobre os mensageiros de Saul, de modo que também eles entraram em transe profético. Quando referiram isto a Saul, ele mandou outros mensageiros, mas também estes foram tomados de transe profético. Saul ainda mandou uma terceira vez outros mensageiros, os quais também entraram em transe. Então ele mesmo se pôs a caminho de Rama. Quando chegou à grande cisterna, situada em Soco, perguntou: "Onde estão Samuel e Davi?" Alguém respondeu: "Eles estão em Naiot em Ramá". Quando se pôs a caminho para lá, para Naiote em Rama, baixou também sobre ele o*

espírito de Deus, de modo que durante todo o caminho até chegar a Naiot em Ramá, estava em transe profético. Também ele tirou a roupa e ficou em transe diante de Samuel; caiu no chão e ficou sem roupa todo este dia e toda a noite. Por isso dizem: "Então também Saul é do número dos profetas?'

Observar nessas duas narrativas acima, as expressões "um espírito mau do Senhor baixou" e "o espírito de Deus baixou" é tal e qual se fala normalmente quando, não conhecendo o fenômeno mediúnico, dizem: "o espírito baixou" em fulano ao verem alguém que está sob a influência de um espírito. Qual a diferença?

As duas provas mais incontestáveis da comunicação com os mortos, vamos encontrar uma no Antigo Testamento e outra no Novo Testamento.

A primeira é velha conhecida dos nossos adversários que querem de todas as maneiras buscar uma outra interpretação para ela, de modo que não fique evidenciado o fato de que houve uma comunicação com o espírito de uma pessoa que já havia falecido. Está narrado em 1 Samuel 28, que iremos resumir: Saul, cercado pelos filisteus, querendo saber o que ia acontecer ao povo no caso da guerra contra eles, busca a pitonisa de Endor para que ela lhe adivinhe o que estaria para acontecer no futuro. Pede à médium, no caso é uma mulher, para que evoque o espírito de Samuel, para que ele possa consultá-lo a respeito do que lhe afligia. O espírito Samuel aparece e, incorporado, ou seja, "baixou" na médium, diz a Saul que ele, seus filhos e o povo judeu, iriam morrer naquela guerra. O que de fato aconteceu posteriormente.

Na que encontramos no Novo Testamento, devemos realçar que o fato acontece, nada mais nada menos, de que com Jesus. Na ocasião, Ele, acompanhado de Pedro, Tiago e João, sobe ao Monte Tabor, lá se transfigura e aparecem os espíritos Moisés e Elias que conversam com Ele (Mt 17,1-9). Não há como a coisa ficar mais clara que isso. Repetimos, somente os fanáticos é que não veem, ou não querem ver.

Poderíamos colocar várias pesquisas realizadas sobre a comunicação dos mortos, feitas por pessoas idôneas e de reconhecido saber científico. Mas não iremos colocar por dois motivos. O primeiro é porque certas coisas apesar de serem fatos reais não necessitam de comprovação, até mesmo porque, em algumas situações, as condições de provas são muito difíceis, a exemplo de Deus, que até hoje ninguém provou a existência, apesar de todos nós aceitarmos tranquilamente a sua existência. Em segundo, é que sempre os atuais donos da verdade, que ao menos se propõem a fazer a pesquisa com o mesmo rigor científico desses pesquisadores, irão afirmar: as condições de época...; que Freud ainda não havia trazido a hipótese do inconsciente, etc. Aliás, essa tal hipótese do inconsciente é falada, mas nunca alguém provou a sua existência, como e em que condições esse inconsciente produz os fatos a ele atribuído. Já que ainda ninguém provou tudo isso, devem, por isso mesmo, ser tratado como hipótese.

Vamos falar de testemunhos de pessoas que não pertencem às hostes espíritas, para que não falem que estamos puxando a "brasa para a nossa sardinha". Novamente citaremos dois casos.

O primeiro deles está relatado no livro *O Além Existe*, onde o autor relata o caso da comunicação que teve com seu filho já desencarnado. O autor chamava-se Lino Sardos Albertini (1915-2005), de cuja biografia extraímos: advogado, profissional liberal, exerceu atividade em Trieste. Foi presidente da Academia de Estudos Jurídicos e Econômicos "Cenáculo Triestino", presidente da Junta Diocesana de Ação Católica de Trieste, vice-presidente nacional da União Pan-europeia Italiana e presidente da Arqueoclube de Trieste. Autor de vários ensaios. Na contracapa se diz:

> Este livro é a crônica de um diálogo incomum, entre duas diferentes dimensões, entre o aquém e o além, entre o pai que chama e um filho, morto em circunstâncias dramáticas, que responde. O diálogo ocorre através de uma sensitiva que categoricamente exclui qualquer recompensa e se recusa a desenvolver uma atividade pública.
>
> Ela pratica um tipo de escrita automática por meio da qual desemaranha o fio que mantém unidos o advogado e seu filho, André".
>
> "Crítico e descrente no começo, Lino Sardos Albertini teve de resignar-se aos

> fatos inexplicáveis que André apresentava, a lógica severa das respostas, a sua coerência. Extraordinária é a maneira de transmissão das mensagens.
>
> Envolvente como um romance, impregnado – mesmo na situação dolorosa – de fé e esperança, este livro há de induzir os seus leitores a uma meditação profunda. (ALBERTINI, 1989, contra-capa)

O livro de que dispomos, foi traduzido da 12ª edição italiana (um best-seller?), por uma editora de orientação estritamente católica que é a "Edições Loyola", mas infelizmente quando depararam com o que realmente tinham editado, não se publicou mais nenhuma nova edição. Assim, a verdade mais uma vez, foi para debaixo do tapete.

O segundo livro é mais interessante porque o seu autor é um padre católico. Seu nome é Pe. François Brune. Do qual se diz:

> O Pe. François Charles Antoine Brune é bacharelado em Latim, Grego e Filosofia. Cursou seis anos de "Grand Seminaire", sendo cinco no Instituto Católico de Paris e um na Universidade de Tubingen. Tem cinco anos de curso superior de Latim e Grego na Universidade de Sorbone. Estudou as línguas assírio-babilônico, hebreu e hierógrafos egípcios. Foi licenciado em Teologia no Instituto Católico de Paris em 1960, e em Escritura Sagrada, no Instituto Bíblico de Roma, em 1964. Foi professor de diversos "grands Seminaires" durante sete anos. Estudou a tradição dos cristãos do Oriente e dedica-se a estudos dos fenômenos paranormais. (BRUNE, 1991, orelha da contra-capa).

Segundo temos notícias, o Pe. Brune é o representante do Vaticano para assuntos de Transcomunicação Instrumental (Comunicação dos mortos por aparelhos eletrônicos).

Em seu livro, após afirmar, categoricamente, que "O após vida existe e nós podemos nos comunicar com aqueles que chamamos de mortos" (BRUNE, 1991, p. 15), o Pe. François Brune arremata dizendo:

> Escrevi este livro para tentar derrubar o espesso muro de silêncio, de incompreensão, de ostracismo, erigido pela maior parte dos meios intelectuais do ocidente. Para eles, dissertar sobre a eternidade é tolerável; dizer que se pode entrar em comunicação com ela é considerado insuportável.
>
> [...]
>
> Tomem este livro como um itinerário. Abandonem, tanto quanto possível, suas ideias preconcebidas. Não tenham medo; se este livro não os transformar, logo se aperceberão. Em todo caso, leiam esta obra como a história de uma descoberta fabulosa e verdadeira.
>
> Progressivamente então, surgirão essas verdades essenciais que se tornarão, assim eu lhes desejo, a matéria de suas vidas. A morte é apenas uma passagem. Nossa vida continua, sem qualquer interrupção, até o fim dos tempos. Levaremos conosco para o além nossa personalidade, nossas lembranças, nosso caráter. (BRUNE, 1991, p. 15-17).

Fica aí como conclusão final a fala do Pe. Brune, cujo conteúdo nós sugerimos reflexão aos que tentam dizer que tudo no Espiritismo é superstição, fruto da imaginação, etc.

A mediunidade no tempo de Jesus

A mediunidade é uma faculdade humana, que consiste na sintonia espiritual entre dois seres. Normalmente, a usamos para designar a influência de um Espírito desencarnado sobre um encarnado, muito embora, na definição de "médium", dada por Allan Kardec (1804-1869), não se discuta a identidade ou a natureza desses espíritos. Assim ele o definiu: "Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. [...]". (KARDEC, 2007b, p. 211). Sendo assim, julgamos que, por se tratar de uma aquisição do espírito imortal, pouco importa a situação em que se encontrem esses dois seres, para que se processe a ligação espiritual entre eles.

É comum, que ataques ao Espiritismo ocorram por conta desse "dom", como se ele viesse a acontecer exclusivamente em nosso meio. Ledo engano, pois, conforme já o dissemos, é uma faculdade humana; e assim sendo, todos a possuem, variando apenas quanto ao seu grau, conforme nos asseverou Kardec, quando da sequência de sua fala anterior: "Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. [...]" (KARDEC, 2007b, p. 211).

Os detratores querem, por todos os meios, fazer com que as pessoas acreditem que isso é coisa nova, justamente para transparecer que só acontece no Espiritismo; mas podemos provar que a mediunidade não é nenhuma novidade e que até mesmo Jesus dela pode nos dá exemplos. É o que veremos a seguir.

A mediunidade e Jesus

Quando Jesus recomenda a seus doze discípulos divulgar que o *"reino do Céu está próximo"* fica evidenciado, aos que estudaram ou vivenciam esse fenômeno, que o Mestre estava falando mesmo era da faculdade mediúnica, uma vez que eles seriam inspirados pelo alto naquilo que deveriam dizer. Entretanto, por conta dos tradutores e/ou dos teólogos, essa realidade ficou comprometida no texto bíblico. Mas como não é possível "tapar o sol com uma peneira", podemos, perfeitamente, identificá-la, apesar de que, em algumas situações, percebemos um certo esforço para se escondê-la.

O evangelista Mateus (10,19-20), ao narrar as recomendações de Jesus aos doze discípulos, para quando fossem divulgar a Boa Nova, disse o seguinte:

> "*Quando vos entregarem, não fiqueis preocupados em saber como ou o que haveis de falar. Naquele momento vos será indicado o que deveis falar, porque não sereis vós que falareis, mas o* ***Espírito de vosso Pai*** *é que falará em vos".*

Para comparação e análise, vamos colocar as outras passagens correlatas:

> *"Quando conduzirem vocês para serem entregues, não se preocupem com aquilo que vocês deverão dizer: digam o que vier na mente de vocês nesse momento, porque não serão vocês que falarão,* ***mas o Espírito Santo****".* (Mc 13,11).

> *"Quando introduzirem vocês diante das sinagogas, magistrados e autoridades, não fiquem preocupados como ou com que vocês se defenderão, ou o que dirão. Pois, nessa hora* ***o Espírito Santo*** *ensinará o que vocês devem dizer"* (Lc 12,11-12).

Em relação a essas passagens, pesquisamos em *Sabedoria do Evangelho*, vol. 5, (p. 97-98) de Carlos Torres Pastorino (1910-1980), formado em Teologia e Filosofia, por um Seminário Católico em Roma, catedrático em grego, hebraico e latim. Segundo seus estudos, somos informados de que, em grego, os textos se encontram desta forma:

> "***tò pneuma*** = o espírito", em Mt 10,20:

"***tò pneuma tò hágion*** = o Espírito o santo", em Mc 13,11;

"***tò hágion pneuma*** = o santo Espírito", em Lc 12,12.

Assim, podemos observar que essas narrativas não trazem a mesma palavra; Mateus diz "O Espírito do Pai", Marcos "O Espírito o santo" e, finalmente, Lucas "o santo Espírito".

Pastorino, inclusive, ressalta, em relação a Lucas, o seguinte: "Há uma observação a fazer. Neste trecho (vers. 10 e 12) não aparece *pneuma hágion*, mas *hágion pneuma*; isto é, não 'Espírito Santo', mas 'Santo Espírito'". (PASTORINO, vol. 5, 1964e, p. 96).

Se, numa multiplicação, a ordem dos fatores não altera o produto, no caso gramatical isso pode alterar e muito, pois uma coisa é afirmar **santo espírito** e outra é **Espírito Santo**. No primeiro caso, trata-se de um espírito santificado, no segundo poder-se-á abrir precedentes para dizer que se trata de uma das pessoas atribuídas à Trindade. Colocando mais lenha nessa fogueira, trazemos Marcos que diz "o espírito o santo" o que obviamente, não é a mesma coisa que dizer o Espírito Santo.

Então, concluímos que, nessa passagem, o fenômeno mediúnico é inequívoco, já que, para nós, quem colocava palavras na boca dos discípulos era um santo espírito, ou seja, um espírito bom. Principalmente, levando-se em conta as próprias palavras de Jesus: *"não fiquem preocupados como ou com aquilo que vocês vão falar, porque, nessa hora, será sugerido a vocês",* que arremata: *"Com efeito, não serão vocês que irão falar, e sim o Espírito do Pai de vocês é quem falará através de vocês"*. (Mt 10,19-20).

E, antes de sua morte, Jesus predisse a seus discípulos:

> *"Mas, antes que essas coisas aconteçam, vocês serão presos e perseguidos; entregarão vocês às sinagogas, e serão lançados na prisão; serão levados diante de reis e governadores, por causa do meu nome. Isso acontecerá para que vocês deem testemunho. Portanto, tirem da cabeça a ideia de que vocês devem planejar com antecedência a própria defesa;* ***porque eu lhes darei palavras de sabedoria****, de tal modo que nenhum dos inimigos poderá resistir ou rebater vocês".* (Lc 21,12-15).

Essa promessa de Jesus a seus discípulos, de que após a sua morte "daria palavras de sabedoria", não é outra coisa senão que Ele, do plano espiritual, exerceria influência sobre cada um deles, dando-lhes palavras de sabedoria, o que é, portanto, fenômeno mediúnico. Foi exatamente a mesma coisa que aconteceu com Paulo: *"[...] vocês estão procurando uma prova de que* ***é Cristo quem fala em mim*** *[...]"* (2Cor 13,3).

Por outro lado, para aquelas passagens citadas há pouco, se não arredarmos o pé de que seja mesmo "o Espírito do Pai" ou "o Espírito Santo" a influenciar os discípulos, teremos que, forçosamente, admitir que o próprio Deus venha a se manifestar num ser humano. Pensamento absurdo como esse só pode ser fruto da falta de compreensão da grandeza de Deus, bem como, de suas formas de agir.

Dizem os cientistas que no Cosmo há cerca de 100 bilhões de galáxias; para cada uma delas estimam-se 100 bilhões de estrelas, fazendo do Universo uma vastidão fora do alcance da limitada imaginação humana; mas, mesmo que à custa de um grande esforço, vamos imaginar tamanha grandeza. Bom; façamos agora a pergunta: o que criou tudo isso? Diante disso, admitir que esse ser possa estar pessoalmente inspirando uma criatura humana é fora de propósito; coisa aceitável somente a povos primitivos, cujos conhecimentos não lhes permitem ir mais longe, por restrição imposta pelo seu habitat.

Passando isso para o nosso dia a dia: é como um cidadão comum querer que o Presidente da República esteja à sua disposição para conversar com ele à qualquer hora, em qualquer lugar, esquecendo-se de que esse cargo exige uma montanha de compromissos importantes que fica impraticável que ele, o Presidente, possa atender a todos. Uma estrutura administrativa pública foi criada justamente para isso, liberando o mandatário da nação somente para as questões de alta relevância.

Ora, se o homem teve a capacidade de criar uma estrutura de ação frente aos seus semelhantes, por que Deus não teria a sua? Ou será que os profetas e o próprio Jesus, na dimensão física, bem como, os anjos e demais espíritos, na dimensão espiritual, não são parte integrante dessa estrutura?

Agora perguntamos: Deus age diretamente? Acreditamos que não, por ter os anjos (espíritos puros) à sua disposição, cuja missão é realizar os Seus desejos e são eles que entram em contato com os homens para trazer as Suas revelações. Vejamos o que se diz nas Escrituras, em se referindo aos anjos:

> *"Não são todos eles **espíritos ministradores**, enviados para servir a favor dos que hão de herdar a salvação?"* (Hb 1,14).

Sobre essa questão de anjos, ela merece uma explicação à parte; por isso, a colocaremos neste próximo tópico.

A mediunidade na aparição dos anjos

Apresentamos, para comprovar que os anjos eram mesmo encarregados de transmitir a vontade de Deus, a passagem que relata uma visão de Cornélio:

> "***O anjo** lhe replicou: 'Tuas orações e tuas esmolas chegaram até Deus e Ele se lembrou de ti'"* (At 10,4).

E mais uma; essa relativa ao anjo enviado a Zacarias:

> ***"O anjo** respondeu-lhe: **'Eu sou Gabriel**, que assisto diante de Deus, e fui enviado para te falar e te trazer esta feliz nova'".* (Lc 1,19).

Vejamos agora várias ocorrências de aparições de anjos, que, para uma melhor compreensão, dividiremos em itens, dada a peculiaridade de cada uma.

a) anjo = homem

Todos os quatro evangelistas, narram aparições às mulheres que foram ao sepulcro, onde Jesus havia sido colocado. São elas: Mt, 28,1-8; Mc 16,1-7, Lc 24,1-8 e Jo 20,11-13. Embora exista divergência quanto à quantidade dos que apareceram, apenas queremos ressaltar que, enquanto Mateus e João dizem ser anjo(s), Marcos e Lucas afirmam ser homem(ns). O detalhe em que todos concordam é quanto às vestes que eram brancas como a neve ou brilhantes. Vamos apenas relatar a de Lucas, pois dela iremos fazer um destaque especial.

> *"Entraram e não acharam ali o corpo do Senhor Jesus. Não sabiam ainda o que pensar, **quando apareceram dois homens com vestes brilhantes**. Cheias de medo, inclinaram o rosto para o chão. Eles disseram: 'Por que procurais entre os mortos quem está vivo? Não está aqui, mas ressuscitou'. [...]"* (Lc 24,3-6).

Aqui, os dois seres com "vestes brilhantes", conversam com as mulheres, fato que identificamos como fenômeno mediúnico. Os espíritos evoluídos sempre aparecem na forma humana e em meio a muita luz; daí serem, vulgarmente, denominados de "espíritos de luz".

Em uma passagem mais à frente, Cléofas, falando desse episódio, disse:

> *"É verdade que algumas mulheres [...] foram de madrugada ao túmulo, e não encontraram o corpo de Jesus. Então voltaram, dizendo que **tinham visto anjos**, e estes afirmaram que Jesus estava vivo".* (Lc 24,22-23).

Observe que na narrativa anterior foi dito de "dois homens com vestes brilhantes", enquanto que aqui está se afirmando que as mulheres, ao falarem dessa ocorrência, disseram que haviam visto anjos.

Há uma passagem interessante em que Jesus afirma que na ressurreição todos seremos como anjos do céu (Mt 22,30); portanto, nos iguala aos anjos; daí não ser difícil de se aceitar que anjo e espírito humano ressuscitado são seres da mesma natureza; em outras palavras, são a mesma coisa. Vamos a outra ocorrência:

> *"[...] Cornélio, [...] certo dia, lá pelas três da tarde, viu claramente em **visão um anjo** de Deus entrar em sua casa e chamá-lo. 'Cornélio!' Ele olhou para o **anjo** e, com medo, respondeu: 'Que é o Senhor?' **O anjo** lhe replicou: 'Tuas orações e tuas esmolas*

chegaram até Deus e Ele se lembrou de ti'" (At 10,1-4).

"Cornélio respondeu: 'Faz três dias que, enquanto eu rezava em minha casa, lá pelas três da tarde, ***um homem com roupas muito claras apareceu na minha frente e me disse****: 'Cornélio, tua oração foi ouvida e tuas esmolas foram lembradas diante de Deus'"* (At 10,30-31).

Na primeira passagem, o narrador bíblico afirma que um anjo apareceu a Cornélio; na segunda o próprio Cornélio afirma que era "um homem com roupas muito claras", que havia lhe aparecido, o que vem reforçar o fato de que anjos, realmente, possuíam forma humana. Não será por que são eles exatamente seres humanos desencarnados? Daí, inclusive, justificar-se o medo que Cornélio teve...

Há um outro passo onde essa relação também é nítida; leiamo-la:

"Eu, João, [...] ajoelhei-me para ***adorar o Anjo****, aquele que me havia mostrado essas coisas. Mas ele não deixou: 'Não! Não faça isso!* ***Eu sou servo como você, como os seus irmãos, os profetas, e como aqueles que observam as palavras deste livro.*** *É a Deus que você deve adorar'".* (Ap 22,8-9).

Aqui é o próprio anjo que se iguala a João, em primeiro plano; e aos profetas e também aos que cumprem a vontade de Deus em seguida, deixando claro que ele é igual a um ser humano, sem qualquer privilégio.

b) anjo = espírito

Vejamos as passagens:

*"****O anjo*** *do Senhor dirigiu a Filipe estas palavras: 'Tu irás rumo ao Sul, pela estrada que desce de Jerusalém a Gaza. Ela está deserta'. Filipe partiu imediatamente. Ora, vinha chegando um etíope, [...] que [...] tinha ido a Jerusalém para adorar a Deus. Agora voltava, lendo o profeta Isaías, sentado em sua carruagem.* ***O Espírito disse*** *a Filipe: "Aproxima-te e acompanha essa carruagem"* (At 8,26-29).

O texto inicia dizendo anjo para depois denominá-lo de espírito, o que evidencia ser tudo a mesma coisa, uma vez que consta do mesmo texto e do mesmo contexto.

*"Pedro bateu na porta de entrada; uma empregada, chamada Rosa, foi ao seu encontro. Ela reconheceu a voz de Pedro e, de tanta alegria, nem abriu a porta, mas correu para dentro, anunciando que Pedro estava na entrada. Disseram-lhe: 'Estás delirando!' Mas ela insistia, dizendo que era verdade. Observaram então: '****Deve ser o anjo dele****!' Entretanto, Pedro continuava a bater, até que lhe abriram a porta, e viram que era mesmo ele e ficaram muito admirados"* (At 12,13-16).

Após um anjo libertar Pedro da prisão, ele se dirige à casa da mãe de João (Marcos), onde estavam reunidas várias pessoas em oração. Rosa, a pessoa que atende à porta, reconhece a voz de Pedro; mas, ao invés de abrir a porta, sai correndo para dar a notícia aos outros. Entretanto, eles não acreditaram nela, pois pensavam que Herodes já havia mandado matar Pedro, já que o prendeu com essa intenção. Assim, como o supunham morto, disseram que só poderia *"ser o anjo dele"*. Então concluímos que o "ser o anjo dele" aqui é a possibilidade de alguém morto aparecer; isso não é senão o que, em outras palavras, poderia ser dito: "ser o espírito dele". Assim, podemos compreender que, àquela época, anjo significava também espírito. A questão é: o que é espírito? A resposta que poderemos dar é: são seres humanos desencarnados.

c) Espírito = homem

Embora não estivéssemos querendo sair do Novo Testamento, somos obrigados, para um maior esclarecimento, a buscar no Antigo Testamento uma passagem que vem corroborar tudo quanto estamos afirmando aqui.

"Tobias ***saiu para procurar uma pessoa*** *que pudesse ir com ele até a Média e conhecesse o caminho. Logo que saiu,* ***encontrou o anjo Rafael bem à frente dele****,*

mas não sabia que era um anjo de Deus. Tobias lhe perguntou: 'De onde você é, rapaz?' Ele respondeu: ***'Sou israelita, seu compatriota, e estou aqui procurando trabalho'****. Tobias lhe perguntou: 'Você sabe o caminho para a Média?' Ele respondeu:* ***'Sim. Já estive lá muitas vezes e conheço bem todos os caminhos. Fui muitas vezes à Média, e me hospedei na casa do nosso compatriota Gabael, que mora em Rages, na Média****. São dois dias de viagem de Ecbátana até Rages, pois Rages fica na região montanhosa e Ecbátana fica na planície'.* ***Tobit lhe perguntou: 'Meu irmão, de que família e tribo você é?'*** *[...] Rafael respondeu: 'Sou Azarias, filho do grande Ananias, um compatriota seu'. Tobit disse: '[...] Acontece que você é parente meu e vem de uma família honesta e honrada. Conheço bem Ananias e Natã, os dois filhos do grande Semeías [...]'".* (Tb 5,4-6.11-14).

Apesar desse livro constar apenas em Bíblias católicas, resolvemos colocá-lo aqui assim mesmo, já que irá ajudar-nos em nosso propósito de estudo. Observe que o anjo Rafael afirma ser um israelita compatriota de Tobias, cujo pai diz conhecer-lhe a família, dizendo, inclusive, que são parentes. Rafael, o anjo, em sua fala disse conhecer bem a região, para onde Tobias desejava ir, propondo ser seu guia. Se supusermos que o anjo Rafael seja, em realidade, um espírito desencarnado que viveu naquelas bandas e que, por isso, conhece bem a região, tudo isso não se encaixaria perfeitamente? Podemos até acreditar no contrário, desde que alguém nos prove que os anjos vivem perambulando aqui na Terra e sendo recebidos pelas pessoas.

d) nome de anjo = nome de homem

No item anterior já encontramos "um anjo" como o nome de Rafael (= Deus curou). Aquele que apareceu a Zacarias, afirmou chamar-se Gabriel (= homem de Deus) (Lc 1,19), e encontramos ainda mais um de nome Miguel (= quem é como Deus?), o arcanjo (Jd 9).

Se anteriormente não se aplicava a matemática, aqui podemos aplicá-la certamente. Se "B" é igual a "A" e "C" igual a "A", então "B" é igual a "C". Vejamos, então: se anjo é igual a homem, se homem é igual a espírito e, ainda, se anjo é espírito, então anjo, homem e espírito são iguais. A conclusão que chegamos é que é bem provável que em todas as passagens em que aparecem anjos e espíritos estamos a falar de seres humanos desencarnados. E para confirmar essa nossa conclusão, trazemos o pastor Rev. Haraldur Nielsson (1868-1928), com essas qualificações: teólogo, professor universitário, tradutor – traduziu para o Irlandês o Antigo Testamento a pedido da Sociedade Bíblica Inglesa, fundador da Sociedade de Estudos Psíquicos. Disse ele:

> De resto, acho que há muitas passagens no Novo Testamento que indicam, exatamente, que se compreendia, pela palavra "espírito" (em grego *pneuma*), a "alma de um morto".
>
> [...]
>
> Se Deus é, em Hebreus XII, 9, chamado o "Deus dos Espíritos", o dicionário indica que a palavra espírito significa tanto as almas dos homens mortos como as dos anjos. Posso ainda acrescentar, sobre o assunto, que o Cristo foi chamado, várias vezes, depois da sua ressurreição, de pneuma e, indiscutivelmente, se tratava de "alma de um morto", pois que ele vivera na Terra. (NIELSSEN, 1983, p. 88).

Há uma passagem em que fica clara essa questão do intercâmbio com os espíritos e com os anjos; leiamo-la:

> *"Quando ele* [Paulo] *disse isto, surgiu uma acirrada discussão entre os fariseus e saduceus, e assim a multidão ficou dividida. É que os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo, nem espíritos, enquanto que os fariseus admitem todas estas coisas. Houve então uma enorme gritaria e alguns dos escribas partidários da seita dos fariseus se levantaram e declaravam energicamente: 'Nada de mal encontramos neste homem.* ***Quem sabe se não foi um espírito que lhe falou? Ou talvez um anjo****?'"* (At 23,7-9).

Não resta, portanto, dúvida alguma que isso era fato comum, ou seja, a mediunidade como uma ocorrência verificada naquela época. A única coisa que não conseguimos

estabelecer, aqui nessa passagem, foi qual a diferença que faziam entre espírito e anjo.

Mediunidade na ação dos demônios (espíritos maus)

O maior tormento de um médium é tornar-se uma presa de espíritos inferiores, pois dessa influência, muitas vezes, sozinho, não consegue desvencilhar-se. A sintonia com esses espíritos se estabelece por afinidade vibracional, cujas vítimas são os médiuns que ainda não conquistaram sua elevação moral, consolidada nos ensinamentos do Mestre Jesus.

Sobre esse assunto disse Kardec:

> Pululam em torno da Terra os maus Espíritos, em consequência da inferioridade moral de seus habitantes. A ação malfazeja desses Espíritos é parte integrante dos flagelos com que a Humanidade se vê a braços neste mundo. A obsessão que é um dos efeitos de semelhante ação, como as enfermidades e todas as atribulações da vida, deve, pois, ser considerada como provação ou expiação e aceita com esse caráter.
>
> Chama-se obsessão à ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diferentes, que vão desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. [...] (KARDEC, 2007e, p. 347).

Quando isso ocorre, dizemos que a pessoa está obsedada. Entre os tipos de obsessão podemos citar a possessão. É fato indiscutível para nós, os Espíritas, que toda pessoa que está sob obsessão é um médium. A questão agora é a seguinte: podemos encontrar essa ocorrência no tempo de Jesus? Acreditamos que sim. Vejamos algumas passagens onde se percebe isso:

> *"Então Jesus chamou seus discípulos e deu-lhes poder para expulsar* ***os espíritos maus****, e para curar qualquer tipo de doença e enfermidade".* (Mt 10,1).

> *"Vendo Jesus,* ***os espíritos maus*** *caíam a seus pés gritando: 'Tu és o Filho de Deus!'"* (Mc 3,11).

> *"Nessa mesma hora, Jesus curou muitas pessoas de suas doenças, males e* ***espíritos maus****, e fez muitos cegos recuperar a vista".* (Lc 7,21).

> *"[...] Jesus andava por cidades e povoados, [...] os Doze iam com ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de* ***espíritos maus*** *e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam* ***saído sete demônios****;".* (Lc 8,1-2).

Então temos aqui, nessas passagens, a comprovação de que a obsessão não é coisa nova, porquanto os espíritos maus já faziam das suas desde há muito tempo.

Outras passagens, interessantíssimas por sinal, podemos citar, principalmente para se ter uma ideia de até onde pode chegar uma influência espiritual. Em todas essas passagens se relata a influência demoníaca; e estamos falando exatamente disso. Observar que no último passo acima (Lc 8,1-2) é citado primeiramente "espíritos maus" e depois "demônios", do que concluímos que está se falando da mesma coisa com nomes diferentes. Em corroboração a isso, podemos ainda relacionar:

Passagem	Evangelista	Termo utilizado
Muitos Possessos	Mateus 8,16 Marcos 1,32-34 Lucas 4,40-41	Espíritos Demônios Demônios
O possesso de Gerasa	Mateus 8,28-34 Marcos 5,1-13 Lucas 8,26-39	Demônios Espírito impuro e demônio Espírito impuro e demônios
O possesso de Cafarnaum	Marcos 1,21-28 Lucas 4,31-37	Espírito impuro Espírito de demônio impuro e demônio
A filha da mulher Cananeia	Mateus 15,21-28 Marcos 7,24-30	Demônio Espírito impuro e demônio
O menino mudo e epilético	Mateus 17,14-21 Marcos 9,14-29 Lucas 9,37-43	Demônio Espírito Espírito, demônio e espírito impuro

Vamos relatar apenas uma dessas passagens, para confirmar o que Kardec disse sobre até onde pode chegar a influência dos espíritos inferiores:

> *"Jesus e seus discípulos chegaram à outra margem do mar, na região dos gerasenos. Logo que Jesus saiu da barca,* ***um homem possuído por um espírito mau*** *saiu de um cemitério e foi ao seu encontro. Esse homem morava no meio dos túmulos e ninguém conseguia amarrá-lo, nem mesmo com correntes. Muitas vezes tinha sido amarrado com algemas e correntes, mas ele arrebentava as correntes e quebrava as algemas. E ninguém era capaz de dominá-lo. Dia e noite ele vagava entre os túmulos e pelos montes, gritando e ferindo-se com pedras. Vendo Jesus de longe,* ***o endemoninhado*** *correu, caiu de joelhos diante dele e gritou bem alto: 'Que há entre mim e ti, Jesus, Filho do Deus altíssimo? Eu te peço por Deus, não me atormentes!' O homem falou assim, porque Jesus tinha dito: "Espírito mau, saia desse homem!' Então Jesus perguntou: 'Qual é o seu nome?' O homem respondeu: 'Meu nome é 'Legião',* ***porque somos muitos'****. E pedia com insistência para que Jesus não o expulsasse da região. Havia aí perto uma grande manada de porcos, pastando na montanha. Os espíritos maus suplicaram: 'Manda-nos para os porcos, para que entremos neles'. Jesus deixou.* ***Os espíritos maus saíram do homem*** *e entraram nos porcos. E a manada - mais ou menos uns dois mil porcos - atirou-se monte abaixo para dentro do mar, onde se afogou".* (Mc 5,1-13).

A força descomunal que esse obsedado possuía, sob a influência dos espíritos maus, era tanta que nem mesmo as correntes seguravam-no. Vivia no cemitério e à noite vagava pelos montes gritando como um tresloucado. E um fato mais grave ainda lhe acontecia, pois tais espíritos – *"meu nome é legião, porque somos muitos"* – faziam com que esse pobre coitado viesse a ferir-se com pedras.

A informação de que demônios e espíritos são a mesma coisa, é, em parte, admitida por Russel N. Champlin (1933-), quando de seus comentários sobre Mc 5,2 se refere à palavra *"os demônios"*:

> Esse vocábulo era empregado, no grego clássico, ocasionalmente como sinônimo do termo "theos", "deus". Assim usou Homero (século IX A.C.). Por outros autores, entretanto, a palavra foi utilizada para indicar certas divindades subordinadas, que inocentavam os deuses maiores da prática de muitas maldades; e é provável que por causa dessa mesma circunstância é que a palavra eventualmente passou a significar alguma entidade sobrenatural cujo propósito é o de praticar a maldade. Esse termo também tem sido usado para referir-se às almas dos homens que, por ocasião da morte, são elevados a determinados privilégios, e, posteriormente, passou a indicar os espíritos humanos em geral, partidos deste mundo. Gradualmente esse vocábulo foi-se limitando aos espíritos malignos em geral, exclusivamente, sem qualquer definição sobre a origem ou natureza desses espíritos.
>
> *Nada de realmente certo* se encontra sobre a origem dos demônios, nas páginas da Bíblia, ainda que muitos creiam que sejam os anjos caídos que seguiram a Satanás (Ver Apo 12:7-9 com Apo 12: 3,4). Mas outros estudiosos acreditam (conforme criam muitos dos antigos) que são espíritos dos mortos que ainda não entraram em qualquer estado bem determinado de transição. Outros ainda, sustentam que os demônios pertencem a ambas essas ordens de seres. Muitos psicólogos modernos duvidam que exista realmente a possessão por meio de espíritos, mas a experiência universal com tais espíritos desaprova essas dúvidas. Alguns daqueles que se ocupam de pesquisas psíquicas, nestes últimos anos, estão convencidos da realidade do mundo dos espíritos, tanto bons como maus. É uma completa tolice pensar que simplesmente porque não podemos ver os espíritos eles não existem – todavia, alguns sensíveis (pessoas psiquicamente dotadas) asseveram que podem ver ocasionalmente aos espíritos, e alguns deles veem-nos regularmente. É fato sobejamente conhecido que os sentidos humanos são extremamente limitados, não percebendo muitas coisas que sabemos que realmente existem, como por exemplo, a força chamada lei da gravidade; e assim, a maior parte deste mundo totalmente físico continua imperceptível para os nossos sentidos (e quanto menos o mundo espiritual)! Assim, pois, afirmar alguém que algo não existe simplesmente porque os seus sentidos não são aptos a captá-lo, mostra que esse alguém se deixa levar por

> preconceitos. Mas uma coisa que sabemos bem é que não sabemos praticamente coisa alguma acerca do universo em que vivemos. Não obstante, existem muitas evidências inequívocas, perceptíveis até mesmo para os sentidos humanos, que confirmam a existência de um mundo dos espíritos ao nosso redor.
>
> Era ponto *teológico comum*, entre os judeus (sendo ensinado nas escolas teológicas judaicas dos fariseus e de outros), que **os demônios, capazes de possuir e de controlar um corpo vivo, são espíritos de *mortos partidos* deste mundo**, especialmente aqueles de caráter vil e de natureza perversa. (Ver Josefo, *de Bello Jud.* VII. 6.3). Os gregos, os romanos e outros povos antigos compartilhavam dessa crença. Alguns dos pais da igreja também aceitaram essa ideia, tais como Justino Mártir (150 D.C.) e Atenágoras.
>
> *Tertuliano* (150 D.C.) foi o primeiro pai da igreja a começar a modificar essa ideia, e deu origem à crença de que os demônios fazem exclusivamente parte de uma ordem de anjos decaídos. Finalmente, tendo aparecido o grande comentador Crisóstomo (407 D.C.), obteve aceitação geral a ideia de que os demônios não são espíritos humanos caídos, e, sim, pertencem à ordem de anjos caídos juntamente com Satanás. Essa ideia também prevalece na teologia moderna, apesar de ainda existirem alguns que se apegam à ideia mais antiga, como Lange (do *Comentário* de Lange), o qual acredita que aquilo que conhecemos pelo título de *demônio* pertence tanto à ordem de espíritos humanos que daqui partiram e que se tornaram parte de um nível mais baixo dos espíritos como à ordem de seres angelicais caídos. Lange, portanto, aceita ambos os pontos de vista. As próprias Escrituras nada nos informam acerca da origem dos demônios, pelo menos em termos bem definidos; por isso mesmo, a sua identificação com os anjos caídos pode representar ou não a verdade. Se isso representa a verdade, mesmo assim pode *não* representar a *verdade inteira* sobre a questão. Muitos casos de possessão demoníaca parecem demonstrar que alguns demônios, pelo menos, são de fato entidades que antes eram seres humanos comuns. Pois é possível que por enquanto, pelo menos parcialmente, estejamos dentro de um intervalo de tempo, antes do julgamento, e que os espíritos não foram ainda para o seu *destino final*; embora seja possível que exista alguma forma de comunicação entre certas dimensões espirituais (que podem até mesmo ser chamadas de *hades*) e os homens. Diversos exemplos bíblicos mostram que a comunicação com os mortos é algo que ocorre ocasionalmente. Nas Escrituras somos advertidos contra essa prática, mas não nos é dito ali que tal comunicação seja impossível. Existem evidências que parecem indicar que a posição assumida por Lange, de que os demônios pertencem a ambas as ordens: tanto espíritos humanos de mortos como seres pertencentes à ordem de anjos caídos – é a mais correta, embora nos faltem provas inequívocas quanto a isso. (CHAMPLIN, vol. 1, 2005a, p. 694-695). (itálico do original, negrito nosso).

A mediunidade no apostolado

Um fato, que reputamos como de inquestionável ocorrência da mediunidade, aconteceu logo depois da morte de Jesus, quando os discípulos reunidos receberam *"como que línguas de fogo"* e começaram a falar em línguas, de tal sorte que, apesar da heterogeneidade do povo que os ouvia, cada um entendia o que falavam em sua própria língua. Fato extraordinário registrado no livro Atos dos Apóstolos, desta forma:

> *"Quando chegou o dia de Pentecostes, todos eles estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho como o sopro de um forte vendaval, e encheu a casa onde eles se encontravam. Apareceram então umas como línguas de fogo, que se espalharam e foram pousar sobre cada um deles.* ***Todos ficaram repletos do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas****, conforme o Espírito lhes concedia que falassem. Acontece que em Jerusalém moravam judeus devotos de todas as nações do mundo. Quando ouviram o barulho, todos se reuniram e ficaram confusos, pois cada um ouvia, na sua própria língua, os discípulos falarem".* (At 2,1-6).

Nesse passo podemos identificar o fenômeno mediúnico conhecido como xenoglossia, que na definição do Aurélio é: A fala espontânea em língua(s) que não fora(m) previamente aprendida(s). Mas para mudar o sentido do texto possivelmente alteram o artigo indefinido para o definido, quando a realidade seria exatamente de que estavam "repletos de um Espírito

santo (bom)". Isso é fato, pois segundo Pastorino, em *Sabedoria do Evangelho*, vol. 5, (p. 97-98), o termo grego empregado no início do versículo 4 é *pneuma hágion*, ou seja, sem o artigo, portanto, a tradução correta seria "um espírito santo". Fica tão evidente isso que na sequência está dito que falavam em línguas "*conforme o espírito lhes concedia*", ou seja, conforme aquele espírito específico, pois, como aqui, em grego não há a palavra *hágion* (santo), o que se pode comprovar, por exemplo, com o texto do *Códex Vaticanus*; portanto, não poderia ser traduzido por "o Espírito Santo". Corrobora-se isso pelas Bíblias Tradução Ecumênica - TEB, Santuário, de Jerusalém, Pastoral, Shedd, A Bíblia Anotada, Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas e Novo Testamento - Loyola, que trazem "espírito" e não "Espírito Santo".

Fato semelhante aconteceu, um pouco mais tarde, nomeado como o Pentecostes dos pagãos:

> *"Pedro ainda estava falando,* ***quando o Espírito Santo desceu sobre todos*** *os que ouviam a Palavra. Os fiéis de origem judaica, que tinham ido com Pedro, ficaram admirados de que o dom do Espírito Santo também fosse derramado sobre os pagãos. De fato, eles os ouviam falar em línguas estranhas e louvar a grandeza de Deus. [...]"* (At 10,44-46).

Episódio que confirma que *"Deus não faz acepção de pessoas"* (At 10,34); daí podermos estender à mediunidade não como uma faculdade exclusiva a um determinado grupo religioso, mas como algo que existe em todos os segmentos em suas expressões de religiosidade.

Aqui, segundo Pastorino, em *Sabedoria do Evangelho*, vol. 5, (p. 97-98) os versículos 44 e 47 estão, respectivamente, em grego: **tò pneuma tò hágion**, ou seja, o Espírito o santo, portanto, não é Espírito Santo como consta dessa tradução. (PASTORINO, vol. 5, 1964e, p. 97-98).

A mediunidade como era "transmitida"

A bem da verdade não há como ninguém transmitir a mediunidade para outra pessoa. Entretanto, pelos relatos bíblicos, a imposição das mãos fazia com que houvesse sua eclosão, óbvio que naqueles que a possuíam em estado latente. Vejamos algumas situações em que isso ocorreu:

a) Em Atos 8,17-19:

> *"Então Pedro e João impuseram as mãos sobre os samaritanos, e eles receberam o Espírito Santo.* ***Simão viu que o Espírito Santo era comunicado através da imposição das mãos****. Então ele ofereceu dinheiro a Pedro e João, dizendo: 'Deem para mim também esse poder, a fim de que receba o Espírito todo aquele sobre o qual eu impuser as mãos'"*.

Simão era um mago que, com suas artes mágicas, deixava o povo da região de Samaria maravilhado. Mas, ao ver o "poder" de Pedro e João, ficou impressionado com o que fizeram; daí lhes oferece dinheiro, a fim de que dessem a ele esse poder, para que sobre todos os que ele impusesse as mãos, também recebessem o Espírito Santo.

Segundo Pastorino, em grego o v. 17 está sem artigo, no v. 18 não há o santo e o v.19, também sem artigo, significando que, conforme sua maneira de entender, deveria ser "um espírito santo", "o espírito" e "um espírito santo", respectivamente.

b) Em Atos 19,1-7:

> *"Enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo atravessou as regiões mais altas e chegou a Éfeso. Encontrou aí alguns discípulos, e perguntou-lhes: 'Quando vocês abraçaram a fé receberam o Espírito Santo?' Eles responderam: 'Nós nem sequer ouvimos falar que existe um Espírito Santo'. Paulo perguntou: 'Que batismo vocês receberam?' Eles responderam: 'O batismo de João'. Então Paulo explicou: 'João batizava como sinal de arrependimento e pedia que o povo acreditasse naquele que devia vir depois dele, isto é, em Jesus'. Ao ouvir isso, eles se fizeram batizar em nome do Senhor Jesus. Logo que*

Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo desceu sobre eles, e começaram a falar em línguas e a profetizar*. Eram, ao todo, doze homens"*.

Será que podemos entender que o batismo de Jesus é "receber o Espírito Santo", conseguido pela imposição das mãos? A narrativa nos leva a aceitar essa hipótese; apenas ressalvamos quanto à expressão "o Espírito Santo". No grego está: v. 2, *pneuma hágion* e no v.6 tò pneuma *tò hágion*, cuja tradução, pela ordem, é "um espírito santo" e "o espírito o santo"; não é como está nessa tradução. Igualmente estamos usando Pastorino, mais uma vez.

A mediunidade como os dons do Espírito

Na estrada de Damasco, Paulo, que até então perseguia os cristãos, numa ocorrência transcendente, se encontra com Jesus, passando, a partir daí, a segui-lo. Durante o seu apostolado se comunicava diretamente com o Espírito de Jesus, demonstrando sua incontestável mediunidade.

Aliás, o apóstolo Paulo foi quem mais entendeu do fenômeno mediúnico; tanto que existem recomendações preciosas de sua parte aos agrupamentos cristãos de então. Ele o chamava de ***"dons do Espírito"*** e dizia: *"sobre os dons do Espírito, irmãos, não quero que vocês fiquem na ignorância"* (1Cor 12,1), mostrando-se interessado em que todos pudessem conhecer tais fenômenos.

E esclarece o apóstolo dos gentios:

"Existem dons diferentes, mas o Espírito é o mesmo; diferentes serviços, mas o Senhor é o mesmo; diferentes modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. A um, o Espírito dá a ***palavra de sabedoria****; a outro,* ***a palavra de ciência*** *segundo o mesmo Espírito; a outro, o mesmo Espírito dá* ***a fé****; a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom* ***das curas****; a outro,* ***o poder de fazer milagres****; a outro,* ***a profecia****; a outro, o* ***discernimento dos espíritos****; a outro, o dom de* ***falar em línguas****; a outro ainda, o* ***dom de as interpretar****. Mas é o único e mesmo Espírito quem realiza tudo isso, distribuindo os seus dons a cada um, conforme ele quer"*. (1 Cor 12,4-11).

Se aqui entendermos que "o Espírito" é na realidade "um Espírito", baseando-nos nos conhecimentos do intercâmbio entre os dois planos da vida, estaremos, indubitavelmente, diante da faculdade mediúnica, bastando "ter olhos de ver".

Ao que parece, naquela época, os médiuns se preocupavam mais com a xenoglossia, e Paulo, para desfazer esse engano, faz várias recomendações aos coríntios (1Cor 14,1-25), entre elas disse ele:

"*Procurem o amor. Entretanto, aspirem aos dons do Espírito, principalmente à profecia.* ***Pois aquele que fala em línguas não fala aos homens****, mas a Deus. Ninguém o entende, pois ele, em espírito, diz coisas incompreensíveis. Mas aquele que profetiza fala aos homens: edifica, exorta, consola. Aquele que fala em línguas edifica a si mesmo, ao passo que aquele que profetiza edifica a assembleia.* ***Eu desejo que vocês todos falem em línguas, mas prefiro que profetizem. Aquele que profetiza é maior do que aquele que fala em línguas****, a menos que este mesmo as interprete, para que a assembleia seja edificada. [...]".* (1Cor 14,1-4)

Destaque especial para o versículo 12, pois é dele que fala o Rev. Haraldur Nielsson, em *O Espiritismo e a Igreja.* Leiamos o que o pastor Nielsson disse:

> E, em outra passagem do mesmo capítulo, diz: "Assim também vós, pois que aspirais dons espirituais (isto é, desenvolver a mediunidade e entram em relação com os espíritos) seja isto para edificação da Igreja e que os procureis possuir em abundância. (I Cor., XIV, 12)".
>
> No texto grego está "espíritos" e não "dons espirituais" como menciona a tradução dinamarquesa da Bíblia. Em muitas traduções da Bíblia, esta passagem está vertida em sentido confuso, apesar de não haver a menor dúvida quanto à verdadeira significação dos termos gregos do texto original: *epei zelotai este*

> *penumaton*.
>
> Os tradutores e os revisores da Bíblia nem sempre têm tido a coragem de traduzir, exatamente, as Escrituras Sagradas, o que não nos causa espanto. Os teólogos prenderam os seus sistemas dogmáticos em pesadas e estreitas cadeias. Por outro lado, leigos ortodoxos, em muitos países, não podem suportar a verdadeira tradução por julgarem que ela destrói os seus dogmas. Tenho alguma experiência sobre o assunto e falo do que conheço. (NIELSSEN, 1983, p. 49-50).

Um pouco atrás citamos uma passagem (2Cor 13,3) que nos leva à conclusão de que Paulo era um médium notável, razão pela qual pôde, por experiência própria, orientar aos outros. Algumas circunstâncias que apoiam a sua mediunidade:

> "*Durante a viagem, quando já estava perto de Damasco,* ***Saulo se viu repentinamente cercado por uma luz que vinha do céu****. Caiu por terra, e ouviu uma voz que lhe dizia: 'Saulo, Saulo, por que você me persegue?' Saulo perguntou: 'Quem és tu, Senhor?' A voz respondeu: '****Eu sou Jesus****, a quem você está perseguindo. Agora, levante-se, entre na cidade, e aí dirão o que você deve fazer'. […] Então Ananias saiu, entrou na casa e impôs as mãos sobre Saulo, dizendo: 'Saulo, meu irmão,* ***o Senhor Jesus, que lhe apareceu quando você vinha pelo caminho****, me mandou aqui para que você recupere a vista e fique cheio do Espírito Santo".* (At 9,3-17).
>
> "*Chegando perto da Mísia, eles tentaram entrar na Bitínia,* ***mas o Espírito de Jesus os impediu****. Então atravessaram a Mísia e desceram para Trôade. Durante a noite,* ***Paulo teve uma visão: na sua frente estava de pé um macedônio*** *que lhe suplicava: 'Venha à Macedônia e ajude-nos!' Depois dessa visão, procuramos imediatamente partir para a Macedônia, pois estávamos convencidos de que Deus acabava de nos chamar para anunciar aí a Boa Notícia".* (At 16,7-10).

Na primeira passagem Jesus lhe aparece e conversa com ele; na segunda é um macedônio quem lhe aparece numa visão e pede ajuda, fatos que provam a mediunidade de Paulo. Observe que no início da aparição se fala sobre uma luz que vinha do céu, exatamente o que dissemos sobre como os espíritos puros se apresentam.

Mediunidade por ação do Espírito Santo

Inúmeras passagens bíblicas nos dão conta de que várias pessoas receberam a influência do Espírito Santo; entretanto, parece-nos ser essa uma questão controversa, pois muitas delas falam de "um espírito santo" e não de "o Espírito Santo", já que a diferença entre o artigo indefinido e o definido aqui é fundamental para sabermos de quem está se falando.

Anteriormente já citamos algumas dessas passagens, e, por agora, só acrescentaremos mais essa:

> *"Se vocês, que são maus, sabem dar coisas boas aos filhos, quanto mais o Pai do céu! Ele dará o* ***Espírito Santo*** *àqueles que o pedirem".* (Lc 11,13)

O teólogo Pastorino, em Sabedoria do Evangelho (vol. 2, p. 139), assim traduz essa passagem: *"Ora, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai, o do céu, dará* ***um espírito bom*** *aos que lho pedirem!".* (PASTORINO, 1964b, p. 139).

Realmente, a expressão usada em grego é *pneuma hágion;* portanto, seria "um" espírito santo; quer dizer, um espírito bom, conforme nos diz Pastorino. Dessa forma fica evidenciado que Deus envia espíritos bons para ajudar aos que Lho pedem.

O que ainda não conseguimos entender é como o Espírito Santo é citado em várias passagens bíblicas, sem ao menos se darem conta de que isso não poderia ter ocorrido. Senão vejamos:

> *"Jesus disse isso, referindo-se* ***ao Espírito que deveriam receber*** *os que acreditassem nele. De fato,* ***ainda não havia Espírito, porque Jesus ainda não***

tinha sido glorificado". (Jo 7,39).

*"Então, eu pedirei ao Pai, e ele dará a vocês **outro Advogado**, para que permaneça com vocês para sempre. Ele é o **Espírito da Verdade**, que o mundo não pode acolher, porque não o vê, nem o conhece. Vocês o conhecem, porque ele mora com vocês, e estará com vocês. Mas o Advogado, **o Espírito Santo**, que o Pai vai enviar em meu nome, ele ensinará a vocês todas as coisas e fará vocês lembrarem tudo o que eu lhes disse".* (Jo 14,16-17.26)

*"Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar. **Quando vier o Espírito da Verdade**, ele encaminhará vocês para toda a verdade, porque o Espírito não falará em seu próprio nome, mas dirá o que escutou e anunciará para vocês as coisas que vão acontecer. **O Espírito da Verdade manifestará a minha glória,** porque ele vai receber daquilo que é meu, e o interpretará para vocês".* (Jo 16,12-14)

Portanto, se Jesus ainda não tinha sido glorificado, o Espírito Santo não poderia aparecer. Até mesmo porque se Deus é trino, e se Jesus é Deus, como dizem, então estando Ele encarnado (Jesus = Deus) entre nós, consequentemente, todas as pessoas da trindade também estariam, uma vez que só assim poderá valer o tal do "três em um".

A ocorrência em que os discípulos recebem o Espírito Santo, justamente após Jesus ter sido glorificado, é essa:

*"Jesus disse de novo para eles: 'A paz esteja com vocês. Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês'. Tendo falado isso, Jesus soprou sobre eles, dizendo: **'Recebam o Espírito Santo'"**.* (Jo 20,21-22).

Tudo se explicaria bem até aqui; mas a coisa se complica, pois em grego está "um espírito santo", o que nos faz crer que toda vez que é citado o "Espírito Santo", na verdade, está-se referindo a um espírito bom, santificado, uma vez que a trindade, para quem pesquisa, é apenas uma aculturação de crenças pagãs.

Se o que estamos concluindo está correto, aí fica fácil entender uma recomendação de João a respeito do intercâmbio com os espíritos. Leiamo-la:

*"Amados, não acrediteis em qualquer **espírito**, mas examinai os **espíritos** para ver se são de Deus; pois muitos falsos profetas vieram ao mundo. Nisto reconheceis o espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio na carne é de Deus; e todo espírito que não confessa Jesus não é de Deus; é este o espírito do Anticristo. Dele ouvistes dizer que ele virá; e agora ele já está no mundo. Nós somos de Deus. Quem conhece a Deus nos ouve, quem não é de Deus não nos ouve. **Nisto reconhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro**".* (1Jo 4,1-6).

Sendo o intercâmbio feito com toda a sorte de Espíritos, João, sabiamente, adverte às comunidades cristãs da Ásia Menor, para que não se deixassem levar pelas artimanhas dos espíritos maus, e verificassem se os espíritos vinham da parte de Deus; se eram "espíritos da verdade" ou "espíritos do erro". A advertência de João para "examinai os espíritos" (no plural) é completamente sem sentido se ele estivesse falando do Espírito Santo como querem alguns que seja Dele que o apóstolo fala.

Como define a Doutrina Espírita, o fenômeno mediúnico nada mais é do que uma ocorrência de ordem natural. Podemos identificá-lo desde os mais remotos tempos da humanidade, e não poderia ser diferente, pois, em se tratando de uma manifestação de uma faculdade humana, deverá ser mesmo tão velha quanto a permanência do homem aqui na Terra.

Mas, infelizmente, a intolerância religiosa, a ignorância e, por vezes, a má vontade, para não dizer a má-fé, não permitiram que fosse divulgada da forma correta, ficando mais por conta de uma ocorrência sobrenatural, que só acontecia a uns poucos privilegiados. Coube ao Espiritismo a desmistificação desse fenômeno, com a sua explicação racional. Kardec nos deixou um legado importantíssimo para todos que possam se interessar pelo assunto, quando lança *O Livro dos Médiuns*, que recomendamos a todos que buscam o conhecimento dessa fenomenologia, que, infelizmente, ainda é muito incompreendida em nossos dias.

Cabe-nos, por dever, ressaltar que nem todos comungam com o dogmatismo religioso. Assim é que podemos citar, como um bom exemplo, o comentário de R.N. Champlin, Ph. D., sobre Atos 12,15, uma das passagens que analisamos nesse estudo. Diz ele:

> Aqueles primitivos crentes devem ter crido que os mortos podem voltar a fim de se manifestarem aos vivos, através da agência da *alma*. Observemos que a segunda alternativa, por eles sugerida, sobre como Pedro poderia estar no portão, era que ele teria sido morto e que o seu "anjo" ou "espírito" havia retornado. **Portanto, aprendemos que aquilo que é ordinariamente classificado como doutrina "espírita" era crido por alguns membros da igreja cristã de Jerusalém. Isso não significa, naturalmente, que eles pensassem que tal fosse a regra nos casos de morte; porém, aceitaram a possibilidade da comunicação dos espíritos, que a atual igreja evangélica, especialmente em alguns círculos protestantes dogmáticos, nega com tanta veemência.**
>
> O famoso escritor evangélico C.S. Lewis apareceu a J.B. Philips tradutor de bem conhecida tradução do Novo Testamento para o inglês, por duas vezes, após a sua morte, e se assentou naturalmente em sua sala de estar, tendo conversado com ele como se nada tivesse acontecido que pudesse ser classificado como falecimento. Porém, por toda a parte abundam histórias de *fantasmas*, e muitos céticos negam tudo. **Todavia, há muitos desses fenômenos, sob tão grande variedade, e cruzam todas as fronteiras religiosas, para que se possa duvidar dos mesmos como fatos. Algumas vezes os mortos voltam, e entram em comunicação com os vivos. Os teólogos judeus aceitavam isso como um fato, havendo entre eles a crença comum de que os "demônios" são espíritos humanos maus, desencarnados.**
>
> Essa ideia era forte na igreja cristã até o século V D.C., tendo sido apresentada por pais da igreja como Clemente de Alexandria, Justino Mártir e Orígenes, **os quais também acreditavam na possibilidade do *retorno* e até mesmo da reencarnação de alguns espíritos, com o propósito de realizarem ou continuarem suas missões.** (Ver esta doutrina em Mat. 16.14). Os essênios, dos quais João Batista parece ter sido membro, também mantinham crenças idênticas. É um equívoco cercarmos as doutrinas de muralhas, supondo em vão que somente nós, da moderna igreja cristã do século XX, temos as corretas interpretações das verdades bíblicas. Ainda temos muito a aprender, sobre muitas questões, e convém que guardemos nossas mentes abertas, pelo menos o suficiente para permitirmos a entrada de uma réstia de luz. Sabemos pouquíssimo sobre o mundo *intermediário* dos espíritos e supomos que o estado "eterno" já existe, o que todas as evidências mostram não ser ainda assim. (CHAMPLIN, vol. 3, 2002c, p. 250). (itálico do original, negrito nosso).

Assim, temos uma esperança muito grande em relação ao futuro, pois sabemos que aos poucos essas verdades serão disseminadas, exatamente como na parábola de Jesus sobre o semeador que saiu a semear (Mt 13,3-9). Parafraseando Tiradentes: **"VERITAS QUAE SERA TAMEM"** (verdade ainda que tardia).

A parábola do rico e Lázaro na visão espírita

A rigor não poderíamos usar a expressão "na visão espírita", porquanto, não temos procuração para falar em nome da Doutrina; por isso rogamos ao leitor que a entenda como sendo a visão particular de um espírita, estudioso da Bíblia, da parábola em questão.

Sabemos da possibilidade de muitos dos cristãos tradicionais não vierem a gostar do que iremos falar; entretanto, rogamos que sejam condescendentes conosco, pois estamos apenas usando da faculdade da "**Livre interpretação da Bíblia**", defendida por Martinho Lutero (1483-1546) e também por João Calvino (1509-1564), o que nos dá, obviamente, o direito de interpretá-la sob a ótica da crença religiosa que abraçamos.

Em *A Gênese,* Kardec, falando sobre essa questão, disse:

> **Mas quem ousa permitir-se interpretar as Escrituras Sagradas**? Quem tem esse direito? Quem possui as luzes necessárias, senão os teólogos?
>
> **Quem ousa**? A ciência, primeiro, que não pede permissão a ninguém para dar a conhecer as leis da Natureza, e salta, de pés juntos, sobre os erros e os preconceitos. **Quem tem esse direito?** Neste século de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, **o direito de exame pertence a todo mundo**, e as Escrituras não são mais a arca santa, na qual ninguém ousava tocar os dedos sem o risco de ser fulminado. […] (KARDEC, 2007e, p 36, grifo nosso).

Então, se nos permitem, vamos à nossa interpretação do texto da parábola do mau rico e o pobre Lázaro, narrada no Evangelho de Lucas:

> Lc 16,19-31: "*Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e cada dia se banqueteava com requinte. Um pobre, chamado Lázaro, jazia à sua porta, coberto de úlceras. Desejava saciar-se do que caía da mesa do rico... E até os cães vinham lamber-lhe as úlceras. Aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado. Na mansão dos mortos, em meio a tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro em seu seio. Então exclamou: 'Pai Abraão, tem piedade de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo para me refrescar a língua, pois estou torturado nesta chama'. Abraão respondeu: 'Filho, lembra-te de que recebeste teus bens durante tua vida, e Lázaro por sua vez os males; agora, porém, ele encontra aqui consolo e tu és atormentado. E além do mais, entre nós e vós existe um grande abismo, a fim de que aqueles que quiserem passar daqui para junto de vós não o possam, nem tampouco atravessem de lá até nós'. Ele replicou: 'Pai, eu te suplico, envia então Lázaro até à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos; que leve a eles seu testemunho, para que não venham eles também para este lugar de tormento'. Abraão, porém, respondeu: 'Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam'. Disse ele: 'Não, pai Abraão, mas se alguém dentre os mortos for procurá-los, eles se arrependerão'. Mas Abraão lhe disse: 'Se não escutam nem a Moisés nem aos Profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão'*".

O primeiro ponto que destacamos no texto é o fato de que, por ele, pode-se concluir que a alma conserva sua individualidade após a morte, o que comprova o acerto da resposta dos Espíritos a Kardec sobre isso:

> 150. *Após a morte, a alma conserva a sua individualidade?*
>
> "Sim; jamais a perde. Que seria ela, se não a conservasse?
>
> 150-a. *Como a alma constata a sua individualidade, uma vez que não tem mais o corpo material?*
>
> "Ela tem ainda um fluido que lhe é próprio, haurido na atmosfera do seu

> planeta e que representa a aparência de sua última encarnação: seu perispírito.
>
> (KARDEC, 2006, p. 143-144).

Visando tornar mais fácil a apresentação de nossas considerações ao texto bíblico, iremos destacar dele os trechos, que julgamos importantes para análise.

a) *"Aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão".*

Os anjos representam os espíritos que, no mundo espiritual, cuidam daqueles que estão no limiar do portal para sair do mundo físico. São, como se diz, "gente como a gente"; apenas que estão fora da carne e num estágio evolutivo superior ao nosso, o que lhes permite ajudarem-nos no trespasse de volta à nossa origem.

Sobre os anjos, temos as seguintes informações dos Espíritos superiores:

> 128. *Os seres a que chamamos anjos, arcanjos, serafins, formam uma categoria especial, de natureza diferente da dos outros Espíritos?*
>
> "Não; são Espíritos puros: os que se acham no mais alto grau da escala e reúnem todas as perfeições."
>
> Kardec: A palavra *anjo* desperta geralmente a ideia de perfeição moral. Entretanto, ela se aplica muitas vezes à designação de todos os seres, bons e maus, que estão fora da Humanidade. Diz-se: o anjo bom e o anjo mau; o anjo de luz e o anjo das trevas. Neste caso, o termo é sinônimo de *Espírito* ou de *gênio*. Tomamo-lo aqui na sua melhor acepção.
>
> 129. *Os anjos hão percorridos todos os graus da escala?*
>
> "Percorreram todos os graus, mas do modo que havemos dito: uns, aceitando sem murmurar suas missões, chegaram depressa; outros, gastaram mais ou menos tempo para chegar à perfeição."
>
> (KARDEC, 2006, p. 130).

No texto bíblico, eles, os anjos, são os espíritos que participaram do processo de desencarnação de Lázaro e depois o levaram para onde se encontrava Abraão. Os Espíritos puros, passaram, como todos irão passar, pelo ciclo de reencarnações para progredirem, sem qualquer tipo de privilégio. Entre eles podemos, inclusive, encontrar alguns parentes desencarnados, porquanto os laços de amor jamais se rompem com a morte.

O que os Espíritos superiores informaram a Kardec nos ajudará a entender isso:

> 285. *Os Espíritos se reconhecem por terem convivido na Terra? O filho reconhece o pai, o amigo reconhece o seu amigo?*
>
> "Sim, e assim de geração em geração."
>
> 285-a. *Como se reconhecem no mundos dos Espíritos os homens que se conheceram na Terra?*
>
> "Vemos a nossa vida pretérita e lemos nela como num livro. Vendo o pretérito dos nossos amigos e dos nossos inimigos, aí vemos a sua passagem da vida para a morte."
>
> 286. *Ao deixar os seus despojos mortais, a alma vê imediatamente os parentes e amigos que a precederam n o mundo dos Espíritos?*
>
> "Nem sempre imediatamente. Como já dissemos, ela precisa de algum tempo para reconhecer-se e desembaraçar-se do véu material."
>
> 289. *Nossos parentes e amigos vêm, algumas vezes, encontrar-se conosco quando deixamos a Terra?*
>
> "Sim, os Espíritos vão ao encontro da alma a que se afeiçoaram. Felicitam-na, como se regressasse de uma viagem, por haver escapado aos perigos da estrada, *e ajudam-na a desprender-se dos laços corporais*. É uma graça concedida aos bons Espíritos quando os seres que os amam vêm ao seu encontro, ao passo que aquele que se acha maculado permanece no isolamento ou só tem a rodeá-lo os que lhe são semelhantes. É uma punição."
>
> 290. *Os parentes e amigos sempre se reúnem depois da morte?*
>
> "Depende de sua elevação e do caminho que seguem para progredir. Se um

> deles está mais adiantado e caminha mais depressa do que outro, não poderão ficar juntos; é possível que se vejam algumas vezes, mas só estarão reunidos para sempre quando puderem caminhar lado a lado, ou quando se houverem igualado na perfeição. Além disso, a privação de ver os parentes e amigos é, às vezes, uma punição."
>
> (KARDEC, 2006, p. 219-220).

Abraão, que, na cultura judaica, era reverenciado como "nosso pai Abraão", representa, por sua vez, os nossos parentes já desencarnados que, segundo o nosso merecimento, iremos encontrá-los, ao retornamos à nossa pátria espiritual, o que se pode comprovar nas questões de *O Livro dos Espíritos*, logo acima e com esta que consta na obra *O que é o Espiritismo*:

> 153. *Encontra a alma no mundo dos Espíritos os parentes que ali a precederam?*
>
> Não só os encontra, como também a outros muitos, seus conhecidos de outras existências.
>
> Geralmente, aqueles que mais a amam vêm recebê-la à sua chegada no mundo espiritual, e ajudam-na a desprender-se dos laços terrenos.
>
> Entretanto, a privação de ver as almas mais caras é, algumas vezes, punição para os culpados.
>
> (KARDEC, 2001, p. 212).

Ainda podemos acrescentar essa outra fala de Kardec, constante da *Revista Espírita 1859*:

> O instante em que um deles vê cessar sua escravidão, pela ruptura dos laços que o retêm ao corpo, é um instante solene; **em sua reentrada no mundo dos Espíritos, é acolhido por seus amigos**, que vêm recebê-lo como no retorno de uma penosa viagem; se a travessia foi feliz, quer dizer, se o tempo de exílio foi empregado de modo proveitoso, por ele, e o eleva na hierarquia do mundo dos Espíritos, felicitam-no; **aí reencontra àqueles que conheceu, mistura-se àqueles que o amam e simpatizam com ele**, e então começa, verdadeiramente, para ele, sua nova existência. (KARDEC, 1859e, p. 87, grifo nosso).

Certamente, que os laços de amor, que nos unem a parentes e amigos, continuam no "além da vida".

b) "*Morreu também o rico e foi sepultado".*

Considerando que tanto os bons quanto os maus morrem, isso nos leva a concluir que a morte não pode ser vista, pela ótica em que geralmente se acredita, como sendo um castigo de Deus à humanidade por conta do "original" pecado de Adão e Eva, até mesmo porque os animais, que nada têm a ver com essa história, também morrem. A morte, portanto, é uma lei natural, sob a qual todos os seres vivos estão sujeitos, sem exceção alguma.

Diferente do que aconteceu com Lázaro, o rico não teve merecimento para ser recebido pelos anjos (espíritos) e nem o de ser levado ao encontro de parentes que o antecederam à morte. Certamente, que aqui vale esta assertiva de Jesus: "*a cada um segundo suas obras*" (Mt 16,27).

c) "*Na mansão dos mortos, em meio a tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro em seu seio".*

Algo bem interessante encontramos aqui. Trata-se de perceber que, naquela época de Jesus, acreditava-se em "mansão dos mortos" e não em "céu e inferno", como às vezes nos querem fazer crer alguns teólogos.

E, segundo essa crença, para lá iam todos os espíritos desencarnados, fossem eles bons ou maus.

Observe, caro leitor, que o texto está afirmando que o rico viu ao longe Abraão e Lázaro, fato que prova estarem ambos no mesmo local, ou melhor, na mesma região espiritual.

Bart D. Ehrmann (1955-), Ph.D em teologia pela Universidade de Princeton e professor de estudos religiosos na Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, considerado um dos maiores especialistas em Novo Testamento da atualidade, dá-nos notícias dessa crença:

> […] O que surge é **a crença em céu e inferno, uma crença não encontrada nos ensinamentos de Jesus ou Paulo, mas inventada tempos depo**is por cristãos que se deram conta de que o Reino de Deus nunca seria implantado nesta Terra. Essa crença se tornou um ensinamento básico cristão, o mundo sem-fim. (EHRMAN, 2010, p. 286, grifo nosso).

Essa informação, vem corroborar o que dissemos.

Para nós, os espíritas, ambos estariam, certamente, no Umbral, região espiritual que circunda a Terra, como se fosse um campo de força, no qual se encontram retidos todos os espíritos, que ainda estão vinculados ao grau evolutivo que ela comporta, condição que não lhes permite irem para outros mundos. Assim, permanecem vinculados a ela, onde passarão por novas experiências em novas reencarnações, até conquistarem o grau de evolução máximo que se pode nela alcançar.

Para explicar como é possível os bons e os maus conviverem, ao mesmo tempo, no Umbral, trazemos a seguinte questão de *O Livro dos Espíritos*:

> 278. *Os Espíritos das diferentes ordens estão misturados uns com os outros?*
>
> "Sim e não; quer dizer: eles se veem, mas se distinguem uns dos outros. Eles se evitam ou se aproximam, segundo a analogia ou a antipatia de seus sentimentos, tal como acontece entre vós. *É todo um mundo, do qual o vosso é pálido reflexo*. Os da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias, unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam: os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e pela necessidade de se acharem entre seres semelhantes a eles."
>
> Kardec: Tal uma grande cidade onde os homens de todas as classes e de todas as condições se veem e se encontram, sem se confundirem; onde as sociedades se formam pela analogia dos gostos; onde o vício e a virtude convivem lado a lado sem se falarem.
>
> (KARDEC, 2006, p. 217).

Com essas explicações fica mais fácil o entendimento dessa situação.

d) "*E além do mais, entre nós e vós existe um grande abismo, a fim de que aqueles que quiserem passar daqui para junto de vós não o possam, nem tampouco atravessem de lá até nós'".*

Podemos interpretar esse "grande abismo" de duas maneiras: a primeira, é em relação à evolução espiritual de cada um e a segunda diz respeito à vibração que cada espírito emite. No primeiro caso, somente através da reencarnação é que um espírito pode atingir a evolução espiritual de um outro, momento em que ambos passarão a estar no mesmo nível. Quanto à questão vibracional, sabe-se que os bons podem ir a qualquer lugar, enquanto que os maus ficarão restritos a certos lugares. Vejamos:

> 279. *Todos os Espíritos têm livre acesso a qualquer região?*
>
> "Os bons vão a toda parte, e assim deve ser, para que possam exercer sua influência sobre os maus. Mas as regiões habitadas pelos bons são interditadas aos Espíritos imperfeitos, a fim de não as perturbarem com suas paixões inferiores."
>
> (KARDEC, 2006, p. 217).

Então, por esse prisma, a faixa da dimensão espiritual da mansão dos mortos, onde se

encontrava Lázaro, era interditada ao rico.

> e) "*Ele replicou: 'Pai, eu te suplico, envia então Lázaro até à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos; que leve a eles seu testemunho, para que não venham eles também para este lugar de tormento'".*

Nesse trecho, encontramos duas coisas; uma delas diz respeito à crença de que os mortos podem se comunicar com o vivos, razão do pedido do rico; a outra nos remete ao fato de que os "mortos" não deixam de se preocuparem com os vivos. Isso pode ser confirmado com essa transcrição da obra *O que é o Espiritismo*:

> 151. *Conserva a alma as afeições que tinha na vida terrena?*
>
> Guarda todas as afeições morais e só esquece as materiais, que já não são de sua essência; por isso veem satisfeita ver os parentes e amigos e sentem-se feliz com a lembrança deles. […].
>
> (KARDEC, 2001, p. 211).

Assim, se se romperem os laços de amor, que temos para com os parentes e amigos, não há sentido algum em ter vida após a morte.

E não podemos deixar de observar que o rico, ainda que desumano em relação às necessidades materiais do pobre, preocupou-se com seus seus cinco irmãos, não queira que eles fosse para o lugar onde se encontrava. O amor é algo que existe no imo de todos nós, ainda que, por egoísmo, só o dediquemos aos parentes próximos.

> f) *"Abraão, porém, respondeu: 'Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam'. Disse ele: 'Não, pai Abraão, mas se alguém dentre os mortos for procurá-los, eles se arrependerão'. Mas Abraão lhe disse: 'Se não escutam nem a Moisés nem aos Profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão"*".

Interessante é que Abraão não disse que não havia possibilidade de Lázaro avisar aos irmãos do rico, o que comprovaria não existir a comunicação entre os vivos e os mortos. Em sua resposta, ele, na verdade, afirma da inutilidade de tal coisa, pois como os irmãos do rico não ouviam os vivos, no caso, Moisés e os profetas, muito menos ouviriam os mortos. Fato incontestável é que isso, inclusive, acontece até nos dias de hoje, onde se vê uma grande maioria de crentes que não acredita no que os espíritos dizem, provando, portanto, que Abraão estava coberto de razão.

A profecia sobre a volta de Elias se realizou?

Descobrindo-se se Elias voltou ou não, podemos auferir se o profeta Malaquias falou em nome de Deus, ou se estava "viajando na maionese". No primeiro caso, não fere a "inerrância da Bíblia", ao gosto dos protestantes; no segundo, joga-se isso por terra.

Há ainda a grande possibilidade de que as interpretações dadas pela liderança religiosa visem apenas manter os dogmas estabelecidos, os quais, em sua maioria, não tem nenhum respaldo bíblico, portanto, a rigor, não podem ser classificadas como "a palavra de Deus".

Então, vamos consultar a Bíblia para ver se nela encontramos algo para responder à pergunta proposta no título. Os textos, quando não informado, serão tomados da Bíblia Sagrada Pastoral.

Como esse assunto está relacionado a reencarnação, devemos ver primeiro se os judeus acreditavam nela, uma vez que isso é de suma importância para o assunto em foco.

Entre as classes sociais dos judeus havia a dos fariseus. Vejamos o que o teólogo Carlos T. Pastorino (1910-1980), ex-sacerdote formado em Teologia e Filosofia, por um Seminário Católico em Roma, catedrático em grego, hebraico e latim, nos informa deles:

> FARISEUS - O que sabemos deles é tirado de Josefo (Bell. Jud. 2, 8, 14; e Ant. Jud. 13, 5. 9 e 13, 10, 5-6: 17, 2, 4 e 18, 1, 2 e 4), e da Mishna (cfr. Schtirer Gestichte des Jüdischen Volkes, 2, págs. 384-388, Leipzig, 1898, onde estão os textos da Mishna).
>
> Na época de Jesus eram cerca de seis mil. Seu nome primitivo parece ter sido *hassidim* (os piedosos), mas entre si se tratavam como *haberim* (os companheiros). Os adversários os chamavam depreciativamente "fariseus" (*pherusin*) que significa "os separados". Tratava-se da separação das coisas e pessoas "impuras" (ou seja, dos pagãos e dos judeus infiéis, que não davam muita importância às observâncias legais).
>
> Além de obedecer rigorosamente à Torah, seguiam à risca a Mishna (tradição selecionada pelos escribas, compreendendo tanto a tradição jurídica (halacha) quanto à histórica (hagada).
>
> Quanto às crenças acreditavam:
>
> a) na sobrevivência dos espíritos após a morte, tanto dos bons quanto dos maus;
>
> b) **na ressurreição (ou seja, na reencarnação) dos justos, segundo as ideias de Platão; mas só os bons reencarnavam em novos corpos**, conforme lemos em Josefo (Bell. Jud., 2, 8, 14) que era fariseu: "as almas são imortais; as almas dos justos passam, depois desta vida, *em outros corpos*, e as dos maus sofrem tormentos que duram sempre".
>
> c) no livre arbítrio, embora não total, mas limitado pelo .destino. em certos pontos.
>
> A separação, levada ao exagero, tornou os fariseus um grupo antipatizado. Além disso, tendo perdido a sinceridade inicial e cedendo às fraquezas humanas levavam a observância às coisas externas, muito atentos a que fossem vistos e aplaudidos pelos homens. Daí terem passado à história como protótipos dos que dão valor apenas às exterioridades, sem nenhum aprofundamento, e como sinônimo de hipócritas (a palavra hipócrita significa literalmente .ator., ou seja, aquele que representa uma peça de teatro "escondido" (crites) "debaixo" (hipo) de uma personalidade diferente da sua personalidade real). […] (PASTORINO, 1964, vol. 1, p. 100-101, grifo nosso).

Vejamos, agora, o historiador hebreu Flávio Josefo (37-103 d.C.), que, descrevendo a maneira de viver dos fariseus, coloca:

> [...] Eles julgam que as almas são imortais, que são julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas segundo foram neste, viciosas ou virtuosas; que **umas são eternamente retidas prisioneiras** nessa outra vida **e que outras voltam a esta**. [...] (JOSEFO, 2003, p. 416, grifo nosso).

E quando alguns soldados, que foram derrotados na guerra dos judeus contra os romanos, estavam pensando em suicidarem-se, Josefo disse-lhes:

> [...] Não sabeis que Ele difunde suas bênçãos sobre a posteridade daqueles, que depois de ter chamado para junto de si, entregam em suas mãos, a vida, que, segundo as leis da natureza. Ele lhes deu e que suas **almas voam puras para o céu, para lá viverem felizes e voltar, no correr dos séculos, animar corpos que sejam puros** como elas (*) e que ao invés, as almas dos ímpios, que por loucura criminosa dão a morte a si mesmos são precipitados nas trevas do inferno; […]
>
> _____
>
> (*) **Parece, segundo estas palavras, que Josefo acreditava na metempsicose**.
>
> (JOSEFO, 2003, p. 600, grifo nosso).

Então, podemos dizer que, de uma certa forma, os fariseus acreditavam que algumas almas voltam a esta vida; portanto, é exatamente o que acreditamos que acontece com a reencarnação, que significa voltar à carne novamente, renascer. Certamente que nos textos de Josefo não foi dito que essa volta aconteceria mais vezes, bem como algo a acontecer, quando do juízo final, conforme acredita-se que irá se realizar no final dos tempos.

Entretanto, podemos interpretar que são várias as vezes que a alma do justo voltará. Veja bem, caro leitor, a ideia que faziam era que o prêmio das almas dos justos era viver na terra, a dos viciosos ficavam eternamente prisioneiras no outro mundo. Então uma alma do justo voltando a viver na terra, terá, necessariamente, que morrer de novo, então volta novamente para o "outro mundo" na mesma condição de justo e imortal. Mas os justos não merecem voltar a esta vida? Então, a conclusão lógica é que eles, os justos, voltarão mais uma vez a viver na terra, o que acabará se tornando um círculo vicioso, indo e voltando, do qual não se sairá, justamente pelo motivo de acharem que a alma imortal para gozar a vida era preciso viver na terra. Assim, poder-se-ia, no máximo, alegar que a crença deles na reencarnação não é como nós, os espíritas, cremos, com o que concordaremos.

A nota de rodapé "Parece, segundo estas palavras, que Josefo acreditava na metempsicose", colocada pelo Padre Vicente Pedrosa, tradutor da obra *História dos Hebreus*, nos dá a impressão de que, embora tenha dito "parece", na verdade, ele não tinha dúvida alguma sobre o que pensava Josefo, apenas com isso quer levar os seus leitores a não aceitarem que àquela época se acreditava na reencarnação. Ademais, julgamos que ele foi muito além dos fatos, pois, pelo texto de Josefo, o máximo que se poderia concluir é que ele acreditava na reencarnação e não na metempsicose, que admite que um espírito humano reencarne no corpo de um animal, o que é inaceitável pelos reencarnacionistas.

Vejamos, agora, algumas passagens bíblicas, que podem ajudar-nos na questão:

> Mt 16,13-14: *"Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?" Eles responderam: "Alguns dizem que é João Batista; outros, que é Elias; outros ainda, que é Jeremias, ou algum dos profetas".*
>
> Lc 9,7-9: *"O governador Herodes ouviu falar de tudo o que estava acontecendo, e ficou sem saber o que pensar, porque alguns diziam que João Batista tinha ressuscitado dos mortos; outros diziam que Elias tinha aparecido; outros ainda, que um dos antigos profetas tinha ressuscitado. Então Herodes disse: 'Eu mandei degolar João. Quem é esse homem, sobre quem ouço falar essas coisas?' E queria ver Jesus".*

Veja bem, caro leitor, se pensavam que Jesus poderia ser João Batista, Elias, Jeremias ou até mesmo um dos profetas antigos ressuscitado, não há como não entender que a ideia aqui do vocábulo ressuscitar é de alguém voltando em uma nova vida; portanto, isso é exatamente o que se entende por reencarnação, por mais que se negue o fato. Dessa forma, era crença comum que, se não todo mundo, pelo menos os profetas, poderiam voltar a ter

uma nova vida. A inclusão de João Bastita entre eles, prova que não entendiam bem desse assunto, porquanto, sendo ele contemporâneo de Jesus, jamais o Mestre poderia ter sido ele em nova encarnação.

O fato interessante, em relação ao primeiro passo acima, é que Jesus absolutamente não contestou o que eles estavam pensando. Se ninguém poderia voltar em uma nova vida, então foi lamentável que Jesus tenha perdido essa ótima oportunidade de corrigi-los, o que reputamos da maior gravidade. Como não o fez, concluímos, portanto, que, tacitamente, Jesus aprova o que pensavam. A não ser que queiramos vê-lo como um Mestre relapso, que, propositadamente, não corrigiu seus discípulos, quando estes demonstraram-lhe estar errados sobre um assunto.

> Lc 9,19: "*Eles responderam: 'Alguns dizem que tu és João Batista; outros, que és Elias; mas outros acham que* ***tu és algum dos antigos profetas que ressuscitou***'".

Na expressão "*tu és algum dos antigos profetas que ressuscitou*" entendemos que o verbo "ressuscitar", tem, nitidamente, aqui o conceito de "voltar à vida" e, no contexto, num outro corpo, que não é outra coisa senão o que entendemos por reencarnar. Reforçamos: se Jesus, segundo suspeitavam, poderia ser qualquer um dos antigos profetas, isso só seria possível acontecer, ainda que seja por uma só vez, pela reencarnação, porquanto todos eles já estavam mortos; viviam, portanto, na condição de espíritos.

Russell Norman Champlin (1933-), teólogo norte-americano, de origem Batista[1], em análise do passo Mt 16,14 (= Lc 9,19), afirmou:

> *"Uns dizem: João Batista".* Mat. 14:1 demonstra que Herodes adotou essa teoria: "Este é João Batista; ele ressuscitou dos mortos". Provavelmente, então, alguns dos herodianos também pensavam assim. Essa ideia circulava entre o povo. **Dificilmente podemos crer que muitos pensavam que João Batista ressuscitara dos mortos, porque a maioria sabia que Jesus e João foram contemporâneos**. Tal teoria, portanto, **reflete a doutrina da *transmigração* da alma**. É óbvio que **essa crença exercia influência nas escolas dos fariseus**, e, ainda que nunca tivesse sido totalmente aceita por todo o povo, muitos indivíduos **(provavelmente a maioria) aceitavam-na como verdadeira**. Conforme tais ideias se tinham desenvolvido nas escolas dos fariseus, dizia-se que ainda viviam as almas dos grandes profetas, e que em tempo oportuno, em momentos de grande necessidade, como alguma crise nacional, etc., tais almas **poderiam tomar corpo novamente**. No caso de João Batista, não podemos afirmar que essa crença refletisse a ideia da "reencarnação", mas deve ser interpretada como "transmigração" ou "possessão". **Porém, uma vez admitida a ideia que Jesus era Elias, Jeremias, ou outro personagem do passado, então se pode afirmar que essa crença era idêntica à "reencarnação". O termo "transmigração" é usado por muitas vezes como sinônimo de "reencarnação".** A identificação de Jesus com João Batista, pelo menos, poderia preservar a identificação de Jesus com a esperança messiânica, porque **era crença geral, entre o povo, que João era Elias reencarnado**, e Elias seria o precursor do Messias. Mas pode-se afirmar, à base dessa ideia, que tais pessoas não aceitavam que Jesus fosse o Messias. (CHAMPLIN, 2005, p. 443, grifo nosso).

Eis aí um teólogo batista dando-nos a informação de que a reencarnação "ainda que nunca tivesse sido totalmente aceita por todo o povo, muitos indivíduos (provavelmente a maioria) aceitavam-na como verdadeira." É certo, que, para eles, a reencarnação consistia em ressuscitar em outro corpo. Ademais, também confirma-se que acreditavam que João era Elias reencarnado; justamente o que nós estamos afirmando, baseando-nos nos textos bíblicos; no entanto, ainda somos contestados pelos dogmáticos antirrencarnacionistas.

> Jo 9,1-3: "*E passando Jesus, viu um homem* ***cego de nascença****. Perguntaram-lhe os seus discípulos: Rabi,* ***quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego****? Respondeu Jesus: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi para que nele se manifestem as obras de Deus*".

---

1 Fonte: http://hagnos.com.br/autor.php?id=413, acesso em 05.04.2011, às 08:12hs.

Mas que interessante: quando é que um cego de nascença pode pecar, se não se acredita em, pelo menos, uma vida pretérita? A pergunta sobre quem pecou se foi ele ou seus pais, nos induz à possibilidade de, também, crerem na lei de causa e efeito, o que vulgarmente se denomina de carma. Porém, neste caso, Jesus disse que não, que ele veio para "*que se manifestem as obras de Deus*", ou seja, tinha uma missão, que será percebida ao se ler o passo até o final do capítulo: sua espinhosa missão era dar a Jesus a oportunidade de abrir os olhos dos fariseus, cegados pelo fanatismo religioso. Infelizmente, cegos desse tipo os vemos até nos dias de hoje.

Carma seria a lei dita por Jesus ao homem doente, havia trinta e oito anos, que curara e, ao encontrá-lo no templo, disse-lhe: "*Olha, já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior*" (Jo 5,14), estabelecendo, inapelavelmente, a ocorrência de sua doença como consequência do pecado que cometera. Também a vemos nestes passos: "*os que cultivam injustiça e semeiam miséria, são esses que as colhem*" (Jó 4,8), "*a cada um segundo suas obras*" (Mt 16,27), "*todos que usam a espada, pela espada morrerão*" (Mt 26,52) "*quem comete o pecado, é escravo do pecado*" (Jo 8,34), "*quem semeia com mesquinhez, com mesquinhez há de colher; quem semeia com generosidade, com generosidade há de colhe*r" (2Cor 9,6) e "*tudo o que o homem semear, isso também ceifará*" (Gl 6,7).

Se em uma vida não der para se cumprir a lei de causa e efeito, como temos a impressão de que, muitas vezes, isso não é o que acontece à nossa volta, então, ela estender-se-á a outras vidas, porquanto o espírito infrator, apesar de vivenciar várias experiências na carne, é o mesmo e não um outro. Assim, como acreditamos ser o espírito imortal, somos levados a admitir que o reflexo dessa lei irá atingi-lo; será metido na "prisão" (corpo físico), "*de onde não sairá, enquanto não pagar até o último centavo*" (Mt 5,26).

Vejamos a opinião de Champlin, a respeito desse assunto, quando de sua análise do passo Jo 9,2: "*Perguntaram-lhe os seus discípulos: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego*?":

> Era crença comum, entre os judeus, que os méritos e os deméritos dos pais se refletiam em seus filhos, e que até mesmo os *pensamentos da mãe* podiam afetar o estado moral de seus filhos ainda não nascidos. A apostasia manifestada por certo rabino, muito conhecido, foi atribuída, segundo a crendice popular, ao deleite pecaminoso de sua progenitora, que ela teria experimentado quando passava por determinado bosque idólatra. O ensinamento rabínico enfatizava as advertências do A. T. que os pecados dos pais têm efeitos em seus descendentes. (Exemplos dessas advertências temos em Êxo. 20:5; 34:7; Núm. 14:18 e Deut. 5:9). Os livros apócrifos do A.T. também contam com passagens dessa natureza. Por exemplo, o livro de Sabedoria de Salomão 4:6, que diz:
>
> *Pois filhos ilegalmente gerados são testemunhas da iniquidade,*
> *Contra os seus pais, quando Deus os sonda.*
>
> E a passagem de Eclesiástico 41:5-7 diz:
>
> *Os filhos dos pecadores são filhos abomináveis,*
> *E frequentam as habitações dos ímpios;*
> *A herança dos filhos de um pecador perecerá,*
> *E a posteridade dele será um opróbrio perpétuo.*
> *Os filhos se queixam de um pai ímpio,*
> *Porque serão repreendidos por causa dele.*
>
> Acerca de como aquele homem poderia ter pecado pessoalmente, tendo provocado a sua própria cegueira desde o nascimento, existem três possibilidades, a saber:
>
> 1. Havia nos tempos antigos a crença de que uma criança podia pecar quando *ainda estava no ventre* de sua mãe. (Ver declarações nesse sentido nos Targuns e no Talmude, *Strack and Billerbeck, II*, págs. 527-529). Os rabinos aludiam ao trecho de Gên. 25:22 (a luta entre Jacó e Esaú, no ventre materno), como sugestão sobre essa possibilidade.
>
> 2. Que *nos conselhos de Deus* o cego de nascença estava destinado a ser um pecador, ou pelo menos que foi previsto que assim sucederia a ele; e que o castigo que lhe era devido lhe fora aplicado desde o nascimento. Embora alguns bons intérpretes tenham advogado essa posição e outros acreditem que isso pode ser verdade em muitos casos, parece não haver qualquer probabilidade

> dessa circunstância neste caso. (Aqueles que defendem essa posição salientam passagens como Rom. 9:13,15-18).
>
> 3. **Que o cego de nascença já tivera *outra existência terrena,* na qual cometera algum grande pecado**; e por isso, ao reencarnar-se, teve de pagar pelo seu pecado ou pecados, mediante a sua cegueira desde o nascimento. Essa doutrina é denominada *karma* (palavra derivada do termo sânscrito que *significa feito* ou *ação),* a qual ensina que os homens atravessam diversas encarnações, e que esta vida consiste essencialmente no pagamento de dívidas atrasadas, por causa de erros em vidas passadas, ou do recebimento de benefícios, pelas bondades feitas em vidas de encarnações passadas. O alvo é alcançar finalmente certo estágio de perfeição, onde o indivíduo *pode sair* desse círculo vicioso, entrando em uma esfera superior, onde o desenvolvimento pode ter continuação, embora em nível mais elevado. Deus seria o alvo dessa perfeição. **Essa doutrina era ensinada nas escolas dos israelitas (incluindo os seminários dos fariseus). Até mesmo os essênios (a qual grupo João Batista teria talvez pertencido; ver Luc. 1:80 e Mat. 3:1) ensinavam essa doutrina**, e também os judeus *cabalísticos (*os que interpretavam mística e simbolicamente os escritos do A.T.; a palavra vem do termo hebraico "cabala", que significa *lenda, doutrina mística).* **Que essa doutrina havia penetrado fundo na sociedade judaica fica demonstrado pelo fato de que quando falavam sobre as identidades de João Batista e de Jesus, houve declarações no sentido que poderiam ter sido Elias, Jeremias ou algum dos antigos profetas; e isso implica, definidamente, na crença na reencarnação**. Essa crença é estranha para nossos ouvidos ocidentais; porém é extremamente comum, predominando nas religiões orientais, e nada é mais comum do que esse conceito no oriente. (Quanto a outras notas sobre essa doutrina, ver João 1:20).
>
> Uma parte da razão por que essa crença veio a ser tão generalizada talvez seja a propagação das *ideias de Platão* e do *neoplatonismo,* conceitos esses que penetraram no judaísmo através de Filo e de outros filósofos judeus de Alexandria. Filo defendia a preexistência das almas e ensinava a reencarnação. (Ver "*Sobre os Gigantes",* III.12:15). A passagem de Sabedoria de Salomão 8:19,20 parece dar apoio a essa ideia em seus aspectos mais gerais.
>
> **Que uma crença mais ou menos definida na transmigração das almas era comum entre os judeus, ao tempo do ministério de nosso Senhor, se torna provável mediante as referências que há nos escritos de Filo e de Josefo**. Sabemos que essa era uma doutrina dos essênios e da cabala; e a encontramos nas palavras quase contemporâneas de Sabedoria de Salomão:
>
> > ***"Sim, mas sendo bom, vim em um corpo imaculado"* (8:20). (Ellicott, *in loc.).***
>
> Também sabemos que, de maneira limitada, alguns dos pais da igreja, como Orígenes, Justino Mártir e Clemente, eram defensores dessa doutrina (e alguns dizem que até mesmo Agostinho a advogava; mas as citações extraídas de seus escritos são duvidosas nesse particular). **Parece melhor, portanto, supormos que essa questão - "... quem pecou, este ou seus pais...?" - teve como alicerce a generalizada doutrina da reencarnação**. (Quanto a uma citação extraída de Josefo, que informa que os fariseus abraçavam a ideia da reencarnação, ver *Guerras dos Judeus*, I, 2, cap. 8, sec. 14. Quanto ao título rabino, ver as notas em João 1:38). (CHAMPLIN, 2005b, p. 423-424, grifo nosso).

Três coisas importantes podemos tirar de Champlin: 1ª) fala do karma; 2ª) confirma Josefo sobre a crença dos fariseus; e 3ª) conclui que o passo "teve como alicerce a generalizada doutrina da reencarnação".

E temos ainda as opiniões de Champlin e Bentes, que trazem dados importantes:

> O ensino da **reencarnação** é amado, detestado; favorecido, temido. Sempre era e é uma coluna dogmática das religiões orientais; **foi ensinada nas escolas dos fariseus e essênios, e entre os judeus místicos da Cabala**. (CHAMPLIN e BENTES, vol. 5, 1995c, p. 583, grifo nosso).

Transcrevemos desses dois autores o seguinte:

c. A reencarnação no pensamento hebreu

É perfeitamente possível que aquela indagação feita por Jó: "*Morrendo o homem, porventura tornará a viver?*" (Jó 14:14), tenha sido uma especulação quanto à possibilidade da reencarnação. Não encontramos provas quanto a essa hipótese, entretanto. **Mas os escritores místicos da Cabala dos judeus ensinavam claramente o conceito da reencarnação**. A palavra «Cabala» significa "receber", e se refere à tradição mística. É obscura a origem desse sistema. Porém, encontram-se evidências sobre temas cabalísticos, tanto na teosofia especulativa quanto na taumaturgia prática, na literatura apócrifa e apocalíptica dos hebreus, evidências essas abundantes na *literatura talmúdica e midráshica*. O desenvolvimento dos escritos cabalísticos prolongou-se por certo número de séculos. Ao longo do processo, foram sendo incorporados elementos provenientes do gnosticismo, do neoplatonismo e do neopitagoreanismo (e, quiçá, do zoroastrismo e do autismo). De 550 a 1000 D.C., a Cabala passou por um desenvolvimento sistemático.[...]

Antes do desenvolvimento formal da *Cabala*, o judaísmo passou a contar com alguns elementos que foram os proponentes da ideia da reencarnação. **Josefo revela-nos claramente que as escolas dos fariseus, em seus dias, ensinavam tal doutrina. Os teólogos-filósofos judeus diretamente influenciados pelo platonismo, como *Filo* (30 A.C. - 50 D.C.) faziam da reencarnação uma parte importante dos seus sistemas**. É provável que o neoplatonismo tenha exercido influência sobre os fariseus da época de Jesus, bem como sobre o desenvolvimento dos escritos cabalísticos, pelo menos até certo ponto. Deveríamos acrescentar, entretanto, que, excetuando o caso dos estudiosos da Cabala, o conceito da reencarnação nunca produziu qualquer efeito duradouro sobre o pensamento judaico.

d. A reencarnação no pensamento cristão

Nas páginas do Novo Testamento existem diversas referências que quase ce**rtamente refletem a crença na reencarnação, por parte dos judeus, nos dias de Jesus, bem como por parte de certos primitivos cristãos**. Essa ideia, entretanto, não penetrou no sistema como um dogma. (Informação sobre a reencarnação, artigos das enciclopédias, *Britannica, Americana e Encyclopedia of Religion*, Vergilius Ferm, editor).

Consideremos algumas referências bíblicas:

1. *Mateus* 16:13,14: "*Indo Jesus para as bandas de Cesareia de Filipe, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do homem? E eles responderam: Uns dizem: João Batista; outros, Elias; e outros: Jeremias, ou algum dos profetas*".

Ora, se Jesus tivesse de ser um dos antigos profetas hebreus, teria de ter reencarnado. Fazia parte da doutrina judaica comum daquela época que os grandes profetas da antiguidade teriam de cumprir mais de uma missão sobre a terra, e esperava-se que voltassem a este mundo não somente Elias, mas também Jeremias. Uma figura tão poderosa quanto Jesus, por conseguinte, bem poderia ser identificada com algum profeta antigo, na mente popular. O comentador bíblico, Aclam Clarke, diz a respeito desses versículos:

> "...**a doutrina farisaica da metempsicose, ou transmigração das almas, era bastante generalizada, porque era com base na mesma que eles acreditavam que a alma de Batista, ou de Elias, Jeremias, ou de algum dos outros profetas, retornara à vida, no corpo de Jesus**".

Jesus não aprovou e não negou essa doutrina, nessa oportunidade, apesar de não haver aceito qualquer das identificações propostas quanto à sua pessoa. **A doutrina farisaica não limitava a reencarnação a alguns poucos indivíduos seletos, mas encontrava lugar para inúmeros renascimentos, dentro do seu sistema**.

2. *João* 9:1-3: "*Caminhando Jesus, viu um homem cego de nascença.. E os seus discípulos perguntaram. Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Respondeu Jesus: Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus*".

A despeito do fato de que havia uma esquisita noção judaica, segundo a qual julgava-se que um homem podia pecar; mesmo enquanto ainda estivesse no ventre de sua mãe, antes de seu nascimento físico, **não é muito provável que os discípulos de Jesus tivessem em mente tal ideia**, quando indagaram por que razão aquele homem já nascera cego. Mas **interrogavam a Jesus a respeito do *karma*, pois parece que eles compartilhavam dos pontos de**

> **vista farisaicos a respeito da reencarnação**. A resposta dada por Jesus, por sua vez, nem confirmou e nem negou essa possibilidade, mas meramente eliminou-a no tocante a esse incidente particular. Entretanto, é teologicamente significativo que aqueles que escreveram os primeiros documentos cristãos, sem importar se acreditavam ou não na ideia da reencarnação, por essa altura da vida de Jesus, não incorporaram o conceito no sistema soteriológico do Novo Testamento, quando do registro de seus livros.
>
> **Adam Clarke, ao comentar** sobre o trecho de João 9:1-3, apresenta uma nota elaborada a respeito da reencarnação, conforme ela é concebida dentro de várias culturas. **Ele exprime a convicção de que essa era a ideia que rebrilhava por detrás daquela indagação dos discípulos. E cita Josefo (*Ant*. b.XVIII. c.1, s.3; e *Guerras dos Judeus*, b.II, c.8, s. 14), onde aquele autor judeu forneceu-nos alguns detalhes sobre os ensinos dos fariseus a respeito da ideia**. Clarke dá a entender que o ensinamento deles era que as almas más descem diretamente para o inferno, mas que as almas boas recebem a permissão de se reencarnarem, a fim de pagarem dívidas e progredirem. Seria uma espécie de "recompensa", pois ofereceria uma oportunidade renovada. Com efeito, a alma relativamente boa poderia voltar a este mundo, o qual, para ela, tornar-se-ia uma espécie de purgatório, onde ela daria solução para problemas anteriores.
>
> A discussão exposta por Clarke também é interessante quanto a outros particulares. **Ele mostra como os antigos, incluindo os rabinos judeus, supunham que pecados específicos, em vidas anteriores, provocam problemas específicos em vidas sucessivas, reencarnadas**. Assim é que as dores de cabeça seriam uma punição contra aqueles que, em um estado anterior da existência, tenham falado com irreverência acerca de seu pai ou de sua mãe; a cegueira seria infligida aos anteriores matricidas; e até mesmo as marcas no corpo eram consideradas indicações de algum pecado na alma. Essa crença também é comum entre alguns modernos advogados da ideia da reencarnação, tal como sugestão feita por Edgar Cayce, de que a tuberculose resultaria de uma exagerada atividade sexual em vida anterior. Certos estudos, feitos através de regressão hipnótica, têm resultado em idêntica conclusão. (CHAMPLIN e BENTES, vol. 5, 1995, p. 585-586, grifo nosso).

Para quem "tem olhos de ver" a reencarnação fazia parte da crença dos judeus, se não em todo o período de sua existência, pelo menos, próximo ao que Jesus viveu, é fato incontestável.

Sobre os cegos de nascença, vejamos esta notícia, transcrita do Portal dos Psicólogos[2]:

> **Imagens e a cores**
>
> **21 Janeiro 2003**
>
> Privados da imagem desde sempre, os cegos de nascença sonham... com imagens. Assim mesmo, à semelhança do que acontece com as pessoas que veem. A descoberta foi feita por um grupo de investigadores portugueses do Laboratório do Sono do Hospital de Santa Maria e é publicada hoje na revista internacional Cognitive Brain Research. Os resultados foram comprovados por estudos de electroencefalogramas (EEG), que mostram a activação do córtex visual nos invisuais durante os sonhos.
>
> A investigação abre a porta para uma nova abordagem destas questões. A pré-publicação online, na semana passada, e na mesma revista, de um resumo dos resultados já deu origem a pedidos de mais informação por parte de investigadores de outros países.
>
> Foi em 1998 que o jovem físico Hélder Bértolo se propôs responder a esta questão: será que os cegos de nascença têm activação do córtex visual? Não se sabia praticamente nada sobre o assunto, mas houve quem se risse e lhe chamasse utópico. A neurologista Teresa Paiva, que dirige o Laboratório do Sono no Hospital de Santa Maria, teve uma reacção diferente. Não só considerou a pergunta interessante como propôs que se utilizassem os sonhos como ferramenta de trabalho.
>
> FILOMENA NAVES
>
> (http://www.psicologia.com.pt/noticias/ver_noticia.php?codigo=NO00109,

2 http://www.psicologia.com.pt/noticias/ver_noticia.php?codigo=NO00109**, acesso em 10.04.2011.**

acesso em 10.04.2011).

Teoricamente, partindo da crença de uma só vida, os cegos de nascença não teriam nenhuma imagem arquivada na mente; por esse motivo os seus sonhos não deveriam ter imagens, mas como ficou demonstrado que têm na pesquisa de Hélber Bértolo. Entendemos haver duas explicações para isso: primeira, seria a possibilidade de terem sido retiradas do arquivo mental, que chamamos de memória integral, onde estariam arquivados todos os acontecimentos ocorridos ao longo da vida de um espírito, imagens essas cujas existência só se justificaria com a reencarnação para explicar o fato; a segunda, poderia ser a hipótese de que nos momentos de desdobramento de sua alma, o cego de nascença tenha relação com o mundo à sua volta e possa "ver" tudo tal qual se apresenta, ou seja, em cores, embora, na atual encarnação não possa identificar o azul do amarelo, por exemplo.

Entretanto, quando é um pintor cego de nascença[3], como é o caso do turco Esref Argaman, aí, sim, acreditamos tratar-se de aquisições de outras vidas.

Provas de que os judeus acreditavam na reencarnação, também podemos encontrar em Severino Celestino da Silva, autor do livro *Analisando as Traduções Bíblicas*, no qual apresenta, para comprovação disso, esta frase do Rabino Arieh Karplan: "Não é possível entender a Cabalá sem acreditar na eternidade da alma e suas reencarnações" (SILVA, 2001, p. 158).

Um pouco mais à frente, Severino Celestino cita a opinião do Rabino Shami Ende:

> Sobre a Reencarnação, apresentamos, aqui, para ilustrar, o depoimento do Rabino Shamai Ende, colaborador da Revista Judaica **"Chabad News"**, publicação de Dez. [1997] a Fev 1998. Vejamos o texto na íntegra: "**O conceito de Guilgul (Reencarnação) é originado no judaísmo, sendo que uma alma deve voltar várias vezes até cumprir todas as mitsvot(1) da Torá. Além disso, cada alma tem uma missão específica. Caso não tenha cumprido a sua, a alma deve retornar a este mundo para preencher tal lacuna. Somente pessoas especiais sabem exatamente qual é sua missão de vida.** [...]".
>
> (1) Mitsvot – plural de mitsvá que significa mandamento ou prática de boas obras – caridade.
>
> (SILVA, 2001, p. 161, grifo do original).

Vejamos agora o que o Rabino Philip S. Berg, em *Reencarnação as Rodas da Alma*, disse:

> A palavra hebraica para reencarnação é Guilgul Neshamot, que literalmente quer dizer 'roda da alma'. É para esta vasta roda metafísica, com sua coroa constelada de almas, como estrelas nas bordas de uma galáxia, que devemos dirigir nosso olhar, se desejamos ver além da aparência da inocência punida e da maldade recompensada. **Guilgul Neshamot é uma roda em constante movimento e, ao girar, as almas vêm e vão diversas vezes, num ciclo de nascimento, evolução e morte e novo nascimento**. A mesma evolução ocorre com o corpo no decorrer de uma única vida. Ocorre o nascimento, o crescimento das células, a paternidade e a morte – novos corpos produzidos pelos antigos, dando assim continuidade à forma física. É sempre um pai que concede sua semente para que haja continuidade, num processo sem fim. (BERG, 1998, p. 17-18, grifo nosso).

"A Cabala é o significado mais profundo e oculto da Torá, ou Bíblia", diz Berg, quando desenvolve o tema dentro da ótica cabalista, do qual transcrevemos:

> **Entre todos os que aceitam a doutrina da reencarnação, talvez os cabalistas** sejam os únicos que acreditam que uma alma pode retornar num nível inferior daquele que deixou em uma vida anterior. Efetivamente, se o peso

3 https://nequidnimis.wordpress.com/2009/09/22/pintor-cego-de-nascenca-impressiona-medicos-com-sua-abilidade-especial/, acesso em 10.04.2011, à 07:17hs.

> do *tikun* (correção) for suficientemente pesado, uma alma humana poderá se encontrar reencarnada no corpo de um animal, de uma planta ou até mesmo de uma pedra. (BERG, 1998, p. 29, grifo nosso)

A diferença está em que nós, espíritas, não admitimos a possibilidade de retrocesso, ou seja, uma alma humana não reencarnará nunca no corpo de um animal, ser que ainda não tem o pensamento de forma contínua, como nós os humanos.

Esperamos ter apresentado elementos suficientes para demonstrar a crença dos judeus na reencarnação, ainda que não a compreendessem totalmente e a estendesse a todo mundo. Sigamos em frente. Porém, não nos iludamos, haverá ainda os contestadores, com seus sofismas de sempre, porquanto não mudam de argumentos, que, quase sempre, são os mesmos já utilizados a "milhões de anos".

A profecia de sua volta

Iremos encontrá-la no profeta Malaquias, cujo livro, último do Antigo Testamento, refere-se, provavelmente, aos acontecimentos do período de 515 a 445 a.C. Está no seguinte passo:

> Ml 3,1: "*Vejam!* ***Estou mandando o meu mensageiro para preparar o caminho à minha frente****. De repente, vai chegar ao seu Templo o Senhor que vocês procuram, o mensageiro da Aliança que vocês desejam.* ***Olhem! Ele vem!*** *- diz Javé dos exércitos"*.

Aqui temos a profecia sobre o envio de um mensageiro, que viria para preparar o caminho do Messias, o que, segundo acreditavam, aconteceria no grande dia terrível do Senhor, ou seja, pensavam que nesta época é que Deus iria proceder o restabelecimento de Israel como seu "povo eleito" quando, como consequência, haveria o julgamento das nações que o escravizaram.

É no final desse livro que esse mensageiro é identificado.

> Ml 3,23-24: "*Vejam!* ***Eu mandarei a vocês o profeta Elias****, antes que venha o grandioso e terrível Dia de Javé. Ele há de* ***fazer que o coração dos pais voltem para os filhos e o coração dos filhos para os pais****; e assim, quando eu vier, não condenarei o país à destruição total*".

Essa identificação daquele que seria enviado como sendo o profeta Elias é importante, pois, caso contrário, seria fácil atribuir a qualquer um o cumprimento dessa profecia, especialmente, aqueles que gostam de "provar" que todas as profecias bíblicas foram cumpridas, para justificar a tal da "inerrância" da Bíblia. E mais: quando Deus diz que vai mandar o profeta, Ele não diz que vai mandar um profeta qualquer; ele identifica esse profeta, cujo nome Ele diz que é Elias. Ora, como Ele diz que é Elias, não podemos dizer ao contrário, sob pena de chamá-Lo de mentiroso, por ter prometido enviar Elias e ter mandado outro profeta, ainda que com a mesma função...

Também em Eclesiástico, livro atribuído a Jesus Ben Sirac, mestre em sabedoria em Jerusalém, há a confirmação da volta de Elias, que, ao falar desse profeta, afirma: *"Nas ameaças para os tempos futuros, você foi designado para apaziguar a ira antes do furor, a fim de reconduzir o coração dos pais até os filhos e restabelecer as tribos de Jacó*". (Eclo 48,10). E preste-se bem a atenção: "você [Elias] foi designado" e não um outro.

Encontramos essa curiosa explicação para o passo Ml 3,22-24, visando justificar a crença dos judeus para a volta de Elias:

> Depois do seu encontro com Deus no monte Horeb (1Rs 19,1-18), Elias desaparece de cena, arrebatado por Deus (2Rs 2,1-18). **Por isso a tradição judaica dos últimos séculos antes de Cristo esperava o seu retorno, como precursor da era messiânica** (Eclo 48,10s). Na cena da transfiguração Elias aparece ao lado de Moisés (Mt 17,1-18) para reforçar a voz que se faz ouvir no céu: "este é meu Filho muito amado, ouvi-o" (Mc 9,7). **Jesus nesta ocasião identifica o Elias que deveria vir com João Batista** (cf. Mc 9,9 e nota). (Bíblia Sagrada Vozes, p. 1172, grifo nosso).

Muito bem; o que não se faz para fugir da ideia da reencarnação?!... Seria a questão de se perguntar: por que os judeus, da mesma forma, não esperavam a volta de Henoc, pelo motivo dele, também, conforme se apreende dos textos bíblicos, ter sido arrebatado ao céu?... Muito estranho! Portanto, fica claro que a crença na volta de Elias nada tem a ver com o fato dele ter sido supostamente arrebatado.

O anúncio de sua próxima realização

Encontramos somente em Lucas o relato do anjo Gabriel dizendo a Zacarias, sobre o nascimento de um filho que deveria ser chamado de João, apesar de sua mulher ser estéril e ambos já velhos.

> Lc 1,11-19: "*Então apareceu a Zacarias um anjo do Senhor. Estava de pé, à direita do altar do incenso. Ao vê-lo, Zacarias ficou perturbado e cheio de medo. Mas o anjo disse: 'Não tenha medo, Zacarias! Deus ouviu o seu pedido, e a sua esposa Isabel vai ter um filho, e você lhe dará o nome de João. Você ficará alegre e feliz, e muita gente se alegrará com o nascimento do menino, porque ele vai ser grande diante do Senhor. Ele não beberá vinho, nem bebida fermentada e, desde o ventre materno, ficará cheio do Espírito Santo. Ele reconduzirá muitos do povo de Israel ao Senhor seu Deus. Caminhará à frente deles,* ***com o espírito e o poder de Elias****, a fim de c****onverter os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos****, preparando para o Senhor um povo bem disposto'. Então Zacarias perguntou ao anjo: 'Como vou saber se isso é verdade? Sou velho, e minha mulher é de idade avançada'. O anjo respondeu: 'Eu sou Gabriel. Estou sempre na presença de Deus, e ele me mandou dar esta boa notícia para você'*".

Na profecia de Malaquias (Ml 3,24) é dito que Elias iria "*fazer que o coração dos pais voltem para os filhos e o coração dos filhos para os pais*", exatamente aquilo que o anjo Gabriel prevê que o filho de Zacarias viria "*a fim de converter os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos"* (Lc 1,17b); há, portanto, uma relação direta entre a profecia de Malaquias e o personagem João, o filho de Zacarias.

Além disso, é dito que o menino João, que irá nascer, virá "*com o espírito e o poder de Elias*" (Lc 1,17a), o que em outras palavras, podemos dizer que era o próprio Elias, ou seja, o mesmo espírito que estava voltando em cumprimento da profecia; é, portanto, a confirmação desse cumprimento, pois, caso não fosse sobre ele, ter-se-ia dito algo assim: "**com o espírito e o poder de Deus**". Isso ficará ainda mais claro no passo do item que falará da identificação do profeta (Mt 11,7-15).

É bom esclarecer que as traduções bíblicas não são unânimes em usar a mesma expressão em Lc 1,17: a) "com o espírito": Pastoral, de Jerusalém, Mundo Novo, do Peregrino, Paulinas 1977, Paulinas 1980, Ave Maria, Paulinas 1957 e Santuário; b) "no espírito": Shedd, Barsa, SBTB, SBB, Vozes e Anotada.

O teólogo Pastorino, analisando o versículo 17, desse passo, deu a seguinte explicação:

> **No sentido literal, não há sofisma que permita escapar da conclusão de que João era a reencarnação de Elias**. Leiam-se os trechos nacionalistas (de) Van Hoonacker, em sua obra *LES Petis Prophètes*, página 741, escreve: "pela grandeza de sua missão, deveria tratar-se de qualquer maneira de uma nova encarnação do espírito e do poder de Elias"
>
> Mais ainda: a expressão grega ἐν πνεύματι καὶ δυνάμει ἡλίου, revela isso mesmo. O emprego da preposição en, com o sentido da preposição hebraica be ( ), que se encontra, por exemplo, em Marcos 5:2, quando diz "um homem NO espírito imundo", significando o reverso: "um espírito imundo NO homem", era comum. O jesuíta M. Zerwick (in "*Graecitas Biblica*", 4.ª edição, Roma, 1960, números 116 a 118) estuda a questão do EN grego com o sentido associativo ou de companhia, que será sempre melhor traduzir por "com", ao invés de por "em". Assim, segundo o estudioso jesuíta, é melhor dizer-se: "ele (João) iria diante do Senhor COM o espírito e poder de Elias". E isso confirma a tese da reencarnação de Elias na personalidade de João Batista, coisa que Jesus afirmará categoricamente, o que estudaremos a seu tempo. (PASTORINO, 1964, vol. 1, p. 34, grifo nosso).

Do autor citado por Pastorino, temos os seguintes dados: Albin-Augustin Van Hoonacker (1857-1933) foi um teólogo católico romano, professor da Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Leuven, membro da Academia Real da Bélgica e Cavaleiro da Ordem de Leopold. (Fonte: en.wikipedia.org/wiki/Albin_van_Hoonacker)

Na Bíblia Shedd, encontramos explicações interessantes para dois passos; uma delas fala de Elias e a outra de João Batista; vejamos:

> 1) Lc 1,17: *"Elias.* **Comparando-se João com Elias, vemos que não há outras duas pessoas com maior semelhança na Bíblia** (cf. Mt 11,14). (Bíblia Shedd, p. 1422, grifo nosso).
>
> 2) Mt 17,10-13 Os judeus estavam aguardando um segundo aparecimento de Elias antes da vinda do Messias (Ml 4,5), mas Jesus demonstrou que era João Batista o cumpridor dessa missão profética (aliás, **suas vestes e sua maneira de viver já apontavam para o caráter de um Elias**). (Bíblia Shedd, p. 1357, grifo nosso).

Identificando a semelhança entre a maneira de viver e a de caráter, só faltou completar dizendo que ambos eram o mesmo espírito, o que em outras palavras significa dizer que João Batista era Elias em nova encarnação.

Digno ainda de nota é o fato de que João Batista morreu degolado (Mt 14,9-10), cumprindo-se a inexorável lei divina, revelada por Jesus: "*todos os que usam a espada, pela espada morrerão*" (Mt 26,52), pois ele, quando viveu como Elias, havia degolado os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal (1Rs 18,22.25.40), divindade fenícia, que o rei Acab havia introduzido entre os israelitas. Popularmente, se diria: cumpriu-se o carma. É bom esclarecer, aos menos avisados, que isso não significa que ele tenha que morrer tantas vezes quanto a quantidade de pessoas que matou. Aliás, o carma só é fatal para quem não faz absolutamente nada para se ajustar à justiça divina; todos aqueles que agem no amor, fazendo ao próximo aquilo que querem para si, ganham méritos e, com isso, atenuam ou até mesmo extinguem o seu carma: "*O amor cobre multidão de pecados*" (Tg 5,2; 1Pe 4,8).

A crença na profecia sobre a volta de Elias

É importante confirmar que existia, entre o povo daquela época, a crença de que Elias iria voltar, conforme profetizou-se, pois ele antecederia ao Messias, que, sempre e mais do que tudo, esperavam vir. Eis duas passagens que provam isso:

> Mt 16,13-14: "*Jesus chegou à região de Cesareia de Filipe, e perguntou aos seus discípulos: '**Quem dizem os homens que é o Filho do Homem**?' Eles responderam: 'Alguns dizem que é João Batista; outros, **que é Elias**; outros ainda, que é Jeremias, ou algum dos profetas'*".
>
> Mt 17,10-11: "*Os discípulos de Jesus lhe perguntaram: '**O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes**?' Jesus respondeu: '**Elias vem para colocar tudo em ordem**'*".

No primeiro passo, vemos que o povo em geral, achava que Jesus poderia ser, entre outros, o profeta Elias; o motivo é pelo fato deles acreditarem firmemente que o tesbita iria voltar, porquanto havia uma profecia que dizia isso, o que, no segundo passo, é confirmada por Jesus. Ainda com relação a esse passo, temos a destacar uma coisa que passa despercebida para a maioria dos que o leem, que é a pergunta feita por Jesus a respeito *de "quem os homens achavam quem Ele era"*; ora, se Jesus não tivesse consciência de que eles, inclusive os apóstolos, acreditavam na reencarnação, não teria feito essa pergunta, já que, se assim não se a entender dessa forma, ela perderá o sentido de ter sido feita, dentro do texto e contexto do passo. Além disso, não podemos deixar de destacar que, dessa forma, Jesus está, mais uma vez, confirmando que Elias voltaria; se ele não tiver vindo, como os antirreencarnacionistas insistem em pensar, então, forçosamente, teremos que aceitar que Jesus não disse a verdade ao afirmar que "**Elias vem para colocar tudo em ordem**" (Mt 17,11). Preferimos não deixar Jesus nessa triste situação, acreditando no que ele está dizendo aqui, e, via de consequência, admitirmos que João Batista é Elias em nova encarnação, mesmo que isso venha a contrariar a interpretação tradicional dada pela liderança religiosa. Aliás, o

que vemos muito é exatamente isso, ou seja, apego exacerbado às interpretações tradicionais, que não deixa o fiel livre para buscar outras hipóteses, que não aquelas que lhes foram passadas pelos líderes, que, em sua grande maioria, jamais se preocuparam com a salvação de alguém; mas, antes, com seu próprio interesse no *status* de poder e em ter uma forma fácil de extorquir-lhes o dízimo.

Ademais não se poderá alegar, para "salvar-se a pátria", que Elias era esperado (de corpo e alma) porque foi levado para o "o céu" também de "corpo e alma"; isso porque da mesma forma, pensavam que Jesus poderia ser Jeremias ou algum dos profetas, e, a todos eles, aconteceu de não terem sido "arrebatados", ao contrário do que acreditavam ter acontecido a Elias, por conta de lenda que se espalhou sobre isso. Voltaremos à questão um pouco mais à frente.

A identificação do profeta que voltou

Vejamos o seguinte passo:

> Mt 11,7-15: *"Os discípulos de João partiram, e **Jesus começou a falar às multidões a respeito de João**: 'O que é que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? O que vocês foram ver? Um homem vestido com roupas finas? Mas aqueles que vestem roupas finas moram em palácios de reis. Então, o que é que vocês foram ver? Um profeta? Eu lhes afirmo que sim: alguém que é mais do que um profeta. **É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'**. Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele. **Desde os dias de João Batista até agora**, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo. De fato, todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. **E se vocês o quiserem aceitar, João é Elias que devia vir.** Quem tem ouvidos, ouça'"*.

A clareza com que Jesus afirma que "*É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; [...]*" (Mt 11,10) não deveria deixar margem a nenhuma dúvida ou a interpretações dogmáticas, e de conveniência, pois, aqui, ele estabeleceu uma relação direta de João com o cumprimento da profecia de Malaquias, sobre o envio do mensageiro (Ml 3,1), que está sendo identificado, pelo próprio Jesus, como sendo João Batista.

Por outro lado, sendo mais enfático, Jesus, em se referindo a João Batista, afirma: "*Ele mesmo é o Elias que estava para vir*", completando: "*Quem tem ouvidos, ouça*" (Mt 11,15), frase singular, pois, tivesse ele tratando de coisa comum, não haveria sentido em falar desse jeito; mas, como estava afirmando que João era a reencarnação de Elias, foi, usando outras palavras, preciso alertá-los: "quem quiser acreditar, que acredite", tão certo estava que os negadores da reencarnação apareceriam para contestá-lo, fato que vemos acontecer até hoje. Sobre o "Ele mesmo", voltaremos ao assunto mais à frente, no próximo tópico.

Então, a coisa é bem simples: se João Batista não for Elias, tem-se que admitir que Jesus faltou com a verdade, e, mais ainda, que Deus nos enganou por ter prometido enviar Elias e não o enviou. E aí perguntamos: para onde vai a tese da "inerrância" bíblica, diante dessas duas situações?

Pastorino, em análise a este passo diz:

> A previsão do regresso de Elias à Terra (cfr. Mat. 3:23-24) "eis que vos envio Elias, o profeta, antes que chegue o dia de YHWH grande e terrível: ele reconduzirá o coração dos pais para os filhos e dos filhos para os pais" ... **é confirmada no Eclesiástico (48:10)** ao elogiar Elias "**tu, que foste designado para os tempos futuros como apaziguador da cólera**, antes que ela se inflame, conduzindo o coração do pai para o filho".
>
> Alguns pensam tratar-se "do último dia do juízo final", mas Jesus mesmo dá a interpretação autêntica, quando diz: "eu vos declaro que Elias já veio mas não foi reconhecido" ... "e os discípulos entenderam que Ele lhes falava de João Batista" (Mat. 17:12-13).
>
> **Então, não pode restar a mínima dúvida de que Jesus confirma, autoritária e inapelavelmente, que João Batista é a reencarnação de Elias**. Embora sejam duas personalidades diferentes, o Espírito (ou

> individualidade) é o mesmo. **Gregório Magno compreendeu bem o mecanismo quando, ao comentar o passo em que João nega ser Elias (João, 1:21) escreveu**: "em outro passo o Senhor, interrogado pelos discípulos sobre a vinda de Elias, respondeu: Elias já veio (Mat. 17:12) e, se quereis aceitá-lo, é João que é Elias (Mat.11:14). João, interrogado, diz o contrário: eu não sou Elias ... É que João era Elias pelo Espírito (individualidade) que o animava, mas não era Elias em pessoa (na personalidade). O que o Senhor diz do Espírito de Elias, João o nega da pessoa" (Greg. Magno, Hom. 7 in Evang., *Patrol*. Lat. vol. 76, col. 1100).
>
> Jesus não precisava entrar em pormenores sobre a reencarnação, pois era essa uma crença aceita normalmente entre os israelitas dessa época, sobretudo pelos fariseus, só sendo recusada pelos saduceus. (PASTORINO, 1964, vol. 1, p. 1964, grifo nosso).

Merece destaque o trecho no qual Jesus diz "***Desde os dias de João Batista até agora**, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo*" (Mt 11,12). Levando-se em conta que a expressão "**desde os dias... até agora**" se referir a alguma coisa que tenha iniciado num tempo passado e considerando que Jesus e João Batista foram contemporâneos, não há sentido algum ela ter sido proferida, a não ser que se leve em conta a possibilidade de que João é mesmo Elias reencarnado; ai, sim, é compreensível, pois Jesus estaria se referindo a essa existência anterior de João.

Na versão Bíblia de Jerusalém, lemos: "*Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos Céus sofre violência, e os violentos se apoderam dele. Porque todos os profetas bem como a Lei profetizaram, até João*" (Mt 11,12). Então, podemos concluir que "*o Reino dos Céus sofre violência, e os violentos se apoderam dele*", tem como motivo o fato de que "*todos os profetas como a Lei profetizara, até João*", ou seja, a antiga Aliança não levava a perfeição; caso tivesse ela sido boa, não seria preciso uma segunda; é isso que entendemos e que podemos depreender das seguintes passagens:

> Rm 7,6: *"[…]* ***fomos libertos da Lei, a fim de servirmos sob o regime novo do Espírito, e não mais sob o velho regime da letra****".*
>
> Gl 2,21: *"Portanto, não torno inútil a graça de Deus, porque,* ***se a justiça vem através da Lei, então Cristo morreu em vão****".*
>
> Gl 5,4: *"****Vocês que buscam a justiça na Lei se desligaram de Cristo e se separaram da graça****".*
>
> Hb 7,18-22: "*Assim,* ***fica abolida a lei anterior, por ser fraca e inútil****; de fato, a Lei não levou nada à perfeição. Por outro lado, introduziu-se uma esperança melhor, graças à qual nos aproximamos de Deus. Além do mais, isso não aconteceu sem juramento. Os outros se tornavam sacerdotes sem juramento; Jesus, porém, recebeu um juramento de Deus, que lhe disse: 'O Senhor jurou, e não voltará atrás: você é sacerdote para sempre'. Por essa razão,* ***Jesus se tornou a garantia de uma aliança melhor****".*
>
> *Hb 8,6-7.13: "****Jesus****, porém, foi encarregado para um serviço sacerdotal superior, pois* ***é mediador de uma aliança melhor, que promete melhores benefícios.*** *De fato,* ***se a primeira aliança não tivesse defeito, nem haveria lugar para segunda aliança****.* ***Dizendo 'aliança nova', Deus declara que a primeira ficou antiquada****; e aquilo que se torna antigo e envelhece, vai desaparecer logo".*

Portanto, o "desde os dias", segundo entendemos, só pode estar se referindo ao tempo em que vigoravam a Lei e os profetas (o Antigo Testamento), razão pela qual julgamos possível apontar Elias como sendo o seu representante.

É provável que se encontre alguém que queira justificar o "desde os dias" (Mt 11,12) dizendo que se refere apenas ao início da pregação de João Batista; tudo bem, não podemos forçar ninguém a mudar de ideia; entretanto, cabe-lhe explicar porque os violentos também não teriam agido no período anterior ao que João começou a pregar.

Existe ainda uma outra passagem, na qual também ocorre essa identificação; inclusive já a citamos; mas, agora, iremos transcrevê-la por completo, uma vez que naquele momento

isso não era apropriado ao tópico.

> Mt 17,10-13: "*Os discípulos de Jesus lhe perguntaram: 'O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?' Jesus respondeu: 'Elias vem para colocar tudo em ordem.* ***Mas eu digo a vocês: Elias já veio, e eles não o reconheceram****. Fizeram com ele tudo o que quiseram. E o Filho do Homem será maltratado por eles do mesmo modo'.* ***Então os discípulos compreenderam que Jesus falava de João Batista***".

Mais claro que isso é impossível. Jesus, confirmando a profecia de Malaquias sobre a volta de Elias, aqui Ele afirma que "**Elias já veio",** mas que não foi reconhecido. E por que motivo Elias não foi reconhecido? É, novamente, bem simples: "o espírito e o poder de Elias" estavam agora animando o corpo de João Batista, o que não foi difícil para os discípulos entenderem, uma vez que sabiam que Jesus estava falando de João, conforme se lê no próprio texto. Uma coisa importante, mas que aparentemente fica despercebida, é a pergunta feita pelos discípulos sobre a vinda de Elias e o fato deles terem entendido que Jesus lhes falava de João Batista, pois, se os discípulos (pelo menos Pedro Tiago e João) não tivessem conhecimento da reencarnação, não teriam perguntado sobre a vinda de Elias e, muito menos, teriam entendido que o Mestre lhes falava de João Batista

Em Marcos também encontramos essa afirmativa, o seguinte: "*Eu, porém, digo a vocês:* ***Elias já veio e fizeram com ele tudo o que queriam, exatamente como as Escrituras falaram a respeito dele***". (Mc 9,13), mudando-se a ordem temos: "... Elias já veio exatamente como as Escrituras falaram a respeito dele e fizeram com ele tudo o que queriam". Portanto, a missão de Elias já ter vindo para o cumprimento das Escrituras é, categoricamente, afirmada.

Objeções a João ser Elias

Tudo bem; se os objetores querem contrariar o que Jesus disse, não podemos fazer absolutamente nada. O que nos cabe é apenas contestar essas objeções, sem querer impor a ninguém a nossa forma de pensar.

Uma coisa que não se dão conta é que, para Jesus poder ser considerado o Messias, fato que não contestarão, é necessário Elias vir antes Dele, de acordo com a profecia de Malaquias, e não outro em seu lugar, ainda que com ministério semelhante, para preparar-Lhe o caminho; logo, a esses cumpre explicar-nos: onde o profeta tesbita estava, e por qual motivo ele ainda não veio, para cumprimento da profecia de Malaquias?

Vejamos os seguintes passos, que afirmam que João é Elias:

> Mt 11,10: "***É de João que a Escritura diz****: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'".*

> Mt 11,14: *"E se vocês o quiserem aceitar,* ***João é Elias*** *que devia vir".*

> Mt 17,12: "*Mas eu digo a vocês;* ***Elias já veio****, e eles não o reconheceram*".

Diante de afirmativas tão contundentes, não há como negar que Elias tenha voltado e vivido como João Batista. Não vemos sentido em objetar-se com a crença na lenda de que Elias teria sido arrebatado de corpo e alma ao reino do céu, se confrontada essa afirmativa com estes três passos: "*O espírito é que dá vida, a carne não serve para nada*" (Jo 6,63), "*é semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual*" (1Cor 15,44) e "a *carne e o sangue não podem receber em herança o reino do céu"* (1Cor 15,50).

Fora isso, podemos argumentar que os amigos de Elias, Eliseu e os demais irmãos profetas, não acreditaram que ele tenha ido para o "céu", considerado como "reino de Deus", mas, sim, a um outro lugar, razão pela qual Eliseu permitiu que o procurassem Elias, conforme consta neste passo:

> 2Rs 2,15-18: "*[...] Então foram ao seu encontro, se prostraram diante dele, e disseram: "Aqui, entre seus servos, você pode contar com cinquenta homens valentes. Permita que eles saiam para procurar seu mestre.* ***Talvez o espírito de Javé o tenha arrebatado e jogado sobre algum monte ou dentro de algum vale****'. Eliseu*

respondeu: 'Não mandem ninguém'. Eles, porém, insistiam tanto, a ponto de aborrecê-lo. Por fim, ele disse: 'Então mandem'. Eles mandaram cinquenta homens, que procuraram Elias durante três dias, mas não o encontraram. Voltaram para Eliseu, que tinha ficado em Jericó. Então Eliseu lhes disse: 'Não falei para vocês não irem?'".

Assim, para as testemunhas oculares do acontecimento, Elias não foi "arrebatado ao céu" (paraíso celeste), porque, certamente, sabiam que redemoinho ou turbilhão (2Rs 2,1.11), segundo algumas traduções, não leva ninguém para lá. Somente após esse episódio transformar-se numa lenda é que se passou a acreditar que teria ido para junto de Deus.

Será que esse "céu" aí é o mesmo "reino de Deus" citado por Jesus? Se for, então temos algo bem estranho, pois Jesus disse que "*o reino de Deus está dentro de vós*" (Lc 17,21), do que se pode concluir que é um estado intimo e não um lugar circunscrito. Ainda afirmou que na ressurreição todos "*serão como os anjos do céu*" (Mt 22,20), o que significa que não teremos corpo físico, mas espiritual. Diante desses dois pontos perguntamos: para onde então foi Elias, caso tenha sido arrebatado, como se pretende fazer crer?

Por outro lado, nem todo mundo acredita que Elias não tenha morrido; podemos citar, por exemplo, a equipe de tradutores da Bíblia de Jerusalém, que, em se referindo a esse suposto arrebatamento, afirma: "[...] **O texto não diz que Elias não morreu, mas facilmente se pôde chegar a essa conclusão**. Sobre o 'retorno de Elias' cf. Ml 3,23+". (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 508-509, grifo nosso).

Do monsenhor Francesco Spadafora (1913-1997), professor universitário, temos essa informação do seu texto "O profeta Elias"[4]:

> Porém **em outros textos** (cf. Zohar Bresit, 137; Sepher Ha-pardes, 24,4) **se afirma que Elias deixou seu corpo material para tomar outro luminoso**: "Como Elias pôde subir e habitar os céus que não sustentam nem um grão de trigo?". O rabino Simão bar Jochai responde: "Encontrei escrito: entre os que nasceram neste mundo, haverá um espírito que baixará sobre a terra e vestirá um corpo. O seu nome é Elias. Ele voltará a subir ao céu, **seu corpo permanecerá no turbilhão e seu espírito revestirá um corpo luminoso para que possa habitar entre os anjos**". (SPADAFORA, 1972, site Hermanubis, grifo nosso).

Certamente, que, por uma explicação como essa, torna mais verossímil o arrebatamento de Elias, porquanto não se admite ter ele ido de corpo e alma para o "céu".

É comum, entre os protestantes, tomarem os trechos "***com o espírito e o poder de Elias"*** (Lc 1,17) *e* ***"João é o Elias"*** (Mt 11,14), conforme consta de algumas traduções, para alegar que João Batista não era Elias, mas que tinha um "ministério" semelhante ao de Elias, se apegando ao artigo "o" antes do nome Elias; entretanto, além de não haver nada escrito sobre isso, pois a citação é literal, ELIAS, com todas as letras, basta ver nos três passos acima, onde não consta nada sobre semelhança de ministério. Por que, então, Jesus não usou o termo ministério para não causar confusão? Não é muito estranho? Os fundamentalistas querem dizer com esse tal de "ministério" o que a própria Bíblia não disse. E por que fazem isso? Para esconder a reencarnação. Nada mais que isto. Se alguém diz que vai receber, na sua residência, o amigo João; podemos, diante disso, esperar, por exemplo, pela vinda de Maria?

Aliás, é a maior confusão que se faz na tradução, pois das quinze Bíblias que pesquisamos, em nove delas lemos "***com o espírito***", as outras seis já trazem "**no espírito**". Acreditamos que é justamente para tirar a ideia da reencarnação. E ainda dizem, sem o menor constrangimento, que os textos são fiéis aos originais, quando muitos se ajustam aos dogmas estabelecidos pelos teólogos de cada corrente doutrinária.

Alguém poderá nos objetar dizendo que o texto de Mt 11,14, logo acima, é diferente de "*Ele mesmo é o Elias que estava para vir",* que citamos anteriormente e prometemos voltar ao assunto, porquanto um diz "*João é Elias*" e o outro já afirma "*Ele mesmo é Elias*"; afinal, qual desses é o verdadeiro?

Podemos dizer que a culpa dessa diferença não é nossa, pois encontramos três versões

4 Conforme consta do site, em nota: "Título original: Elia Profeta, em Santi del Carmelo, Institutum Carmelitanum, Roma 1972, p. 136-153".

seguintes para esse trecho: "***é o Elia***s"; "***é este o Elias***" e "***ele mesmo é o Elias***". Segundo o professor Pastorino o correto seria a seguinte versão:

Mt 11,14: "*E se quereis aceitar (isto), ele mesmo é Elias que estava destinado a vir*".

Explicando-a, disse:

> **A tradução do vers. 14 não coincide com as comuns**. Mas o grego é bem claro: *kai (*e*) ei (*se*) thélete (*quereis*) decsásthai* (aceitar, inf. pres.) *autós* (ele mesmo) *estin* (é) *Hêlías* (Elias) *ho méllôn* (part. presente de mellô, destinado, "o que estava destinado") *érchesthai* (inf. pres.: a vir).
>
> A Vulgata traduziu: "*et si vultis recipere, ipse est Elias qui venturus est*", em que o particípio futuro na conjunção perifrástica dá o sentido de *obrigação* ou destino do presente do particípio *méllôn*; acontece que o latim ligou num só tempo de verbo (*venturus est*) o sentido dos dois verbos gregos (*ho méllôn érchesthai*). **Com essa tradução, porém, o sentido preciso do original ficou algo "arranhado"**. Se a tradução fora literal, deveríamos ler, na Vulgata (embora com um latim menos ortodoxo): "*ipse est Elias debens venire*", **o que corresponde exatamente à nossa tradução: "ele mesmo é Elias que devia (estava destinado) a vir"**. Levados pela tradução da Vulgata, os tradutores colocam o futuro do presente (que *deverá* vir), quando a ação é nitidamente construída no futuro do pretérito. (PASTORINO, 1964, vol. 3, p. 16, grifo nosso).

Portanto, tudo nos leva a crer que as versões, divergentes dessa tradução de Pastorino, têm como objetivo esconder a ideia da reencarnação, que ficaria nítida na forma correta. Duvidamos que os líderes religiosos, que, em sua maioria, possuem muito mais conhecimento que nós, não saibam dessa alteração na tradução.

Na *Bíblia Sagrada Vozes*, seus tradutores fazem questão de tirar da cabeça dos leitores a ideia da reencarnação, conforme pode-se ver nesta explicação sobre o passo Mt 11,13:

> **Elias**, segundo Ml 3,23s, é o precursor do Messias. Se Jesus é o Messias, a profecia já deve estar cumprida com João Batista (Mc 9,13). João Batista é Elias enquanto caminhou "diante do Senhor no espírito e no poder de Elias, para reconduzir os corações dos pais aos filhos e os rebeldes aos sentimentos dos justos a fim de preparar-lhe um povo de boa vontade" (Lc 1,17). **Não se trata, pois, de uma reencarnação de Elias**. (Bíblia Sagrada Vozes, p. 1190, grifo nosso).

O pobre do fiel é levado nessa onda, quando não busca a verdade dos fatos, preferindo acreditar no que seus líderes falam.

Leiamos agora o seguinte passo:

Lc 9,28-32: "*Oito dias após dizer essas palavras, Jesus tomou consigo Pedro, João e Tiago, e subiu à montanha para rezar. Enquanto rezava, seu rosto mudou de aparência e sua roupa ficou muito branca e brilhante. Nisso, dois homens estavam conversando com Jesus: eram Moisés e Elias. Apareceram na glória, e conversavam sobre o êxodo de Jesus, que iria acontecer em Jerusalém. Pedro e os companheiros dormiam profundamente. Quando acordaram, viram a glória de Jesus, e os dois homens que estavam com ele*".

Esse episódio convencionou-se chamá-lo de "A transfiguração de Jesus", que também é narrado por Mateus (Mt 17,1-9). A objeção que se faz é que, se João fosse mesmo Elias, ele, ao aparecer, deveria apresentar-se como era na última encarnação, ou seja, com os traços de João e não como os de Elias, uma vez que o relatado aconteceu depois da morte de João.

Seria até um bom argumento, caso um espírito não pudesse se manifestar com qualquer uma das aparências físicas que possuía em suas várias vidas anteriores. Vejamos como Kardec explica essa questão:

> **Os Espíritos agindo sobre os fluidos espirituais**, não os manipulam como os homens manipulam os gases, mas com a ajuda do pensamento e da vontade. **O pensamento e a vontade são para os Espíritos o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem a esses fluidos tal ou tal direção; aglomeram-nos, combinam-nos ou os dispersam; com eles formam conjuntos tendo uma aparência, uma forma, uma cor determinada**; mudando-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou outros corpos, os combinam segundo certas leis; é a grande oficina ou o laboratório da vida espiritual.
>
> Algumas vezes, essas transformações são o resultado de uma intenção; frequentemente, são o produto de um pensamento inconsciente; **basta ao Espírito pensar numa coisa para que essa coisa se produza**, como basta modular uma ária para que essa ária repercuta na atmosfera.
>
> **É assim, por exemplo, que um Espírito se apresenta à vista de um encarnado dotado da visão psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo, na época em que foi conhecido, tivesse tido várias encarnações depoi**s. Ele se apresenta com a roupa, os sinais exteriores, -enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc., que tinha então; um decapitado se apresentará com a cabeça a menos. Não é dizer que ele conserva essas aparências; não, certamente; porque como Espírito ele não é nem coxo, nem maneta, nem caolho, nem decapitado, mas seu *pensamentos e* reportando à época em que era assim, seu perispírito lhe toma instantaneamente as aparências, que deixa do mesmo modo instantaneamente, desde que seu pensamento deixa de agir. Se, pois, foi uma vez negro, outra vez branco, ele se apresentará como negro ou como branco, segundo a dessas duas encarnações sob a qual for evocado, e onde se reportar o seu pensamento. (KARDEC, 1993, p. 167-168, grifo nosso).

O perispírito, que Paulo chamou de corpo espiritual, é modelado, vamos assim dizer, pelo pensamento; assim, basta ao espírito pensar como fisicamente ele era, numa determinada encarnação, para que seu corpo espiritual assuma essa forma. Quem tiver condições de vê-lo, o verá com a imagem da época em que o espírito quis se fazer reconhecer.

Informa-nos Luiz Gonzaga Pinheiro, em *O perispírito e suas modelações*, que o corpo perispiritual era conhecido e estudado há milênios, citando alguns povos que o conheciam:

> **Egípcio**: Khá, **Pitágoras**: Corpo sutil da alma, **Aristóteles**: Corpo sutil e etéreo, **Platônicos**: Okhêma, **Neoplatônicos**: Aura, **Tertuliano**: Corpo vital da alma, **Proclo**: Veículo da alma, **Budismo**: Kama-rupa, **Cabala**: Rouach, **Vedanta**: Manu, mãyã, kosha, **Hipócrates**: Eu astral, **Caldeus**: Coroa de fogo, **Paulo de Tarso**: Corpo espiritual; **Cristãos primitivos**: Corpo glorioso; **Paracelso**: Corpo Astral, **Católicos**: Alma, **Teósofos**: Corpo causal, **Leibniz**: Corpo fluídico, **Zöllner**: Corpo fantasma, **Rosa-crucianos**: Corpo vital, **Ocultistas**: Ego Transcendental e **Pesquisadores modernos**: Corpo psíquico, corpo bioplasmático. (PINHEIRO, 2009, p. 127-128, grifo nosso).

Portanto, não é algo inventado pelos espíritas, como costuma-se dizer por aí.

O texto afirma que Moisés e Elias apareceram na glória (Lc 9,30-31), ou seja, manifestaram-se em espíritos - como desencarnados.

Uma outra objeção, tomam-na da seguinte passagem bíblica:

> Jo 1,19-23: "*O testemunho de João foi assim. As autoridades dos judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para perguntarem a João: 'Quem é você?' João confessou e não negou. Ele confessou: 'Eu não sou o Messias'. Eles perguntaram:* ***'Então, quem é você? Elias?' João disse: 'Não sou'.*** *Eles perguntaram: 'Você é o Profeta?' Ele respondeu: 'Não'. Então perguntaram: 'Quem é você? Temos que levar uma resposta para aqueles que nos enviaram. Quem você diz que é?' João declarou: 'Eu sou uma voz gritando no deserto: 'Aplainem o caminho do Senhor', como disse o profeta Isaías'*".

Essa negativa de João Batista, de que ele não era Elias, é um prato cheio aos oposicionistas da reencarnação, que, absolutamente, não admitem que João seja Elias, em

manifesto conflito com o que Jesus disse, ou seja, dão mais valor ao que diz João do que ao afirma Jesus.

Para quem tem um pouco de conhecimento do mecanismo da reencarnação, a explicação é fácil: embora tenhamos tudo gravado em nosso arquivo psíquico, que poderíamos chamar de memória integral, quando estamos encarnados não lembramos do que fomos em reencarnações anteriores, pois isso prejudicaria sobremaneira a nossa relação com os familiares e, possivelmente, até com vários membros da sociedade na qual vivemos. Razão tinha o amigo de Jó ao dizer-lhe "*somos de ontem e nada sabemos*" (Jó 8,9), embora em outro contexto.

É bom explicar que esse conhecimento é, algumas vezes, conseguido por certos indivíduos (geralmente são crianças), que de alguma maneira têm acesso a essa memória integral e se lembram de alguns acontecimentos de suas vidas passadas. Kardec explicava que "O passado é como um sonho do qual se lembra mais ou menos exatamente, ou do qual se perdeu totalmente a lembrança" (KARDEC, 1999, p. 49).

Além disso, também, podemos mencionar a Terapia Regressiva de Vidas Passadas - TRVP, aplicada por muitos profissionais que estudam o comportamento humano. Pelo que alguns deles relatam estão conseguindo obter resultados positivos, onde, pela terapia convencional, nada se conseguiu. Então, podemos dizer que é a ciência que vem, aos poucos, é claro, confirmando a reencarnação como uma lei da natureza; portanto, divina.

O curioso é que se nós fôssemos perguntar por aí, aos amadurecidos pelo tempo: você se lembra do que lhe aconteceu quando tinha três anos de idade? É certo que a maioria das pessoas não saberia dizer nada; porém, disso é ilógico concluirmos que elas não existiram; não é mesmo? E talvez nem fosse necessário ir tanto atrás no tempo; basta querer saber o que fizemos ha um mês, que já não nos lembramos. Portanto, usar essa negativa de João Batista não é um argumento forte para derrubar a convicção de que ele, anteriormente, viveu como Elias.

Ademais, insistimos, é fato inconteste que, quase todos nós, não nos lembramos de todos os acontecimentos da vida atual, que sabemos não estarem perdidos, mas totalmente arquivados no inconsciente, que, por um motivo ou outro, poderão vir à tona. Então, nesse mesmo inconsciente, na memória integral da qual falamos, se encontram gravados todos os acontecimentos anteriores, adquiridos em nossas mil e uma reencarnações pregressas. Assim, como não podemos dizer que não vivemos nessa vida certa experiência porque, no momento, não nos lembramos dela, isso aplica-se às nossas experiências em vidas anteriores, pelas quais nosso espírito vem aperfeiçoando-se moral e intelectualmente.

Sabemos ser um estudo modesto; inclusive, quase tudo o que aqui argumentamos, já o dissemos alhures; apenas mudamos a forma apresentá-los, para aumentar a possibilidade de se fazer sentir e perceber a clareza dos textos bíblicos. Porém, ainda haverá os sistemáticos, geralmente, dogmáticos, que não conseguirão ver nada de novo aqui que os leve a mudar de posição; a eles, só podemos dizer, ou melhor, repetir o que Jesus disse: "*Quem tem ouvidos, que ouça*". (Mt 11,15).

Alguns desses sistemáticos continuarão a argumentar que não acreditam na reencarnação porque na Bíblia não existe a palavra reencarnação, com o que, obviamente, concordaremos; entretanto, se a palavra não existe, a ideia de voltar a uma nova vida, lá se encontra; porém, somente para quem tem olhos de ver. E utilizando-nos desse mesmo tipo de argumento, podemos negar a **Trindade** porque também essa palavra não é encontrada nos textos bíblicos; nem por isso a grande maioria dos fiéis deixa de acreditar na sua existência. Ficamos empatados!

E, por derradeiro, é bom lembrarmos que Jesus, numa certa feita, disse a seus discípulos: "*Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar*". (Jo 16,12), demonstrando que nem tudo ele poderia dizer, por faltar aos espíritos de encarnados naquela época, capacidade para entendê-lo. Não temos dúvida de que a reencarnação fazia parte desses ensinamentos, que seriam postergados para o futuro, até que aqueles espíritos (talvez até alguns de nós) reencarnados adquirissem entendimento suficiente para ter olhos de ver e ouvidos de ouvir.

Aliás, para nós ela não é uma questão religiosa, mas puramente de ciência, uma vez que a reencarnação faz parte das leis naturais, que, mais dia menos dia, será provada

cientificamente; aos que duvidam, diremos, como Kardec: "É inútil negar e zombar, como outrora foi inútil negar e zombar dos fatos adiantados por Copérnico e Galileu". (KARDEC, 1993, p. 44).

E, finalizando, vamos deixar esta fala de Orígenes (185-253) para reflexão:

> Fica patente que a natureza humana é afligida com este obstáculo, se pensarmos na dificuldade que sentimos em mudar de opinião uma vez que ficamos na prevenção, ainda mesmo em favor das mais vergonhosas e mais fúteis tradições dos antepassados e concidadãos. (ORÍGENES, 2004, p. 95).

Anjos, segundo a Bíblia, são espíritos humanos desencarnados

A princípio, essa afirmativa do título poderá causar uma certa estranheza aos que se apegaram aos dogmas impostos pelos teólogos de antanho. Embora acostumados a receber informações de que os anjos são uma criação divina à parte, recusamo-nos a aceitar isso, posto que eles nada mais são do que espíritos humanos desencarnados.

O objetivo do presente estudo, portanto, é provar tal assertiva, baseando-nos, primeiramente, nos textos bíblicos e, secundariamente, em opiniões de estudiosos das Escrituras Sagradas. "A verdade que liberta", preconizada por Jesus, só a conseguiremos quando tomarmos os textos bíblicos numa visão crítica, única forma de libertarmo-nos dos dogmas que nos foram impostos pelos teólogos do passado, que, por mais conhecimento que tivessem, seguramente, perdem em muito para os atuais, posto que estes dispõem de mais recursos e informações científicas do que aqueles. Podemos citar, como um bom exemplo, o desenvolvimento da análise dos textos, que pode confirmar, ou não, a autoria dos nomes que compõem os seus títulos. Ademais, as pesquisas arqueológicas, e as descobertas de vários manuscritos, que nos eram desconhecidos, certamente, nos dão uma base mais segura para essa análise.

Um ponto que precisa ficar muito bem definido é que, todas as vezes que aparecem as expressões "anjo do Senhor" ou "espírito do Senhor", não devemos entendê-las como se fosse a própria divindade em si manifestando-se ao homem, porquanto "*ninguém jamais viu a Deus*" (Jo 1,18; 1Jo 4,12). Os anjos são os executores da vontade de Deus, conforme se pode ver nas seguintes passagens, cujos grifos são nossos:

> **Salmos 34,7:** "*[...] O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem e os livra*".
>
> **Salmos 91,11:** "*Porque **aos seus anjos dará ordens a teu respeito**, para que te guardem em todos os seus caminhos*".
>
> **Salmos 103,20-21:** "Bendizei ao Senhor, todos os seus **anjos**, valorosos em poder, que executais as suas ordens e lhe obedeceis à palavra. Bendizei ao Senhor, **todos os seus exércitos, que fazei a sua vontade**".

A relação existente entre os anjos e os espíritos pode ser vista em Hebreus:

> **Hebreus 1,13-14:** "Ora, a qual d**os anjos** jamais disse: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés? Não **são todos eles espíritos ministradores**, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação?".

Então, pelos textos, podemos dizer que os anjos são espíritos ministradores, ou seja, são ministros que, de boa vontade e por prazer, executam a vontade de Deus. Aliás, o próprio significado da palavra anjo é "mensageiro".

Vejamos a definição de anjo e de espírito, conforme o Dicionário Prático da *Bíblia Sagrada Barsa*:

> **Anjos**. puros espíritos criados por Deus provavelmente no mesmo tempo em que o resto da criação. **A palavra *anjo* quer dizer mensageiro** e designa algumas vezes a pessoa humana que faz as vezes de mensageiro (Is 18,2; 33,7). Mas **ordinariamente usa-se esta palavra na Bíblia só para designar os puros espíritos que atuam como mensageiros divinos**. Assim, Deus envia anjos para anunciar sua vontade, para corrigir, punir, ensinar, repreender, consolar (Sl 102,20; Mt 4,11; 13,49; 26,53). Mencionam as S. Escrituras constantemente missões e aparições de anjos, [...]. Alguns anjos rebelando-se

> contra Deus, pecaram, foram expulsos do céu e condenados ao inferno (2 Pdr 2,4). [...]. (BARSA, p. 18, grifo nosso).
>
> **Espírito**. 1. **A alma, principio de vida no corpo, e que continua a viver depois da morte** (I Cor 5,3); [...]; 5. O demônio (Mc 5,13); 6. **Um anjo ou uma aparição** (At 23,9); [...]; 10. No Antigo Testamento designa, não a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, mas simplesmente qualquer manifestação externa de Deus. (BARSA, p. 94, grifo nosso).

Alguns anjos são nominados na Bíblia: **Gabriel** (Daniel 8,16; 9,21; Lucas 1,19; 1,26), **Rafael** (Livro Tobias), **Miguel** (Daniel 10,13.21; 12,1, Judas 1,9; Apocalipse 12,7). O detalhe bem curioso desses nomes – Gabriel, Rafael e Miguel – é que são os mesmos que nós, seres humanos, damos aos nossos filhos, o que torna viável serem eles nada mais que espíritos humanos desencarnados, fato que será confirmado no desenrolar deste estudo.

Nossa pesquisa se dividirá em textos do Antigo e do Novo Testamento, visando facilitar a identificação dessa crença entre os judeus e, se for o caso, confirmar sua presença até entre os cristãos primitivos.

Antigo Testamento

Vários são as narrativas que citam contatos com seres espirituais, inclusive, muitos dos quais foram confundidos como sendo com a própria divindade, o que se explica pelo fato da total ignorância sobre os naturais fenômenos psíquicos, tomados, por superstição, como sobrenaturais.

> **Gênesis 19,1-3:** "*Ao anoitecer, **os dois anjos** chegaram a Sodoma. Ló estava sentado à porta da cidade e, ao vê-los, levantou-se para os receber e **prostrou-se com o rosto por terra**. E disse: '**Senhores**, fiquem hospedados em casa do seu servo, lavem os pés e, pela manhã, continuarão seu caminho'. Mas eles responderam: 'Não! Nós vamos passar a noite na praça'. Ló insistiu tanto que eles foram para a casa dele e entraram. Ló preparou-lhes uma refeição, **mandou assar pães sem fermento, e eles comeram***". (grifo nosso).

Os anjos, aos quais Ló oferece sua hospitalidade, são tratados por "Senhores", inclusive, comem pão sem fermento assado. Vejamos o que Russell Philip Shedd (1929-), teólogo evangélico da Igreja Batista, tradutor da *Bíblia Shedd*, explica: "Tais homens eram, na verdade, anjos que, pela aparência, não se distinguiam, prontamente, dos homens" (Bíblia Shedd, p. 23). Parece-nos que Shedd não quis se dobrar à verdade, pois, está bem claro que esses anjos tinham a aparência humana, não nos iludamos, porquanto isso não é senão pelo motivo deles serem espíritos humanos desencarnados. Sobre o fato de comerem, veremos, a seguir, que, no livro de Tobias, isso também acontece.

A reverência de Ló ao "prostrar-se com o rosto por terra" demonstra que os anjos/espíritos eram tidos como seres supra-humanos, e, como já dito, algumas vezes, confundidos com a própria divindade, o que pode ser perfeitamente comprovado em um trecho do capítulo 28 do primeiro livro de Samuel, no qual se narra a aparição do espírito Samuel a Saul, por meio da pitonisa de Endor:

> **1Samuel 28,3-15:** "**Samuel tinha morrido**. Todo o Israel participara dos funerais, e o enterraram em Ramá, sua cidade. De outro lado, Saul tinha expulsado do país os necromantes e adivinhos. Os filisteus se concentraram e acamparam em Sunam. Saul reuniu todo o Israel e acamparam em Gelboé. Quando viu o acampamento dos filisteus, Saul teve medo e começou a tremer. Consultou a Javé, porém Javé não lhe respondeu, nem por sonhos, nem pela sorte, nem pelos profetas. Então **Saul disse a seus servos: 'Procurem uma necromante, para que eu faça uma consulta**'. Os servos responderam: 'Há uma necromante em Endor'. Saul se disfarçou, vestiu roupa de outro, e à noite, acompanhado de dois homens, **foi encontrar-se com a mulher. Saul disse a ela: 'Quero que você me adivinhe o futuro, evocando os mortos. Faça aparecer a pessoa que eu lhe disser**'. A mulher, porém, respondeu: 'Você sabe o que fez Saul, expulsando do país os necromantes e adivinhos. Por que está armando uma cilada, para eu ser morta?' Então Saul jurou por Javé: 'Pela vida de Javé, nenhum mal vai lhe acontecer por causa disso'. A mulher perguntou: 'Quem você quer que eu

> chame?' **Saul respondeu: 'Chame Samuel'. Quando a mulher viu Samuel aparecer, deu um grito** e falou para Saul: 'Por que você me enganou? Você é Saul!' O rei a tranquilizou: 'Não tenha medo. O que você está vendo?' A mulher respondeu: 'Vejo um espírito subindo da terra'. Saul perguntou: 'Qual é a aparência dele?' A mulher respondeu: 'É a de um ancião que sobe, vestido com um manto'. **Então Saul compreendeu que era Samuel, e se prostrou com o rosto por terra**". (fonte: http://www.bibliacatolica.com.br/biblia-da-cnbb/i-samuel/28/ , grifo nosso).

Ao perceber que o espírito Samuel, que já havia morrido (v. 3) apresentou-se à necromante; mais adiante se vê que Saul, incontinente, "prostrou-se com o rosto por terra" (v. 14), exatamente como Ló fez diante dos anjos; daí, não ser impróprio se considerar que, de fato, espírito e anjo são a mesma coisa, entendendo-se o primeiro, ou seja, o anjo como sendo espírito humano desencarnado.

O versículo 13 "*Vejo um espírito subindo da terra*", em outras versões bíblicas, consta "*vejo um deus*". Vejamos, sobre isso, algumas explicações dos tradutores:

> a) Em hebr. Um "elohim", um ser sobre-humano (cf. Gn 3,5; Sl 8,6). Só aqui aplicado aos mortos. (Bíblia de Jerusalém, p. 428).
>
> b) *Vi deuses*: i.e. um espírito (Bíblia Sagrada Barsa, p. 222).
>
> c) *Um deus que sobe da terra*: a palavra hebraica para significar Deus, também designa os seres supra-humanos e, como neste caso, o espírito dos mortos. Havia a convicção de que os espíritos dos mortos estavam encerrados no *sheol*, e este se situaria algures por baixo da terra. (Bíblia Sagrada Santuário, p. 392).
>
> d) *Um deus.* Uma figura sobre-humana ou um espírito (o de Samuel). (Mundo Cristão, p. 400).

Então, temos que em, pelo menos, alguns casos, os espíritos eram mesmo confundidos como deus (ou deuses).

Pode ser que surja questionamento por parte dos protestantes quanto ao livro de Tobias, uma vez que não o consideram como canônico, contrariando os católicos. Que seja! Porém, não podem jamais negá-lo como uma representação da cultura dos judeus, fato este que sobressai por ser o mais importante.

> **Tobias 5,4-17:** "*Tobias saiu para procurar uma pessoa que pudesse ir com ele até a Média e conhecesse o caminho. Logo que saiu, **encontrou o anjo Rafael bem à frente dele, mas não sabia que era um anjo de Deus**. Tobias lhe perguntou: 'De onde você é, **rapaz**?' Ele respondeu: '**Sou israelita, seu compatriota**, e estou aqui procurando trabalho'. Tobias lhe perguntou: 'Você sabe o caminho para a Média?' 6. Ele respondeu: 'Sim. **Já estive lá muitas vezes e conheço bem todos os caminhos. Fui muitas vezes à Média, e me hospedei na casa do nosso compatriota Gabael, que mora em Rages, na Média**. São dois dias de viagem de Ecbátana até Rages, pois Rages fica na região montanhosa e Ecbátana fica na planície'. Tobias disse: 'Espere aqui, **rapaz**, enquanto vou contar isso a meu pai. Estou precisando que você viaje comigo. Eu lhe pago depois'. Rafael disse: "Está bem. Ficarei esperando, mas não demore'. Tobias entrou em casa e contou a seu pai Tobit: 'Pai, encontrei um israelita, que é nosso compatriota!' Tobit lhe disse: 'Chame-o para que eu saiba de que família e tribo ele é, e se é de confiança para viajar com você, meu filho'. Tobias saiu para chamá-lo e disse: '**Rapaz**, meu pai está chamando você!' O anjo entrou na casa, e Tobit se apressou em cumprimentá-lo. [...] Tobit lhe perguntou: 'Meu irmão, de que família e tribo você é? Conte para mim'. O anjo respondeu: 'Para que você quer saber sobre minha família e tribo?' Tobit insistiu: 'Gostaria de saber de quem você é filho e qual é o seu nome'. Rafael respondeu: '**Sou Azarias, filho do grande Ananias, um compatriota seu**'. Tobit disse: 'Seja bem-vindo, meu irmão. Não leve a mal se eu procuro saber exatamente seu nome e sua família. Acontece que você é parente meu e vem de uma família honesta e honrada. Conheço bem Ananias e Natã, os dois filhos do grande Semeías. […] Seja bem-vindo, porque você vem de uma raiz muito boa'. E acrescentou: Vou lhe pagar uma dracma por dia, além do necessário para você e meu*

*filho. Acompanhe meu filho, que depois eu ainda posso lhe aumentar o pagamento'. **O rapaz** respondeu: 'Vou com ele. Não tenha medo. Iremos e voltaremos sãos e salvos. O caminho é seguro'. […]*". (grifo nosso).

O anjo, por vezes tratado como "rapaz", cita seu nome e o de seu pai; ainda diz ser um compatriota deles, no que Tobit, pai de Tobias, reconhece a família de Azarias (antes era Rafael). O anjo Rafael (Azarias), cumpre o combinado, levando Tobias ao destino. Na volta, o anjo revela quem realmente ele era. Vejamos a narrativa:

> **Tobias 12,15-22:** "'***Eu sou Rafael, um dos sete anjos que estão sempre prontos para entrar na presença do Senhor glorioso***'*. Os dois ficaram assustados e caíram com o rosto por terra, cheios de medo. Rafael, porém, lhes disse: "Não tenham medo! Que a paz esteja com vocês! Bendigam a Deus para sempre. Se eu estive com vocês, não foi por vontade minha, mas de Deus. É a ele que vocês devem sempre bendizer e cantar hinos. ***Vocês pensavam que eu comia, mas era só aparência**. Agora, bendigam ao Senhor na terra, e agradeçam a Deus. **Volto para aquele que me enviou**. Escrevam tudo o que lhes aconteceu'. E **o anjo desapareceu**. Quando se levantaram, não o puderam ver mais. Então louvaram a Deus e entoaram hinos, agradecendo-lhe as maravilhas que ele tinha realizado, porque o anjo de Deus tinha aparecido a eles*". (grifo nosso).

Ao dizer de sua família e que era compatriota de Tobias e que conhecia a região, o anjo Rafael afirmava de seu tempo como espírito humano encarnado. Certamente, por ter progredido bastante mereceu de Deus a incumbência de ajudar a Tobias, missão que cumpriu integralmente.

Interessante, foi a explicação que o anjo Rafael deu para se justificar quanto ao fato de que comia, dizendo tratar-se só de aparência. É exatamente isso que aconteceu com os dois anjos, que se hospedaram na casa de Ló, conforme consta do texto mencionado um pouco mais atrás.

Novo Testamento

No domingo de manhã, após a crucificação de Jesus, as mulheres dirigiram-se ao túmulo, onde seu corpo fora colocado, para ultimar os derradeiros preparativos para o sepultamento definitivo. Vejamos o que aconteceu e o que elas viram no local:

> **Mateus 28,1-5:** "*Depois do sábado, ao amanhecer do primeiro dia da semana, **Maria Madalena e a outra Maria foram ver a sepultura**. De repente houve um grande tremor de terra: **o anjo do Senhor desceu do céu** e, aproximando-se, retirou a pedra, e sentou-se nela. **Sua aparência era como a de um relâmpago, e suas vestes eram brancas como a neve**. Os guardas tremeram de medo diante do anjo, e ficaram como mortos. Então o anjo disse às mulheres: '**Não tenham medo**. Eu sei que vocês estão procurando Jesus, que foi crucificado'*". (grifo nosso).

> **Marcos 16,1-8:** "*Quando o sábado passou, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram perfumes para ungir o corpo de Jesus. E bem cedo no primeiro dia da semana, ao nascer do sol, elas foram ao túmulo. […] Então entraram no túmulo e viram **um jovem**, sentado do lado direito, **vestido de branco**. E ficaram muito assustadas. Mas o jovem lhes disse: 'Não fiquem assustadas. Vocês estão procurando Jesus de Nazaré, que foi crucificado? Ele ressuscitou! Não está aqui! Vejam o lugar onde o puseram. Agora vocês devem ir e dizer aos discípulos dele e a Pedro que ele vai para a Galileia na frente de vocês. Lá vocês o verão, como ele mesmo disse'. Então as mulheres **saíram do túmulo correndo, porque estavam com medo e assustadas**. E não disseram nada a ninguém, porque tinham medo*". (grifo nosso).

> **Lucas 24,1-6**: "*No primeiro dia da semana, bem de madrugada, as mulheres foram ao túmulo de Jesus, levando os perfumes que haviam preparado. Encontraram a pedra do túmulo removida. Mas ao entrar, não encontraram o corpo do Senhor Jesus, e ficaram sem saber o que estava acontecendo. Nisso, **dois homens, com roupas brilhantes**, pararam perto delas. **Cheias de medo**, elas olhavam para o chão. No entanto, os dois*

homens disseram: "Por que vocês estão procurando entre os mortos aquele que está vivo? Ele não está aqui! Ressuscitou! [...]". (grifo nosso).

João 20,1-11: "*No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo de Jesus bem de madrugada, quando ainda estava escuro. Ela viu que a pedra tinha sido retirada do túmulo. […] Maria tinha ficado fora, chorando junto ao túmulo. Enquanto ainda chorava, inclinou-se e olhou para dentro do túmulo. Viu então* ***dois anjos vestidos de branco****, sentados onde o corpo de Jesus tinha sido colocado, um na cabeceira e outro nos pés. Então os anjos perguntaram: 'Mulher, por que você está chorando?' Ela respondeu: 'Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o colocaram'*".

Em resumo, para ficar mais fácil a visualização do acontecido segundo cada Evangelho, montamos este quadro:

Evangelho	**O que as mulheres viram**
Mateus 28,2-3	Um anjo do Senhor com vestes brancas
Marcos 16,5	Um moço sentado, vestido de branco
Lucas 24,4	Dois homens com roupas brilhantes
João 20,12	Dois anjos vestidos de branco, sentados

Levando-se em conta de que todas as narrativas são de um mesmo episódio, então as denominações são importantes para se saber no que acreditavam. Não daremos destaque à divergência na quantidade, pois, no momento, não é esse o nosso foco; em tal caso temos: um anjo/um moço e dois homens/dois anjos. A conclusão é obvia: anjos e homens têm a mesma aparência; mas, por qual motivo? Simples: porque anjos nada mais são do que seres humanos desencarnados. Daí, talvez, seja essa a explicação plausível para o medo sentido pelas mulheres, ao verem os espíritos desencarnados (anjos/homens), o que, de uma certa forma, aconteceria, a quase todos nós, se lá estivéssemos.

Destaque para o Evangelho Segundo Lucas que, além de denominar de "homens" os que lá estavam, mais à frente, no verso 23, quando os discípulos, que se dirigiam a Emaús, contam a Jesus que as mulheres se dirigiram ao túmulo mas de lá voltaram, por não encontrarem o corpo, "***declarando que tinham tido uma visão de anjos*** *que diziam estar ele vivo*". Ora, como o mesmo autor, que disse antes que elas, as mulheres, viram homens, agora afirma que elas tiveram a visão de anjos, só podemos concluir que essa é mais uma prova de que **anjos** e **homens** desencarnados são a mesma coisa.

Há uma narrativa em Mateus que sempre nos causou espécie, pela sua singularidade; vejamos:

Mateus 18,10: "*Cuidado para não desprezar nenhum desses pequeninos, pois eu digo a vocês:* ***os anjos deles no céu estão sempre na presença do meu Pai*** *que está no céu*".

Que "anjos" eram esses? Só com o tempo conseguimos entender que Jesus estava falando de espíritos; se substituirmos o primeiro termo, a frase ficará com esse teor: "Cuidado para não desprezar nenhum desses pequeninos, pois eu digo a vocês: **os espíritos deles no céu estão sempre na presença do meu Pai**", ou seja, caso morressem, os espíritos deles estariam junto a Deus. Há, até, quem considere esse verso como uma alusão ao anjo da guarda, que cada um tem o seu.

Na legislação mosaica havia uma lei denominada de levirato (Deuteronômio 25,5-6), pela qual se obrigava um homem a casar-se com a viúva de seu irmão, caso ele morresse sem deixar filhos, o primogênito desse casamento era considerado como se fosse do morto. Os saduceus querendo esclarecimento quanto à ressurreição; disseram a Jesus que uma mulher, em cumprimento dessa lei, teve que casar com sete irmãos, e perguntaram de qual deles, no plano espiritual, ela seria mulher. Vejamos a resposta do Mestre:

> **Lucas 20,34-36:** "J*esus lhes respondeu: 'Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento; mas os que forem julgados dignos de ter parte no outro mundo e* ***na ressurreição dos mortos****, não tomam nem mulher nem marido; como também* ***não podem morrer: são semelhantes aos anjos*** *e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição"*. (ver também Mateus 22,29-30; Marcos 12,24-25).

Bem sintomático o fato de que, na ressurreição, ou seja, no outro lado da vida, seremos **semelhantes** aos anjos, ou seja, da mesma natureza.

Um último passo do Novo Testamento vai clarear mais ainda o que estamos propondo. Transcreveremos a narrativa, por completo, para não comprometer o entendimento da ocorrência:

> **Atos 12,1-16:** "*Nesse tempo,* ***o rei Herodes*** *começou a perseguir alguns membros da Igreja, e* ***mandou matar à espada Tiago****, irmão de João.* ***Vendo que isso agradava aos judeus, decidiu prender também Pedro****. Eram os dias da festa dos pães sem fermento. Depois de o prender, colocou-o na prisão e o confiou à guarda de quatro grupos de quatro soldados cada um. Herodes tinha a intenção de apresentar Pedro ao povo logo depois da festa da Páscoa.* ***Pedro estava vigiado na prisão****, mas a oração fervorosa da Igreja subia continuamente até Deus, intercedendo em favor dele. Herodes estava para apresentar Pedro. Nessa mesma noite, Pedro dormia entre dois soldados. Estava preso com duas correntes, e os guardas vigiavam a porta da prisão. De repente,* ***apareceu o anjo do Senhor, e a cela ficou toda iluminada****. O anjo tocou o ombro de Pedro, o acordou, e lhe disse: 'Levante-se depressa'. As correntes caíram das mãos de Pedro. E o anjo continuou: 'Aperte o cinto e calce as sandálias'. Pedro obedeceu, e o anjo lhe disse: 'Ponha a capa e venha comigo'. Pedro acompanhou o anjo, sem saber se era mesmo realidade o que o anjo estava fazendo, pois achava que tudo isso era uma visão. Depois de passarem pela primeira e segunda guarda, chegaram ao portão de ferro que dava para a cidade. O portão se abriu sozinho. Eles saíram, entraram numa rua, e logo depois o anjo o deixou. Então Pedro caiu em si e disse: '****Agora sei que o Senhor de fato enviou o seu anjo para me libertar do poder de Herodes*** *e de tudo o que o povo judeu queria me fazer'. Pedro então refletiu e* ***foi para a casa de Maria, mãe de João, também chamado Marcos****, onde muitos se haviam reunido para rezar.* ***Bateu à porta****, e uma empregada, chamada* ***Rosa, foi abrir. A empregada reconheceu a voz de Pedro, mas sua alegria foi tanta que, em vez de abrir a porta, entrou correndo para contar que Pedro estava ali, junto à porta****. Os presentes disseram: 'Você está ficando louca!' Mas ela insistia. Eles disseram: '****Então deve ser o seu anjo!****' Pedro, entretanto, continuava a bater. Por fim, eles abriram a porta: era Pedro mesmo. E eles ficaram sem palavras*".

Os que estavam na casa de Maria, não acreditaram que Pedro estava à porta, porque já o julgavam morto, por ordem de Herodes; daí terem dito: "Então deve ser o seu anjo!", ou seja, se consideravam que Pedro estava morto e recebem a informação de que ele estava à porta e supõem que só poderia ser o anjo dele, é porque esse anjo era o espírito dele. Mais claro que isso, é impossível; porém, como o direito de protesto cabe aos contraditores, deixemo-los bradar aos quatro ventos...

Vejamos, por oportuno, os comentários de Russell Norman Champlin (1933-), com relação ao passo Atos 12,15:

> **Os cristãos primitivos** têm com toda a razão sido criticados por essa sua atitude. Primeiramente rebateram a jovem escrava completamente, não crendo nela, preferindo acreditar que ela estava louca a crerem que as suas próprias orações haviam sido respondidas! E então, quando ela insistiu tão veementemente que não se equivocara com respeito à presença de Pedro ao portão, porquanto ele tinha um timbre de voz todo pessoal, **chegaram eles a acreditar que Pedro já fora executado, à semelhança de Tiago, e que a aparição fora de seu espírito**.
>
> [...]
>
> **Aqueles primitivos crentes devem ter crido que os mortos podem voltar a fim de se manifestarem aos vivos, através da agência da alma**. Observemos que a segunda alternativa, por eles sugerida, **sobre como Pedro**

> **poderia estar no portão, era que ele teria sido morto e que o seu "anjo" ou "espírito" havia retornado. Portanto, aprendemos que aquilo que é ordinariamente classificado como doutrina "espírita" era crido por alguns membros da igreja cristã de Jerusalém**. Isso não significa, naturalmente, que eles pensassem que tal fosse a regra nos casos de morte; porém, aceitaram a possibilidade da comunicação dos espíritos, que a atual igreja evangélica, especialmente em alguns círculos protestantes dogmáticos, nega com tanta veemência. (CHAMPLIN, 2005, p. 250, grifo do original).

O que Champlin disse sobre o episódio de Pedro ter ido à casa de Maria e os que lá estavam, julgarem que só podia se tratar do anjo dele, corrobora o que deduzimos da narrativa.

Vejamos, ainda um conselho do autor de Hebreus (13,1-2): "*Perseverem no amor fraterno. Não se esqueçam da hospitalidade, pois* ***algumas pessoas, graças a ela, sem saber acolheram anjos***" (grifo nosso). Sim, se os anjos têm aparência humana, a possibilidade de se hospedar um deles, sem o saber, seria algo bem real.

Embora o Apocalipse seja um livro bastante enigmático, por isso é raro o citarmos, há nele este passo que serve ao nosso propósito:

> **Apocalipse 22,8-9:** "***Eu, João****, fui ouvinte e testemunha ocular dessas coisas. Tendo-as visto e ouvido,* ***ajoelhei-me para adorar o Anjo****, aquele que me havia mostrado essas coisas.* ***Mas ele não deixou: 'Não! Não faça isso! Eu sou servo como você, como os seus irmãos, os profetas, e como aqueles que observam as palavras deste livro****. É a Deus que você deve adorar'*". (grifo nosso).

Aqui é o próprio anjo que diz ser igual a João (e a todos nós); isso não é, exatamente, por ser ele um espírito humano desencarnado?

Vamos, agora, trazer um passo que, em princípio, nada tem a ver com o nosso assunto; porém, as considerações dos entendidos nos ajudarão a compreender mais ainda a crença dos cristãos primitivos.

> **Marcos 5,1-5:** "*Jesus e seus discípulos chegaram à outra margem do mar, na região dos gerasenos. Logo que Jesus saiu da barca,* ***um homem possuído por um espírito mau saiu de um cemitério*** *e foi ao seu encontro. Esse homem morava no meio dos túmulos e ninguém conseguia amarrá-lo, nem mesmo com correntes. Muitas vezes tinha sido amarrado com algemas e correntes, mas ele arrebentava as correntes e quebrava as algemas. E ninguém era capaz de dominá-lo. Dia e noite ele vagava entre os túmulos e pelos montes, gritando e ferindo-se com pedras*". (grifo nosso).

Champlin explicando o versículo 2, que cita o espírito mau, estabelece relação com o termo "demônios", sobre os quais nos informa:

> Esse vocábulo era empregado, no grego clássico, ocasionalmente como sinônimo do termo "theos", "deus". Assim usou Homero (século IX A.C.). Por outros autores, entretanto, a palavra foi utilizada para indicar certas divindades subordinadas, que inocentavam os deuses maiores da prática de muitas maldades; e é provável que por causa dessa mesma circunstância é que a palavra eventualmente passou a significar alguma entidade sobrenatural cujo propósito é o de praticar a maldade. **Esse termo também tem sido usado para referir-se às almas dos homens que, por ocasião da morte, são elevados a determinados privilégios, e, posteriormente, passou a indicar os espíritos humanos em geral, partidos deste mundo**. Gradualmente esse vocábulo **foi-se limitando aos espíritos malignos em geral**, exclusivamente, sem qualquer definição sobre a origem ou natureza desses espíritos.
>
> Do princípio ao fim as Escrituras comprovam a realidade do mundo dos espíritos, que tanto podem ser maus quanto bons. Os espíritos, tanto os bons quanto os maus, são apresentados como extremamente numerosos (ver Efé 1;21; 6;12; Col. 1;16 e Marc. 5;9). Os espíritos malignos têm influência sobre os homens, e procuram ocupar os seus corpos (ver Marc. 5;8 e Mat 12;43,44). São imundos (o que significa que tornam o indivíduo incapaz de entrar em contato com Deus, com o culto ao Senhor e com a adoração). […].

> **Era ponto *teológico comum*, entre os judeus** (sendo ensinado nas escolas teológicas judaicas dos fariseus e de outros), que **os demônios, capazes de possuir e de controlar um corpo vivo, são espíritos de *mortos partidos* deste mundo**, especialmente aqueles de caráter vil e de natureza perversa. (Ver Josefo, *de Bello Jud.* VII. 6.3). […]. (CHAMPLIN, 2005, p. 694-695). (itálico do original, negrito nosso).

Para completar a explicação de Champlin, transcrevemos de uma outra de suas obras:

> […] **O judaísmo helenista, bem como o cristianismo antigo (até ao tempo de Crisóstomo, falecido em 407 D.C.), pensavam que a maioria dos demônios (se não mesmo todos) era composta de espíritos humanos desencarnados**, de natureza negativa; e essa ideia continua comum na teologia cristã, apesar de hoje em dia ela não seja definida pela maioria dos teólogos. Crisóstomo preferia considerá-los todos "anjos decaídos", e é bem provável que *alguns* demônios sejam precisamente isso. […]. (CHAMPLIN, 1981(?), p. 100, grifo nosso).

E da obra *Enciclopédia de bíblia, teologia e filosofia*, de autoria de Camplin e de João Marques Bentes (1932-), temos mais esta informação:

> […] visto não haver informação exata, no N. T., sobre a origem dos demônios, é impossível afirmar-se a natureza exata da possessão demoníaca. **Josefo (de Belo Jud. VII.6,3) pensava que os demônios eram os espíritos dos homens maus, que depois da morte voltariam a este mundo, e essa ideia era comum entre os antigos, incluindo os gregos**. Também foi ideia de alguns dos pais da Igreja, como Justino (cerca de 150 d.C.) e Atenágoras. Tertuliano foi o primeiro a mudar de ideia na igreja, aceitando que os demônios são anjos caídos, e não espíritos humanos. Finalmente, **Crisóstomo (407 d.C.) rejeitou a ideia de que os demônios são espíritos humanos, e a igreja aceitou que os demônios são outros espíritos, talvez pertencentes à ordem dos anjos**. Mas até hoje existem estudiosos que acreditam que pelo menos *alguns* demônios possam ser espíritos humanos. Lange, por exemplo, acreditava que talvez os demônios fossem espíritos de pessoas que já morreram, e que agora fazem parte da ordem dos anjos caídos. (CHAMPLIN e BENTES, 1995e, p. 342-343, grifo nosso).

Tudo isso, que aqui foi dito, vem confirmar o que estamos afirmando desde o início, embora os autores citados, por defenderem sua teologia, não se mostrem totalmente coerentes com as próprias conclusões a que chegaram.

Anjos e demônios segundo o Espiritismo

Em *O Livro dos Médiuns*, no capítulo I – Há Espíritos?, Kardec tece seus comentários a respeito desses dois personagens:

> […] Dizei mais que as almas não atingem o grau supremo, senão pelos esforços que façam por se melhorarem e depois de uma série de provas adequadas à sua purificação; **que os anjos são almas que galgaram o último grau da escala**, grau que todas podem atingir, tendo boa vontade; que **os anjos são os mensageiros de Deus, encarregados de velar pela execução de seus desígnios em todo o Universo**, que se sentem ditosos com o desempenho dessas missões gloriosas, e lhes tereis dado à felicidade um fim mais útil e mais atraente, do que fazendo-a consistir numa contemplação perpétua, que não passaria de perpétua inutilidade. Dizei, finalmente, que **os demônios são simplesmente as almas dos maus, ainda não purificadas, mas que podem, como as outras, ascender ao mais alto cume da perfeição e isto parecerá mais conforme a justiça e a bondade de Deus, do que a doutrina que os dá como criados para o mal e ao mal destinados eternamente**. Ainda uma vez: aí tendes o que a mais severa razão, a mais rigorosa lógica, o bom-senso, em suma, podem admitir.
>
> **Ora, essas almas que povoam o Espaço são precisamente o a que se chama *Espíritos*. Assim, pois, os Espíritos não são senão as almas dos homens, despojadas do invólucro corpóreo**. Mais hipotética lhes seria a

> existência, se fossem seres à parte. Se, porém, se admitir que há almas, necessário também será se admita que os Espíritos são simplesmente as almas e nada mais. Se se admite que as almas estão por toda parte, ter-se-á que admitir, do mesmo modo, que os Espíritos estão por toda parte. Possível, portanto, não fora negar a existência dos Espíritos, sem negar a das almas. (KARDEC, 2007b, p. 21-22, grifo nosso).

Essa é uma versão resumida; mas, caso se queira ver os argumentos de Kardec, mais desenvolvidos, recomendamos a obra *O Céu e o Inferno*, capítulos VIII – Os anjos e IX – Os demônios.

O fato é que sempre que nos envolvemos em alguma pesquisa, numa profundidade desejável, acabamos por descobrir a verdade. É uma pena que a grande massa da população fique satisfeita com as informações que lhes passam seus líderes religiosos, que, infelizmente, o que mais querem é tê-la como massa, para moldá-la a seu gosto, do que a esclarecer sobre as verdades espirituais.

Com isso, acabam por "abafar" as vozes dos espíritos que receberam de Deus a missão de ajudar a humanidade em seu progresso moral e espiritual. Lembramo-nos da mensagem dada pelo espírito André Albertini a seu pai, Dr. Lino Sardos Albertini (1915-2005), sobre o porquê do haver desencarnado aos 26 anos de idade. Leiamos a narrativa do Dr. Lino: "[...] **André disse-nos ter nascido e morrido para executar uma missão especial, isto é, fornecer as provas da existência da vida após a morte, de modo que muitas pessoas acreditem mais em Deus e respeitem a sua lei**. É inútil dizer que sua mensagem nos chocou e nos emocionou profundamente". (ALBERTINI, 1989, p. 24-25, grifo nosso).

As relações dos primeiros cristãos com os espíritos

- a verdade escamoteada.

O filósofo Léon Denis (1846-1927), que se tornou, após a morte de Kardec, num dos principais continuadores do Espiritismo, fala, em nota constante da obra *Cristianismo e Espiritismo*, sobre as relações dos primeiros cristãos com os espíritos, da qual tomamos o título para usá-lo nesse texto. Nela afirmou o seguinte:

> Na linguagem filosófica da Grécia, **a palavra demônio (*daimon*) era sinônimo de gênio ou de espírito**. Tal, por exemplo, o demônio de Sócrates. Fazia-se distinção entre os bons e os maus demônios. Platão dá mesmo a Deus o nome de *demônio onipotente*. O Cristianismo adotou em parte esses termos, mas modificou-lhes o sentido (149). Aos bons demônios deu ele o nome de *anjos*, e os maus se tornaram os demônios, sem adjetivação. **A palavra espírito (*pneuma*) ficou sendo a expressão usada para designar uma inteligencia privada de corpo carnal**.
>
> Essa palavra *pneuma*, traduziu-a S. Jerônimo como *spiritus*, reconhecendo, com os evangelistas, que há bons e maus espíritos. **A ideia de divinizar o Espírito não surgiu senão no seculo II**. Foi somente **depois da *Vulgata* que a palavra *sanctus* foi constantemente ligada a palavra *spiritus***, não conseguindo essa junção, na maioria dos casos, senão tornar o sentido mais obscuro e mesmo, às vezes, ininteligível. Os tradutores franceses dos livros canônicos foram ainda mais longe a esse respeito e contribuíram para desnaturar o sentido primitivo. Eis aqui um exemplo, entre outros muitos: lê-se em Lucas (cap. XI, texto grego):
>
> 10 - "Aquele que pede, recebe; o que procura acha; ao que bate se abrirá." - 13. "Portanto, se bem que sejais maus, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, com muito mais forte razão vosso Pai enviará do céu "um bom espírito" àqueles que lho pedirem."
>
> As traduções francesas trazem o *Espírito Santo*. É um contrassenso. Na *Vulgata*, tradução latina do grego, está escrito *Spiritum bonum*, palavra por palavra, espírito bom. **A *Vulgata* não fala absolutamente do Espírito Santo.** O primitivo texto grego ainda é mais frisante, e nem doutro modo poderia ser, pois que o espírito Santo, como terceira pessoa da Trindade, não foi imaginado senão no fim do século II.
>
> Convém, todavia, notar que a Bíblia, em certos casos, fala do Espírito Santo, mas sempre no sentido de espírito familiar, de espírito ligado a uma pessoa. Assim, no Antigo Testamento (*Daniel*, XIII, 45) (150) se lê: "o senhor suscitou o espírito santo de um moço chamado Daniel".
>
> **Relativamente ao comércio dos primeiros cristãos com os espíritos**, as seguintes passagens das Escrituras nos devem chamar particularmente a atenção:
>
> Atos, XXI, 4:
>
> "E disseram eles a Paulo, "sob a influência do espírito", que não subisse para Jerusalém."
>
> Certas traduções francesas rezam *Espírito Santo*.
>
> I Cor. XIV, 30, 31. Trata-se da ordem a estabelecer nas reuniões dos fiéis:
>
> "Desde que um dos que estão sentados (no templo) recebe uma revelação, cale-se o que primeiro falava. Porque todos podeis profetizar, um depois do outro, a fim de que todos aprendam e sejam todos exortados."
>
> Dessa instrução ressalta que profetizar não era outra coisa senão transmitir

um ensino; é ainda a função do médium falante ou de incorporações.

Atos, XXIII, 6-9. Paulo, dirigindo-se a uma assembleia, dizia:

"E por causa da esperança de uma outra vida e da ressurreição dos mortos que me querem condenar..."

Produziu-se um grande ruído, e alguns dos fariseus contestavam, dizendo:

"Nenhum mal encontramos neste homem. Quem sabe se lhe falou algum espírito ou anjo?"

Atos XVI, 16, 17. Paulo fora avisado em sonho de que passasse por Macedônia, com Timóteo:

"Encontram eles uma serva moça que, tendo um espírito de Piton, auferia, em beneficio de seus amos, grandes lucros, adivinhando. Ela se pós a segui-los durante muitos dias, clamando: Esses homens são servos do Altíssimo, que nos anunciam o caminho da salvação."

A expressão "espírito de Piton" designava, na linguagem daquele tempo, um mau espírito. Era empregada pelos judeus ortodoxos, que só admitiam o profetismo oficial, reconhecido pela autoridade sacerdotal, desde que os seus ensinos eram conformes com os deles; pelo contrário, condenavam o profetismo popular, praticado sobretudo por mulheres, que dele tiravam partido, como em nossos dias ainda o fazem alguns médiuns mercenários. Essa qualificação, porém, de "espírito de Piton" era muitas vezes arbitrária. Disso vamos encontrar a prova no fato de a vidente ou "pitonisa" de Endor, que serviu de intermediária a Saul para comunicar com o espírito de Samuel, possuir também, segundo a expressão bíblica, um "espírito de Piton". Entretanto, não e possível confundir o espírito do profeta Samuel com espíritos de ordem inferior. A cena descrita pela Bíblia é de uma imponência grandiosa; oferece todos os caracteres de uma elevada manifestação (151).

No caso da jovem serva, citado acima a propósito de Paulo, a admitir-se que os maus espíritos podiam pregar o Evangelho, acompanhando os apóstolos, difícil se tornaria distinguir a fonte das inspirações. Era o que fazia objeto de atenção especial em todas as circunstancias, nas assembleias dos fiéis. Disso encontramos a afirmação num documento célebre, cuja análise damos a seguir:

A ***Didaquê***, pequeno tratado descoberto em 1873, na biblioteca do patriarcado de Jerusalém, em Constantinopla, composto provavelmente no Egito, entre os anos 120 e 160, projeta uma nova luz sobre a organização da igreja cristã no começo do século II, sobre o seu culto e a sua fé. Compreende várias partes: a primeira, essencialmente moral, abrange seis capítulos destinados a instruções dos catecúmenos. O que sobretudo é digno de nota nesse catecismo é a completa ausência de todo elemento dogmático. A segunda parte trata do culto, isto é, do batismo, da prece e da comunhão; a terceira contém uma liturgia e uma disciplina. Recomenda a observância do domingo; ***estabelece regras para discernir dos falsos os verdadeiros profetas*** **(leia-se médiuns)**; assinala as condições requeridas para ser bispo ou diácono, e termina com um capitulo sobre as coisas finais e a *Parusia* ou volta do Cristo.

Essa obra apresenta um quadro da Igreja Primitiva, muito diferente do que comumente se imagina (152). **Os cristãos desse tempo conheciam perfeitamente as práticas necessárias para se entrar em comunicação com os espíritos, e não perdiam ocasião de a cultivar**. […]

149. Ver, a esse respeito, S. Justino, "Apologética", I, 18, passagem adiante citada em a nota 8.
150. Em certas Bíblias esse capítulo figura à parte, sob o título "História de Susana".
151. Ver I Reis, XXVII, 6 e segs.
152. Tradução francesa de Paul Sabatier, doutor em teologia, Paris, Fischbacher, 1885.

(DENIS, 1987, p. 276-279, grifo nosso).

Fomos conferir na *Vulgata*, para certificarmos se a informação de Léon Denis é mesmo verdadeira. Eis o que encontramos como teor do passo Lucas 11,13:

"si ergo vos cum sitis mali nostis bona data dare filiis vestris quanto magis Pater vester

de cælo dabit **spiritum bonum** petentibus se" ([5]).

Correta, portanto, a informação de Denis, pois, no texto da *Vulgata*, se lê a expressão "spiritum bonum", ou seja, espírito bom (nem precisa saber o latim); porém, não é o que se vê em algumas traduções bíblicas utilizadas pelas religiões cristãs tradicionais:

Bíblias Católicas

a) espírito bom: Barsa, Paulinas 1957, Paulinas 1977 e Paulinas 1980.

b) Espírito Santo: Santuário, do Peregrino, Ave-Maria, de Jerusalém, Vozes e Pastoral.

Bíblias Protestantes

a) espírito bom: *nihil.*

b) Espírito Santo: Novo Mundo, SBTB, Shedd, Mundo Cristão e SBB.

Felizmente, há tradutores que, literalmente, não apelaram para o "santo"; foram honestos na tradução, pelo que, ainda que postumamente, os felicitamos. O que achamos muito interessante nisso é que, das Bíblias mencionadas, são exatamente os textos das mais antigas que mantêm a expressão correta.

Carlos J. T. Pastorino (1910-1980), filósofo e teólogo, em *Sabedoria do Evangelho*, traduziu da seguinte forma (PASTORINO, vol. 2, 1964b, p. 139):

> Lucas 11,13: "Or*a, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai, o do céu, dará* ***um espírito bom*** *aos que lho pedirem!*"

Por essa tradução temos a ideia exata do que querem escamotear. Embora, em princípio, possa parecer que a intenção seria a de se fundamentar o dogma da Trindade, ao traduzir "espírito bom" por "Espírito Santo", não foi esse o objetivo; na verdade, o que estão fazendo, capciosamente, é uma tentativa de esconder uma realidade da época, que era a comunicação com os espíritos, o que o passo põe em evidência. Nele, claramente, se vê a questão da manifestação dos espíritos, na afirmativa de que Deus enviará "um espírito bom" aos que Lhe pedirem, pois, Ele, como bom Pai, atenderá ao pedido.

Agora sim, vemos justiça, pois, se só viessem os espíritos maus, denominados genericamente de demônios, como se apregoa por aí, é que seria uma baita injustiça.

Além da *Didaquê*, citada por Léon Denis, que, ao que tudo indica, corrobora isso como prática corriqueira naquela época, ainda podemos citar a obra *O Pastor,* escrita por volta de 142 a 155 E.C., cujo autor Hermas, provavelmente um discípulo de Paulo (Rm 16,14), dá judiciosa orientação para se distinguirem os bons dos maus espíritos:

> O espírito que vem da parte de Deus é pacífico e humilde; afasta-se de toda malícia e de todo vão desejo deste mundo e paira acima de todos os homens. Não responde a todos os que o interrogam, nem às pessoas em particular, porque **o espírito que vem de Deus não fala ao homem quando o homem quer, mas quando Deus o permite**. Quando, pois, um homem que tem um espírito de Deus vem à assembleia dos fiéis, desde que se fez a prece, o espírito toma lugar nesse homem, que fala na assembleia como Deus o quer.
>
> Reconhece-se, ao contrário, o espírito terrestre, frívolo, sem sabedoria e sem força, no que se agita, se levanta e toma o primeiro lugar. É importuno, tagarela e não profetiza sem remuneração. Um profeta de Deus não procede assim. (DENIS, 1987a, p. 61, grifo nosso).

A afirmativa de que "o espírito que vem de Deus não fala ao homem quando o homem quer, mas quando Deus o permite", é exatamente o que se diz na Doutrina Espírita, porquanto os espíritos somente se manifestam porque há mesmo permissão de Deus para isso.

Voltando a nossa atenção para o Novo Testamento, veremos que até mesmo Jesus se comunicou com os mortos, conforme poder-se-á ver na narrativa em que Ele conversa com os espíritos Moisés e Elias (Mt 17,3; Lc 9,30), fora a questão de Ele ter se manifestado, depois de morto, primeiramente aos discípulos, em seguida a várias pessoas.

Lucas, como sabemos, é o único evangelista que narra a parábola do rico e Lázaro (Lc

5 Fonte: http://www.bibliacatolica.com.br/09/49/11.php, acesso em 08.03.2010, às 11:30hs.

16,19-31), velha conhecida de quase todos nós, na qual vemos que:

1) o fato do rico pedir a Abraão que enviasse Lázaro para avisar a seus irmãos, foi, certamente, pelo motivo disso ser uma crença comum na época, notar que, pela Bíblia, o "morto" leva sua memória para o plano espiritual;

2) Abraão não disse que o envio de Lázaro seria impossível ou algo proibido; apenas ressaltou que não valia a pena fazer isso, pois se as pessoas não davam ouvidos a Moisés e aos profetas, que deixaram suas mensagens enquanto vivos, muito menos dariam a um morto, caso Lázaro lhes fosse enviado.

Aliás, é exatamente isso que anda acontecendo nos dias de hoje: ninguém dá ouvidos aos espíritos que estão vindo nos informar sobre como é o "lado de lá", para evitar uma série de transtornos a nós outros.

Uma das últimas recomendações de Jesus, antes de ser crucificado, foi dizer aos discípulos:

> Mc 13,11: "*Quando conduzirem vocês para serem entregues, não se preocupem com aquilo que vocês deverão dizer:* ***digam o que vier na mente de vocês nesse momento, porque não serão vocês que falarão, mas o Espírito Santo***".

Como o "Santo" ainda não existia, foi acréscimo posterior; assim, temos então, que a orientação de Jesus se refere à influência de "um" espírito sobre cada um dos discípulos que, por recebê-la, falaria coisas que viria à mente; é, sem dúvida, um fato ligado à mediunidade, portanto, à manifestação de espíritos que, na forma invisível, influenciavam-nos. É registrado, por exemplo, o caso de Pedro e João que todos ficavam admirados ao ver a segurança com que falavam, visto serem pessoas simples e sem instrução (At 4,13).

Esse fenômeno ainda pode ser visto no livro Atos dos Apóstolos, quando o Espírito desceu sobre os discípulos e todos começaram a "*falar em línguas estranhas*" (At 2,1-5), acontecendo depois com várias outras pessoas (At 10,44-46; 19,6). Pedro, acertadamente, disse que tal coisa era o cumprimento de uma profecia:

> At 2,16-18: "*[...] está acontecendo aquilo que o* ***profeta Joel*** *anunciou: 'Nos últimos dias, diz o Senhor, eu* ***derramarei o meu Espírito sobre todas as pessoas****. Os filhos e filhas de* ***vocês vão profetizar, os jovens terão visões e os anciãos terão sonho****s. E, naqueles dias, derramarei o meu Espírito também sobre meus servos e servas, e eles profetizarão"*.

É a explosão da mediunidade que estava acontecendo e que, novamente, vem ocorrendo a partir de meados do século XIX, onde os que vivem no plano espiritual voltam para orientar os que ficaram na retaguarda. O "falar em línguas estranhas" é o que denominamos de xenoglossia, cuja definição é:

> **Xenoglossia**: (do grego: *xeno* = estrangeiro; *glossa* = língua), segundo Charles Richet (Metapsíquica), é o uso de uma língua (escrita ou falada) que não se aprendeu e que não se conhece em condições normais. O médium, influenciado por um espírito, fala uma língua estrangeira que lhe é por inteiro desconhecida". (PALHANO JR., 2004, p. 307).

Há uma outra ocorrência ligada ao fenômeno da manifestação dos espíritos, que está registrada nos Evangelhos, que é a influência de um espírito mau sobre uma pessoa, inclusive, em certos casos, chegou-se a possessão física. Modernamente, são os denominados de obsessões. Os casos de possessos, mencionados, podem ser vistos em Mc 1,21-28, 5,1-16 e 7,24-30, onde Jesus, com sua autoridade moral, libertava-os da influência perniciosa dos espíritos, fato que causava admiração no povo: "*Ele manda até nos espíritos maus e eles obedecem*" (Mc 1,27).

Apesar do alerta de Jesus, parece que ninguém Lhe "dá ouvidos":

> Mt 12,43-45: "*Quando* ***um espírito mau sai de um homem****, ele fica vagando em lugares desertos, procurando repouso, e não o encontra. Então ele diz: 'Vou já voltar*

> *para a casa de onde saí'. Quando ele chega, encontra a casa vazia, varrida e arrumada.* ***Então ele vai, e traz consigo outros sete espíritos piores do que ele****. Eles entram e moram aí; no fim, esse homem fica em condição pior do que antes. É o que vai acontecer com esta geração má"*.

Não nos preocupamos em manter a "nossa casa" fechada a tais espíritos; nossas imperfeições morais a deixam com a sua porta completamente escancarada.

É bom registrar que também muitos dos que seguiam a Jesus, conseguiam "expulsar" os espíritos maus (At 5,16; 8,5-8; 19,11-12); certamente, porque possuíam as condições morais para tal empreitada. Sobre isso, há um registro interessante que vale a pena transcrever:

> At 19,13-17: "***Alguns exorcistas judeus*** *itinerantes começaram a invocar o nome do Senhor Jesus sobre aqueles que tinham* ***espíritos maus****. E diziam: "Eu esconjuro vocês por este Jesus que Paulo está pregando." Os que faziam isso eram os sete filhos de Ceva, um sumo sacerdote judeu.* ***Mas o espírito mau reagiu****, dizendo: "Eu conheço Jesus e sei quem é Paulo; mas quem são vocês?" E o homem que estava possesso do espírito mau pulou sobre eles com tanta violência, que tiveram de fugir daquela casa, sem roupas e cobertos de ferimentos. E toda a população de Éfeso, judeus e gregos, ficou sabendo do fato. O temor se apossou de todos. E a grandeza do nome de Jesus era exaltada*".

É o famoso "quem não tem competência, que não se estabeleça". Assim, aos que carecem de condições morais, recomenda-se a não se aventurarem a exorcizar espíritos; veja o que pode acontecer com o exemplo acima.

No início, dissemos que os espíritos maus eram genericamente chamados de demônios; cabe-nos, agora, provar tal assertiva; leiamos:

> Lc 9,38-42: "*Um homem gritou do meio da multidão: 'Mestre, eu te peço, vem ver o meu filho, pois é o meu único filho.* ***Um espírito o ataca*** *e, de repente, solta gritos e o sacode, e o faz espumar. Eu pedi aos teus discípulos que expulsassem* ***o espírito****, mas eles não conseguiram." Jesus disse: "Ó geração sem fé e pervertida! Até quando deverei ficar com vocês, e ter que suportá-los? Traga o menino aqui." Quando o menino estava se aproximando, o* ***demônio*** *o jogou no chão e o sacudiu. Então* ***Jesus ordenou ao espírito mau****, e curou o menino. Depois o entregou a seu pai*".

Vemos aqui, num mesmo texto, que "demônio" e "espírito mau" são a mesma coisa, uma vez que ambas palavras são utilizadas para descrever o mesmo personagem envolvido na história, que figura como o agente perturbador do menino.

O professor universitário Russell Norman Champlin (1933-), Ph.D, fez uma análise bem interessante; leiamos:

> *Demonismo?* Não é de estranhar que muitas igrejas que buscam ambiciosamente os dons espirituais são aquelas que têm dificuldades com a possessão demoníaca? Por que não lhes ocorre que os mesmos espíritos que os levam a falar em línguas, a curar, a profetizar, etc., são os mesmos que os possuem e que, finalmente, mostram sua malignidade moral levando-os a se sentirem psicológica e moralmente agitados, o que algumas vezes os leva à insanidade mental? **Assim é que em uma reunião um espirito é expulso de alguém; mas, na próxima reunião, tudo se repete. Tudo isso é atribuído ao Espírito Santo, quando, na realidade, só se manifesta em um "espiritismo" ignorante. Pelo menos os espíritas dizem apenas que entram em contacto com espíritos humanos de pessoas falecidas; e são suficientemente sábios para saber que alguns deles, pelo menos, são malignos.** Mas na igreja, em sua infantilidade, não são tomadas essas precauções; e o resultado disso são muitas pessoas que terminam por sofrer de perturbações psíquicas. Tais fatos não podem ser ignorados, sem importar se pensamos que os espíritos "humanos" estão ou não no fundo dessa questão. (CHAMPLIN, vol. 4, 2005d, p. 187, grifo nosso).

Essa opinião é importante, pois vem de pessoa ligada ao segmento evangélico. E esmiuçando mais a questão dos demônios, Champlin, explica:

> Era ponto *teológico comum*, entre os judeus (sendo ensinado nas escolas teológicas judaicas dos fariseus e de outros), que **os demônios, capazes de possuir e de controlar um corpo vivo, são espíritos de *mortos partidos* deste mundo**, especialmente aqueles de caráter vil e de natureza perversa. (Ver Josefo, *de Bello Jud.* VII. 6.3). Os gregos, os romanos e outros povos antigos compartilhavam dessa crença. Alguns dos pais da igreja também aceitaram essa ideia, tais como Justino Mártir (150 D.C.) e Atenágoras.
>
> ***Tertuliano* (150 D.C.) foi o primeiro pai da igreja a começar a modificar essa ideia, e deu origem à crença de que os demônios fazem exclusivamente parte de uma ordem de anjos decaídos**. Finalmente, tendo aparecido o grande comentador Crisóstomo (407 D.C.), obteve aceitação geral a ideia de que os demônios não são espíritos humanos caídos, e, sim, pertencem à ordem de anjos caídos juntamente com Satanás. [...] (CHAMPLIN, vol. 1, 2005a, p. 695, grifo nosso).

Percebe-se, então, que o significado foi mudando com o tempo, passou a ser uma outra coisa completamente diferente daquele que tinha anteriormente, que seria o que deveríamos tomar para entender as passagens bíblicas.

Numa outra obra, Champlin, aborda novamente o assunto, citando Adam Clarke (1760-1832), teólogo metodista e erudito bíblico britânico:

> Jesus aproximava-se dos Seus discípulos, caminhando à superfície do lago. "E os discípulos, vendo-o caminhar sobre o mar, assustaram-se, dizendo: é um fantasma. E gritaram com medo" (Mateus 14:26). **Foi acerca desse passe versículo que se manifestou Adam Clarke nestes termos**: "Que os espíritos dos mortos ***podem*** aparecer e realmente ***aparecem***, foi doutrina mantida pelos maiores e mais santos homens que já existiram; e é uma doutrina que os caviladores, - os *livres-pensadores* e os *bitolados* de diferentes épocas jamis foram capazes de desmentir". (CHAMPLIN, 1981(?), p. 101, grifo nosso).

E já que mencionamos Paulo, não podemos deixar de dizer que ele, o apóstolo dos gentios, foi quem mais entendeu dessas coisas, a ponto de orientar: "*Sobre os dons do Espírito, irmãos, não quero que vocês fiquem na ignorância*". (1Cor 12,1). O "dons do Espírito" nada mais é do que o que hoje conhecemos como mediunidade; mas vejamos o que ele diz dela:

> 1Cor 12,2-11: "*Vocês sabem que, quando eram pagãos, se sentiam irresistivelmente arrastados para os ídolos mudos. Por isso, eu declaro a vocês que ninguém, falando sob a ação do Espírito de Deus, jamais poderá dizer: 'Maldito Jesus!' E ninguém poderá dizer: 'Jesus é o Senhor!' a não ser sob a ação do Espírito Santo. Existem dons diferentes, mas o Espírito é o mesmo; diferentes serviços, mas o Senhor é o mesmo; diferentes modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. A um, o Espírito dá a palavra de sabedoria; a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito; a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, **o discernimento dos espíritos**; a outro, o dom de falar em línguas; a outro ainda, o dom de as interpretar. Mas é o único e mesmo Espírito quem realiza tudo isso, distribuindo os seus dons a cada um, conforme ele quer*".

Aqui, Paulo fala dos vários tipos de mediunidade; inclusive, a de discernimento dos espíritos, o que prova que eles eram vários, não é, portanto, como alguns querem fazer crer, apenas um só: o Espírito Santo, personagem que não existia naquele momento, conforme já dito. Como sabemos que se manifestam espíritos dos mais variados graus evolutivos, é preciso mesmo saber distinguir os bons dos maus, para não embarcarmos numa "canoa furada", seguindo a falsos profetas da erraticidade.

Em Jayme Andrade (?-), que, segundo ele mesmo afirma, foi criado no seio da Igreja

evangélica, encontramos uma explicação que vem ajudar-nos no entendimento do texto bíblico atribuído a Paulo:

> Quando o apóstolo disse que "um só Espírito opera todas as coisas, repartindo particularmente a cada um como quer" (1ª Cor 12:1), pretendeu certamente referir-se ao Guia Espiritual da reunião, que faculta a cada Espírito comunicante o ensejo de ministrar sua mensagem, tanto que no versículo imediatamente anterior ele fala do "dom de discernir **os espíritos**" e um pouco adiante afirma: "**Os espíritos** dos profetas estão sujeitos aos profetas" (14:32). Note-se que o apóstolo João também advertiu: "Amados, não creiais em todo Espírito, mas provai se **os espíritos** são de Deus". (1ª João 4:1) (ANDRADE, 1997, p. 117, grifo do original).

Portanto, não se trata de algo no qual somente o Espírito Santo estava agindo em todos, como tentam fazer-nos crer ter acontecido em Lucas (Lc 11,13). Aliás, há um outro passo em que também o sentido foi alterado, conforme nos afirma o Rev. Haraldur Nielsson (1868-1928), professor de Teologia, em *O Espiritismo e a Igreja*, do qual transcrevemos:

> E, em outra passagem do mesmo capítulo, diz: "Assim também vós, pois que aspirais dons espirituais (isto é, desenvolver a mediunidade e entrar em relação com os espíritos) seja isto para edificação da Igreja e que os procureis possuir em abundância (I Cor., XIV, 12).
>
> **No texto grego está – espíritos e não dons espirituais** – como menciona a tradução dinamarquesa da Bíblia. Em muitas traduções da Bíblia, esta passagem está vertida em sentido confuso, apesar de não haver e menor dúvida quanto à verdadeira significação dos termos gregos do texto original: *epei zelotai este pneumaton*. (NIELSSON, 1983, p. 49-50, grifo nosso).

Mais uma alteração feita, sem a menor cerimônia, visando, evidentemente, esconder a verdade.

Aos que, sem preconceito, analisarem as narrativas bíblicas, provavelmente, chegarão à mesma conclusão que nós, ou seja, que o intercâmbio com os espíritos era fato comum, no início do cristianismo, que, após algumas alterações na Bíblia, foram descaracterizados como tal. Inclusive, diga-se de passagem, o contato com os espíritos não recebeu nenhum sinal de admoestação por parte de Jesus, no sentido de proibi-lo. Quem o proibiu foi Moisés, e, por ironia, quem disse ter sido proibido apresenta-se a Jesus (Mt 17,1-9; Lc 9,28-36); aí vale o questionamento de Kardec: "Finalmente convém saber se a Igreja coloca a lei moisaica acima da evangélica, ou por outra, se é mais judia que cristã" (KARDEC, 2007d, p. 172), que estendemos a todos os fiéis das Igrejas tradicionais.

Adão e Eva: o primeiro casal?

Nas questões bíblicas sempre fomos instruídos a não questionar, pois, segundo nos faziam crer, o questionamento da "Palavra de Deus" era algo que, além de ser fora de propósito aos seres humanos, também era uma espécie de ofensa à divindade. Nós aceitávamos tais "verdades", sem nos dar conta de que se Deus nos deu a inteligência, certamente esperando que nós a usemos em plenitude.

Vejamos o seguinte relato bíblico:

> Gn 4,1-25: "*O homem se uniu a **Eva**, sua mulher, e ela concebeu e **deu à luz Caim**. E disse: 'Adquiri um homem com a ajuda de Javé'. Depois ela também **deu à luz Abel**, irmão de Caim. Abel tornou-se pastor de ovelhas e Caim cultivava o solo. Depois de algum tempo, Caim apresentou produtos do solo como oferta a Javé. Abel, por sua vez, ofereceu os primogênitos e a gordura do seu rebanho. **Javé gostou de Abel e de sua oferta, e não gostou de Caim e da oferta dele**. Caim ficou então muito enfurecido e andava de cabeça baixa. […] Caim disse a seu irmão Abel: 'Vamos sair'. E quando estavam no campo, **Caim se lançou contra o seu irmão Abel e o matou**. Então Javé perguntou a Caim: 'Onde está o seu irmão Abel?' Caim respondeu: 'Não sei. Por acaso eu sou o guarda do meu irmão?' Javé disse: 'O que foi que você fez? Ouço o sangue do seu irmão, clamando da terra para mim. Por isso você é amaldiçoado por essa terra que abriu a boca para receber de suas mãos o sangue do seu irmão. Ainda que você cultive o solo, ele não lhe dará mais o seu produto. Você andará errante e perdido pelo mundo'. **Caim disse a Javé**: 'Minha culpa é grave e me atormenta. Se hoje me expulsas do solo fértil, terei de esconder-me de ti, **andando errante e perdido pelo mundo; o primeiro que me encontrar, me matará**'. Javé lhe respondeu: 'Quem matar Caim será vingado sete vezes'. **E Javé colocou um sinal sobre Caim, a fim de que ele não fosse morto por quem o encontrasse**. Caim saiu da presença de Javé, e **habitou na terra de Nod**, a leste de Éden. **Caim se uniu à sua mulher**, que concebeu e deu à luz Henoc. **Caim construiu uma cidade**, e deu à cidade o nome de seu filho Henoc. […] **Adão se uniu à sua mulher; ela deu então à luz um filho, e lhe deu o nome de Set**, dizendo: 'Deus me concedeu outro descendente no lugar de Abel, que Caim matou'*".

Então, resumidamente, aqui temos: Caim mata Abel e, apesar de sobrarem ele e os seus pais – Adão e Eva –, ele vai para a região de Nod, casa e, ainda se não bastasse, funda uma cidade. Deus concorda com Caim sobre a existência de outras pessoas, porquanto põe-lhe um sinal para que ninguém que o encontrasse o matasse. Moral da história: Adão e Eva não foi o primeiro casal, levando-se em conta tudo isso.

Poucos tradutores tiveram a coragem de falar sobre isso; encontramos algo somente na Bíblia Barsa e na Bíblia de Jerusalém:

> v. 14. A Bíblia apenas narra os acontecimentos mais importantes, de modo que **muitos anos já se deveriam ter passado**, tanto que Caim teme a vingança de algum dos outros membros de sua família, então já numerosos e adultos.
>
> v. 17. Sua mulher que era também sua irmã. Permitiu Deus estes casamentos só no início da humanidade. **Edificou uma cidade, i.e. Umas poucas casas, naturalmente as de seus filhos casados**, e protegidas por muralhas ou outros meios de defesa, em oposição aos outros irmãos que, provavelmente, continuavam a vida nômade. (Bíblia Barsa, p. 4, grifo nosso).

Muitos anos já se deveriam ter passado?! Como, se o próximo filho do suposto primeiro

casal nasceu quando Adão tinha 130 anos (Gn 5,3)!? Veja, caro leitor, que as explicações sempre extrapolam o que o texto informa.

> Nesse capítulo, o relato (vv. 1-16), assim como as genealogias (vv. 17-26), pertencem às tradições javistas. **O relato supõe uma civilização um pouco evoluída**: no domínio religioso, um culto com oferta de produtos (talvez as primícias) do solo e dos primogênitos do rebanho (vv. 3-4). **Supõe-se também a existência de homens que poderiam matar Caim e outros que poderiam vingá-lo (vv 14-15**). Este relato pode se relacionar de início não aos filhos do primeiro homem, mas ao antepassado epônimo dos quenitas (cainitas: cf. Nm 24,21+). Reportado às origens da humanidade, ele recebe um aspecto geral: de um lado, Caim e Abel estão na origem de dois modos de vida, o agricultor sedentário e o pastor nômade; de outro lado, esses dois irmãos personificam a luta do Homem contra o Homem. Ao lado da revolta do homem contra Deus, há também a violência do "irmão" contra seu "irmão". O duplo mandamento de amor (Mt 22,40), mostrará as exigências fundamentais com a vontade de Deus. (Bíblia de Jerusalém, p. 39, grifo nosso).

O que não conseguimos entender é: se têm a Bíblia como a Palavra de Deus, por que, em alguns casos, os seus textos não a representam, especialmente, aqueles que ferem todo o bom senso e a lógica, numa evidente contradição?

Não deixa também de ser curioso o fato de que, no capítulo seguinte (Gn 5), quando fala dos descendentes de Adão, não foram listados os seus dois primeiros filhos – Caim e Abel:

> Gn 5,1-5: "*Lista dos descendentes de Adão: Quando Deus criou Adão, ele o fez à semelhança de Deus. Homem e mulher ele os criou, os abençoou e lhes deu o nome de "Homem", no mesmo dia em que foram criados. Quando Adão completou cento e trinta anos, gerou um filho à sua semelhança e imagem, e lhe deu o nome de Set. O tempo que Adão viveu, depois do nascimento de Set, foi de oitocentos anos, e gerou filhos e filhas. Ao todo, Adão viveu novecentos e trinta anos. E morreu*".
>
> Silêncio sepulcral!

Leiamos, agora, as considerações que Allan Kardec (1804-1869) fez sobre os fatos dessa narrativa:

> 25. - Se nos apegarmos à letra da Gênese, eis as consequências a que chegaremos: Adão e Eva estavam sós no mundo, depois de expulsos do paraíso terrestre; só posteriormente tiveram os dois filhos Caim e Abel. Ora, tendo-se Caim retirado para outra região depois de haver assassinado o irmão, não tornou a ver seus pais, que de novo ficaram isolados. Só muito mais tarde, na idade de cento e trinta anos, foi que Adão teve um terceiro filho, que se chamou Seth, depois de cujo nascimento, ele ainda viveu, segundo a genealogia bíblica, oitocentos anos, e teve mais filhos e filhas.
>
> Quando, pois, Caim foi estabelecer-se a leste do Éden, somente havia na Terra três pessoas: seu pai e sua mãe, e ele, sozinho, de seu lado. Entretanto, Caim teve mulher e um filho. Que mulher podia ser essa e onde pudera ele desposá-la? O texto hebreu diz: *Ele estava construindo cidade* e não: *ele construiu*, o que indica ação presente e não ulterior. Mas, uma cidade pressupõe a existência de habitantes, visto não ser de presumir que Caim a fizesse para si, sua mulher e seu filho, nem que a pudesse edificar sozinho.
>
> **Dessa própria narrativa, portanto, se tem de inferir que a região era povoada. Ora, não podia sê-lo pelos descendentes de Adão, que então se reduziam a um só: Caim**.
>
> Aliás, a presença de outros habitantes ressalta igualmente destas palavras de Caim: "Serei fugitivo e vagabundo e quem quer que me encontre matar-me-á", e da resposta que Deus lhe deu. Quem poderia ele temer que o matasse e que utilidade teria o sinal que Deus lhe pôs para preservá-lo de ser morto, uma vez que ele a ninguém iria encontrar? **Ora, se havia na Terra outros homens afora a família de Adão, é que esses homens aí estavam antes dele, donde se deduz esta consequência, tirada do texto mesmo da Gênese: Adão não é nem o primeiro, nem o único pai do gênero humano**. (Cap. XI,

nº 34.) (KARDEC, 2007e, p. 292-293, grifo nosso).

O que Kardec disse é tudo o que se pode retirar dos textos bíblicos, sem nenhum tipo de extrapolação ou justificativa para os fatos contraditórios. Questionando aos espíritos sobre a criação do homem, obteve respostas elucidativas, entre as quais destacamos:

> **Povoamento da Terra. Adão**
>
> 50. *A espécie humana começou por um único homem?*
>
> "Não; aquele a quem chamais **Adão não foi o primeiro, nem o único a povoar a Terra**."
>
> 51. *Poderemos saber em que época viveu Adão?*
>
> "Mais ou menos na que lhe assinais : cerca de 4.000 anos antes do Cristo."
>
> **O homem, cuja tradição se conservou sob o nome de Adão, foi dos que sobreviveram, em certa região, a alguns dos grandes cataclismos que revolveram em diversas épocas a superfície do globo**, e se constituiu tronco de uma das raças que atualmente o povoam. As leis da Natureza se opõem a que os progressos da Humanidade, comprovados muito tempo antes do Cristo, se tenham realizado em alguns séculos, como houvera sucedido se o homem não existisse na Terra senão a partir da época indicada para a existência de Adão. Muitos, com mais razão, consideram Adão um mito ou uma alegoria que personifica as primeiras idades do mundo.
>
> [...]
>
> 53. *O homem surgiu em muitos pontos do globo?*
>
> "**Sim e em épocas várias,** o que também constitui uma das causas da diversidade das raças. Depois, dispersando-se os homens por climas diversos e aliando-se os de uma aos de outras raças, novos tipos se formaram."
>
> a) - *Estas diferenças constituem espécies distintas?*
>
> "Certamente que não; todos são da mesma família. Porventura as múltiplas variedades de um mesmo fruto são motivo para que elas deixem de formar uma só espécie?"
>
> (KARDEC, 2007a, p. 83-84, grifo nosso).

Obviamente, que por raças devemos entender etnias, uma vez que a ciência passou a utilizar esse novo parâmetro para denominar as diferentes características dos seres humanos.

E, um pouco mais à frente, Kardec, tratando das "Considerações e concordâncias bíblicas concernentes à Criação" a certo ponto diz:

> **A questão de ter sido Adão, como primeiro homem, a origem exclusiva da Humanidade, não é a única a cujo respeito as crenças religiosas tiveram que se modificar**. O movimento da Terra pareceu, em determinada época, tão em oposição às letras sagradas, que não houve gênero de perseguições a que essa teoria não tivesse servido de pretexto, e, no entanto, a Terra gira, mau grado aos anátemas, não podendo ninguém hoje contestá-lo, sem agravo à sua própria razão. (KARDEC, 2007a, p. 87, grifo nosso).

A sua afirmativa de que Adão como primeiro homem foi algo que as religiões tiveram que se modificar, infelizmente, ainda não aconteceu, porquanto, ainda o fanatismo religioso impera em algumas deles, o que faz com que os seus fiéis rejeitem a Ciência para ficarem com a literalidade dos textos bíblicos. Deixemo-os a cargo de Chronos que, certamente, se encarregará de fazer com que modifiquem suas crenças.

Ajustes a dogmas

Ao longo dos tempos, a Bíblia vem sendo ajustada às conveniências dogmáticas das religiões tradicionais que dela fazem uso. Todos sabemos, ou deveríamos saber, que, por exemplo, a Trindade foi cópia de tradições pagãs. Uma vez instituído tal dogma; foi necessário ajustar os textos e as interpretações bíblicas a esse, vamos dizer, aculturamento religioso, assim, o que era "um" Espírito Santo, se transformou em "o" Espírito Santo.

Mesmo sem possuirmos profundos conhecimentos que possam nos fornecer pistas de todas as interpolações, algumas saltam aos olhos, de tão evidentes, que só não as vê quem não quer.

Nos textos que iremos analisar deixaremos a numeração dos versículos para nos ajudar a localização dos trechos que vamos ressaltar.

Uma primeira que poderemos citar encontra-se em Gênesis, especificamente nos capítulos 10 e 11, vejamos:

Gênesis 10:

*"1. Esta é a descendência dos filhos de Noé: **Sem**, **Cam** e **Jafé**, que tiveram filhos depois do dilúvio. 2**. Filhos de Jafé**: Gomer, Magog, Madai, Javã, Tubal, Mosoc e Tiras. 3. Filhos de Gomer: Asquenez, Rifat e Togorma. 4. Filhos de Javã: Elisa, Társis, Cetim e Dodanim. 5. **Foi destes que se separaram as populações das ilhas**, **cada qual segundo o seu país, língua, família e nação**. 6. **Filhos de Cam**: Cuch, Mesraim, Fut e Canaã. 7. Filhos de Cuch: Saba, Hévila, Sabata, Regma e Sabataca. Filhos de Regma: Sabá e Dadã. 8. Cuch gerou Nemrod, que foi o primeiro valente na terra. 9. Foi um valente caçador diante de Javé, e é por isso que se diz: "Como Nemrod, valente caçador diante de Javé". 10. As capitais do seu reino foram Babel, Arac e Acad, cidades que estão todas na terra de Senaar. 11. Dessa terra saiu Assur, que construiu Nínive, Reobot-Ir, Cale 12. e Resen, entre Nínive e Cale. Esta última é a maior. 13. Mesraim gerou os de Lud, de Anam, de Laab, de Naftu, 14. de Patros, de Caslu e de Cáftor; deste último surgiram os filisteus. 15. Canaã gerou Sídon, seu primogênito, depois Het, 16. e também o jebuseu, o amorreu, o gergeseu, 17. o heveu, o araceu, o sineu, 18. o arádio, o samareu e o emateu. Em seguida, as famílias dos cananeus se dispersaram. 19. A fronteira dos cananeus ia de Sidônia, em direção a Gerara, até Gaza; depois, em direção a Sodoma, Gomorra, Adama e Seboim, até Lesa. 20. **Esses foram os filhos de Cam, segundo suas famílias e línguas, terras e nações**. 21. Sem, antepassado de todos os filhos de Héber e irmão mais velho de Jafé, também teve descendência. 22. Filhos de **Sem**: Elam, Assur, Arfaxad, Lud e Aram. 23. Filhos de Aram: Hus, Hul, Geter e Mes. 24. Arfaxad gerou Salé, e Salé gerou Héber. 25. Héber teve dois filhos: o primeiro chamava-se Faleg, porque em seus dias a terra foi dividida; o seu irmão chamava-se Jectã. 26. Jectã gerou Elmodad, Salef, Asarmot, Jaré, 27. Aduram, Uzal, Decla, 28. Ebal, Abimael, Sabá, 29. Ofir, Hévila e Jobab; todos esses são filhos de Jectã. 30. Eles habitavam desde Mesa até Sefar, a montanha do oriente. 31. **Foram esses os filhos de Sem, conforme suas famílias e línguas, suas terras e nações.** 32. **Foram essas as famílias dos descendentes de Noé, conforme suas linhagens e nações**. Foi a partir deles que as nações se dispersaram pela terra depois do dilúvio".*

Gênesis 11:

*"1. **O mundo inteiro falava a mesma língua**, com as mesmas palavras. 2. Ao emigrar do oriente, os homens encontraram uma planície no país de Senaar, e aí se estabeleceram. 3. E disseram uns aos outros: 'Vamos fazer tijolos e cozê-los no fogo!' Utilizaram tijolos em vez de pedras, e piche no lugar de argamassa. 4. Disseram:*

*'Vamos construir uma cidade e uma torre que chegue até o céu, para ficarmos famosos e não nos dispersarmos pela superfície da terra'. 5. Então Javé desceu para ver a cidade e a torre que os homens estavam construindo. 6. E Javé disse: '**Eles são um povo só e falam uma só língua**. Isso é apenas o começo de seus empreendimentos. Agora, nenhum projeto será irrealizável para eles. 7. Vamos descer e confundir a língua deles, para que um não entenda a língua do outro'. 8. Javé os espalhou daí por toda a superfície da terra, e eles pararam de construir a cidade. 9. Por isso, a cidade recebeu o nome de Babel, pois foi aí que Javé confundiu a língua de todos os habitantes da terra, e foi daí que ele os espalhou por toda a superfície da terra.*

*10. **Esta é a descendência de Sem**: Quando Sem completou cem anos, gerou Arfaxad, dois anos depois do dilúvio. 11. Depois do nascimento de Arfaxad, Sem viveu quinhentos anos, e gerou filhos e filhas. 12. Quando Arfaxad completou trinta e cinco anos, gerou Salé. 13. Depois do nascimento de Salé, Arfaxad viveu quatrocentos e três anos, e gerou filhos e filhas. 14. Quando Salé completou trinta anos, gerou Héber. 15. Depois do nascimento de Héber, Salé viveu quatrocentos e três anos, e gerou filhos e filhas. 16. Quando Héber completou trinta e quatro anos, gerou Faleg. 17. Depois do nascimento de Faleg, Héber viveu quatrocentos e trinta anos, e gerou filhos e filhas. 18. Quando Faleg completou trinta anos, gerou Reu. 19. Depois do nascimento de Reu, Faleg viveu duzentos e nove anos, e gerou filhos e filhas. 20. Quando Reu completou trinta e dois anos, gerou Sarug. 21. Depois do nascimento de Sarug, Reu viveu duzentos e sete anos, e gerou filhos e filhas. 22. Quando Sarug completou trinta anos, gerou Nacor. 23. Depois do nascimento de Nacor, Sarug viveu duzentos anos, e gerou filhos e filhas. 24. Quando Nacor completou vinte e nove anos, gerou Taré. 25. Depois do nascimento de Taré, Nacor viveu cento e dezenove anos, e gerou filhos e filhas. 26. Quando Taré completou setenta anos, gerou Abrão, Nacor e Arã. 27. Esta é a descendência de Taré: Taré gerou Abrão, Nacor e Arã. Arã gerou Ló. 28. Arã morreu em Ur dos caldeus, sua terra natal, quando seu pai Taré ainda estava vivo. 29. Abrão e Nacor se casaram: a mulher de Abrão chamava-se Sarai; a mulher de Nacor era Melca, filha de Arã, que era o pai de Melca e Jesca. 30. Sarai era estéril e não tinha filhos. 31. Taré tomou seu filho Abrão, seu neto Ló, filho de Arã, e sua nora Sarai, mulher de Abrão. Ele os fez sair de Ur dos caldeus para que fossem à terra de Canaã; mas, quando chegaram a Harã, aí se estabeleceram. 32. Ao todo, Taré viveu duzentos e cinco anos, e depois morreu em Harã".*

Observemos que em Gn 10,1 diz a que se propõe o autor bíblico; aqui ele vai falar da descendência dos filhos de Noé: Cam, Sem e Jafé; o que faz nos versículos 2, 6 e 22. No versículo 5, e reafirmado no 31, está-se informando que cada um desses povos tinha sua língua, o que significa que não se falava a mesma língua.

Mais à frente em Gn 11,10 - pulamos propositalmente o trecho Gn 11,1-9 -, a narrativa volta a descrever a descendência de Sem, um dos filhos de Noé, que vai até o final desse capítulo. Assim, mesmo pulando um trecho o texto mantém-se coerente, sem perder a solução de continuidade, o que vem provar que houve uma interpolação, fato que também se pode corroborar com a contradição em relação à questão da língua, que anteriormente foi afirmado que cada um desses povos originados dos filhos de Noé já falavam cada um a sua. Entretanto, agora, esquecendo-se do que foi tido, colocam que todos falavam a mesma língua.

Pode-se então concluir que a história da confusão de línguas ocorrida na construção da Torre de Babel, não ocorreu; está apenas, e muito fora de lugar, tentando-se dar uma explicação singela, bem ao nível intelectual da época, do porquê o homem possuía diferentes línguas. Só mesmo por castigo de Deus, devem ter imaginado assim.

Mateus 27:

"1. De manhã cedo, todos os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo convocaram um conselho contra Jesus, para o condenarem à morte. 2. Eles o amarraram e o levaram, e o entregaram a Pilatos, o governador".

"3. Então Judas, o traidor, ao ver que Jesus fora condenado, sentiu remorso, e foi devolver as trinta moedas de prata aos chefes dos sacerdotes e anciãos, 4. dizendo:

'Pequei, entregando à morte sangue inocente'. Eles responderam: 'E o que temos nós com isso? O problema é seu'. 5. Judas jogou as moedas no santuário, saiu, e foi enforcar-se. 6. Recolhendo as moedas, os chefes dos sacerdotes disseram: 'É contra a Lei colocá-las no tesouro do Templo, porque é preço de sangue'. 7. Então discutiram em conselho, e as deram em troca pelo Campo do Oleiro, para aí fazer o cemitério dos estrangeiros. 8. É por isso que esse campo até hoje é chamado de 'Campo de Sangue'. 9. Assim se cumpriu o que tinha dito o profeta Jeremias: 'Eles pegaram as trinta moedas de prata - preço com que os israelitas o avaliaram - 10. e as deram em troca pelo Campo do Oleiro, conforme o Senhor me ordenou'".

"11. Jesus foi posto diante do governador, e este o interrogou: 'Tu és o rei dos judeus?' Jesus declarou: 'É você que está dizendo isso'. 12. E nada respondeu quando foi acusado pelos chefes dos sacerdotes e anciãos. 13. Então Pilatos perguntou: 'Não estás ouvindo de quanta coisa eles te acusam?' 14. Mas Jesus não respondeu uma só palavra, e o governador ficou vivamente impressionado. 15. Na festa da Páscoa, o governador costumava soltar o prisioneiro que a multidão quisesse. 16. Nessa ocasião tinham um prisioneiro famoso, chamado Barrabás. 17. Então Pilatos perguntou à multidão reunida: 'Quem vocês querem que eu solte: Barrabás, ou Jesus, que chamam de Messias?' 18. De fato, Pilatos bem sabia que eles haviam entregado Jesus por inveja. 19. Enquanto Pilatos estava sentado no tribunal, sua mulher mandou dizer a ele: 'Não se envolva com esse justo, porque esta noite, em sonhos, sofri muito por causa dele'. 20. Porém os chefes dos sacerdotes e os anciãos convenceram as multidões para que pedissem Barrabás, e que fizessem Jesus morrer. 21. O governador tornou a perguntar: 'Qual dos dois vocês querem que eu solte?' Eles gritaram: 'Barrabás'. 22. Pilatos perguntou: 'E o que vou fazer com Jesus, que chamam de Messias?' Todos gritaram: 'Seja crucificado!' 23. Pilatos falou: 'Mas que mal fez ele?' Eles, porém, gritaram com mais força: 'Seja crucificado!' 24. Pilatos viu que nada conseguia, e que poderia haver uma revolta. Então mandou trazer água, lavou as mãos diante da multidão, e disse: 'Eu não sou responsável pelo sangue desse homem. É um problema de vocês'. 25. O povo todo respondeu: 'Que o sangue dele caia sobre nós e sobre os nossos filhos'. 26. Então Pilatos soltou Barrabás, mandou flagelar Jesus, e o entregou para ser crucificado".

Ao lermos os versículos 1-2 e, em sequência, os 11-25, veremos que a narrativa está perfeitamente inteligível, não perdendo sua solução de continuidade. Os versículos 3-10, que saltamos de início é o trecho que foi interpolado, que foi tão mal feito, que estranhamos que, em geral, as pessoas não percebem isso.

Veja bem, no versículo 3, numa flagrante contradição com o desenrolar da narrativa, se diz que Judas sentiu remorso quando viu que Jesus havia sido condenado; entretanto, até aquele momento histórico, Jesus apenas tinha sido levado à presença do governador (v. 2). O que, na sequência, aconteceu está no v. 11, onde diz que Jesus foi posto diante do governador, que passou a interrogá-lo, ou seja, não tinha ainda acontecido a condenação, que só ocorreu mais tarde, quando ele, Pilatos, pede ao povo para decidir entre "Barrabás ou Jesus"; aí sim, manda flagelar Jesus e depois o entrega para ser crucificado (v. 26).

Há ainda nessa passagem uma outra contradição no que diz respeito ao campo do oleiro, pois aqui diz que os sacerdotes pegaram as moedas devolvidas por Judas e com elas compraram o campo; entretanto, em Atos 1,18 se afirma que foi o próprio Judas quem o comprou.

Aqui o objetivo foi criar um traidor para entregar Jesus, para se ajustar a uma suposta profecia que dizia isso. Entretanto, ao analisarmos a passagem que diz sobre a traição de um amigo (Sl 41,10), percebemos claramente que ela se refere ao rei Davi, autor do salmo, que foi traído pelo seu amigo e conselheiro Aquitofel (2Sm 15,12.31), que remoído se enforca (2Sm 17,23). A coincidência é que essa é exatamente uma das formas citadas na Bíblia sobre como Judas teria morrido; essa é a mais conhecida; a outra diz que ele teria se jogado num abismo (At 1,18).

João 11:

"1. Um tal de Lázaro tinha caído de cama. Ele era natural de Betânia, o povoado de Maria e de sua irmã Marta. 2. Maria era aquela que tinha ungido o Senhor com

perfume, e que tinha enxugado os pés dele com os cabelos. Lázaro, que estava doente, era irmão dela. 3. Então as irmãs mandaram a Jesus um recado que dizia: 'Senhor, aquele a quem amas está doente'. 4. Ouvindo o recado, Jesus disse: 'Essa doença não é para a morte, mas para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por meio dela'. 5. Jesus amava Marta, a irmã dela e Lázaro. 6. Quando ouviu que ele estava doente, ficou ainda dois dias no lugar onde estava. 7. Só então disse aos discípulos: 'Vamos outra vez à Judeia'. 8. Os discípulos contestaram: 'Mestre, agora há pouco os judeus queriam te apedrejar, e vais de novo para lá?' 9. Jesus respondeu: 'Não são doze as horas do dia? Se alguém caminha de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo. 10. Mas se alguém caminha de noite, tropeça, porque nele não há luz'. 11. Disse isso e acrescentou: 'O nosso amigo Lázaro adormeceu. Eu vou acordá-lo'. 12. Os discípulos disseram: 'Senhor, se ele está dormindo, vai se salvar'."

"13. Jesus se referia à morte de Lázaro, mas os discípulos pensaram que ele estivesse falando de sono natural. 14. Então Jesus falou claramente para eles: 'Lázaro está morto. 15. E eu me alegro por não termos estado lá, para que vocês acreditem. Agora, vamos para a casa dele'. 16. Então Tomé, chamado Gêmeo, disse aos companheiros: 'Vamos nós também para morrermos com ele'".

"17. Quando Jesus chegou, já fazia quatro dias que Lázaro estava no túmulo. 18. Betânia ficava perto de Jerusalém; uns três quilômetros apenas. 19. Muitos judeus tinham ido à casa de Marta e Maria para as consolar por causa do irmão. 20. Quando Marta ouviu que Jesus estava chegando, foi ao encontro dele. Maria, porém, ficou sentada em casa. 21. Então Marta disse a Jesus: 'Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. 22. Mas ainda agora eu sei: tudo o que pedires a Deus, ele te dará'. 23. Jesus disse: 'Seu irmão vai ressuscitar'. 24. Marta disse: 'Eu sei que ele vai ressuscitar na ressurreição, no último dia'. 25. Jesus disse: 'Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acredita em mim, mesmo que morra, viverá. 26. E todo aquele que vive e acredita em mim, não morrerá para sempre. Você acredita nisso?' 27. Ela respondeu: 'Sim, Senhor. Eu acredito que tu és o Messias, o Filho de Deus que devia vir a este mundo'. 28. Dito isso, Marta foi chamar sua irmã Maria. Falou com ela em voz baixa: 'O Mestre está aí, e está chamando você'. 29. Quando Maria ouviu isso, levantou-se depressa e foi ao encontro de Jesus. 30. Jesus ainda não tinha entrado no povoado, mas estava no mesmo lugar onde Marta o havia encontrado. 31. Os judeus estavam com Maria na casa e a procuravam consolar. Quando viram Maria levantar-se depressa e sair, foram atrás dela, pensando que ela iria ao túmulo para aí chorar. 32. Então Maria foi para o lugar onde estava Jesus. Vendo-o, ajoelhou-se a seus pés e disse: 'Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido'. 33. Jesus viu que Maria e os judeus que iam com ela estavam chorando. Então ele se conteve e ficou comovido. 34. E disse: 'Onde vocês colocaram Lázaro?' Disseram: 'Senhor, vem e vê'. 35. Jesus começou a chorar. 36. Então os judeus disseram: 'Vejam como ele o amava!' 37. Alguns deles, porém, comentaram: 'Um que abriu os olhos do cego, não poderia ter impedido que esse homem morresse?' 38. Jesus, contendo-se de novo, chegou ao túmulo. Era uma gruta, fechada com uma pedra. 39. Jesus falou: 'Tirem a pedra'. Marta, irmã do falecido, disse: 'Senhor, já está cheirando mal. Faz quatro dias'. 40. Jesus disse: 'Eu não lhe disse que, se você acreditar, verá a glória de Deus?' 41. Então tiraram a pedra. Jesus levantou os olhos para o alto e disse: 'Pai, eu te dou graças porque me ouviste. 42. Eu sei que sempre me ouves. Mas eu falo por causa das pessoas que me rodeiam, para que acreditem que tu me enviaste'. 43. Dizendo isso, gritou bem forte: 'Lázaro, saia para fora!' 44. O morto saiu. Tinha os braços e as pernas amarrados com panos e o rosto coberto com um sudário. Jesus disse aos presentes: 'Desamarrem e deixem que ele ande'".

Lázaro estava doente, suas irmãs preocupadas mandam avisar a Jesus que afirma *"essa doença não é para morte"* (v.4), e tranquilo, ainda fica por lá mais dois dias (v.6). Disse aos discípulos que *"Nosso amigo Lázaro adormeceu, eu vou acordá-lo"* (v.11), coerente com o que havia dito antes e também semelhante ao que disse da filha de Jairo *"a criança não morreu. Ela está apenas dormindo"* (Mc 5,39). Partindo do lugar onde estava, demorou ainda mais dois dias para chegar a Betânia (v. 17), chegando chama Lázaro de volta e ele ressuscita.

Como havia necessidade de se fazer de Jesus um milagreiro, era melhor ressuscitar um

morto que curar um doente, por isso colocam Jesus dizendo: *"Lázaro morreu",* fazendo-o cair em contradição com o que havia dito antes e com um fato bem semelhante a esse – a filha de Jairo. Poderia até ser um outro motivo: o de quererem justificar a ressurreição de Jesus, como sendo uma ressurreição física e não espiritual; pois, se fosse espiritual, como explicar o sumiço do seu corpo?

O que é estranho nisso tudo é que sempre afirmam que os textos estão iguais aos originais; certamente isso não é verdade. É muito mais provável que, mesmo agindo de boa-fé, esses textos, tidos como originais, são cópias alteradas que, após uma "queima de arquivo", se transformaram em originais. Quem fez isso? Não sabemos e, na verdade, a essa altura do campeonato, pouco importa; o que importa é sabermos separar o joio que cresceu junto ao trigo.

Antiga ou nova aliança, qual delas devemos seguir?

Sempre estamos às voltas com argumentos com os quais algumas pessoas pretendem sustentar que devemos, incontestavelmente, seguir a Bíblia como um todo. Mas será? Vejamos alguns pontos para se definir isso.

> Mt 17,1-6: "*Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, os irmãos Tiago e João, e os levou a um lugar à parte, sobre uma alta montanha. E se transfigurou diante deles: o seu rosto brilhou como o sol, e as suas roupas ficaram brancas como a luz. Nisso lhes apareceram Moisés e Elias, conversando com Jesus. Então Pedro tomou a palavra, e disse a Jesus: 'Senhor, é bom ficarmos aqui. Se queres, vou fazer aqui três tendas: uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias'. Pedro ainda estava falando, quando uma nuvem luminosa os cobriu com sua sombra, e* ***da nuvem saiu uma voz que dizia: 'Este é o meu Filho amado, que muito me agrada. Escutem o que ele diz'****. Quando ouviram isso, os discípulos ficaram muito assustados, e caíram com o rosto por terra*".

Considerando que a maioria dos exegetas tem Moisés e Elias como representantes dos livros sagrados dos judeus, ou seja, a Lei e os Profetas, pelo fato da voz que veio da nuvem luminosa dizer que deviam escutar a Jesus, isso implica, necessariamente, que somente o que ele dissesse teria valor, revogando, por consequência, a legislação anterior.

> Mt 7,12: *"Tudo o que vocês desejam que os outros façam a vocês, façam vocês também a eles. Pois* ***nisso consistem a Lei e os Profetas****."*
>
> Mt 22,34-40: *"Os fariseus ouviram dizer que Jesus tinha feito os saduceus se calarem. Então eles se reuniram em grupo, e um deles perguntou a Jesus para o tentar: 'Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?' Jesus respondeu: 'Ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, e com todo o seu entendimento. Esse é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Ame ao seu próximo como a si mesmo.* ***Toda a Lei e os Profetas dependem desses dois mandamentos'****".*

Então, toda a antiga Aliança (Antigo Testamento) se resume em fazer o bem aos outros como gostaríamos que nos fizessem; em outras palavras, podemos dizer amar ao próximo como a nós mesmos; o resto da antiga Aliança (Antigo Testamento) é resto mesmo.

> Lc 16,16: *"****A Lei e os profetas chegaram até João****; daí para a frente o Reino de Deus é anunciado, e cada um se esforça para nele entrar, com violência."*

Então, a antiga Aliança (Antigo Testamento) só vigorou até João Batista, porque depois disso é o Evangelho de Jesus que vale.

> Rm 7,4-6: *"Meus irmãos, o mesmo acontece com vocês: pelo corpo de Cristo, vocês morreram para a Lei, a fim de pertencerem a outro, que ressuscitou dos mortos, e assim produzirem frutos para Deus. De fato, quando vivíamos submetidos a instintos egoístas,* ***as paixões pecaminosas serviam-se da Lei para agir*** *em nossos membros, a fim de que produzíssemos frutos para a morte. Mas agora, morrendo para aquilo que nos aprisionava,* ***fomos libertos da Lei, a fim de servirmos sob o regime novo do Espírito****, e não mais sob o velho regime da letra".*

Então, devemos seguir o regime novo (Evangelho), porquanto Cristo nos libertou da Lei, ou seja, da antiga Aliança (Antigo Testamento).

Gl 2,21: *"Portanto, não torno inútil a graça de Deus, porque, **se a justiça vem através da Lei, então Cristo morreu em vão**".*

Então, a Lei, que é a antiga Aliança (Antigo Testamento), não tem mais valor, pois, para Cristo não ter morrido em vão, devemos seguir os seus ensinamentos, contidos na nova Aliança (Evangelho).

Gl 5,4: *"**Vocês que buscam a justiça na Lei se desligaram de Cristo e se separaram da graça**".*

Então, quem busca a justiça na Lei, ou seja, na antiga Aliança (Antigo Testamento), se desliga de Cristo (Evangelho).

Hb 7,18-22: "*Assim, **fica abolida a lei anterior, por ser fraca e inútil**; de fato, a Lei não levou nada à perfeição. Por outro lado, introduziu-se uma esperança melhor, graças à qual nos aproximamos de Deus. Além do mais, isso não aconteceu sem juramento. Os outros se tornavam sacerdotes sem juramento; Jesus, porém, recebeu um juramento de Deus, que lhe disse: 'O Senhor jurou, e não voltará atrás: você é sacerdote para sempre'. Por essa razão, **Jesus se tornou a garantia de uma aliança melhor**".*

Então, não devemos cumprir a Lei anterior, antiga Aliança (Antigo Testamento), que foi abolida por ser fraca e inútil, uma vez que Jesus nos trouxe uma aliança melhor (Evangelho).

Hb 8,6-7.13: *"**Jesus**, porém, foi encarregado para um serviço sacerdotal superior, pois **é mediador de uma aliança melhor, que promete melhores benefícios.** De fato, **se a primeira aliança não tivesse defeito, nem haveria lugar para segunda aliança**. **Dizendo 'aliança nova', Deus declara que a primeira ficou antiquada**; e aquilo que se torna antigo e envelhece, vai desaparecer logo*".

Então, se Jesus trouxe uma aliança melhor (Evangelho), que, inclusive, promete melhores benefícios, é porque a primeira aliança (Antigo Testamento) continha defeitos; assim, com essa "aliança nova" (Evangelho), Deus declara antiquada a primeira [antiga Aliança (Antigo Testamento)].

Jo 1,17: *"Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; **a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo**".*

Então, se a verdade veio com Cristo (Evangelho), o que teria vindo com Moisés na antiga Aliança (Antigo Testamento)]?... Isso dá o que pensar...

E antes que nos apresentem o passo

Mt 5,17-18: *"**Não pensem que eu vim abolir a Lei e os Profetas.** Não vim abolir, mas dar-lhes pleno cumprimento. Eu garanto a vocês: antes que o céu e a terra deixem de existir, nem sequer uma letra ou vírgula serão tiradas da Lei, sem que tudo aconteça".*

para justificar que Jesus tenha vindo sancionar a Lei e os Profetas (Antigo Testamento), é melhor ver o que Ele mesmo disse ter vindo dar pleno cumprimento:

Lc 24,25-27.44-45: "*Ele então lhes disse: 'Ó homens sem inteligência, como é lento o vosso coração para crer no que os profetas anunciaram! Não era preciso que Cristo sofresse essas coisas para entrar na glória?' E partindo de Moisés começou a percorrer todos os profetas, **explicando em todas as Escrituras, o que dizia respeito a ele mesmo**". "A seguir Jesus lhes disse: '**São estas palavras que eu vos falei, estando ainda convosco, que importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos**'. Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras".*

Então, o que Jesus diz ter vindo foi para cumprir as profecias constantes da Lei que diziam a respeito dele; não toda a Lei e os Profetas (Antigo Testamento), como pensam

muitos. Aliás, é fácil perceber que na antiga Aliança (Antigo Testamento) existem leis que são totalmente humanas, fato reconhecido pelo próprio Moisés. Tanto assim foi que na recomendação de Deus para ele fazer a "Arca da Aliança" e nela colocar as Suas leis (Ex 25,21), Moisés a cumpriu colocando dentro dela somente as duas tábuas com os Dez Mandamentos (Ex 40,20); o restante das leis, as quais escreveu num livro, deixou do lado de fora (Dt 31,24-26), exatamente por que ele não as tinha como leis divinas.

É bom observarmos que Jesus, embora não tenha revogado os Dez mandamentos, achou por bem resumi-los em apenas dois.

Eis algumas citações diretas das leis de Moisés que Jesus modificou:

Mt 5,21-22: *"**Ouvistes que foi dito aos antigos**: 'Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento'. **Eu, porém, vos digo** que todo aquele que (sem motivo) se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo".*

Moisés: Não matarás. Jesus: que não devemos nem mesmo irar contra ou insultar ao nosso irmão.

Mt 5,27-28: *"**Ouvistes que foi dito**: 'Não adulterarás'. **Eu, porém, vos digo**: Qualquer um que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela"*.

Moisés: Não adulterarás. Jesus: só o fato de olhar para uma mulher com intenção impura, já cometemos adultério.

Mt 5,31-32: *"**Também foi dito**: 'Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio'. **Eu, porém, vos digo**: Qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério".*

Moisés: poder-se-ia repudiar a sua mulher. Jesus: se a repudiares estás expondo-a ao adultério.

Mt 5,33-37: *"**Também ouvistes que foi dito aos antigos**: 'Não jurarás falso, mas cumprirás rigorosamente para com o Senhor os teus juramentos'. **Eu, porém, vos digo**: De modo algum jureis: Nem pelo céu, por ser o trono de Deus; nem pela terra, por ser estrado de seus pés; nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei; nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno".*

Moisés: Não jurarás falso. Jesus: De modo algum jureis.

Mt 5,38-42: *"**Ouvistes que foi dito**: 'Olho por olho, dente por dente'. **Eu, porém, vos digo**: Não resistais ao perverso; mas a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; e ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas. Dá a quem te pede, e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes".*

Moisés: Olho por olho, dente por dente. Jesus: Quem te ferir na face direita, volta-lhe também a outra.

Mt 5,43-48: *"**Ouvistes que foi dito**: 'Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo'. **Eu, porém, vos digo**: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos. Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? E se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo? Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste".*

Moisés: Odiarás o teu inimigo. Jesus: Amai os vossos inimigos.

Essa então, teve revogação completa.

E aos que preterindo os ensinamentos de Jesus para sempre citar Paulo (é quem, na verdade, seguem), o que nos leva a concluir que praticam o "paulinismo" e não o cristianismo, parecem não conhecer estes textos do convertido na estrada de Damasco:

> Rm 1,16: *"Não me envergonho do **Evangelho, pois ele é força de Deus para a salvação** de todo aquele que acredita, do judeu em primeiro lugar, mas também do grego".*
>
> 1Cor 15,2: *"**É pelo evangelho que vocês serão salvos,** contanto que o guardem de modo como eu lhes anunciei; do contrário, vocês terão acreditado em vão".*
>
> Ef 1,13: *"Em Cristo, também vocês ouviram a palavra da verdade, **o Evangelho que os salva**".*

Então, nada de salvação de graça e nem pelo sangue de Jesus.

O evangelista João ao narrar o início da vida pública de Jesus nos dá conta de um episódio interessante acontecido com o Mestre:

> Jo 2,1-11: *"No terceiro dia, houve uma festa de casamento em Caná da Galileia, e a mãe de Jesus estava aí. Jesus também tinha sido convidado para essa festa de casamento, junto com seus discípulos. Faltou vinho e a mãe de Jesus lhe disse: 'Eles não têm mais vinho!' Jesus respondeu: 'Mulher, que existe entre nós? Minha hora ainda não chegou'. A mãe de Jesus disse aos que estavam servindo: 'Façam o que ele mandar'. Havia aí seis potes de pedra de uns cem litros cada um, que serviam para os ritos de purificação dos judeus. Jesus disse aos que serviam: 'Encham de água esses potes'. Eles encheram os potes até a boca. Depois Jesus disse: 'Agora tirem e levem ao mestre-sala'. Então levaram ao mestre-sala. Este provou a água transformada em vinho, sem saber de onde vinha. Os que serviam estavam sabendo, pois foram eles que tiraram a água. Então o mestre-sala chamou o noivo e disse: '**Todos servem primeiro o vinho bom e, quando os convidados estão bêbados, servem o pior. Você, porém, guardou o vinho bom até agora**'. Foi assim, em Caná da Galileia, que Jesus começou seus sinais. Ele manifestou a sua glória, e seus discípulos acreditaram nele".*

Sinceramente, nunca acreditamos que Jesus tenha transformado água em vinho para embebedar um bando de pessoas; tinha, pensávamos nós, que haver algum sentido nisso. E tem. É muito mais profundo do que podemos imaginar. Está justamente no versículo no qual se narra a fala do chefe da cerimônia ao noivo: *"Todos servem primeiro o vinho bom e, quando os convidados estão bêbados, servem o pior. Você, porém, guardou o vinho bom até agora"*. Para entender a moral da história, basta colocar Jesus (ou seus ensinamentos) como sendo o "vinho bom" e Moisés como sendo o "vinho pior", que ficará fácil saber o que se estava querendo ensinar nessa passagem.

Aos chefes religiosos de sua época, que sempre insistiam para se seguir a lei de Moisés - jejuar, lavar as mãos, sábado, tradições, etc. -, antiga Aliança (Antigo Testamento), Jesus deu-lhes uma resposta fatal:

> Mc 2,21-22: *"**Ninguém costura um remendo de pano novo em roupa velha**. Do contrário o remendo novo, pelo fato de encolher, estraga a roupa velha e o rasgão fica pior. **Ninguém põe vinho novo em velhos recipientes de couro**. Caso contrário, o vinho arrebentaria os recipientes. Ficariam perdidos os recipientes e também o vinho. Para vinho novo, recipientes novos!".*

Então, disse-lhes em outras palavras: deixem os ensinamentos de Moisés de lado e recebam os meus, pois estes, sim, são os que devem cumprir.

Ficam aí essas reflexões para os que têm *"ouvidos de ouvir"*

Comunicação com os mortos: fato escondido nas traduções e exegeses bíblicas

Estávamos lendo o livro "*Os 3 caminhos de Hécate*", do escritor espírita J. Herculano Pires (1914-1979), que falando das manifestações de espíritos na Bíblia, cita, entre outros, os seguintes passos: "Em Provérbios, 31:1-9, o espírito da mãe de Lamuel aparece-lhe para lhe transmitir conselhos. Em Juízes, 13, um espírito aparece a Manué e sua mulher" (p. 113).

Bem curioso e até ansioso pela nova informação, fomos imediatamente conferi-la. E foi aí que vimos a verdade dos fatos que fazem de tudo para esconder.

Vejamos o passo Pr 31,1-9, do qual colocaremos apenas o versículo 1, já que é ele o que nos interessa:

Bíblia de Jerusalém: *Palavras de Lamuel, rei de Massa,* ***as quais lhe ensinou sua mãe****. [...]*

(Textos com mesmo sentido ao citado: Bíblia do Peregrino; Bíblia Sagrada – Santuário; Bíblia Sagrada – Vozes; Bíblia Sagrada – Ave Maria; Bíblia Shedd, Bíblia Sagrada - Pastoral e Bíblia Anotada – Mundo Cristão).

Bíblia Sagrada - Barsa: *Palavras do rei Lamuel.* ***Visão****, pela qual o instruiu sua mãe. […]*

(Texto com mesmo sentido ao citado: Bíblia Sagrada – Paulinas).

Novo Mundo: *Palavras de Lemuel, o rei,* ***a mensagem*** *ponderosa que sua mãe lhe deu em correção: [...]*

Bíblia Sagrada – SBB: *Palavras do rei Lemuel:* ***a profecia*** *que lhe ensinou sua mãe. [...]*

Infelizmente, percebemos que, na maioria das traduções bíblicas citadas, a passagem foi modificada (se o certo não for dizer adulterada ou corrompida?) para não deixar transparecer a realidade de que essas instruções, que Lamuel (ou Lemuel) recebe de sua mãe; e pela sua redação a impressão que se tem é que elas foram recebidas de uma morta, ou seja, a mensagem foi transmitida pelo espírito de sua mãe. Apenas na narrativa de três delas podemos fazer uma análise e chegar a conclusão que se trata mesmo de uma aparição, oportunidade em que o espírito transmitiu a sua mensagem.

Visão em êxtase ou noturna, são os dois tipos de visões que aparecem na Bíblia. Fora as que se relacionam a eventos futuros, geralmente, são protagonizadas por seres espirituais. Algumas passagens do Antigo Testamento, inclusive, relatam pessoas tendo visões do Espírito de Deus, como se isso fosse um fato possível a um ser humano. E aí nos surge um questionamento: Por que Ele não aparece mais a ninguém nos dias de hoje?

Muitos dos antigos profetas eram videntes (1Sm 9,9), como, por exemplo, Samuel e Ido, citados com essa faculdade; certamente que tinham visões dos espíritos. Pedro, Tiago e João viram os espíritos Moisés e Elias conversando com Jesus (Mt 17,1-9). Zacarias vê o anjo Gabriel (Lc 1,19), que também foi visto por Daniel que disse ser ele um homem (Dn 9,21).

Uma outra visão bem interessante é a de Paulo que vê um macedônio, que lhe suplicava ir à sua cidade (At 16,9); o fato é que no passo não se dá para concluir se esse macedônio era vivo ou morto. Não estranhe, caro leitor, os vivos também podem se manifestar, pelo fenômeno da emancipação da alma - na linguagem bíblica eles são tidos como "arrebatamentos em espírito".

Leiamos, agora, a segunda passagem:

Jz 13,2-25: *Havia um homem de Saraá, do clã de Dã, que se chamava Manué. Sua mulher era estéril e não tinha filhos.* ***O anjo de Javé apareceu à mulher*** *e lhe disse: "Você é estéril e não tem filhos, mas ficará grávida e dará à luz um filho...” A mulher foi falar assim ao marido: "****Um homem de Deus veio me visitar. Pela sua aparência majestosa, parecia um anjo de Deus****…". Então Manué rezou a Javé: "****Eu te peço, Senhor: que o homem de Deus que enviaste****, volte e nos diga o que devemos fazer com o menino, quando ele nascer". Deus ouviu a oração de Manué, e* ***o anjo de Deus apareceu outra vez à mulhe****r, quando ela estava no campo. Seu marido Manué não estava com ela. A mulher foi correndo avisar o marido: "****O homem que me visitou outro dia, voltou****". Manué seguiu a mulher e* ***foi perguntar ao homem****: "Foi você quem falou com esta mulher?" Ele respondeu: "Sim. Fui eu mesmo". Manué disse: "Quando se realizar a sua palavra, como será o comportamento do menino? O que é que ele deve fazer?"* ***O anjo de Javé*** *respondeu a Manué: "A mulher não poderá fazer nada daquilo que lhe foi proibido:...". Manué disse ao* ***anjo de Javé****: "Fique conosco, que vamos preparar um cabrito para você". O* ***anjo de Javé*** *respondeu a Manué: "Mesmo que eu fique, não provarei a sua comida. Mas, se você quiser, prepare um holocausto e ofereça a Javé".* ***Manué não tinha percebido que esse homem era o anjo de Javé.*** *E Manué perguntou: "Qual é o seu nome, para que possamos agradecer a você, quando suas palavras se realizarem?"* ***O anjo de Javé*** *retrucou: "Por que você está querendo saber o meu nome? Ele é misterioso". Então Manué pegou o cabrito com a oferta, e ofereceu-o sobre a rocha em holocausto a Javé, que realiza coisas misteriosas. Manué e sua mulher ficaram observando. Quando a chama do altar subiu para o céu, o* ***anjo de Javé*** *também subiu na chama. Vendo isso, Manué e sua mulher caíram com o rosto no chão.* ***O anjo de Javé não apareceu mais****, nem para Manué nem para a sua mulher. Então Manué entendeu que era o anjo de Javé. Ele disse à sua mulher: "Certamente morreremos,* ***porque vimos a Deus****". A mulher respondeu: "Se Javé nos quisesse matar, não teria aceito o holocausto e a oferta, não nos teria mostrado tudo o que vimos, nem nos teria comunicado essas coisas"...*

Para designar o mesmo ser que aparece a Manué e sua mulher, são utilizados estes termos para descrevê-lo: “anjo de Javé”, “um homem de Deus, que parecia um anjo de Deus”, “anjo de Deus”, “o homem” e “Deus”. Percebe-se a grande confusão que faziam diante das manifestações espirituais, não conseguindo, de fato, distinguir o que realmente viam.

Na verdade, o que viam eram anjos, que nada mais são que espíritos desencarnados, razão pela qual eram confundidos com homens. Para corroborar isso, basta ler em Atos o que aconteceu com Pedro. Ele estava preso a mando de Herodes, que já havia mandado matar a Tiago, irmão de João, e pretendia fazer o mesmo com Pedro, uma vez que viu que isso agradava aos judeus (At 12,1-3). Pedro após ser solto por um anjo do Senhor se dirige à casa de Maria, mãe de João, onde muitos estavam reunidos (At 12,6-12), leiamos, na própria narrativa bíblica, do que se sucede em seguida:

*Bateu à porta, e uma empregada, chamada Rosa, foi abrir. A empregada reconheceu a voz de Pedro, mas sua alegria foi tanta que, em vez de abrir a porta, entrou correndo para contar que Pedro estava ali, junto à porta. Os presentes disseram: 'Você está ficando louca!' Mas ela insistia. Eles disseram: '****Então deve ser o seu anjo****!' Pedro, entretanto, continuava a bater. Por fim, eles abriram a porta: era Pedro mesmo. E eles ficaram sem palavras. (At 12, 13-16).*

Diante da possibilidade de Pedro estar à porta e como o supunham já morto, concluíram que só poderia ser o anjo dele que estava ali; em outras palavras: Então deveria ser o seu espírito!

R. N. Champlin, nos explica essa passagem da seguinte forma:

> "Os cristãos primitivos têm com toda a razão sido criticados por essa sua atitude. Primeiramente rebateram a jovem escrava completamente, não crendo nela, preferindo acreditar que ela estava louca a crerem que as suas próprias orações haviam sido respondidas! E então, quando ela insistiu tão veementemente que não se equivocara com respeito à presença de Pedro ao portão, porquanto ele tinha um timbre de voz todo pessoal, chegaram eles a acreditar que Pedro já fora executado, à semelhança de Tiago, e que a aparição

> fora de seu espírito".
>
> [...]
>
> Aqueles primitivos crentes devem ter crido que os mortos podem voltar a fim de se manifestarem aos vivos, através da agência da **alma.** Observemos que a segunda alternativa, por eles sugerida, sobre como Pedro poderia estar no portão, era que ele teria sido morto e que o seu "anjo" ou "espírito" havia retornado. Portanto, aprendemos que aquilo que é ordinariamente classificado como doutrina "espírita" era crido por alguns membros da igreja cristã de Jerusalém. Isso não significa, naturalmente, que eles pensassem que tal fosse a regra nos casos de morte; porém, aceitaram a possibilidade da comunicação dos espíritos, que a atual igreja evangélica, especialmente em alguns círculos protestantes dogmáticos, nega com tanta veemência.
>
> […] Porém, por toda a parte abundam histórias de **fantasmas,** e muitos céticos negam tudo. Todavia, há muitos desses fenômenos, sob tão grande variedade, e cruzam todas as fronteiras religiosas, para que se possa duvidar dos mesmos como fatos. **Algumas vezes os mortos voltam, e entram em comunicação com os vivos.** Os teólogos judeus aceitavam isso como um fato, havendo entre eles a crença comum de que os "demônios" são espíritos humanos maus, desencarnados.
>
> [...] É um equívoco cercarmos as doutrinas de muralhas, supondo em vão que somente nós, da moderna igreja cristã do século XX, temos as corretas interpretações das verdades bíblicas. Ainda temos muito a aprender, sobre muitas questões, e convém que guardemos nossas mentes abertas, pelo menos o suficiente para permitirmos a entrada de uma réstia de luz. Sabemos pouquíssimo sobre o mundo **intermediário** dos espíritos e supomos que o estado "eterno" já existe, o que todas as evidências mostram não ser ainda assim.
>
> [...]
>
> Naturalmente, sem importar o que os judeus criam a respeito dessas coisas, isso não prova nada neste caso. Porém, a experiência humana parece ser capaz de ilustrar amplamente que, algumas vezes, os espíritos dos mortos voltam a este mundo e entram em contato (pela permissão divina) com os homens. E com base nisso ficamos sabendo, pelo menos, que tais espíritos podem vir a fim de realizar determinadas missões, como também depreendemos que nossos conhecimentos sobre o mundo **intermediário** dos espíritos é extremamente limitado, porquanto muito nos resta ainda a apreender acerca do mundo dos espíritos, bem como sobre as capacidades e atividades dos espíritos. (CHAMPLIN, 2005, p. 250, grifo do original).

Eis aí os fatos que comprovam o que fazem para tirar das passagens bíblicas a realidade da comunicação com os mortos. Aliás, ficamos pensando seriamente que se considerassem mesmo a Bíblia como sendo a palavra de Deus, não teriam coragem de alterá-la, modificá-la ou adulterá-la (caro leitor, escolha a que achar melhor), como flagrantemente fazem. Inclusive alguns tradutores têm o disparate de colocar em Dt 18,10-11, que sempre é citada como proibindo as comunicações com os mortos, palavras que não existiam à época que os textos bíblicos foram escritos, fora o fato de que não existem em hebraico, aramaico ou grego, como: Espiritismo, espiritistas, médiuns e médium espírita, que são neologismos criados por Kardec em abril do ano de 1857, quando publica a obra *O Livro dos Espíritos*.

"E o Verbo se fez carne" faz de Jesus o próprio Deus?

Os primeiros versículos do Evangelho Segundo João são os mais utilizados por fiéis seguidores das correntes cristãs tradicionais para sustentar que Jesus é o próprio Deus encarnado, ou seja, consideram-nos como prova de Sua divindade.

Considerando que os espíritas, em grande parte, são egressos dessas correntes, resolvemos fazer um estudo sobre este assunto, para ver se esta percepção pode ser defendida no meio espírita. Em razão disso esclarecemos que este nosso texto é especialmente dirigido aos espíritas e, por oportuno, também deixamos bem claro de que nada temos contra os que têm concepção diferente da que vamos defender aqui, pois, se advogamos o direito de pensarmos como quisermos, devemos, por obrigação moral, aceitar o uso desse direito pelos outros.

Para explicar como certas "verdades" são perpetuadas tomamos emprestado esse trecho da obra *História das Religiões e a dialética do sagrado*, de Leonardo Arantes Marques (1968-), filósofo, escritor, psicólogo e historiador das religiões reconhecido em diversos Estados, Universidades e Faculdades do Brasil:

> Antes de iniciarmos o nosso pensamento, gostaria de contar um experimento científico que pode ajudar-nos a entender e fazer-nos refletir sobre as nossas possíveis ideologias e verdades.
>
> Dois cientistas resolveram fazer um experimento sobre comportamento de massa repetitivo. Para isso, escolheram cinco macacos que se destacaram, num grupo de vinte, como os melhores em uma bateria de testes feitos antes de colocá-los no experimento original. Estando tudo pronto, macacos esses que poderíamos considerar como os mais espertos foram todos colocados em uma jaula. No teto dessa jaula encontrava-se um cacho de bananas e abaixo do cacho, uma escada que facilmente daria acesso a elas. No início, como os macacos estavam alimentados, não deram muita importância para o cacho de bananas, que parecia apetitoso. Após algumas horas, um dos macacos, que seria considerado o mais elétrico e brincalhão, atreveu-se a subir à escada para pegar as bananas. Nisso, uma rajada de água fria foi lançada sobre os que ficaram no chão. E assim, todas as vezes que algum deles tentava subir a escada para pegar as frutas, a água era lançada nos que estavam no chão. Após alguns jatos de água fria, sempre que um deles fazia algum movimento em direção a escada ou tentava subir os degraus, os outros quatro rapidamente o seguravam e o agrediam fisicamente. Passado algum tempo, um deles foi substituído por um macaco novo e a sua primeira reação foi subir a escada para pegar as bananas, sendo obstado quase que automaticamente pelos outros quatro, que o agrediram fisicamente. Pasmem! Outro macaco foi substituído e novamente repetiu-se a situação com um agravante surpreendente: o que havia tomado a surra participou, como se também tivesse tomado o banho frio e, com prazer, ajudou a espancar o novato. Assim, foram substituídos todos os outros três macacos, ficando na jaula cinco macacos que nunca participaram de um único banho frio. No entanto, repetiam o mesmo comportamento condicionado anteriormente de espancar todos aqueles, novatos ou não, que tentavam aproximar-se ou subir a escada para pegar as bananas. Se tivéssemos a oportunidade de conversar com eles e perguntar-lhes por que faziam isso, possivelmente responderiam como muitos de nós: "não sei, sempre foi assim". (MARQUES, 2005, p. 218-219).

Não temos dúvida de que essa narrativa é uma boa ilustração do comportamento humano, pois a grande maioria de nós faz, exatamente, o que aí se apresenta como pano de fundo. Muitas vezes defendemos pontos de vista que nem mesmo os entendemos e até aqueles que são, reconhecidamente, contraditórios, isso pouco nos importa, já que, para nós, o mais importante é não mudar de opinião e/ou postura diante de algo.

Diante disso trazemos para reflexão esta fala do escritor Tom Harpur (1929):

> Todos nós precisamos examinar nossas crenças e práticas religiosas de tempos em tempos, para ver até que ponto são governadas, não pela inteligência e liberdade espiritual, mas por hábitos de infância e tabus aprendidos na adolescência. (HARPUR, 2010, p. 36).

Se aplicarmos isso, é certo que, meio decepcionados, constaremos que, muitas vezes, fomos enganados com informações que não representam os fatos e nem a verdade, como também induzidos a concordar com opiniões pessoais de indivíduos defensores de dogmas, sejam eles religiosos ou científicos.

Vejamos o texto bíblico referenciado:

> João 1,1-3.14: "*No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez. E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai*".

Um ponto importante que estamos sempre lembrando aos que acreditam que, em todo o Antigo Testamento, existem profecias a respeito de Deus enviar um mensageiro – o Messias – à humanidade é que eles deveriam refletir melhor sobre a deificação de Jesus, pois não há em nenhuma destas previsões algo que afirme que o próprio Deus viria pessoalmente encarnar num corpo humano, que, provavelmente, nem suportaria a Sua Magnitude, o que, por lógica, nos faz acreditar que são personalidades diferentes. Inclusive, podemos apoiar-nos nas palavras do próprio Mestre: "*[...] Por que me chamas bom? ninguém é bom, senão um que é Deus*". (Marcos 10,18 e Lucas 18,19) e "*[...] alegrar-vos-íeis de que eu vá para o Pai; porque o Pai é maior que eu*" (João 14,28).

Em nossos estudos, às vezes, nos surpreendemos com informações que, além de curiosas, são fantásticas do ponto de vista de ser uma novidade. Foi o caso, por exemplo, de saber que essa ideia do "Verbo encarnado" tem correspondente no *Rig Veda*, obra de origem indiana bem anterior às escrituras judaicas.

O jornalista David Lewis (?-), foi o primeiro autor em que vimos isso:

> Se parece forçado que Jesus tenha viajado para a Índia e estudado os Vedas, e que os clérigos dos Vaticano tenham escondido os relatos budistas da viagem, lembre-se da Ecole Biblique fundada pelo Vaticano e do controle da Ecole sobre os Manuscritos do Mar Morto. Considere que Tomé, o seguidor de Cristo, viajou para a Índia, onde construiu uma missão, e que cristãos fiéis a usam para veneração até os nossos dias. **Considere este verso de abertura do Evangelho de João: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus"**.
>
> **E este verso do mais antigo Rig Veda da Índia: "No princípio era Brahman, com quem estava o Verbo, e o Verbo é Brahaman" (traduzindo-se a palavra "Vak" do sânscrito como "Verbo**". (LEWIS, 2008, p. 45, grifo nosso).

Embora cause constrangimento aos teólogos hodiernos, é de todo lógico que o Rig Veda foi a fonte primária para o autor do Evangelho Segundo João iniciar a sua narrativa. Aliás, sabe-se hoje que esse autor é um ilustre desconhecido e não, como se fez crer por muito tempo, o discípulo amado de Jesus.

Em sua obra *Três maneiras de ver Jesus*, o escritor José Pinheiro de Souza (1938-2012), também fala sobre o *Rig Veda*:

> O Evangelho de João é considerado por alguns estudiosos como um Evangelho gnóstico porque ele tem muitas semelhanças com os chamados Evangelhos *gnósticos* encontrados em Nag Hammadi em 1945, particularmente com o Evangelho de Tomé (ver BOBERG 2011) e ele tem também muitos

> paralelos com as Escrituras védicas gnósticas da índia. **No Rig Veda, por exemplo, encontramos praticamente o mesmo versículo gnóstico joanino, há pouco citado: "No princípio era Brahman [= o Deus impessoal do hinduísmo], com quem estava o Verbo [= Krishna]; e o Verbo era verdadeiramente o supremo Brahman"** (apud HARPUR, 2009, p. 207). (SOUZA, 2011, p. 175, grifo nosso).

Ressalte-se que Pinheiro toma esse início de narrativa como de cunho gnóstico, o que se pode também confirmar com Harpur: "[…] **Essa preexistência do Logos ou de Sofia (a Sabedoria) era parte do pensamento judaico da época. Também era parte do pensamento gnóstico**, e existem indícios consideráveis em apoio à tese de que Paulo era gnóstico. […] (HARPUR, 2010, p. 31, grifo nosso).

E, por oportuno, trazemos informação sobre o que é o *Rig Veda*:

> **Rig Veda** ou **Rigveda**, Livro dos Hinos, é o Primeiro Veda e é o mais importante veda, pois todos os outros derivaram dele. Rig Veda é o Veda mais antigo e, ao mesmo tempo, o documento mais antigo da literatura hindu, composto de hinos, rituais e oferendas às divindades. Possui 1.028 hinos, sendo que a maioria se refere a oferendas de sacrifícios, algumas sem relação com o culto. Independentemente do valor interno, o Primeiro Veda é valiosíssimo pela antiguidade.
>
> Passagens geográficas e etnológicas no Rigveda são uma evidência de que o Rigveda foi escrito por volta de 1700–1100 a.C., durante o período védico em Punjabe (Sapta Sindhu), fazendo dele um dos mais antigos textos de quaisquer Línguas indo-europeias e um dos textos religiosos mais antigos do mundo. (WIKIPÉDIA).

Considerando o período em que o *Rig Veda* foi escrito, certamente bem anterior ao próprio judaísmo, isso, logicamente, faz dele uma fonte primária para crenças cristãs que, comprovadamente, lhes são posteriores.

Holger Kersten (1951-) e Elmar Gruber (1955-) são dois estudiosos que corroboram essa origem:

> **A introdução do Evangelho segundo João – "no princípio era o Verbo [Logos]..." – pode ser considerada uma citação de textos budistas**: "Na base [de todas as coisas] está o Dharma". A ideia budista dos três corpos (trikaya) também revela muitas analogias com a trindade da teologia cristã. […] (KERSTEN e GRUBER, 1996[?], p. 330, grifo nosso).

Vejamos, para um melhor entendimento, o que pensam, sobre este passo do João, alguns exegetas e estudiosos bíblicos, inclusive que alguns apontam outras fontes que não o *Rig Veda*:

a) A. Leterre (1862-1936):

> Diz Alfred Poizat (La Vie et l'Oeuvre de Jesus), irredutível católico: "muitas pessoas se afiguram que nós, católicos, acreditamos em três deuses, numa família de três deuses, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, quando, afinal, o Filho é a Palavra (o Verbo), o pensamento do Pai e, como tal, reside em si. **O Verbo está** em Deus e o **Verbo** é Deus, diz o evangelista João; ele está em Deus, como seu princípio de atividade e de expressão: Deus nada pode fazer sem o seu **Verbo**, nem dispensar seu Espírito Santo, pois seu **Verbo** e seu Espírito, comum ao Pai e ao Verbo, estão nele, são dele e são sua tríplice maneira de ser **um**, de contemplar-se, de se possuir a si mesmo e de se amar".
>
> Ora, isso está perfeitamente de acordo com a tese de que o **Verbo** é um atributo e não um **Filho Carnal**. É uma centelha desse atributo que ele delegou a um homem puro para repor no mundo anarquizado sua primitiva lei.
>
> Entretanto, o próprio João Batista, que o profeta Isaías, da Ordem de Rama, chamava de "Voz que clama no deserto", que vinha preparar-lhe o caminho, não tinha certeza de que Jesus fosse mesmo o Messias prometido, pois já tinham aparecido uma voz dos céus que dizia: "Este é meu filho amado, em que hoje

> me comprazo" (Mateus III,17), para depois, quando na prisão, mandar dois dos seus discípulos perguntar-lhe: És tu aquele que havia de vir ou esperamos outro?" (Mateus XI,3).
>
> Só as incoerências contidas neste trecho dão margem a uma severa crítica.
>
> Jamais Jesus se proclamou ou ensinou ser Deus, repelindo até essa classificação, como se vê em muitas passagens dos evangelhos, que seria fastidioso destacar. (LETERRE, 2004, p. 103, grifo do original).

b) Bart D. Ehrman (1953-):

> Outras passagens do Evangelho também não são perfeitamente coerentes com o resto. Mesmo os versículos de abertura, 1,1-18, que formam uma espécie de prólogo ao Evangelho, parecem bastante diferentes do restante. O tantas vezes celebrado poema fala do "Verbo" de Deus, que existiu com Deus desde o princípio e sempre foi Deus e se "fez carne" em Jesus Cristo. A passagem foi vazada em um estilo de alto teor poético que não se encontra no resto do Evangelho; além disso, à medida que os temas centrais são repetidos no resto da narrativa, alguns dos seus mais importantes vocábulos não são. Desse modo, Jesus é retratado durante a narrativa como aquele que veio do alto, mas nunca é chamado de o Verbo em outra passagem desse mesmo Evangelho. **É possível que essa abertura do Evangelho tenha provindo de uma fonte diferente do restante do relato e que tenha sido acrescentada** como um início apropriado pelo autor depois de o livro ter sido anteriormente publicado?
>
> Aceitemos, por um momento, apenas para manter o argumento, que o capítulo 21 e 1,1-18 não fossem componentes originais do Evangelho. O que isso representaria para a crítica textual que pretende reconstruir o texto "original"? Qual original está sendo reconstruído? Todos os nossos manuscritos gregos contêm as passagens em questão. Dessa forma, a crítica textual pode reconstruir aquilo que originalmente eles continham? Não deveríamos considerar que a forma "original" é uma versão *primitiva*, ausente deles? E se alguém quiser reconstruir essa forma primitiva é justo ter de parar aqui, contentando-se com reconstruir, digamos, a primeira edição do Evangelho de João? Por que não ir mais longe e tentar reconstruir as *fontes* subjacentes ao Evangelho, como as fontes dos sinais e as fontes dos discursos, ou até mesmo as tradições orais que subjazem a elas? (EHRMAN, 2006, p. 72-73, grifo nosso).

c) Tom Harpur:

> **Fílon de Alexandria**, que viveu entre cerca de 25 a.C. e 50 d.C., foi um judeu brilhante pela origem religiosa e um filósofo grego por formação que viveu em Alexandria, no Egito. Leu de maneira alegórica os livros do Pentateuco (os primeiros cinco livros da Bíblia|) e outras escrituras hebraicas, e trabalhou diligentemente para harmonizá-los com a filosofia platônica e aristotélica (Devo acrescentar que ele e todos os milhares de judeus egípcios de Alexandria liam o "Antigo Testamento" numa tradução grega chamada "Septuaginta", criada cerca de dois séculos antes, em Alexandria.) **Muitos acadêmicos acreditam que seus textos sobre o Logos divino, ou Palavra de Deus, e sobre o "filho" de Deus influenciaram grandemente o autor do prólogo do Evangelho de João**. (HARPUR, 2010, p. 23-24, grifo nosso).
>
> Enquanto S. Mateus e S. Lucas descrevem uma concepção imaculada, o Jesus de S. João tem, por assim dizer, uma concepção cósmica. Com palavras que (deliberadamente) lembram o primeiro versículo do Gênesis, o prólogo do autor diz: "No princípio era o Verbo [...]". **Observe que a menção ao Verbo ou Logos provavelmente tem origem independe num "Hino ao Logos" - Fílon de Alexandria, que já mencionamos neste livro, escreveu extensamente sobre o Logos –, mais tarde adaptado como introdução desse Evangelho**. Estudiosos observaram que, depois de usar o tema do Logos dessa maneira, o autor ou editores de S. João nunca mais se referem a ele ao longo do resto do relato. **Mas o mais importante para nossa investigação é que o verdadeiro sentido do Verbo tornado carne é a referência ao Cristo ou presença divina encarnada na vida e no coração de todos nós**. A enorme incapacidade da Igreja, ao longo dos séculos, de entender essa verdade importante, substituindo-a em vez disso por uma interpretação literal

> que a restringe a um indivíduo em particular – Jesus Cristo –, privou, nesse processo, todo o resto da humanidade da consciência da sua divindade. (HARPUR, 2010, p. 196-197, grifo nosso).

d) Huberto Rohden (1893-1981):

> Que é o Cristo, o Ungido, que os antigos hebreus chamavam Messias, o Enviado?
>
> O quarto Evangelho designa o Cristo com a palavra *Logos,* começando o texto com estas palavras:
>
> "No princípio era o Logos, e o Logos estava com Deus, e o Logos era Deus".
>
> **A palavra grega Logos** é muito anterior à Era Cristã. **Os filósofos antigos de Alexandria e de Atenas, sobretudo, Heráclito de Éfeso, designavam com Logos o espírito de Deus manifestado no Universo**. Logos seria, pois, o Deus imanente, em oposição à Divindade transcendente, que não é objeto de nosso conhecimento.
>
> A Vulgata Latina traduz Logos por Verbo: "No princípio era o Verbo..."
>
> Logos, Verbo, Cristo são idênticos e designam a atuação da Divindade Creadora, a manifestação individual da Divindade universal.
>
> **Neste sentido, o Cristo é Deus, mas não é a Divindade**. E neste sentido diz ele aos Homens: "Vós sois deuses"; os homens são manifestações individuais da Divindade Universal. A primeira e mais perfeita das manifestações da Divindade Universal, no Universo, é o Cristo, o Verbo, o Logos, que Paulo de Tarso chama acertadamente "o primogênito de todas as creaturas" do Universo.
>
> O Cristo é anterior à creação do mundo material. **Ele é "o Primogênito de todas as creaturas"**. O Cristo não é creatura humana, mas a mais antiga individualidade cósmica, que, antes do princípio do mundo, emanou da Divindade Universal.
>
> **O Cristo é Deus, mas não é a Divindade, que Jesus designa com o nome Pai: "Eu e o Pai somos um, mas o Pai é maior do que eu"**.
>
> Deus, na linguagem de Jesus, significa uma emanação individual da Divindade universal.
>
> **A confusão tradicional entre Deus e Divindade tem dado ensejo a intermináveis controvérsias entre os teólogos**. Mas **o texto do Evangelho é claro: o Cristo afirmou ser Deus, mas nunca afirmou ser ele a própria Divindade**. (ROHDEN, 1996, p. 23-25, grifo nosso).

e) Geza Vermes (1924-):

> **O termo *Logos,* o Verbo, joga um papel essencial na filosofia e no misticismo gregos**, com os quais João parece ter alguma familiaridade. Trata-se de um conceito central na elaboração teológica do filósofo alexandrino judeu Filo, e **na especulação mística helenística** conhecida como hermetismo atribuída ao deus Hermes Trismegisto (Hermes, o Três Vezes Grande). **Ambos são passíveis de terem influenciado o cristianismo helênico**. Tanto para Filo como para João, o *Logos* foi o instrumento de Deus ao criar o mundo, uma figura de mediação entre Deus e o gênero humano. No misticismo hermético, que busca a deificação do homem através do conhecimento, o *Logos* é chamado de "filho de Deus". Esta locução, ecoada por "o filho unigênito que está no seio do Pai" em João, é o princípio que dá forma e ordem ao mundo. Ele também é designado na filosofia religiosa grega como Demiurgo ou "Artesão", noção que será muito discutida no cristianismo ulterior. (VERMES, 2006a, p. 66, grifo nosso).

f) Karl W. Luckert (1934-), teólogo citado por Tom Harpur:

> […] Luckert argumenta de várias maneiras a favor da inspiração egípcia do Cristianismo paulino. Sua teologia, diz ele, é uma "derivação da teologia egípcia". Esse especialista em história das religiões vai ainda mais longe ao dizer que "**não há melhor resumo da antiga teologia ortodoxa egípcia do que o prólogo do Evangelho de João: 'No princípio era o Verbo [...]'**". De novo,

ele diz que "todas as características da atividade divina" – a criação divina por meio do Logos, o Deus que gera um Filho e sua apresentação da vida eterna e uma humanidade inconstante – "são inteiramente calcadas na soteriologia egípcia" (HARPUR, 2010, p. 211, grifo nosso).

g) José Reis Chaves (1935-):

No Evangelho de João (1,1), lemos: *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus*.

Sabemos pela Bíblia que Deus é Espírito (um Espírito Santo em toda a acepção dessa expressão) *e é Verbo – E o Verbo era Deus*.

E, no mesmo Evangelho de João (1,14), lê-se: *E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós*. **Esta expressão *entre nós* não é fiel ao original, que é *em nós* (do Grego em *hemin*; e do Latim *in nobis*, como está na *Vulgata*)**. E por que se encarnou o Verbo em nós? Porque se encarnou em nossa espécie humana e, de um modo especial, em Jesus. *Nele habitou plenamente toda a Divindade*, como afirma São Paulo, Divindade essa que habita em nós, também, pois somos templos do Espírito Santo (de um Espírito Santo no original grego), segundo ainda São Paulo.

De fato, o nosso espírito é uma centelha divina encarnada. Em outros termos, é o Cristo ou Verbo encarnado, como parte do Aspecto Filho de Deus-Pai-Espírito, Espírito Santo. Mas, em nós o verbo não habita plenamente como em Jesus, porque essa centelha divina ainda está muita atrasada em relação à Dele. Por isso São Paulo usa a expressão: *Até que todos cheguemos à estatura mediana de Cristo*, o que ainda vai demorar um longo tempo ou várias reencarnações. E Jesus é o nosso instrutor, o modelo, justamente porque Ele está bem à nossa frente como ser humano. (CHAVES, 2011, p. 137-138, grifo nosso).

h) José Pinheiro de Souza:

JESUS É O "VERBO ENCARNADO" DENTRO DE NÓS?

Literalmente, não; mas simbolicamente, sim, conforme argumentarei nesta seção.

Como foi dito no Capítulo 2 deste livro, os Evangelhos sinópticos (Mateus e Lucas) são os mais ricos acerca do Jesus histórico, enquanto o Evangelho de João (considerado por alguns como um **Evangelho gnóstico**), interpretado **literalmente**, é o mais pobre de todos acerca do Jesus histórico, mas, interpretado **simbolicamente (gnosticamente)**, ele é o mais rico de todos a respeito dlo **Jesus histórico como do Jesus mítico, interpretados simbolicamente** como "*Deus dentro de nós*" ("*o Cristo interior*"), conforme veremos ao longo deste capítulo.

A título de exemplificação, o Evangelho de João inicia com este versículo: "**No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o verbo era Deus**" (João 1,1). E no versículo 14, está escrito: "**E o verbo se fez carne e habitou entre nós**"; na versão gnóstica do escritor espírita e ex-padre católico Carlos Torres Pastorino (profundo conhecedor do latim e do grego), a tradução correta deste versículo é esta: "**E o Verbo se fez carne e construiu seu tabernáculo dentro de nós**" (PASTORINO, 1964, vol. 1, p. 11) (negrito meu).

Qual o verdadeiro sentido do "**VERBO TORNADO CARNE**" no Evangelho de João? Esta expressão se refere *literalmente* à encarnação do "Jesus histórico" ou à presença divina encarnada em todos nós?

Esta expressão não se refere *literalmente* à encarnação do "Jesus histórico", conforme interpretam os cristãos dogmáticos e fundamentalistas, mas à presença divina encarnada em todos nós, como bem expressa o escritor gnóstico e ex-pastor anglicano Tom Harpur, em seu livro "Transformando Água em Vinho":

O mais importante para nossa investigação é que **o verdadeiro sentido do Verbo tornado carne é a referência ao Cristo [interno] ou presença divina encarnada na vida e no coração de todos nós**. A enorme incapacidade da Igreja, ao longo dos séculos, de entender essa verdade importante, substituindo-a em vez disso por uma interpretação literal que a

> restringe a um indivíduo em particular – Jesus Cristo –, privou, nesse processo, todo o resto da humanidade da consciência de sua divindade (HARPUR, 2009, p. 196-197) (negrito meu).
>
> Como afirmou Tom Harpur nessa citação, a expressão "**VERBO TORNADO CARNE**", desses versículos joaninos, não se refere, por conseguinte, *literalmente*, à encarnação do Jesus histórico neste planeta Terra, mas à "**presença divina encarnada na vida no coração de todos nós**".
>
> O Jesus histórico, portanto, não é *literalmente* **O VERBO ENCARNADO**. No correto dizer de Carlos Torres Pastorino, "precisamos distinguir aqui entre JESUS, o homem, e o CRISTO, a força divina que impregna todas as coisas, todos os seres" (PASTORINO 1964, vol. 1, p. 13). Ou seja, JESUS não é literalmente O CRISTO (Deus dentro de nós).
>
> Vemos, portanto, a grande importância de se distinguir o "Jesus histórico" do "Cristo cósmico" (a centelha divina em todos nós). O "Jesus histórico", ou seja, o homem Jesus, não é *literalmente o Cristo interior* (Deus dentro de nós), embora ele possa também ser visto *simbolicamente/metaforicamente* (com muitos outros espíritos evoluídos) como a Chama Divina em todos nós. (SOUZA, 2011, p. 174-175, grifo do original).

i) Karen Armstrong (1944-):

> Ário queria enfatizar a diferença essencial entre o Deus único e todas as suas criaturas. Como escreveu ao bispo Alexandre, Deus era "o único não gerado, o único eterno, o único sem princípio, o único verdadeiro, o único que tem imortalidade, o único sábio, o único bom, o único potentado". (Ario, *Epístola a Alexandre*, 2). **Ario conhecia bem as Escrituras e providenciou um arsenal de textos para embasar sua teoria de que Cristo, o Verbo, só podia ser uma criatura como nós**. Um texto fundamental era a passagem dos Provérbios que declara, explicitamente, que Deus *criou* a Sabedoria logo no início (4). Esse texto também afirma que a Sabedoria foi o agente da criação, uma ideia que se repete no prólogo do Evangelho de são João. O Verbo estava *com* Deus no início:
>
> *Todas as coisas foram feitas por ele,*
> *e sem ele nada foi feito. (5).*
>
> O Logos foi instrumento usado por Deus para dar existência a outras criaturas. Portanto, diferia em tudo de todos os outros seres e era de altíssima condição. Mas, tendo sido criado por Deus, era essencialmente distinto de Deus.
>
> **São João deixou claro que Jesus era o Logos; também disse que o Logos era Deus. (6) Contudo, não era Deus por natureza, insistia Ário, mas fora promovido por Deus ao status divino**. Era diferente de nós porque Deus o criara diretamente e por intermédio dele criou todas as outras coisas. Deus sabia que o Logos lhe ofereceria perfeitamente, quando se tornasse homem, e, por assim dizer, antecipou a divindade de Jesus. Mas divindade não era inerente a Jesus: era apenas uma recompensa ou um presente. Mais uma vez, Ário pôde apresentar muitos textos que pareciam corroborar sua teoria. O fato de Jesus chamar Deus de "Pai" implicava uma distinção; a paternidade, por sua própria natureza, envolve existência anterior e certa superioridade sobre o filho. Ário também enfatizou os trechos bíblicos que acentuam a humildade e a vulnerabilidade de Cristo. Não tinha nenhuma intenção de denegrir Jesus, como diziam seus inimigos. Tinha uma ideia elevada da virtude e da obediência de Cristo até a morte, que assegurara nossa salvação. Acreditava num Deus remoto e absolutamente transcendente ao mundo, como o Deus dos filósofos gregos; e adotou um conceito grego de salvação. Os estoicos, por exemplo, sempre disseram que um ser humano virtuoso podia tornar-se divino; isso também fora essencial para a visão platônica. Ário não tinha dúvida de que os cristãos estavam salvos e divinizados, participando da natureza de Deus. Isso só era possível porque Jesus abrira o caminho. Vivera uma vida humana perfeita; obedecera a Deus até a morte na cruz; como disse são Paulo, foi *por causa* dessa obediência até a morte que Deus o elevou a uma altíssima posição e lhe concedeu o título de divino de Senhor (*kyrios*). (7). **Se Jesus não tivesse sido humano, não haveria esperança para nós. Se ele fosse Deus por natureza, sua vida não teria nada de meritório, nada para imitarmos**. Contemplando sua vida de filho perfeitamente obediente, os cristãos se tornavam divinos. Imitando Cristo, a criatura perfeita, tornavam-se "inalteráveis

e imutáveis, perfeitas criaturas de Deus". (8).

_____

5. João 1,3.
6. João 1,2.
7. Filipenses 2,6-11.
8. Ário, *Epístola a Alexandre*, 6:2.

(ARMSTRONG, 2008, p. 149-150, grifo nosso, itálico do original).

Embora haja divergência quanto à origem da expressão, ocorre unanimidade quanto ao fato dela não estabelecer que Jesus é Deus, que só é visto dessa forma por equívoco de interpretação teológica.

Vamos agora, por pertinente, o que Allan Kardec (1804-1869) escreveu a respeito do tema que estamos estudando.

§ VIII — O VERBO SE FEZ CARNE

"No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. – Ele estava no princípio com Deus. – Todas as coisas foram feitas por ele e nada do que foi feito o foi sem ele. – Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens. – E a luz brilhou nas trevas e as trevas não a compreenderam.

"Houve um homem enviado de Deus, que se chamava João. – Ele veio para servir de testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por ele. – Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho daquele que era a luz.

"Aquele era a verdadeira luz que ilumina todo homem que vem a este mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu. – Ele veio à sua casa e os seus não o receberam. – Mas, ele deu a todos que o receberam o poder de se tornarem filhos de Deus, àqueles que creem no seu nome, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus mesmo.

"E o Verbo foi feito carne e habitou entre nós e vimos a sua glória, qual a que o Filho único havia de receber do Pai; e ele, digo, habitou entre nós, cheio de graça e de verdade." (S. João, 1:1 a 14.)

Esta passagem dos Evangelhos é a única que, à primeira vista, parece encerrar implicitamente uma ideia de identificação entre Deus e a pessoa de Jesus; é também a que serviu de base, mais tarde, à controvérsia a tal respeito. A questão da divindade de Jesus surgiu gradativamente; nasceu das discussões levantadas a propósito das interpretações que alguns deram às palavras *Verbo* e *Filho*. Só no quarto século uma parte da Igreja a adotou, em princípio. Semelhante dogma resultou, pois, de decisão dos homens e não de uma revelação divina.

É de notar-se, antes de tudo, que as palavras acima citadas são de João e não de Jesus e que, ainda quando se admita que não tenham sido alteradas, elas não exprimem, na realidade, mais que uma opinião pessoal, uma indução, em que se depara com o misticismo habitual da sua linguagem; não poderiam, pois, prevalecer contra as reiteradas afirmações do próprio Jesus.

Mesmo, porém, aceitando-as tais quais são, elas não resolvem de modo algum a questão no sentido da divindade, porquanto se aplicariam igualmente a Jesus, criatura de Deus.

Com efeito, o *Verbo* é Deus, porque é a palavra de Deus. Tendo recebido diretamente de Deus a palavra, com a missão de a revelar aos homens, ele a assimilou. A palavra divina, de que se penetrara, encarnou nele; ele a trouxe consigo ao nascer e assim é que João pôde com razão dizer: *O Verbo foi feito carne e habitou entre nós*. **Jesus podia, pois, ter sido encarregado de transmitir a palavra de Deus, sem ser o próprio Deus, como um embaixador transmite as palavras do seu soberano, sem ser o soberano**. Segundo o dogma da divindade, é Deus quem fala; na outra hipótese, ele fala pela boca do seu enviado, o que nada tira à autoridade das suas palavras.

Mas, quem autoriza esta suposição, de preferência a outra? A única autoridade competente para decidir a questão é a das próprias palavras de Jesus, quando diz: *"Não tenho falado por mim mesmo; aquele que me enviou foi quem me prescreveu, por seu mandamento, o que tenho de dizer. – A*

> *doutrina que prego não é minha, mas daquele que me enviou; a palavra que tendes ouvido não é palavra minha, mas de meu Pai que me enviou."* A ninguém fora possível exprimir-se com mais clareza e precisão.
>
> **A qualidade de *Messias* ou *enviado*, que lhe é atribuída em todo o curso dos Evangelhos, implica uma posição subordinada com relação àquele que ordena; o que obedece não pode ser igual ao que manda**. João caracteriza esta posição secundária e, por conseguinte, estabelece a dualidade de entidades, quando diz: *E vimos a sua glória, tal como o Filho único devia recebê-la do Pai*, visto que **aquele que recebe não pode ser o que dá e aquele que dá a glória não pode ser o igual daquele que a recebe**. Se Jesus é Deus, possui a glória por si mesmo e não a espera de ninguém; se Deus e Jesus são um único ser sob dois nomes diferentes, entre eles não poderia existir supremacia, nem subordinação. Ora, **não havendo paridade absoluta de posições, segue-se que são dois seres distintos.**
>
> **A qualificação de *Messias divino* não exprime que haja mais igualdade entre o mandatário e o mandante, do que a de *enviado real* entre um rei e seu representante**. Jesus era um messias divino pelo duplo motivo de que de Deus é que tinha a sua missão e de que suas perfeições o punham em relação direta com Deus. (KARDEC, 2006a, p. 163-166, grifo nosso).

Com o que disse Kardec faz coro com o pensamento dos exegetas e estudiosos apresentados neste estudo.

Dois passos bíblicos podem nos ajudar no entendimento sobre qual era o papel de Jesus para os autores de duas cartas constantes do NT; são eles:

> 2Coríntios 4,3-4: "*Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, é naqueles que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é* ***a imagem de Deus***".
>
> Colossenses 1,15: "*o qual é* ***imagem do Deus invisível****, o primogênito de toda a criação*"

Comparando-se Cristo como sendo a "imagem de Deus" ou "imagem do Deus invisível" fica claro que, para os autores destas cartas, Jesus não era Deus, pois uma imagem, embora reflita o real, trata-se tão somente de uma imitação. Caso o tomassem como a própria divindade, jamais poderia ser feita essa comparação; afirmariam categoricamente: "o qual é Deus".

Reza Aslan (1972-), nos informa da concepção de Paulo, autor da segunda carta aos coríntios e, provavelmente, inspirador do autor da carta aos colossenses:

> O Cristo de Paulo não é nem mesmo humano, embora tivesse assumido a semelhança de um ser humano (Filipenses 2:7). Ele é um ser cósmico, que existia antes do tempo. Ele é a primeira das criações de Deus, por meio de quem se formou o resto da criação (1 Coríntios 8:6). Ele é o Filho gerado por Deus, a descendência física de Deus (Romanos 8:3). Ele é o novo Adão, nascido não do pó, mas do céu. No entanto, enquanto o primeiro Adão foi feito alma vivente, "o último Adão", como Paulo chama Cristo, tornou-se "um espírito vivificante" (1 Coríntios 15,45-47). **Cristo é, em suma, um novo ser abrangente. Mas ele não é único, é apenas o primeiro da sua espécie**: "O primogênito entre muitos irmãos" (Romanos 8:29). Todos os que creem em Cristo, como Paulo faz – os que aceitam os ensinamentos de Paulo sobre ele –, podem tornar-se um com ele, em uma união mística (1 Coríntios 6:17). Por meio de sua crença, seus corpos serão transformados no corpo glorioso de Cristo (Filipenses 3:20-21). **Eles vão se juntar a ele em espírito e repartirão sua semelhança, que, como Paulo lembra a seus seguidores, é a semelhança de Deus** (Romanos 8:29). Assim, como "herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo", os crentes podem também tornar-se seres divinos (Romanos 8:17). **Eles podem se tornar semelhantes a Cristo em sua morte (Felipenses 3:10), isto é, divinos e eternos**, com a responsabilidade de julgar ao lado dele toda a humanidade e também os anjos do céu (1 Coríntios

6:2-3). […]. (ASLAN, 2013, p. 206-207, grifo nosso).

Não vimos nada em que se possa apoiar para dizer que, para Paulo, Jesus seria Deus.

Um outro passo que, às vezes, também é apresentado como prova de que Jesus é Deus:

1Timóteo 3,16: "*E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade:* ***Deus se manifestou em carne****, foi justificado no Espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, recebido acima na glória*".

Aqui nos encontramos, mais uma vez, diante de um texto cujos tradutores divergem quanto à sua tradução. A parte grifada desse passo, que se refere a Jesus, é encontrada, em várias obras, com o seguinte teor:

a) **Deus** se manifestou em carne: SBTB.

b) Com que **Deus** se manifestou em carne: Barsa.

c) Que se manifestou na carne: Paulinas (1957, 1977 e 1980).

d) Manifestado na carne: Ave-Maria e Santuário.

e) Manifestou-se corporalmente: Bíblia do Peregrino.

f) Ele se tornou um ser humano: SBB (NTLH).

g) Ele foi manifestado na carne: Tradução do Novo Mundo, Bíblia de Jerusalém (1987 e 2002), TEB e Vozes.

h) Ele se manifestou na carne: Pastoral.

i) Aquele que foi manifestado na (em) carne: Shedd, Mundo Cristão, SBB e Champlin.

j) Ele se manifestou em forma humana: NT Loyola.

Observe, caro leitor, que das 20 transcrições, apenas duas (a e b) têm como referência Deus e não Jesus, o que demonstra claramente a intenção dos tradutores de deificar o Mestre de Nazaré, ainda que isso contrarie o teor dos textos.

Não podemos deixar de informar que as epístolas atribuídas a Paulo, atualmente sofrem sérios questionamentos quanto a serem, realmente, de autoria dele:

> A redação de algumas cartas paulinas, a composição de alguns escritos pseudoepígrafos atribuídos a ele e a reunião de seu legado literário, **foram possivelmente obra da "escola paulina"**, um grupo de pessoas conhecedoras e admiradoras da figura e da obra do apóstolo. Esta **escola compilou as cartas autênticas e compôs outras "novas**": Cl, Ef, 2Ts, 2Tm e Tt, publicando finalmente o corpo completo (Schenke). (BARRERA, 1999, p. 278, grifo nosso).
>
> […] Há falsificações paulinas dentro do Novo Testamento? Mais uma vez há aqui um amplo consenso acadêmico. **Há 13 cartas cuja autoria é atribuída a Paulo, quase a metade dos livros do Novo Testamento. Mas é provável que seis delas não tenham sido escritas por ele**. Acadêmicos chamaram essas seis de epístolas "deuteropaulinas", significando que têm uma posição "secundária" no corpo dos escritos de Paulo.
>
> **Quase todos os estudiosos concordam que sete das epístolas paulinas são autênticas**: Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1 Tessalonicenses e Filemom. Essas sete são coerentes e parecem, estilística e teologicamente, e em quase todas as outras características, ser da mesma pessoa. Todas são atribuídas a Paulo. Há poucos motivos para duvidar de que realmente foram escritas por ele.
>
> As outras seis diferem significativamente desse núcleo de sete. Três delas – 1 e 2 Timóteo e Tito – são tão parecidas que a maioria dos acadêmicos está convencida de que foram escritas pela mesma pessoa. As outras três em geral são atribuídas a três autores diferentes. O consenso acadêmico é maior em relação ao primeiro grupo de três. […]. (EHRMAN, 2013, p. 97-98, grifo nosso).

As três cartas consideradas falsificações por Ehrman são: 2 Tessalonicenses, Efésios e

Colossenses (EHRMAN, 2013, p. 109-118).

Esses dois pontos – o problema de tradução e as obras que não têm como autor aqueles aos quais são atribuídos os textos – encaixam-se muito bem naquilo que falamos a respeito de acreditarmos piamente no que os teólogos do passado defenderam como verdade. E, para reforçar isso, destacamos mais as seguintes situações:

a) admitir João como o autor do quarto Evangelho, mesmo sabendo que ele era homem "iletrado e inculto" (Atos 4,13) ter escrito em grego puro (CHAMPLIN, 2005b, p. 252), do que "[…] pode-se salientar o fato que o grego usado por João em muito ultrapassa o que se poderia esperar de um judeu galileu sem grande cultura. […]. (CHAMPLIN, 2005b, p. 253).

b) em João 1,14 é dito que Jesus é "*unigênito*", enquanto em Colossenses 1,15 já afirma ser "*primogênito*", num evidente conflito, uma vez que ambas as situações não podem ser aplicadas simultaneamente a uma mesma pessoa.

c) aceitar o passo de João 10,30: "*Eu e o Pai somos um*" como se Jesus tivesse se declarando Deus, sem levar em conta o teor desta outra Sua fala: "*[...] porque o Pai é maior que eu*" (João 14,28) e que ele recomendou aos discípulos: "*[…] que sejam um, como nós somos um*" (João 17,22), o que não o eleva à categoria de Deus, mas evidencia o sentido figurado do versículo 10,30.

d) admitir que Elias tenha sido arrebatado fisicamente ao "céu" (2Reis 2,11) mesmo que isso contrarie "*o espírito é que dá a vida, a carne não serve para nada*" (João 6,63) e "*a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus*" (1Coríntios 15,50).

e) fazer vistas grossas às diversas falas de Jesus, nas quais se vê claramente que Ele não é Deus, entre elas a que afirma ter que anunciar a Boa Nova a outras cidades, pelo motivo de "*para isso é que eu fui enviado*" (Lc 4,43), porquanto, se Jesus disse ter sido enviado, é porque ele não se considerava o próprio Deus.

f) não levar em conta que ao dizer "*Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e Vosso Deus*" (João 20,17) Jesus se iguala a nós e não a Deus.

g) não entender que a afirmação que "*[...] Jesus foi levado ao céu, e sentou-se à direita de Deus*" (Mc 16,19) leva-nos à conclusão de que ele não pode estar sentado à sua própria direita, portanto, trata-se de uma individualidade diferente de Deus.

i) Considerando que Jesus disse "*[...] Pai, glorifica-me junto a ti, com a glória que eu tinha junto de ti antes que o mundo existisse*" (Jo 17,4-5), então somos forçados a considerar que ele foi criado em algum momento, já que antes da Terra existir já existiam milhares de outros planetas, portanto, ele não é eterno como sabemos que Deus é.

Muitos outros conflitos e contradições poderíamos apresentar aqui, mas tornaria extenso esse nosso texto e, também, fugiria do seu objetivo. Uma coisa é fato: "A verdade não é difícil de eliminar e uma mentira bem contada é imortal". (Mark Twain).

Então, de nossa parte, ficamos convencidos de que o texto de João não se trata de afirmar que Jesus é Deus; porém, como muito bem disse Kardec, "A crença é um ato de entendimento que, por isso mesmo, não pode ser imposta" (KARDEC, 2007d, p. 88), com o que plenamente concordamos.

Em Deuteronômio 18, Deus proibiu de se evocar os mortos?

Entre os opositores do Espiritismo o difícil é encontrar um que não cite a já surrada alegação de que a evocação ou consulta aos mortos é algo proibido por Deus. Aliás, alguns chegam ao disparate de declarar que a proibição está em "toda" a Bíblia, quando, a bem da verdade, encontramos só uma única passagem, para sermos bem redundantes, em que ela supostamente existe. Ela se encontra no livro Deuteronômio, atribuído a Moisés, cujo teor é:

> "*Quando entrares na terra que o Senhor, teu Deus te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos. Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor; […].*" (Dt 18,9-12)([6]).

Confessamos que até hoje não conseguimos entender bem essa história, pois parece-nos muitíssimo estranho que Deus tenha criado uma só lei natural que viesse a Lhe causar abominação, ou seja, repulsa ou aversão a ela. Sim, porque, se os mortos se comunicam, é pelo óbvio motivo de Deus ter criado uma lei para que o intercâmbio entre os dois planos de vida pudesse acontecer, pormenor que a grande maioria dos crentes não se dá conta.

Por outro lado, os que dizem seguir, fielmente, as Escrituras, sejam eles de qualquer denominação religiosa, quando afirmam que os mortos não se comunicam, caem em contradição, uma vez que, por força da lógica, teriam também que admitir, para justificar o que pensam, que Deus tenha proibido algo que não acontece em circunstância alguma; portanto, a própria proibição bíblica, na qual se apoiam, é prova inconteste de que os mortos se comunicam, sob pena de se ter que aceitar que Deus criou algo errado ou que, posteriormente, não tenha gostado e por isso teve que proibir.

Desse modo, podemos então ver que a proibição não se ligava ao fato em si, mas ao motivo pelo qual a faziam; caso não seja, resta-nos ventilar mais outros dois motivos: ou é uma proibição de Moisés ou é uma coisa que nada tem a ver com o que pensam dela. Vamos analisá-los, um pouco mais à frente, pela ordem inversa, ou seja, do último para o primeiro.

As traduções bíblicas são tão divergentes que se torna um grave problema para se descobrir a verdade, porquanto, deixa a maioria de nós, os estudiosos, completamente perdidos em saber o que, na realidade, se estava proibindo, pois alguns tradutores contaminaram os textos bíblicos com opiniões pessoais ou com dogmas de sua igreja; fora, a questão, aliás, natural, de divergência no entendimento de cada um deles.

Listaremos as Bíblias que temos em nossas mãos, ou seja, fazem parte de nosso acerto particular, para mostrar as "traduções" do versículo 11 do Deuteronômio, o que dará uma boa ideia da bagunça que fizeram:

a) **Bíblia de Jerusalém**: "ou que pratique encantamentos, que **interrogue espíritos ou adivinhos**, ou ainda que invoque os mortos;"

b) **Bíblia – Ed. Ave-Maria**: "*à magia, ao* ***Espiritismo****, à adivinhação ou à evocação dos mortos*;"

c) **Bíblia – Ed. Vozes**: *nem que se dê à magia, consulte* ***médiuns****, interrogue espíritos ou evoque os mortos."*

d) **Bíblia – Ed. SBB**: "*nem encantador de encantamentos, nem quem* ***consulte um***

6Usamos aqui a versão da Bíblia Sheed, ed. Vida Nova e SBB, todas outras citações bíblicas serão da Bíblia Sagrada – Edição Pastoral, ed. Paulus.

***espírito adivinhante**, nem mágico, nem quem consulte os mortos*;"

e) **Bíblia Shedd:** "*nem encantador, **nem necromante**, nem mágico, nem quem consulte os mortos:"*

f) **Bíblia – SBTB**: "*nem encantador, nem quem **consulte a um espírito adivinhador**, nem mágico, nem quem consulte os mortos;"*

g) **Bíblia – Ed. Mundo Cristão**: "*nem encantador, **nem necromante**, nem mágico, nem quem consulte os mortos;"*

h) **Bíblia – Ed. Paulinas (1957)**: "*nem quem seja encantador, nem quem **consulte os pitões** ou adivinhos, ou indague dos mortos a verdade*."

i) **Bíblias – Ed. Paulinas (1977 e 1980)**: "n*em quem seja encantador, nem quem **consulte os nigromantes,** ou adivinhos, ou indique dos mortos a verdade*;"

j) **Bíblia – Ed. Santuário**: "*ao feiticismo, ao **espiritismo**, aos sortilégios ou à evocação dos mortos*."

k) **Bíblia – Ed. Barsa:** "*ou encantador, nem quem **consulte Piton** ou adivinhos, nem quem indague dos mortos a verdade*."

l) **Trad. Novo Mundo**: "*ou alguém que prenda outros com encantamento, ou alguém que vá consultar um **médium espírita**, ou um prognosticador profissional de eventos, ou alguém que consulte os mortos*."

m) **Bíblia do Peregrino**: "*nem feiticeiros, nem encantadores, nem **espiritistas**, nem adivinhos, nem necromantes*."

Algo que é preciso esclarecer, para que você leitor fique bem informado, é que as palavras "Espiritismo", "Espiritistas", "Médiuns" e "Médium espírita", que aparecem nessas traduções, sempre reputadas como totalmente "fiéis aos originais da Bíblia", em substituição à palavra necromancia, sequer existiam naquela época. Isso só aconteceu por vergonhosa adulteração dos textos bíblicos, porquanto estes termos são neologismos criados por Kardec, quando da publicação da obra *O Livro dos Espíritos*, fato que ocorreu em 18.04.1857. Acreditamos que, além disso, estes termos não devem existir em aramaico, hebraico e grego, línguas em que foram escritos os textos bíblicos.

Mas, vamos apimentar mais um pouquinho. Consultando a Internet([7]), para ver como esse versículo consta da **Vulgata**, encontramos:

"nec incantator, nec qui pythones consulat nec divinos, aut quaerat a mortuis veritatem;"

Tradução([8]): "*Nem encantador, nem que **consulte serpentes ou adivinhos**, ou busque a verdade, através dos mortos*".

E aí, caro leitor, não vamos nos dirigir a quem ou a quê??? Particularmente, arriscamos a dizer que se tratava mesmo é da necromancia, nada mais que isso. E necromancia, segundo dicionário bíblico, significa: "meio de adivinhação interrogando um morto"([9]). Era praticada pelos babilônicos, pelos egípcios, pelos gregos e pelos cananeus, povos estes que, como todos sabemos, os hebreus tiveram contato e por isso absorveram algumas coisas de suas culturas, como é, e sempre foi, perfeitamente natural nas relações entre os agrupamentos sociais da humanidade terrena.

É oportuno transcrevemos o teor constante da obra *O Céu e o Inferno*, que julgamos tratar-se da tradução de Le Maître de Sacy, uma vez que foi ela que Kardec tomou para colocar os textos bíblicos em O *Evangelho Segundo o Espiritismo* ([10]): "que consulte os que têm o Espírito de Piton e se propõem adivinhar, interrogando os mortos para saber a verdade". ([11]).

---

7 http://www.bibliacatolica.com.br/09/5/18.php, acesso em 26.09.2009, às 15:35hs.
8 Tradutor: Pedro Bezerra de Araújo (paieutica@ig.com.br), em 29.09.2009.
9 Dicionário Bíblico Universal, 1997, p. 556.
10 KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 26.
11 KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*, p. 156.

Essa versão de Sacy confirma que a proibição teve mesmo como objetivo a consulta aos mortos somente para fins de adivinhação e não as consultas aos desencarnados de forma indiscriminada como querem, algumas vezes, fazer crer os dogmáticos.

Na análise desses pontos, vejamos o que poderemos deduzir de cada um deles.

1) A proibição se refere a uma outra coisa

No passo em questão, tudo quanto se está proibindo foi resumido no versículo 14, que, por razões óbvias, nunca é citado pelos nossos contraditores, no qual se lê:

> "*Porque estas nações que hás de possuir ouvem os prognosticadores e os adivinhadores*;"

Portanto, a proibição, incontestavelmente, se refere a qualquer prática visando ter o conhecimento de fatos futuros; o que pode muito bem ser confirmado em Levítico:

> "*Não se dirijam aos necromantes, nem consultem adivinhos, porque eles tornariam vocês impuros. Eu sou Javé, o Deus de vocês*" (Lv 19,31).

Assim, cai por terra a proibição de se consultar os mortos, uma vez que, nesses dois passos – Dt 18,14 e Lv 19,31 –, já não mais se fala nela e nos quais se vê claramente que a proibição da utilização do meio ou instrumento (necromante ou adivinho) tem a finalidade apenas de evitar ser atingida a finalidade, no caso, a especulação do futuro.

A impressão que se tem da frase "*Eu sou Javé, o Deus de vocês*", no final do versículo, é que a determinação era para evitar que tivessem outros deuses, fato bem provável, porquanto a ideia do Deus único estava, naquela época, sendo imposta a eles por Moisés, seu líder político e também religioso.

Temos, em Dt 18, duas citações específicas em relação aos mortos; a primeira, visa a consulta ao necromante, que era uma pessoa que praticava a necromancia. Ora, a necromancia, é, justamente, a prática de adivinhação através dos mortos; realmente, fazer isso é algo "abominável" mesmo; a segunda, trata-se de quem consultava aos mortos, ou seja, fazia tal coisa diretamente sem utilizar-se de outra pessoa, já que, nesse caso, o próprio consulente passaria a ser o necromante; portanto, não podemos generalizar para todos os casos e situações de evocação dos mortos, pois, em sã consciência, sabemos que não são necessariamente todas elas que estariam relacionadas a ter o conhecimento de fatos futuros; porém, mesmo em casos como este, dependendo da situação e em casos excepcionais, acreditamos não haver impedimento justificável, como por exemplo: salvar uma vida humana; evitar alguma tragédia, etc.

No livro Levítico, vemos as consequências e penalidades estabelecidas por Moisés, aos que desobedeciam essa determinação; é nele que iremos ter a confirmação irrefutável de que se condenava, tão somente, o que consta no versículo citado (Dt 18,14); leiamos:

> "*Quem recorrer aos **necromantes e adivinhos**, para se prostituir com eles, eu me voltarei contra esse homem e **o eliminarei** do seu povo*." (Lv 20,6).

> "*O homem ou mulher que pratica **a necromancia ou adivinhação**, é réu de morte. Será **apedrejado**, e o seu sangue cairá sobre ele*." (Lv 20,27).

Se a consulta aos mortos fosse mesmo algo condenado, como pensam que é, por qual motivo ela não se encontra citada nesses dois passos, em que se estabelece a penalidade para os eventuais infratores? Simples: é porque, na verdade, não estava condenando a consulta aos mortos em si, mas, no máximo, em função da finalidade que se fazia isso, conforme já o dissemos.

Uma outra hipótese, que nos ocorre, seria a possibilidade do Dt 18, não ter previsto essa condenação, e que tenha sido colocada posteriormente por algum líder religioso interessado em controlar mais os seus fiéis. Se tivesse ocorrido isso, o passo seria assim:

> "*Quando entrares na terra que o Senhor, teu Deus te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos. Não se achará entre ti quem faça passar*

pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor; […]."

E para que fique bem clara a nossa ideia, talvez, para alguns, meio ou toda maluca, explicamos que suprimimos o trecho: "*nem quem consulte os mortos*". E, diga-se de passagem, é o único passo bíblico que tem isso, embora às vezes digam o contrário.

A possibilidade disso ter acontecido é ainda maior quando percebemos, pelo contexto, que, se já se proibia a necromancia, não havia sentido algum em se proibir também a comunicação com os mortos, pois a necromancia consistia exatamente nesse intercâmbio com o fim de adivinhação, que era o objetivo de toda a proibição em análise.

Outros acontecimentos, com o povo judeu, irão reforçar ainda mais a questão.

Antes da divisão de Israel em dois reinos, Judá – reino do Sul e Israel – reino do Norte, Saul, filho de Cis, foi o primeiro rei de Israel, que reinou de 1.050 a 1.010 a.C.; nesse tempo ele expulsou do país **os necromantes e adivinhos** (1Sm 28,3).

Podemos citar Manassés, 14º rei de Judá, que reinou de 687 a 646 a.C., cujo governo, em termos religiosos, foi um desastre, porque, segundo relatado no livro de Reis, havia imitado as nações pagãs, inclusive, entre as abominações praticadas por ele, consta que "*sacrificou seu filho no fogo; praticou adivinhação e magia, estabelecendo **necromantes e adivinhos**"*. (2Rs 21,1-6).

Pouco tempo depois, Josias, o 16º rei de Judá, reinando de 640 a 609 a.C., colocou a casa em ordem e "*eliminou também **os necromantes, os adivinhos***" (2Rs 23,24). Nessa mesma época, encontramos o profeta Jeremias, que advertia "*não façam caso de seus profetas e **adivinhos**, intérpretes de sonhos, feiticeiros e magos*" (Jr 27,9), em se referindo à Babilônia.

Desses acontecimentos, nos quais mencionamos três reis dos hebreus, o que se observa é que não há a menor referência à consulta dos mortos, mas somente aos necromantes. Assim, fica cada vez mais claro, pelo menos para nós, que a preocupação de Moisés sempre foi com a adivinhação, nas várias formas que a praticavam.

Mas, se tanto se preocupavam em combater as práticas pagãs, como eles mesmos faziam coisas próprias de povos pagãos, como é o caso, por exemplo, de sacrifícios de animais, conforme Jz 20,26?: "*Então todos os israelitas foram a Betel com o povo, choraram aí sentados diante de Javé. Jejuaram nesse dia até a tarde, **ofereceram a Javé holocaustos e sacrifícios de comunhão**, e depois consultaram a Javé…"*. Ademais, nas suas leis ritualísticas, previam-se vários tipos de sacrifícios de animais.

2) A proibição é de Moisés, não de Deus

Sabemos que, junto com as leis divinas, Moisés instituiu muitas outras de caráter social e as relativas à organização das práticas religiosas de seu povo. Uma boa amostra disso é a que manda os pais levarem à porta da cidade o filho rebelde para ser apedrejado até a morte (Dt 21,18-21); fora outras situações em que ele estabeleceu a pena de morte, contrariando, assim, o "*Não matarás*" (Ex 20,13; Dt 5,17); era, seguramente, legislação que visava regular as relações sociais, modificadas no decorrer do tempo; não por mudança de Deus, mas por mudança do entendimento do próprio homem; tanto é, que hoje não mais se aplicam tais leis, pois só o que vem do homem é transitório e, portanto, no caso dessas leis, não provém de Deus.

Uma coisa interessante que aqui vale mencionar é que os que exigem que cumpramos o Dt 18,9-12, quanto à comunicação com os mortos, não fazem a mínima questão de cumprir o Dt 21,18-21, que manda apedrejar o filho rebelde, num flagrante "dois pesos, duas medidas". Haja incoerência (ou hipocrisia?)!

Um detalhe importante, que nos dá a absoluta certeza de que a legislação divina era somente a dos dez mandamentos, e chamamos a atenção para o fato de que neles não consta a proibição de consultar os mortos, é quando vemos Moisés colocando somente dentro da Arca da Aliança as duas tábuas de pedra que os continham (Dt 10,5). Ora, esse receptáculo (Arca) foi feito exclusivamente para nele se colocar a lei emanada de Deus, seguindo Sua determinação direta. Assim, ao colocar apenas as duas tábuas dentro da arca, o próprio Moisés

reconhece que a única lei provinda de Deus é a que nelas está contida, isto é, a dos Dez Mandamentos, pois as demais, impostas por Moisés, foram por ele colocadas fora da Arca (DT 31,26), numa evidente demonstração da superioridade da primeira, em relação às demais, já que nem ele próprio ousou guardar estas dentro da Arca, consciente de que não provinham mesmo de Deus; além da obediência à determinação de Deus, que é em relação à lei Dele emanada. Entretanto, para fazer cumprir as demais leis não tinha outra opção senão a de dizer que fora Deus quem o ordenara a implantá-las, atitude que compreendemos, dada a singularidade da época e da cultura do povo hebreu, que só não oferecia resistência àquilo que considerava de origem divina.

Quando se diz que irão ser eliminados os necromantes e adivinhos (Lv 20,6) ou apedrejados os que praticam a necromancia (Lv 20,27), conforme já citamos, podemos, por isso, também ter a confirmação de não se tratar mesmo de lei divina, uma vez que é inadmissível Deus contrariar Sua própria determinação – *Não matarás* (Ex 20,13; Dt 5,17), pois não O podemos ver agindo da forma "faça o que eu digo, mas não o que faço", como fazemos nós, criaturas imperfeitas.

Outro fator que nos vem em reforço é que, se essa determinação fosse mesmo de procedência divina, como os Dez Mandamentos são considerados, não teriam a coragem de adulterá-la. Como isso??? Explicamos: é que, conforme já vimos, em algumas traduções bíblicas encontramos, no lugar da palavra necromante, as palavras: **Espiritismo**, **espiritistas**, **médiuns** e **médiuns espíritas**, que só aparecem em dicionários, após abril de 1857; portanto, são termos que não poderiam constar de nenhum texto bíblico, a não ser por deliberada e intencional adulteração, objetivando, lamentavelmente, atingir a crença dos espíritas.

3) A proibição tem um motivo

Eis uma boa pergunta: por qual motivo Moisés proibiu ao povo de consultar os mortos? Sugerimos a hipótese dele querer ter o controle dessa prática, porquanto o povo, não sabendo separar as coisas, tinha os espíritos como deuses. E sendo o seu objetivo a implantação da ideia de um Deus único, não poderia permitir qualquer tipo de concorrência.

No princípio, somente Moisés consultava a Deus, razão pela qual todos que queriam algo neste sentido se dirigiam a ele (Ex 33,7-11); porém, mais tarde, atribuiu essa tarefa aos sacerdotes.

Não tivemos como saber, pelos textos bíblicos, a forma pela qual Moisés consultava a Deus; porém, quanto aos sacerdotes, isso nos ficou claro.

Vejamos agora algo sobre as consultas a Deus.

O "direito" de consultar a Deus cabia aos sacerdotes que, entre seu vestuário ritualístico, possuía um faixa denominada de peitoral do julgamento ou do juízo; era uma peça dobrada pelo meio, formando uma espécie de sacolinha, na qual se guardavam as duas pedras sagradas: urim e tumim (Ex 28,30), chamadas ainda de "sortes da verdade" (Eclo 45,6); era com elas que eles, os sacerdotes, faziam as suas consultas à divindade. Exemplificamos com esta passagem:

> "*Então Josué se apresentará ao* ***sacerdote Eleazar, que consultará Javé por ele, tirando a sorte por meio do urim.*** *Toda a comunidade, tanto Josué como os filhos de Israel, agirá conforme o oráculo*." (Nm 27,21).

Esse ofício provavelmente também era praticado pelos profetas (2Rs 3,10-12). E lemos em 1 Samuel sobre eles que:

> "*Em Israel, antigamente,* ***quando alguém ia consultar a Deus****, costumava dizer: '****Vamos ao vidente****'. Porque, em lugar de 'profeta', como se diz hoje, dizia-se 'vidente'*." (1Sm 9,9).

Se fossemos atualizar a palavra profeta, como se fez no passo, diríamos algo assim: antigamente quando iam consultar aos espíritos, dizia-se: vamos ao vidente; hoje já dizem: vamos ao médium.

Entretanto, cabe-nos informar que, por coisas mais bobas, iam à procura do vidente

para que as resolvesse, como é o caso de Saul, indo ao profeta Samuel para que ele pudesse dizer onde poderia encontrar as jumentas pertencentes a Cis, seu pai, que haviam se extraviado, conforme narrado em 1Sm 9,3-5.

Assim, vemos que as consultas a Deus eram feitas como um autêntico "cara ou coroa", pois, de acordo com a forma pela qual caíam essas pedras, urim e tumim, depois de lançadas, seria para eles a resposta de um sim ou um não. Achamos isso interessante e ficamos a comparar os fatos e pensamos se não seria esse o tipo de atitude que deveria ser objeto da proibição e não o diálogo com os mortos.

Há uma passagem que causa a maior confusão; dela, inclusive, tiram, por mais incoerente que seja, mais uma condenação à comunicação com os mortos. Vejamo-la:

> *"Quando disserem a vocês: 'Consultem os espíritos e adivinhos, que sussurram e murmuram fórmulas; por acaso, um povo não deve consultar seus deuses e consultar os mortos em favor dos vivos?', comparem com a instrução e o atestado: se o que disserem não estiver de acordo com o que aí está, então não haverá aurora para eles."* (Is 8,19-20).

Fazemos questão de trazer uma explicação constante na Bíblia Sagrada edição Barsa:

> v. 19. Reprova Deus aqui claramente toda e qualquer consulta aos mortos quer através de adivinhos quer de médiuns quer de qualquer outra superstição. **Esta reprovação, várias vezes repetidas no A.T., foi ratificada no N.T**. (Bíblia Barsa, p. 581, grifo nosso).

Reprovação???!!! Somente quando se quer deturpar o sentido do enunciado. Aqui o que se diz sobre não haver aurora é pelo fato de não dizerem daquela maneira, e não pelo fato de consultarem os espíritos; presumimos que se está falando dos mortos.

Nessa questão de interpretação bíblica chega-se, muitas vezes, às raias do ridículo; leiamos:

> "*Disse-me o Senhor: Vai outra vez, **ama uma mulher, amada de seu amigo, e adúltera**, como o Senhor ama os filhos de Israel, embora eles se desviem para outros deuses, e amem passas de uvas*." (Os 3,1).

Um pastor, justificando ter mantido relações sexuais com uma mulher casada, usou dessa passagem, onde ele leu: "Vai outra vez, ama uma mulher, amada de seu amigo, e ADULTERA como o Senhor..." ([12]). O pobre pastor interpretou "adúltera" como se fosse uma ordem de adulterar e, literalmente, partiu para cima da mulher de seu amigo, corno consentido. Não é diferente o que vemos por aí em termos de "interpretação" bíblica.

E mais: a afirmação de que "esta reprovação, várias vezes repetidas no A.T, foi ratificada no N.T", é puro delírio do tradutor autor da nota; isso só existe na cabeça de fundamentalista; é uma pena que não tenha tido a capacidade de citar os passos onde se apoiou para dizer isso, porquanto, iríamos analisá-los um a um.

Se Isaías estava certo de que iram questionar se não poderiam "consultar os mortos a favor dos vivos", é porque tais práticas existiam à sua época; portanto, mais uma prova bíblica de que isso fazia parte do costume dos hebreus. E se, como disse Isaías, os egípcios invocavam os mortos (Is 19,3), esse fato é mais uma forte razão para aceitarmos que os hebreus também faziam isso, pois é pura ingenuidade pensar que um povo subjugado a outro, no território deste, por 430 anos (Ex 12,40), sairia dessa situação com sua cultura totalmente ilesa da influência cultural dos seus dominadores.

Na Bíblia Sagrada ed. Ave-Maria o versículo 19 consta "*Consultar os seus deuses*", a respeito do que explicam: "v. 19. *Seus deuses*. Os espíritos dos antepassados" (p. 950), o que prova o que havíamos dito anteriormente sobre considerarem os espíritos como deuses. Em 1Sm 28,14, vemos repetir-se isso, ao constar em algumas traduções "vejo um deus" e não "vejo um espírito", ao se referir ao espírito Samuel que se apresentava a Saul.

---

12 http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL698096-15605,00.html, acesso em 28.09.2009, às 20hs.

Disso fizemos uma ligação com uma outra passagem, onde se poderá, provavelmente, estar falando de algo parecido; leiamos:

> "*Consulte as gerações passadas e observe a experiência de nossos antepassados. Nós nascemos ontem e não sabemos nada. Nossos dias são como sombra no chão. Os nossos antepassados, no entanto,* ***vão instruí-lo e falar a você com palavras tiradas da experiência deles****"*. (Jó 8,8-10).

A conclusão que tiramos foi de que: se não tinham livros para saber das experiências dos antepassados, então não havia outra maneira de acontecer o "vão instruí-lo e falar a você" senão o fazendo pessoalmente, ou seja, apresentar-se-iam em espírito para fazerem tal coisa.

Estamos ainda tratando de possibilidades; entretanto, temos algo concreto em que nos apoiar para comprovar que os mortos se comunicam. São dois fatos bem reais narrados na Bíblia, que somente por muito esforço exegético se nega a ocorrência disso.

Por mais paradoxal que seja, temos uma mentira na qual consta uma verdade; veja esse passo:

> *"Saul morreu por ter sido infiel a Javé: não seguiu a ordem de Javé e foi consultar uma mulher que invocava os mortos, em vez de consultar a Javé. Então Javé o entregou à morte e passou o reinado para Davi, filho de Jessé."* (1Cr 10,13).

Bom; a mentira é que Saul morreu apenas por não atender as ordens de Deus em massacrar totalmente os amalecitas, e todos os seus pertences; eis, por curiosidade, a absurda ordem:

> 1Sm 15,2-3: *"Assim diz Javé dos exércitos: Vou pedir contas a Amalec pelo que ele fez contra Israel, cortando-lhe o caminho, quando Israel subia do Egito. Agora, vá, ataque, e condene ao extermínio tudo o que pertence a Amalec.* ***Não tenha piedade: mate homens e mulheres, crianças e recém-nascidos, bois e ovelhas, camelos e jumentos***."

Saul não cumpriu integralmente isso e, em vez de exterminar, captura a Agag, rei dos amalecitas, além disso poupa o gado gordo e os cordeiros, só abatendo os que não tinham valor. Deus teria Se irritado com essa desobediência e prometeu tirar a realeza de Saul e a entregar para outro. Os filisteus, segundo as narrativas bíblicas, foram o instrumento de Deus para tornar realidade essa ameaça.

E, vendo o exército dos filisteus, Saul apavorou-se e querendo saber o que lhe aconteceria nessa guerra, vai à cidade de Endor, onde havia uma necromante, e através dela, consultar-se com o espírito Samuel; eis aqui o fato verdadeiro.

O relato bíblico pode ser visto em 1Sm 28,1-25, com o fato curioso de, no versículo 3, ser dito "Samuel tinha morrido", como que para alertar ao leitor de que o Samuel de quem se falaria já não pertencia a este mundo; portanto, que se trata da manifestação de seu espírito. Aliás, esse é um exemplo de um tipo de evocação que não devemos fazer, pois busca apenas interesses mundanos e, ainda, com o fim de adivinhação.

Já vimos várias argumentações querendo descaracterizar esse passo como uma autêntica manifestação de espírito, já que, geralmente, a levam à conta de um demônio, que se fez passar por Samuel, quando o texto do versículo 14 é bem objetivo ao dizer "Saul reconheceu que era realmente Samuel" (Bíblia Sagrada ed. Vozes, p. 330); além disso, nos versículos seguintes (15 e 16) a Bíblia é bem clara ao afirmar que foi Samuel quem dialogava com Saul; ou se vai falar que a Bíblia errou do dizer que foi Samuel, se ela é inerrante, como os próprios bibliólatras a consideram?… Já em Eclesiástico, livro que consta somente nas Bíblias católicas, se afirma categoricamente que Samuel "*mesmo depois de morto profetizou*" (Eclo 46,20), o que confirma a consulta ao espírito Samuel.

Podemos ainda encontrar uma outra passagem onde a manifestação de espíritos de mortos é evidente; citaremos, dessa vez, o Novo Testamento, quando se narra o momento em que Jesus, diante das testemunhas Pedro, Tiago e João, conversa com os espíritos Moisés e Elias (Mt 17,1-9; Mc 9,2-3 e Lc 9,28-33). O interessante dela é vermos que, por ironia do destino, a própria pessoa, que havia dito ser isso proibido (Moisés), aparece em espírito a

Jesus; e, pelo fato do Mestre Nazareno ter participado desse episódio, concluímos que é porque a comunicação com os mortos nunca foi proibida por Deus. E, por mais que se argumente que Elias foi arrebatado, mesmo contrariando o *"a carne e o sangue não podem herdar o reino dos céus"* (1Cor 15,50), nada poderá ser alegado quanto a Moisés, já que sua morte é relatada (Dt 34,5-8).

Não precisamos nem alegar que Jesus, depois de morto, conversou com os discípulos, aparecendo-lhes por várias vezes, e numa delas a mais de quinhentos irmãos, conforme Paulo atesta em 1Cor 15,6; ou precisamos???

Vejamos este passo que relata um acontecimento com Paulo, na cidade de Filipo, na Macedônia:

> At 16,16-18: "*Estávamos indo para a oração, quando veio ao nosso encontro uma jovem escrava, que estava possuída por um espírito de adivinhação; fazia oráculos e obtinha muito lucro para seus patrões. Ela começou a seguir Paulo e a nós, gritando: 'Esses homens são servos do Deus Altíssimo e anunciam o caminho da salvação para vocês'. Isso aconteceu durante muitos dias. Por fim, não suportando mais a situação, Paulo voltou-se e disse ao espírito: 'Eu lhe ordeno em nome de Jesus Cristo: saia dessa mulher!' E o espírito saiu no mesmo instante. Os patrões da jovem, vendo que tinham perdido a esperança de lucros, agarraram Paulo e Silas e os arrastaram à praça principal, diante dos chefes da cidade. Apresentaram os dois aos magistrados, e disseram: "Estes homens estão provocando desordem em nossa cidade; são judeus e pregam costumes que a nós, romanos, não é permitido aceitar nem seguir". A multidão se amotinou contra Paulo e Silas, e os magistrados rasgaram as vestes deles e mandaram açoitá-los com varas*."

Certamente que esse espírito é o que especificamos como "espírito desencarnado", que se incumbia de trazer à médium coisas relacionadas ao futuro das pessoas que iam procurá-la; daí ser tratado como "um espírito de adivinhação".

Por qual razão Paulo "expulsou" tal espírito? Vejamos a resposta dada pelo amigo Dr. João Frazão:

> Simplesmente porque o espírito a perturbava e a providência de Paulo mandá-lo se afastar dela foi tomada porque o espírito, através da médium, já estava incomodando as atividades de Paulo. **Além disso, é de se notar que a atividade de adivinhação na época do cristianismo nascente já não era mais proibida**; tanto assim, que a moça seguiu Paulo e seus companheiros durante muitos dias, sem que ninguém a acusasse de adivinhadora ou feiticeira; mais: se fosse uma atividade proibida Paulo teria apresentado como sua defesa, apesar de a acusação ter sido amotinamento, que eles estavam sendo acusados disso por ter afastado um espírito adivinhante da moça, hipótese em que os seus amos passariam de acusadores a acusados pelo crime de manter uma escrava que tinha um espírito adivinhante. E Paulo teria argumentos suficientes para isso, por ser um doutor da lei. Certo?! (LIMA, 2011)

Fantástica a percepção, pois, realmente, se a comunicação com os mortos fosse mesmo proibida, por que motivo Paulo não repreendeu o médium, mas procurou apenas expulsar o espírito, que o incomodava?

Nosso estudo se concentrou na análise de várias passagens bíblicas, buscando elucidar a questão, que ainda causa polêmicas entre os que acreditam e os que não aceitam que os espíritos dos mortos se comunicam. Traremos, agora, uma fala de Kardec sobre o tema.

No ano de 1862 Kardec visitou várias cidades na França para saber como andava o movimento espírita, registrando na obra *Viagem Espírita em 1862*, na qual encontramos "Instruções Particulares dadas aos Grupos em resposta a algumas das questões propostas". Dessas instruções a de número VIII é a que nos interessa:

> *Que pensar da proibição imposta por Moisés aos hebreus, no sentido de não se evocarem as almas dos mortos? Que interpretação poderíamos tirar do fato relativamente às evocações atuais?*

> A primeira consequência a tirar-se dessa proibição é a de que é possível evocar as almas dos mortos e estabelecer relações com elas. **A proibição de se fazer uma determinada coisa implica a possibilidade de fazê-la**. Por exemplo, será necessário decretar-se uma lei proibindo a subida à lua? ([13])
>
> É realmente curioso ver-se os inimigos do Espiritismo reivindicar ao passado o que julgam servir-lhes e repudiarem esse mesmo passado todas as vezes em que ele não lhes convém. **Se invocam a legislação de Moisés para esta circunstância, por que não reclamam a sua aplicação de modo integral? Duvido, entretanto, que algum entre eles esteja tentado a fazer reviver o código mosaico, sobretudo o penal, draconiano, tão pródigo em penas de morte**. Dar-se-á então que, ao entender deles, Moisés procedeu corretamente em certas circunstâncias e erradamente em outras? Mas, nesse caso, por que estaria certo no que concerne às evocações? É que, dizem, Moisés fez leis apropriadas ao seu tempo e ao povo ignorante e indócil que conduzia. Mas, essas leis, salutares naquele tempo, já não se enquadram aos nossos costumes e à nossa cultura. Ora, é precisamente isso que dizemos em relação à proibição de evocar os Espíritos. Entretanto o fato, em sua época, é justificável, como podemos verificar.
>
> Os hebreus, no deserto, lamentavam vivamente a perda das doçuras do Egito e esta foi a causa das revoltas incessantes que Moisés, algumas vezes, não pôde reprimir senão pelo extermínio. Daí a excessiva severidade das leis. Em meio a este estado de coisas, obstinava-se ele em fazer com que seu povo rompesse com os usos e costumes que lhe pudessem recordar o Egito. Ora, uma das práticas que os hebreus conservavam era a das evocações, em uso naquele país desde tempos imemoriais. E isso não é tudo. **Esse uso, que parecia ser bem compreendido e sabiamente praticado na intimidade de pequeno núcleo de iniciados nos mistérios, degenerara em abuso e superstição entre o povo, que nele via apenas uma arte de adivinhação, sem dúvida explorada pelos charlatões como hoje em dia o fazem os ledores da sorte**. O povo hebreu, ignorante e grosseiro, adquirira-o sob esse aspecto abusivo. Proibindo-o, Moisés realizou um ato de boa política e sabedoria. Hoje em dia as coisas Já não são as mesmas, e o que podia ser outrora um inconveniente já não o é no estado atual da sociedade. De nossa parte, nós também nos levantamos contra o abuso que se poderia fazer das relações com o além-túmulo e afirmamos ser um sacrilégio, não o fato de estabelecerem-se relações com as almas dos que partiram, mas fazê-lo com leviandade, de maneira irreverente, ou por especulação. **Eis porque o verdadeiro Espiritismo repudia tudo quanto pode roubar a essas relações seu caráter grave e religioso, pois esta seria a verdadeira profanação**. Além disso, **se as almas podem se manifestar, elas o fazem com a permissão de Deus, e não há mal em se fazer o que Deus permite. O mal, nesta como em outras coisas, está no abuso e no mau uso**. Allan Kardec. (KARDEC, 2000d, p. 101-102, grifo nosso).

"Se as almas podem se manifestar, elas o fazem com a permissão de Deus", lógica irrefutável.

E aqui algumas das determinações que não se aplicam nos dias de hoje:

Ex 21,12: "*Quem ferir a outro de modo que este morra, também **será morto**".*

Ex 21,17: "*Quem amaldiçoar a seu pai ou a sua mãe, **será morto***".

Ex 31,14: "*[…] **guardareis o sábado**, […] **aquele que o profanar morrerá**; […]".*

Lv 11,7-8: *"[…] **o porco**, […] **da sua carne não comereis**, nem tocareis no seu cadáver; […]".*

Lv 11,21-22: "*Mas de todo o **inseto que voa**, […] deles **comereis estes**: a **locusta** […], o **gafanhoto** […], o **grilo** […]".*

Lv 20,13: "*Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, **ambos serão mortos**; […]".*

Lv 20,18: "***Se um homem se deitar com a mulher no tempo da enfermidade***

13Viagem à Lua a essa época era inconcebível, entretanto isso ocorreu 1969, ou seja, 107 anos depois.

***dela**, […] **ambos serão eliminados do meio do seu povo**".*

Dt 21,18-21: "*Se alguém **tiver um filho contumaz e rebelde**, […] pegarão nele seu pai e sua mãe e o levarão aos anciãos da cidade, à sua porta, […] Então todos os homens da sua cidade **o apedrejarão, até que morra**; […]".*

Dt 23,1: "*Aquele a quem forem **trilhados os testículos, ou cortado o membro viril, não entrará na assembleia do Senhor**".*

Dt 25,11-12: "*Quando brigarem dois homens, […] e a **mulher** de um chegar para livrar o marido da mão do que o fere, e […] o **pegar pelas suas vergonhas, cortar-lhe-ás a mão**: […]".*

Essas são algumas, dentre inúmeras outras, que, atualmente, ninguém faz a mínima questão de cumprir, exatamente porque são leis de época implantadas por Moisés, ao qual também se deve atribuir a relativa à evocação dos mortos.

Se formos pesquisar a quantidade de manifestações ocorridas, em várias partes do mundo, em circunstâncias tais que não deixam a mínima dúvida de que são os espíritos dos nossos mortos que se manifestaram, teríamos um volume extraordinário de casos. Inclusive, em muitos deles não ocorreu nenhum tipo de evocação; foram os próprios espíritos que vieram e, vamos dizer, "evocaram" (chamaram) os vivos (e isso não se pode alegar que é proibido!!!).

Podemos sugerir às pessoas, que buscam a verdade, que tenham em mãos livros, artigos e pesquisas que informam sobre isso; por esse caminho, a certeza virá sem causar nenhum tipo de problema, porquanto terão convicção que isso faz parte das leis naturais criadas por Deus. Alguns casos nós citamos no nosso livro "*Os espíritos comunicam-se na Igreja Católica*", publicação GEEC, Divinópolis, MG.

Ecos do Passado – O paganismo no cristianismo

É muito interessante quando temos às mãos alguma literatura, na qual encontramos informações sobre as religiões de antanho. Quem ainda não ficou completamente cego pelo fanatismo, percebe uma relação muito estreita entre alguns conceitos e determinadas práticas religiosas da antiguidade com os da atualidade.

Vejamos, por exemplo, a cultura religiosa dos egípcios. Segundo as Escrituras Sagradas, os hebreus ficaram em escravidão no Egito por quatrocentos e trinta anos (Ex 12,40), o que nos leva, inevitavelmente, a acreditar que, de uma forma ou de outra, acabaram por incorporar em sua própria cultura parte da dos egípcios.

Apontaremos alguns pontos curiosos que, nos dias atuais, podemos, perfeitamente, identificar como oriundos dessa cultura, que vieram a fazer parte do cristianismo, nos rituais religiosos praticados na atualidade. Seria, a nosso ver, por mais paradoxal que possa parecer, o paganismo dentro do cristianismo.

Vejamos, então essas curiosidades:

1 - Procissão

Vemos periodicamente como uma prática religiosa o ritual das procissões, que consiste em se percorrer um determinado trajeto, até um local pré-determinado, carregando uma imagem religiosa num andor. Mas qual é a origem desse ritual? Nas pesquisas que realizamos, tivemos oportunidade de verificar que tal ritual era praticado pelos egípcios; vejamos:

> O rio Nilo está em festa. Barcas enfeitadas homenageiam Amon, o deus dos mistérios e padroeiro dos navegantes. A população de Tebas, no sul do Egito, aguarda ansiosa o faraó e os sacerdotes que carregam nos ombros a imagem da divindade. Todos participam da Bela Festa do Vale, uma das mais importantes festividades do Egito Antigo, realizada no Médio Império (1975-1640 a.C.), no início do ano no calendário egípcio – ou meados de julho na contagem ocidental. (...).
>
> Antes da procissão, a estátua do deus passa por um ritual secreto. O faraó e os sacerdotes visitam o templo de Amon. Eles cantam, tocam instrumentos e queimam incenso para afastar qualquer energia negativa do ambiente... A imagem é perfumada, vestida e maquiada e, depois, recebe oferendas no templo de Karnak, o maior do mundo antigo.
>
> Do templo, o deus sai dentro de um andor e é transportado num barco. Durante a travessia as pessoas, em procissão, entoam cânticos e hinos sagrados. (...) (FELIPPE, 2003, p. 40-45).

Fato que também podemos comprovar em outra publicação, conforme se segue:

> Todos os anos, em meio a cantos, danças e celebrações, o faraó e os sacerdotes de Amon lideravam uma procissão que conduzia uma estátua dourada do deus celeste agonizante desde o santuário interno de Karnak até uma barcaça no Nilo. Esta era então rebocada pela barca real até o templo de Luxor. Enquanto os altos dignitários remavam cerimoniosamente a barcaça rio acima, soldados e camponeses nas margens a puxavam de fato com a ajuda de cabos. (GORE, 2002, p. 8-35).

Podemos ainda verificar que esse ritual consta em algumas narrativas bíblicas; vejamos:

"Então Jeroboão teve a ideia de fazer dois bezerros de ouro. E disse ao povo: 'Vocês já foram demais a Jerusalém. Israel, aqui está o seu Deus, aquele que tirou você da terra do Egito'. Colocou um dos bezerros em Betel e instalou o outro em Dã. Isso foi causa de pecado. O povo foi em ***procissão diante do bezerro*** *até Dã".* (1Rs 12,28-30). (grifo nosso).

"O próprio altar estava repleto de ofertas proibidas pela Lei. Não se podia celebrar o sábado, nem as festas tradicionais, nem mesmo se declarar judeu. Todo mês eram forçados a participar do banquete sacrifical, que se realizava no dia do aniversário do rei. Quando chegavam as festas de Dionísio, eram obrigados a participar da ***procissão em honra a Dionísio****, com ramos de hera na cabeça".* (2Mc 6,5-7). (grifo nosso).

Assim, fica evidenciado que o ritual da procissão é, realmente, uma prática religiosa que os hebreus copiaram dos egípcios. O cristianismo, por sua vez, manteve em seus rituais esse hábito do judaísmo citada em Sl 118,27: *Javé é Deus: ele nos ilumina! Formem procissão com ramos até os ângulos do altar*.

2 - Ressurreição da Carne

Apesar de ser um dogma aceito pela maioria das religiões cristãs tradicionais, sua origem está intimamente ligada ao conceito que os egípcios tinham a respeito do corpo físico depois da morte.

> Os egípcios acreditavam que o corpo ressuscitaria magicamente do outro lado da vida por meio de um ritual chamado de 'abertura da boca'. O sacerdote ou alguém da família tocava a boca do morto com um instrumento de metal para que ele pudesse ter uma boa passagem para o outro mundo e conseguisse pronunciar as palavras necessárias na hora do julgamento. (FELIPPE, 2003, p. 40-45).
>
> Construídas com grandes blocos de pedra, as pirâmides nada mais eram do que as escusas tumbas dos faraós. Foram erguidas para abrigar o sarcófago do faraó até que sua alma voltasse ao corpo. O soberano supremo era enterrado com móveis, joias e outros objetos, pois naquela época se acreditava que precisaria deles na outra vida. (*A Magia do Egito*, nº 01, s/d, p. 6-17).
>
> (...) Mas, para os egípcios, havia algo de maior significado que se expressava na preservação de bens valiosos dos mortos e construções de obras de estrutura física, que poderiam garantir uma outra vida além da morte, de muita fortuna. Para eles, após o falecimento do corpo, o morto de qualquer classe social teria uma existência semelhante à da Terra, mas sem os problemas e as necessidades desta.
>
> A morte, para os egípcios, tinha um especial interesse. Havia entre eles uma crença absoluta no renascer dos mortos. Por isso, a preocupação em preservar o cadáver e o desenvolvimento da técnica de mumificação. De acordo com sua religião, a alma precisava de um corpo para morar por toda a eternidade.
>
> Se a vida poderia durar eternamente, desde que a alma encontrasse no túmulo o corpo destinado a servir-lhe de morada, era preciso, portanto, preservar suas características físicas. Essa necessidade religiosa fez com que os egípcios desenvolvessem a técnica de mumificação. (*A Magia do Egito*, nº 01, s/d, p. 46-50).

Assim, toda a crença dos egípcios estava centrada na possibilidade da vida após a morte, na qual acreditavam precisar do corpo físico para sobreviver, pois não tinham a menor consciência de que a nossa realidade é sermos um ser espiritual. Razão pela qual não haverá a mínima necessidade do corpo físico em uma dimensão completamente diversa da nossa, como querem os teólogos, apesar de se dizerem espiritualistas.

Hoje em dia, aceitar que o corpo físico é que irá ressuscitar, é fazer vistas grossas para as leis divinas, que, pelo processo da decomposição, faz com que este corpo devolva à natureza os elementos que dela tomou emprestado. Estes, por sua vez, irão formar novas substâncias.

3 - Juízo Final

Outra crença egípcia é a respeito do juízo final. Veja o que encontramos sobre o assunto:

> No mundo dos mortos, os egípcios eram julgados pelo deus Osíris e seus 42 assessores. Diante de cada juiz, o defunto declarava não ter passado por determinada infração. Seu coração era pesado numa balança. 'Se pesasse mais que a pluma da justiça de Maat, a deusa da ordem universal, o morto seria engolido por um monstro em forma de crocodilo, leão e hipopótamo e teria, assim, uma morte definitiva, deixando por completo de existir'. (...) (FELIPPE, 2003, p. 40-45).
>
> Tão logo falecia, a pessoa tinha de ser submetida a um julgamento pelo chamado Tribunal dos Deuses, uma espécie de justiça divina, presidido pelo deus Osíris.
>
> Segundo o ritual, o morto prostrava-se diante das autoridades celestiais e fazia uma espécie de confissão, na qual declarava que não cometera más ações durante sua vida.
>
> No centro, aparece o deus Anúbis, com cabeça de chacal, que faz a pesagem na balança – no prato, à direita, aparece o coração do morto, sede da consciência e onde estavam registradas suas ações na terra; no prato esquerdo, há uma pena, símbolo de Maat, a deusa da verdade: á direita, encontra-se Toth, que anota num papiro os resultados das pesagens.
>
> Se a pesagem constatar que o coração teve peso mais leve que a verdade, isso significava que o espírito não estava proferindo uma mentira quando afirmou que levou uma vida justa e respeitosa. Por isso, o tribunal posicionava-se que o mesmo estava apto a conquistar a vida eterna no paraíso. (*A Magia do Egito*, nº 01, s/d, p. 46-50).
>
> O julgamento final era a prova de fogo para que a pessoa morta alcançasse, finalmente, a vida eterna.
>
> No julgamento final, o morto deveria provar que foi verdadeiro e justo durante a vida, sem ter faltado com a verdade.
>
> Se a pessoa não passasse pelo julgamento final, estaria condenada a uma espécie de coma perpétuo, ou seja, teria então uma segunda morte porque, agora, o acesso à eternidade estaria vedado. (*A Magia do Egito*, nº 01, s/d, p. 6-17).

É interessante essa maneira que percebiam o julgamento final de um indivíduo. Os cristãos adotaram esse juízo final, apesar de, contraditoriamente, dizerem que seremos julgados também logo após nossa morte. Haveria então dois julgamentos? Qual seria a utilidade deles? Quem fosse para o inferno no primeiro, poderia sair quando do segundo?

4 – Um ser gerado por um deus

Encontramos no conceito religioso dos cristãos, a concepção de Jesus ocorrida por obra do Espírito Santo. Interessante que, se isso ocorreu, Jesus deixa de ser descendente de Davi, contrariando as profecias a esse respeito. Mas, aqui, mais uma vez, percebemos que os egípcios também acreditavam na possibilidade de um deus fecundar uma mulher, leiamos: "Tamanha suntuosidade, tornou ImHotep uma figura célebre em todo Egito – depois de sua morte, ganhou status de um deus. Passou a ser considerado filho Ptah, o deus supremo de Mênfis, que teria fecundado uma mulher mortal". (*A Magia do Egito*, nº 01, s/d, p. 36-45).

Essa crença igualmente era compartilhada pelos gregos; senão vejamos: "Filho de Zeus e de uma mulher mortal, Alcmena, Heracles foi o maior e mais popular herói de toda a Grécia Antiga, embora a lenda tenha tido origem estritamente peloponésica" (*Deuses Gregos* nº 01, s/d, p. 33-40).

Não devemos nos esquecer que os gregos também exerceram domínio sobre os judeus.

5 - Natal

Vejamos o que encontramos a respeito do dia que dizem ser o do nascimento de Jesus:

> Quanto ao 25 de dezembro, ele só foi adotado por volta de 330 d.C. Nessa data, ocorria em Roma a festa pagã do Solis Invictus, o Sol Invencível. Comemorado logo após o solstício de inverno – quando o percurso aparente do Sol ocupa sua posição mais baixa no firmamento -, o festival homenageava o reinício do deslocamento da trajetória solar para o alto do céu, de onde os raios da estrela voltaram a aquecer generosamente a Terra. Frustrados na tentativa de acabar com a festa, os cristãos resolveram apropriar-se dela. (ARANTES, 2003, p. 12-21).

Esse fato não é do conhecimento da maioria dos cristãos; talvez somente os líderes religiosos saibam disso. É sabido que vários acontecimentos do passado longínquo se perderam, não chegando aos nossos dias, e os que chegam podem, por interesses, não terem sido relatados como exatamente acontecidos.

6 - Mediador

A crença em que os líderes religiosos são os mediadores entre Deus e os homens não deixa de ser também uma crença egípcia; só que, ao invés dos líderes religiosos, o próprio faraó era o mediador, conforme podemos comprovar: "O faraó era visto pela população como um deus vivo, trazido à Terra para ser o mediador entre o céu e os homens. (...)" (FELIPPE, 2003, p. 40-45).

É o que vemos, em toda a Bíblia, na figura dos profetas, no Antigo Testamento e de Jesus, no Novo Testamento. A partir de sua morte essa intermediação, entre Deus e a humanidade, passa a ser feita pelos sacerdotes, pastores, etc.

7 - Culto aos Mortos

A prática de se cultuar o faraó depois de sua morte, foi assimilada por alguns cristãos na forma de culto aos santos. Vejamos: "Normalmente, um faraó era cultuado somente após a morte, mas muitos soberanos utilizaram a religiosidade como instrumento de propaganda e conseguiram se tornar objeto de culto ainda em vida". (FELIPPE, 2003, p. 40-45).

Dessa prática e da do culto a vários deuses, acabou a primeira sendo reforçada, ou seja, a do culto aos santos, que passou a responder por vários tipos de atividades relacionadas ao comportamento humano. Vejamos o item a seguir.

8 - Vários deuses

> (...) No princípio, do oceano primordial, auto-gerado, aparece Rá. Ele expele, de sua boca, Seb (o deus Ar) e Tefnut (Umidade). Deles nasce Geb (Terra) e Nut (Céu), pais de quatro filhos: Osíris, Íris e Seth e Néfits. Depois deles, surgem todas as outras divindades que, ao todo, somam mais de 2 mil. (...) (FELIPPE, 2003, p. 40-45).
>
> A religião egípcia caracterizava-se, dessa maneira, como politeísta – quer dizer, aquela em que existem vários deuses. Do mesmo modo que a maioria das sociedades primitivas, o Egito tinha um panteão de deuses muito vasto. Era praticamente um deus para cada um dos muitos aspectos da vida cotidiana. (*A Magia do Egito*, nº 02, s/d, p. 18-23).

Esse emaranhado de deuses, com suas atribuições, também acabaram dando origem às inúmeras atribuições que relacionaram a cada um dos santos. Vejamos, então alguns exemplos:

Deuses Egípcios:

Anúbis - Deus dos embalsamadores e da mumificação;

Atum - Criador dos deuses, do homem e da ordem divina;

Bastet - Deusa do lar, do fogo e das grávidas;

Bes - Deus da música, dança e da família. Protetor das mulheres grávidas;

Geb - Deus da terra, guia dos mortos para o além;

Hathor - Deusa das mulheres, do amor e da música;

Imhotep - Patrono dos escribas, curador, sábio e mágico;

Ísis - Guardiã, deusa da mágica;

Khonsu - Deus da lua;

Maat - Deusa da ordem, das leis, da justiça e da verdade;

Min - Deus da fertilidade masculina, patrono do deserto oriental;

Montu - Deus da guerra.

(*Qual é o assunto?*, nº 02, s/d, p. 4-6).

No Catolicismo:

Cosme e Damião, padroeiros dos médicos e protetores dos gêmeos e das crianças;

São Brás, protetor dos que sofrem de engasgos ou doenças de garganta;

Santo Antônio, padroeiro dos pobres e casamenteiro;

São Cristóvão, protetor dos viajantes e motoristas;

São Francisco de Sales, padroeiro dos escritores;

São Judas Tadeu, advogado das causas desesperadas;

Santa Bárbara, invoca-se esta para se proteger das tempestades e trovões;

Santa Cecília, padroeira da música;

Santa Inês, padroeira da castidade e das adolescentes;

Santa Luzia, protetora da visão.

Poderíamos acrescentar que tanto os gregos como os romanos também possuíam vários deuses e, da mesma maneira, cada um deles tinha uma atribuição própria. Assim, não percebemos nenhuma diferença entre os deuses da Antiguidade e os santos de hoje.

9 - Trindade

Outro item que fazia parte da cultura religiosa dos egípcios, e do qual era mesmo de se esperar a sua incorporação na cultura religiosa dos judeus, é a Trindade. Entretanto, não sabemos por que razão essa só passou a ser admitida posteriormente no cristianismo a partir do século IV da era cristã. Leiamos:

> Os deuses costumavam ser divididos em grupos, geralmente em tríades compostas por duas divindades adultas e uma jovem. Assim, por exemplo, existe a tríade de Tebas, que compreende Amon-Rá, Mut e Khons, divindades dos três principais templos de Karnak. (*A Magia do Egito*, nº 5, s/d, p. 14-21).

Além disso, podemos acrescentar que todos os povos, que dominaram os judeus, tinham três deuses, como base de sua cultura religiosa.

Duas coisas mais merecem destaque, embora não pertencentes à cultura egípcia: uma é a origem de Satã e a outra a dos Dez Mandamentos; é o que veremos a seguir.

10 – Satã

Vejamos:

> Sob a influência das doutrinas de Zaratustra, os judeus começaram a crer na existência dum espírito que procurava desfazer a obra de Jeová. E a esse adversário deram o nome de Satã.
>
> Passaram a odiá-lo e temê-lo, e no ano 331 convenceram-se de que Satã andava pela terra. (VAN LOON, 1951, p. 122).

Assim, da cultura persa, que possuía o deus do bem (Ahura-Mazda) e o do mal

(Ahriman), tiraram o ser denominado Satã correspondendo a esse último.

11 - Leis Morais

Informam-nos que "Os babilônicos desenvolveram as leis morais mais tarde incorporadas por Moisés nos Dez Mandamentos e que ainda hoje constituem os alicerces do cristianismo". (VAN LOON, 1951, p. 103). Essa informação, que nos parece muitíssimo interessante, nos dá notícia de que até mesmo os Dez Mandamentos não se trata de coisa original, pois, como estamos constatando, foram também copiados de outra cultura. Para nós tem sentido, uma vez que Deus nunca estabeleceria um mandamento só para homens como o *"não cobiçar a mulher do próximo"* (Ex 20,17); portanto, estamos diante de um preceito absolutamente machista; obviamente, reflexo cultural da sociedade daquela época.

Ficamos a pensar: e se fizermos um levantamento completo, o que mais acharíamos para acrescentar a essa nossa pequena lista? Por que será que o homem ainda mantém em suas práticas coisas absolutamente ultrapassadas pelo tempo? Umas são realizadas sobre o pretexto de estarem na Bíblia, no pressuposto de que tudo que ali contém é absolutamente verdadeiro. Mentes abertas têm colocado em cheque esse pensamento, fazendo com que muitas pessoas possam ver além do véu. Há provas de que muitas coisas que ali estão são fruto de lendas, mitologias, outras não sustentadas pela ciência; enfim, uma verdadeira miscelânea! Essas mentes abertas, de que estamos falando, são as pessoas que aplicam integralmente uma recomendação que deveria servir para todos: ***"Examinem tudo e fiquem com o que é bom"*** (1Ts 5,21).

Por outro lado, vemos como uma necessidade urgente de se aplicar essa análise ao Espiritismo como um alerta para que, nós, os espíritas, não venhamos a desfigurá-lo, trazendo para dentro de nossas casas espíritas determinadas práticas que nada têm a ver com os princípios ditados pelos Espíritos Superiores a Kardec. Pois, infelizmente, estamos vendo que muitos companheiros, embora agindo de boa vontade, mas sem nenhum respaldo doutrinário, desejam implantar, em nosso meio, práticas totalmente desvinculadas do que poderíamos chamar de verdadeira essência do Espiritismo, tais como: terapia de vidas passadas, cromoterapia, uso de cristais, roupas especiais, etc. Não que estejamos condenando-as e aos que as praticam; entendemos que, apesar da eficácia de algumas, não devem ser realizadas em qualquer instituição espírita, pois podem levar as pessoas a buscarem tais técnicas a fim de se livrarem de seus problemas, esquecidos de que o mais importante é a reforma íntima e a prática do bem.

Mistérios ocultos aos doutos e inteligentes

Vemos que Jesus, em determinadas situações, não era muito claro em seus ensinamentos, falava numa linguagem simbólica. Ao ser indagado, pelos seus discípulos, do porquê disso, respondeu: *"Porque a vocês foi dado conhecer os mistérios do Reino do Céu, mas a eles não"* (Mt 13,11). Por outro lado, aos que acham que Jesus tenha dito tudo, enganam-se, pois afirmou: *"Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar"* (Jo 16,12), numa demonstração inequívoca de que Ele não disse tudo o que poderíamos supor que Ele deveria dizer.

Quando disse: *"Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos"* (Mt 11,25), não estava querendo dizer que fazia as coisas propositadamente para esconder aos sábios e inteligentes, mas, sim, porque esses orgulhosos do saber não percebem as coisas simples, onde reside a verdadeira sabedoria.

Vamos ver como essas coisas simples podem ser encontradas nos seus ensinamentos.

> Mt 4,17: "*Jesus começou a pregar, dizendo: "Convertam-se, porque o Reino do Céu está próximo*".

Inicia sua vida pública concitando a todos que mudem de vida, reconhecendo em cada ser um espírito com potencial de evolução inestimável. Deposita plena confiança em cada um de nós.

> Mt 5,5: *"Felizes os mansos, porque possuirão a terra"*.

Como poderíamos aplicar essas palavras de Jesus num mundo tão conturbado, onde a violência parece imperar? Quando acontecerá isso? Será que Jesus estaria enganado ou, quem sabe, nos enganando? Acreditamos que não. O homem, ainda preso aos dogmas religiosos das

igrejas cristãs tradicionais, não conseguiu perceber que leis imutáveis regem o Universo. Que para isso acontecer teremos que associar algumas dessas leis; juntando a lei de ação e reação, a lei do progresso e a lei da reencarnação, encontraremos essa verdade estabelecida por Jesus de que os mansos possuirão a Terra. Sabemos que o progresso espiritual do ser é um fato, e que, em relação à Terra, toda a leva de espíritos pertinazes no erro, será lançada em *"trevas exteriores onde haverá pranto e ranger de dentes"* (Mt 8,12), com a orientação de que *"daí não sairá, enquanto não pagar até o último centavo"* (Mt 5,26); mas a misericórdia divina os haverá de recuperar, já que "*o Pai que está no céu não quer que nenhum desses pequeninos se perca"* (Mt 18,14).

> Mt 5,29-30: "*Se o olho direito leva você a pecar, arranque-o e jogue-o fora! É melhor perder um membro, do que o seu corpo todo ser jogado no inferno. Se a mão direita leva você a pecar, corte-a* ".

Imagem dura se não a vermos com ponderação. Mas, primeiramente, por mais fiel à palavra de Deus que seja, existirá algum "pecador" que faça isso? Já ouvimos alguns casos de pessoas se mutilando, justificando estar seguindo recomendação bíblica; entretanto, isso não passa de fanatismo, incompatível com uma fé raciocinada. Não encontramos ninguém que aprovasse uma atitude dessa; mas por que então não fazem isso, esses fundamentalistas já que se apegam tanto à letra? Será que é porque esses doutos e inteligentes não conseguem perceber o espírito dessa determinação? Se assim for, não deve ser seguido literalmente por ninguém, mesmo que tais doutos e inteligentes afirmem ser isso "a palavra de Deus".

Como se vê, a mensagem contida nessa passagem é muito mais profunda, já que nos leva a entender que devemos cortar de nossa personalidade tudo aquilo que nos separa de

Deus e nos impede de viver uma vida plena e feliz, pois é melhor "anularmos" nossa personalidade e viver uma vida feliz do que mantermos nossos defeitos arraigados e acoroçoados e irmos parar num inferno, ou seja, com eles ter nossas vidas transformadas num inferno, seja nesta existência ou em existências futuras.

Mt 5,48: *"Portanto, sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês que está no céu*".

Isso não é exatamente a lei do progresso de que Jesus estaria falando? Poderíamos numa só vida chegar a esse nível de perfeição que nos recomenda o Mestre? Todos nós fomos criados simples e ignorantes, com a faculdade de usarmos o nosso livre-arbítrio para escolher o nosso caminho em busca da perfeição de acordo com a vontade de Deus. Embora enveredemos por caminhos tortuosos, longe da meta final estabelecida por Deus a todos nós, por isso, a busca da perfeição é necessária, pois é da vontade de Deus que isso aconteça. Jesus mostrou a perfeição do Pai como alvo, viveu à altura dessa perfeição e, por isso, se tornou o melhor modelo para seguirmos, conforme Kardec sabiamente se referiu:

> Para o homem, Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ensinou é a mais pura expressão da sua lei, porque, sendo Jesus o ser mais puro que já apareceu na Terra, o Espírito Divino o animava.
>
> Se alguns dos que pretendem instruir o homem na lei de Deus, algumas vezes o desencaminharam, ensinando-lhe falsos princípios, foi porque se deixaram dominar por sentimentos demasiado terrenos e porque confundiram as leis que regulam as condições da vida da alma, com as que regem a vida do corpo. Muitos deles apresentam como leis divinas o que eram simples leis humanas, criadas para servir às paixões e dominar os homens. (KARDEC, 2006, p. 364).

Ademais, Ele não nos pediria algo que estivesse fora de nosso alcance.

Mt 9,2: *"Nisso, levaram a ele um paralítico deitado numa cama. Vendo a fé que eles tinham, Jesus disse ao paralítico: 'Coragem, filho! Os seus pecados estão perdoados'"*.

Analisando essa passagem poderá alguém pensar que os nossos erros serão simplesmente perdoados, o que, a nosso ver, é um engano. Isso porque vai de encontro ao *"a cada um segundo suas obras"* (Mt 16,27), ficando, portanto, estabelecida a suposta contradição. O perdão divino acontecerá, quando a lei de ação e reação for literalmente cumprida, ou seja, tenha sido pago até o último centavo. Se Jesus disse ao paralítico que irá perdoar os seus pecados, implicitamente fala da lei de ação e reação, demonstrando que tal enfermidade, a paralisia, lhe aconteceu por conta de seus erros. Tal fato poderá ser comprovado, quando, numa outra oportunidade, disse a um outro paralítico, que pouco antes havia curado, *"vê ficaste curado, não tornes a pecar para que não te suceda coisa pior"* (Jo 5,14).

Mt 11,11-12: *"Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele. Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo"*.

Veja que interessante: João Batista é o maior (mais evoluído) que todos os homens aqui na Terra; entretanto, no reino do céu é o menor. Mas onde ocorreu essa evolução dele e a dos outros espíritos? Será que Deus os teria criado perfeitos, enquanto a nós outros a necessidade de amargar para evoluir? Isso se coaduna com algum senso de justiça? Uma outra coisa: sendo João Batista contemporâneo de Jesus como explicar o *"desde os dias de João Batista"*? Resposta: só admitindo que João era realmente o Elias reencarnado, posto que a preposição "desde" indica um ponto de referência no tempo, que só pode ser no passado. Assim, diríamos: "desde os dias em que João era Elias até agora, o Reino do Céu sofre violência [...]"

Mt 16,27: *"Porque o Filho do Homem virá na glória do seu Pai, com os seus anjos, e*

então retribuirá a cada um de acordo com a própria conduta".

Aos a sua tábua de salvação, ficarão, no dia do juízo, decepcionados, pois, conforme nos ensina Jesus, o que salva é o *"a cada um segundo suas obras".* Plenamente em consonância com a Lei de ação e reação, pois *"todos os que usam da espada, pela espada morrerão"* (Mt 26,52).

> Mt 18,14: *"Do mesmo modo, o Pai que está no céu não quer que nenhum desses pequeninos se perca*".

Paulo, numa extraordinária percepção espiritual, disse: *"Estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem os poderes nem as forças das alturas ou das profundidades, nem qualquer outra criatura, nada nos poderá separar do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo, nosso Senhor"* (Rm 8,38-39); juntando-se essa sua fala à de Jesus, fica evidente que o amor de Deus para conosco é infinitamente maior do que aquilo que denominamos de pecado. Como um ser tão pequeno, como nós o somos, poderia atingir, por qualquer ato, a divindade cósmica, o Grande Arquiteto do Universo? Somente por pura ignorância humana, que, não possuindo capacidade de entender a Deus, passa a atribuir como se fossem Seus os mais variados sentimentos próprios de seres ínfimos, espiritualmente falando. Devemos entender Deus nessa grandeza a que nos remete Jesus; e dentro disso ninguém se perderá; para isso, as três leis básicas já citadas são as que novamente deverão se encaixar aqui.

> Mt 21,31: *"[...] Então Jesus lhes disse: 'Pois eu garanto a vocês: os cobradores de impostos e as prostitutas vão entrar antes de vocês no Reino do Céu'"*.

Às vezes passamos por determinada narrativa do Evangelho sem lhe perceber o alcance. Quando a ficha cai, como se diz popularmente, aí passamos a ver quão profundo é o ensinamento ali contido. Sabemos que tanto os cobradores de impostos, quanto às prostitutas, eram consideradas gentes de má vida; mas, mesmo assim, Jesus diz que ambos os tipos de pessoas vão entrar no reino do céu, e que até mesmo os sacerdotes e fariseus, apesar de toda a hipocrisia que possuíam, também lá chegariam, apenas que aqueles outros chegariam primeiro do que eles. Isso vem, incontestavelmente, derrubar a ideia de penas eternas apregoadas por aí, usadas como um verdadeiro terrorismo religioso, já que o próprio Jesus nos disse: *"Se vocês, que são maus, sabem dar coisas boas a seus filhos, quanto mais o Pai de vocês que está no céu dará coisas boas aos que lhe pedirem"* (Mt 7, 11).

As análises que empreendemos, nesse singelo estudo, só encontraram o verdadeiro significado de inúmeras passagens bíblicas com a chave que a Doutrina Espírita nos dá para, primeiro, abrirmos nossa mente e, segundo, compreendermos os ensinamentos de Jesus de forma a conciliá-los com a misericórdia, a justiça e o amor infinitos de Deus. Fora disso é limitar o infinito, por absoluta incapacidade de voar mais alto rumo ao entendimento das enigmáticas leis da Natureza, que refletem esses atributos divinos em sua mais evidente expressão.

Obviamente "os doutos e inteligentes" não conseguirão perceber essas nuanças de que estamos falando, pois é deles justamente que Jesus falava; atingiremos preferencialmente os pequenos, já que são para eles os ensinos de Jesus, e deles não nos afastamos um milímetro sequer. *"Quem tem ouvidos que ouça"* (Mt 11,15).

Nazareno: o significado

Se a Bíblia fosse mesmo a palavra de Deus, então, nela não poderia ter nada que uma pessoa comum ao lê-la não a entendesse, pois, se isso ocorrer, como esse pobre coitado irá segui-la? É por esse caminho que os líderes religiosos avançam, uma vez que, sendo eles os "doutos" em interpretar a Bíblia, fica mantido *in aeternum* seu domínio sobre os fiéis.

Baruch de Espinosa (1632-1677), um renomado filósofo do séc XVII, já dizia:

> Admira-me bastante, pois, a engenhosidade de pessoas,... que enxergam na Escritura mistérios tão profundos que se torna impossível explicá-los em qualquer língua humana e que, além disso, introduzem na religião tantas matérias de especulação filosófica que a Igreja até parece uma academia e a religião uma ciência, ou melhor, uma controvérsia. (ESPINOSA, 2003, p. 208).

O que vemos de mirabolantes tentativas para sair de alguma contradição bíblica não está no gibi. Apelam feio, importam-lhes pouco as questões do ponto de vista da razão e da lógica; da coerência, então, nem se fala! Vamos ver a confusão que se fazem em torno da palavra Nazareno.

Mateus, no capítulo 2, narra que José, juntamente com Maria, fugiu de Belém para o Egito, por conta de um aviso de um anjo sobre o desejo de Herodes em matar Jesus, o recém-nascido, pois o rei temia que um dia essa criança pudesse vir a tornar-se o rei dos judeus. Quanto ao retorno, se fala que, em ao invés de voltar à cidade em que moravam, dirigiram-se para a cidade de Nazaré: *"Foi* [José] *morar na cidade de Nazaré, para que se cumprisse deste modo o que tinha sido dito pelos profetas: Ele será chamado Nazareno"* (v. 23).

Pelo que se pode deduzir da narrativa de Mateus, ele coloca a cidade de Belém como o lugar onde moravam os pais de Jesus. Entretanto, Lucas diz que o anjo Gabriel foi enviado a Nazaré para avisar Maria, narração essa que nos leva a concluir que era esse o lugar onde ela morava (Lc 1,26); assim, existe uma divergência em relação ao lugar onde moravam os pais de Jesus.

E, obviamente, no passo citado (Mt 2,23) o vocábulo "Nazareno" é relacionado a alguém que, se não é natural de Nazaré, pelo menos mora nela, justificando o que Mateus relatou no início do versículo.

Vejamos as explicações dadas pelos tradutores e exegetas bíblicos:

> 1 - A palavra "Nazareno" pode ter um duplo sentido: habitante de Nazaré e "Nazir", isto é, consagrado a Deus por um voto (cf. Lv 21,12; Jz 23,57). Talvez Mt quisesse literariamente visar os dois sentidos: Jesus é de Nazaré e é consagrado especialmente ao Senhor. (Bíblia Sagrada Santuário, p. 1437).
>
> 2 – [*Ele será chamado Nazareno*] Esta frase não se encontra no Antigo Testamento. Mas, Nazareno parece ser um qualificativo que significa desdém. Os profetas, sobretudo Isaías, anunciavam um Servo de Deus humilde e desprezado. O adjetivo provém, sem dúvida, do nome de Nazaré. Serviu para designar os cristãos (Atos 24,5). (Bíblia Sagrada Ave Maria, p. 1286).
>
> 3 - Na significação desse nome (em hebraico nezer: "*rebento*", "*germe*") o evangelista vê, ou uma alusão ao nome messiânico, germe de Davi (cf. Is 11,1; 53,2), ou à natureza de Jesus enquanto Santo de Deus por excelência (cf. Jz 13,5; Mc 1,24). (Bíblia Sagrada Vozes, p. 1180).
>
> 4 - *Pelos profetas*: a expressão vaga indica que Mateus não pretende citar nenhum profeta determinado, mas talvez o conjunto das profecias que no Antigo Testamento se referem à vida humilde, oculta e desprezada aos olhos dos

> homens, que o Messias viverá em Nazaré (cf. Jo 1,46), cidadezinha desconhecida e desprezada pelos próprios judeus. (Bíblia Sagrada Paulinas, p. 1062).
>
> 5 - "Nazareno". (hebr.): *Nots.rí*. Gr.: *Na.zo.raí*.os; provavelmente derivado do hebr. *né.tser*, significando "rebentão", portanto, figurativamente "prole"; descendente". Veja Is 11,1 e n.: "rebentão". (Tradução Novo Mundo das Escrituras Sagradas, p. 1136).
>
> 6 - *Ele será chamado Nazareno*. Provavelmente "nazareno" é um sinônimo para "desprezível" ou "desprezado", já que Nazaré era o lugar mais improvável para a residência do Messias (cf. Is 53,3; Sl 22,6). (Bíblia Anotada, p. 1185).
>
> 7 - "Nazareu" (*nazôraios* forma usada por Mt, Jo e At) e o seu sinônimo "nazareno" (*nazarênos*, forma usada por Mc; Lc tem as duas formas) são duas transcrições correntes do mesmo adjetivo aramaico (nasraya), derivado de nome da cidade de Nazaré (*Nasrath*). Aplicado primeiro a Jesus – indicando sua origem (26,69.71) – e depois aos seus sequazes (At 24,5), esse termo ficou como designativo dos discípulos de Jesus no mundo semítico, enquanto no mundo greco-romano prevaleceu o nome "cristão" (At 11,26). – Não se percebe claramente a que oráculos proféticos Mt alude aqui; pode-se pensar em *nazîr* (Jz 13,5.7), ou em *neçer*, i.é., "rebento" (Is 11,1), ou de preferências em *naçar*, "guardar" (Is 42,6; 49,8), de onde *naçur* = o Resto. (Bíblia de Jerusalém, p. 1706).
>
> 8 - Nazaré, Nazareno: S. Mateus só citou esta cidade (o mesmo se diga de Belém) por causa de sua relação com a palavra de algum profeta, provavelmente Isaías (11,1). (Bíblia Sagrada Barsa, p. 3 do NT).

E no *Dicionário Bíblico Universal* encontramos:

> Nazareno – Tradução comum para duas palavras gregas: *nazarenos* e *nazoraios*, usadas indistintamente nos escritos do Novo Testamento. É uma espécie de termo de estado civil aplicado a Jesus, que não implica a fé cristã mas é aceitável para ela (Mc 14,67; 16,6; Jo 18,5).
>
> Sob a forma nazarenos é fácil de compreendê-lo como "habitante de Nazaré", daí as traduções usuais (Mc 1,24 etc.). Esta forma é a única usada por Marcos, e às vezes por Lucas (Lc 4,34; 24,19); nunca pelos outros livros. (MONLOUBOU e BUIT, 1997, p. 555).

No *Dicionário Prático*, constante da *Bíblia Sagrada Edição Barsa*, se lê: "Nazareno. Aquele que é de Nazaré. Muitos assim chamaram a Jesus, pois em Nazaré passou toda sua vida oculta, desde a volta do Egito até o início do seu ministério (Mt 2,23). Os judeus davam também este nome aos primeiros cristãos (At 24,5)". (p. 189).

Verdadeira torre de Babel! Nada é preciso, baseiam-se apenas no "pode ter", "talvez", "provavelmente", ou seja, ninguém tem certeza de coisa alguma; fica tudo por conta da imaginação de cada tradutor, ou de quem lê a passagem.

Vejamos agora as "prováveis" profecias que se enquadrariam ao passo.

Primeiramente, é bom ressaltar, que Mateus coloca a frase como uma profecia dita por vários profetas, deduzindo-se que são inúmeros.

Os tradutores da *Bíblia de Jerusalém*, que sabemos ser uma equipe formada por católicos e de protestantes, afirmam claramente que (p. 1706):

> Não se percebe claramente a que oráculos proféticos Mt alude aqui"; mas, como a maioria outros, assumem, na sequência, a dúvida: "pode-se pensar em *nazîr* (Jz 13,5.7), ou em *neçer*, i.é., "rebento" (Is 11,1), ou de preferências em *naçar*, "guardar" (Is 42,6; 49,8), de onde *naçur* = o Resto.

Analisemos quatro passagens de Isaías e uma de Salmos.

Is 11,1: *Um ramo sairá do tronco de Jessé, um rebento brotará de suas raízes.*

Explicando Is 11,1-9, informam-nos:

> Isaías projeta para o reinado de Ezequias o ideal utópico de uma sociedade que chegou à realização plena (cf. 6,14, 7,14 e nota em 8,23b-9,6). Esse reinado se fundará no total espírito de javé (sete dons), que fará surgir uma sociedade alicerçada na justiça, produzindo paz e harmonia. O Novo Testamento vê o cumprimento do oráculo na pessoa de Jesus (cf. Mt 3,16): é a partir da ação dele que se constrói o mundo novo, onde todas as coisas se reconciliam (Ef 1,10; Cl 1,20) (Bíblia Sagrada Pastoral, p. 959).

Se "Isaías projeta para o reinado de Ezequias" não há que se estabelecer qualquer relação com Jesus, a não ser por contradição à realidade da época, fugindo, sem razão, do contexto da passagem. Como na nota acima é dito "onde todas as coisas se reconciliam", vale uma perguntinha: onde todas as coisas se reconciliam, se constantemente as facções religiosas vivem se digladiando, visando impor seus pontos de vista?

Is 42,6: *Eu, Iahweh, te chamei para o serviço da justiça, tomei-te pela mão e te modelei, eu te constituí como aliança do povo, como luz das nações.*

Citando Is 42,1-9, esclarecem-nos:

> É o primeiro "cântico do Servo de Javé". Quem é esse Servo? De inicio, provavelmente, uma pessoa; depois essa pessoa foi tomada como figura coletiva, sendo aplicada a todo o povo pobre e fiel. O Servo é a grande novidade que Javé prepara: o missionário escolhido que, graças ao Espírito de Javé, recebe a missão de fazer que surja uma sociedade conforme a justiça e o direito. Ele não submeterá os fracos ao seu domínio, mas o seu agir acabará produzindo uma transformação radical: os cegos enxergarão e os presos serão libertos. Os evangelhos aplicam a Jesus a figura do Servo (cf. Mt 3,17 e paralelos; 12,17-21; 17,5) (Bíblia Sagrada Pastoral, p. 986).

Novamente temos o "aplicam a Jesus", uma coisa que não tem nada a ver com Ele, já que, conforme já o dissemos, a esperança de Isaías era para o reinado de Ezequias.

Já que falamos em Servo, e como este termo é sempre utilizado, vamos ver, nas explicações dadas sobre o livro de Isaías, o seguinte:

> Os capítulos 40-55 foram escritos por profeta anônimo, na época do exílio na Babilônia, apresentando uma mensagem de esperança e consolação. Esse profeta é comumente **chamado Segundo Isaías**. O fim do exílio é visto como um novo êxodo e, como no primeiro, Javé será o condutor e a garantia dessa nova libertação. **O povo** de Deus, convertido, mas oprimido**, é denominado "Servo de Javé".** (Bíblia Sagrada Pastoral, p. 947, grifo nosso).
>
> Merecem destaque os "Cânticos do Servo de Deus" (42, 1-4; 49, 1-6; 50, 4-9a; 52, 13-53, 12). Neles se descreve a vocação do Servo, sua missão de pregador, sua função mediadora da salvação para os homens e, especialmente, o caráter expiatório de seus sofrimentos e de sua morte. **O Servo às vezes parece ser Israel como povo, ou enquanto elite; outras vezes um indivíduo, talvez o profeta dos poemas, o rei Ciro, o rei Joaquim ou outro personagem qualquer**. (Bíblia Sagrada Vozes, p. 890, grifo nosso).

Assim, conforme estamos vendo, a expressão "Servo de Deus" não poderia ser aplicada a Jesus, como alguma coisa relacionada a uma profecia, já que o termo é específico para uma determinada situação local, sem qualquer vinculação com algum evento num futuro longínquo, muito menos relacionado ao Messias.

Is 49,8: *Assim diz Iahweh: No tempo do meu favor te respondi, no dia da salvação te socorri. Modelei-te e te pus aliança do povo a fim de restaurar a terra, a fim de redistribuir as propriedades devastadas.*

Ao explicar Is 49,1-9a, dizem-nos:

> É o segundo "cântico do Servo de Javé" (cf. nota em 42,1-9). Aqui se descrevem as características da missão profética: desde o início (ventre), o Servo recebe a missão (o nome) de anunciar a palavra de Javé para reunir e restaurar seu povo disperso. Esta restauração implica reunir e organizar o povo, liderando-o no movimento da libertação: isso implica a reorganização político-social e a justa distribuição de terras (vv. 8-9a). Mas a missão do Servo ultrapassa as fronteiras de uma nação, pois fará com que o povo da aliança se torne luz para os outros povos. (Bíblia Sagrada Pastoral, p. 992-993).

Aqui, igualmente, não vemos nenhuma profecia; é algo para aquela época; portanto, também nada tem a ver com algum evento no futuro que poder-se-ia aplicar a Jesus.

Is 53,2: *Ele cresceu diante dele como renovo, como raiz em terra árida;...*

Lemos: "Em Is 11,1.10, as imagens do renovo e da raiz acompanham o anúncio festivo do Messias davídico. Aqui, elas apenas evocam o aspecto humilde e mísero do Servo". (Bíblia de Jerusalém, p. 1340).

O trecho compreendido entre Isaías 52, 13 – 53, 12, ou seja, do versículo 13 do capítulo 52 ao versículo 12 do capítulo 53 é explicado da seguinte forma:

> Estes versículos apresentam o Servo sofrendo vicariamente pelos pecados dos homens. A interpretação judaica tradicional entende a passagem como uma referência ao Messias, como, é claro, fizeram os primeiros cristãos, que criam ser Jesus o referido Messias (At. 8, 35). Não foi senão no século XII que surgiu a opinião de que o Servo aqui se refere à nação de Israel, opinião que se tornou dominante no Judaísmo. O Servo, todavia, é distinto do 'meu povo' (53, 8), e é uma vítima inocente, algo que não se podia dizer da nação (53, 9). (A Bíblia Anotada, p. 905.)

Interessante que querem, de todas as maneiras, desvirtuar o texto para aplicá-lo a Jesus, quando, em verdade, se refere especificamente à nação de Israel.

Sl 22,6 (7): *Quanto a mim, sou verme, não homem, riso dos homens e desprezo do povo;*

Salmo de Davi que refere a ele mesmo; portanto, não é uma profecia a respeito de ninguém.

Vejamos algumas opiniões:

> (...) E o segundo problema, ainda mais grave, é que provavelmente **Jesus não nasceu em Belém**. "Há quase um consenso entre os historiadores de que Jesus **nasceu em Nazaré**", diz o padre Jaldemir Vitório, do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte. Então por que o evangelho de Mateus diz que o nascimento foi em Belém? Vitório explica que o texto segue o gênero literário conhecido por midrash. Basicamente, o midrash é uma forma de contar a história da vida de alguém usando como pano de fundo a biografia de outras personalidades históricas. No caso de Jesus, ele explica, a referência a Belém é feita para associá-lo ao rei Davi do Antigo Testamento – que, segundo a tradição, teria nascido lá. (CAVALCANTE, 2002, p. 43, grifo nosso).
>
> Da mesma forma, inexiste qualquer prova histórica ou arqueológica da "fuga para o Egito", como tampouco existe prova da estada de Jesus em Nazaré. Aliás, a rigor, a Bíblia cita Jesus por muito mais vezes como "*nazireu*" do que "*nazareno*", e "*nazireu*" pode ter vários significados, mas normalmente não define o "homem de Nazaré". Essa última interpretação poderia ser deduzida somente de maneira indireta, de um trocadilho com a palavra hebraica "nezer" = "vara", veja Isaías 11,1; "*Sairá uma vara do tronco de Jessé e uma flor brotará da sua raiz"*. De fato, o Evangelho de São Mateus torna a citar o termo controvertido "nazareno" no contexto de uma profecia: "*...e, chegando, habitou uma cidade chamada Nazaré, cumprindo-se desse modo o que tinha sido predito pelos profetas, que seria lá chamado Nazareno"* (Mateus 2,23). Isso em nada facilita as coisas, pois não deixa bem claro a que profetas o texto se refere (a

não ser Isaías, autor das palavras supracitadas). Talvez se pretenda estabelecer um certo nexo com o termo "nazireu" ("consagrado a Deus", qualificação outrora atribuída a Sansão (Juízes 13,5 e 7, 16,17)), que exigiu uma certa ascese por parte da pessoa assim qualificada (ele devia observar determinados tabus); contudo, tal conjetura não deixará de implicar em certos problemas filológicos. Assim, também, aí torna a surgir um sinal de interrogação, e a esse respeito cumpre não silenciar o fato de alguns cientistas interpretarem os pronunciamentos dos Evangelhos, mencionando Nazaré como "cidade da infância e juventude" de Jesus, como meras construções, relacionadas com o título "nazireu", não muito bem compreendido pelos evangelistas, os quais, por causa disso, reinterpretam-nos e sumariamente o substituíram por "nazareno". Mark Lidzbarski chega a afirmar que, durante a vida de Jesus, nem teria existido um lugar geográfico chamado Nazaré. Contra-argumentando, pode-se dizer que, embora não soubéssemos como era Nazaré nos tempos de Jesus, achados arqueológicos confirmam a existência daquele povoado (se é que uns precaríssimos abrigos podem ser chamado de "povoado"), no período entre cerca de 900 a.C. e 600 d.C., e esses achados incluem também peças datando do reinado de Herodes, o Grande (de 40 a 4 a.C.). Aliás, o comentário pouco lisonjeiro de Natanael, transmitido pelo Evangelho de São João: *"De Nazaré pode, porventura, sair coisa que seja boa?..."*, pode ser uma alusão à precariedade do lugarejo, todavia promovida a "cidade" pela Bíblia. Em todo caso, não há nenhum indício de Jesus, Maria e José. Somente desde o século XI da nossa era, o nome Nazaré ficou sendo comprovado pela Fonte da Virgem Maria, onde até hoje as mulheres vão buscar água com a qual enchem suas jarras, como o faziam nos tempos de Jesus... (KELLER, 2000, p. 366-367).

Na nossa opinião, não foi esse o motivo de ter sido Jesus chamado de Nazareno. [referindo-se aqui o autor ao fato de Jesus ter ido morar em Nazaré] No Antigo Testamento, a lei ordenava que "o primogênito fosse consagrado ao Senhor", deixando os cabelos compridos. (ARAÚJO, 2000, p. 386).

Agora devemos passar a tratar de outra fase da história dos pais de Jesus e Dele mesmo. Em grande parte da literatura cristã Jesus é chamado de *Nazareno,* sendo comum acreditar-se que Jesus nasceu ou passou a maior parte de Sua vida em Nazaré. É estranhável que os estudiosos da literatura bíblica, especialmente os que escreveram tão exaustivamente sobre a vida de Jesus, apresentando em seus ensinamentos e preleções os detalhes pitorescos de Sua vida, nunca tivessem dado a devida atenção ao título de *Nazareno* nem investigado a sua significação. Todas essas autoridades, escritores e professores presumiram que, sendo Jesus chamado de *Nazareno,* deveria ser da cidade chamada Nazaré e que, visto que Ele e Seus pais viveram na Galileia, a cidade de Nazaré deveria estar localizada naquela região. Com base neste raciocínio, afirma-se, de modo geral, que Nazaré foi a cidade natal dos pais de Jesus e que Nazaré, na Galileia, foi o lugar onde Jesus passou sua infância.

Estive recentemente em Nazaré e fiz exaustivas pesquisas com o propósito de comprovar as declarações contidas nos registros Rosacruzes; a maioria de meus leitores ficará provavelmente surpresa em saber que, ao tempo em que Jesus nasceu, não havia cidade ou vila na Galileia com o nome de Nazaré e que a cidade que hoje traz este nome, na Galileia, não só é uma cidade recente mas também veio a ter este nome, por causa da insistência dos investigadores em encontrar alguma localidade que tivesse o nome de Nazaré, na Galileia.

Em primeiro lugar, devemos tornar claro que o título de Nazareno não queria dizer que a pessoa que o tivesse fosse de uma cidade chamada Nazaré. O título de *Nazareno* era dado pelos judeus a pessoas estranhas que não seguiam sua religião e que pareciam pertencer a um culto ou seita secreta que existira ao Norte da Palestina por muitos séculos; podemos verificar na Bíblia Cristã que o próprio João Batista era chamado de *Nazareno.* Também encontramos muitas outras referências a pessoas conhecidas como *nazarenos.* Em Atos XXIV:5, encontramos um homem qualquer sendo condenado como provocador de uma rebelião entre os judeus em todo o mundo e sendo chamado de "líder da seita dos nazarenos". Sempre que os judeus entravam em contato com alguém em seu país que fosse de outra religião, e especialmente se tivesse uma compreensão mística das coisas da vida e vivesse de acordo com um código ético ou filosófico diferente do judaico, chamavam-no de *Nazareno* por falta de um nome mais adequado.

Existiu realmente uma seita chamada Os *Nazarenos,* citada nos registros judaicos como uma seita de *Primitivos Cristãos* ou, em outras palavras, aqueles

que eram essencialmente preparados para aceitar as doutrinas cristãs. De fato, os enciclopedistas e autoridades judaicas parecem concordar em que o termo *Nazareno* abrangia todos os cristãos que haviam nascido judeus, que não desejavam ou não podiam abrir mão de seu antigo modo de vida, mas que tentavam ajustar as novas doutrinas às antigas. As enciclopédias judaicas também afirmam ser bastante evidente que os Nazarenos e os Essênios tinham muitas características em comum, e mostravam, portanto, tendência para o misticismo. Os Essênios e Nazarenos, na verdade, eram considerados *heréticos* pelos judeus cultos, mas existe a seguinte diferença ou distinção no uso destes dois termos: os Essênios não eram tão conhecidos pela população da Palestina como os Nazarenos; um homem dificilmente era chamado Essênio a não ser por pessoas bem informadas, que conhecessem a diferença entre Essênios e Nazarenos, ao passo que muitos Essênios e membros de outras seitas que levavam uma vida peculiar ou não aceitavam a religião judaica eram chamados de Nazarenos.

São Jerônimo, famosa autoridade bíblica, refere-se ao fato de que em seu tempo ainda existia entre os judeus, em todas as sinagogas do Oriente, uma heresia condenada pelos fariseus, cujos seguidores eram chamados de Nazarenos. Ele disse que estes acreditavam que Cristo, o Filho de Deus, havia nascido da Virgem Maria, havia sofrido sob Pôncio Pilatos e ascendido aos céus. "Mas," disse São Jerônimo, "embora pretendessem ser ao mesmo tempo judeus e cristãos, não eram nem uma coisa nem outra".

Consultando as mais altas autoridades da Igreja Católica Romana, vemos que o título de Nazareno, aplicado ao Cristo, só ocorre uma vez na versão da Bíblia feita por Douai, e esta autoridade declara que o termo "Jesus Nazareno" foi uniformemente traduzido como "Jesus de Nazaré", o que representa um erro de tradução, sendo a forma correta "Jesus, o Nazareno." Em nenhuma parte do Velho Testamento existe a palavra Nazaré descrevendo uma cidade existente na Palestina, mas no Novo Testamento encontramos referências a Jesus regressando a uma cidade chamada Nazaré. Estas referências resultam da tradução da frase "Jesus voltando aos Nazarenos" para "Jesus retomando a Nazaré." Um ponto interessante é reforçado pelas autoridades católicas romanas, que dizem que Jesus, embora fosse comumente chamado de Nazareno, não pertencia absolutamente àquela seita.

Reunindo os registros judaicos e católicos romanos e comparando-os com as informações contidas em nossos próprios registros, verificamos que os nazarenos constituíam uma seita de judeus que, embora tentasse seguir os antigos ensinamentos judaicos, acreditava na vinda do Messias, que nasceria de maneira singular e seria o Salvador de sua raça. Depois de iniciado o ministério de Jesus, esses Nazarenos aceitaram Jesus como o Messias e também as doutrinas que Ele pregava, ao mesmo tempo que continuavam a tentar seguir muitos fundamentos de sua religião judaica. Os registros judaicos afirmam que os Nazarenos rejeitaram Paulo, o *Apóstolo dos Gentios,* e que alguns Nazarenos só exaltavam em Jesus o fato de ser um homem justo.

Outro termo para esses heréticos judeus era "Nazarita". De acordo com as autoridades judaicas, o termo Nazarita foi aplicado àqueles que viviam à parte ou separados da raça Judia, por causa de alguma crença ética, moral ou religiosa distinta. Os registros judaicos dizem que essas pessoas eram, frequentemente, as que não bebiam vinho ou qualquer bebida feita de uvas, ou que não cortavam o cabelo, ou que não tocavam nos mortos durante qualquer cerimônia fúnebre. Os mesmos registros nos dizem que a história ou origem da seita nazarita na antiga Israel é obscura. Afirmam também que Sansão era nazarita, como o fora sua mãe, e que a mãe de Samuel prometera dedicá-lo à seita dos nazaritas. Os registros judaicos também dizem que era comum os pais dedicarem seus filhos menores à seita nazarita, e afirmam claramente haver referências ao fato de que se falava que Jesus fora dedicado aos nazaritas quando ainda estava no ventre de sua mãe. Esses registros judaicos dizem que Lucas I: 15 é uma referência a esta dedicação. A rainha Helena, e Míriam de Palmira são mencionadas como nazaritas nos registros judaicos, e muitas outras pessoas famosas na literatura sacra são apresentadas como nazaritas.

Está claramente indicado em muitos registros históricos que os termos Nazarita e Nazareno nada tinham a ver com uma cidade ou vila chamada Nazaré. Dissemos que a atual cidade de Nazaré, na Galileia, recebeu este nome porque tinha de haver um local que se encaixasse naquilo que se entendia como a aldeia onde viveram os pais de Jesus e onde Ele passou a infância. Durante os primeiros séculos depois de Cristo, quando as doutrinas cristãs estavam se

formando e os Santos Padres da Igreja Católica Romana e estudiosos de religião em geral buscavam todos os locais históricos ligados à vida de Jesus, incidentes e pontos ligados à vida deste grande homem foram ansiosamente tabulados e glorificados. Minha recente visita à Palestina deixou bem evidente que este desejo de encontrar locais históricos e sagrados e de glorificá-los não se apagou e provavelmente continuará a existir por centenas de anos. O absurdo desta situação se toma aparente quando o turista casual descobre que três, quatro ou cinco locais diferentes lhe são mostrados, nos quais ocorreu um determinado incidente da vida de Jesus.

Houve grandes dificuldades na busca de um lugar que correspondesse ao nome de Nazaré, na Galileia, visto que nenhuma cidade com este nome fora mencionada no Velho Testamento e nenhum dos mapas antigos do tempo do Cristo revelava a existência desse local. Um pequeno povoado chamado "en-Nasira", entretanto, foi localizado bem longe do Mar da Galileia e imediatamente rebatizado "Nazaré" e associado à infância de Jesus. A descoberta deste povoado *en-Nasira* ocorreu no *terceiro século depois de Cristo,* e desde então passou a ser conhecido pelo nome de Nazaré, embora ainda hoje continuem a faltar quaisquer evidências que justifiquem o uso desse nome. Em Marcos VI: 1,2 diz-se que Jesus voltou a seu próprio país e que Seus discípulos o seguiram e que, quando chegou o *Shabat,* ele começou a ensinar na sinagoga. No quarto verso do mesmo capítulo, Jesus se refere ao fato de que Ele era um profeta em Seu próprio país, entre seus próprios parentes e em Sua própria casa. Essas referências foram interpretadas como sendo relativas a Nazaré, a cidade onde muitos estudiosos da Bíblia acreditam que Jesus nasceu e passou a infância. Ora, se é verdade que Jesus retomou à Sua cidade natal e pregou *na sinagoga para grandes multidões,* não poderia ter sido em *en-Nasira,* ou a chamada Nazaré; mesmo no segundo e terceiro séculos após o nascimento de Jesus, *en-Nasira* ou Nazaré ainda não tinha uma sinagoga nem era suficientemente grande para possuir qualquer edificação ampla onde multidões pudessem ter ouvido Jesus pregando, nem havia multidões nas vizinhanças para ouvi-Lo. Portanto, as referências de Marcos à Sua cidade natal não podem ter sido relativas a *en-Nasira. En-Nasira* era tão-somente um povoado em torno de um poço chamado na época de "poço da casa da guarda", embora, segundo descobri, tenha sido chamado, nos últimos anos, de "Poço de Santa Maria". Esta mudança de nome e a atribuição de significado religioso a um local sem importância da Palestina é bem típica das modificações que estão sendo feitas naquele país para agradar os turistas.

Procurando nos registros judaicos, vemos que estes confirmam que só nos livros do Novo Testamento, escritos muito após a vida de Jesus, há menção de Nazaré como uma cidade da Galileia, e que este local não é mencionado no Velho Testamento, nos escritos históricos de Josefo nem no Talmude. Durante a vida de Jesus, a cidade de Jafa era a mais importante na Galileia, sendo a que mais atraía os viajantes e era mais citada nos escritos históricos.

Nos registros da Igreja Católica Romana e nas suas enciclopédias, vemos que o vilarejo *en-Nasira* era conhecido estritamente como um povoado judeu até o tempo de Constantino, havendo referências de ser habitado *totalmente por judeus.* Esta pequena aldeia, em volta de um poço, portanto, não poderia ter sido o centro da população gentia da Galileia. Hoje em dia há uma pequena igreja ou capela em Nazaré, a qual visitei, supostamente erigida sobre a gruta onde Maria e José viviam no tempo da anunciação, quando o arcanjo revelou a Maria o iminente nascimento da encarnação do Logos.

Todos os fatos acima apresentados indicam claramente que José, Maria e a criança, eram considerados como Nazarenos ou Nazaritas, junto com muitos outros de sua localidade, ou seja, pessoas pertencentes a uma seita não-judaica. Muitas outras referências a esta seita mostram claramente que a mesma defendia pontos de vista religiosos e místicos que mereceram ser aceitos como fundamentos da doutrina cristã. Levando isto em consideração, temos de imediato um quadro interessante das condições existentes na Palestina e arredores, pouco antes da era cristã. Primeiro, temos um grande número de homens, mulheres e crianças, que ou eram judias por nascimento, gentias por nascimento, ou de várias raças, e se recusavam a aceitar completamente a lei mosaica, somente sendo judias porque as leis da terra as forçavam a adotar a *circuncisão* e apresentarem-se na sinagoga ao completarem doze anos, e só seguiam os ensinamentos judeus no que revelavam de Deus e de Suas leis e lhes serviam em seus estudos dos princípios divinos. Eram eles preparados por alguma escola ou sistema que os tornava aptos a aceitar os ensinamentos

místicos mais elevados, revelados de tempos a tempos pelas mentes evoluídas ou pelos ensinamentos dos Avatares. (LEWIS, 2001, p. 56-64).

Será chamado Nazareno?

(Mateus 2:23) – "... *assim se cumpriu* o *que foi anunciado pelos projetas: <Ele será chamado Nazareno>".*

Aqui, num pequenino trecho, não só um amontoado de erros, como muita mentira e má fé de Mateus (ou do escriba que fez o texto e atribuiu a ele a autoria do versículo). Mateus especializou-se em inventar "profecias retroativas" que aconteciam muitos anos (pelo menos 40 anos) depois dos fatos terem sido relatados como acontecido. Como também Mateus inventava muitas profecias do Antigo Testamento, sem que as citadas profecias realmente estivessem no Antigo Testamento. Isto porque, não existe um único registro no Antigo Testamento a respeito de Nazaré ou Nazareno. Trata-se de invencionice de Mateus (ou do escriba que escreveu por ele), escrevendo sobre a vida de Jesus mais de 70 anos após o seu nascimento e após a destruição de Jerusalém no ano 70, e tentando fazer coincidir, no ano 70, "profecias retroativas", como se elas tivessem realmente se realizado. Aliás, Nazaré sequer existia como cidade quando Jesus nasceu. Existia, sim, o lago de Genesaré (Mar de Tiberíades), mas não a cidade de Nazaré, que somente veio a existir alguns anos (cerca de quinze anos) após Jesus ter nascido.

Vejamos a má fé de Mateus (ou do escriba que escreveu por ele). Ele afirma, após o ano 70, época da destruição de Jerusalém e da diáspora e extermínio dos essênios, portanto 70 anos depois de Jesus já ter nascido, que 70 anos antes iria se realizar uma "profecia retroativa" e que Jesus iria ser chamado de Nazareno.

Uma profecia ao Contrário, relatada depois do fato ter acontecido, passados mais de 70 anos. Porém, o mais gritante é que além de Nazaré sequer existir quando Jesus nasceu, sendo impossível, dessa forma, tal registro, Mateus ainda confunde Nazireu com Nazareno, que são coisas completamente diferentes.

Para efeito de argumentação, vamos conceder o benefício da dúvida e admitir que Mateus estivesse com falhas mentais (pois ele era contemporâneo de Jesus e que quando teoricamente escreveu o seu evangelho, logicamente já tinha mais de 80 anos) e com isso não se lembrou ou "confundiu" que Nazaré (a cidade) não existia quando Jesus nasceu, mas tão somente o lago de Genesaré.

Entretanto, como Mateus pode ter "confundido", novamente, Nazareno (nascido em Nazaré) com Nazireu (de Nazir), que é um judeu que tomou os votos de sacrifícios especiais, de não beber vinho, não comer uvas e não cortar os cabelos, que não era o caso de Jesus, pois Jesus era essênio, e como tal era adepto da eucaristia, do ritual do pão e do vinho, e comia uvas. Não podendo, por isso mesmo, ser um Nazireu.

A profecia do Antigo Testamento a respeito do Nazireu, refere-se a Sansão e não a Jesus. Dessa forma, Mateus ao "confundir" a profecia do Antigo Testamento sobre Sansão, que era Nazireu, que não bebia vinho, não comia uvas e não cortava os cabelos, com Jesus, chamando-o de Nazareno, não é o que se pode dizer como um caso do acaso, quando a má fé e má intenção estão bastante claras. Mas o pior de tudo é dizer que cumpriu-se a profecia do Antigo Testamento afirmando que o messias se chamaria Jesus, quando os nomes de "Jesus", assim como Nazaré, sequer são citados no Antigo Testamento. Muito pelo contrário, o messias, segundo o Antigo Testamento, não viria de Nazaré e sim de Belém e deveria chamar-se Emannuel, conforme:

Isaías (7:14) *"Por isso mesmo,* o *Senhor, por Sua conta* e *risco,* vos *dará um sinal: Olhai: A jovem* (palavra correta) *mulher está grávida* e *dará a luz a um filho, por-lhe-á* o *nome* de *Emmanuel".*

Portanto, a mãe de Jesus, Maria, era uma jovem mulher ("almah", que não quer dizer virgem), e não uma virgem ("bethulah"), e Jesus de Nazaré, não era de Nazaré (e nem de Belém) e não se chama Emmanuel conforme previsto pelas profecias de Isaías no Antigo Testamento. Ou seja, as profecias alegadas por Mateus como tendo sido cumpridas, jamais se realizaram (mesmo ele "prevendo" isso 70 anos depois do acontecimento). As profecias de Isaías, no Antigo Testamento também não se realizaram, pois Jesus chama-se Jesus e não Emmanuel. (MACHADO, 2004, p. 168-170).

O teólogo e ex-padre Carlos T. Pastorino (1910-1980), oferece-nos, para o caso, as

seguintes explicações:

> Então, ainda durante o noivado, José verificou a gravidez (εὐ-ρέθη ἐν γαστρι ἐΧουσα). O fato só pode ter ocorrido depois que Maria regressou da casa de Isabel Ai'n-Karim, para sua aldeia de Nazaré. Mateus silencia a esse respeito, fazendo que o leitor suponha que eles normalmente habitavam em Belém.
>
> Tanto que, mais tarde (2:23) diz que, quando José regressava do Egito para sua casa (Belém), ao saber que Arquelau, filho de Herodes, é que lá reinava, resolveu ir morar na Galileia, a conselho do anjo, na cidade de Nazaré, "para que o menino pudesse realizar a profecia e ser chamado nazareno". Portanto, para Mateus, Nazaré era um lugar ainda desconhecido de José e de Maria, ao passo que, para Lucas, Nazaré era a residência normal dos dois. (PASTORINO, vol. 1, 1964a, p. 53).
>
> Após a morte de Herodes, novamente funciona a mediunidade onírica de José: em sonhos um "anjo" manda-o regressar à "terra de Israel", como ainda hoje se diz: çκ José obedeceu de imediato e (segundo Mateus) dispunha-se a regressar a Belém, quando "ouve dizer" que lá governava Arquelau, filho de Herodes. Instala-se nele o medo. Realmente, à morte de Herodes (4 A.C.) Arquelau tinha 18 anos; mas como os judeus se opuseram a seu reinado, revoltando-se por não ter sido deposto o sumo sacerdote Joasar, ele mandou matar 3.000 judeus (Josefo, Ant. Jud. XVII, 9, 1). Mas à noite, outro sonho esclarece-o, indicando-lhe que se dirija à Galileia, a "uma cidade chamada Nazaré". Como estamos vendo, essa cidade constituía para Mateus uma "novidade absoluta". Parece que José e Maria nem a conheciam. Como conciliar com as palavras de Lucas, de que eles *eram da cidade de Nazaré*, isto é, que lá tinham nascido e residiam normalmente? Teria sido mais fácil dizer que do Egito regressaram à *sua cidade de Nazaré*... pois lá eles possuíam casa, a oficina de carpinteiro de José, os parentes e amigos.
>
> Entretanto, Mateus desconhece tudo isso, mostra-o desejoso de ir para Belém (fazer o quê?) e só o aviso em sonho o faz dirigir-se para Nazaré, como se fora um local que eles pisassem pela primeira vez. E ainda explica: "para que se cumprisse a profecia, que o chama NAZOREU". Nem é "nazareno"...
>
> Esse gentilício é usado quatro vezes por Marcos e duas vezes por Lucas. Mas o próprio Mateus emprega duas vezes *nazoreu*, que é utilizado uma vez por Lucas, três vezes por João, e sete vezes por Atos. Eram assim chamados (nazoreus) os cristãos por volta do ano 60 (At. 24:5). O Talmud denomina Jesus o NOZRI, e chama os cristãos NOZRIM.
>
> Notemos que não há profecia alguma que diga dever o Messias ser chamado "nazareno", nem "nazoreu". A única frase que poderia ser aplicada seria a de Isaías (11:1) quando diz que do tronco de Jessé sairá um rebento, e de suas raízes sairá um renovo (= nezêr) que frutificará. E o Espírito de YHWH se deterá nele. Tendo Mateus apresentado Jesus como o último rebento (o renovo) na genealogia, pode ter feito mentalmente uma aproximação, embora forçada. (PASTORINO, vol. 1, 1964a, p. 90).
>
> A Palavra "Nazareno" aparece com mais frequência sob a forma "Nazoreu" (*nâshôray* e *nazôraios*, em hebr. e grego). Porém, não se confunda essa palavra com "nazireu"! Com efeito, nos evangelhos temos onze vezes a forma nazoreu (Mt. 2:23 e 26:71; João, 18:5,7, e 19:19; Atos 2:22; 3:6; 4:10; 6:14; 22:8; 24:5 e 26:9) contra seis vezes a forma "nazareno" (Marc. 1:24; 10:47; 14:67 e 16:6, e Luc. 4:34 e 24:19). Mesmo neste local o texto de Mateus varia nos códices entre *nazarenus* (Vaticano e outros) e *nazoreu* (Sinaítico e outros). (PASTORINO, vol. 6, 1969, p. 129).

É-nos muito mais fácil alinhar-nos com o pensamento de Pastorino, tendo em vista que, esse eminente teólogo, não mais preso aos dogmas, procurou apresentar, aos leitores, a verdade dos fatos, baseando-se nos inegáveis conhecimentos de exegese bíblica.

O fato é que, se ficarmos restritos ao texto de Mateus, não haverá outra alternativa senão aceitarmos que, quando se cita que Jesus foi morar em Nazaré, queria que se entendesse por Nazareno como "homem de Nazaré", mas ao citar que isso foi predito pelos profetas, disse algo que não é verdadeiro, pois, nenhum, mas nem um único só profeta disse textualmente que o Messias seria chamado de Nazareno. Quando nos apresentam Isaías como "salvador da pátria", demonstram falta de análise contextual, ajeitando-se uma passagem que

não tem nada a ver com o caso para derrubar a incoerência do texto bíblico objeto deste questionamento.

Mas os mortos não estão proibidos de evocar os vivos

Dividimos os que não aceitam a comunicação com os mortos em dois grupos. Um deles é o que diz que é proibida a evocação dos mortos. O outro, mesmo diante de evidências, se recusa a aceitá-la.

Os primeiros, mais apegados ao dogmatismo de suas religiões, condenam a evocação justificando ser ela proveniente da vontade divina, quando, na verdade, não se deram conta do contrário. Se assim fosse, deveriam cumprir à risca a determinação de se matar os evocadores, ordem que está umbilicalmente ligada às proibições, mas como felizmente não há mais ninguém matando os médiuns, e a inquisição ficou para trás como uma mancha negra na história da humanidade, fica provado que não pode ter essa origem.

Quanto aos segundos, podemos exemplificá-los com o caso narrado por Clóvis Nunes, em seu livro *Transcomunicação*, citando o livro "*O Desconhecido e os Problemas Psíquicos*" do astrônomo Camille Flammarion (1842-1925), de onde transcreveu:

> "Assistia eu, certo dia, a uma sessão da Academia de Ciências, dia esse de hilariante recordação, em que **o físico Du Moncel apresentou o fonógrafo de Edison à douta assembleia**. Feita a apresentação, pôs-se o aparelho docilmente a recitar a frase registrada em seu respectivo cilindro".
>
> "Viu-se então um acadêmico de idade madura de espírito compenetrado, saturado mesmo das tradições de sua cultura clássica, nobremente revoltar-se contra a audácia do inovador, precipitar-se sobre o representante de Edison e agarrá-lo pelo pescoço, gritando: `**Miserável, nós não seremos ludibriados por um ventríloquo**. **Senhor Bouillaud**, chamava-se este membro do instituto. Foi isso a 11 de março de 1878. Mais curioso, ainda, é que seis meses após, a 30 de setembro, em uma sessão análoga, sentiu-se ele muito satisfeito em declarar que, após maduro exame, não constatara no caso mais do que simples vintriloquia, mesmo porque, não se pode admitir que um vil metal possa substituir o nobre aparelho da fonação humana. **Segundo esse acadêmico, o fonógrafo não era mais do que uma ilusão de acústica**". (NUNES, 1990, p. 70, grifo nosso).

Os "mortos" evocando os vivos

Embora nosso propósito aqui nesse estudo não seja relacionar essas manifestações a fatos bíblicos, há uma passagem que vem corroborar nossa tese, por isso, faremos uma exceção para colocá-la.

Citaremos a passagem na qual é narrado o momento em que Jesus se põe a conversar com os Espíritos Moisés e Elias (Mt 17,1-9), e já que não foi dito que Jesus os tenha evocado, presumimos que apareceram por livre e espontânea vontade, e, obviamente, com a permissão de Deus. Ficamos matutando: se a evocação dos mortos é mesmo proibida, será que Jesus transgrediu a lei, tornando-se mentiroso, já que anteriormente havia afirmado que tinha vindo para cumprir a Lei (Mt 5,17)?

A narrativa de Lucas (9,28-35) diz que dois homens estavam conversando com Jesus, citando os nomes de Moisés e de Elias, que apareceram em sua glória, ou seja, apareceram em espírito, uma vez que ambos já estavam mortos, provando, dessa forma, a possibilidade de intercâmbio entre os mortos e os vivos.

Vamos avançar no tempo, indo para os meados do século XIX, quando no vilarejo de Hydesville (E.U.A.), há uma ocorrência em que um morto se manifesta.

No mês de março de 1848, aconteceram, nesse povoado, os primeiros fenômenos espíritas dos tempos modernos, o que representou o prelúdio do advento da Doutrina Espírita, consumando com a Codificação do Espiritismo, por Allan Kardec.

Hydesville é um pequeno povoado típico do Estado de New York e, quando da ocorrência desses fenômenos, contava com um pequeno número de casas de madeira, do tipo mais simples. Numa dessas cabanas, habitava a família do pastor John D. Fox, de religião metodista, composta dos pais e vários filhos, dentre eles Margareth, de quatorze anos, Kate de onze anos, e Leah, que residia noutra cidade.

A família Fox havia passado a morar nessa casa no dia 11 de dezembro de 1847. Algum tempo após essa mudança, seus ocupantes passaram a ouvir arranhões, ruídos insólitos e pancadas, vibradas no forro da sala, no assoalho, nas paredes e nos móveis, os quais passaram a constituir verdadeira preocupação para aquela família.

Na noite de 31 de março de 1848, descobriu-se um meio de entrar em contato com a entidade espiritual que produzia os fenômenos. A filha menor do casal, Kate, disse, batendo palmas: "Sr. Pé Rachado, faça o que eu faço". De forma imediata, repetiram-se tantas pancadas quanto o número das palmadas dadas por Kate. Em face dessa resposta, Margareth, então, disse, brincando: "Agora faça exatamente como eu. Conte um, dois, três, quatro, e bateu palmas". O que ela havia solicitado foi repetido com incrível exatidão. Kate, adiantando-se, disse, na sua simplicidade infantil: "Oh! Mamãe! Eu já sei o que é. Amanhã é primeiro de abril e alguém quer nos pregar uma mentira".

A senhora Fox lembrou-se, então, de fazer uma tentativa concludente: solicitou à entidade que desse as idades de todos os seus filhos, o que foi feito com notável precisão.

Havia-se estabelecido, desta forma, um sistema de comunicação com o mundo espiritual.

Nesse episódio podemos ver que nenhuma das pessoas da família Fox havia feito qualquer tipo de evocação, as pancadas foram por iniciativa de quem as produzia. O autor desse feito foi quem disse ser um espírito e que se chamava Charles B. Rosma, morto tempos atrás por causa de 500 dólares, tendo sido enterrado no porão daquela casa. Somente 56 anos depois é que foi encontrado o seu esqueleto. O que mais se nos apresenta interessante, nesse caso, é que sendo a família Fox metodistas, dificilmente iriam mesmo evocar algum espírito. Os fatos nos apontam como causa a vontade do espírito, que se fez reconhecer. Portanto, houve uma manifestação espontânea do espírito.

Seguindo adiante, vinte e seis anos após, vamos encontrar mais um caso interessante. Trata-se de Augustin Lesage foi um operário que, por longos anos, trabalhou em mina de carvão no interior da França. Nasceu a 9 de agosto de 1876. Obteve apenas o diploma do curso primário. Casa-se em março de 1901, com Irma Diéval, morando em Saint-Pierre-les-Auchel. Em 1911, com 35 anos, passa a ouvir vozes no interior da mina em que trabalhava, conta ele:

> Eu trabalhava abaixado numa pequena passagem de 50 centímetros que dava para uma galeria afastada do movimento da mina. No silêncio eu escutava, apenas, o barulho da minha enxada. Foi quando, de repente, ouvi uma voz nítida dizer: Um dia serás pintor!
>
> Olhei por todos os lados para ver de onde vinha esta voz. Ninguém. Estava ali eu, apenas. Fiquei estupefato e assustado.
>
> Voltei da mina e nada disse a ninguém, nem aos amigos, nem aos filhos, e nem à minha esposa. Acreditava que iriam tomar-me por um alucinado ou louco.
>
> Poucos dias depois, igualmente na mina e trabalhando, a voz se fez, novamente, escutar. Ninguém perto de mim. Fiquei apavorado. Guardei segredo,

> porém, inquieto, acreditando estar ficando louco. (VICTOR, 1998, p. 30-31).

Passado algum tempo, ouviu um companheiro de trabalho, que havia lido sobre o Espiritismo, falar que os espíritos existem, disse-lhe que poderia ser o caso que estava acontecendo com ele. Lesage, em busca do conhecimento sobre o assunto, comprou dois livros de Léon Denis.

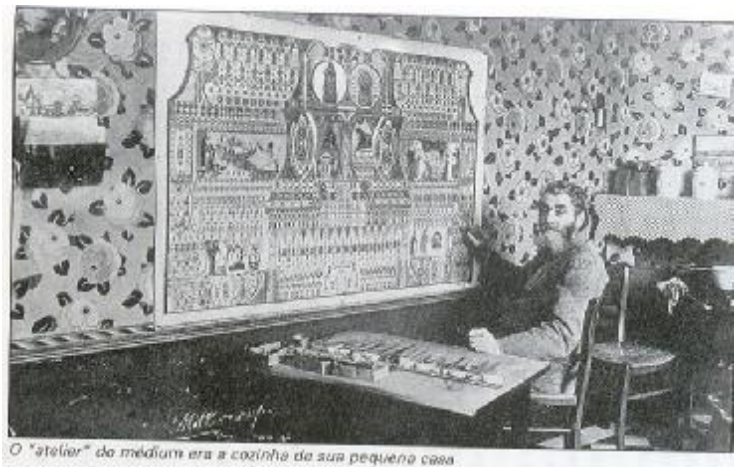
Resolveu, então, junto com amigos, fazer ele próprio, experiências mediúnicas, evocando os espíritos. Relata uma delas:

> Lecomte colocou sobre a mesa lápis e papel e minha mão começou a escrever esta mensagem que nunca esquecerei":
>
> > *"Estamos felizes por falar hoje com vocês. As vozes que você ouviu são uma realidade. Um dia será pintor. Escute nossos conselhos e verá que tudo se realizará de acordo com o que dissemos. Atenda nossas palavras e sua missão se cumprirá".*
>
> (VICTOR, 1998, p. 32).

Mas como? se ele, Lesage, não possuía a mínima queda para a pintura. Recebe nova mensagem:

> Hoje a questão não é desenhar, mas pintar. Não tenha medo, continue seguindo nossos conselhos. Realmente, um dia será pintor, e suas obras serão submetidas ao exame da Ciência. No começo isto poderá parecer-lhe ridículo. Somos nós que traçaremos por sua mão. Não procure entender. Siga, rigorosamente, nossos conselhos. Antes de tudo, porém, iremos dar-lhe, através da escrita, o nome dos pincéis e tintas que deverá procurar no estabelecimento do sr. Poriche, em Lillers. Você encontrará lá tudo quanto for necessário. (VICTOR, 1998, p. 34).

Vejamos um momento em que se dedicava à pintura.



O "atelier" do médium era a cozinha de sua pequena casa

(VICTOR, 1998, p. 39)

Embora tenha posteriormente recorrido à evocação dos espíritos, mas quando, dentro da mina de carvão, ouvia a voz que lhe dizia que ele seria um pintor, Lesage não fez nenhuma evocação. Essa manifestação nós temos como mais uma ocorrida de maneira espontânea, quer dizer, por livre vontade do espírito que a produziu.

Eis uma de suas pinturas:

Da França vamos para a Suécia, onde no ano de 1959, uma pessoa ouve a voz dos espíritos quanto gravava canto dos pássaros. É tida como sendo a primeira gravação de vozes do além através de equipamento eletrônico, cujo mérito se deve ao russo Friedrich Jüergenson. O fato se deu quando, em sua residência de campo em Molnbo – perto de Estocolmo, Suécia – no dia 14 de junho de 1959, estava gravando o cantar dos pássaros se deu a primeira comunicação. Vejamos o caso:

> Uma vez instalado na velha casa de campo, ele preparou seu gravador, colocando-lhe uma fita magnética nova. O microfone foi posto próximo a uma janela aberta situada junto ao telhado. Um *tentilhão de fala* logo pousou em um galho de árvore, bem próximo da janela, e pôs-se a gorjear. Jüergenson ligou o aparelho e rodou a fita durante cerca de cinco minutos, findos os quais ele suspendeu a gravação, retornou a fita e procurou ouvir o que fora gravado. Com surpresa, verificou que o som captado pelo gravador parecia-se com o ruído de uma chuva forte, no meio do qual distinguia-se fracamente o trinado do tentilhão. Jüergenson julgou que seu aparelho houvesse sofrido alguma avaria durante a viagem. Retornou novamente a fita e resolveu ouvi-la até o final da gravação. O ruído inicial lá estava, mas, de repente, surgiu um solo de clarim (trompete) executando uma estranha música! Surpreso, passou a ouvir em seguida uma série de sons variados, entre os quais Jüergenson reconheceu o canto de um alcaravão, uma espécie de ave noturna. Intrigado, Jüergenson prosseguiu na escuta e pode ouvir, a seguir, uma voz humana que falava em norueguês! Embora fraca, a voz era inteligível, confirmando-lhe *'... cantos de pássaros noturnos'*. Findo esse último ruído, surgiu límpido o canto do tentilhão e dos milharoses que estavam mais distantes; a gravação voltara ao normal.
>
> [...] De começo, eram barulhos, sinais acústicos, trechos de frases. Uns eram claros. Outros sussurrados mas, ainda mais estranho, as frases nunca ultrapassavam nove sílabas e era ditas utilizando várias línguas em cada fase. (NUNES, 1990, p. 37-38).

Observar que a iniciativa da comunicação foi toda por conta dos espíritos, sem qualquer tipo de evocação, o que, aliás, no presente caso, foi surpresa até para a própria pessoa em que a ocorrência se deu. Isso vem confirmar que não há a mínima necessidade de se evocar os espíritos, pois são eles que, na verdade, estão nos evocando. O que, de certa forma, vem confirmar aquilo que Chico Xavier sempre dizia: *"O telefone toca de lá para cá".*

Jüergenson inicia, dessa maneira, o que se passou a denominar de Transcomunicação Instrumental. Sobre a possibilidade da comunicação com os espíritos por meios eletrônicos trazemos a opinião insuspeita do Pe. François Charles Antoine Brune, renomado pesquisador da Transcomunicação, no meio católico.

Brune diz, em seu livro *Os Mortos nos Falam*, o seguinte:

> Escrevi este livro para tentar derrubar o espesso muro de silêncio, de incompreensão, de ostracismo, erigido pela maior parte dos meios intelectuais do ocidente. Para eles, dissertar sobre a eternidade é tolerável; dizer que se

> pode entrar em comunicação com ela é considerado insuportável.
>
> A morte é apenas uma passagem. Nossa vida continua, sem qualquer interrupção, até o fim dos tempos. Levaremos conosco para o além nossa personalidade, nossas lembranças, nosso caráter.
>
> O após vida existe e nós podemos nos comunicar com aqueles que chamamos mortos. (BRUNE, 1991, p. 15-17).

A título de informação: O Pe. François Charles Antoine Brune é bacharelado em Latim, Grego e Filosofia. Cursou seis anos de "Grand Seminaire", sendo cinco no Instituto Católico de Paris e um na Universidade de Tubingen. Tem cinco anos de curso superior de Latim e Grego na Universidade de Sorbone. Estudou as línguas assírio-babilônico, hebraica e hierógrafos egípcios. Foi licenciado em Teologia no Instituto Católico de Paris em 1960, e em Escritura Sagrada, no Instituto Bíblico de Roma, em 1964. Foi professor de "grands Seminaires" durante sete anos. Estudou a tradição dos cristãos do Oriente e dedica-se a estudos dos fenômenos paranormais.

Como se diz "basta um corvo branco para provar que nem todos são pretos", o que ficou aqui demonstrado é que são os próprios espíritos que vêm evocar os vivos, e casos similares a estes são inúmeros. Se isso acontece, é porque os espíritos têm permissão para se comunicarem conosco e, obviamente, a recíproca é verdadeira, o que sugere que este fato também não vai de encontro às leis naturais. Para nós, os espíritas, tudo isso tem como origem a permissão divina. Os fatos estão aí, para serem estudados por todos que tiverem interesse, isenção e boa vontade.

E, para fechar este estudo, vamos transcrever uma frase de Kardec: "A manifestação dos Espíritos não é somente uma crença, é um fato; ora, diante de um fato, a negação é sem valor, a menos de provar que ele não existe, e é o que ninguém ainda demonstrou" (KARDEC, 1993, p. 269).

O Antigo Testamento é a palavra de Deus?

A base de nossos estudos será a Bíblia Sagrada, 68ª edição, Editora Ave Maria Ltda., da qual tiramos as seguintes instruções de como lê-la:

> Terminamos recomendando ao leitor procurar desenvolver em si a consciência dos "CINCO SENTIDOS", indispensável para conseguir uma verdadeira leitura cristã da Bíblia: o sentido da fé, o sentido da história, o sentido do movimento progressivo da revelação, o sentido da relatividade das palavras e – O QUE SINTETIZA TUDO O MAIS (grifo nosso) – o bom senso.

Conforme esta recomendação, e para não fugirmos do recomendado bom senso, é necessário nos apoiarmos na lógica e na razão.

A Bíblia é dividida em duas partes: o Antigo e o Novo Testamento. O Antigo Testamento conta a história do povo judeu, tendo em Moisés a base principal da revelação Divina aos homens. Já o Novo Testamento conta a vida de Jesus na Terra e os fatos ocorridos para a divulgação da Boa Nova pelos seus apóstolos devendo, portanto, ser a base fundamental para todos os cristãos.

O nosso estudo será especificamente do Antigo Testamento, pois a maioria das correntes religiosas o tem como a palavra de Deus, cujo sentido é que tudo que ali está é a verdade insofismável.

Iniciaremos pelo capítulo I da Gênesis, versículos 1 a 5*:*

> *"No princípio, Deus criou os céus e a terra. A Terra estava informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. Deus disse: "Faça-se a luz! "E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas. Deus chamou à luz de DIA, e às trevas de NOITE. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o primeiro dia*. Comparemos esta passagem com a dos versículos 14 a 19: *Deus disse:" Façam-se luzeiros no firmamento dos céus para separar o dia da noite; sirvam eles de sinais e marquem o tempo, os dias e os anos; e resplandeçam no firmamento dos céus para iluminar a Terra. E assim se fez. Deus fez os dois grandes luzeiros: o maior para presidir ao dia, e o menor para presidir à noite; e fez também as estrelas. Deus colocou-os no firmamento dos céus para que iluminassem a Terra, presidissem ao dia e à noite e separassem a luz das trevas. E Deus viu que isto era bom. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o quarto dia".*

Vejamos no 1º dia cria a luz e separa a luz das trevas e no 4º dia cria o sol a lua e as estrelas, coloca-os nos céus para que separassem a luz das trevas, ora para nós que habitamos a Terra a nossa luz provem justamente do sol, da lua e das estrelas que foram criados no 4º dia, então que luz é essa que foi criada no 1º dia? Ou será que Deus tinha esquecido que havia criado a luz e a criou novamente?

Seguindo em frente veremos a criação do homem e Deus proibindo-o de comer do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, dizendo que se dela comesse morreria, depois criou, também a mulher. Vem a serpente e induz a mulher a comer do fruto da árvore e esta por sua vez induz o homem. Ao perceber isto Deus castiga a serpente, o homem e a mulher. Perguntaríamos: quando foi que o homem e a mulher souberam que o que tinham feito não estava correto, não foi após comerem o fruto proibido? Ou seja, até este momento eles agiram sem conhecimento do que era o bem ou o mal, assim sendo o castigo então foi aplicado em inocentes? E quais foram os castigos? À serpente Deus disse*: "Porque fizestes isso, serás maldita entre todos os animais e feras dos campos; - andarás de rastos sobre o teu ventre e comerás o pó todos os dias de tua vida".* (Gn 3,14) Pelo castigo que sofreu quer dizer que

antes ela andava sobre patas? Quantas? Disse também à mulher: *"Multiplicarei os sofrimentos de teu parto; darás à luz com dores, teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio".* (Gn 3,16). Fico a imaginar a perplexidade da mulher, ante tal castigo, pois até então não havia dado à luz, não sabia, portanto, nem o que era mesmo um parto, ainda mais um parto com dor. Aliás, o parto com dor seria sofrido apenas pelas mulheres ou as fêmeas dos animais também a sofreriam? Pelo que a ciência diz, elas sofrem. Seria o caso de perguntar: tiveram assim o mesmo castigo da mulher? E sobre estar sob o domínio do marido, hoje em dia não estaria sendo mais aplicado?

Mais à frente após Caim matar a Abel temos*:*

> *"Caim disse ao Senhor: 'Meu castigo é grande demais para que eu possa suportar. Eis que me expulsais agora deste lugar, e eu devo ocultar-me longe de vossa face, tornando-me um peregrino errante sobre a terra. O primeiro que me encontrar, matar-me-á'. E o Senhor respondeu-lhe: 'Não! Mas aquele que matar Caim será punido sete vezes'. O Senhor pôs em Caim um sinal, para que se alguém o encontrasse, não o matasse. Caim retirou-se da presença do Senhor, e foi habitar na região de Nod, ao oriente do Éden. Caim conheceu sua mulher. Ela concebeu e deu à luz Henoc. E construiu uma cidade, à qual pôs o nome do seu filho Henoc".*

Vejamos: após Caim matar a Abel sobraram Adão, Eva e o próprio Caim, como se justifica seu medo de alguém querer matá-lo? Será que Deus esqueceu-se que não havia na Terra mais ninguém, não precisava, portanto de marcá-lo para que não o matassem, não é mesmo? Depois que Caim saiu daquela região encontra com uma mulher com quem tem um filho e chega até a fundar uma cidade, perguntamos: que mulher era esta? Que povo era este que foi habitar a cidade que fundou?

Em Gênesis 6,3:

> *"O Senhor então disse: "Meu espírito não permanecerá para sempre no homem, porque todo ele é carne, e a duração de sua vida será só de cento e vinte anos".*

Apesar disto encontramos pessoas que viveram muito além deste tempo: Adão 930 anos, Set 912 anos, Enos 905 anos, Cainan 910 anos, Malaleel 895 anos, Jared 962 anos, Henoc 365 anos, Matusalém 969 anos, Lamec 777 anos, Noé 950 anos, Sem 600 anos, Arfaxad 435 anos e Salé 430 anos, conforme podemos ler no capítulo 5 da Gênesis.

No livro Êxodo, cap. 20 temos os dez mandamentos, dos quais citaremos apenas o III – Santificarás o dia de sábado e o V – Não mateis, para comparação com o cap. 31,14-15: Guardareis o sábado, pois ele vos deve ser sagrado. Aquele que o violar, será morto, quem fizer naquele dia uma obra qualquer, será cortado do meio de seu povo. Trabalhar-se-á durante seis dias; mas o sétimo dia será um dia de repouso completo, consagrado ao Senhor.

Perguntamos: Se alguém trabalhar no dia de sábado será punido de morte. O que fazer diante desta determinação? Se, por ordem de Deus, matarmos alguém que trabalhou sábado, não estaremos infringindo o V mandamento, também uma ordem de Deus?

Mas voltemos um pouco a Gênesis 6,56*:*

> *"O Senhor viu que a maldade dos homens era grande na terra, e que todos os pensamentos do seu coração estavam continuamente voltados para o mal. O Senhor arrependeu-se de ter criado o homem na terra, e teve o coração ferido de íntima dor"*.

Se Deus chegou a arrepender-se de ter criado o homem Ele não foi onisciente, um dos seus atributos indispensáveis, sem o qual não seria um Deus. Então falhou ao criar o homem?

Seguindo em frente vejamos algumas passagens do Deuteronômio, iniciaremos pelo capítulo 21,18-21*:*

> *"Se um homem tiver um filho indócil e rebelde, que não atende às ordens de seu pai nem de sua mãe, permanecendo insensível às suas correções, seu pai e sua mãe tomá-lo-ão e o levarão aos anciãos da cidade, à porta da localidade onde habitam e lhes dirão: Este nosso filho é indócil e rebelde; não nos ouve, e vive na embriaguez e na dissolução. Então, todos os homens da cidade o apedrejarão até que ele morra".*

Gostaria de saber que pai ou mãe teria a coragem de fazer isto, entregar seu filho para ser apedrejado até a morte?

No capítulo 22,5:

"A mulher não se vestirá de homem, nem o homem se vestirá de mulher: aquele que fizer, será abominável diante do Senhor, teu Deus".

Porque não foi claro dizendo do que realmente não gostava, ou seja, que a mulher se comportasse sexualmente como um homem ou que este se comportasse sexualmente como uma mulher. Será que estava com vergonha de falar diretamente sobre o assunto? Mas não foi Ele mesmo que criou o sexo, porque então a vergonha?

Em Deuteronômio 22,22:

"Se se encontrar um homem dormindo com uma mulher casada, todos os dois deverão morrer. O homem que dormiu com a mulher, e esta da mesma forma. Assim tirarás o mal do meio de ti".

Como fica o não matarás? Não seria mais razoável expulsá-los da cidade ao invés de matá-los?

Na passagem do Deuteronômio 23,1-2:

"O homem cujos testículos foram esmagados ou cortado o membro viril, não será admitido na assembleia do Senhor. O bastardo não entrará tampouco na assembleia do Senhor, mesmo até a décima geração".

Será que Deus só quer "machos" em sua assembleia?

E para encerrarmos as citações do Antigo Testamento, temos Deuteronômio 25,11-12:

"Se dois homens estiverem em disputa, e a mulher de um vier em socorro de seu marido para livrá-lo do seu assaltante e pegar a este pelas partes vergonhosas, cortarás a mão dessa mulher, sem compaixão alguma".

É incrível, não há como atribuir a Deus uma recomendação tão ridícula desta.

Estas são apenas algumas passagens, existem várias que não possuem coerência, não têm lógica e até mesmo contraditórias. Em hipótese alguma poderemos atribuí-las a Deus, seria rebaixá-lo a uma condição vexatória. Assim do Antigo Testamento somente poderemos tirar algum proveito é dos Dez Mandamentos, única e verdadeira revelação de Deus e até ela ainda veio distorcida ou no mínimo incongruente, que atribuímos aos homens e não a Deus, como é o caso do 9º mandamento*: "Não desejeis a mulher do vosso próximo*[14] ".

Baseados nele, pergunto, a mulher poderia desejar o marido da outra? Ou por outro lado, não teria também o mesmo sentido do 6º mandamento: *"Não cometeis adultério?".*

Já havíamos dito que a base para os cristãos é o Novo Testamento. E é nele que encontramos Jesus alterando as recomendações do Antigo Testamento, chegando a modificá-las como iremos demonstrar a seguir.

Em Mateus 5, 17-48, Jesus inicia dizendo: *"Não julgueis que vim abolir a Lei ou os Profetas. Não os vim abolir, mas sim para levá-los à perfeição".* Isto parece ficar contraditório, entretanto o sentido é que devemos levar em conta: Não vim revogar o que Moisés disse ao seu povo, não há como questionar a necessidade de uma lei tão dura, mas quanto a vocês a lei deverá ser aperfeiçoada, pois já possuem evolução suficiente para acatá-la. Inicia as modificações dizendo; *"Tendes ouvido o que foi dito aos antepassados"* e para concluir *"eu, porém vos digo",* de onde retiramos as principais:

Moisés	Jesus

14 Esta é a forma que nos passam, entretanto, a bem da verdade, deveria ser: *"Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seu escravo, nem sua escrava, nem seu boi, nem seu jumento, nem nada que lhe pertence"* (Êxodo 20, 17). Estaria, portanto, mais para ardentemente não desejar o que pertence a seu próximo.

Não matarás, mas quem matar, será castigado pelo juízo do tribunal. (Ex 20,13).	*Todo aquele que se irar contra seu irmão, será castigado apelos Juízes. Aquele que disser ao seu irmão raca será castigado pelo grande conselho. Aquele que lhe disser: louco, será condenado ao fogo da geena.*
Não cometerás adultério (Ex 20,14).	*Todo aquele que lançar um olhar de cobiça para uma mulher, já adulterou com ela em seu coração.*
Todo aquele que rejeitar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. (Dt 24,1).	*Todo aquele que rejeita sua mulher a faz tornar-se adúltera e todo aquele que desposar uma rejeitada, comete adultério.*
Amarás a teu próximo e poderás odiar teus inimigos. (Lv 19,18).	*Amai vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos (maltratam e) perseguem.*
Olho por olho, dente por dente. (Ex 21,24)	*Não resistais ao mau. Se alguém te ferir a face direita, oferece-lhe também a outra. Se alguém te citar em justiça para tirar-te a túnica, cede-lhe também a capa. Se alguém obrigar-te a andar mil passos com ele, anda dois mil.*
A Lei: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. *Os profetas: livros históricos.*	Sintetiza em: *"Tudo o que quereis que os outros vos façam, fazei-o vós a eles. Esta é a Lei e os Profetas".* (Mt 7,12). Em nota de rodapé: A Lei e os Profetas: as duas principais partes da Escritura, e por extensão: todo o Antigo Testamento.

Bem agora podemos entender o porquê da resposta de Jesus aos escribas e fariseus, conforme Mt 9,16-17: *"Ninguém põe um remendo de pano novo em veste velha, porque arrancaria uma parte da veste, e o rasgão ficaria pior. Não se coloca tampouco vinho novo em odres velhos; do contrário os odres se rompem, o vinho se derrama e os odres se perdem"*. Sendo eles ferrenhos defensores das Leis de Moisés, não aceitavam os ensinos de Jesus e procuravam de toda a sorte pegá-Lo em contradição. Assim que o questionaram conforme narrativa de Mt 22,34-40*: "Sabendo os fariseus que Jesus reduzira ao silêncio os saduceus, reuniram-se, e um deles, doutor da lei, faz-lhe esta pergunta para pô-Lo à prova:" Mestre, qual é o maior mandamento da Lei? Respondeu Jesus: "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda tua alma e de todo o teu espírito. Este é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este é: amarás teu próximo como a ti mesmo. Nesses dois mandamentos se resumem toda a Lei e os Profetas".* Com isto o Antigo Testamento foi reduzido a apenas estes dois mandamentos, e é o que fica de tudo o que expomos. Não há outra alternativa se quisermos nos apoiar no bom senso. Desta forma devemos tê-lo (o Antigo Testamento) apenas no sentido da primeira revelação divina ao povo judeu, buscando sempre separar "o joio do trigo" para que não fiquemos contra a segunda revelação divina, que foi dada aos homens por Jesus.

Paulo percebeu muito bem que deverá prevalecer a nova revelação dada por Jesus (Novo Testamento), conforme instruções que dá aos Hebreus: *"Dessa maneira é que se dá a ab-rogação do regulamento anterior em virtude da sua fraqueza e inutilidade – a Lei, na verdade, nada levou à perfeição - e foi introduzida uma esperança melhor pela qual nos aproximamos de Deus".* (Hb 7,18-19). Tinha tanta convicção disto que novamente volta ao assunto:

> *"Mas, agora, Jesus foi encarregado de um ministério tanto mais excelente quanto melhor é a aliança da qual é mediador, sendo esta legalmente fundada sobre promessas mais excelentes. Se, na verdade, a primeira aliança tivesse sem falhas, não teria cabimento ser substituída por uma segunda. Pois, censurando o povo é que Deus declara: "Eis que virão dias, diz o Senhor, em que estipularei uma nova aliança com o povo de Israel e com o povo de Judá..." Dizendo: "Aliança nova Deus declarou antiquada a primeira. Ora, o que se torna antiquado e envelhece está próximo de desaparecer"*. (Hb 8,6-8.13).

As alianças citadas por Paulo são: a antiga com Moisés e a nova com Jesus. Não devemos ter mais dúvidas sobre a revogação da Lei Mosaica. Aqueles que tomam tudo que está na Bíblia como palavra de Deus, entram numa tremenda contradição quando citam constantemente textos do Antigo Testamento, pois segundo esta mesma palavra o Antigo Testamento perdeu o seu valor.

O Castigo será Eterno?

É comum vermos as expressões: "a Bíblia diz", "a Bíblia fala", "porque está na Bíblia", "a Bíblia emprega a palavra tal em tal sentido", etc., como se ela fosse um ser vivo com capacidade de pensar e até mesmo de se expressar. Não entendem alguns teólogos, principalmente os dogmáticos, que, na verdade, foram os autores bíblicos que pensaram e se expressaram. E ao longo do tempo, foi ela, por força da afirmativa de ser "a palavra de Deus", adquirindo essa vida própria.

Se tivermos mente aberta, para analisar seu conteúdo, veremos que existem várias passagens que não podem, de forma alguma, ser atribuídas a Deus. Isso, por outro lado, colocaria em cheque a questão de ser ela somente a palavra de Deus. Ora, como ela fazia parte dos rituais religiosos, era lida nos templos, e esses rituais assumem, em todos os tempos e lugares, um caráter sagrado, assim, a Bíblia, adquiriu também o caráter de Sagrada, passando a ter, por isso, a denominação de Bíblia Sagrada, como a conhecemos hoje.

Devemos, para extrair a verdade que ela contém, analisar os fatores culturais e os de época que, de maneira irrefutável, influenciaram os autores bíblicos. Sabemos que muitas pessoas não admitem essas coisas, mas não podemos compactuar com a ignorância, e deixar as coisas como estão. Assim, para o próprio bem dela, devemos mostrar que determinadas coisas foram mudando de sentido (ou significado) com o passar dos tempos.

De uma maneira geral, para o ser humano, parece ser muito mais fácil acreditar em algo, mesmo que ele não exista, do que mudar o seu pensamento a respeito de alguma coisa em que ele já acredita. Assim, com certeza, o que iremos colocar não será ouvido por muitos. E talvez sejamos execrados por outros, além de aqueles que irão nos mandar "arder no mármore do inferno". Mas, nada disso nos fará silenciar diante do que nossa consciência nos diz para fazer, já que buscamos "a verdade que liberta", não a que querem a todo custo nos impor. Achamos isso uma afronta à nossa inteligência, pois agem como se ninguém, a não serem eles, tivesse capacidade de pensar.

O primeiro mandamento divino dado ao homem, nós vamos encontrá-lo em Gênesis:

> *"E Javé Deus ordenou ao homem: 'Você pode comer de todas as árvores do jardim. Mas não pode comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, com certeza morrerá'".* (Gn 2,16-17).

Aqui a pena para a desobediência ao mandamento foi a morte. Relaciona-se, pois, a uma situação presente, e não para o futuro.

Mas, estranhamente, as penas impostas, é o que se supõe, ao primeiro casal humano foram:

a) mulher: parir com dor, paixão que a arrastaria para o marido (graças a Deus), e que seria dominada por ele;

b) homem: ter que trabalhar até o "suor do rosto", para tirar da terra os produtos dos quais deveria alimentar-se, e voltar ao pó, ou seja, morrer.

Devemos observar que todos os castigos impostos estão relacionados à sua vivência diária, nada de vida após a morte.

Quando o povo hebreu estava no Deserto de Sur, após a sair da escravidão no Egito, Deus disse: *"Se você obedecer a Javé seu Deus, praticando o que Ele aprova, ouvindo seus mandamentos e observando todas as leis, eu não mandarei sobre você nenhuma das enfermidades que mandei sobre os egípcios*". (Ex 15,26). A pena para a desobediência seriam as enfermidades, ou seja, coisas, também, para uma vida terrena.

Diante do Monte Sinai, é que Deus aparece a Moisés, e lhe entrega as tábuas com os

Dez Mandamentos. Nessa ocasião, Moisés, apresenta ao povo várias outras normas de conduta, dizendo ser por ordem de Javé, muitas das quais a morte era a pena a ser aplicada ao infrator, contrariando a determinação de *"não matarás"*, contidas nas duas Tábuas que acabara de receber, as quais ainda deveriam estar debaixo de seus braços, e até aqui não foi estabelecida nenhuma penalidade para os infratores.

Em Levítico, cap. 26, Deus fala das bênçãos e maldições, como consequência do cumprimento ou não dos Seus Estatutos e Suas normas, é aí que são estabelecidas as penalidades para a desobediência. Podemos observar que todas as bênçãos prometidas por Deus não é o céu que as religiões dizem ser o destino dos que seguem fielmente a Deus. Todas as recompensas prometidas estão relacionadas a uma vida terrena, não a uma vida futura no céu.

Mesmo em relação às penalidades (maldições), os castigos são sempre relacionados com a vida aqui na terra, ou seja, na vida presente. Apesar das penas serem extremamente rigorosas, nada de inferno para ninguém. E é até importante ressaltar que, se Deus dá vários castigos cada vez maiores, se a expressão "sete vezes mais" foi utilizada por quatro vezes é porque espera a recuperação do infrator, por mais tardia que seja. E, ao final, ainda diz que *"não os rejeitarei, nem os desprezarei até o ponto de exterminá-los*", ou seja, mesmo que errem muito, Deus possui uma enorme comiseração para com os infratores. Excluindo, portanto, qualquer ideia de penas eternas. É o que também podemos deduzir de Ezequiel 33,11: *"Não sinto nenhum prazer com a morte do injusto. O que eu quero é que ele mude de comportamento e viva".*

Em Deuteronômio, encontramos essa interessante passagem:

> *"Quando houver demanda entre dois homens e forem à justiça, eles serão julgados, absolvendo-se o inocente e condenando-se o culpado. Se o culpado merecer açoites, o juiz o fará deitar-se no chão e mandará açoitá-lo em sua presença, com número de açoites proporcional à culpa. Podem açoitá-lo até quarenta vezes, não mais; isso para não acontecer que a ferida se torne grave, caso seja açoitado mais vezes, e seu irmão fique marcado diante de você".* (Dt 25,1-3).

Estes trechos merecem comentários:

"absolvendo-se o inocente": isto significa que não se deve condenar um inocente.

"condenando-se o culpado": por questão de justiça o culpado deverá ser condenado.

"se o culpado merecer açoites": sinal que pode haver situação especial em que o culpado não mereça receber um castigo, uma repreensão poderia, talvez, ser mais útil.

"o juiz... mandará açoitá-lo em sua presença": a presença pessoal do Juiz indica a necessidade de se ter certeza do cumprimento da pena, se o culpado a merecer.

"com número de açoites proporcional à culpa": sendo o castigo proporcional à culpa, significa que não poderá haver pena igual para todos os tipos de infração à lei.

"podem açoitá-lo até quarenta vezes, não mais": significa, incontestavelmente, que tudo tem um limite, que a pena não poderá ser eterna.

No livro de Isaías, lemos: *"Se absolvermos o malvado, ele nunca aprende a justiça; sobre a terra ele distorce as coisas direitas e não vê a grandeza de Javé".* A ideia central da passagem vai de encontro ao simples perdão, como pensam alguns, já que se diz ser necessário "castigar" o culpado, para que ele, efetivamente, possa aprender a justiça.

Em Isaías encontramos:

> *"[...] A mão de Javé se manifestará para os seus servos, mas se indignará contra seus inimigos. Porque Javé vem com fogo, e seus carros parecem furacão, para desabafar sua ira com ardor e sua ameaça com chamas de fogo. É com fogo que Javé fará justiça sobre toda a terra, e com sua espada ameaça o mundo todo: são muitas as vítimas que ele faz".* (Is 66,14-16).

> *"Ao sair, eles verão os cadáveres daqueles que se revoltaram contra mim, porque o verme que os corrói não morre jamais e o fogo que os consome jamais se apaga". (Is*

66,24).

É dessas passagens que as correntes religiosas buscam sustentar o "inferno eterno", entretanto, se bem observamos, é apenas uma figura de linguagem, sendo portanto um simbolismo, não uma coisa objetiva.

O fogo é considerado um elemento purificador. E eterno designar um período determinado apesar da incerteza de sua duração. Assim, a expressão "fogo eterno" poderia, dentro da perspectiva de que a *"misericórdia triunfa sobre o juízo"* (Tg 2,13), ser entendida como um período de purificação, do qual não se sabe o fim, nada mais que isso. Podemos comprovar usando a passagem Salmos 103, 8-9: *"O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno.* ***Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira".***

Chegamos a uma interessante conclusão: que apesar da palavra inferno constar da Bíblia, não o podemos aceitar a não ser no sentido de "um longo tempo de purificação", o que se confunde com o conceito de purgatório, que somos forçados a aceitar, mesmo não constando da Bíblia, já que alguém poderia alegar isso.

Jesus ao dizer: *"daí não sairá, enquanto não pagar até o último centavo"* (Mateus 5,26) e *"O patrão indignou-se, e mandou entregar esse empregado aos torturadores, até que pagasse toda a sua dívida"* (Mateus 18,34) deixa claro que até pagar a dívida ou o último centavo seria o tempo em que o devedor ficaria preso ou entregue aos torturadores, não mais que isso, abolindo, portanto, a ideia do inferno eterno.

As religiões dogmáticas, ao invés de desenvolverem em seus adeptos a ideia de um Deus de amor, para que cada um passe a verdadeiramente amá-Lo, e assim deixem de praticar o mal por amor, confundem-nos com ameaças do inferno, num sentido incompatível com o amor de Deus para conosco, deixando seus fiéis em dúvidas sobre o que mesmo seguir. Usam de uma psicologia negativa, querendo que Deus seja TEMIDO, isso é puro TERRORISMO RELIGIOSO.

Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam os seus autores?

Sempre estamos às voltas com pessoas muito crédulas, que acham que os nomes que constam dos títulos dos Evangelhos designam os seus autores. Em razão disso acreditam, também, que os personagens Mateus e João faziam parte daquele grupo de doze apóstolos que conviveram com o Mestre de Nazaré, e que foram, portanto, "testemunhas oculares dos eventos relatados" (http://www.estudosdabiblia.net/bd75.htm). Não raras vezes, também ouvimos palestrantes espíritas referindo-se aos dois autores como apóstolos de Jesus. Percebemos, que, mesmo imbuídos de muita boa vontade, falta a ambos o conhecimento do que a crítica moderna pensa sobre as reais epígrafes dos Evangelhos.

Queremos, logo de início, ressaltar que não estamos pretendo ser melhor do que ninguém e, muito menos, por conta disso, condenar a quem quer que seja; nossa intenção é a de, simplesmente, repassar o que descobrimos em nossas pesquisas.

O que nos fez aflorar irresistível curiosidade de pesquisar o assunto, foi o teor do seguinte passo:

> **Atos 4,13:** *"Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens **iletrados e incultos**, admiraram-se; [...]".*

Como João, a exemplo de Pedro, um homem "iletrado e inculto", poderia escrever um Evangelho tão rebuscado como o atribuído a ele? Fora isso, ainda se percebe nele um palavreado bem acima do que se poderia esperar para um simples pescador (Mt 4,18-22), sem que, com isso, queiramos desmerecê-lo; mas é fato. Essa mesma linha de raciocínio deve-se aplicar também a Pedro, já que, no Novo Testamento, existem duas cartas atribuídas a ele. Quanto a João, além do seu Evangelho, existem duas cartas e o Apocalipse que são atribuídos a ele. Em relação ao Apocalipse, veja-se, mais à frente, o que diz Pepe Rodríguez (1953-).

Foi exatamente em Pepe Rodríguez, destacado jornalista de investigação, autor do livro *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, que percebemos não estamos sozinhos nessa forma de ver:

> Com efeito, mesmo sendo-se profano na matéria, imagina-se dificilmente como é que um pescador de carácter violento (22) e, ainda por cima, inculto como era o apóstolo João possa ter escrito textos tão brilhantes e intelectuais como os joânicos, por muita *inspiração divina* que se lhe queira acrescentar. É evidente que os peritos não se ficaram pelas simples suspeitas. […]
>
> 22. Recordemos que Jesus lhes chamava, a ele a seu irmão Tiago, de *Boanerges*, ou seja, os "tempestuosos", ou "filhos do trovão" (Mc 3,17).
>
> (RODRÍGUEZ, 2007, p. 76).

Aliás, sempre estamos dizendo que só acreditam que ele foi o autor do quarto Evangelho, as pessoas que não buscam nenhuma informação fora daquilo que a sua Igreja lhe recomenda. São, como se diz: "ouvintes de um só sino"; e, por isso, não têm a mínima condição de saber se está afinado ou não.

Como e quando foram escolhidos

As informações que encontramos não podemos deixar de repassá-las, por serem muito curiosas e, certamente, não julgávamos que o critério de escolha dos quatro Evangelhos tivesse ocorrido de forma tão inusitada. O problema é que, distanciados que estamos das origens dos fatos, a maioria de nós, não faz a menor ideia de como isso ocorreu. Aliás, muitos

pensam até que o Novo Testamento, no qual estão contidos os Evangelhos, sempre foi, desde o "nascedouro", da forma como o conhecemos hoje. Julgam-no nesse formato desde logo após a morte de Jesus.

Vejamos, primeiramente, como ocorreu a escolha dos quatro evangelhos.

Pepe Rodríguez nos dá a seguinte informação:

> **A seleção dos evangelhos canónicos** foi feita no concílio de Niceia (325) e ratificado no de Laodiceia (363). **O *modus operandi*, ou o processo utilizado, para distinguir entre textos *verdadeiros* e *falsos,* foi, segundo a tradição, o da "eleição milagrosa"**. Foram apresentados, de facto, quatro versões para justificar a preferência pelos quatro livros canónicos: 1) depois de os bispos terem rezado muito, os quatro textos voaram por si sós e foram pousar-se sobre um altar; 2) puseram todos os evangelhos em competição sobre um altar e os apócrifos caíram ao chão, enquanto os canónicos não se mexeram; 3) depois de escolhidos, os quatro foram colocados sobre o altar e foi pedido a Deus que se neles houvesse qualquer palavra falsa os fizesse cair ao chão, o que não sucedeu com nenhum deles; 4) o Espírito Santo, na forma de uma pomba, penetrou no recinto de Niceia e pousando no ombro de cada bispo sussurrou a cada um deles quais eram os evangelhos autênticos e quais os apócrifos. Esta última versão revelaria, além do mais, que uma boa parte dos bispos presentes no concílio eram surdos ou muito incrédulos, visto ter havido grande oposição à selecção – por voto maioritário, que não unânime – dos quatro textos canónicos actuais. (RODRÍGUEZ, 2007, p. 68, grifo nosso).

Juan Arias (1932-), escritor e jornalista, cursou teologia, filosofia, psicologia, línguas semíticas e filosofia comparada na Universidade de Roma, tendo sido, durante quatorze anos, correspondente na Itália e no Vaticano para o jornal espanhol *El País*, em sua obra *Jesus esse grande desconhecido*, confirma essa informação de Rodríguez, falando a mesma coisa:

> A história de como os quatro evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas e João foram escolhidos pela Igreja como autênticos e inspirados dentre os mais de cem que então existiam é muito interessante. **Um dos critérios da escolha foi o dos milagres**. Segundo a Igreja, alguns dos prodígios dos evangelhos apócrifos eram pouco sérios ou muito fantasiosos. Mas houve outros motivos para decidir que somente os quatro evangelhos escolhidos tinham sido inspirados pelo Espírito Santo e os outros não.
>
> Os quatro foram escolhidos entre cerca de sessenta. Santo Irineu, no ano 205, assim o explicou: "O Evangelho é o pilar da Igreja. A Igreja está espalhada pelo mundo inteiro e **o mundo tem quatro regiões**. Convém, portanto que existam quatro evangelhos". E também: "O Evangelho é o sopro do vento divino da vida para os homens, e, assim como **existem quatro pontos cardeais**, também devem existir quatro evangelhos". Além disso, "o Verbo criador do Universo reina e brilha sobre os querubins, e **os querubins têm quatro formas**, por isso o Verbo obsequiou-nos com quatro evangelhos". Curiosamente, os quatro escolhidos só foram aceitos pelos Padres da Igreja pouco antes de serem declarados inspirados.
>
> A decisão oficial foi tomada no Concílio de Niceia do ano 325, graças a um milagre, como se conta na obra intitulada *Libelus syndicus*. **O milagre foi que, dentre todos os evangelhos que existiam, os quatro que conhecemos hoje como inspirados foram voando sozinhos até o altar**.
>
> **Outra versão diz** que colocaram todos os evangelhos existentes sobre o altar e os apócrifos foram caindo no chão, só permanecendo os quatro escolhidos como autênticos. **Uma terceira versão conta** que o Espírito Santo entrou no Concílio de Niceia sob a forma de pomba através de uma janela, sem quebrar o vidro. Lá estavam reunidos todos os bispos. A pomba pousou no ombro de cada bispo, dizendo-lhe ao ouvido em voz baixa quais eram os quatro evangelhos inspirados. E eram os de Marcos, Mateus, Lucas e João. (ARIAS, 2001, p. 34-35, grifo nosso).

Tudo isso pode, ainda, ser corroborado em Maria Helena de Oliveira Tricca (1940-1997), na obra *Apócrifos: Os proscritos da Bíblia, vol. I*, (p. 13), que cita como sua fonte Fabricius, J. A. - *Codex Apocryphus Novi Testamenti* (Hamburgo, 1719).

E temos a informação, muito oportuna, de que:

> [...] a escolha de quatro Evangelhos oficiais, de entre **os cerca de trezentos existentes** nessa altura na Igreja; **foi também ordenado que os restantes Evangelhos, incluindo o de Barnabé, fossem completamente destruídos**, assim como os Evangelhos escritos em Hebraico; foi ainda publicado um édito, declarando que quem fosse encontrado na posse de um Evangelho não autorizado seria condenado à morte. […]. (UR-RAHIM, 1995, p. 49-50, grifo nosso).

Não há dúvida alguma de que foi, literalmente, queima de arquivo.

São três fontes distintas confirmando a mesma história; porém, seja lá qual tenha sido o processo de escolha, dentre os mencionados, não nos resta dúvida de que os teólogos que os escolheram não se pautaram por nenhum critério técnico, mas, literalmente, apelaram para a sorte. Mesmo assim, as igrejas querem fazer-nos acreditar que foram inspirados.

E, quanto ao Novo Testamento em si, vejamos o testemunho de Bart D. Erhman (1955-), ex-evangélico, considerado o maior especialista em Novo Testamento da atualidade:

> […] Hoje, **muitos cristãos podem achar que o cânon do Novo Testamento simplesmente surgiu um dia, logo, após a morte de Jesus... nada mais distante da verdade**. Tendo isso claro, podemos identificar **a primeira vez em que um cristão listou os vinte e sete livros do nosso Novo Testamento** – nem mais, nem menos. Por mais surpreendente que possa parecer, esse cristão escrevia **na segunda metade do século IV, mais ou menos trezentos anos depois que os livros do Novo Testamento tinham sido escritos. O autor foi um poderoso bispo de Alexandria chamado Atanásio. No ano 367 E.C**., Atanásio escreveu uma carta pastoral anual às igrejas egípcias sob sua jurisdição e, nela, incluiu um conselho acerca de quais livros deveriam ser lidos como escrituras nas igrejas. Ele relaciona nossos vinte e sete livros, com exclusão de todos os demais. Essa é a primeira instância que chegou ao nosso conhecimento de alguém declarando que esse nosso conjunto de livros era o Novo Testamento. (ERHMAN, 2006, p. 46, grifo nosso).

Então, concluímos que mesmo depois da escolha dos quatro evangelhos, levou-se algum tempo para que o cânon do Novo Testamento fosse definido no formato que o conhecemos hoje.

Os Evangelhos atuais são oriundos dos textos originais?

Esse é outro ponto importante a ser esclarecido, porquanto, nas traduções e nas pregações dos líderes religiosos das correntes cristãs tradicionais isso é afirmado e reafirmado sem o menor constrangimento.

Juan Arias, sem meias palavras, diz: "Em primeiro lugar, as versões originais não existem" (ARIAS, 2001, p. 38).

O professor Julio Trebolle Barrera (? -), doutor em teologia, licenciado em Filosofia Pura e Ciências Bíblicas, informa-nos que "Os autógrafos dos livros do NT perderam-se para sempre". (BARRERA, 1999, p. 398).

O ex-evangélico Bart D. Ehrman (1955-), considerado a maior autoridade em Bíblia do mundo, Ph.D. em Teologia pela *Princeton University,* especialista em Novo Testamento, igreja primitiva, ortodoxia e heresia, manuscritos antigos e na vida de Jesus, afirma em seu livro *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?*, afirma o seguinte:

> [...] Eu sempre voltava a meu questionamento básico: de que nos vale dizer que a Bíblia é a palavra infalível de Deus se, de fato, não temos as palavras que Deus inspirou de modo infalível, mas apenas as palavras copiadas pelos copistas – algumas vezes corretamente, mas outras (muitas outras!) incorretamente? De que vale dizer que os autógrafos (isto é, os originais) foram inspirados? Nós não *temos* os originais! **O que temos são cópias eivadas de erros, e a vasta maioria delas são centúrias retiradas dos originais e diferentes deles**,

> evidentemente, em milhares de modos. (EHRMAN, 2006, p. 17, grifo nosso).
>
> [...] **Uma coisa é dizer que os originais foram inspirados, mas a verdade é que não temos os originais. Então, dizer que eles foram inspirados não me serve de grande coisa, a não ser que eu possa reconstruir os originais.** E além disso, a vasta maioria dos cristãos, em toda a história da Igreja, não teve acesso aos originais, fazendo de sua inspiração um objeto de controvérsia. Nós não apenas não temos os originais, como não temos as primeiras cópias dos originais. Não temos nem mesmo as cópias das cópias dos originais, ou as cópias das cópias das cópias dos originais. **O que temos são cópias feitas mais tarde, muito mais tarde. Na maioria das vezes, trata-se de cópias feitas *séculos* depois. E todas elas diferem umas das outras em milhares de passagens.** (EHRMAN, 2006, p. 20, grifo nosso).

Na *Bíblia de Jerusalém*, ao se introduzir os evangelhos sinópticos – Mateus, Marcos e Lucas, os tradutores colocam várias considerações; dentre elas, destacamos:

> […] Conhecemos atualmente mais de 2000 manuscritos gregos escritos em pergaminho que nos dão o texto dos evangelhos sinóticos, escalonando-se entre o quarto e o décimo séculos. Todos esses manuscritos oferecem entre si variantes de minúcias. **Os textos que usamos atualmente, seja para estudar os Sinóticos, seja para traduzi-los nas línguas modernas, são os dois mais antigos desses manuscritos**: **o Sinaítico**, proveniente do mosteiro de Santa Catarina do Sinai, hoje conservado do Museu Britânico, e sobretudo **o Vaticano**, conservado na Biblioteca Vaticana. **Ambos são datados de meados do séc. IV**. […] (Bíblia de Jerusalém, p. 1691, grifo nosso).

Vê-se, portanto, que embora dizendo que as traduções são fiéis aos originais, esses originais, nos quais se baseiam, não são, verdadeiramente, originais, pois nenhum dos seus autores, sejam eles quem forem, viveu até o **século IV** para contar a história que consta dos Evangelhos.

Sobre a quantidade de manuscritos, julgamos por bem colocar esta informação de Barrera:

> O NT teve uma influência sobre a cultura do Ocidente muito superior a qualquer outro livro da Antiguidade. Seu texto, por isso, nos chegou com uma quantidade de cópias incomparavelmente maior do que nenhuma outra obra do mundo clássico. **Conhecem-se cerca de 5.000 manuscritos gregos do NT, aos quais é preciso acrescentar uns 10.000 manuscritos das distintas versões antigas**, assim como milhares de citações nos Padres da Igreja. **Todo esse material (manuscritos, versões e citações) contém um número de variantes calculado entre 150.000 a 250.000 ou até maior.** Não existe uma só frase do NT que a tradição manuscrita não tenha transmitido com alguma variante. (BARRERA, 1999, p. 396, grifo nosso).

Como trabalhar num emaranhado desse? Além disso, sabe-se que não deixaram de sofrer acréscimos:

> […] Também é certo que a ortodoxia da Grande **Igreja tendia a eliminar ou a modificar aquelas expressões que por alguma razão resultavam inaceitáveis, e a introduzir**, ao invés, no texto, **novos elementos** com o fim de apoiar uma determinada doutrina, prática litúrgica ou costume moral. (BARRERA, 1999, p. 488, grifo nosso).

Bom, a pergunta é: será que os textos atuais refletem mesmo os que foram escritos pelos seus autores?

Algo sobre os seus autores

Dividiremos esse tópico em dois; no primeiro traremos o que alguns tradutores disseram e depois o que estudiosos e exegetas pensam a respeito disso ou de alguma outra

coisa relacionada ao conteúdo dos evangelhos.

1º) Tradutores

Vejamos, primeiramente, o que se pode encontrar entre as opiniões dos tradutores, obviamente, daqueles que nos dão elementos para sairmos da influenciação dogmática, quanto às suas origens, ainda que alguns tentem justificar o que lhes veio por tradição. Sobre isso, é melhor vermos o que diz Pepe Rodríguez:

> Quase a metade (mais exatamente, 44 por cento) dos textos do Novo Testamento pertencem aos quatro Evangelhos canônicos – Mateus, Marcos, Lucas e João. Basicamente, o que contam é a história de Jesus, a sua biografia, os seus actos e as suas palavras. **As contradições existentes entre eles, inclusivamente em aspectos fundamentais da vida de Jesus e do seu ensinamento, chegaram a ser tão profundas e evidentes que os seus tradutores católicos não tem outra saída senão a de culpar a "tradição oral" pelas "diferenças que a cada passo se verificam**, não só ao nível do plano geral e do agrupamento das ocorrências e dos discursos, mas igualmente ao nível da construção da própria narrativa. […]" (RODRÍGUEZ, 2007, p. 69, grifo nosso).

Portanto, quando apelam para a "tradição oral", estão querendo amenizar as contradições existentes entre os Evangelhos.

a) Luís Alonso Schökel (1920-1998), tradutor da *Bíblia do Peregrino*:

> **Mateus**: A tradição antiga atribuiu este evangelho a Mateus apóstolo; **tal atribuição considera-se hoje bastante duvidosa**. **A notícia de Pápias**, recolhida por Eusébio, segundo a qual Mateus compilou oráculos em hebraico (ou aramaico), **não merece crédito**. **O autor deste evangelho deve ter sido um judeu helenista, que cita o AT, os LXX**. Data provável: a década de 80-90. Lugar provável: alguma cidade da Síria, p. ex. Antioquia. (Bíblia do Peregrino, p. 2318, grifo nosso).
>
> **Marcos**: Desde sempre, este evangelho se chamou "segundo Marcos". Uma velha tradição ou lenda, transmitida de segunda mão, faz do autor um discípulo de Pedro, de quem teria recolhido a informação sobre Jesus. Outros tentaram identificar o autor com a personagem de nome Marcos, que figura nos Atos (12,12; 13,5.13) e envia saudações em Cl 4,10 e 1Pd 5,13, mas, **sendo Marcos um nome corrente na época, a identificação é incerta**. (Bíblia do Peregrino, p. 2393, grifo nosso).
>
> **Lucas**: A tradição intitulou este evangelho "segundo Lucas". O nome aparece em Fm 24 e 2Tm 4,11, como em Cl 4,14. A identificação com Lúcio (Loukios) de At 13,1 e Rm 16,21 é pouco provável. O autor tem notícia da destruição de Jerusalém, mas não da perseguição de Domiciano; parece viver a tensão crescente e a rejeição próxima por parte da sinagoga. Esses dados seguem como data de composição a década 80-90. (Bíblia do Peregrino, p. 2449, grifo nosso).
>
> **João**: **Uma tradição antiga identificou o autor como o apóstolo João,** o "discípulo espiritual". **Hoje é muito difícil manter essa opinião. A maioria dos comentaristas considera esse Evangelho como obra de um discípulo de João, uma geração mais tarde**. Por sua familiaridade com o AT e o sabor semítico do seu estilo, deve ter sido judeu. Várias notícias do relato parecem referir-se à expulsão dos cristãos da sinagoga (ver 9,22; 12,42 e 16,2). Propõe-se como data provável de composição a última década do século, e Éfeso como lugar razoável. (Bíblia do Peregrino, p. 2544, grifo nosso).

b) Frei Mateus Hoepers (1898-1983), tradutor do Novo Testamento da *Bíblia Sagrada Vozes*:

> **Mateus**: Desde o II século a tradição atribui o primeiro evangelho a Mateus, o cobrador de impostos chamado a seguir Jesus (Mt 9,9-17). Tal tradição repousa no testemunho de Pápias (ca. 135 d.C.), segundo o qual "Mateus ordenou os ditos (logia) em dialeto hebraico e cada um os traduzia conforme era

> capaz". O atual evangelho de Mt, cujo original foi escrito em grego, seria portanto uma tradução livre do original aramaico. Mas a crítica não aceita uma identificação substancial entre o Mt aramaico e o Mt grego. **Consequentemente o evangelho de Mt não pode ser obra de um discípulo direto de Jesus (de Levi = Mateus)**. A tônica didática não-biográfica e impessoal de Mt, sua teologia pós-apostólica e sua dependência de Mc, são incompreensíveis numa testemunha ocular. (Bíblia Vozes, p. 1176, grifo nosso).
>
> **Marcos**: Como os outros evangelhos, também o segundo evangelho foi no início publicado anonimamente. Baseada no testemunho de Pápias (135 d.C.), **a tradição é unânime em atribuí-lo a um certo Marcos**. Este Marcos provavelmente era um judeu-cristão que gozava de muita autoridade na comunidade; alguém que emigrou da Palestina para Roma, passando para a missão gentio-cristã (cf. 7,1-8,9; 13,10; 14,9). Em geral é identificado com João Marcos em cuja casa Pedro se refugiou (At 12,12). […]
>
> Pápias apresenta Marcos como "intérprete" de Pedro, o que não se deve entender como tradutor, mas como expositor da pregação do apóstolo. **O exame interno do evangelho mostra, porém, que Mc depende de tradições múltiplas e não apenas de uma possível tradição petrina**.
>
> Mc escreve o evangelho para cristãos ainda ligados a uma origem palestinense, mas comprometidos com a missão entre os pagãos e com a Igreja formada de judeus e gentios. Segundo a tradição, Mc compôs o evangelho em Roma. Mas alguns críticos acham que o evangelho poderia ter sido escrito em qualquer parte do império romano, sobretudo no Oriente. A opinião mais comum situa a composição de Mc entre 65 e 70 d.C. Não há argumentos decisivos para datá-lo após 70. (Bíblia Vozes, p. 1212-1213, grifo nosso).
>
> **João**: Desde o testemunho de Ireneu de Lião (180 d.C.) a tradição da Igreja antiga atribuiu a autoria do 4º evangelho ao apóstolo João, filho de Zebedeu. **O exame interno do evangelho, porém, não permite concluir que o apóstolo tenha redigido o texto atua**l. Devemos admitir, contudo, que a figura de João esteja intimamente ligada à origem e ao desenvolvimento dessa obra. […] (Bíblia Vozes, p. 1271, grifo nosso).

c) Joaquim de Arruda Zamith (?-), tradutor do Evangelho de João na *Bíblia de Jerusalém*:

> **João**: Qual é o autor do quarto evangelho? Ou, antes, quais são os autores, uma vez que esse evangelho provavelmente se formou em etapas sucessivas? É difícil responder. **O nome daquele que fez a última redação nos é desconhecido**. É possível, todavia, determinar sua personalidade: era judeu-cristão que se esforçou para rejudaizar o evangelho por meio de retoques de amplitude menor. […]
>
> Mesmo abstraindo dos retoques feitos pelo último redator, pode-se manter um laço estreito entre o quarto evangelho e o apóstolo João? O autor mais antigo que afirma explicitamente isso é santo Ireneu de Lião; "Em seguida, João, o discípulo do Senhor, o mesmo que repousou sobre seu peito, publicou também um evangelho durante sua estada em Éfeso. Numerosos autores eclesiásticos antigos admitiram isso sem dificuldade. […] **Tal identificação, porém, apresenta dificuldades**. Até entre os católicos, autores como Raymond Brown e R. Schnackenburg, depois de a terem admitido, terminaram por abandoná-la. Certamente não o fizeram sem razões sérias. **Seria verossímil que, ao escrever seu evangelho, João apóstolo omitisse o relato de certas cenas as quais havia assistido**, cenas tão importantes como a ressurreição da filha de Jairo (Mc 5,37), a transfiguração (Mc 9,2), a instituição da eucaristia (Mc 13,17s), a agonia de Jesus no Getsêmani (Mc 14,33)? Também foi objetado o fato de que, segundo certos testemunhos aos quais aludem muitos textos litúrgicos, **João apóstolo teria morrido mártir em data relativamente antiga, e que, portanto, não teria podido escrever o evangelho que leva seu nome**. […] (Bíblia de Jerusalém, p. 1839, grifo nosso).

d) Missionários Capuchinhos de Portugal, elaboradores da *Bíblia Sagrada Santuário*:

> **Mateus**: Entretanto, **a opinião mais corrente pensa que Mateus não escreveu este livro tal qual o leitor o tem diante de si**. Mateus teria escrito em aramaico (a língua de Jesus) uma coleção de sentenças proferidas pelo Senhor. **Essa obra primitiva teria sido largamente ampliada** e transferida para o grego – única língua em que possuímos o texto original de Mateus. **Tal refundição, efetuada por um ou mais cristãos**, talvez da classe dirigente, é o atual Evangelho Segundo Mateus. […] (Bíblia Santuário, p. 1434, grifo nosso).

Geralmente o tradutor quer se manter alinhado com o pensamento teológico da Igreja da qual faz parte; por isso, o testemunho deles, especialmente quando contrário a algum ponto doutrinário, torna-se importante para o conjunto de provas de que os nomes dos títulos não são os dos autores dos evangelhos.

2º) Estudiosos e exegetas

Vamos trazer alguns estudiosos e exegetas para vermos o que pensam a respeito dos autores e de outros importantes pontos dos evangelhos.

a) Léon Denis (1846-1927):

> A. Sabatier, diretor da seção dos Estudos superiores, na Sorbona, "Os Evangelhos Canônicos", pág. 5. **A Igreja sentiu a dificuldade em encontrar novamente os verdadeiros autores dos Evangelhos. Daí a fórmula por ela adotada: Evangelho segundo...** (DENIS, 1987, p. 26, grifo nosso).

Caso haja dúvida sobre o que Denis aqui informa, por ter sido ele um escritor espírita, sugerimos uma consulta direta na obra por ele mencionada.

b) Pepe Rodríguez:

> A primeira coisa que salta à vista, quando nos abeiramos do Novo Testamento, é o facto de os textos que o compõem serem tão tardios. Só começaram a ser escritos num período compreendido entre o último quartel do século I d.C e o primeiro quartel do século II d. C., à excepção das epístolas de Paulo, escritas entre 51 e 67 d.C. Mas **o que parece ainda mais incompreensível e absurdo é que quem tinha muito para testemunhar nada escreveu, ou quase nada, enquanto os que nada tinham para testemunhar acabaram sendo os redactores da maior parte dos textos do cânone neotestamentário**. É tão ilógico como se uma dezena de historiadores ou de jornalistas (que, propagandistas como eles, eram os apóstolos ou enviados), presente no momento em que se estava a dar o maior prodígio da história humana, tivessem ficado totalmente calados e o ocorrido não tivesse de qualquer modo ficado documentado e só tivesse sido dado a conhecer quarenta anos depois, e, ainda e apenas, através de escritores desvalorizados de um par de ajudantes de duas dessas supostas testemunhas privilegiadas. Senão vejamos:
>
> O Evangelho de Marcos é o documento mais antigo de que dispomos sobre a vida de Jesus. Ora, **Marcos não foi discípulo de Jesus, nem o conheceu pessoalmente**. O que sabe sobre ele foi o que, depois da crucificação, ouviu a Pedro nas prédicas públicas. O Evangelho de Lucas e os Actos, do mesmo autor, são documentos fundamentais para conhecer a origem e o desenvolvimento da Igreja primitiva. Ora, **Lucas não foi apóstolo. Também ele escreveu de ouvir dizer**. Compôs os seus textos a partir de passagens que plagia de documentos anteriores e de diversas proveniências. E, por outro lado, do que havia escutado de Paulo, que não só não fora discípulo de Jesus, como até 37 d.C. – um ano depois da crucificação de Jesus – se revelara um perseguidor fanático e tenaz do cristianismo nascente.
>
> **Mateus, pelo contrário, foi apóstolo. Porém, uma parte do seu Evangelho foi escrita a partir de documentos anteriores redigidos por um outro Marcos que, esse, não fora apóstolo**. Resta João Zebedeu que foi, também ele, apóstolo. Acontece, contudo, que **o Evangelho de João e o Apocalipse não são obra sua, mas de um outro João. Foram escritos por um tal João, *o Ancião*, um grego cristão** que se baseou não só em textos hebreus e essênios, como nas recordações que conseguiu obter de João, *o Sacerdote*, identificado como "o discípulo amado" de Jesus (mas que não é João

> Zebedeu), um sacerdote judeu muito amigo de Jesus que foi viver para Éfeso e onde veio a morrer em idade muito avançada. […] (RODRÍGUEZ, 2007, p. 65-66, grifo nosso).
>
> […] Porém, como mostrámos no seu devido momento, **o texto do Evangelho de João, escrito pelo grego João, o Ancião, em princípios do século II,** revela um Jesus absolutamente deformado, que fala com uma prepotência descarada, contrariamente à humildade que o caracteriza nos relatos dos três sinópticos. […] (RODRÍGUEZ, 2007, p. 178, grifo nosso).

c) Bart D. Ehrman:

> Embora evidentemente não seja o tipo de coisa que os pastores costumem contar às suas congregações, há mais de um século existe um forte consenso de que **muitos dos livros do Novo Testamento não foram escritos pelas pessoas cujos nomes estão ligados a eles**. […].
>
> […]
>
> Por que surgiu a tradição de que esses livros foram escritos por apóstolos e por companheiros dos apóstolos? **Em parte de modo a garantir aos leitores que eles foram escritos por testemunhas oculares e companheiros das testemunhas oculares**. Uma testemunha ocular merece a confiança de que iria contar a verdade sobre o que realmente aconteceu na vida de Jesus. Mas a realidade é que não é possível confiar em que as testemunhas ofereçam relatos historicamente precisos. Elas nunca mereceram confiança e ainda não merecem. Se testemunhas oculares sempre fizessem relatos historicamente precisos, não teríamos a necessidade de tribunais. Quando precisássemos descobrir o que realmente aconteceu quando um crime foi cometido, bastaria perguntar a alguém. Casos reais demandam muitas testemunhas, porque seus depoimentos diferem entre si. Se duas testemunhas em um tribunal divergissem tanto quanto Mateus e João, imagine como seria difícil chegar a um veredicto.
>
> **A verdade é que todos os Evangelhos foram escritos anonimamente, e nenhum dos autores alega ser uma testemunha. Há nomes ligados aos títulos dos Evangelhos ("o Evangelho segundo Mateus"), mas esses títulos são acréscimos posteriores aos próprios livros**, conferidos por editores e escribas para informar aos leitores quem os editores achavam que eram as autoridades por trás das diferentes versões. Que os títulos não são originalmente dos Evangelhos é algo que fica claro com uma simples reflexão. Quem escreveu Mateus não o chamou de "Evangelho segundo Mateus". As pessoas que deram esse título a ele estão dizendo a você quem, na opinião delas, o escreveu. Autores nunca dão a seus livros o título de "segundo fulano". (1)
>
> _____
>
> 1. Alguns críticos de um dos meus livros anteriores, sobre o problema do sofrimento, sugeriram deturpadamente que o título "O problema com Deus" na verdade deveria ser "O problema com Deus segundo Bart Ehrman" –, mas obviamente não é como eu mesmo chamaria o livro!
>
> (EHRMAN, 2010, p. 118-120, grifo nosso).

d) Karen Armstrong (1944-):

> "**Não sabemos quem escreveu os evangelhos**. Quando apareceram, eles circularam anonimamente, e **só mais tarde foram atribuídos a figuras importantes da Igreja primitiva**. (60) Os autores eram cristãos judeus, (61) que escreviam em grego e viviam nas cidades helenísticas do Império Romano. **Eram não somente escritores criativos - cada um com suas tendências particulares -, mas também redatores competentes, que editaram materiais anteriores**. Marcos escreveu por volta de 70; Mateus e Lucas no final dos anos 80, e João no final dos anos 90. Os quatro evangelhos refletem o terror e a ansiedade desse período traumático. […].
>
> _____
>
> (60) Fredricksen, *Jesus*, p. 19.
>
> (61) Há uma crença muito difundida de que Lucas era gentio, mas não há prova incontestável disso.
>
> (ARMSTRONG, 2007, p. 71, grifo nosso).

e) Juan Arias:

> **O último dos evangelhos, escrito por volta dos anos 90 d.C., é o de João, falsamente atribuído ao chamado "discípulo amado"**, o único dos 12 do qual não se sabe se foi casado. Modernamente, no entanto, alguns autores, entre eles César Vidal, inclinam-se a aceitar a tese de que teria sido realmente escrito pelo apóstolo João. Para tanto, consideram a evidência de o evangelista aparecer como testemunha ocular de alguns fatos e que sua língua é o aramaico, embora escrevesse corretamente em grego.
>
> César Vidal afirma que, mesmo que não fosse o apóstolo João, deveria tratar-se de algum discípulo muito próximo de Jesus. **Seja como for, não se sabe ao certo quem é o autor desse evangelho**, que é o mais diferente dos outros. Pode ter sido escrito pelo mesmo autor do Apocalipse. […] (ARIAS, 2001, p. 47, grifo nosso).

f) Paul Johnson (1928-):

> […] o estudo dos textos escriturais, aplicando os novos métodos de análise histórica e com auxílio da filologia e da arqueologia, revelaram **as Escrituras** como uma coletânea de documentos muito mais complexa do que se havia imaginado até então – **um assombroso composto de alegorias e fatos, a ser peneirado como qualquer outra peça de literatura antiga**. (JOHNSON, 2001, p. 456, grifo nosso).

g) Geza Vermes (1924-):

> […] a opinião de que o assim chamado **Evangelho de João é algo especial, e que reflete**, não a autêntica mensagem de Jesus ou sequer o pensamento dos seus seguidores imediatos sobre ele, mas **uma teologia altamente evoluída de um escritor cristão que viveu três gerações depois de Jesus e completou o seu Evangelho nos primeiros anos do segundo século d.C**. Para o crente médio, o último Evangelho é naturalmente o melhor e o mais confiável dos quatro. […] (VERMES, 2006a, p. 15-16, grifo nosso).
>
> [...] A segunda linha de defesa teve bom êxito e sobrevive até hoje. Ela apresenta João como o biógrafo supremo de Jesus, autor do Evangelho espiritual. Familiarizado com a obra dos seus predecessores, diz-se que ele evitou deliberadamente repetir a maioria das suas histórias, exceto o relato da Paixão, que se limitou a suplementar e enriquecer os seus registros com discursos inteiros atribuídos a Jesus, e em geral a desenvolver doutrinariamente e aperfeiçoar as suas narrativas.
>
> Nenhuma leitura crítica dos quatro Evangelhos justifica tal compreensão de João. Pois é óbvio para qualquer leitor imparcial, sem viés religioso, que, se o Quarto Evangelho está certo, seus precursores têm de estar errados, ou vice-versa. **Os Sinópticos e João não podem estar simultaneamente corretos, pois o primeiro atribui a Jesus uma carreira pública que dura um ano, ao passo que João a estende em dois ou três anos, mencionando duas ou possivelmente três celebrações da Páscoa consecutivas durante o ministério de Jesus na Galileia e na Judeia.** Do mesmo modo, se for exata a datação de João da crucificação na *véspera* da Páscoa, isto é, em 14 Nisan, os Sinópticos, que descrevem a Última Ceia como um jantar de Páscoa e situam os acontecimentos que conduzem à execução em 15 Nisan, têm de estar errados. Ou para hebraizar e adaptar apropriadamente o provérbio inglês à situação da Páscoa judaica, não é possível guardar o pão ázimo e comê-lo! (VERMES, 2006a, p. 18, grifo nosso).
>
> **A mesma opinião majoritária considera a identidade do autor indeterminável**. Exceto pelo **título: "segundo João"**, que é ambíguo – que João? – e que **somente mais tarde foi vinculado ao texto**, o próprio Evangelho, do Capítulo 1 ao Capítulo 20, não menciona nenhum autor. No Capítulo 21, anexado por alguém que não era o evangelista (cf. Versículo 24), há uma tentativa de identificá-lo com "o discípulo amado de Cristo", que se supõe tacitamente ser o pescador galileu João, filho de Zebedeu. (VERMES, 2006a, p. 19, grifo nosso).

Essas opiniões não podem ser desprezadas, pois seria o mesmo que querer tapar o Sol com a peneira.

Qualquer pessoa, que não esteja dominada pela fé cega (ou contaminada pelo vírus do sectarismo), verá que as informações aqui levantadas são irrefutáveis. Elas apontam para autores dos Evangelhos como sendo indivíduos totalmente desconhecidos, que, nem com muito esforço dogmático, poder-se-ia dizer que foram inspirados, tantas as contradições, interpolações e adulterações que constam dos textos bíblicos.

E para confirmar o que estamos dizendo, transcrevemos da historiadora e advogada Paloma Sánchez-Garnica (1962-), autora da obra *O grande Arcano*, a seguinte fala:

> Assim tudo começou. A partir de então, surgiu uma profusão de ideias e de linhas de pensamento: as lutas e enfrentamentos foram numerosos, até que venceu uma dessas correntes; aquela fundada por Paulo e mantida pela corrente grega foi a que triunfou e se impôs ao restante; estabeleceu seu poder definitivamente no concílio de Niceia de 325 e afastou, destruiu, perseguiu ou considerou como hereges todos os que não estivessem de acordo com ela. **Os textos originais dos Evangelhos foram alterados, porque era necessário adaptá-los à população a que eram dirigidos, uma população não judia, e sim romana**, helenizada e com uma mentalidade distinta à dos judeus a quem Jesus havia se dirigido; sua verdadeira mensagem ficou em um segundo plano: valia tudo para aumentar o número de discípulos da nova religião.
>
> A partir desse momento, ou se estava com a Igreja ou contra ela. Em poucos anos, os perseguidos passaram a ser perseguidores; e assim se passaram dois mil anos. (SÁNCHEZ-GARNICA, 2008, p. 428, grifo nosso).

Trazemos, para exemplificar, três passagens do Novo Testamento que não constam de manuscritos mais antigos.

a) Mc 16,9-12 (últimos doze versículos), confirmam: CHAMPLIN, 2005a, p. 800-801; EHRMAN 2006, p. 76-77; JOHNSON, 2001, p. 38; BARRERA, 1999, p. 497 e VERMES, 2006b, p. 353;

b) Jo 8,1-11 (caso da mulher adúltera), afirmam: JOHNSON, 2001, p. 38; BARRERA, 1999, p. 497 e VERMES, 2006a, p. 231;

c) Mt 28,18-20 (citando Pai, Filho e Espírito Santo), mencionam: VERMES, 2006b, p. 377-378; RODRÍGUEZ, 2007, p. 210 e FLUSSER, 2001, p. 156;

Nesse último caso (item c), tudo nos leva a crer que o acréscimo teve como objetivo se justificar a instituição do dogma da Trindade, crença que ainda sobrevive na maioria das igrejas cristãs.

Portanto, a "verdade" que está na Bíblia, não representa outra coisa senão aquilo que os ditos "Pais da Igreja" quiseram que seus fiéis acreditassem que fosse, sem nenhum compromisso com a verdade dos fatos; antes, mais lhes interessavam o status de poder, notoriedade e dinheiro que os cargos da hierarquia da Igreja os proporcionam.

Podemos acrescentar, apenas por curiosidade, duas situações interessantes levantadas por Geza Vermes:

> […] Os habitantes do lugar chamado alternativamente de Gergesa, Gerasa ou Gadara rogaram-lhe polidamente que se afastasse do seu território. Sem dúvida, estavam ressentidos com a perda dos seus suínos, os quais, como ratos, arrojaram-se no lago e morreram, depois que – conforme as pessoas pensaram – Jesus permitiu que demônios exorcizados entrassem no rebanho local de porcos (Mc 5:11-17; cf. Mt 8:30-34: Lc 8:32-7). O local mais provável desse episódio é Gergesa, perto da margem oriental do lago. Variantes dos Manuscritos identificam a cidade como Gadara (Jerash). **Mas se os suínos tivessem partido de qualquer um desses lugares, teriam tido de voar em vez de saltarem, se fosse para desembarcarem no Mar da Galileia**. […] (VERMES, 2006a, p. 198, grifo nosso).
>
> […] A única ocasião em que se relata estar ele **[Jesus] envolvido em escrever** é na **história da mulher surpreendida em adultério** (Jo 8:8), **uma**

> **passagem definitivamente não-autêntica do Novo Testamento**, já que não aparece nos manuscritos gregos mais importantes. […] (VERMES, 2006a, p. 231, grifo nosso).

Acreditamos que esses dois pontos já são o suficiente para derrubar a tão propalada tese da "inerrância" da Bíblia. Não iremos acrescentar mais nada; porém, recomendamos os nossos textos: Falhas da Bíblia "inerrante" e Toda escritura é mesmo inspirada?, com os quais isso ficará sobejamente comprovado.

E para terminar, apresentamos, para dar uma visão geral, o que cerca de duas centenas de especialistas, entre exegetas e teólogos, reunidos no *The Jesus Seminar* (Seminário de Jesus), apresentaram como conclusão sobre o teor dos evangelhos:

> […] Os pesquisadores do SJ chegaram a **concluir que apenas 18% (dezoito por cento) do total de palavras atribuídas a Jesus nos Evangelhos podem ser realmente consideradas autênticas e que apenas 16% (dezesseis por cento) do total de ações a ele atribuídas nos Evangelhos podem ser, de fato, consideradas autênticas**, ou seja, aproximadamente 82% das palavras e 84% das ações atribuídas a Jesus nos Evangelhos não são verdades históricas, mas crenças cristãs (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, p. 1) (SOUZA, 2011, p. 67, grifo nosso).

Ficam aí essas informações para serem analisadas por aqueles que, usando do questionamento, procuram fazer seu nível de conhecimento crescer cada vez mais.

Perdão, punição, redenção, crença ou reencarnação?

As quatro primeiras, são as opções que a maioria das correntes religiosas cristãs tradicionais nos oferece, para o pós-morte, como consequência de nossas ações. A última é um dos princípios do Espiritismo. Mas afinal, qual delas ocorrerá conosco, quando partirmos para nossa viagem ao "além"? Em que base nós poderemos apoiar para descobrir qual delas selará o nosso destino?

Faz-se necessário uma pesquisa na Bíblia para desvendar esse mistério, buscando, principalmente, através de uma análise desvinculada da teologia vigente, para ver se conseguimos identificar sob qual desses aspectos – perdão, punição, redenção, crença ou reencarnação –, é o mais provável de acontecer, sem ferir a misericórdia e a justiça divinas.

Mas é imprescindível colocarmos sob que ângulo nós devemos entender essas coisas:

Perdão: entendido como a hipótese de que não teremos que pagar, em nenhuma circunstância, pelos erros que cometemos, uma vez que Deus nos perdoaria totalmente.

Punição: considerando que o castigo ao culpado, segundo o pensamento vigente, seria eterno.

Crença: sob dois aspectos, crer que Jesus é nosso salvador ou que a salvação está garantida por frequentarmos determinada igreja.

Redenção: tendo como princípio que Jesus morreu na cruz para remissão de nossos pecados.

Reencarnação: como a possibilidade de ser o meio para que se dê a nossa evolução espiritual, servindo também, nas situações que o exigirem, como um "castigo temporário", para pagamento das nossas dívidas.

Vejamos a aplicabilidade dessas alternativas diante das seguintes passagens:

Ex 34,6-7: "*Iahweh passou diante dele, e ele proclamou: 'Iahweh! Iahweh... Deus de ternura e de piedade, lento para a cólera, rico em graça e em fidelidade; que guarda sua graça a milhares, tolera a falta, a transgressão e o pecado,* ***mas a ninguém deixa impune*** *e castiga a falta dos pais nos filhos e nos filhos dos seus filhos, até a terceira e a quarta geração'".*

Jó 4,8: "*Eu vi bem:* ***Aqueles que cultivam a desgraça e semeiam o sofrimento são também os que os colhem****".*

Jó 5,7*: "****É o homem que gera o seu próprio sofrimento****, como as faíscas voam para cima".*

Jó 5,17*: "****Feliz o homem a quem Deus corrige****. Portanto, não despreze a lição do Todo-poderoso".*

Sl 103,8-10*: "O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e* ***assaz benigno. Não repreende perpetuamente****, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades".*

Pr 17,15: "*A****bsolver o culpado e condenar o inocente são duas coisas que Javé detesta****".*

Pr 24,12*: "Você pode dizer que não tem nada com isso, mas Deus pesa os corações e tomará conhecimento. Aquele que vigia sobre a sua vida sabe de tudo, e* ***pagará a***

cada um conforme as obras que tiver feito*".*

Pr 24,24: "***O povo amaldiçoará quem absolver o culpado****, e contra ele todos ficarão irritados".*

Sb 12,1-2: "*O teu espírito incorruptível está em todas as coisas. Por isso, **castigas com brandura os que erram**. Tu os admoestas, fazendo-os lembrar os pecados que cometeram, **para que, afastando-se da maldade, acreditem em ti, Senho**r".*

Sb 12,10: "*Mas t**u os castigaste pouco a pouco, dando-lhes oportunidade de se arrependerem**, embora não ignorasses que vinham de uma raça perversa,..."*

Sb 12,15: "*Tu, porém, és justo, e governas todas as coisas com justiça. **Consideras incompatível com o teu poder condenar alguém que não mereça castigo***".

Sb 12,20: "***Puniste os inimigos de teus filhos com grande brandura e indulgência****, dando-lhes tempo e ocasião para se converterem de sua maldade, quando na verdade eram réus de morte".*

Eclo 16,11: "***Mesmo que houvesse um só homem obstinado, seria estranho se ficasse sem castigo****".*

Eclo 16,15: "*Todo aquele que dá esmola terá uma recompensa, e **cada um será tratado segundo as próprias ações****".*

Eclo 18,12-14*: "A misericórdia do homem é para o seu próximo, porém **a misericórdia do Senhor é para todos os seres vivos**. **Ele repreende, corrige, ensina e dirige**, como o pastor conduz o seu rebanho. Ele tem compaixão dos que aceitam a correção, e dos que se esforçam para lhe cumprir os mandamentos".*

Is 3,11: "*Ai do **ímpio**, porque tudo lhe correrá mal: **será tratado como suas ações o merecem****".*

Is 26,10: "***Se absolvemos o malvado, ele nunca aprende a justiça****; sobre a terra ele distorce as coisas direitas e não vê a grandeza de Javé".*

Lm 3,32-33*: "Embora ele castigue, se compadecerá com grande amor, porque **é contra o seu desejo humilhar e castigar os homens****".*

Na 1,3: "*Javé é lento para a ira e muito poderoso, mas **não deixa ninguém sem castigo**. Borrasca e tempestade fazem o caminho dele; as nuvens são a poeira de seus passos".*

Mt 16,27: "*Porque o Filho do Homem virá na glória do seu Pai, com os seus anjos, e então **retribuirá a cada um de acordo com a própria conduta****".*

1Cor 3,13-15: "*a obra de cada um ficará em evidência. **No dia do julgamento, a obra ficará conhecida**, pois o julgamento vai ser através do fogo, e o **fogo provará o que vale a obra de cada um**. Se a obra construída sobre o alicerce resistir, o operário receberá uma recompensa. Aquele, porém, que tiver sua obra queimada, perderá a recompensa. Entretanto, o operário se salvará, mas como alguém que escapa de incêndio".*

2Cor 5,10: "*De fato, todos deveremos comparecer diante do tribunal de Cristo, **a fim de que cada um receba a recompensa daquilo que tiver feito durante a sua vida no corpo, tanto para o bem, como para o mal****".*

1Pe 1,17: "*Vocês chamam Pai àquele que não faz distinção entre as pessoas, mas **que julga cada um segundo as próprias obras**..."*

Ap 3,19: "*Quanto a mim, **repreendo e educo todos aqueles que amo**. Portanto, seja fervoroso e mude de vida!"*

Ap 20,12: "... *Foi também aberto outro livro, o livro da vida. Então **os mortos foram julgados de acordo com sua conduta**, conforme o que estava escrito nos livros".*

Antes da análise, duas coisas nós precisamos considerar. A primeira é que devemos levar em consideração que *"Os pais não serão mortos pela culpa dos filhos, nem os filhos pela culpa dos pais. Cada um será executado por causa de seu próprio crime*" (Dt 24,16), não havendo, portanto, a mínima possibilidade de alguém possa pagar pelo erro do outro. A segunda é que se *"[...] Deus não mente [...]"* (Tt 1,2) e que *"Eu sou Javé, e não mudo" (*Ml 3,6), não podemos ter nada que possa nos dar a ideia que Deus tenha mudado de opinião ou que possa ser contraditório com algo dito anteriormente.

A questão do perdão não se aplica em nenhum dos tópicos, já que em todas as situações é aceito que nossa irresponsabilidade tenha a consequente penalidade. Da mesma forma, poderemos dizer isso em relação à crença e à remissão. E, em relação a essa última, sabemos da existência de algumas passagens que nos levam a essa conclusão, entretanto, devemos considerá-las como pensamento do próprio autor ou adaptação do texto bíblico às conveniências teológicas.

Quanto à punição, poderia ser aplicada em todas, desde que esse castigo não fosse eterno, já que nos textos fica bem claro a misericórdia de Deus para conosco, de tal forma que não se pode admitir uma só punição que vá além da falta cometida, como seria o caso do castigo ser eterno.

Assim, podemos concluir que a única opção que atende plenamente a todos os itens indistintamente é a reencarnação. Atende, incontestavelmente, a questão do "merecido castigo", mas não deixa de lado a misericórdia divina, bem como a questão crucial da aplicação da pena, que há de ser justa. E é também por ela, que se cumprirá a vontade irrevogável de Deus que *"quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade"*. (1Tm 2,4).

Reencarnação na Bíblia

A grande maioria dos religiosos das religiões tradicionais faz de tudo para provar que a reencarnação não existe, pelo fato dessa palavra não constar da Bíblia, considerada por todos eles como sendo a inerrante palavra de Deus. Geralmente, tomam para justificar sua origem divina a seguinte passagem:

> 2Timóteo 3,16-17: "***Toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar**, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, preparado para toda boa obra*".

Em nossa pesquisa, em diversas Bíblias, surpreendemo-nos com a divergência do teor do trecho destacado, que também tem as seguintes traduções:

Textos	Bíblias
"*Toda Escritura é inspirada por Deus é útil para instruir, […]*".	Mundo Cristão, Novo Mundo, Santuário, Vozes, Ave-Maria e de Jerusalém (2002), do Peregrino e Pastoral; bem próximo: Shedd, de Jerusalém (1987) e TEB.
"*Toda Escritura divinamente inspirada, é útil para ensinar, […]*".	Barsa, Paulinas (1957, 1977 e 1980), SBB; bem próximo: STBB.
"*Toda Escritura, inspirada por Deus, é útil […]*".	Vulgata – trad. S. Jerônimo em latim. (cfe. Nota da Bíblia de Jerusalém, p. 2077).

Embora pareça que os textos sejam semelhantes, eles não dizem a mesma coisa, por conta da pontuação. E além disso o "divinamente inspirada" dá ideia de que há escrituras que não foram inspiradas pela divindade.

Por outro lado, podemos apresentar dois grandes problemas que nos surgem:

1º – Quando essa carta foi escrita, entendiam como "Escritura" somente a Bíblia Judaica, que, segundo o historiador hebreu Flávio Josefo, possuía apenas 22 livros, que fazem parte do Antigo Testamento constante das Bíblias cristãs. Entretanto, a Bíblia Católica tem 46 livros e a Protestante 39 livros; além da divergência entre si, ambas também divergem da quantidade da Bíblia Judaica.

2º – Estudiosos modernos já não mais atribuem as duas cartas a Timóteo, como sendo de autoria de Paulo; o verdadeiro autor é, simplesmente, um desconhecido.

É certo que nós, os espíritas, não precisamos nos preocupar em demonstrar que a reencarnação está na Bíblia, pelo simples motivo de não ser ela, a Bíblia, a base dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita; dela tomamos os ensinamentos morais do Cristo e, também, sim, o que resulta das leis naturais criadas por Deus para reger tudo no Universo. Oportuna esta fala de Kardec:

> […] **A reencarnação** não é, pois, uma opinião, um sistema, como uma opinião política ou social, que se pode adotar ou recusar; **é um fato ou não o é; se é um fato, é inútil não ser do gosto de todo o mundo, tudo o que se disser não o impedirá de ser um fato**. (KARDEC, 1993b, p. 266, grifo nosso).

Portanto, para nós, os espíritas, a palavra reencarnação estar ou não mencionada na Bíblia, a bem da verdade, não faz a menor diferença, porquanto ela existe como uma Lei

divina natural e não como fundamento bíblico-teológico.

Quem sabe se o fato do Sol morrer à tardinha, para renascer glorioso no dia seguinte, se algumas árvores morrem depois de um rigoroso inferno, para exuberantes renascerem toda florida na primavera, se as lagartas fabricam seu casulo para neles morrerem, certas que reviverão não mais num corpo que as faziam se arrastarem pelo chão, mas em outro corpo que lhes proporcionará voar livremente pelos ares, tudo isso não seja Deus nos mostrando que estamos vinculados ao "Nascer, crescer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei". (frase no túmulo de Kardec).

Provavelmente, uma pergunta nos farão: "Se é assim, por que, então, você está se preocupando com isso?" Nosso objetivo e preocupação é, em primeiro lugar, provar aos recém-chegados ao Espiritismo que a reencarnação é, sim, ensinamento bíblico e, em segundo, demonstrar aos ortodoxos que vivem alegando não estar a reencarnação na Bíblia. (Que ela está lá, é algo tão claro que nos causa espécie ver que muitos não a enxergam; ou será que não querem enxergar?).

Há de se perguntar: a origem da crença dos Espíritas na reencarnação seria pelo fato dela ter vindo dos Espíritos Superiores? Vejamos:

> "[…] Se nós, e tantos outros, **adotamos a opinião da pluralidade das existências, não foi somente porque ela nos veio dos Espíritos, mas porque nos pareceu a mais lógica**, e que só ela resolve as questões até agora insolúveis. S**e viesse de um simples mortal nós a adotaríamos do mesmo modo**, e não hesitaríamos antes em renunciar às nossas próprias ideias; do momento em que um erro é demonstrado, o amor-próprio tem mais a perder do que a ganhar obstinando-se numa ideia falsa. Do mesmo modo, teríamos repelido, embora vinda dos Espíritos, se ela nos parecesse contrária à razão, como as repelimos muitas outras, porque sabemos, por experiência, que **não é preciso aceitar cegamente tudo o que vem de sua parte,** não mais do que vem da parte dos homens." (KARDEC, 2001a, p. 301-302, grifo nosso).

Foi, portanto, a lógica que norteou Kardec a aceitar a reencarnação e não pelo fato dela ter vindo dos Espíritos. Aliás, diga-se de passagem, o Codificador nunca quis impor seu pensamento a ninguém:

> O Espiritismo se dirige aos que não creem ou que duvidam, e não aos que têm fé e a quem essa fé é suficiente; ele não diz a ninguém que renuncie às suas crenças para adotar as nossas, e nisto é consequente com os princípios de tolerância e de liberdade de consciência que professa. […]. (KARDEC, 2001, p. 36).

Timothy Freke (1959-) e Peter Gandy (?-), autores de *Os mistérios de Jesus*, disseram que "É difícil acreditar que uma coisa que desde a infância nos foi dito ser verdade pode ser na verdade um produto de falsificação e fantasia" (FREKE e GANDY, 2002, p. 20), com o que, totalmente, concordamos. Um pouco mais à frente completam:

> É fácil acreditar que uma coisa deve ser verdade porque todas as outras pessoas acreditam que é. Mas a verdade muitas vezes só surge quando se ousa questionar o inquestionável, duvidar de noções que são vulgarmente consideradas verdade e tomadas por certas. (FREKE e GANDY, 2002, p. 21).

Exato; aquilo que for realmente verdadeiro não deixará de sê-lo porque alguém se atreveu a questionar, porquanto a verdade bem suportará isso e sairá incólume.

Um dos argumentos sempre utilizado contra nós é o de que não somos cristãos, pelo motivo de defendermos ensinamento que Jesus não nos passou, pois, para esses ortodoxos, que nos acusam, o Mestre jamais falou em reencarnação; o que, para nós, não é bem a verdade, como veremos no desenrolar desse estudo.

Não há dúvida de que a palavra reencarnação não aparece uma só vez na Bíblia, e disso argumentam que não poderíamos acreditar nela; agora, chegou a vez de trocarmos uma pela

outra: a palavra Trindade não consta nela e, no entanto, a grande maioria dos cristãos acredita no Deus trino. Será possível que se utilizam de "dois pesos e duas medidas"?

Entretanto, o curioso é que, na Bíblia, é muito mais fácil achar a ideia da reencarnação do que algo que venha a confirmar a Trindade. Os passos utilizados para defender a crença na Trindade são:

> Mateus 28,19: "*Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo*."
>
> 1João 5,7-8: "*Porque há três que testemunham (no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo, e esses três são um só; e há três que testemunham na terra); o Espírito, a água e o sangue, e esses três são um só.*" ([15])

Estudiosos bíblicos têm-nas como acréscimos, por não constar de Manuscritos mais antigos. Inclusive, em Atos (2,38; 10,48) o batismo era feito só "em nome de Jesus", inclusive, em At 10,48, se vê que os gentios foram batizados "em nome de Jesus", depois de terem recebido o Espírito Santo (At 10,44).

Compare-se a versão de Marcos para a mesma narrativa de Mateus: "*Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura*". (Marcos 16,15), a falta aqui do "*batizando em nome do Pai, do Filho e o Espírito Santo*", parece confirmar que se trata mesmo de um acréscimo. Além da divergência no teor, há também o fato de que, em Lucas e João, nada disso é mencionado.

Ademais a Trindade pode ser uma simples questão de uma aculturação de crenças pagãs de vários povos (SOUZA, 2007). Vejamos a comparação:

> **Egípcios**: Osíris (pai); Ísis (mãe) e Hórus (filho).
>
> **Hinduísmo**: Brama (pai); Shiva (mãe) e Vishnu (filho)
>
> **Cristianismo**: Deus (pai); Espírito Santo (???) e Jesus (filho).

No cristianismo, os personagens são todos masculinos; portanto, nem mesmo seguiram o padrão comum, que é o de "pai, mãe e filho", ou seja, uma família divina. Muito estranho, naõ?!

Tomemos da obra *Reencarnação baseada em fatos*, de autoria do suíço Karl E. Muller (1927-), que recebeu o Prêmio Nobel de Física em 1987, a seguinte explicação:

> A palavra 'reencarnação' foi gradualmente aceita para transmitir a ideia da possibilidade de um espírito humano ou alma ter diversas vidas sobre a terra. De acordo com o dicionário inglês *Shorter Oxford*, foi usada pela primeira vez em 1.858, sendo definida como ato de encarnar novamente. Encarnar significa entrar na carne e reencarnar expressa o ato de entrar na carne outra vez. O ego humano separa-se do corpo físico após a morte e, após algum tempo, retorna a um corpo novo. O termo empregado na Grécia antiga era 'metempsicose', geralmente traduzido como a 'transmigração das almas'. É uma designação mais genérica, pois não é limitada pelo renascimento num corpo humano, mas inclui a ideia, então aceita, de que a alma poderia renascer também num animal ou vegetal. (MULLER, 1986, p. 19).

É um fato singular que a palavra reencarnação tenha entrado pela primeira vez num dicionário no ano de 1858, exatamente um ano (no máximo) depois de Allan Kardec (1804-1869) ter publicado, em 18 de abril de 1857, a obra *O Livro dos Espíritos*, na qual a utiliza. Podemos, diante disso, atribuir ao Codificador do Espiritismo a sua criação, ou, no mínimo, a sua vulgarização.

É importante deixar claro que Kardec, seguindo instruções dos Espíritos superiores, não admitia a reencarnação da alma humana em corpos de animais, porquanto "Isso seria retrogradar e o Espírito não retrograda. O rio não remonta à sua nascente". (KARDEC, 2007a,

15 A versão real dessa carta de João: "*Porque três são os que dão testemunho: o Espírito, e a água, e o sangue; e estes três concordam*."

p. 339).

O que se admite é que o princípio inteligente, que hoje anima um ser humano, veio de uma evolução progressiva, passando pelo reino animal; porém, seu progresso é ascendente, nunca volta a um estágio anterior pelo qual já passou. Mas isso é uma outra história, que não é o momento de desenvolvermos aqui. Aos interessados recomendamos o nosso livro *Alma dos Animais: Estágio anterior da alma humana?*, publicado pelo GEEC – Grupo Educação, Ética e Cidadania, de Divinópolis, MG (www.panoramaespirita.com.br).

Há uma série de perguntas sem respostas, se levarmos em conta a vida ser única, ou seja, não existir reencarnações nas quais o espírito ou alma, como queiram, possa progredir em conhecimento e moralidade.

Uma delas é: se nossos espíritos são criados no momento do nascimento, nenhum conhecimento possuem; então, como explicar que até numa mesma família os filhos se tornam completamente diferentes uns dos outros, apesar de receberem dos pais a mesmíssima educação? Além disso, vê-se que muitas crianças não "morrem de amores" por um dos pais, o que nos leva a concluir que esse desamor foi algo que Deus colocou em seus corações. Um absurdo!

A genialidade é outra coisa que deixa embaraçados os antirrencarnacionistas, pois eles só podem explicá-la levando-se em conta que Deus estabelece privilégios, apesar desta afirmação em contrário: "*Deus não faz acepção de pessoas*" (Atos 10,34, 15,9; Romanos 2,11, Gálatas 2,6, Efésios 6,9, Colossenses 3,25 e 1Pedro 1,17). É certo que alguns tentam explicá-la com a memória genética; entretanto, os fatos nos dão conta de que isso é pura falácia, já que pais gênios não transmitem a genialidade aos filhos, dado que muitos pais gênios têm filho medíocres e vice-versa.

Como explicar a utilidade da vida para todas aquelas crianças que nascem com deficiência mental? Por que umas nascem cegas, aleijadas, idiotas, e as mais variadas doenças degenerativas, enquanto milhares de outras nascem perfeitas?

Questionamentos desse tipo não passaram despercebidos por Kardec:

> Se não há reencarnação, só há, evidentemente, uma existência corporal. Se a nossa atual existência corpórea é única, a alma de cada homem foi criada por ocasião do seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma, caso em que se caberia perguntar o que era ela antes do nascimento e se o estado em que se achava não constituía uma existência sob forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia, ou não existia antes do corpo. Se existia, qual a sua situação? Tinha, ou não, consciência de si mesma? Se não tinha, é quase como se não existisse. Se tinha individualidade, era progressiva, ou estacionária? Num e noutro caso, a que grau chegara ao tomar o corpo? Admitindo, de acordo com a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou, o que vem a ser o mesmo, que, antes de encarnar, só dispõe de faculdades negativas, perguntamos:
>
> 1º Por que mostra a alma aptidões tão diversas e independentes das ideias que a educação lhe fez adquirir?
>
> 2º Donde vem a aptidão extranormal que muitas crianças em tenra idade revelam, para esta ou aquela arte, para esta ou aquela ciência, enquanto outras se conservam inferiores ou medíocres durante a vida toda?
>
> 3º Donde, em uns, as ideias inatas ou intuitivas, que noutros não existem?
>
> 4º Donde, em certas crianças, o instinto precoce que revelam para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixeza, contrastando com o meio em que elas nasceram?
>
> 5º Por que, abstraindo-se da educação, uns homens são mais adiantados do que outros?
>
> 6º Por que há selvagens e homens civilizados? […].
>
> […].
>
> Vimos de apreciar a alma com relação ao seu passado e ao seu presente. Se a considerarmos, tendo em vista o seu futuro, esbarraremos nas mesmas dificuldades.
>
> 1ª Se a nossa existência atual é que, só ela, decidirá da nossa sorte vindoura, quais, na vida futura, as posições respectivas do selvagem e do

> homem civilizado? Estarão no mesmo nível, ou se acharão distanciados um do outro, no tocante à soma de felicidade eterna que lhes caiba?
>
> 2ª O homem que trabalhou toda a sua vida por melhorar-se, virá a ocupar a mesma categoria de outro que se conservou em grau inferior de adiantamento, não por culpa sua, mas porque não teve tempo, nem possibilidade de se tornar melhor?
>
> 3ª O que praticou o mal, por não ter podido instruir-se, será culpado de um estado de coisas cuja existência em nada dependeu dele?
>
> 4ª Trabalha-se continuamente por esclarecer, moralizar, civilizar os homens. Mas, em contraposição a um que fica esclarecido, milhões de outros morrem todos os dias antes que a luz lhes tenha chegado. Qual a sorte destes últimos? Serão tratados como réprobos? No caso contrário, que fizeram para ocupar categoria idêntica à dos outros?
>
> 5ª Que sorte aguarda os que morrem na infância, quando ainda não puderam fazer nem o bem, nem o mal? Se vão para o meio dos eleitos, por que esse favor, sem que coisa alguma hajam feito para merecê-lo? Em virtude de que privilégio eles se veem isentos das tribulações da vida?
>
> (KARDEC, 2007a, p. 170-173).

Por mais que se queira encontrar as respostas, para todos esses questionamentos, na crença da unicidade da vida, não se logrará êxito, pois jamais podemos deixar de levar em conta que Deus é justo e o que dá a um, certamente, dará a todos. A não ser que se apele para a famosa desculpa "mistérios de Deus"…

A primeira nação sob a qual os judeus estiveram subjugados foi, segundo a Bíblia, o Egito; leiamos a informação:

> Êxodo 12,40-41: "***A estada dos israelitas no Egito durou quatrocentos e trinta anos****. No mesmo dia em que findavam os quatrocentos e trinta anos, os exércitos de Iahweh saíram do país do Egito*".

Não temos nenhuma dúvida de que seria completamente improvável que um povo totalmente subjugado a outro, pelo período de quatrocentos e trinta anos, perto de dez a doze gerações, considerando a perspectiva de vida da época, não absorvesse parte da cultura daquele que o dominava.

É importante vermos se os egípcios acreditavam ou não na reencarnação, uma vez que isso é primordial para nosso estudo, pois comprovará que, além de ser uma crença muito antiga, os hebreus tiveram contato bem de perto com ela.

Recorreremos ao Dr. Hernani de Guimarães Andrade (1913-2003), que foi um dos poucos que, no Brasil, se dedicou à pesquisa sobre a reencarnação, que, em sua obra *Você e a reencarnação*, nos apresenta informações sobre a cultura do povo do Egito antigo:

> O livro de Fontane, sobre o Egito, menciona uma referência ainda mais antiga da palingênese (3.000 a.C.):
>
> > "***Antes de nascer a criança já viveu****; e a morte não é o fim.* ***A vida é um evento que passa como o dia solar que renasce***". (Müller, 1970, p. 21).
>
> (ANDRADE, 2002a, p. 22, grifo nosso).

Observe, caro leitor, a data mencionada – 3.000 anos a.C. –, prova a antiguidade dessa crença; portanto, não é algo novo criado pelos espíritas. Informamos: "*palingenesia* (ou palingênese) que etimologicamente provém do grego: *palin* = de novo e *gignomai* = gerar, isto é: novo nascimento". (ANDRADE, 2002a, p. 19).

Se "antes de nascer a criança já viveu" estamos falando de reencarnação, na qual é fator importante a preexistência do Espírito, princípio que daqui já se pode, seguramente, concluir, porquanto o "já viveu" se refere a uma vida antes do nascimento. Pela afirmativa de que "a morte não é o fim", podemos ver a afirmação de que a alma é imortal.

Por outro lado, a comparação com o Sol é bem interessante, pois a semelhança "de

nascer e morrer" todos os dias nos dá uma ideia do que, exatamente, nos ocorre na reencarnação, ou seja, na essência, somos espíritos e por isso a nossa vida é única, apesar de nascermos e morrermos milhares de vezes, ou melhor, enquanto for necessário para atingirmos a perfeição possível a uma criatura de Deus.

Dessa obra do Dr. Hernani podemos ainda citar:

> O sacerdote *Manethon* afirmava que a reencarnação era também dogma fundamental da religião egípcia. O *Papiro Anana* (1.320 a.C.) diz o seguinte:
>
> "***O homem retorna à vida várias vezes**, mas não recorda de suas prévias existências, exceto algumas vezes em um sonho, ou como um pensamento ligado a algum acontecimento de uma vida precedente. Ele não pode precisar a data ou o lugar desse acontecimento, apenas nota serem-lhe algo familiares. No fim, todas essas vidas ser-lhe-ão reveladas*".
>
> (ANDRADE, 2002a, p. 21, grifo nosso).

A reencarnação, como dogma fundamental da religião egípcia, é algo que nem imaginávamos ser um importante fator cultural dos egípcios.

De tudo que encontramos, no teor desse papiro, o que mais se aproximou do que na Doutrina Espirita se advoga a respeito da reencarnação, foram as seguintes coisas: esquecimento do passado, lembrança de outras vidas em sonho, *déjà vu*, as experiências reencarnatórias como patrimônio do Espírito que serão conectadas na época propícia.

Ramses Seleem (?-), mestre e doutor em História Egípcia, apresenta na obra *O livro dos mortos do antigo Egito*, transcrições de alguns papiros, entre os quais o de Hunefer e de Ani. Delas retiramos, por oportuno, os seguintes trechos:

> **a)** Os **Papiros de Hunefer** (Hunefer foi escriba oficial e contador do Rei Maat-Men-Ra (Seti I), escrito por volta de 1.400 a.C.)
>
> "***A verdade manifesta-se pelas reencarnações***". (item 31 da Prancha 8).
>
> (SELEEM, 2003, p. 57,100 e 103, grifo nosso).
>
> **b) Papiro Ani** (escrito por volta de 1.200-1.500 a.C.)
>
> No papiro de Ani, (o chefe dos escribas do faraó Seti I) diz:
>
> "[…] ***Os homens não vivem apenas uma vez** e depois desaparecem para sempre; **vivem inúmeras vidas em diferentes lugares, mas nem sempre neste mesmo mundo**, e em meio a cada vida, há um véu de sombras. As portas finalmente se abrirão e veremos todos os lugares que nossos pés percorreram desde o princípio dos tempos. […]*".
>
> (SELEEM, 2003, p. 14, grifo nosso).

Fantástica a afirmação de que "A verdade manifesta-se através das reencarnações"; mais retumbante do que essa, não encontraremos.

A novidade no Papiro Ani é que se admite reencarnações em outros mundos. Na Doutrina Espírita temos a informação de que podemos, sim, reencarnar em outros planetas. Seguindo paralelamente à nossa evolução moral e espiritual, habitaremos planetas compatíveis com essa evolução conquistada, no decorrer de nossas reencarnações, tal e qual um aluno que, depois de ter concluído o ensino médio, desejando evoluir, vai para um estabelecimento de ensino superior, por lhe ser o compatível com o nível de conhecimento. E depois, se quiser evoluir ainda mais, continua estudando extracurricularmente, como os bons profissionais o fazem.

Aqui, nesse tópico, fica demonstrada a crença dos egípcios na reencarnação, bem próxima das particularidades que, hoje, nós, os espíritas, vemos nela. E o fato dos hebreus, conforme dissemos, terem vivido por mais de quatro séculos nesse ambiente, leva-nos a supor que, facilmente, beberam nessa fonte.

Outros povos, que nos interessam nesse estudo, aos quais os judeus ficaram

subjugados[16], foram: Babilônios de 586 a 538 a.C. (primeiro exílio); Persas de 538 a 333 a.C.; Gregos de 332 a 142 a.C. e Romanos de 63 a.C. a 313 d.C.

Provavelmente todos esses povos exerceram influência cultural sobre os judeus; entretanto, o que mais particularmente queremos apontar são os gregos. Em *História dos Hebreus*, temos a seguinte informação do historiador Flávio Josefo (37-103 d.C.): "[…] abracei a seita dos fariseus, que se aproxima mais que qualquer outra da dos estoicos, entre os gregos". (JOSEFO, 2003, p. 477).

Diante dessa afirmação de Josefo, cabe-nos, agora, descobrir o que pensavam os estoicos. Deles temos a seguinte informação:

> […] Vejamos o apologista e historiador Lactâncio, no século IV, expressando pensamento dos seus contemporâneos cristãos: "**Os pitagóricos e estoicos afirmavam que a alma não nasce com o corpo. Antes, eles dizem que ela foi introduzida no mesmo e que migra de um corpo para outro**". (HESSEN, 2003, p. 27, grifo nosso).

Temos aqui a confirmação da possibilidade dos judeus terem absorvido a cultura grega, especificamente, dos estoicos que acreditavam que a alma "migra de um corpo para outro", que não é outra coisa senão aquilo que entendemos por reencarnação. Se essa crença não fosse generalizada entre os judeus, por lógica, não haveria razão para acreditarem que Jesus pudesse ter sido algum personagem bíblico do passado: Elias, Jeremias ou algum dos profetas (Mateus 16,14).

Seguindo em frente, será de bom alvitre demonstrarmos que no judaísmo também se acredita na reencarnação.

Russell Norman Champlim (1933-) e J. M. Bentes (1932-), falando sobre a reencarnação, no pensamento hebreu, assim nos informa:

> É perfeitamente possível que aquela indagação feita por Jó: "Morrendo o homem, porventura tornará a viver?" (Jó 14:14), tenha sido uma especulação quanto à possibilidade da reencarnação. Não encontramos provas quanto a essa hipótese, entretanto. **Mas os escritores místicos da Cabala dos judeus ensinavam claramente o conceito da reencarnação**. A palavra "Cabala" significa "receber", e se refere à tradição mística. É obscura a origem desse sistema. Porém, encontram-se evidências sobre temas cabalísticos, tanto na teosofia especulativa quanto na taumaturgia prática, na literatura apócrifa e apocalíptica dos hebreus, evidências essas abundantes na *literatura talmúdica e midrâshica*. O desenvolvimento dos escritos cabalísticos prolongou-se por certo número de séculos. Ao longo do processo, foram sendo incorporados elementos provenientes do gnosticismo, do neoplatonismo e do neopitagoreanismo (e, quiçá, do zoroastrismo e do sufismo). De 550 a 1000 d. C., a Cabala passou por um desenvolvimento sistemático. O seu mais significativo volume veio a ser o Zohar, divulgado por Moisés de Leão, em 1200. Com o advento do Zohar, o estudo da Cabala propagou-se entre as massas populares, pelo que essa forma de misticismo deixou de ser uma doutrina privada, mas tornou-se largamente difundida. A Cabala jamais sentiu a restrição da "letra que mata", e a Bíblia passou a ser interpretada não apenas literalmente, mas também, alegoricamente, homileticamente, e mesmo misticamente.
>
> **Antes do desenvolvimento formal da Cabala o judaísmo passou a contar com alguns elementos que foram os proponentes da ideia da reencarnação. Josefo revela-nos claramente que as escolas dos fariseus, em seus dias, ensinavam tal doutrina. Os teólogos-filósofos judeus diretamente influenciados pelo platonismo, como *Filo* (30 a.C.-50 d.C.) faziam da reencarnação uma parte importante dos seus sistemas. É provável que o neoplatonismo tenha exercido influência sobre os fariseus da época de Jesus**, bem como sobre o desenvolvimento dos escritos cabalísticos, pelo menos até certo ponto. Deveríamos acrescentar, entretanto, que, excetuando o caso dos estudiosos da Cabala, o conceito da reencarnação nunca produziu qualquer efeito duradouro sobre o pensamento judaico.

16 http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/israel/historia-de-israel.php, acesso em 05.02.2012 às 09:45hs.

(CHAMPLIN e BENTES, 1995e, p. 585, grifo nosso).

Socorre-nos, ainda, o escritor Severino Celestino da Silva (1949-) que, se referindo à crença dos hebreus, cita a seguinte fala do Rabino Arieh Kaplan: "Não é possível entender a Cabalá sem acreditar na eternidade da alma e suas reencarnações". (SILVA, 2001, p. 159).

Cabala ou Cabalá como alguns a escrevem, segundo o dicionário *Houaiss*, significa:

> Sistema filosófico-religioso judaico de origem medieval (sXII-XIII), mas que integra elementos que remontam ao início da era cristã [Compreende preceitos práticos, especulações de natureza mística, esotérica e taumatúrgica; afirma que o universo é uma emanação divina, tendo grande importância a interpretação e deciframento dos textos bíblicos (Antigo Testamento).].

Na entrevista *Conceitos do Judaísm*o, publicada pela revista *Coleções Religiões do Mundo: Judaísmo*, os autores Victor Rebelo (1976-) e Érika Silveira (1973-) fornecem outra fonte que vem corroborar essa crença, que é o Prof. Abrão Bernardo Zweiman (1957-), presidente de uma sinagoga localizada no bairro Bom Retiro, em São Paulo (SP), administrador dos cemitérios israelitas de São Paulo e diretor das Faculdades Renascença, respondendo à pergunta: "**Então, para os judeus, existe a reencarnação?**" (grifo nosso) disse-lhes:

> **Acreditamos na reencarnação** e, também, na ressurreição dos mortos. **Sob a ótica do judaísmo, a reencarnação não tem um momento preciso que conheçamos, mas entendemos que a alma, durante sua existência, passa por um estado de aperfeiçoamento eterno**. Passar pelo mundo terreno para adquirirmos experiências das coisas, sentimentos, valores e sensações físicas **é necessário para nosso aperfeiçoamento e nossa aproximação de Deus**. Agora, ressurreição dos mortos é algo que viria estritamente com a chegada do Messias, seria o momento em que todos os mortos se reergueriam de suas sepulturas. Explicando melhor, parte dessas almas retornaria para dar vida aos corpos de que se utilizaram.
>
> Segundo os conceitos judaicos, a alma poderia estar reencarnada, entretanto, na chegada do Messias, ela animaria todos os outros corpos pelos quais já passou. Acreditamos ainda que a alma não é simplesmente humana, o que significa que, em **um estágio anterior, ela pode ter vivido em outros reinos, como o mineral, o vegetal ou o animal, podendo reanimá-los também**. (REBELO e SILVEIRA, s/d, p. 23-24, grifo nosso).

Bem definida a reencarnação como algo que "é necessário para nosso aperfeiçoamento e nossa aproximação de Deus", exatamente de conformidade com o que acreditamos no Espiritismo. E, aproveitando o momento, é interessante ressaltar que, para nós, os espíritas, reencarnamos não para pagar, mas para evoluirmos e nos aproximarmos de Deus, conforme o que também se pensa a respeito no judaísmo, segundo nos informa o Prof. Abrão Bernardo.

Quanto ao estágio anterior da alma, no Espiritismo aceita-se que o princípio inteligente evolui através de experiências em outros reinos da natureza, especialmente, o reino animal. Entretanto, como dito, o princípio inteligente, uma vez animando um ser humano, não mais voltará a condições anteriores, porquanto, isso seria retrogradar.

Não podemos deixar de demonstrar que, bem próximo à época em que Jesus viveu, encontraremos a crença na reencarnação como fazendo parte do dia a dia dos judeus, se não de todos eles, pelo menos de um grupo de suas três correntes religiosas – saduceus, fariseus e essênios. Vejamos, o que nos informou o Dr. Hernani Guimarães, na obra já citada:

> *Flavius Josephus* (37 a 103 a. D.), intelectual e historiador judeu que, em sua famosa obra *De Bello Judaico*, faz a seguinte advertência aos soldados que preferiam desertar, suicidando-se:
>
> > "Não vos recordais de que todos os espíritos puros que se encontram em conformidade com a vontade divina vivem no mais humilde dos lugares celestiais, e que **no decorrer do tempo eles serão novamente enviados de volta para habitar corpos inocentes**? Mas que as almas

> daqueles que cometeram suicídio serão atiradas às regiões trevosas do mundo inferior? (Josephus, 1910)".
>
> (ANDRADE, 2002a, p. 28, grifo nosso).

Em consulta a obra *História dos Hebreus*, encontramos Flávio Josefo falando dos fariseus, grupo ao qual pertencia, afirmando que: "Eles julgam que as almas são imortais, que são julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas segundo foram neste, viciosas ou virtuosas; que umas são eternamente retidas prisioneiras nessa outra vida e que **outras voltam a esta**". (JOSEFO, 2003, p. 416, grifo nosso).

Percebe-se que a reencarnação, nessa visão, seria um prêmio aos virtuosos, enquanto que a pena das almas dos viciosos era a de ficarem retidas prisioneiras no outro mundo, o que, certamente, difere da forma em que na Doutrina Espírita se vê isso.

Confirmando a crença na reencarnação dos judeus contemporâneos de Jesus, podemos citar algumas passagens dos Evangelhos, nas quais se vê que pensavam que o Mestre poderia ser João Batista, Elias, Jeremias ou alguns dos profetas (Mateus 16,13-14, Marcos 6, 14-15; 8,27-28-, Lucas 9,7-8, 18-19).

Isso prova que os judeus acreditavam, sim, na reencarnação, pois, excetuando-se João Batista, por ter sido contemporâneo de Jesus, todos os outros personagens mencionados somente via reencarnação poderiam animar o corpo de Jesus, cujo pai e mãe todos conheciam. Tem que ser muito cego para não ver isso!

Russell Norman Champlin (1933-) e J. M. Bentes (1932-), também confirmam isso ao falarem sobre a reencarnação no pensamento cristão:

> **Nas páginas do Novo Testamento existem diversas referências que quase certamente refletem a crença na reencarnação, por parte dos judeus, nos dias de Jesus, bem como por parte de certos primitivos cristãos**. Essa ideia, entretanto, não penetrou no sistema como um dogma. (Informação sobre a reencarnação, artigos das enciclopédias, *Britannica*, *Americana* e *Encyclopedia* of *Religion*, Vergilius Ferm, editor). (CHAMPLIN e BENTES, 1995e, p. 585, grifo nosso).

Sigamos em frente.

Munido dessas informações, vamos, a partir de agora, ver o que se encontra na Bíblia sobre a reencarnação. Podemos observar, como será demonstrado, que, além da reencarnação, mais três princípios, a ela relacionados e defendidos pelo Espiritismo, estão nela. São eles:

1º) a preexistência;

2º) a lei de causa e efeito; e

3º) a lei do progresso.

Trazemos, na sequência, para justificá-los, vários passos bíblicos, nos quais faremos destaques, visando chamar a atenção do trecho em que se evidenciam esses princípios:

1º) Preexistência

Tobias 6,18: "[…] Antes de se unir a ela, levantem-se os dois e rezem, pedindo ao Senhor do céu que tenha misericórdia e proteja vocês. Não tenha medo. Ela foi destinada a você desde a eternidade*, e você é quem vai salvá-la*".

Salmos 51,7: "*Eis que eu **nasci na culpa**, e minha mãe já me concebeu pecador*".

Eclesiastes 3,15: "***O que existe, já havia existido**; o que existirá, já existe, e Deus procura o que desapareceu*".

Sabedoria 8,19: "*Eu era um jovem de boas qualidades e tive a sorte de ter uma boa alma, ou melhor, **sendo bom, vim a um corpo sem mancha***".

Isaías 49,1: "*Nações marinhas, ouvi-me, povos distantes, prestai atenção: o Senhor **chamou-me antes de eu nascer**, desde o ventre de minha mãe ele tinha na mente o*

meu nome;". ([17])

Jeremias 1,4-5: "*Recebi a palavra de Javé que me dizia: '**Antes de formar você no ventre de sua mãe, eu o conheci**; antes que você fosse dado à luz eu o consagrei, para fazer de você profeta das nações'*".

João 8,58: "J*esus respondeu: 'Eu garanto a vocês: **antes que Abraão existisse, eu sou**'*".

João 17,5: "*E agora, Pai, glorifica-me junto a ti, como **a glória que eu tinha junto de ti antes que o mundo existisse***".

Efésios 1,3-4: "*Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo: Ele nos abençoou com toda bênção espiritual, no céu, em Cristo. **Ele nos escolheu em Cristo antes de criar o mundo para que sejamos santos e sem defeito diante dele**, no amor*".

2º) Lei de Ação e reação

Levítico 24,20: "*Se alguém ferir o seu próximo, deverá ser feito para ele aquilo que ele fez para o outro: fratura por fratura, olho por olho, dente por dente. **A pessoa sofrerá o mesmo dano que tiver causado a outro***".

Jó 4,8: "*Eu vi bem: **aqueles que cultivam a desgraça e semeiam o sofrimento são também os que os colhem***".

Jó 5,7: "***E o homem gera seu próprio sofrimento**, como as faíscas voam para cima*".

Jó 34,11: "***Deus paga ao homem conforme as suas obras** e **retribui a cada um conforme a sua conduta***".

Mateus 16,27: "*Porque o Filho do Homem virá na glória do seu Pai, com os seus anjos, e então **retribuirá a cada um segundo suas obras***".

Mateus 26,52: "*Jesus, porém, lhe disse: 'Guarde a espada na bainha. Pois **todos os que usam a espada, pela espada morrerão**'*".

João 5,14: "*Você ficou curado. **Não peque de novo, para que não lhe aconteça alguma coisa pio**r*". (ao doente que se encontrava deitado numa cama há trinta e oito anos).

João 8,34: "J*esus respondeu: 'Eu garanto a vocês: **quem comete o pecado, é escravo do pecado'***".

2Coríntios 5,10: "*De fato, todos deveremos comparecer diante do tribunal de Cristo, a fim de que **cada um receba a recompensa daquilo que tiver feito durante a sua vida no corpo**, tanto para o bem, como para o mal*".

2 Coríntios 9,6: "*Saibam de uma coisa: **quem semeia com mesquinhez, com mesquinhez há de colher, quem semeia com generosidade, com generosidade há de colher'***".

Gálatas 6,7: "*Não se iludam, pois com Deus não se brinca: **cada um colherá aquilo que tiver semeado***".

3º) Lei do Progresso

Mateus 5,48: "*Portanto, **sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês** que está no céu*".

Efésios 4,13: "***A meta é** que todos juntos nos encontremos unidos na mesma fé e no conhecimento do Filho de Deus, para **chegarmos a ser o homem perfeito** que, **na** maturidade do seu desenvolvimento, é a **plenitude de Cristo***".

17 http://www.cnbb.org.br/liturgia/app/user/user/UserView.php?ano=2011&mes=6&dia=24, acesso em 19/03/2012, às 22:02hs.

Mateus 11,11: "*Em verdade vos digo que,* ***entre os nascidos de mulher, não surgiu nenhum maior do que João, o Batista, no entanto, o menor no Reino do Céus é maior do que ele***".

João 16,12-13: "***Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar****. Quando vier o Espírito da Verdade, ele encaminhará vocês para toda a verdade, porque o Espírito não falará em seu próprio nome, mas dirá o que escutou e anunciará para vocês as coisas que vão acontece*r".

Certamente que, em alguns dos passos acima, cada um dos princípios a eles relacionados, podem não estar muito claro para quem não acredita na reencarnação; porém, aos que nela creem é fato evidente.

Vejamos a explicação de Carlos Torres Pastorino (1910-1980) para Mateus 11,11:

> Os gnósticos distinguiam dois graus de evolução: os "nascidos de mulher" ou "filhos de mulher" e os "filhos do homem".
>
> Os "filhos de mulher" são os que ainda estão sujeitos à reencarnação cármica, obrigados a renascer através da mulher, sejam eles involuídos ou evoluídos. Neste passo declara Jesus que dentre todos os que estão ainda sujeitos inevitavelmente ao kyklos anánke (ciclo fatal) da reencarnação, o Batista é o maior de todos. (PASTORINO, 1964c, p. 15).

Especificamente, em relação à reencarnação, achamos melhor, por julgarmos mais didático, separá-la entre os textos do Antigo e do Novo Testamento.

a) Reencarnação no Antigo Testamento

Vejamos algumas passagens que nos remetem à ideia da reencarnação, embora, também aqui, algumas vezes, pode não ser algo muito claro para os antirreencarnacionistas.

Êxodo 34,6-7: "*Iahweh! Iahweh… Deus de ternura e de piedade, lento para a cólera, rico em graça e em fidelidade; que guarda sua graça a milhares, tolera a falta, a transgressão e o pecado, mas a ninguém deixa impune e castiga a falta dos pais nos filhos e nos filhos dos seus filhos* ***até*** *a terceira e a quarta geração*". ([18]).

Como admitir um "Deus de ternura e de piedade" castigando quem não cometeu o crime? Que justiça avessa é essa? É totalmente fora de propósito alguém ser penalizado pelo erro de outro; nem a justiça humana, sabidamente falha, aplica tal dispositivo; que dirá da divina…

É importante temos este texto pelo que consta na Torá:

Êxodo 34,6-7*: "Eterno, Eterno, Deus piedoso e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade e verdade; que guarda benignidade para duas mil gerações, que perdoa a iniquidade, rebelião e pecado, e não livra o pecado que não faz penitência; visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos,* **sobre** *terceiras e quartas gerações."* (*TORÁ – A Lei de Moisés,* 2001, p. 266*).*

Observe, caro leitor, que na Torá, da qual se originaram as Bíblias cristãs, encontramos o termo "sobre", que muito bem pode ser entendido como "na" e não "até", como querem nos fazer crer os tradutores bíblicos.

Esse passo pode até não "falar" sobre reencarnação; entretanto, com uma capciosa mudança da preposição, buscou-se retirar dela qualquer coisa que pudesse identificar a essa crença. (É sinal que viam nela a ideia da reencarnação). Estamos falando da preposição "**na**" do texto latino de S. Jerônimo (340-420) – Vulgata[19] –, alterado para "**até**" na tradução. É

18 Sobre o "castigo da culpa dos pais nos filhos, netos e bisnetos" ver também as passagens de Êxodo 20,5, Números 14,18 e Deuteronômio 5,9.

19 *Vulgata:* Tradução da Bíblia feita por S. Jerônimo entre 385 e 405 d.C., em parte dos originais gregos, hebraicos e aramaicos, em parte aproveitando traduções latinas anteriores. Chama-se "Vulgata" por ter sido traduzida para linguagem então falada pelo povo no Império Romano. Esta tradução tornou-se o texto que a Igreja Católica usa em seus documentos oficiais. […]. (Bíblia Sagrada Vozes, p. 1539).

importante confirmarmos essa mudança, para isso transcrevemos apenas o versículo 7, já que é o que nos interessa:

> Êxodo 34,7: "*qui custodis misericordiam in milia qui aufers iniquitatem et scelera atque peccata nullusque apud te per se innocens est qui reddis iniquitatem patrum in filiis ac nepotibus* ***in*** *tertiam et quartam progeniem*". (Site *Bíblia Católica Online*).

Utilizando-se a preposição "na", o texto nos abre hipótese para a reencarnação, pois a justiça divina atingirá ao próprio infrator, que estará reencarnando na terceira ou na quarta geração, ou seja, como seu próprio bisneto ou trineto. Aliás, seguramente, ele pode vir até mesmo como seu próprio neto; vai depender do espaço de tempo entre a sua morte e o nascimento desse futuro descendente.

Os que mudaram a preposição "na" para "até", não foram bastantes espertos para evitar que essa mudança não causasse conflito com outra passagem, qual seja:

> Deuteronômio 24,16: "*Os pais não serão mortos em lugar dos filhos, nem os filhos em lugar dos pais. Cada um será executado por seu próprio crime*".

Na verdade, acreditamos que o teor de Êxodo 34,7 coloca em evidência a mudança realizada na preposição, certamente visando "apagar" qualquer vestígio que pudesse levar à crença na reencarnação. Aqui, em Deuteronômio 24,16, a justiça se expressa de forma lógica, ou seja, o próprio infrator é quem sofre a pena. Aliás, essa ideia da responsabilidade individual pode também ser vista em fala dos profetas:

> Jeremias 31,29-30: "*Nesses dias já não se dirá: Os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos embotaram. Mas cada um morrerá por sua própria falta. Todo homem que tenha comido uvas verdes terá os dentes embotados*".
>
> Ezequiel 18,20: "*Sim, a pessoa que peca é a que morre! O filho não sofre o castigo da iniquidade do pai, como o pai não sofre o castigo da iniquidade do filho: a justiça do justo será imputada a ele, exatamente como a impiedade do ímpio será imputada a ele*".

Em 2Reis 14,6 e 2Crônicas 25,4 narra que Amasias, rei de Judá, não matou os filhos dos assassinos de seu pai, "[…] em obediência ao que está escrito no livro da Lei de Moisés, onde Iahweh ordenou: *Os pais não serão mortos por causa dos seus filhos, nem os filhos serão mortos por causa dos pais; mas cada um morrerá por seu próprio crime.*", que é exatamente o Deuteronômio 24,16.

Vejamos as passagens seguintes:

> 1Samuel 2,6: "*É Iahweh quem faz morrer e viver,* ***faz descer ao Xeol e dele subir***".
>
> Salmo 30,4: "*Iahweh, tiraste minha vida do Xeol,* ***tu me reavivaste dentre os que descem à cova***".
>
> Salmo 49,15-16: "*São como o rebanho destinado ao Xeol, a morte os leva a pastar, os homens retos os dominarão. Pela manhã sua imagem desaparece; o Xeol é a sua residência. Mas* ***Deus resgatará a minha vida das garras do Xeol, e me tomará***".
>
> Salmo 71,20-21: "*Fizeste-me ver tantas angústias e males, t****u voltarás para dar-me vida, voltarás para tirar-me dos abismos da terra****, aumentarás minha grandeza, e me consolarás de novo*".
>
> Salmo 86,12-13: "*Eu te agradeço de todo o coração, Senhor meu Deus, darei glória ao teu nome para sempre, pois é grande o teu amor para comigo:* ***tiraste-me das profundezas do Xeol***".

Esses passos nos quais constam a palavra xeol (= abismos) se justifica, pois, para os judeus, a crença era a de que todos os mortos iriam para lá. Ora, se Deus "resgata" ou "tira" alguém dele não é de todo impróprio acreditar ser apenas pela via da reencarnação, quando dá-lhe nova vida, levando-se em conta que eles acreditavam que os virtuosos voltariam a um novo corpo. Sabemos ser difícil a um crente, contrário à reencarnação, aceitar isso; mas o que

se há de fazer, não é mesmo? Valendo-nos de Jesus, diremos: "Q*uem tiver ouvidos, ouça*". (Mateus 11,15).

O profeta Malaquias, que viveu cerca de 400 a.C., faz uma previsão da volta de Elias, profeta que viveu no tempo de Acab, rei de Israel (873 a 854 a.C.), da seguinte forma:

> Malaquias 3,1.23-24: "***Eis que enviarei o meu mensageiro*** *para que prepare um caminho diante de mim. Eis que vos* ***enviarei Elias, o profeta****, antes que chegue o Dia de Iahweh, grande e terrível. Ele fará voltar o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais, para que eu não venha ferir a terra com anátema*".

Este livro é o último que consta do Antigo Testamento. A profecia de que Elias teria outra reencarnação será confirmada, quando, a seguir, estivermos estudando os passos do Novo Testamento.

b) Reencarnação no Novo Testamento

É certo que não encontraremos a palavra reencarnação no Novo Testamento; aliás, em parte alguma da Bíblia, conforme já falamos; porém, há uma palavra que contextualmente dará a ideia de voltar a viver num novo corpo, que não é outra coisa senão o que entendemos por reencarnar. Por isso é necessário que, antes, vejamos o significado da palavra "ressurreição", já que é ela que aparece nos textos bíblicos.

Diz-nos o *Aurélio* que ressurreição significa:

> S. f. 1. **Ato ou efeito de ressurgir ou ressuscitar; ressurgência**. 2. Rel. Festa católica comemorativa da ressurreição de Cristo, ao terceiro dia após a morte: 3. Fam. Cura surpreendente e imprevista. 4. Fig. Vida nova; renovação, restabelecimento. 5. Quadro que representa a ressurreição de Cristo. 6. Rel. **Na doutrina cristã, o surgir para uma nova e definitiva vida, distinta e, em certa medida, oposta à existência terrestre, e que, a partir da ressurreição de Cristo, aguarda todos os fiéis cristãos**. (grifo nosso).

Nada nos faz crer que somente os cristãos ressuscitarão, conforme se deduz dessa explicação; certamente, quem acredita nisso está "viajando na maionese", usando-nos de uma expressão popular. Comungamos com "ressurreição para todos" que é a doutrina pregada por Cristo, que tem caráter universalista, e que todos os seres humanos podem se valer dela para sua evolução pessoal.

Segundo esse mesmo dicionário, ressuscitar significa:

> V.t.d. 1. Fazer voltar à vida; reviver, ressurgir. 2. Restaurar, renovar, reproduzir: V.int. 3. Voltar à vida; tornar a viver; reviver, ressurgir. 4. Tornar a surgir; reaparecer, ressurgir: 5. Escapar de grande perigo.

Então, podemos concluir que ressurreição é a ocorrência que faz voltar à vida, tornar a viver ou reviver, quem passou pelo momento da morte física. Nesse conceito, mais abrangente, podemos também considerar como ressurreição a volta do Espírito à sua condição anterior no plano espiritual, ou seja, estamos falando da ressurreição do Espírito.

Vamos pesquisar nos textos bíblicos para ver o que entendiam os judeus com o termo "ressuscitar", uma vez que, numa análise mais coerente, é preciso levar em conta o que essa palavra significava à época e não como hoje a entendemos. Encontramos os seguintes significados:

1º) a alma voltar à vida espiritual;

2º) a volta de uma alma influenciando uma pessoa viva;

3º) voltar a viver no mesmo corpo;

4º) voltar a viver em um novo corpo (= reencarnação).

Não temos conhecimento de que algum teólogo defenda essa tese, que, conforme ainda veremos, está evidente nos textos bíblicos.

Vejamos como esses significados são facilmente identificados nos textos bíblicos, constantes do Novo Testamento.

a) A alma voltar à vida espiritual

Primeiramente, é oportuno indagar: Qual foi a ressurreição pregada por Jesus: a da carne ou a do Espírito?

Para responder essa questão é bom vermos o que Jesus respondeu aos saduceus, negadores da ressurreição, sobre uma mulher que, para cumprir a lei mosaica, comumente chamada de levirato, teve que se casar com os sete irmãos. A dúvida deles era: quando da ressurreição, ela seria mulher de qual dos irmãos? A isso respondeu Jesus:

> Lucas 20,34-36: "*As pessoas deste mundo se casam. Contudo, as que são julgadas dignas de ter parte naquele mundo e na ressurreição dos mortos, lá não se casam. E já não podem morrer outra vez, porque* ***são iguais aos anjos*** *e filhos de Deus, sendo participantes da ressurreição*".

Se na ressurreição dos mortos todos "são iguais aos anjos", isso significa que, após a morte, todos se tornarão seres espirituais; daí não se justificar mais o casamento, que é coisa para os que possuem corpos materiais. Não há dúvida, portanto, de que a pregação de Jesus era a da ressurreição espiritual.

Ademais se Jesus disse que "*O espírito é que dá vida, a carne de nada serve*" (João 6,63), isso só vem reforçar a nossa natureza como sendo a espiritual.

Por outro lado, partindo do princípio de que "*Deus é Espírito*" (João 4,24) e que somos a Sua imagem e semelhança, é inevitável concluirmos que, na verdade, somos também Espíritos.

Seguindo a leitura desse passo de Lucas, temos:

> Lucas 20,37-38: "*E que os mortos ressuscitem, é Moisés quem dá a conhecer através do episódio da Sarça Ardente, quando chama ao Senhor: o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó. Ora,* ***Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos; para ele, então, todos são vivos***".

Considerando que, na narrativa, se afirma que "todos são vivos", ao referir-se aos personagens Abraão, Isaac e Jacó, é de se supor que, se eles são vivos, logicamente o são em Espírito. E, pela comparação de Jesus, pode-se concluir que eles já ressuscitaram (surgiram de novo, novamente) no mundo dos espíritos, ou seja, estão vivendo a vida do Espírito; por isso não morrem mais. Assim, entendemos que aqui também o que Jesus ensinou foi a ressurreição do Espírito na dimensão espiritual, não a do corpo físico, um dogma fundamental das igrejas tradicionais.

> Mateus 27,50-53: "*Então Jesus deu outra vez um forte grito, e* ***entregou o espírito****. Imediatamente a cortina do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo; a terra tremeu, e as pedras se partiram.* ***Os túmulos se abriram e muitos santos falecidos ressuscitaram****. Saindo dos túmulos depois da ressurreição de Jesus,* ***apareceram na Cidade Santa, e foram vistos por muitas pessoas****.*"

> Marcos 16, 9-14: "***Depois de ressuscitar*** *na madrugada do primeiro dia após o sábado,* ***Jesus apareceu*** *primeiro a Maria Madalena, […] Ela foi anunciar isso aos seguidores de Jesus, […] Quando ouviram que ele estava vivo e fora visto por ela, não quiseram acreditar.* ***Em seguida, Jesus apareceu a dois deles, com outra aparência****, enquanto estavam caminho do campo. Eles também voltaram e anunciaram isso aos outros, que não acreditaram nem mesmo nestes.* ***Por fim, Jesus apareceu aos onze discípulos enquanto estavam comendo****. […]*".

Certamente, que a ressurreição de Jesus foi puramente espiritual, sem nenhuma diferença com o que se diz ter acontecido no trecho que afirma que "*muitos santos falecidos ressuscitaram*". A utilização do verbo "aparecer" tanto para os santos falecidos quanto para Jesus, nos remete, inevitavelmente, a ideia de Espíritos manifestando-se aos homens.

b) A volta de uma alma influenciando uma pessoa viva

É uma situação inusitada; entretanto, é possível de acontecer.

Mateus 14,1-2: "*Naquele tempo, Herodes, o tetrarca, veio a conhecer a fama de Jesus e disse aos seus oficiais: '**Certamente se trata de João Batista: ele foi ressuscitado dos mortos e é por isso que os poderes operam através dele**!'*".

Marcos 6,14-16: "*O rei Herodes ouviu falar de Jesus, cujo nome se tornara conhecido. Herodes dizia: '**João Batista ressuscitou dos mortos e é por isso que o poder de fazer milagres opera nele**'. Outros, porém, diziam: '**É Elias"**. E outros ainda afirmavam: 'É profeta, como qualquer profeta'. Mas, ouvindo isso, **repetia Herodes: 'É João, a quem fiz degolar, que ressuscitou**'*". (Bíblia Sagrada – Vozes).

Esses passos são duas versões do mesmo episódio, que ainda pode ser visto na narrativa de Lucas (9,7-9). Só que em Lucas, Herodes descartou que não poderia ser João, enquanto em Mateus e Marcos ele afirma que é.

Muitos médiuns, agindo pelo "poder" do Espírito que lhes acompanha e com o qual estão totalmente sintonizados, operam prodígios, incluindo aí as curas, por operações espirituais, fato que, muitos de nós, já estamos acostumados, por ser um pouco comum em terras brasileiras.

c) Voltar a viver no mesmo corpo

Três personagens bíblicos, mencionados no NT, conseguiram esse feito; são eles:

Jesus: a filha de Jairo (Mateus 9,24), o filho da viúva de Naim (Lucas 7,11-17) e Lázaro (João 11,1-44).

Pedro: citado por ter ressuscitado a jovem chamada Tabita (Atos 9,36-40).

Paulo: que fez voltar à vida o menino Êutico, que havia morrido após ter caído de uma janela (Atos 20,9-12).

A questão que colocamos é: Será que, de fato, em todos esses casos, houve propriamente uma morte? Devemos observar, por exemplo, que, no caso da filha de Jairo, Jesus afirmou: "*a menina não morreu, está dormindo*" (Mateus 9,24; Marcos 5,39 e Lucas 8,52).

Em relação a Lázaro (João 11,1-44) a coisa é mais complicada, pois, apesar de Jesus ter dito que "*esta doença não é para a morte*" e que "*nosso amigo Lázaro dorme*", o texto bíblico, a partir dos versículos 13 a 16, apresenta uma contradição dizendo que se trata de morte mesmo. Ora, isso, a nosso ver, foi um acréscimo ao texto original, objetivando, especificamente, justificar a tese da ressurreição corporal. Se o retirarmos da passagem não haverá solução de continuidade na narrativa.

João 11,1-44:

1-12: "*Um tal de Lázaro tinha caído de cama. Ele era natural de Betânia, o povoado de Maria e de sua irmã Marta. […] Então as irmãs mandaram a Jesus um recado que dizia: 'Senhor, aquele a quem amas está doente'. Ouvindo o recado, Jesus disse: '**Essa doença não é para a morte**, mas para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por meio dela'. Jesus amava Marta, a irmã dela e Lázaro. Quando ouviu que ele estava doente, ficou ainda dois dias no lugar onde estava. Só então disse aos discípulos: 'Vamos outra vez à Judeia'. […] Jesus […] acrescentou: '**O nosso amigo Lázaro adormeceu**. Eu vou acordá-lo'. Os discípulos disseram: 'Senhor, se ele está dormindo, vai se salvar*'.

13-16: *Jesus se referia à morte de Lázaro, mas os discípulos pensaram que ele estivesse falando de sono natural. Então **Jesus falou claramente para eles: 'Lázaro está morto**. E eu me alegro por não termos estado lá, para que vocês acreditem. Agora, vamos para a casa dele'. Então Tomé, chamado Gêmeo, disse aos companheiros: 'Vamos nós também para morrermos com ele*'.

17-44: *Quando Jesus chegou, já fazia quatro dias que Lázaro estava no túmulo. Betânia ficava perto de Jerusalém; uns três quilômetros apenas. […] Quando Marta*

ouviu que Jesus estava chegando, foi ao encontro dele. […] disse a Jesus: 'Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. […]' Jesus […] disse: 'Onde vocês colocaram Lázaro?' Disseram: 'Senhor, vem e vê'. […] Jesus […] chegou ao túmulo. Era uma gruta, fechada com uma pedra. Jesus falou: 'Tirem a pedra'. Marta, irmã do falecido, disse: 'Senhor, já está cheirando mal. Faz quatro dias'. Jesus disse: 'Eu não lhe disse que, se você acreditar, verá a glória de Deus?' Então tiraram a pedra. Jesus levantou os olhos para o alto e […] gritou bem forte: 'Lázaro, saia para fora!' O morto saiu. […]".

Você, caro leitor, pode comprovar que se trata mesmo de um acréscimo, basta ler os versículos 1 a 12 e depois vá direto para os de 17 a 44, e verá que o texto fica totalmente inteligível, como se nada lhe tivesse sido cortado.

Curioso que, no texto, Tomé é decidido, quando, em outro momento, vacilou em aceitar a ressurreição de Jesus, dizendo que só acreditaria se tocasse os dedos nas marcas dos pregos nas mãos de Jesus e também tocasse em sua chaga, conforme nos narra o Evangelho de João (20,24-29).

Trazemos a opinião de Kardec sobre as ressurreições operadas por Jesus, na qual ele também cita o caso de Lázaro:

> 39. – Contrário seria às leis da Natureza e, portanto, milagroso, o fato de voltar à vida corpórea um indivíduo que se achasse realmente morto. Ora, não há mister se recorra a essa ordem de fatos, para ter-se a explicação das ressurreições que Jesus operou.
>
> **Se, mesmo na atualidade, as aparências enganam por vezes os profissionais, quão mais frequentes não haviam de ser os acidentes daquela natureza, num país onde nenhuma precaução se tomava contra eles e onde o sepultamento era imediato** (1). É, pois, de todo ponto provável que, nos **dois casos acima, apenas síncope ou letargia houvesse**. O próprio Jesus declara positivamente, com relação à filha de Jairo: *Esta menina, disse ele, não está morta, está apenas adormecida*.
>
> Dado o poder fluídico que ele possuía, nada de espantoso há em que esse fluido vivificante, acionado por uma vontade forte, haja reanimado os sentidos em torpor; que haja mesmo feito voltar ao corpo o Espírito, prestes a abandoná-lo, uma vez que o laço perispirítico ainda se não rompera definitivamente. Para os homens daquela época, que consideravam morto o indivíduo desde que deixara de respirar, havia ressurreição em casos tais; mas, o que **na realidade havia era *cura* e não ressurreição, na acepção legítima do termo**.
>
> 40. – **A ressurreição de Lázaro**, digam o que disserem, de nenhum modo infirma este princípio. Ele estava, dizem, havia quatro dias no sepulcro; **sabe-se, porém, que há letargias que duram oito dias e até mais**. Acrescentam que já cheirava mal, o que é sinal de decomposição. Esta alegação também nada prova, dado que em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo, mesmo antes da morte, havendo em tal caso cheiro de podridão. A morte só se verifica quando são atacados os órgãos essenciais à vida. E quem podia saber que Lázaro já cheirava mal? Foi sua irmã Maria quem o disse. Mas, como o sabia ela? Por haver já quatro dias que Lázaro fora enterrado, ela o supunha; nenhuma certeza, entretanto, podia ter. (Cap. XIV, nº 29.)
>
> _____
>
> (1) Uma prova desse costume se nos depara nos Atos dos Apóstolos, cap. V, vv. 5 e seguintes.
>
> "Ananias, tendo ouvido aquelas palavras, caiu e rendeu o Espírito e todos os que ouviram falar disso foram presas de grande temor. – Logo, alguns rapazes lhe vieram buscar o corpo e, tendo-o levado, o enterraram. – Passadas umas três horas, sua mulher (Safira), que nada sabia do que se dera, entrou. – E Pedro lhe disse… etc. – No mesmo instante, ela lhe caiu aos pés e rendeu o Espírito. Aqueles rapazes, voltando, a encontraram morta e, levando-a, enterraram-na junto do marido."
>
> (KARDEC, 2007e, p. 379-381, grifo nosso).

É mais lógico admitir que mesmo tendo sido enterrado, na realidade, não houve a morte de Lázaro, seguiam os rituais da época, em que o morto era imediatamente enterrado. Essa é a razão pela qual Jesus conseguiu despertá-lo do "sono".

Explicação de Kardec para letargia:

> A letargia e a catalepsia têm o mesmo princípio, que é a perda momentânea da sensibilidade e do movimento, por uma causa fisiológica ainda inexplicada. Diferem uma da outra em que, **na letargia, a suspensão das forças vitais é geral e dá ao corpo todas as aparências da morte; na catalepsia, fica localizada, podendo atingir uma parte mais ou menos extensa do corpo, de sorte a permitir que a inteligência se manifeste livremente**, o que a torna inconfundível com a morte. A letargia é sempre natural; a catalepsia é por vezes magnética. (KARDEC, 2007a, p. 260, grifo nosso).

Na obra *Parapsicologia: uma visão panorâmica* o Dr. Hernani, por sua vez, define como catalepsia o que Kardec definiu como letargia, o que pode ter decorrido da confusão dos termos ou, quem sabe, de as definições, com o tempo, terem sido mudadas. Vejamos:

> A CATALEPSIA
>
> **A catalepsia é um estado envolvendo a súbita suspensão da sensação e da volição, bem como a parada parcial das funções vitais. Ocorre, ao mesmo tempo, uma modificação no corpo do paciente; este se torna rígido e sua aparência pode ser confundida com a de uma pessoa morta**. Na maioria das vezes, o indivíduo fica inconsciente durante o transe cataléptico. Em outras ocasiões, o paciente manifesta intensa excitação mental, por ações e palavras aparentemente voluntárias. **O ataque cataléptico tem duração variável, indo de alguns minutos a vários dias**. Ele pode repetir-se por qualquer motivo insignificante, se não houver resistência por parte do paciente.
>
> Perturbações do sistema nervoso, geralmente provocadas por emoções fortes e prolongadas, um susto ou um medo violento chegam a produzir o estado cataléptico. Alguns pequenos animais podem ser postos em catalepsia, por meio de manobras físicas. (ANDRADE, 2002b, p. 45, grifo nosso).

Levando-se em conta essas duas explicações, então, podemos, seguramente, dizer que Lázaro não morreu, apenas passou por estado de letargia ou de catalepsia, saindo dele após Jesus o ordenar que saísse para fora do túmulo.

O que mais vemos, de forma quase que generalizada, entre os crentes é a vontade deles em manter certos fatos à conta de milagres, pois, para eles, Deus é mais poderoso quando os produz. O filósofo holandês Baruch de Espinosa (1632-1677), tece alguns comentários a respeito desse assunto, que, de tão oportunos, não podemos deixar de citá-los:

> […] O vulgo, com efeito, pensa que a providência e o poder de Deus nunca se manifestam tão claramente como quando parece acontecer algo de insólito e contrário à opinião que habitualmente faz da natureza, em especial se resultar em seu proveito ou vantagem. […]. (ESPINOSA, 2003, p. 95).
>
> […] E, de fato, isso agradou de tal maneira aos homens que, até hoje, ainda não pararam de inventar milagres para fazer crer que Deus os ama a eles mais do que aos outros e que são a causa final que levou Deus a criar e a reger continuamente todas as coisas. De quanta presunção se arroga a insensatez do vulgo, que não tem de Deus nem da natureza um só conceito que seja correto, que confunde as volições de Deus com as dos homens e que, ainda por cima, imagina a natureza de tal modo limitada que acredita ser o homem a sua parte principal! (ESPINOSA, 2003, p. 96).

E, questionando a realidade dos milagres, Espinosa arremata categórico:

> […] Sem, por conseguinte, acontecesse na natureza algo que repugnasse às suas leis universais, repugnaria, necessária e igualmente, ao decreto, ao entendimento e à natureza de Deus; por outro lado, se admitíssemos que Deus faz alguma coisa contrária às leis da natureza, seríamos também obrigados a admitir que Deus age em contradição com a sua própria natureza, o que é um absurdo. […] (ESPINOSA, 2003, p. 97)

Se querem fazer de Jesus um ser especial porque ele ressuscitou Lázaro, então, outros personagens também deveriam participar disso. Podemos, por exemplo, citar:

a) **Pitágoras** (c. 572-c.490 a.C.) que, "ao regressar à Grécia, começou a pregar a sabedoria que aprendera, fazendo milagres, **ressuscitando os mortos** e fazendo oráculos" (FREKE e GANDY, 2002, p. 29, grifo nosso);

b) **Empédocles** (c. 490-c.430 a.C.), discípulo de Pitágoras, dizia-se que "**ressuscitou uma mulher** que já estava morta há trinta dias (FREKE e GANDY, 2002, p. 44, grifo nosso);

d) **Apolônio de Tiana** (2 a.C.-c.98), que "foi um outro deus-homem que curava os doentes, predizia o futuro e **ressuscitara os mortos**" (FREKE E GANDY, 2002, p. 44, grifo nosso).

Apolônio, segundo Freke e Gandy, "embora não fisicamente presente, **dizia-se que ressuscitara a filha de um cônsul romano exactamente da mesma forma como se diz que Jesus ressuscitou a filha de Jairo**, um presidente da sinagoga, sem sequer a visitar" (FREKE E GANDY, 2002, p. 44, grifo nosso).

Dos três citados o mais relevante deles é Apolônio de Tiana, exatamente, porque foi contemporâneo de Jesus. O relato desse caso irá nos ajudar a entender o que realmente aconteceu a Lázaro; quem nos dá informação dele é G. R. S. Mead (1863-1933). Mead, em sua obra *Apolônio de Tiana: sábio, profeta e renovador dos mistérios*, menciona um caso, que transcrevemos:

> Por outro lado, o relato da "restauração à vida", por Apolônio, de uma moça de estirpe nobre em Roma, é feito com grande moderação. Nosso filósofo parece ter encontrado o cortejo fúnebre por acaso. Então, acercou-se do caixão e, depois de dar alguns passes magnéticos sobre a jovem e pronunciar algumas palavras inaudíveis, "**despertou-a de sua aparente morte**". Porém, diz Dâmis, "se **Apolônio notou que a centelha da alma ainda residia nela**, o que os amigos dela não tinham conseguido perceber – pois, eles disseram que estava caindo uma chuva fina e uma leve névoa pairava sobre o rosto dela – ou se ele **fez com que a chama da vida esquentasse outra vez, reanimando-a assim"**, nem ele nem nenhum dos presentes podia dizer (iv 45). (MEAD, 2007, p. 104, grifo nosso).

A fonte de Mead é Flavius Filostrato *(cir.* 175-245 d.C.), autor da única biografia de Apolônio (MEAD, 2007, p. 55). Dâmis, citado na transcrição, foi o inseparável discípulo de Apolônio, em cujos relatos Filostrato, por sua vez, apoiou-se (MEAD, 2007, p. 10).

Então, temos que Dâmis afirma que Apolônio, ao ressuscitar a jovem, na verdade, "despertou-a de sua aparente morte". Ele não soube a razão de Apolônio ter feito isso; se pelo motivo dele ter visto "que a centelha da alma ainda residia nela" ou se somente "fez com que a chama da vida esquentasse outra vez, reanimando-a assim"; porém, de qualquer forma, fica claro que não a considerava morta. Ora, como isso aconteceu exatamente na mesma época de Jesus, não poderia ter sido esse também o caso do nosso amigo Lázaro? Aliás, nem atestado médico comprovando a sua morte temos.

d) Voltar a viver em um outro corpo (= reencarnação)

Aqui, não há dúvida, de que voltar à vida em outro corpo é, nada mais, nada menos, do que aquilo que nós, espíritas, entendemos por reencarnação.

> Lucas 9,7-9: "*O tetrarca Herodes, porém, ouviu tudo o que se passava, e ficou muito perplexo por alguns dizerem: '**É João que foi ressuscitado dos mortos'; e outros: 'É Elias que reapareceu'; e outros ainda: 'É um dos antigos profetas que ressuscitou**". Herodes, porém, disse: 'A João eu mandei decapitar. Quem é esse, portanto, de quem ouço tais coisas?' E queria vê-lo*".

Se diziam que Jesus podia ser Elias ou "um dos antigos profetas que **ressuscitou**" isso só poderia acontecer caso acreditassem que esses personagens poderiam voltar a uma nova vida em outro corpo, o que seria, para nós, reencarnar. Fica claro, que, no texto, o termo ressuscitou significa reencarnou. Apenas no caso de João Batista isso não seria possível, visto ele ter sido contemporâneo de Jesus; segundo Shimon Gibson (?-), a diferença de idade entre

eles era de seis meses, cita Lucas 1,26 como referência (GIBSON, 2008, p. 146). Mas que fica claro que acreditavam na reencarnação, isso é um fato, embora encontremos os antirreencarnacionistas negando.

Na obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, no capítulo IV – Ninguém poderá ver o reino dos céus se não nascer de novo, Kardec tece os seguintes comentários:

> **Ressurreição e reencarnação**
>
> 4. A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição.* Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. **As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo**. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. **Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*.** Com efeito, a *ressurreição* dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. **A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo**. A palavra *ressurreição* podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. **João, pois, podia ser Elias *reencarnado,* porém, não *ressuscitado*.** (KARDEC, 1982, p. 88, grifo nosso).

Totalmente coerentes essas observações de Kardec, que são corroboradas por tudo quanto pudemos levantar nesse estudo, tomando como base a cultura egípcia, a crença dos próprios judeus e os textos bíblicos, incluindo os que ainda serão vistos a partir daqui.

João Batista, o precursor de Jesus, era o profeta Elias reencarnado?

Esse assunto é dos que produzem muita polêmica no meio dos cristãos tradicionais, que não querem de forma alguma ver nele a reencarnação sendo algo constante no ensino de Jesus, conforme veremos a seguir.

Sobre esse nosso personagem esclarecemos: "**Elias**: Profeta extraordinário que viveu no tempo de Acab, rei de Israel (873-854 a.C.) e seu sucessor Ocozias. Foi uma época de grande apostasia de Javé, Deus de Israel, e de proliferação de cultos pagãos pelo território bíblico. […]." (Dic. Barsa, p. 86).

a) A profecia: a previsão de sua volta

Para ter a história desde seu início, voltamos a citar Malaquias, que foi o profeta designado por Deus para anunciar a volta de Elias.

> Malaquias 3,1.23-24: "***Eis que enviarei o meu mensageiro*** *para que prepare um caminho diante de mim.* ***Eis que vos enviarei Elias****, o profeta, antes que chegue o Dia de Iahweh, grande e terrível.* ***Ele fará voltar o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais****, para que eu não venha ferir a terra com anátema*".

Aqui torna-se clara a previsão da volta de Elias; se se toma a Bíblia como sendo a palavra de Deus, dever-se-ia aceitar essa realidade.

b) A realização: anúncio de que ele está voltando

"Um" Anjo do Senhor, e não "o" Anjo do Senhor, veio avisar a Zacarias que sua mulher Isabel, apesar de estéril, daria a luz a um filho, ao qual deveriam chamá-lo de João. Vejamos a narrativa completa.

> *Lucas 1,11-17: "Apareceu-lhe, então, o Anjo do Senhor, de pé, à direita do altar do incenso. Ao vê-lo Zacarias perturbou-se e o temor se apoderou dele. Disse-lhe, porém,*

o anjo: 'Não temas, Zacarias!, porque tua súplica foi ouvida, e Isabel, tua mulher, te dará um filho, ao qual ***porás o nome de João****. Terás alegria e regozijo, e muitos se alegrarão com seu nascimento. Pois ele será grande diante do Senhor, não beberá vinho, nem bebida embriagante; ficará pleno do Espírito Santo ainda no seio de sua mãe e converterá muitos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus. Ele caminhará à sua frente,* ***com o espírito e o poder de Elias****,* ***a fim de converter os corações dos pais aos filhos*** *e os rebeldes à prudência dos justos, para preparar ao Senhor um povo bem disposto'".*

Sabemos que João Batista foi um profeta, cuja definição é:

> **Profeta**: É alguém que **fala aos outros em nome de Deu**s (Dt 18,18). **É um porta-voz escolhido, enviado e inspirado por Deus para fazer em seu nome pronunciamentos**, chamados oráculos, e para fazer ver o plano e a vontade divinos. Por causa do conhecimento dos segredos divinos é chamado também "visionário" ou "vidente". Mas o essencial de um profeta é falar em nome de Deus e não prever o futuro ou estar sujeito a transes proféticos. (Bíblia Sagrada Vozes, p. 1534, grifo nosso).

Então o que se era de esperar é que fosse dito "***com o espírito e o poder de Deus***" e não "*com o espírito e o poder de Elias*", que está aí exatamente para confirmar que era o próprio Elias quem estava voltando no corpo da criança que se previa o nascimento, ou seja, João Batista.

Vejamos, na tradução mais antiga que possuímos, o teor da passagem Lucas 1,17, em que fica evidente a manipulação de texto:

> Lucas 1,17: "*e irá adiante dele* ***com o espírito e a virtude de Elias****, a fim de reconduzir os corações dos pais para os filhos e os incrédulos à prudência dos justos, para preparar ao Senhor um povo perfeito*." (Bíblia Sagrada – Paulinas, 1957).

A expressão "*no espírito e virtude de Elias*", bem semelhante a que consta acima, pode também ser encontrada nas traduções: SBB, SBTB e Barsa. A tradução que destoa totalmente é a versão NTLH (Nova Tradução na Linguagem de Hoje) da SBB, cujo teor é:

> Lucas 1,17: "*Ele será mandado por Deus como mensageiro e* ***será forte e poderoso como o profeta Elias****. […]*". (Bíblia Sagrada – NTLH, SBB).

Tanta divergência assim só se explica pelo fato de fazerem "os diabos" para tirar dessa passagem a implícita ideia da reencarnação, na doce ilusão de ter algo para "demonstrar" que ela não consta dos ensinos de Jesus. Pobres coitados! São verdadeiros, cegos guiando cegos.

Observar que na profecia de Malaquias foi dito "***Ele fará voltar o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais"*** *e aqui, em Lucas, a missão de João era a* ***"de converter os corações dos pais aos filhos*** *e os rebeldes à prudência dos justos",* portanto, quase nos mesmos termos como dito por Malaquias.

c) O cumprimento da profecia: Jesus identifica João como sendo Elias

Sem que nos fosse revelado, via de regra, não teríamos como saber se Elias teria voltado, ou não, mesmo considerando o que o anjo disse a Zacarias. Não morreremos sem saber, pois temos um grande personagem, que irá nos desvendar esse "mistério". Vejamos:

> Mateus 11,7-15: "*Os discípulos de João partiram, e* ***Jesus começou a falar às multidões a respeito de João****: 'O que é que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? O que vocês foram ver? Um homem vestido com roupas finas? Mas aqueles que vestem roupas finas moram em palácios de reis. Então, o que é que vocês foram ver? Um profeta? Eu lhes afirmo que sim: alguém que é mais do que um profeta.* ***É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'****. Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele.* ***Desde os dias de João Batista até agora****, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo. De fato, todos*

os Profetas e a Lei profetizaram até João. E se vocês o quiserem aceitar, ***João é Elias que devia vir****. Quem tem ouvidos, ouça*'".

Observe, caro leitor, essa fala de Jesus: "*É de João que a escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti*".', se não é exatamente o que consta na profecia de Malaquias sobre a volta de Elias… Assim, se na Escritura está dito "*eis que envio o meu mensageiro*" (Malaquias 3,1), mensageiro que é identificado pelo próprio Malaquias como sendo Elias (Ml 3,23-24), e Jesus identifica-o como sendo João, então, temos que concordar que João só pode ser Elias em nova reencarnação; não há como fugir disso a não ser tomando Jesus como mentiroso e Deus como nos tendo enganado, pois disse que enviaria Elias e enviou outro.

Ademais, isso faz sentido com o "***desde os dias de João Batista até agora***", pois Jesus se referia à época em que João viveu como Elias, uma vez que não há cabimento algum em relacionar isso a alguém que lhe é contemporâneo; portanto, a expressão deve ser entendida com o seguinte sentido: "desde o tempo em que João foi Elias".

Jesus, sabedor que não seria acreditado, acrescenta: "*Quem tem ouvidos, ouça*", ou seja, não se preocupou em forçar a ninguém a acreditar naquilo que estava falando.

O versículo 14 é traduzido por Pastorino da seguinte forma: "**E se quereis aceitar (isto), ele mesmo é Elias que estava destinado a vir";** e ele explicou o porque disso:

> A tradução do vers. 14 não coincide com as comuns. Mas o grego é bem claro: *kai* (e) *ei* (se) *thélete* (quereis) *decsásthai* (aceitar, inf. pres.) *autós* (ele mesmo) *estin* (é) *Hêlías* (Elias) *ho méllôn* (part. presente de mellô, destinado, "o que estava destinado") *érchesthai* (inf. pres.: a vir).
>
> A Vulgata traduziu: "et si vultis recipere, ipse est Elias qui venturus est", em que o particípio futuro na conjunção perifrástica dá o sentido de *obrigação* ou destino do presente do particípio *méllôn*; acontece que o latim ligou num só tempo de verbo (*venturus est*) o sentido dos dois verbos gregos (*ho méllôn érchesthai*). Com essa tradução, porém, o sentido preciso do original ficou algo "arranhado". Se a tradução fora literal, deveríamos ler, na Vulgata (embora com um latim menos ortodoxo): "ipse est Elias debens venire", o que corresponde exatamente à nossa tradução: "ele mesmo é Elias que devia (estava destinado a) vir". Levados pela tradução da Vulgata, os tradutores colocam o futuro do presente (que *deverá* vir), quando a ação é nitidamente construída no futuro do pretérito. (PASTORINO, 1964c, p. 16).

Portanto, caro leitor, que fique atento quando for ler esse versículo.

d) A dúvida dos discípulos: Afinal, Elias vem ou não?

Num certo momento, os discípulos questionam a Jesus sobre a volta de Elias, conforme os escribas esperam acontecer, apoiados na profecia, que previa seu retorno.

> Marcos 9,2-4.9-13: "*Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, e os levou sozinhos, para um lugar retirado sobre uma alta montanha. Ali foi transfigurado diante deles. Suas vestes tornaram-se resplandecentes, extremamente brancas, de alvura tal como nenhum lavadeiro na terra as poderia alvejar.* ***E lhes apareceram Elias com Moisés****, conversando com Jesus. Ao descerem da montanha, ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto, até quando o filho do Homem tivesse ressuscitado dos mortos. Eles observaram a recomendação* ***perguntando-se que significava 'ressuscitar dos morto****s'. E perguntaram-lhe: '****Por que motivo os escribas dizem que é preciso que Elias venha primeiro****? Ele respondeu: "****Elias certamente virá primeiro, para restaurar tudo****. Mas como está escrito a respeito do Filho do Homem que deverá sofrer muito e ser desprezado?* ***Eu, porém vos digo: Elias já veio, e fizeram com ele tudo o que quiseram como dele está escrito***'".

Não podemos deixar de ressaltar que nesse episódio acontece algo especial que vem contrariar aquilo que dizem sobre a comunicação com os mortos. É, caro leitor, no passo encontramos nada mais, nada menos, do que o próprio Jesus conversando com dois mortos – Moisés e Elias; isso prova que o intercâmbio com os que vivem no plano espiritual jamais foi uma proibição divina.

Além, de ser uma proibição particular de Moisés, ela não era tão abrangente quanto querem fazer dela se crer; a preocupação desse legislador hebreu era proibir a evocação dos mortos para fins de adivinhação, e não mais que isso.

Retomando o fio da meada. Os discípulos, que acompanhavam Jesus, ficaram sem entender a profecia a respeito da volta de Elias, quando ele falou da "ressurreição dos mortos", por vê-lo junto de Moisés. A dúvida era: se Elias tem que voltar, ou seja, "ressuscitar dos mortos" para anunciar o Messias, como é que ele está aqui falando com Jesus? E, seguindo essa linha de raciocínio, Jesus, obviamente, passava a não ser o Messias esperado.

A resposta de Jesus foi taxativa: "*Elias certamente virá primeiro*" ao que completa incontinente: "*Eu, porém, vos digo: Elias já vei*o". Essa segunda afirmativa tinha a função de não deixar margem a dúvida quanto à volta de Elias, em cumprimento à profecia de Malaquias.

Vejamos o final desse episódio pela narrativa de Mateus:

> Mateus 17,10-13: *"Os discípulos de Jesus lhe perguntaram: 'O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?' Jesus respondeu: 'Elias vem para colocar tudo em ordem. Mas eu digo a vocês:* ***Elias já veio, e eles não o reconheceram****. Fizeram com ele tudo o que quiseram. E o Filho do Homem será maltratado por eles do mesmo modo'.* ***Então os discípulos compreenderam que Jesus falava de João Batista****"*.

Pela versão de Mateus, Jesus também afirmou categórico que "***Elias já veio"***, acrescentando "*e eles não o reconheceram, fizeram com ele tudo quanto quiseram*"; foi aí que os discípulos entenderam que Jesus falava de João Batista, conforme consta no versículo final desse passo. Por que motivo não o reconheceram? Simplesmente, pelo fato dele ter vindo em um outro corpo, o de João Batista.

Vimos Jesus em outras oportunidades dar demonstração clara de ter conhecimento do pensamento das pessoas, o que nos leva a concluir que também aqui, certamente, sabia o que pensavam seus discípulos; e se, mesmo assim, não disse nada em contrário, é sinal que aprovara o que estavam pensando de João, ou seja, que ele era realmente Elias.

Nesse passo há um detalhe que passa despercebido, que é a pergunta constante do versículo 10, a respeito da vinda de Elias, pois demonstra que os discípulos, pelo menos Pedro, Tiago e João, tinham conhecimento da reencarnação; senão não teria cabimento eles terem feito a pergunta sobre a vinda de Elias, e o fato deles, em consequência da resposta de Jesus, compreenderem que Ele lhes tinha falado de João Batista.

Aqui terminamos as explicações em que se comprova biblicamente que João é mesmo Elias, cuja volta foi profetizada por Malaquias.

A pergunta de Jesus

Da resposta dada pelos discípulos à pergunta de Jesus sobre o que o povo pensava dele, pode-se, também, concluir que o povo também acreditava na reencarnação.

> Lucas 9,18-19: "*Certo dia, Jesus estava rezando num lugar retirado, e os discípulos estavam com ele. Então Jesus perguntou: '****Quem dizem as multidões que eu sou?****' Eles responderam: '****Alguns dizem que tu és João Batista; outros, que és Elias; mas outros acham que tu és algum dos antigos profetas que ressuscitou****'*". (ver tb Mateus 16,13-14 e Marcos 8,27-28).

O teor desse passo confirma o que foi dito em Lucas 9,7-9, sobre quem achavam ser Jesus, que citamos, quando demonstramos os vários significados da palavra ressurreição.

Embora já dito, o que agora queremos novamente ressaltar, é que, se não acreditassem que alguém poderia voltar em outro corpo, não haveria sentido algum de pensarem ser Jesus esses personagens citados. É importante não esquecer o fato de que Jesus não retrucou aos discípulos dizendo que não era nenhum deles, negação essa, com base na qual poderia ser aventada a hipótese de que não há a reencarnação. Como não negou, então, taxativamente, concordou que era possível alguém voltar em nova vida e em novo corpo, ou seja, reencarnando.

Champlin e Bentes, já mencionados, trazem os seguintes argumentos:

> 1. *Mateus* 16:13,14: "Indo Jesus para as bandas de Cesareia de Filipe, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do homem? E eles responderam: Uns dizem: João Batista; outros, Elias; e outros: Jeremias, ou algum dos profetas".
>
> **Ora, se Jesus tivesse de ser um dos antigos profetas hebreus, teria de ter reencarnado**. Fazia parte da doutrina judaica comum daquela época que os grandes profetas da antiguidade teriam de cumprir mais de uma missão sobre a terra, e esperava-se que voltassem a este mundo não somente Elias, mas também Jeremias. Uma figura tão poderosa quanto Jesus, por conseguinte, bem poderia ser identificada com algum profeta antigo, na mente popular. O comentador bíblico, **Adam Clarke, diz** a respeito desses versículos:
>
> > "... **a doutrina farisaica da metempsicose, ou transmigração das almas, era bastante generalizada**, porque era com base na mesma que eles **acreditavam que a alma de Batista, ou de Elias, Jeremias, ou de algum dos outros profetas, retornara à vida, no corpo de Jesus**".
>
> Jesus não aprovou e não negou essa doutrina, nessa oportunidade, apesar de não haver aceito qualquer das identificações propostas quanto à sua pessoa. A doutrina farisaica não limitava a reencarnação a alguns poucos indivíduos seletos, mas encontrava lugar para inúmeros renascimentos, dentro do seu sistema. (CHAMPLIN e BENTES, 1995e, p. 585, grifo nosso).

Confirmam, portanto, o que dissemos.

Outra ocorrência que merece ser mencionada é aquela na qual Jesus cura um cego de nascença.

> João 9,1-3: "*Ao passar, Jesus viu um cego de nascença. Os discípulos perguntaram: '**Mestre, quem foi que pecou, para que ele nascesse cego?** Foi ele ou seus pais?' Jesus respondeu: '**Não foi ele que pecou, nem seus pais, mas ele é cego para que nele se manifestem as obras de Deus**'*".

Implicitamente, pode-se ver a questão da lei de causa e efeito sendo sugerida como causa da cegueira daquele homem. Concomitante a isso, temos também a questão da preexistência; porém, o mais importante a ser destacado nesse passo, é a pergunta dos discípulos, o que demonstra que uma pessoa, para vir como cega de nascença, teria que ter havido um pecado em uma vida anterior; por parte dela ou dos pais. Dessa forma, fica claro que acreditavam na reencarnação.

Se a cegueira fosse por conta do erro dos pais, então, estabelecer-se-ia um conflito com essa passagem: "*Não se farão morrer os pais pelos filhos, nem os filhos pelos pais; cada qual morrerá pelo seu próprio pecado*." (Deuteronômio 24,16), portanto, fica claro que a justiça se estabelece com "*[...] a cada um segundo suas obras*". (Mateus 16,27).

Entretanto, Jesus afirma que, especificamente naquele caso, a cegueira não era por conta de pecado algum; porém, para que se manifestasse a glória de Deus. Diante disso, entendemos que esse homem aceitou a missão de nascer cego para que fosse curado por Jesus. Na sequência do episódio, veremos esse cego colocando os fariseus contra a parede, o que, para nós, significa a confirmação de que estava mesmo em missão. Kardec, apresenta-nos a hipótese de provação; senão vejamos:

> A pergunta dos discípulos: Foi algum pecado deste homem que deu causa a que ele *nascesse* cego? **revela que eles tinham a intuição de uma existência anterior**, pois, do contrário, ela careceria de sentido, visto que um pecado somente pode ser causa de uma enfermidade de *nascença,* se cometido antes do nascimento, portanto, numa existência anterior. **Se Jesus considerasse falsa semelhante ideia, ter-lhes-ia dito: "Como houvera este homem podido pecar antes de ter nascido?"** Em vez disso, porém, diz que aquele homem estava cego, não por ter pecado, mas para que nele se patenteasse o poder de Deus, isto é, para que servisse de instrumento a uma manifestação do poder de Deus. Se não era uma expiação do passado, **era uma**

> **provação apropriada ao progresso daquele Espírito**, porquanto Deus, que é justo, não lhe imporia um sofrimento sem utilidade. (KARDEC, 2007e, p. 371-372, grifo nosso).

Fazem todo o sentido as considerações de Kardec acerca do fato de que, se Jesus considerasse falsa a ideia de que alguém poderia pecar antes de ter nascido, Ele a teria combatido. Como não fez isso, foi porque, de uma certa forma, Ele sancionou a lei da reencarnação, da qual os hebreus tinham algum conhecimento.

Novamente, vamos trazer Champlin e Bentes, que assim explicam esse passo:

> A despeito do fato de que havia uma esquisita noção judaica, segundo a qual julgava-se que um homem podia pecar; mesmo enquanto ainda estivesse no ventre de sua mãe, antes de seu nascimento físico, não é muito provável que os discípulos de Jesus tivessem em mente tal ideia, quando indagaram por que razão aquele homem já nascera cego. Mas **interrogavam a Jesus a respeito do *karma*, pois parece que eles compartilhavam dos pontos de vista farisaicos a respeito da reencarnação**. A resposta dada por Jesus, por sua vez, nem confirmou e nem negou essa possibilidade, mas meramente eliminou-a no tocante a esse incidente particular. Entretanto, é teologicamente significativo que aqueles que escreveram os primeiros documentos cristãos, sem importar se acreditavam ou não na ideia da reencarnação, por essa altura da vida de Jesus, não incorporaram o conceito no sistema soteriológico do Novo Testamento, quando do registro de seus livros. (CHAMPLIN BENTES, 1995e, p. 585-586, grifo nosso).

Se pela palavra de Deus (a Bíblia), como demonstrado, dá-nos informação de que Elias reencarnou como João Batista e que "*Deus não faz acepção de pessoas*" (Atos 10,34; Romanos 2,11; Gálatas 2,6; Efésio 6,9; Colossense 3,25; 1Pedro 1,17), então, somos levados a concluir, por força da lógica, que a reencarnação faz parte das leis de Deus, estando sujeita a ela todas as suas criaturas, porquanto valerá o princípio insofismável de que "Basta um único corvo branco para provar que nem todos são negros". (LOEFLLER, 2003).

Finalmente, chegamos ao último passo bíblico do Novo Testamento relacionado à reencarnação.

> João 3,1-12: "*Entre os fariseus havia um homem chamado Nicodemos. Era um judeu importante. Ele foi encontrar-se de noite com Jesus, e disse: 'Rabi, sabemos que tu és um Mestre vindo da parte de Deus. Realmente, ninguém pode realizar os sinais que tu fazes, se Deus não está com ele'. Jesus respondeu: 'Eu garanto a você: se alguém não* ***nasce do alto****, não poderá ver o Reino de Deus'. Nicodemos disse: 'Como é que um homem pode* ***nascer de novo****, se já é velho? Poderá entrar outra vez no ventre de sua mãe e nascer?' Jesus respondeu: 'Eu garanto a você: ninguém pode entrar no Reino de Deus,* ***se não nasce da água e do Espírito****. Quem nasce da carne é carne, quem nasce do Espírito é espírito. Não se espante se eu digo que é preciso vocês* ***nascerem do alto****. O vento sopra onde quer, você ouve o barulho, mas não sabe de onde ele vem, nem para onde vai. Acontece a mesma coisa com quem nasceu do Espírito'. Nicodemos perguntou: 'Como é que isso pode acontecer?' Jesus respondeu: 'Você é o mestre em Israel e não sabe essas coisas? Eu garanto a você: nós falamos aquilo que sabemos, e damos testemunho daquilo que vimos, mas, apesar disso, vocês não aceitam o nosso testemunho. Se vocês não acreditam quando eu falo sobre as coisas da terra, como poderão acreditar quando eu lhes falar das coisas do céu?'*".

O grande problema nesse passo é em relação à tradução da palavra *Anóten* ou *ánothem,* que, em grego, pode significar "de novo" e "do alto". Duplo sentido que não existe na língua de Jesus, conforme nos informam os tradutores da Bíblia de Jerusalém (p. 1847), que, inclusive, empregam somente o termo "de novo". Por isso, no texto deveria ser usado somente um desses significados; porém, foram utilizados os dois; certamente, com o objetivo de retirar desse texto qualquer ideia que pudesse levar a se crer na reencarnação.

No próprio texto temos a informação de que Nicodemos era um fariseu (João 3,1); fato importante, porquanto os dessa seita, conforme já demonstramos, acreditavam na reencarnação. Isso fica claro quando ele retruca a Jesus dizendo: "*Como é que um homem*

*pode **nascer de novo**, se já é velho? **Poderá entrar outra vez no ventre de sua mãe e nascer**?* Vê-se, portanto, que ele, Nicodemos, acreditava na reencarnação; porém, não tinha a menor noção de como ela se processava; daí a razão dessas duas perguntas.

É comum referirem-se a esse passo como sendo Jesus falando sobre o batismo; entretanto, isso é puro dogmatismo, uma vez que o ritual de iniciação dos judeus era a circuncisão e não o batismo, que, diga-se de passagem, foi copiado de religiões pagãs.

O trecho *"ninguém pode entrar no Reino de Deus, **se não nascer da água e do Espírito**. Quem nasce da carne é carne, quem nasce do Espírito é espírito"* está justamente falando de coisas da Terra e não de um simbolismo que querem usar para fugir da ideia da reencarnação, quando dizem que "nascer de novo" relaciona-se a renovação espiritual. Esse sentido que desejam dar é contrário ao que está escrito, pois a expressão "de novo" corresponde a "novamente" ou "outra vez"; ou seja, a repetição do mesmo ato ou fato, enquanto o sentido de "renovação espiritual" tem o de "modo" ou "maneira".

Falamos algumas vezes dos fariseus; vejamos que informações sobre a crença deles podemos encontrar no Novo Testamento. Somente em Atos dos Apóstolos é que se tem algo sobre o que acreditavam.

> Atos 23,6-8: *"A seguir, sabendo que uma parte dos presentes eram saduceus e a outra parte eram fariseus, Paulo exclamou no Sinédrio: 'Irmãos, eu sou fariseu e filho de fariseus. É por nossa esperança, a ressurreição dos mortos, que estou sendo julgado.' Apenas falou isso, armou-se um conflito entre fariseus e saduceus, e a assembleia se dividiu. De fato, **os saduceus dizem que não há ressurreição**, nem anjo, nem espírito, enquanto **os fariseus sustentam uma coisa e outra**".*

Pelo que aqui se afirma os fariseus sustentavam a ressurreição; porém, conforme já vimos, eles, na verdade, acreditavam na reencarnação. Apenas para lembrar, visto esses dados estarem mais ao início desse texto, retomamos as informações de Flávio Josefo:

> Eles julgam que as almas são imortais, que são julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas segundo forem neste, viciosas ou virtuosas; que umas são eternamente retidas prisioneiras nessa outra vida e que **outras voltam a esta**. (JOSEFO, 2003, p. 416, grifo nosso).
>
> Eles dizem também que as almas são imortais; que **as dos justos passam depois desta vida a outro corpo** e que as dos maus sofrem tormentos que duram para sempre. (JOSEFO, 2003, p. 556, grifo nosso).

Então, aqui, mais uma vez, temos no texto bíblico o uso da palavra ressurreição com o significado de reencarnação.

Visando demonstrar que a ressurreição, em um dos seus significados, é espiritual e não física, vamos, primeiramente, recorrer a Paulo de Tarso, que define qual será o corpo da ressurreição.

> 1Coríntios 15,35-49: "***Todavia, alguém dirá: 'Como é que os mortos ressuscitam? Com que corpo voltarão**?' Insensato! Aquilo que você semeia não volta à vida, a não ser que morra. E o que você semeia não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas simples grão de trigo ou de qualquer outra espécie. A seguir, **Deus lhe dá corpo como quer: ele dá a cada uma das sementes o corpo que lhe é próprio**. Nenhuma carne é igual às outras: a carne dos homens é de um tipo, a dos animais é de outro, e de outro a dos pássaros e de outro ainda a dos peixes. Há corpos celestes e há corpos terrestres. O brilho dos celestes, porém, é diferente do brilho dos terrestres. Uma coisa é o brilho do sol, outra o brilho da lua, e outra o brilho das estrelas. E até de estrela para estrela há diferença de brilho. **O mesmo acontece com a ressurreição dos mortos: o corpo é semeado corruptível, mas ressuscita incorruptível**; é semeado desprezível, mas ressuscita glorioso; é semeado na fraqueza, mas ressuscita cheio de força; **é semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual. Se existe um corpo animal, também existe um corpo espiritual**, pois a Escritura diz que Adão, o primeiro homem, tornou-se um ser vivo, mas o último Adão tornou-se espírito que dá a vida. Primeiro, não foi feito o corpo espiritual, mas o animal, e depois*

o espiritual. O primeiro homem foi tirado da terra é terrestre; o segundo homem vem do céu. O homem feito da terra foi o modelo dos homens terrestres; o homem do céu é o modelo dos homens celestes. E assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também traremos a imagem do homem celeste".

O versículo 50, dessa carta de Paulo aos coríntios, será visto à frente, no próximo comentário.

É fantástica a comparação que Paulo faz do corpo da ressurreição. Primeiramente, ele argumenta que o corpo da semente que se lança ao solo não é o mesmo da planta que ela dá origem. Depois ele faz-nos lembrar que Deus dá um corpo apropriado a cada situação, é assim, por exemplo, que as aves têm um corpo diferente dos peixes e estes, por sua vez, dos seres que rastejam sobre a terra. Em razão disso, conclui que o corpo da ressurreição será outro: "*é semeado corpo animal, ressuscita corpo espiritual*". Assim, Paulo é quem desempata essa questão do corpo da ressurreição.

Para que as coisas fiquem bem claras, colocamos ainda essa questão, cuja resposta encontramos nos seguintes passos:

Gênesis 3,19: "*Com o suor do teu rosto comerás o teu pão até que retornes ao solo, pois dele foste tirado. Pois **tu és pó e ao pó tornarás***".

Eclesiastes 12,7: "E **o pó volte à terra**, como o era, e **o espírito volte a Deus,** que o deu*".*

João 4,24: "***Deus é espírito**, e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade*".

*João 6,63: "**O Espírito é que dá a vida, a carne não serve para nada".***

1Coríntios 15,50: "*Eu lhes digo, irmãos, que **a carne e o sangue não podem receber em herança o Reino de Deus**, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade*".

O versículo final, que compõe o passo citado no tópico anterior, o último dos citados acima, diz claramente que "*a carne e o sangue não podem receber em herança o Reino de Deus*"; portanto, afirma que o corpo físico não é o que teremos após a ressurreição.

Além disso, temos que, se "*Deus é espírito"*, nós, que fomos criados a sua semelhança, só podemos ser, na verdade, seres espirituais.

Por outro lado, se "*a carne não serve para nada*" o que faríamos com ela no plano espiritual, onde, certamente, teremos um corpo apropriado: corpo espiritual? Além disso, é da lei que "*o pó volte à terra*" e "*o espírito volte a Deus*".

Dissemos que a palavra reencarnação não se encontra na Bíblia; e isso, até por motivos óbvios, acontece porque, conforme dito, ela só aparece em dicionários no ano de 1858, um ano após Kardec publicar a primeira obra espírita: *O Livro dos Espíritos*. Entretanto, agora, podemos dizer que há outra palavra que significa reencarnação que está, sim, ou, melhor dizendo, deveria estar na Bíblia.

Mas por que não está? Simplesmente porque prevaleceu o ditado: "tradutor, traidor". Vejamos: o estudioso bíblico, Haroldo Dutra Dias (1971-), nos informa que "Há um antigo ditado na Itália que afirma ser o tradutor um traidor (*Traduttore, Traditore*)" (DIAS, s/d, Site *O Portal do Espírito*). Assim, é que a palavra *palingenesis* (palingenesia), definição grega para "novo nascimento" ou renascimento (MULLER, 1986, p. 19) que aparece em Tito 3,5, simplesmente foi traduzida de forma a não deixar margem à crença na reencarnação, que é exatamente o sentido do termo.

O teólogo Russell Norman Champlin confirma que a palavra usada em grego é mesmo "*paliggenesia"*, isto é, "novo nascimento" (CHAMPLIN, 2005e, p. 439).

Vejamos como o teor desse passo é encontrado nas Bíblias:

"*Ele nos salvou, não por causa de quaisquer obras que nós mesmos tivéssemos praticado na justiça, mas em virtude da sua misericórdia, **pelo banho do novo nascimento** e da renovação que o Espírito Santo produz*".

"*Não pelas obras de justiça que tivéssemos feito, mas por sua misericórdia, salvou-nos mediante* ***o batismo de regeneração*** *e de renovação do Espírito Santo*".

"*Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou* ***pela lavagem da regeneração*** *e da renovação do Espírito Santo*".

Essas três versões, com pequenas variações, resumem o que encontramos nas diversas Bíblias pesquisadas.

Luiz Antônio Rucinski (1954-), autor da obra *A reencarnação está na Bíblia… reencontrando o antigo ensinamento*, apresenta-nos a seguinte explicação:

> […] Vamos verificar o que Paulo nos ensina, em sua epístola a Tito.
>
> **Versão em Grego da época**
>
> *"ουκ εξ εργων των εν δικαιοσυνη ων εποιησαμεν ημεις αλλα κατα τον αυτου ελεον εσωσεν ημας δια λουτρου* ***παλιγγενεσιας*** *και ανακαινωσεως πνευματος αγιου" (Tito 3:5) Disponível no site <http://agsimoes.myvnc.com/index.asp?opcao=teologia> Acesso em 23 de abr. 2006.*
>
> **Versão em Grego Transliterado**
>
> "*ouk ex ergwn twn en dikaiosunh wn epoihsamen hmeiv alla kata ton autou eleon eswsen hmav dia loutrou* ***paliggenesiav*** *kai anakainwsewv pneumatov agiou*." (Tito 3:5.) Disponível no site: <http://agsimoes.myvnc.com/index.asp?opcao=biblia> Acesso em 12 jun. 2005.
>
> A palavra que Paulo usou naqueles dias foi: *παλιγγενεσιας* que, traduzido para o grego transliterado, é: paliggenesiav. Em português, Palingenesia. (RUCINSKI, 2006, p. 111, grifo do original).

Um pouco mais à frente, completa Rucinski:

> E como seria a tradução correta hoje, direto do grego para o português?
>
> "*Não por obras da justiça que tivéssemos feito, mas segundo sua misericórdia* ***nos salvou pelo lavatório da reencarnação, e pelo renascimento*** *de um espírito santo*" (Versão correta)
>
> (RUCINSKI, 2006, p. 116, grifo do original).

Então, aquilo que deveria ser traduzido como palingenesia, ou seja, "novo nascimento" ou renascimento (=reencarnação) o foi como "banho de novo nascimento", "o batismo de regeneração" e "lavagem da regeneração", certamente, atendendo a interesses dogmáticos. Sabe o que é pior, caro leitor? É que sempre dizem, sem o menor constrangimento, que as traduções são fiéis aos originais. Pobre dos que acreditam neles!

Geralmente, a crença de religiosos antireencarnacionistas é a do "céu e inferno". Mas há algo interessante nisso; vejamos o resultado de uma pesquisa sobre esse tema. O Instituto Vox Populi, ao final de 2001, realizou uma pesquisa sobre a religiosidade dos brasileiros, por encomenda da *Revista Veja,* objeto da reportagem *Um povo que acredita*, assinado por Jaime Klintowitz (p. 125-129). Veja esses resultados:

Perguntas	Católicos	Evangélicos
Acreditam no diabo	44%	81%
Creem na vida eterna no Paraíso	84%	96%

A crença do diabo, está intimamente ligada à do inferno. Entretanto, a maioria das pessoas não admite que irá para lá: "[…] A pesquisa Vox Populi encontrou uma realidade surpreendente: muitos brasileiros (34%) acreditam que irão para o céu. Uns poucos, 11%, que passarão um período de penitência no purgatório. **Mas nem um só admitiu a possibilidade de ir para o inferno**", concluiu a *Veja* (p. 129). Então a pergunta que não quer calar é: qual a

sua utilidade prática, se ninguém admite ir para lá?

A nossa conclusão final é de que por todos os dados que levantamos, e pelos textos bíblicos citados, somos levados a aceitar que a reencarnação está, sim, na Bíblia; porém, só para quem "tem olhos de ver". Deixamos bem claro, que não temos a pretensão de impor a ninguém essa nossa maneira de pensar, pois é direito natural de cada um acreditar no que quiser.

Vale a pena transcrever a citação que Dr. Hernani Guimarães faz de um pensamento de Ramacharaka, que, segundo informações do site *Círculo de Estudos Ramacháraca* (*sic*), trata-se de William Walker Atkinson (1862-1932):

> Aqueles que não despertaram para a verdade do "renascimento" não podem ser a isso forçados por argumentos, e aqueles que "creem" na verdade dele não necessitam de argumentos. Ramacharaka (*Indian Journal of Parapychological Research* – vol. 7, Ns. 1 a 4, 1965-66, p. 57). (ANDRADE, 2002a, p. 139).

Muitos dos argumentos aqui tratados já foram por nós utilizados em outros textos de nossa autoria, onde os temas são desenvolvidos com maior profundidade. Recomendamos ao leitor que os leia, para complementar tudo que aqui falamos. São eles: "O ritual do batismo", "A conversa de Jesus com Nicodemos", "João Batista é mesmo Elias?", "Josefo, os fariseus e a reencarnação", "A profecia sobre a volta de Elias se realizou?", "O caso do arrebatamento de Elias" "Os arrebatamentos na Bíblia", "Jesus falou sobre a reencarnação?", "Ressurreição da carne?", "Comunicação com os mortos na Bíblia" e "Evocar os espíritos: Moisés ou Kardec?".

Se o espírito é imortal, significa imortalidade da alma na Bíblia

Ainda existem pessoas que, buscando apoio na Bíblia, não aceitam que o espírito seja imortal, ou seja, não acreditam na imortalidade da alma e, diante disso, fazem de tudo para sustentar esse dogma. Não há sentido algum em não ter vida "após a vida"; aliás, pensamento que se alinha ao dos materialistas, mas que, estranhamente, ainda é alimentado por muitas pessoas que se dizem espiritualistas. Na verdade, por pouco elas não se igualam aos materialistas de plantão, que não acreditam em nada além da matéria.

A evidência de que a alma é imortal trata-se de uma crença antiga, basta lembrar, aqui, esse pensamento atribuído a Sócrates (469 ou 470-399 a.C.):

> "A alma é insuscetível de destruição; é ela que vivifica o corpo; traz consigo a vida onde aparece. Não recebe a morte — é imortal".

Uma coisa que temos indagado é: qual seria a finalidade de estabelecermos vínculos de amor uns para com os outros, especialmente pelos nobres laços de família, se não houver vida após a morte? Se tudo se resumir a essa tênue existência, melhor que a nossa vida fosse exatamente igual à dos animais, que, em geral, depois de passado o período de amamentação, nenhum compromisso a mais eles mantêm para com sua prole. Vivem no mais exato sentido da frase "cada um por si, Deus por todos", o que, certamente, não cabe a nós, seres humanos; porquanto nos é recomendado *"amarás o teu próximo como a ti mesmo"* (Mt 22,39), cuja aplicação seria somente para a vida presente? É o que questionamos.

Outros pensam que, após a morte, ficaremos dormindo, totalmente inconscientes, aguardando o dia do juízo final, época em que os puros receberão a recompensa do reino dos céus, e os ímpios sofrerão a segunda morte no lago de fogo. Portanto, serão destruídos pela "ira" de Deus, embora isso contraste frontalmente com a ideia de um Deus como um pai amoroso, na visão que nos passou o Mestre de Nazaré. Será que ainda não leram que:

> Sb 11,22-24: *"O mundo inteiro diante de ti é como esse nada na balança, como gota de orvalho que da manhã cai sobre a terra. Mas te compadeces de todos, pois tudo podes, fecha os olhos diante dos pecados dos homens, para que se arrependam. Sim,* ***tu amas tudo o que criaste, não te aborreces com nada do que fizeste; se alguma coisa tivesses odiado, não as terias feito****".*

Por outro lado, a destruição ou o castigo eterno são, frontalmente, contrários ao que se afirma, nestas três passagens:

> Jó 35,6-8: *"Se você pecar, que mal estará fazendo a Deus? Se você amontoa crimes, que danos está causando para ele? E se você é justo, o que é que está dando a ele? O que é que ele recebe de sua mão?* ***Sua maldade só pode afetar outro homem igual a você****. Sua justiça só atinge outro ser humano como você".* (Bíblia Sagrada – Pastoral).
>
> Sl 103,8-10: *"O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno.* ***Não repreende perpetuamente****, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades".* (A Bíblia Anotada).
>
> Rm 8,38-39: *"Estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem os poderes nem as forças das alturas ou das profundidades, nem qualquer outra criatura,* ***nada nos poderá separar do amor de Deus****, manifestado em Jesus Cristo, nosso Senhor".* (Bíblia Sagrada –

Pastoral).

Interessante é que essa fala de Jó (35,6-8), era também a crença dos saduceus, conforme nos informa Flávio Josefo (37-103 d.C.), autor de *História dos Hebreus*, que viveu de 37 a 103 d. C.:

> Os saduceus, ao contrário, negam absolutamente o destino e creem que, como **Deus é incapaz de fazer o mal, Ele não se incomoda com o que os homens fazem**. Dizem que está em nós fazer o bem ou o mal, segundo nossa vontade nos leva a um ou a outro e as almas, não são nem castigadas nem recompensadas num outro mundo. (JOSEFO, 2003, p. 556, grifo nosso).

Informamos que os textos bíblicos, base de nosso estudo, quando não citados a sua fonte, foram tomados da *Bíblia de Jerusalém*, pelo motivo de sua tradução ser a mais recomendada pelos estudiosos bíblicos. Eventualmente usaremos textos de outras versões bíblicas, quando a tradução for mais adequada para uma melhor compreensão do texto bíblico. Um ponto importante a favor dessa tradução é que ela foi realizada por uma equipe de exegetas católicos e protestantes e por um grupo de revisores literários. Ressaltaremos, em negrito, algumas partes dos textos bíblicos visando realçar aquilo que julgamos importante para o objetivo de nosso estudo.

Cada vez que lemos os argumentos dos que dizem não ser a alma imortal, ficamos pensando como é plenamente válida a afirmativa de que acreditamos naquilo que queremos ou, no máximo, no que o nosso conhecimento, ainda que errôneo, suporta; além disso, nem mais um milímetro.

Ao que tudo indica, antigamente julgava-se que só os deuses eram eternos, como consequência disso o homem, por muito tempo, que não conseguimos precisar, não acreditou que ele mesmo fosse um ser imortal.

Como não poderia deixar de ser, o próprio Livro Sagrado do povo hebreu, que acabou por se tornar base também da teologia do cristianismo, dá-nos essa ideia. Na Bíblia, "a doutrina da imortalidade da alma só aparece claramente no livro Sabedoria, ou seja, um século, pelo menos, depois da redação do Eclesiastes" (Bíblia Sagrada - Ave Maria, p. 819) que, por sua vez, tem no século III a.C. a data da composição mais verossímil (Bíblia de Jerusalém, p. 1071).

Acreditamos que qualquer pesquisador perspicaz, e, necessariamente, não compromissado com os dogmas instituídos pelos teólogos de outrora, perceberá mesmo que a crença na imortalidade foi lentamente sendo incorporada ao conceito religioso dos judeus. Para se ter uma noção de que isso é verdade, basta verificar que, sendo os Dez Mandamentos o código divino por excelência, nada existe nele de retribuição ou penalidade para uma vida após a morte. Tudo quanto lá se encontra são coisas para situações terrenas, já que, nessa época, ainda não se tinha a menor ideia da vida futura, após a morte.

Quando, por exemplo, queriam afirmar que alguém estava "nas graças de Deus", atribuíam-no um longo tempo de vida aqui na terra. O que podemos tranquilamente confirmar com o fato de conferir extraordinário período vivencial a várias pessoas, como, entre outros, aos seguintes personagens: Adão 930 anos; Sete 912 anos; Enos 905 anos; Cainã 910 anos; Noé 950 (Gn 5,9).

Deve-se entender isso apenas como um estilo de linguagem, já que não há como aceitar essas idades citadas ao pé da letra, até mesmo porque o tempo estabelecido pelo próprio Deus, para a vida de um homem na carne, foi de 120 anos (Gn 6,3). O curioso é que todos os personagens aos quais dão "longa vida" são homens, não aparece nenhuma mulher, evidenciando o machismo do deus hebreu. Inclusive, o ritual de iniciação religiosa, como sabemos, era o da circuncisão, realizada, obviamente, em homens.

Mas é certo que, ao tempo de Jesus, havia essa crença, conforme poder-se-á confirmar em Josefo. Segundo esse historiador hebreu, os fariseus e os essênios tinham a alma como imortal; apenas os saduceus não comungavam com tal ideia, pois eram da opinião de que a alma morria juntamente com o corpo, e, em virtude disso, não havia recompensa nem castigo num outro mundo (JOSEFO, 2003, p. 416 e 556).

Tentaremos desenvolver esse estudo visando encontrar uma possível conclusão definitiva, se não, pelo menos, que possamos ter algum ponto para podermos retirar da Bíblia a ideia de que o espírito é imortal. Sabemos não é tarefa fácil, pois o trabalho de pesquisa é volumoso, mas, de qualquer forma, vamos arriscar-nos.

O primeiro ponto a ser verificado seria o de demonstrar a existência do espírito, **para depois verificarmos se ele é imortal ou não**. Vamos fazer algumas análises para desvendar esse "mistério".

Inicialmente, devemos informar que poderão surgir citações que podem parecer que não têm nada a ver com o caso em questão, mas nos comentários que faremos no desenrolar do trabalho, ou na pior das hipóteses na conclusão, ver-se-á a relação com o tema. Muitas vezes uma coisa isolada do conjunto pode nos dar uma falsa ideia daquilo que realmente é, por isso torna-se necessário, aos que se interessarem por esse nosso assunto, serem pacientes para poderem ir até ao final desse estudo.

> Gn 1,26-27: "*Deus disse: 'Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra'.* ***Deus criou o homem à sua imagem,*** *à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou".*

Seria interessante perguntar-se: qual é a imagem de Deus pela qual nos tornamos semelhante a Ele? Deus possui um corpo? Jesus responderá por nós: *"Deus é espírito"* (Jo 4,24). Ora, isso só pode nos levar à conclusão de que a nossa semelhança com Deus é exatamente o ser espiritual que somos. Nosso espírito está, temporariamente, aprisionado no corpo, conforme veremos mais adiante. Perguntamos ainda: o espírito ou o corpo, qual dos dois seria o mais importante? Apelaremos novamente para a sabedoria de Jesus: *"**O Espírito é que vivifica** a carne de nada serve"* (Jo 6,63).

> Gn 2,7: "*Então Iahweh Deus modelou o homem com argila do solo* ***insuflou em suas narinas um hálito de vida*** *e o homem se tornou* ***um ser vivente****".*

Os tradutores nos informam a respeito da palavra vivente, o seguinte: "É o termo *nefesh*, que designa o ser animado por um sopro vital (manifestado também pelo "espírito", *ruah*: 6,17+; Is 11, 2+; cf. Sl 6, 5+)" (Bíblia de Jerusalém, p. 36). Significando, segundo podemos concluir, que o homem também possui um espírito.

Por outro lado, quando se diz que Deus tomou a argila do solo, da qual modelou o homem, insuflando-lhe, nas narinas, um hálito de vida, o que faz com que, a partir daí, se torne um ser vivente (Gn 2,7), os que interpretam isso ao pé da letra não admitem que, neste momento, o que Deus fez foi justamente "colocar" o espírito no homem físico. Mas se não for isso, o que poderemos entender da afirmativa de que Deus tenha criado o homem à Sua imagem e semelhança (Gn 1,27)? Certamente que o "um hálito" – ou "um sopro" em algumas traduções – deve ser entendido por espírito, o que pode ser facilmente comprovado, pois *"quem dá inteligência é um espírito no homem, o sopro do Todo-poderoso"*. (Jó 32,8) (Bíblia Sagrada – Pastoral) e, conforme se afirma, foi Deus que *"formou o espírito do homem dentro dele"* (Zc 12,1).

Nenhuma dúvida poder-se-ia ter, ainda mais quando, para corroborar essa ideia, podemos ainda ler: *"Assim diz o* ***Deus*** *Javé, que criou o céu e o estendeu; que firmou a terra e tudo o que ela produz; ele* ***dá*** *respiração ao povo que nela habita e* ***o espírito*** *aos que sobre ela caminham"*. (Is 42,5) (Bíblia Sagrada – Pastoral) e *"**Todos levam o teu espírito** incorruptível!"*. (Sb 12,1).

> Gn 27,4: "*Faze-me um bom prato, como eu gosto e traze-mo, a fim de que eu coma e* ***minha alma*** *te abençoe antes que eu morra*". (fala de Jacó).
>
> Gn 27,19: "*Jacó disse a seu pai: 'Sou Esaú, teu primogênito; fiz o que me ordenaste. Levanta-te, por favor, assenta-te e come de minha caça, a fim de que* ***tua alma*** *me abençoe*'". (fala de Jacó).
>
> Gn 27,25: "*Isaac retomou: 'Serve-me e que eu coma da caça de meu filho, a fim de que* ***minha alma*** *te abençoe'. […]*". (fala de Isaac).

Gn 27,31: "*Também ele preparou um bom prato e trouxe a seu pai. Ele lhe disse: 'Que meu pai se levante e coma da caça de seu filho, a fim de que* ***tua alma*** *me abençoe!'*") fala de Esaú).

As expressões "minha alma" e "tua alma", nesses passos, é algo importante, pois não há como o termo alma, neles empregado, não signifique senão o espírito encarnado, portanto, demonstra-se com isso a crença na existência no homem de alguma coisa além do corpo físico. Utilizando essas expressões, ainda podemos citar as seguintes passagens:

Sl 31,9: "*Compadece-te de mim, Senhor, porque me sinto atribulado; de tristeza os meus olhos se consomem, e a* ***minha alma*** *e o meu corpo*". (Bíblia Shedd)

Sl 42,5: "*Por que estás abatida ó* ***minha alma****? Por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei, a ele, meu auxílio e Deus meu*". (Bíblia Shedd).

Sl 44,25: "*Pois a* ***nossa alma*** *está abatida até ao pó, e o nosso corpo, como que pegado no chão*". (Bíblia Shedd).

Fica, cada vez mais clara essa ideia de que temos um espírito ou alma, conforme queiramos denominar a parte espiritual que existe em nós.

Gn 35,18: "***No momento de entregar a alma****, porque estava morrendo, ela* [Raquel] *o chamou Benôni, mas seu pai o chamou Benjamim*".

Nesse passo, temos um tiro mortal na ideia de que não existe espírito ou alma, é tão nítido, que ficamos perplexos pelo fato de algumas pessoas não verem (se bem que é mais provável é que elas não querem ver). Com a morte, chega o momento de entregar a alma, melhor do que isso não seria preciso para demonstrar a existência do espírito; porém, é preciso esclarecer: "não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo; esta é que determina a partida do Espírito". (KARDEC, 1995, p. 215).

Nm 16,22: "*Eles* [Moisés e Aarão]*, porém, prostraram-se com a face em terra e clamaram: 'Ó Deus,* ***Deus dos espíritos que vivificam toda a carne****, irritar-te-ias contra toda a comunidade quando um só pecou?'*"

Nm 27,16-17: "*Que Iahweh,* ***Deus dos espíritos que animam toda carne****, estabeleça sobre esta comunidade um homem que saia e entre à frente dela e que faça sair e entrar, para que a comunidade de Iahweh não seja como um rebanho sem pastor*".

Podemos ver que Moisés e seu irmão Aarão, que foi o primeiro sumo sacerdote dos hebreus (Ex 28,1-5), tinham certeza da realidade do espírito, e nos vêm agora dizer que ele não existe ou irão justificarem-se argumentando que esses personagens não eram inspirados por Deus?

Dt 4,29: "*De lá, então, irás procurar Iahweh teu Deus, e o encontrarás, se o procurares* ***com todo o teu coração e com toda a tua alma***".

Dt 6,5: "*Portanto, amarás a Iahweh teu Deus* ***com todo o teu coração, com toda a tua alma*** *e com toda a tua força*".

A expressão "*com todo o teu coração e com toda a tua alma*" será usada inúmeras vezes em outros passos, como, por exemplo, em Dt 10,12; 11,13; 13,4; 26,16; 30,2.6.10; Js 22,5; 2Rs 23,3.25; 1Cr 22,19; 2Cr 6,38; 15,12; 34,31, que seria fastidioso repeti-la, transcrevendo todos os textos, por isso deixemos esses dois acima como exemplos.

Temos aqui novamente o uso do termo "alma", que, conforme já o dissemos, deve ser entendido como espírito encarnado. A expressão poderia ser dita dessa forma: "com todo o seu corpo e com todo o seu espírito", pois é exatamente essa a ideia que ela nos transmite.

Mas não adianta ficar muito preso ao Antigo Testamento; temos que ir além, para que o véu seja retirado com Jesus (2Cor 3,14), que disse *"Deus é espírito"* (Jo 4,24); portanto, a única semelhança que, realmente, podemos ter para com Deus é na questão do Espírito; até

porque ele é *"Deus dos espíritos de todos os seres vivos!"* (Nm 16,22; 27,16) (Bíblia Sagrada - Pastoral); e disso haveremos de admitir que todos os seres viventes têm um espírito. Isso, inclusive, pode ser confirmado pela passagem que diz: *"Que toda a criação sirva a ti, porque ordenaste, e os seres existiram. Enviaste o teu espírito, e eles foram feitos"* (Jt 16,14) (Bíblia Sagrada - Pastoral).

Numa passagem em que se condena o divórcio, que embora nada tenha a ver com o nosso assunto, mas que irá nos ajudar a entender, encontramos o seguinte trecho: *"Por acaso, Deus não fez dos dois* [o homem e a mulher] *um único ser,* ***dotado de carne e espírito****?"* (Ml 2,15) (Bíblia Sagrada – Pastoral). Isso vem comprovar que nós, os seres humanos, não somos somente carne e nem só espírito, mas que, quando encarnados, somos ambos ao mesmo tempo. Mas qual dos dois será o mais importante? A resposta temos, novamente, em Jesus, que afirmou: *"O espírito é que vivifica, a carne para nada serve"* (Jo 6,63). Portanto, podemos concluir que *"o corpo sem o espírito está morto"* (Tg 2,26) (Bíblia Sagrada - Vozes), o que, realmente, é uma afirmativa coerente.

Numa importante recomendação, a todos nós, Jesus disse: "*Vigiai e orai, para que não entreis em tentação, pois* ***o espírito está pronto, mas a carne é fraca***" (Mt 26,41; Mc 14,38), mostrando-nos, indubitavelmente, que temos um espírito em "luta" permanente com a carne.

> Lc 8,40-42.49-55: "A*o voltar, Jesus foi acolhido pela multidão, pois todos o esperavam. Chegou então um homem chamado Jairo, chefe da sinagoga. Caindo aos pés de Jesus, rogava-lhe que entrasse em sua casa, porque sua filha única, de mais ou menos doze anos, estava à morte. Enquanto ele se encaminhava para lá, as multidões se aglomeravam a ponto de sufocá-lo. Ele ainda falava, quando chegou alguém da casa do chefe da sinagoga e lhe disse: '****Tua filha morreu****; não perturbes mais o Mestre'. Mas Jesus, que havia escutado, disse-lhes: 'Não temas; crê somente, e ela será salva'. Ao chegar à casa, não deixou que entrassem consigo senão Pedro, João e Tiago, assim como o pai e a mãe da menina. Todos choravam e batiam no peito por causa dela. Ele disse: "Não choreis! Ela não morreu; dorme". E caçoavam dele, pois sabiam que ela estava morta. Ele, porém, tomando-lhe a mão, chamou-a dizendo: "Criança, levanta-te!"* ***O espírito dela voltou e, no mesmo instante, ela ficou de pé****. E ele mandou que lhe dessem de comer".*

Aqui devemos chamar a atenção para a particularidade *"o espírito dela voltou e, no mesmo instante, ela ficou de pé"*, mostrando que é mesmo "*o espírito é que vivifica*" (Jo 6,63). E daqui já começamos a perceber que chamavam espírito a parte do ser que sobrevive à morte do corpo físico.

Outras passagens que provam que temos um espírito:

> 2Rs 2,14-15: "*Tomou o manto de Elias que havia caído dele e bateu com ele nas águas, dizendo: 'Onde está Iahweh, o Deus de Elias?' Bateu também nas águas, que se dividiram de um lado e de outro, e Eliseu atravessou o rio. Os irmãos profetas de Jericó viram-no a distância e disseram: '****O espírito de Elias repousou sobre Eliseu****!', vieram ao seu encontro e se prostram por terra, diante dele".*
>
> 2Rs 5,26: *"Mas Eliseu lhe disse: '****Acaso meu espírito não estava presente quando alguém saltou do seu carro ao teu encontro?*** *Agora que recebeste o dinheiro, podes comprar com ele jardins, olivais e vinhas, ovelhas, bois, servos e servas'".*
>
> 1Cr 28,9: *"E tu, Salomão, meu filho, conhece a Deus de teu pai e serve-o de todo o coração, com ânimo disposto, pois Iahweh sonda todos os corações e* ***penetra os desígnios do espírito****. Se o procurares, ele se deixará encontrar por ti, mas se o abandonares, ele te rejeitará para sempre".*
>
> Jó 12,10: *"Em sua mão está a alma de todo ser vivo, e* ***o espírito de todo homem carnal****".*
>
> Jó 26,4: "*Com a ajuda de quem proferes tais palavras? E* ***de quem é o espírito que fala em ti****?*" (Bíblia Shedd)

Jó 27,8: "*Porque qual será a esperança do ímpio, quando lhe for cortada a vida, **quando Deus lhe arrancar a alma**?*" (Bíblia Shedd)

Jó 32,8: "*Mas é **o espírito no homem**, o alento de Shaddai que dá inteligência".*

Jó 33,4: "*Na verdade, **há um espírito no homem,** e o sopro do Todo-poderoso o faz entendido".* (Bíblia Anotada – Mundo Cristão)

Jó 34,14-15: "***Se** ele retirasse o seu sopro e **fizesse voltar a si o espírito do homem**, toda a carne pereceria no mesmo instante, e o homem voltaria ao pó".* (Bíblia Sagrada – Santuário).

Eclo 34,13-15: *"Muitas vezes estive em perigo de morte, eis como fui salvo: **viverá o espírito daqueles que temem o Senhor**, porque a sua esperança está em quem os pode salvar".*

Is 26,9: *"**Minha alma suspira** por ti de noite, sim, no meu íntimo, **meu espírito te busca**, pois quando teus julgamentos se manifestam na terra, os habitantes do mundo aprendem a justiça".*

Br 3,1: *"Senhor todo-poderoso, Deus de Israel: é uma alma angustiada, **um espírito perturbado** que clama a ti".*

Zc 12,1: *"Palavra de Iahweh sobre Israel. Oráculo de Iahweh, que estendeu o céu e fundou a terra, que **formou o espírito do homem dentro dele**".*

1Cor 2,11: *"Quem, pois, dentre os homens conhece o que é do homem, senão **o espírito do homem que nele está**. Da mesma forma, o que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus".*

A morte, na verdade, é apenas o momento em que o espírito separa-se do corpo, segundo podemos deduzir dos passos: "*Jesus deu um forte grito: 'Pai, **em tuas mãos entrego o meu espírito**'. Dizendo isso, expirou".* (Lc 23,46) e "*E apedrejaram Estevão, enquanto ele dizia esta invocação: 'Senhor Jesus, **recebe meu espírito**'".* (At 7,59). Morre o corpo, mas o que acontecerá com o espírito? Essa é uma pergunta assaz difícil de responder, se não buscarmos levar em conta os conceitos de época.

Vejamos que, embora não tivessem plena certeza a respeito do futuro do espírito, uma coisa lhes era certa: que a morte acorria apenas ao corpo físico. Passagens nas quais podemos perceber isso:

Sl 146,4: *"**Exalam o espírito** e voltam à terra e no mesmo dia perecem seus planos!".*

Ecl 12,7: *"E o pó volte à terra, como o era, e **o espírito volte a Deus,** que o deu".* (A Bíblia Anotada).

Sb 16,14: *"O homem, ainda que em sua maldade possa matar, não pode fazer voltar o **espírito exalado** nem libertar **a alma** no Hades recolhida".*

Eclo 38,23: *"Desde que o morto repousa, deixe repousar a sua memória, consola-te quando **seu espírito partir**"*

Em todas elas, o fato é que tinham convicção de que o espírito saía do corpo; este, sim, é que morria e tornava-se repasto aos vermes. A incerteza ficava apenas por conta do que iria acontecer com o espírito. Quem fala em corpo ou carne mortal (ver os textos logo abaixo) é porque acredita que, no homem, há uma outra coisa que não seja material; quer dizer, crê existir um princípio imortal; esse, para nós, não é outra coisa senão o espírito.

Rm 6,12: *"Portanto, que o pecado não impere mais em **vosso corpo mortal**, sujeitando-vos às suas paixões".*

Rm 8,3: *"Deus tornou possível aquilo que para a Lei era impossível, porque os instintos egoístas a tornaram impotente. Ele enviou seu próprio Filho numa condição semelhante à do pecado, em vista do pecado, e assim condenou o pecado **na sua carne mortal**".* (Bíblia Sagrada – Pastoral).

Cl 1,22: *"Mas, agora, pela morte, ele vos reconciliou **no seu corpo de carne**, entregando-o à morte para diante dele vos apresentar santos, imaculados e irrepreensíveis'.*

1Pe 4,6: *"Por que o Evangelho foi anunciado também aos mortos? A fim de que eles **vivam pelo Espírito** a vida de Deus, depois de receberem, **na sua carne mortal**, a sentença comum a todos os homens".* (Bíblia Sagrada – Pastoral).

Vejamos, primeiramente, no Antigo Testamento passos nos quais fica evidente a crença na imortalidade da alma, consequência de quem acredita que o espírito é imortal:

2Mc 7,7-9: "*Tendo passado o primeiro desta forma à outra vida trouxeram o segundo para o suplício. Tendo-lhe arrancado a pele da cabeça com os cabelos, perguntaram-lhe: 'Queres comer, antes que teu corpo seja torturado membro por membro?' Ele, porém, na língua de seus pais, respondeu: 'Não!' Por isso, foi também submetido aos mesmos tormentos que o primeiro. Chegado já ao último alento, disse: 'Tu, celerado, nos tiras desta vida presente. Mas **o Rei do mundo nos fará ressuscitar para uma vida eterna**, a nós que morremos por suas leis!'*".

2Mc 7,14: "*Estando ele já próximo a morrer, assim falou: '**É desejável passar para a outra vida** às mãos dos homens, tendo da parte de Deus as esperanças de **ser um dia ressuscitado por ele**. Mas para ti, ao contrário, não haverá ressurreição para a vida!*".

2Mc 7,36: "*Nossos irmãos, agora, depois de terem suportado uma aflição momentânea por **uma vida inexaurível**, já caíram na Aliança de Deus".*

O rei selêucida Antíoco Epífanes, que subiu ao poder em 175 a.C., mandou supliciar e matar os sete irmãos macabeus, inclusive a mãe deles, pelo motivo de terem desobedecido a sua ordem de comerem carne de porco, conforme narrado no capítulo 7, do segundo livro de Macabeus. Todos eles morreram dignamente defendendo sua fé, cumprindo a determinação de Moisés de comer esse tipo de carne, e, também, demonstrando uma firme crença numa vida após a morte, uma vida que não pode se esgotar, isso em outras palavras, quer dizer imortalidade da alma.

Sobre o livro de Macabeus, informam-nos os tradutores:

> **O livro é importante pelas afirmações que contém sobre a ressurreição dos mortos** (ver a nota a respeito de 7,9; 14,46), as sanções de além-túmulo (6,26), a prece pelos defuntos (12,41-46 e a nota), o mérito dos mártires (6,18-7,41) e a intercessão dos santos (15,12-16 e a nota). Estes ensinamentos, referentes a pontos que os outros escritos do Antigo Testamento deixavam incertos, justificam a autoridade que a Igreja lhe reconheceu. (Bíblia de Jerusalém, p. 717, grifo nosso).

Das passagens citadas nessa nota, há uma bem interessante ao nosso estudo; é a seguinte:

2Mc 12,41-46: "*Todos, pois, tendo bendito o modo de proceder do Senhor, justo Juiz que torna manifestas as coisas escondidas, puseram-se em oração para pedir que o pecado cometido fosse completamente cancelado. E o valoroso Judas exortou a multidão a se conservar isenta de pecado, tendo com os próprios olhos visto o que acontecera por causa do pecado dos que haviam tombado. Depois, tendo organizado uma coleta, enviou a Jerusalém cerca de duas mil dracmas de prata, a fim de que se oferecesse um sacrifício pelo pecado: agiu assim absolutamente bem e nobremente, com o pensamento na ressurreição. **De fato, se ele não esperasse que os que haviam sucumbido iriam ressuscitar, seria supérfluo e tolo rezar pelos mortos**. Mas, se considerava que uma belíssima recompensa está reservada para os que adormecem na piedade, então era santo e piedoso o seu modo de pensar. Eis por que ele mandou oferecer esse sacrifício expiatório pelos que haviam morrido, a fim de que fossem absolvidos do seu pecado*".

Vê-se, portanto, que a crença na ressurreição dos mortos, implica em ter uma vida

após a morte, que, na pior das hipóteses, aconteceria somente para os que agradavam a Deus.

Agora, vejamos no Novo Testamento:

> Mt 25,46: "*E irão estes para o **castigo eterno** enquanto os justos irão para a **vida eterna**".*

> Jo 3,16: "*Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que **todo o que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna**".*

> Jo 5,24-25: "*Em verdade, em verdade vos digo: **quem escuta a minha palavra** e crê naquele que me enviou **tem a vida eterna** e não vem a julgamento, mas passou da morte à vida. Em verdade, em verdade, vos digo: vem a hora – e é agora – em que **os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que o ouvirem, viverão**".*

> Jo 10,27-28: *"As minhas ovelhas escutam a minha voz, eu as conheço e elas me seguem; **eu lhes dou a vida eterna e elas não perecerão**, e ninguém as arrebatará de minha mão".*

Para se ter vida eterna, seja na presença de Deus ou, supostamente, em algum lugar de tormentos, deve-se pressupor que isso só acontecerá se houver imortalidade E essa imortalidade é do espírito, não do corpo, conforme já afirmamos, anteriormente, que é a parte do ser humano que *"tu és pó e ao pó tornarás"* (Gn 3,19).

Mas essa incerteza ainda leva alguns a dizerem que, depois da morte física, o espírito fica dormindo, usando-se de passagens bíblicas pela literalidade, como, por exemplo, as seguinte que tomamos da "Bíblia Evangélica", constante do CD-Rom *Livros Sagrados 2*:

> 1Rs 2,10: "*Depois Davi **dormiu** com seus pais, e foi sepultado na cidade de Davi".*

> 1Rs 11,43: "*E Salomão **dormiu** com seus pais, e foi sepultado na cidade de Davi, [...]".*

> 1Rs 14,20: "*E o tempo que Jeroboão reinou foi vinte e dois anos. E **dormiu** com seus pais; [...]".*

> 1Rs 14,31: "*E Roboão **dormiu** com seus pais, e foi sepultado com eles na cidade de Davi [...]".*

> 1Rs 15,8: "*Abião **dormiu** com seus pais, e o sepultaram na cidade de Davi [...]".*

A palavra **"dormiu"** aparece por 36 vezes [20], concentrando, sua maioria, no livro dos Reis (I e II) e no de Crônicas (II); mas será realmente que ela tem o sentido literal de dormir? Se alguém usasse uma dessas expressões: "abotoou o paletó", "apagou", "bateu as botas", "comeu capim pela raiz", "empacotou", "espichou as canelas", "vestiu paletó de madeira", "virou presunto", o que se entenderia? Iríamos tomá-las ao pé da letra ou entendê-las no sentido figurado? A resposta deverá indicar como deveremos interpretar alguns termos que constam na Bíblia.

Há, ainda, os que tomam da seguinte passagem para justificar a inconsciência do espírito após a morte:

> Ecl 9,5-6.10: *"Os vivos sabem ao menos que morrerão; os mortos, porém, não sabem nada. Não há para eles retribuição, uma vez que sua lembrança é esquecida. Seu amor, ódio e ciúme já pereceram, e eles nunca mais participarão de tudo o que se faz debaixo do sol. Tudo o que te vem à mão para fazer, faze-o conforme a tua capacidade, pois, **no Xeol para onde vais, não existe obra, nem reflexão, nem conhecimento e nem sabedoria**".*

Apesar de ser, incontestavelmente, uma visão materialista, mesmo assim, daí tomam que os mortos, habitantes do Xeol, não têm consciência de nada; porém, deveriam também

---

20 **Gn** 47,30; **2Sm** 7,12; **1Rs** 1,21; 2,10; 11,43; 14,20.31; 15,8.24; 16,6.28; 22,40.50; **2Rs** 8,24; 10,35; 13,9.13; 14,16.29; 15,7.22.38; 16,20; 20,21; 21,18; 24,6; **2Cr** 9,31; 12,16; 14,1; 16,13; 21,1; 26,23; 27,9; 28,27; 32,33; 33,20; **At** 13,36.

tomar, para serem mais coerentes com tudo que se diz nela, que os mortos não terão recompensa, apesar de contrariar o que Jesus pregou: *"a cada um de acordo com o seu comportamento"* ou *"a cada um segundo suas obras"* (Mt 16,27), conforme outras traduções. Fácil identificar no autor dela um saduceu, já que, com esse pensamento, se iguala aos desse grupo religioso.

Sobre a crença no Xeol (=hades, inferno), habitação dos mortos, temos as seguintes informações:

> **Xeol**. Palavra de origem desconhecida, que designava as profundezas da terra (Dt 32,22; Is 14,9 etc.), **onde os mortos ''descem''** (Gn 37,35; 1Sm 2,6 etc.) e **onde bons e maus se confundem** (1Sm 28,29; Sl 89,49; Ez 32,17-32) e têm sobrevivência apagada (Ecl 9,10), e onde Deus não é louvado (Sl 6,6; 88,6.12-13; 115,19; Is 38,18). Contudo, o poder do Deus vivo (cf. Dt 5,26+) se exerce mesmo nesta habitação desolado (1Sm 2,6; Sb 16,13; Am 9,2). A doutrina das recompensas e das penas de além-túmulo e a da ressurreição, preparadas pela esperança dos salmistas (Sl 16,10-11; só aparecem claramente no fim do Antigo Testamento (Sb 3,5 em ligação com a crença na imortalidade, ver Sb 3,4+; 2Mc 12,38+) (Bíblia de Jerusalém, p. 227-228). (grifo nosso).
>
> **Habitação dos mortos**: expressão frequente que traduz o vocábulo hebraico Cheol. Os antigos hebreus não tinham, da vida futura, uma ideia tão clara como nós. Para eles, **a alma separada do corpo permanecia num lugar obscuro**, de tristeza e esquecimento, em que **o destino dos bons era confundido com o dos maus**. Donde a necessidade de uma retribuição terrestre para os atos humanos. (Bíblia Sagrada Ave Maria, p. 660). (grifo nosso).

E, quanto à questão da não imortalidade, pegam para justificá-la, entre outros, o seguinte passo: *"O homem não pode ter tudo, pois o ser humano não é imortal"* (Eclo 17,25) (Bíblia Sagrada - Pastoral). Certamente que, nessa passagem, o autor estava se referindo ao homem físico; esse, sim, não é mesmo imortal, volta ao pó. Vimos, um pouco atrás, vários autores bíblicos separando as duas coisas, como, por exemplo: *"Então o pó volta para a terra de onde veio, e o sopro vital retorna para Deus que o concedeu"* (Ecl 12,7) (Bíblia Sagrada - Pastoral), onde o "sopro vital" significa espírito, conforme já o dissemos.

Há ainda uma outra passagem em que se agarram para negar a imortalidade do espírito, que é aquela onde está dito que Jesus é o único que tem a imortalidade (1Tm 6,16). Entretanto, mais tarde, Paulo, explicando melhor seu pensamento, disse: *"Foi manifestada agora pela Aparição de nosso Salvador, o Cristo Jesus.* ***Ele não só destruiu a morte, mas também fez brilhara a vida e a imortalidade pelo Evangelho***" (2Tm 1,10). Fora a questão de que Jesus sempre se igualou a nós, é fácil perceber que a razão de tal afirmativa se encontra na questão de que o viram voltando do mundo dos mortos; daí atribuírem apenas a ele essa condição. Pelo conhecimento que detinham à época, não era de se esperar outra coisa além disso.

Vamos trazer outras passagens para comprovação da imortalidade do nosso espírito.

Primeiramente, há uma em que se apoiam para dizer que a comunicação com os mortos é proibida. Está em Dt 18,9-11: "Não se achará em ti quem faça passar seu filho ou sua filha pelo fogo, nem adivinhador, nem feiticeiros, nem agoureiro, nem cartomante, nem bruxo, nem mago, nem quem consulte o necromante e o adivinho, nem quem exija a presença dos mortos". (SILVA, 2001, p. 75).

A necromancia, entendida pelo que faziam àquela época, consistia na evocação dos mortos para fins de adivinhação; e todas as proibições contidas nesse passo se resumem exatamente neste ponto. A própria proibição atesta que, de fato, os mortos se comunicavam, porquanto, não há sentido algum em se proibir o que não acontece. Veremos, que, na sequência do texto até o final desse capítulo, o assunto é relativo ao suposto desejo de Deus de que as pessoas somente consultassem a Ele, já não havia dito que era um Deus ciumento (Ex 20,5). Portanto, existia, sim, a crença na comunicação com os mortos; por consequência, a manifestação deles prova que o espírito sobrevive à morte física, o que, consequentemente, nos leva a aceitar que ele é imortal e que, além disso, permanece consciente após a morte física.

No Antigo Testamento há, ainda, uma outra passagem que deixa isso claro; é a que provoca, nos contrários a essa ideia, um verdadeiro malabarismo exegético para, justamente, tirar dela a realidade da comunicação com os mortos. Estamos falando de 1Sm 28,3-20, onde se relata o episódio em que o rei Saul vai a Endor em busca de uma mulher que consultava os mortos, uma necromante, à qual solicita evocar o espírito Samuel. Este atende à evocação, e faz uma profecia a Saul, dizendo-lhe que viria a morrer na guerra contra os filisteus, juntamente com seus filhos. Fato reconhecido como verdadeiro pelo autor de Eclesiástico que, falando de Samuel, disse: *"**Até depois de morrer profetizou,** anunciou ao rei seu fim; do seio da terra elevou a voz, profetizando para apagar a iniquidade do povo".* (Eclo 46,20). É um relato histórico que não poderá ser negado pelos que não atribuem a esse livro um valor canônico.

Eis a narrativa:

> 1Sm 28,3-20: *"**Samuel tinha morrido**, e todo o Israel o tinha lamentado, e o sepultaram em Ramá, sua cidade. Saul havia expulsado da terra os necromantes e os adivinhos. Entretanto, os filisteus se reuniram e vieram acampar em Sunam. Saul reuniu todo o Israel e acamparam em Gelboé. Quando Saul viu o exército dos filisteus acampado, encheu-se de medo e o seu coração se perturbou. Saul consultou Iahweh, mas Iahweh não lhe respondeu, nem por sonho, nem pela sorte, nem pelos profetas. Saul disse então aos seus servos: '**Buscai-me uma mulher que pratique a adivinhação para que eu lhe fale a a consulte**. E os servos lhe responderam: 'Há mulher que pratica a adivinhação em Endor'. Então Saul disfarçou-se, vestiu outra roupa e, de noite, acompanhado de dois homens, foi ter com a mulher, e lhe disse: "**Peço-te que pratiques para mim a adivinhação, evocando para mim que eu te disser**'. A mulher, porém, lhe respondeu: 'Tu bem sabes o que fez Saul, expulsando o país os necromantes e adivinhos. Por que me armas uma cilada para que eu seja morta?' Então Saul jurou-lhe por Iahweh, dizendo: 'Pela vida de Iahweh, nenhum mal te acontecerá por causa disso'. Disse a mulher: 'A quem chamarei para ti?' Ele respondeu: '**Chama Samuel**'. Então a mulher viu Samuel e, soltando um grito medonho, disse a Saul: 'Por que me enganaste? Tu és Saul!' Disse-lhe o rei: 'Não temas! Mas o que vês?' E a mulher respondeu a Saul: '**Vejo um deus** que sobe da terra'. Saul indagou: 'Qual é a aparência?' A mulher respondeu: 'É um velho que está subindo; veste um manto'. **Então, Saul viu que era Samuel** e, inclinando-se com o rosto no chão prostrou-se. Samuel disse a Saul: 'Por que perturbas o meu descanso evocando-me?' Saul respondeu: 'É que estou em grande angústia. Os filisteus guerreiam contra mim, Deus se afastou de mim, não me responde mais, nem pelos profetas nem por sonhos. Então vim te chamar para que me digas o que tenho de fazer'. **Respondeu Samuel**: 'Por que me consultas, se Iahweh se afastou de ti e se tornou teu adversário? **Iahweh fez por outro como te havia dito por meu intermédio**; tirou das tuas mãos a realeza e a entregou a Davi, porque não obedecestes a Iahweh e não executaste o ardor de sua ira contra Amalec. Foi por isso que Iahweh e tratou hoje assim. Como consequência, Iahweh entregará, juntamente contigo, o teu povo Israel nas mãos dos filisteus. Amanhã, tu e os teus filhos estareis comigo; e o exército de Israel também: Iahweh o entregará nas mãos dos filisteus'. Imediatamente, Saul caiu estendido no chão, **terrificado pelas palavras de Samuel** e também enfraquecido por não se ter alimentado todo o dia e toda noite".*

A preocupação inicial desse autor bíblico foi ressaltar em que condição Samuel viria aparecer no relato; é por esse motivo que vai logo informando que *"Samuel tinha morrido".* Na sequência do texto, fica clara a aparição de Samuel, primeiramente visto pela necromante, depois reconhecido por Saul. Inclusive ele, Samuel, diz ao rei que já lhe havia falado a respeito de que viria perder a realeza para um outro, ou seja, quando ele ainda estava vivo (1Sm 15,28). E finaliza o texto dizendo que Saul ficou *"terrificado pelas palavras de Samuel"*. Alguma dúvida? Ou será preciso apelar para: "foi o demônio quem se manifestou ou um pseudoespírito"? Mas, e o teor dos textos, não vale nada?

De fato, esse passo é o que tem mais dado dor de cabeça aos adversários das manifestações dos espíritos e também aos negadores da imortalidade para arrumarem uma explicação razoável de modo a tirarem dela a evidência incontestável dessa ocorrência. Tentando descaracterizá-la dizem alguns "foi o demônio que tomou a aparência de Samuel",

em contradição com a citação expressa do texto: *"Então a mulher **viu Samuel**"*, *"Então, Saul **viu que era Samuel**", "**Samuel disse** a Saul" e "**Respondeu Samuel"**.* E mais, não existe nenhuma afirmação na Bíblia, na qual eles possam apoiar-se, para afirmarem que os demônios são os que aparecem no lugar dos mortos.

De qualquer forma, podemos concluir que os mortos continuam vivos, em espírito é claro, e que não ficam dormindo e muito menos estariam inconscientes até o dia do juízo final.

A fala de Samuel: "*Por que perturbas o meu descanso*", é interessante, pois se alguém nos provar que só se descansa dormindo, passaremos a acreditar que os mortos ficam dormindo, pois, segundo se acredita, estariam "descansando em paz". Quanto à questão da inconsciência, não há como sustentar essa ideia, pois se Samuel estivesse inconsciente, dormindo ou não, pouco importa, não atenderia à evocação da necromante, a pedido do rei Saul, coisa que só estando consciente para se fazer.

Há um momento da vida de Jesus, em que ele conversa com dois mortos. Esse fato encontra-se narrado por Mateus (17,1-9), por Marcos (9,2-13) e por Lucas (9,28-36), que afirmam que os dois homens que estavam conversando com Jesus eram Moisés e Elias, que apareceram envoltos em sua glória, ou seja, na condição de espíritos. O assunto deles era sobre o sua morte que aconteceria em Jerusalém. Os negadores apelam querendo justificar que Elias não morreu e que Moisés estaria ressuscitado em corpo físico, numa evidente exegese bíblica às avessas. A palavra "aparecer" é usada para espíritos, fantasmas e almas; não para um encarnado.

Vejamos, pois, os textos:

> Mt 17,1-4.9: *"Seis dias depois, Jesus tomou Pedro, Tiago e o seu irmão João, e os levou para um lugar à parte sobre uma alta montanha. E ali foi transfigurado diante deles. Seu rosto resplandeceu como o sol e as suas vestes tornaram-se alvas como a luz. E **eis que lhes apareceram Moisés e Elias conversando com ele**. Então, Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: 'Senhor, é bom estarmos aqui. Se queres, levantarei aqui três tendas: uma para ti outra para Moisés e outra para Elias'. Ao descerem do monte, Jesus ordenou-lhes: 'Não conteis a ninguém essa visão, até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos'".*
>
> Lc 9,28-31.36: *"Mais ou menos oiteo dias depois dessa palavras, tomando consigo a Pedro, João e Tiago, ele subiu à montanha para orar. Enquanto orava, o aspecto de seu rosto se alterou, suas vestes tornaram-se de fulgurante brancura. **E eis que dois homens conversavam com ele: eram Moisés e Elias, que, aparecendo envoltos em glória, falavam de seu êxodo que se consumaria em Jerusalém**. […] Os discípulos mantiveram silêncio e, naqueles dias, a ninguém contaram coisa alguma do que tinham visto".*

Vale a pena ressaltar que Jesus não proibiu a ninguém de conversar com os mortos; a recomendação, aos discípulos, foi de que esperassem a sua ressurreição para falar do acontecido.

Na sequência da narrativa de Mateus, nos é mostrado que os discípulos ficaram confusos; vendo Elias ali, surgiu-lhes a dúvida sobre a profecia a respeito de sua volta. A mais interessante narrativa é a de Marcos, leiamo-la:

> Mc 9,10-13: "*Eles observaram a recomendação **perguntando-se que significaria "ressuscitar dos mortos"**. E perguntaram-lhe: 'Por que motivo os escribas dizem que é preciso que Elias venha primeiro?' Ele responde: 'Elias certamente virá primeiro, para restaurar tudo. […] Eu, porém, vos digo: **Elias já veio**, e fizeram com ele tudo o que quiseram como dele está escrito'".*

A pergunta sobre "ressuscitar dos mortos", tendo como complemento o questionamento sobre a volta de Elias e, na sequência, a resposta de Jesus confirmando que a sua volta, dizendo que isso de fato já aconteceu, porquanto "*Elias já veio, mas não o reconheceram"* (Mt 17,10), a consequência dessa afirmação de Jesus foi que *"os discípulos entenderam que falava de João Batista"* (Mt 17,13). Ora, tudo isso faz com que o conceito de "ressuscitar dos mortos", neste contexto, signifique reencarnação, sem a mínima possibilidade de contestação. Assim, se

João Batista é Elias em nova encarnação, isso também, por tabela, prova a imortalidade da alma, quer gostem ou não. Não foi sem motivo que Jesus disse: "*Quem tem ouvidos, ouça!".* (Mt 11,15).

E já que falamos de reencarnação, há um outro princípio intimamente ligado a ela, que é o da preexistência do espírito. Será que encontramos alguma passagem bíblica em que poderemos identificá-lo? Achamos que sim. Vejam, por exemplo, essas quatro:

> Jó 8,7.9: "*Teu passado parecerá pouca coisa diante da exímia grandeza do teu futuro. **Somos de ontem, não sabemos nada. Nossos dias são uma sombra sobre a terra**".*
>
> Sl 51,7: *Eis que eu nasci na iniquidade, minha **mãe concebeu-me no pecado**".*
>
> Sb 8,19-20: "*Eu era um jovem de boas qualidades, **coubera-me, por sorte, uma boa alma, ou antes, sendo bom, tinha vindo num corpo sem mancha**".*
>
> Jr 1,4-5: *"A palavra de Iahweh me foi dirigida nos seguintes termos: '**Antes mesmo de te modelar no ventre materno, eu te conheci**; antes saísse do seio, eu te consagrei. Eu te constituí profeta para as nações".*

Obviamente que alguns poderão contestar; mas o que fazer? Vamos convencê-los à força? De forma alguma! Plena liberdade para se acreditar no que quiser, pois, da mesma forma, advogamos, a nós, esse princípio universal do Direito.

Expliquemos somente Sb 8,19-20: se, por ser um jovem de boas qualidades, ou seja, sendo bom, coube-lhe um corpo sem mancha, então, devemos concluir que esse jovem já existira antes, ou seja, vivia na condição de espírito, que, em outras palavras, significa preexistência; tal e qual Jesus havia afirmado: "*Em verdade, em verdade, vos digo: antes que Abraão existisse, eu sou*" (Jo 8,58), ou seja, Jesus já existia muito antes que Abraão existisse, provando a sua superioridade espiritual sobre o patriarca dos hebreus.

Em outra passagem o "ressuscitar dos mortos" tem como entendimento voltar à condição de espírito, conforme podemos deduzir de: *"Mas se morremos com Cristo, **uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre**, a morte não tem mais domínio sobre ele"*. (Rm 6,8-9). Não se trata da ressurreição do juízo final, pois, mesmo que ele ainda não tenha acontecido, é fato que Cristo ressuscitou, o que igualmente ocorrerá conosco. Mas aqui fala que os ressuscitados não morrem mais, ora, se isso não for imortalidade, o que seria então? Quanto à imortalidade ainda podemos acrescentar:

> Sb 2,23: "***Deus criou o homem para a incorruptibilidade** e o fez imagem de sua própria natureza".*

Aqui confirmamos o que já dissemos antes a respeito de nossa semelhança com Deus, a parte incorruptível do homem é o seu espírito, pois quanto ao corpo há de ser cumprido o seu inexorável destino: *"tu és pó e ao pó tornarás"* (Gn 3,19). Essa semelhança também é em relação à imortalidade.

> Sb 3,1-5: "***A vida dos justos** está nas mãos de Deus, nenhum tormento os atingirá. Aos olhos dos insensatos **pareceram mortos; sua partida foi tida como uma desgraça, sua viagem para longe de nós como um aniquilamento**, mas **eles estão em paz**. Aos olhos humanos pareciam cumprir uma pena, mas **sua esperança estava cheia de imortalidade**; por um pequeno castigo receberão grandes favores. Deus os submeteu à prova e os achou dignos de si".*
>
> Explicam-nos os tradutores sobre a palavra *athanasia* (imortalidade):
>
> > **Essa palavra**, até aqui inusitada no AT, mas familiar aos gregos, designava, quer a imortalidade da lembrança (cf. 8,13), que a da alma. **O autor a emprega aqui no segundo sentido, mas para significar a imortalidade** bem-aventurada na sociedade de Deus, como recompensa pela justiça (1,15; 2,23). (Bíblia de Jerusalém, p. 1109, grifo nosso).

Não precisamos acrescentar mais nada, pois no próprio texto bíblico contesta os que acreditam no aniquilamento dos que já morreram e confirma a imortalidade da alma.

> Sb 6,18-19: *"O amor é a observância de suas leis, **o respeito das leis é a garantia de incorruptibilidade** e a incorruptibilidade aproxima de Deus".*

De maneira objetiva, explicam-nos, novamente, os tradutores: "Aplicar-se à observância das leis da Sabedoria não basta para tornar-se incorruptível, mas cria título real e incontestável para obter de Deus a incorruptibilidade bem-aventurada ou a imortalidade (cf. 2,23; 3,4)" (Bíblia de Jerusalém, p. 1115). Falou pouco, mas disse tudo.

> Sb 8,12-13: *"Se calo, ficarão em expectativa; se falo, prestarão atenção; se me alongo no discurso, colocarão a mão sobre a boca. Por causa dela **alcançarei a imortalidade**, à posteridade legarei lembrança eterna".*

Pela expressão "alcançarei a imortalidade", fica tão clara essa questão, que ficamos pasmos com os que não acreditam, que na Bíblia se fala desse assunto.

> Dn 12,2: *"E **muitos dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbrio**, para o horror eterno".*

Não levando em conta a questão da justiça conflitar com eternidade da pena, vamos ver que os que já morreram, segundo o texto, irão passar por um julgamento, conforme o que fizeram, enquanto viviam, terão como destino a vida eterna ou o castigo eterno, o que quer dizer que, após a morte, haverá vida, pois não há sentido algum, nesse caso, em se falar em prêmio ou castigo se não houver sobrevivência do espírito. Ademais, se tais consequências são eternas, significa imortalidade de alguma coisa, como não pode ser do corpo já que *"tu és pó e ao pó tornarás",* (Gn 3,19), concluímos que a imortalidade é do espírito, pois é nele que reside a nossa semelhança para com Deus.

Voltando à questão da ressurreição, afirmarmos que é falsa a ideia de ressuscitar da carne, como muitos acreditam que irá acontecer. Isso, provavelmente, não passa de pensamento dos egípcios que achavam que o corpo era necessário na outra vida; daí o motivo pelo qual eles mumificavam os corpos. Além disso, ainda temos Paulo afirmando: *"é semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual. Se existe um corpo animal, também existe um corpo espiritual"* (1Cor 15,44) (Bíblia Sagrada - Pastoral) *e "a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus"* (1Cor 15,50). Citaremos também mais essa passagem que fala da morte: *"é porque o homem já está a caminho de sua morada eterna, e os que choram a sua morte, já começam a rondar pela rua"* (Ecl 12,5). Se a morada é eterna, e aqui está se falando da morte física, então como explicar o retorno do corpo na ressurreição dos mortos?

Merece destaque uma parábola de Jesus, que virá ajudar-nos no desenvolvimento, que estamos fazendo. Leiamo-la:

> Lc 16,19-31: *"Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e cada dia se banqueteava com requinte. Um pobre, chamado Lázaro, jazia à sua porta, coberto de úlceras. Desejava saciar-se do que caída da mesa do rico... E até os cães vinham lamber-lhe as úlceras. Aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado. Na mansão dos mortos, em meio a tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro em seu seio. Então exclamou: 'Pai Abraão, tem piedade de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo para me refrescar a língua, pois estou atormentado nesta chama'. Abraão respondeu: 'Filho, lembra-te de que recebeste teus bens durante tua vida, e Lázaro por sua vez os males; agora, porém, ele encontra aqui consolo e tu és atormentado. E além do mais, entre nós e vós existe um grande abismo, a fim de que aqueles que quiserem passar daqui para junto de vós não o possam, nem tampouco atravessem de lá até nós. Ele replicou: 'Pai, eu te suplico, envia então Lázaro até a casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos; que leve a eles seu testemunho, para que não venham eles também para este lugar de tormento1. Abraão, porém, respondeu: 'Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos'. Disse ele: 'Não, pai Abraão, mas se alguém dentre os mortos for procurá-los, eles se arrependerão'. Mas Abraão lhe disse: 'Se não escutam nem a*

Moisés nem aos Profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão'".

Sabemos que toda parábola traz sempre no fundo alguma verdade. O Aurélio a define: "Narração alegórica na qual o conjunto de elementos evoca, por comparação, outras realidades de ordem superior".

Vejamos o que ainda poderemos retirar dessa parábola do rico e Lázaro, fora a questão da recompensa no após morte. Uma coisa bem clara é que acreditavam na comunicação com os mortos, pois é por este motivo que se justifica o pedido do rico a Abraão para enviar Lázaro a seus cinco irmãos. A resposta de Abraão não é que isso não poderia acontecer, mas era totalmente inútil, pois se eles não ouviam a Moisés e nem aos Profetas, que estavam vivos, muito menos ouviriam um morto, que tentasse lhes ensinar a verdade. Resumindo: na visão do rico era útil um morto ir comunicar-se com seus parentes; para Abraão era inútil.

E já que citamos o nome de Lázaro, há um outro, o irmão de Marta e Maria que foi ressuscitado por Jesus (Jo 11,1-44). Depois de já ter passado quatro dias de sua morte, o Mestre, junto ao seu túmulo, lhe disse: *"Lázaro, vem para fora!"* (Jo 11,43), o que fez com que o morto saísse. Essa ressurreição como a volta do espírito ao corpo físico, nos prova que os mortos não ficam inconscientes, pois, caso ficassem, o espírito Lázaro não atenderia ao chamado de Jesus. E houve comunicação com um morto.

Poderíamos questionar se havia mesmo manifestações espirituais àquela época. Para sabermos, vamos à pesquisa. Encontramos algumas situações que poderemos, sim, atribuí-las como sendo manifestações de espíritos; vejamos:

a) Manifestação de espíritos confundidos como sendo o próprio Deus

O textos de todos os passos abaixo, relativos a esse item, foram transcritos da Bíblia Sagrada – Pastoral:

Nm 24,2-3: *"[...] levantou os olhos e viu Israel acampado por tribos. Então* ***o espírito de Deus desceu sobre ele****, e ele pronunciou o seu poema:.."*;

Jz 6,34: "***O espírito de Javé se apoderou*** *de Gedeão, que tocou a trombeta, e Abiezer se agrupou a ele".*

Jz 11,29: "***Então o espírito de Javé desceu sobre Jefté****, que atravessou o território de Galaad e Manassés, passou por Masfa e Galaad, e daí foi até os amonitas".*

Jz 14,6: "***O espírito de Javé desceu sobre Sansão****, e ele, sem ter nada nas mãos, despedaçou o leãozinho, como se despedaça um cabrito..."*

Jz 14,19: "***Então o espírito de Javé desceu sobre Sansão e apossou-se dele****. Ele foi até Ascalon,* ***matou trinta homens****, tirou as roupas deles e deu para os que tinham adivinhado a resposta. Depois, cheio de raiva, voltou para a casa do seu pai".*

1Sm 10,6.10: "***Então o espírito de Javé virá sobre você,*** *e também você entrará em transe com eles e se transformará em outro homem. Daí, partiram para Gabaá, e um grupo de profetas foi ao encontro de Saul.* ***O espírito de Javé desceu sobre ele****, que entrou em transe no meio deles".*

1Sm 11,6-7: *"Quando Saul ouviu a notícia,* ***o espírito de Javé tomou conta dele****. Saul ficou enfurecido, pegou uma junta de bois, os despedaçou e os mandou por mensageiros a todo o território de Israel, [...]".*

1Cr 12,19: *"Então* ***o espírito se apoderou de Amasai, chefe dos Trinta, que exclamou****: 'Nós somos dos seus, Davi. Estamos com você, filho de Isaí. Paz a você e aos seus companheiros, porque o seu Deus está do seu lado'..."*

2Cr 24,20: "***Então o espírito de Deus se apoderou de Zacarias,*** *filho do sacerdote Joiada. Ele se dirigiu ao povo e disse: 'Assim fala Deus: Por que é que vocês estão desobedecendo aos mandamentos de Javé? Vocês vão se arruinar. Vocês abandonaram Javé, e ele também os abandona!'".*

Certamente que não iremos atribuir a Deus tanta barbaridade acontecida aqui pelos que, supostamente, estavam investidos do "espírito de Deus"; não é mesmo? Mas mude-se o artigo "o" para o indefinido "um" e tudo se ajusta sem problema algum. Por outro lado, é fácil reconhecer que, de fato, o espírito é de Deus como o são todos os espíritos, o que não quer dizer que seja o espírito do próprio Deus.

b) Influência de espíritos bons

Mt 10,19-20: *"Quando vos entregarem, não fiqueis preocupados em saber como ou o que haveis de falar. Naquele momento vos será indicado o que deveis falar, porque não sereis vós que falareis, mas* ***o Espírito de vosso Pai*** *é que falará em vós".*

Mc 13,11: *"Quando, pois, vos levarem para vos entregar, não vos preocupeis com o que havereis de dizer; mas, o que vos for indicado naquela hora, isso falareis; pois não sereis vós que falareis, mas* ***o Espírito Santo****".*

Lc 11,13: *"Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar coisa boas aos vossos vilhos, quanto mais o Pai do céu dará* ***o Espírito Santo*** *aos que o pedirem"!".*

Bom; aqui, nestes passos, teremos que mudar o artigo "o" para "um", já que, pela grandeza de Deus e, consequentemente, pela nossa pequenez, é bastante improvável que Ele venha a influenciar diretamente um ser humano. É bem certo que o fará, mas por via indireta, usando um espírito puro, ou no linguajar bíblico: "um Espírito Santo".

c) Influência de espíritos maus

1Sm 16,14-16.23: "*O espírito de Iahweh tinha se retirado de Saul, e* ***um mau espírito, procedente de Iahweh****, o atormentava. Então os servos de Saul lhe disseram: 'Eis que um mau espírito vindo de Deus te atormenta. Mande nosso senhor, e os servos que te assistem irem buscar um homem que saiba dedilhar a lira, e quando o mau espírito da parte de Deus te atormentar, ele tocará e tu te sentirás melhor'. Todas as vezes que o espírito de Deus o acometia,* ***Davi tomava a lira e tocava****: então* ***Saul se acalmava****, sentia-se melhor e* ***o mau espírito o deixava***".

1Sm 18,10-11: "*No dia seguinte,* ***um mau espírito da parte de Deus assaltou Saul,*** *que começou a delirar no meio da casa. Davi tangia a lira com nos outros dias, e Saul estava com a lança na mão. Saul atirou a lança e disse; 'Cravarei Davi na parede!', mas Davi lhe escapou duas vezes".*

Mc 1,23-26: "*Na ocasião, estava na sinagoga deles* ***um homem possuído de um espírito impuro****, que gritava dizendo: 'Que queres de nós, Jesus Nazareno?' Vieste para nos arruinar-nos? Sei quem tu és: o Santo de Deus'.* ***Jesus, porém, o conjurou severamente****: 'Cala-te e sai dele'. Então o espírito impuro, sacudindo-o violentamente e soltando grande grito, deixou-o*".

Mc 3,30: *"Isso porque eles diziam: "Ele está* ***possuído por um espírito impuro****".*

Mc 5,1-13: *"Chegaram ao outro lado do mar, à região dos gerasenos. Logo que Jesus desceu do barco, caminhou ao seu encontro, vindo dos túmulos,* ***um homem possuído por um espírito impuro****: habitava no meio das tumbas e ninguém podia dominá-lo, nem mesmo com correntes. Muitas vezes já o haviam prendido com grilhões e algemas, mas ele arrebentava os grilhões e estraçalhava as correntes, e ninguém conseguia subjugá-lo. E, sem descanso, noite e dia, perambulava pelas tumbas e pelas montanhas, dando gritos e ferindo-se com pedras. Ao ver Jesus, de longe, correu e prostrou-se diante dele, clamando em alta voz: 'Quem queres de mim, Jesus, filho do Deus altíssimo. Conjuro-te por Deus que não me atormentes!' Com efeito, Jesus lhe disse; 'Sai deste homem, espírito impuro!' E perguntou-lhe: 'Qual é o teu nome?' Respondeu: 'Legião é meu nome, porque somos muitos'. E rogava-lhe insistentemente que não os mandasse para fora daquela região. Ora, havia ali, pastando na montanha, uma grande manada de porcos. Rogavam-lhe, então os espíritos impuros dizendo: 'Manda-nos para os porcos, para que entremos neles'. Ele o permitiu. E* ***os espíritos saíram****, entraram nos porcos e a manada – cerca de dois mil – se arrojou n o precipício abaixo, e se aforavam no mar".*

> At 19,13-15: *"Então, alguns exorcistas judeus ambulantes começaram a pronunciar, eles também, o nome do Senhor Jesus, sobre os que tinham espíritos maus. E diziam: 'Eu vos conjuro por Jesus, a quem Paulo proclama!' Quem fazia isto eram os sete filhos de certo Sceva, sumo sacerdote judeu. Mas* ***o espírito mau*** *replicou-lhes: 'Jesus eu o conheço; e Paulo, sei quem é. Vós, porém, quem sóis?' E investindo contra eles,* ***o homem no qual estava o espírito mau*** *dominou a uns e outros, e de tal modo os maltratou que, desnudos e feridos, tiveram de fugir daquela casa".*

Manifestações desses espíritos podem-se ver em toda a Bíblia, aparecem com as seguinte denominações: espíritos impuros, espíritos maus e demônios. Aliás, poderemos dizer, sem medo de errar, que ela, a Bíblia, é o maior repositório de fenômenos mediúnicos, ainda incompreendidos pela massa dos fiéis, e que, na maioria das vezes, são escamoteados pelos seus líderes.

d) outras manifestações

> Ez 2,1-3: *"Ele me disse: 'Filho do homem, põe-te de pé que vou falar contigo'. Enquanto falava,* ***entrou em mim o espírito e me pôs de pé****. Então ouvi aquele que falava comigo. Com efeito, ele me disse: 'Filho do homem, enviar-te-ei aos israelitas, a esses rebeldes que se rebelaram contra mim. Sim, eles e os seus pais se revoltaram contra mim até o dia de hoje'".*

Aqui, no linguajar popular, estamos diante de uma incorporação, onde um espírito, agindo diretamente no corpo do médium, usa-o conforme sua conveniência.

Podemos incluir aqui, nesse item, mais o acontecimento de ser arrebatado em espírito, que é narrado pelos passos:

> 2Cor 12,1-4: *"É preciso gloriar-se? Por certo, não convém. Todavia mencionarei as visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que, há quatorze anos, foi* ***arrebatado ao terceiro céu*** *– se em seu corpo, não se: se fora do corpo, não sei; Deus o sabe! E sei que esse homem – se no corpo ou fora do corpo não sei; Deus o sabe! – foi* ***arrebatado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis****, que não é lícito ao homem repetir".*
>
> Ap 17,3: *"Ele* [um dos sete Anjos] ***me transportou então, em espírito****, ao deserto, [...]"*
>
> Ap 21,9-10: *"Depois, um dos sete Anjos [...] veio até mim [...] Ele então* ***me arrebatou em espírito****, sobre um grande e alto monte, e mostrou-me a Cidade santa, Jerusalém, que descia do céu, de junto de Deus".*

Tanto Paulo quanto João são arrebatados em espírito, ou seja, passam pelo fenômeno de afastamento temporário dos seus espíritos de seus corpos, comumente denominado de "viagem astral", o que nós, os Espíritas chamamos de desdobramento. Não resta dúvida que para nosso espírito ser arrebatado e enviado a um outro lugar é porque somos, no mínimo, dualistas: corpo e espírito. Entretanto, vamos mais além disso, conforme percebido por Paulo: "*O Deus da paz vos conceda santidade perfeita; e que* ***o vosso ser inteiro, o espírito, a alma e o corpo*** *sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo*". (1Ts 5,23), isso, numa linguagem atual, diríamos: o vosso ser inteiro: o espírito, o perispírito e o corpo físico, porquanto são esses os elementos que compõem o homem encarnado.

Tomando-se como exemplo o livro de Tobias, poderemos dizer que os anjos, muitas vezes citados na Bíblia, são seres humanos desencarnados; senão vejamos essa história:

> *Tb 5,1-22: "Então Tobias respondeu a seu pai Tobit: 'Pai, farei tudo quanto me ordenaste. Mas como poderei recuperar esse dinheiro? Ele não me conhece e nem eu a ele. Que sinal lhe darei para que ele me reconheça, creia em mim e me entregue o dinheiro? Além disso, não sei que caminho tomar para chegar à Média'. Tobit então respondeu a seu filho Tobias: 'Ele me deu seu documento, e eu lhe dei o meu; eu o dividi em dois para que cada um de nós ficasse com a metade. Tomei uma e deixei a outra com o dinheiro. E dizer que já faz vinte anos que depositei esse dinheiro! Agora,*

meu filho, procura um homem de confiança para teu companheiro de viagem, e lhe pagaremos pelo seu trabalho até a tua volta; vai e recupera esse dinheiro junto a Gabael'. ***Tobias saiu em busca de alguém que conhecesse o caminho e que fosse com ele à Média. Ao sair, encontrou Rafael, o anjo, de pé diante dele; mas não sabia que era um anjo de Deus****. Disse-lhe, pois: 'De onde és, jovem?' Respondeu-lhe: '****Sou um dos filhos de Israel, teus irmãos, e vim procurar trabalho****'. Perguntou-lhe Tobias: 'Conheces o caminho da Média?' '****Sim', respondeu ele; 'já estive lá muitas vezes e conheço em detalhe todos os caminhos. Fui à Média com frequência e hospedei-me na casa de Gabael, nosso irmão, que mora em Rages, na Média. São dois dias de viagem entre Ecbátana e Rages, pois Rages está situada na montanha e Ecbátana na planície****'. Disse-lhe Tobias: 'Espera-me, jovem, que eu vou informar meu pai, porque preciso que venhas comigo; pagar-te-ei teu salário'. Respondeu o outro: 'Fico esperando, mas não demores'. Tobias foi informar seu pai e disse-lhe: 'Encontrei um homem, que é dos filhos de Israel, irmão nosso'. E seu pai lhe disse: 'Chama-o aqui, para que eu saiba a que família pertence e se é digno de confiança para que te acompanhe, filho'. Tobias saiu, chamou-o e disse-lhe: 'Jovem, meu pai está te chamando'. O anjo entrou na casa e Tobit o saudou por primeiro. Ele respondeu: 'Desejo-te grande alegria'. Disse Tobit: 'Que alegria posso ainda ter? Estou cego e não posso ver a luz do céu; estou mergulhado nas trevas como os mortos que não contemplam a luz; vivo como um morto; ouço a voz das pessoas, mas não as vejo'. Disse-lhe o anjo: 'Tem confiança, que Deus em breve te curará. Tem confiança!' Tobit lhe disse: 'Meu filho Tobias quer ir à Média. Podes ir com ele e servir-lhe de guia? Eu te darei teu salário, irmão'. Ele respondeu: 'Posso ir com ele, pois conheço detalhadamente todos os caminhos e fui frequentes vezes à Média, percorri todas as suas planícies e as suas montanhas e conheço todas as suas veredas'. Disse-lhe Tobit: 'Irmão, de que família e de que tribo és tu? Fala, irmão'. Respondeu-lhe o anjo: 'Que importa a minha tribo?' Tobit insistiu: 'Gostaria de saber com segurança de quem és filho e qual é o teu nome'. Respondeu-lhe o anjo: 'Sou Azarias, filho do grande Ananias, um de teus irmãos'. Disse-lhe Tobit: 'Bem-vindo, irmão, salve! Não leves a mal, irmão, meu desejo de conhecer com certeza teu nome e tua família; acontece que és parente meu e pertences a uma família honesta e honrada. Conheci Ananias e Natã, os dois filhos do grande Semeias; eles iam comigo a Jerusalém, juntos lá adorávamos, e eles não se desviaram do bom caminho. Teus irmãos são homens de bem; descendes de ilustre estirpe. Sê bem-vindo!' E acrescentou: 'Pagar-te-ei como salário uma dracma por dia, e dar-te-ei, como a meu filho, o que te for necessário. Viaja, pois, com meu filho, e depois ainda acrescentarei algo ao teu salário'. O anjo respondeu: 'Irei com teu filho, nada receies. Sãos partiremos e sãos regressaremos a ti, porque o caminho é seguro'. Respondeu-lhe Tobit: 'Bendito sejas, irmão!' Chamou seu filho e disse-lhe: 'Filho, prepara as coisas para a viagem e parte com teu irmão; que lá vos proteja o Deus que está nos céus e que vos reconduza a mim sãos e salvos; e que seu anjo vos acompanhe com sua proteção, filho'. Tobias saiu para empreender a viagem, e beijou seu pai e sua mãe. Tobit lhe disse: 'Boa viagem!' Sua mãe pôs-se a chorar e disse a Tobit: 'Para que mandaste meu filho partir? Não é ele o bastão de nossa mão que sempre vai e vem conosco? Que não seja o dinheiro o mais importante; que ele não tenha valor ao lado de nosso filho. O nível de vida que Deus nos tinha dado era-nos suficiente'. Respondeu-lhe Tobit: 'Não penses nisso; são partiu nosso filho, e são voltará a nós; com teus próprios olhos o verás no dia em que ele regressar a ti são e salvo. Não penses nisso, nem te inquietes por causa deles, minha irmã. Um bom anjo o acompanhará, lhe dará uma viagem tranquila e o devolverá são e salvo!'".*

Se isso for verdade, então todas as vezes que encontrarmos a ação de um anjo, a entenderemos como sendo um espírito manifestando-se.

"*Sou servo como tu e como teus irmãos, os profetas, e como aqueles que observam as palavras deste livro"*(Ap 22,9), foi o que o anjo disse a João, quando esse caiu de joelhos para o adorar, o que faz com que anjo e ser humano sejam a mesma coisa. Inclusive, quando da ressurreição, os anjos, que estavam junto ao túmulo de Jesus (Mt 28,2; Jo 20,12), foram vistos como homens de vestes brancas.(Mc 16,5; Lc 24,4).

Obviamente que não relacionamos todas as passagens, mas apenas algumas delas para dar exemplos das manifestações de espíritos. Aliás, para os que têm "olhos de ver", a Bíblia está cheia delas, conforme já o dissemos.

Mas poderiam nos perguntar o que é espírito? Espírito é um ser humano desencarnado; vejamos a comprovação:

> Lc 23,46: *"E **Jesus** deu um forte grito: 'Pai, em tuas mãos **entrego o meu espírito**'. Dizendo isso, expirou".*
>
> Lc 24,36-39: *"Falavam ainda, quando **ele próprio** **[Jesus]** **se apresentou no meio deles** e disse: 'A paz esteja convosco!' Tomados de espanto e temor, **imaginavam ver um espírito**. Mas ele disse: 'Por que estais perturbados e por que surgem tais dúvidas em vossos corações? Vede minhas mãos e meus pés: sou eu! Apalpai-me e entendei que um espírito não tem carne, nem ossos, como estais vendo que eu tenho'".*
>
> At 16,7: *"Chegando aos confins da Mísia, tentaram penetrar na Bitínia, mas o **Espírito de Jesus não lho permitiu**".*
>
> 1Pe 3,18-19: *"Com efeito, também Cristo morreu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, a fim de vos conduzir a Deus. **Morto na carne, foi vivificado no espírito**, no qual foi também **pregar aos espíritos em prisão**".*

Observar que as expressões *"entrego meu espírito"*, *"o Espírito de Jesus não permitiu"* e *"vivificado no espírito"* nos mostram que Jesus mesmo *"morto na carne"* continua vivendo em espírito. Se Jesus foi pregar aos espíritos em prisão, devemos supor que eles ainda estavam vivos e conscientes, e mais, que existe esperança de recuperá-los, razão da pregação de Jesus a eles. Especificamente quanto a natureza espiritual de Jesus, essa questão ficará mais clara na passagem seguinte.

> Lc 24,36-43: *"Falavam ainda, quando **ele próprio se apresentou no meio dele**s e disse: 'A paz esteja convosco!' Tomados de espanto e temor, **imaginavam ver um espírito**. Mas ele disse: 'Por que estais perturbados e por que seguem tais dúvidas em vossos corações? **Vede minhas mãos e meus pés: sou eu**! Apalpai-me e entendei que um espírito não tem carne, nem ossos, como estais vendo que eu tenho'. Dizendo isso, mostrou-lhe as mãos e os pés. E como, por causa da alegria, não podiam acreditar ainda e permaneciam surpresos, disse-lhes: 'Tendes o que comer?' Apresentaram-lhe um pedaço de peixe assado. Tomou-o, então, e o comeu-o diante deles".*

Uma coisa importante aqui é a questão de que imaginavam ver um espírito: por que isso? Seria porque acreditavam que, após a morte, só poderia aparecer mesmo um espírito, e esse espírito *"não tem carne, nem ossos",* ou seja, é realmente um ser espiritual? Vejamos o que colocaram os tradutores a respeito do *"mostrou-lhes as mãos e os pés"*: "Lucas, escrevendo para os gregos, que consideravam absurda a ideia da ressurreição, insiste na realidade física do corpo de Jesus ressuscitado (cf. v. 43)" (Bíblia de Jerusalém, p. 1834). Do que podemos concluir que Lucas estava expressando o seu próprio pensamento, daí querer convencer aos gregos de uma realidade mais material depois da morte, visto que eles não acreditavam na ressurreição. Fatalmente, também, concluímos que a ressurreição não é do corpo, mas do espírito como sempre estamos a afirmar, fato então confirmado agora com a explicação dos tradutores.

Quando Jesus lhes aparece, ele já estava fisicamente morto; é por isso que seus discípulos pensavam estar vendo um espírito. E se *"um espírito não tem carne e ossos",* como explicar a ressurreição da carne? Especialmente depois de tão óbvia afirmação de Paulo de que *"a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus"* (1Cor 15,50). Acrescentamos ainda: *"na ressurreição […] serão como os anjos do céu"* (Mt 22,30) (Bíblia Sagrada - Pastoral), embora Jesus esteja se referindo a uma outra situação; o fato é que os anjos são seres espirituais; portanto, se seremos iguais a eles, via de consequência, também seremos, da mesma forma, seres espirituais.

Uma outra situação interessante ocorreu, quando Jesus ainda estava vivo. O episódio inicia-se no ponto em que Jesus, após a multiplicação dos pães e peixes, fica para trás, enquanto que seus discípulos entram mar adentro, se dirigindo a Genesaré. À quarta vigília, ou seja, entre três e seis horas da manhã, Jesus, andando sobre o mar, vai ao encontro deles, que, ao vê-lo, apavorados disseram: *"É um fantasma!"* (Mt 14,22-26), ao que Jesus logo lhes

disse: "*Tende confiança, sou eu, não tenhais medo*" (Mt 14,27). Então, os fantasmas existem! Mas o que são eles, senão os espíritos dos mortos?

Para corroborar essa nossa ideia, transcrevemos o pensamento do teólogo Rev. Haraldur Nielsson (1868-1928):

> De resto, acho que há muitas passagens no Novo Testamento que indicam, exatamente, que se compreendia, pela palavra "espírito" (em grego *pneuma*), a "alma de um morto".
>
> Desejo, sobre o assunto, indicar duas passagens em as quais *pneumata* não pode significar senão almas de mortos: Hebreus XII,23 (Espíritos de justos chegados à perfeição) e 1ª Epístola de Pedro III, 19 (porém tendo sido vivificados pelo espírito, no qual foi pregar aos espíritos em prisão, os quais foram outrora incrédulos, quando a paciência de Deus se estendeu aos dias de Noé). É claro como o dia que, na primeira passagem, se trata de almas de homens mortos no estado de perfeição e, na última, das almas dos homens decaídos, que viveram na Terra, no tempo do dilúvio. Se não quiserem acreditar em mim, podem consultar o dicionário grego latino de Grimm, sobre os livros do Novo Testamento.
>
> Se Deus é, em Hebreus XII, 9, chamado de "Deus dos Espíritos", o dicionário indica que a palavra espírito significa tanto as almas dos homens mortos como as dos anjos. Posso ainda acrescentar, sobre o assunto, que o Cristo foi chamado, várias vezes, depois da sua ressurreição, de *pneuma* e, indiscutivelmente, se tratava de "alma de um morto", pois que ele vivera na Terra. (NIELSSON, 1983, p. 88).

Algumas passagens, se bem analisadas, mostram-nos a ideia de que a vida continua. Vejamos essa, por exemplo: "*Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno".* (Dn 12,2) (A Bíblia Anotada). Saindo da literalidade da letra que mata, entendemos que a expressão *"os que dormem no pó",* não seja outra coisa, senão os que já morreram. E se algum deles, futuramente, ressuscitar, não há como duvidar de que estão vivos até lá, mesmo que supostamente dormindo, para daí viverem a vida eterna, gozando do prêmio ou sofrendo o castigo merecido. Aliás, podemos corroborar esses passos:

> Mt 22,29-32: "J*esus respondeu-lhes: 'Estais enganados, desconhecendo as Escrituras e o poder de Deus. Com efeito,* ***na ressurreição****, nem eles se casam e nem elas se dão em casamento, mas* ***são todos como os anjos no céu****. Quanto à ressurreição dos mortos, não lestes o que Deus vos declarou: 'Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó?'* ***Ora, ele não é Deus de mortos, mas sim de vivos****'".*
>
> Lc 20,37-38: "*Ora, que os mortos ressuscitam, também Moisés o indicou na passagem da sarça, quando diz: 'o Senhor Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó'. Ora,* ***ele não é Deus de mortos, mas sim de vivos; todos, com efeito, vivem para ele****".*

Aqui, de maneira muito clara, Jesus coloca a questão da imortalidade da alma como coisa incontestável. A narrativa de Lucas então, não deixa a mínima dúvida de que Abraão, Isaac e Jacó, apesar de mortos na carne, vivem em espíritos junto a Deus. Por que afirmamos que vivem em espíritos? Porque, além do categórico *"Deus de vivos"*, também sabemos que é *"o espírito é que vivifica"* (Jo 6,63), ou seja, é ele que dá vida. Mas mudaremos de opinião se alguém nos provar que tanto Abraão, como Isaac e também Jacó já tenham ressuscitado, e mais, que isso tenha acontecido em corpo físico. Mas se até hoje não ocorreu o dia do juízo, época em que os dogmáticos acreditam que haverá a ressurreição dos justos e injustos, os primeiros para a vida eterna, os outros para o tormento eterno, eles não poderiam estar ressuscitados no corpo físico, assim, se continuam "mais vivos do que nunca" essa vida é a do espírito, não há dúvida. Disso podemos concluir que entendiam a ressurreição como sendo mesmo a do espírito.

Russell Philip Shedd (1929-), teólogo batista, editor da Bíblia Shedd, explica em nota o passo de Lucas:

> **20.38** *Deus... de vivos.* Vários séculos depois dos patriarcas, Deus se revelou a Moisés como o Deus de Abraão... (cf. Ex 3,6). **Se estes não estivessem vivos (por serem imortais) aguardando a ressurreição**, Deus não podia ser um Deus, isto é, o Deus de pessoas inexistentes. Um argumento firmado em "Moisés" teria validez final. (Bíblia Shedd, 2005, p. 1470, grifo nosso).

O que vem confirmar o nosso pensamento a respeito do passo citado.

At 7,59: "*E apedrejaram Estevão, enquanto este invocava e dizia: '**Senhor Jesus, recebe meu espírito**'".*

Aqui está mais uma vez a questão do espírito como sendo a parte que sobrevive à morte, se não fosse, Estevão teria dito: "Senhor Jesus, recebe meu corpo". A fala de Estevão é muito semelhante à dita por Jesus na cruz, que já comentamos anteriormente.

At 23, 6-8: "*A seguir,* [Paulo] *tendo conhecimento de que uma parte dos presentes eram saduceus e a outra eram fariseus, exclamou no Sinédrio: 'Irmãos, eu sou fariseu, e filho de fariseus. É por nossa esperança, **a ressurreição dos mortos**, que estou sendo julgado'. Apenas disse isto, formou-se um conflito entre fariseus e saduceus, e a assembleia de dividiu. Pois **os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo nem espírito, enquanto os fariseus sustentam uma e outra coisa***".

Ora, quem crê na ressurreição dos mortos, certamente, acredita que há vida depois da morte, quando o espírito ressurgirá glorioso na dimensão espiritual, tal e qual a crença de Paulo (ver 1Cor 15,35-45, logo abaixo).

Os tradutores da Bíblia de Jerusalém, em nota, confirma-nos isso:

> **Os fariseus acreditavam que o indivíduo teria parte na vida do mundo futuro medianamente, ou seja, um corpo glorificado, como um anjo** (cf. 22,30p; At 12,15; 1Cor 15,42-44), ou então uma alma imortal ("espírito", cf. Lc 24,39). Os saduceus, ao contrário, rejeitavam uma e outra crença, e, portanto, qualquer forma de ressurreição. Sobre esse ponto Paulo encontra, nos fariseus, aliados (cf. At 4,s+). (Bíblia de Jerusalém, p. 1945, grifo nosso).

Então, fica claro que a pregação de Paulo era da ressurreição do espírito, num corpo glorioso, incorruptível, espiritual, o que corresponde a crer na imortalidade da alma, a não ser que se faça um grande esforço exegético para não fugir disso.

Encontramos uma outra tradução para o versículo 6, desse passo citado (At 23):

"*E **por causa da esperança de uma outra vida** e da ressurreição dos mortos que me querem condenar...*" (At 23,6). (DENIS, 1987, p. 278).

Por essa tradução temos que Paulo acreditava em "uma outra vida" e também na "ressurreição dos mortos", do que concluímos que a alma, para ele, era imortal. Em nenhuma outra Bíblia consultada, nós encontramos uma tradução igual a essa, que fala objetivamente de uma outra vida; é lamentável o que os tradutores fazem com os textos bíblicos para ajustá-los aos seus dogmas.

Rm 6,8-9: "*Mas se morremos com Cristo, temos fé que **também viveremos com ele**, sabendo que **Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele**".*

Se tivermos em mente a ideia de que o espírito é mais importante que o corpo físico, entenderemos que quem não está sob o domínio da morte é o espírito, exatamente a nossa semelhança para com Deus. Aliás, mesmo que ainda não compreendessem isso, o espírito nunca esteve sob o domínio da morte.

1Cor 3,16: "*Não sabeis que **sois tempo de Deus** e que **o Espírito de Deus habita em vós**?*"

1Cor 6,19: "*Ou não sabeis que o **vosso corpo é templo do Espírito Santo**, que está em vós e que recebestes de Deus?... e que, portanto, não pertenceis a vós mesmos?*"

Melhor seria dizer "vosso corpo é templo de **um** Espírito Santo", ou seja, um espírito criado por Deus, por isso é santificado, santo. Não devemos entender como aquele inventado pelos teólogos, que compõe a Trindade, fruto de crença pagã adotada não pelos primeiros cristãos; mas pelos que os sucederam. Também Jesus comparou o seu corpo como templo (Jo 2,18-22).

1Cor 15,35-45: "*Mas, dirá alguém, como ressuscitam os mortos? Com que corpo voltam? Insensato! O que semeias, não readquire vida a não ser que morra. E o que semeias, não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas um simples grão, de trigo ou de qualquer outra espécie. A seguir, Deus lhe dá corpo como quer: a cada uma das sementes ele dá o corpo que lhe é próprio. Nenhuma carne é igual às outras, mas uma é a carne dos homens, outra a carne dos quadrúpedes, outra a dos pássaros, outra a dos peixes. **Há corpos celestes e há corpos terrestres**. São, porém, diversos o brilho dos celestes e o brilho dos terrestres. Um é o brilho do sol, outro o brilho da lua, e outro o brilho das estrelas. E até de estrela para estrela há diferenças de brilho. O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos; semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível; semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; semeado corpo psíquico ressuscita corpo espiritual. **Se há um corpo psíquico, há também um corpo espiritual**".*

Das dezesseis Bíblias que consultamos essa – Bíblia de Jerusalém – é a única que diz corpo psíquico, as outras variam entre: corpo animal, corpo natural e corpo físico. Particularmente, não acreditamos que Paulo tenha dito dessa forma, com todo o respeito à competência de todos os tradutores. Mas a explicação de Paulo vista como corpo natural, animal ou físico, deveria ser suficiente para entendermos, de uma vez por todas, que o corpo da ressurreição nada tem a ver com o corpo atual, já que ressuscitaremos no corpo espiritual, ou seja, é a ressurreição do espírito e não da carne. O que semeias não é o corpo da futura planta, nenhuma carne é igual às outras, um é o brilho do sol outro é o da lua, assim é que se dará na ressurreição dos mortos semeado corruptível o corpo ressuscitará incorruptível, quer dizer, colocado o corpo físico na sepultura, ressuscitará no seu lugar o corpo espiritual. Onde então reside a dúvida?

1Cor 15,50-55: "*Digo-vos, irmãos: **a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus**, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade. Eis que vos dou a conhecer um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados, num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final; sim, a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que **este ser mortal revista a imortalidade**. Quando, pois, este ser corruptível tiver revestido a incorruptibilidade e este ser mortal tiver revestido a imortalidade, então cumprir-se-á a palavra da Escritura: A morte foi absorvida na vitória. Morte, onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão?".*

Completando o seu pensamento, da passagem que abordamos antes dessa, Paulo afirma, agora de forma bem categórica, a questão da imortalidade do corpo espiritual, corpo esse que será a habitação do nosso espírito na morada celeste.

2Cor 5,1-2: "*Sabemos, com efeito, que, **se a nossa morada terrestre, esta tenda, for destruída, teremos no céu um edifício, obra de Deus, morada eterna, não feita por mãos humanas**. Tanto assim que gememos pelo desejo ardente de revestir por cima da nossa morada terrestre a nossa habitação celeste".*

Tão certo estava Paulo da imortalidade que, no fundo do seu coração, desejava ardentemente o momento em que ele, na condição de espírito, iria revestir-se do corpo espiritual, feito por Deus, não por mãos humanas, que só são capazes de produzir, por atribuição de Deus, o corpo físico.

1Ts 5,23: "*O Deus da paz vos conceda santidade perfeita; e que **o vosso ser inteiro,***

***o espírito, a alma e o corpo**, sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da Vinda de nosso Senhor Jesus Cristo*".

As três partes que aqui agora Paulo atribui ao ser humano, pode ser muito bem a forma pela qual também nos atribuímos a ele: Espírito, perispírito e corpo físico.

Hb 4,12: "*Pois a palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; penetra **até dividir alma e espírito**, junturas e medulas".*

Confirmando a passagem anterior sobre o entendimento, que estamos falando ao longo desse estudo, que diferençavam alma e espírito, ou seja, eram para eles duas realidades distintas.

Hb 12,9: "*Nós tivemos nossos pais segundo a carne como educadores, e os respeitávamos. Não haveremos de ser muito mais submissos ao **Pai dos espíritos**, a fim de vivermos?"*

Comparação interessante essa, que o autor de Hebreus faz em relação a Deus: "*Pai dos espíritos*". Quer dizer, sabia perfeitamente que nossa verdadeira condição é a espiritual, igual à de Jesus antes de encarnar aqui na terra.

Tg 2,26: "*Porque, assim como **o corpo sem espírito é morto**, assim também a fé sem obras é morta*". (B. Shedd)

Tg 4,5: "*Ou julgais que é em vão que a Escritura diz: Ele reclama com ciúme **o espírito que pôs dentro de nós**?*".

De fato, para nós também corpo sem espírito é morto, o espírito vive sem o corpo; porém o corpo não vive sem o espírito. Ao ser colocado o espírito dentro de nós, pela ação divina, é que passamos a ser seres viventes.

1Pe 4,6: "*Eis por que **a Boa Nova foi pregada também aos mortos**, a fim de que sejam **julgados como os homens na carne**, mas vivam no espírito, segundo Deus".*

Entendemos que o "*sejam julgados como os homens na carne*", quer dizer, quando estavam encarnados como homens, pois agora, depois de mortos, estão vivos no espírito, ou seja, "homens fora da carne".

2Pe 1,13-15: *"Entendo que é justo despertar-vos com as minhas admoestações, **enquanto estou nesta tenda terrena, sabendo que em breve hei de despojar-me dela**, como, aliás, nosso Senhor Jesus Cristo me revelou. Assim farei tudo para que, depois da minha partida, vos lembreis sempre delas"*.

Da mesma forma que Paulo, o apóstolo Pedro também compara o corpo físico com uma tenda, da qual iria se despojar, portanto, ele acreditava na vida espiritual.

1Jo 3,2: *"Amados, desde já somos filhos de Deus, mas o que nós seremos ainda não se manifestou. **Sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é**".*

Está tudo conforme já afirmamos anteriormente sobre a igualdade de Jesus conosco. Seremos semelhantes a ele e o veremos tal como é, em outras palavras, seremos espíritos e nessa condição é que conseguiremos vê-lo, pois no corpo físico não temos plenamente desenvolvida a faculdade que nos permite vê-lo como ele realmente é.

1Jo 4,1-3: *"Amados, **não acrediteis em qualquer espírito, mais examinai os espíritos para ver se são de Deus**, pois muitos falsos profetas vieram ao mundo. Nisto reconhecereis o espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio na carne é de Deus; e todo espírito que não confessa Jesus não é de Deus; é este o espírito do Anticristo".*

Se tivermos que os espíritos são seres humanos que morreram, está aí mais uma prova

que sobrevivemos à morte. João recomenda prudência ao entrar em contato com eles, para não acreditar em tudo que falam, pois também no mundo espiritual existem os falsos profetas.

Mas, voltando à questão das manifestações de espíritos, é necessária uma análise especial de uma passagem bíblica, dadas as traduções de conveniência, que tiram dela esse caráter. A passagem é 2Pe 1,13-15, cujo livro, segundo os entendidos, foi escrito em 66 d.C.; vamos transcrevê-la do Novo Testamento – Ed. Loyola. Para não ficar repetindo-a, iremos colocar das outras traduções apenas as expressões que, para realce, destacamos nessa, obedecendo à mesma ordem em que aparecem no texto:

1 - **Novo Testamento - Ed. Loyola**: "*Sim, creio ser do meu dever, enquanto **habitar nesta tenda**, estimular-vos com minhas exortações. Estou ciente de que logo **deverei desarmar esta tenda**, conforme Nosso Senhor Jesus Cristo me deu a conhecer. Mas, eu farei todo o possível para que, em toda ocasião, **depois de minha morte**, vos lembreis destas coisas".*

2 - **Anotada (Protestante)** - *estou neste tabernáculo; prestes a deixar o meu tabernáculo; mesmo depois de minha partida*;

3 - **Vozes** - *habitar nesta tenda; breve verei desarmada minha tenda; depois de minha partida*;

4 - **Bíblia de Jerusalém** - *estou nesta tenda terrena; breve hei de despojar-me dela; depois da minha partida*;

6 - **Novo Mundo (protestante)** - *estiver nesta habitação; breve se há de eliminar a minha habitação; depois da minha partida*;

7 - **Edição Pastoral** - *estiver nesta tenda; breve devo despojar-me dela; depois de minha partida*;

8 - **Ave Maria** - *estiver neste tabernáculo; terei que deixá-lo; depois do meu falecimento*;

9 - **Paulinas** - *estou neste tabernáculo; deixarei o meu tabernáculo; depois da minha morte*;

10 - **SSB (protestante)** - *estiver neste tabernáculo, brevemente hei de deixar este meu tabernáculo; depois da minha morte*;

11 - **Santuário** - *estiver neste tabernáculo; breve terei de o deixar; depois da minha partida*;

12 - **Barsa** - *estou neste tabernáculo; logo tenho que deixar o meu tabernáculo, depois do meu falecimento*;

Para entendermos o que significam as palavras usadas, leiamos: "*Sabemos, com efeito, que, se a nossa morada terrestre, esta tenda, for destruída, teremos no céu um edifício, obra de Deus, morada eterna, não feita por mãos humanas".* (2Cor 5,1). Assim, acreditamos que as palavras "tabernáculo", "tenda" e "habitação" se referem ao corpo físico. O que percebemos nos tradutores é a desesperada tentativa de não deixar em evidência a influência espiritual de Pedro após sua morte física, pois foi isso que ele prometeu. Por outro lado, se essa carta foi escrita cerca de trinta e poucos anos depois da morte de Jesus, e por ela Pedro afirma que ele o havia dito que brevemente deixaria sua tenda (tabernáculo ou habitação), então o Mestre só poderia ter feito isso na sua condição de Espírito, o que prova a imortalidade.

Pedro vendo as manifestações de Jesus após a sua morte, e essa da qual fala, é muito provável que isso o levara a crer que também, depois que morresse, poderia, na condição de espírito, fazer o mesmo, porquanto o Mestre sempre se igualou a nós; nunca se colocou numa condição superior, inclusive dizendo algo bem próximo disso: *"tudo o que eu fiz vós podeis fazer e até mais"* (Jo 14,12).

Um outro detalhe interessante é que, mesmo considerando tabernáculo como um local sagrado onde se reuniam os cristãos primitivos e que, segundo pensavam os judeus, Deus o habitava (Ex 26,1; 25,21; Dt 31,26; Hb 9,4), ele pode muito bem ser comparado a uma tenda,

ou morada. Mas, quando Pedro se reporta a ele mesmo, o tabernáculo ao qual se refere é justamente o próprio corpo (verso 14).

Sobre a intenção de Pedro, para que os novos Cristãos permanecessem no Evangelho, ele mostra que, mesmo depois de deixar o seu tabernáculo, ou seja, o seu espírito abandonar o corpo físico, ele viria a inspirá-los para que os fiéis continuassem no caminho, mesmo após a sua morte (verso 15). Destarte, se essa carta de Pedro foi escrita em 66 d.C., vemos que ele estava certo de que viria a morrer em breve, conforme anunciado por Jesus em espírito, já que o crucificaram, de cabeça para baixo, em 67 d.C. Traçando um paralelo ao esclarecimento de Pedro, quando ele se reporta ao próprio corpo como tabernáculo, entendemos que seja sobre uma habitação sagrada de seu espírito, podendo ainda inspirar os cristãos primitivos, mesmo após a morte. Enfim, pelo que podemos concluir, o espírito sobrevive e é plenamente consciente após a morte do corpo.

De nossa parte, não há dúvida alguma de que o nosso espírito é imortal. E se não fosse imortal, de que nos serviria a religião? Para nós, a relação entre o mundo físico e espiritual pode ser facilmente comprovada no Novo Testamento. Senão vejamos:

Primeiro, em Paulo, que disse *"A propósito dos dons do Espírito, irmãos, não quero que estejais na ignorância"* (1Cor 12,1), quando passa a dar orientação sobre a mediunidade, vista por ele, como "dons do Espírito", e entendida pelos teólogos como "carismas". Na sequência, Paulo orienta:

> 1Cor 12,4-11:"*Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. A um, o Espírito dá a mensagem de sabedoria, a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito, a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar em línguas, a outro ainda, o dom de as interpretar. Mas é o único e mesmo Espírito que isso tudo realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz".*

Esses "dons do Espírito" não são outra coisa senão a mediunidade, que também possui vários tipos, além de todos esses discriminados nessa passagem. Muitos creem que aí existe a manifestação do Espírito Santo, que, em todos esses "dons", é ele quem age; mas, se assim fosse, então não haveria necessidade de analisar o que os profetas estivessem falando, conforme recomendou Paulo em 1Cor 14,29. Por outro lado, devemos observar que, quando ele diz "o dom de discernimento dos espíritos", como está no plural não pode ser o Espírito Santo; por isso, o que ele está falando é da possibilidade do médium (profeta) poder identificar se o espírito que se manifesta é bom ou mau.

João, também, recomendou algo a respeito disso; leiamos: *"Amados, não acrediteis em qualquer espírito, mas examinai os espíritos para ver se são de Deus, pois muitos falsos profetas vieram ao mundo"*. (1Jo 4,1), cujo sentido é o mesmo que podemos ver em Paulo, quanto ao discernimento dos espíritos. Se havia necessidade disso é porque se apresentavam duas categorias de espíritos: os bons e os maus, esses últimos conhecidos como os demônios. Sobre eles, vejamos a opinião de Nielsson:

> Como sabemos, os demônios são, no Novo Testamento, a antítese dos bons espíritos. E sabemos pelo bem conhecido historiador judeu Josefo que uma parte, ao menos, da humanidade contemporânea do Cristo não considerava os demônios como anjos decaídos, mas como almas de homens mortos maus. (NIELSSON, 1983, p. 91).

Desenvolvemos, no decorrer desse estudo, análise de vários textos bíblicos de forma que pudéssemos ter a consciência de que nossa essência verdadeira é a espiritual, ou seja, somos, em realidade, espíritos. A manifestação dos espíritos, Samuel, Moisés, Elias e a do próprio Jesus, vêm também provar tanto a nossa realidade espiritual quanto ao fato de possuirmos, nessa condição, a imortalidade. Todas essas análises, observadas em conjunto, podem nos dar certeza de que temos uma alma ou espírito, que ela sobrevive à morte do corpo físico, que ele, o espírito, é consciente nessa situação, que pode se comunicar com os

vivos e que, finalmente, ele é imortal.

Embora mereça todo o nosso respeito, a Bíblia para nós, que acreditamos estar tudo dentro de leis naturais, não é a base fundamental para provarmos a imortalidade da alma. Preferimos aliar à Ciência, pois estamos do lado da infalibilidade de Deus, não da Bíblia, nem de homens, já que a divindade, na qual acreditamos, se revela pela perfeição de suas leis que regem tudo no Universo. Assim, tudo quanto a Ciência vier a constatar, estará, no fundo, revelando as leis criadas por Deus. Portanto, em última instância, estará dizendo, afirmando e comprovando a Sua sabedoria e grandeza incomensuráveis.

Colocaremos um trecho do discurso de Howard C. Wilkinson (1918-2002), feito em setembro de 1996, constante do livro *Parapsicologia Atual,* de J. B Rhine (1895-1980), no qual ele aborda o tema Parapsicologia e Religião:

> [...] **Os experimentos de telepatia têm apresentado evidência maciça para apoiar o ponto de vista de que a consciência humana tem poderes perceptivos que transcendem as limitações do espaço**. Isso tem significação especial para todos que estão preocupados com a natureza do homem, pela razão de que Einstein, Minkowski e Lorentz, tornaram claro que **a teoria da relatividade, cuja verdade foi confirmada de que o espaço e o tempo são dois aspectos da mesma realidade física**, e que tudo quanto seja capaz de transcender as limitações do espaço tem demonstrado, em consequência, sua capacidade para transcender o tempo. **A transcendência das limitações físicas de espaço e tempo pareceria ser essencial para dar realidade à doutrina cristã da existência pessoal para além da morte do corpo**. (WILKINSON, 1966, p. 211, grifo nosso).

A conclusão desse cientista é bem favorável à questão da vida após a morte.

Apenas para não deixar de citar, pois não queremos analisá-las aqui nesse estudo, iremos mencionar as pesquisas que, mais cedo do que muitos pensam, farão com que a Ciência deixe de lado todos os tipos de preconceitos e assuma de vez a realidade do Espírito. Atualmente, estão sendo desenvolvidas as seguintes pesquisas, que, de uma forma ou de outra, acabam por referendar a questão da imortalidade da alma: Experiência de Quase Morte - EQM, Transcomunicação Instrumental, Experiência fora do corpo – OBE, Reencarnação, Terapia Regressiva a Vivências Passadas, Materializações de Espíritos e, finalmente, a Parapsicologia, quando não travestida de características dogmáticas das religiões.

Esperamos, caro leitor, que tenhamos lhe fornecido elementos suficientes para sua própria conclusão. Nosso objetivo foi esse, ou seja, colocar à sua disposição várias passagens bíblicas, para que também você faça a sua análise. Não temos a pretensão de fazer com que todos pensem como nós; aliás, ninguém mesmo terá essa obrigação, apenas quisemos lhe oferecer um estudo que sirva de base para sua reflexão sobre o assunto.

Somos filhos ou criaturas de Deus?

Sempre estamos vendo crentes, especialmente do segmento evangélico, afirmarem que não somos filhos de Deus, mas tão somente criaturas. Ontem, recebi o seguinte e-mail, de um dos nossos leitores:

> -------- Mensagem original --------
>
> **Assunto:** tema religioso
>
> **Data:** Sun, 4 Sep 2011 00:51:52 +0000
>
> **De:** Luciano Neto <lucianoluleli@hotmail.com>
>
> **Para:** <paulosnetos@gmail.com>
>
> Paulo, boa noite.
>
> Eu estava em um casamento na igreja Presbiteriana e escutei o pastor Ulisses dizer uma coisa que não aceitei; gostaria que você me explicasse sob o ponto de vista de nossa doutrina.
>
> Ele disse: "Não somos filhos de Deus, pois está na bíblia que ele enviou seu UNICO filho Jesus".
>
> Logo, nós somos somente suas criaturas. o que você me diz disso?
>
> Att:
>
> Luciano Neto

Optamos por deixar o e-mail no inteiro teor, pois sabemos que o remetente, nosso amigo, não se incomodará com a divulgação de seu nome.

Acreditamos que esse pensamento tem origem no fato de que, no Evangelho de João, cujo autor, diga-se de passagem, não se sabe ao certo quem é, afirma que Jesus é "Filho único de Deus" ou "unigênito", segundo algumas traduções (Jo 1,14.18; 3,16.18). Então, se Jesus é o único filho de Deus restou, dentro da linha de raciocínio deles, a todos os seres humanos apenas o papel de serem criaturas de Deus.

Pesquisamos na Internet e encontramos, num site evangélico, o seguinte:

> Qual a Diferença Entre Criaturas e Filhos de Deus?
>
> Deus é o Criador de todas as coisas, Criador dos homens e de tudo que há no Universo. Logo, os homens são CRIATURAS DE DEUS. Os homens somente passam à condição de FILHOS DE DEUS quando nascem de novo, ou seja, quando se arrependem de seus pecados e os deixam, creem no Senhor Jesus e O aceitam como Senhor e Salvador:
>
> "Mas a todos os que O receberam, aqueles que creem no Seu nome, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, filhos nascidos não do sangue, nem da vontade do homem, mas de Deus". (Jo 1.12-13; Mt 5.9; 5.45; Rm 8.14; 1 Jo 3.1).
>
> Autor: Pr Airton Evangelista da Costa
>
> (http://www.estudosgospel.com.br)

Pelo que percebemos, toma-se do sentido literal e não do figurado, apenas numa tentativa de se justificar a necessidade das pessoas estarem vinculadas à religião que professa.

Recorrendo ao Houaiss, transcrevemos as definições:

> **FILHO DE DEUS**: **1** REL Jesus Cristo; **2** *p. ext.* **segundo a doutrina católica, qualquer ser humano**; **3** *infrm.* pessoa que reclama direitos iguais a outrem e que não quer ser excluída de benefícios que devem ser comuns.
>
> **CRIATURA**: **1** cada um dos seres ou coisas materialmente existentes; **2** pessoa ou coisa, resultante de uma criação.

Ora, se criatura significa "pessoa ou coisa, resultante de uma criação", então, dentro dessa visão, que alguns teólogos preferem advogar, nada diferencia o homem de tudo quanto é criação de Deus, em particular dos animais: "*Isso acontece a **toda criatura, desde o homem até o animal***". (Eclo 40,8). A se ver por essa óptica, obviamente, torna sem valor o teor do passo: "*E **Deus criou o homem à sua imagem**; à imagem de Deus ele o criou*". (Gn 1,27).

O interessante foi saber que, para a Igreja Católica, todos nós somos filhos de Deus, conforme consta na explicação acima no dicionário.

E, aproveitando que ainda estamos com o dicionário à mão:

> **PAI**: **1** homem que gerou um ou mais filhos; genitor, progenitor; **2** homem em relação aos seus filhos, naturais ou adotivos; **3** autor, mentor; **4** iniciador, fundador; **5** *p. ext.* (*da acp. 1*) animal do sexo masculino que deu origem a outro; **6** tratamento que alguns fiéis dão aos padres; **7** aquele que pratica o bem, que ajuda ou favorece; benfeitor, protetor; **8** tratamento afetuoso que se dava aos idosos, esp. aos escravos; **9** *fig.* **o que faz com que algo exista ou aconteça; causa; causado**r; **10** REL primeira pessoa da Santíssima Trindade cristã.

Entendemos que, se pai é "o que faz com que algo exista ou aconteça; causa; causador", então, podemos mesmo dizer que Deus é nosso Pai. Certamente, foi por esse motivo que Jesus disse "***Meu Pai, vosso Pai***" (Jo 20,17); portanto, se para Jesus Deus é nosso pai, consequentemente, não há como fugir do fato de que, além dele, todos nós outros somos filhos de Deus. Inclusive, caberia perguntarmos: qual dos dois devemos seguir, a Jesus que afirma que todos somos filhos de Deus ou ao autor do evangelho de João que supostamente diz o contrário?

Via de regra, usamos o termo criatura para designar todos os seres criados por Deus:

> Gn 7,23: "*Assim foram exterminadas **todas as criaturas** que havia sobre a face da terra, **tanto o homem como o gado, o réptil, e as aves do céu**; todos foram exterminados da terra; ficou somente Noé, e os que com ele estavam na arca*".

Modernamente, dessa designação genérica de criatura, é de bom tom excluir-se o homem, para dar-lhe o tratamento diferenciado, designando-o de ser humano ou filho de Deus. Aliás, é até estranho usar o termo criatura para se referir ao homem, porquanto, sendo ele criado a imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27), devemos ser mesmo algo diferente das outras criaturas; não é verdade?

Considerando que criador é aquele "que cria, produz, gera" (Houaiss), então, não é de todo impróprio dizer que um pai humano seja também um criador. Entretanto, parece-nos ser constrangedor um pai chamar os seus filhos de criaturas, razão pela qual perguntamos: isso não valeria também para nós em relação a Deus, já que o designamos de Criador?

Até mesmo todo o povo hebreu é denominado de filho de Deus, conforme se pode comprovar em Êxodo:

> Ex 4,22: **"***Então dirás a Faraó: Assim diz o Senhor: **Israel é meu filho**, meu primogênito*".

No contesto, "Israel" é o povo hebreu e não nome de uma pessoa, como seria o usual, explicação que damos para evitar interpretações equivocadas.

O profeta Isaías, que exerceu seu ministério de 734 a 668 a.C. (Dicionário Bíblia Barsa, p. 137), via Deus como sendo nosso pai:

Is 63,15-16: "*Atenta lá dos céus e vê, lá da tua santa e gloriosa habitação; onde estão o teu zelo e as tuas obras poderosas? A ternura do teu coração e as tuas misericórdias para comigo estancaram. Mas **tu és nosso Pai**, ainda que Abraão não nos conhece, e Israel não nos reconhece; **tu, ó Senhor, és nosso Pai**; nosso Redentor desde a antiguidade é o teu nome*".

Is 64,8: "*Mas agora, ó Senhor, **tu és nosso Pai**; nós somos o barro, e tu o nosso oleiro; e todos nós obra das tuas mãos*".

Portanto, essa visão de Deus como Pai de todos nós é bem antiga. Além disso, há o fato de se considerarem os profetas como homens inspirados por Deus; então, levando-se isso em conta, dever-se-ia, consequentemente, aceitar Deus como pai de todos nós.

Podemos acrescentar que, à época de Jesus, os judeus afirmavam que "*temos por pai Abraão*" (Mt 3,9), nesse sentido figurado, não vemos motivo para também não chamarmos Deus de Pai. Ademais, quem O designou dessa forma, voltamos a reafirmar, foi o próprio Jesus e não nós.

Entenda, caro leitor, a confusão que fazem:

- **os católicos** asseguram que todos nós somos filhos de Deus, conforme vimos no Houaiss;

- **os presbiterianos,** por sua vez, dizem que somente Jesus o é;

- **os assembleianos** advogam que desde que "aceitemos Jesus" nós o seremos.

Os primeiros, indubitavelmente não contradizem a fala de Jesus, quando, juntamente com ele, também nos coloca como filhos de Deus.

Leiamos o seguinte passo:

Jo 1,12-13: "*Mas, a todos quantos o receberam, aos que creem no seu nome, **deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus**; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus*".

É o primeiro passo citado pelo pastor para justificar que somos "criaturas" e não "filhos", ao qual acrescenta, como se lhe fosse semelhante, o teor das seguintes passagens:

Mt 5,9: "*Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus"*.

Mt 5,44-45: "*Eu, porém, vos digo: Amai aos vossos inimigos, e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai que está nos céus; porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos*". (iniciamos do versículo 44 para poder dar sentido ao texto).

Rm 8,14: "*Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus*".

1Jo 3,1: "*Vede que grande amor nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus; e nós o somos. Por isso o mundo não nos conhece; porque não conheceu a ele*".

Como se pode observar o sentido dessas quatro passagens não é semelhante ao do primeiro passo (Jo 1,12-13); a razão de colocá-las é porque, quanto maior o número de citações, mais impressiona o adepto não familiarizado com os textos bíblicos; especialmente, aqueles que só os decoram, sem procurar entender o seu sentido. Crentes, com essa índole, partem do princípio de que o pastor entende mais de Bíblia do que eles, presumindo que a tenha estudado em profundidade.

Por outro lado, apesar dos evangélicos sempre acusarem os espíritas de pinçarem passagens que os convém, o que ele, o pastor, aqui faz, é exatamente isso. Por que motivo não menciona aquelas nas quais Jesus se refere a Deus como "Vosso pai" (Mt 5,16.48; 6,1.8.14.15.26.32; 7,11; 10,20.29; 18,14; 23,9)? Além dessas, ainda temos, no mesmo evangelho de João, em que ele se baseia, o seguinte:

> Jo 20,17: "*Disse-lhe Jesus: 'Deixa de me tocar, porque ainda não subi ao Pai, mas vai a* ***meus irmãos*** *e dize-lhes que eu subo para* ***meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus****'*".

Ora, aqui, ao dizer "meus irmãos" e "vosso Pai", Jesus está colocando, irrevogavelmente, Deus como pai de todos nós. Isso sem contar que, em Mateus (6,9-13), ele recomenda-nos que, ao orarmos, disséssemos: "***Pai nosso*** *que está nos céus, [...]*". E, ao que sabemos, todos os seguidores de Cristo, incluindo os espíritas, assim o fazem, ou seja, chamam a Deus de "Pai nosso".

E é bom que fique bem claro que, se Jesus disse "meu Pai" e "meu Deus", é porque ele não é o próprio Deus como os cristãos tradicionais – católicos e protestantes –, equivocadamente, advogam. Aliás, se creem nas profecias, deveriam saber que, por elas, Deus promete enviar um Messias e não que Ele próprio viria à Terra. Sim, é certo que irão nos retrucar afirmando que Jesus disse "*Eu e o pai somos um*" (Jo 10,30); entretanto, há que se buscar o verdadeiro sentido dessa sua fala, para não contrariar aquela na qual ele diz "*[...]* o *Pai é maior do que eu*" (Jo 14,28). Conjugando essas duas passagens (Jo 10,30 e Jo 14,28) devemos entender que a palavra de Jesus em Jo 10,30 deve ser entendida como "o que eu aqui fizer e disser Deus garante". Isso porque, ainda em João, Jesus faz o seguinte pedido a Deus: *"[...] que também eles* [os homens] *sejam um em nós; [...], como nós somos um*" (Jo 17,21-22), que deve ser o sentido correto para interpretar o mencionado passo Jo 10,30. Outra passagem servirá para clarear mais o assunto: *"[...] o Pai está em mim e eu no Pai"* (Jo 10,38); comparando-se com "*Naquele dia conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós*" (Jo 14,20), vê-se que longe está, portanto, a ideia de que Jesus e Deus são a mesma personalidade; certo é que quando ele diz que "*O Pai está em mim*", combinando-se com Jo 14,20, devemos entender como estando em todos nós, ou seja, todos comungados no mesmo pensamento, ainda que isso aconteça num futuro distante. Observar, caro leitor, que não foi preciso sair do evangelho de João para darmos as explicações necessárias.

Ademais, ao tomar de João, talvez o pastor não saiba, que estudiosos modernos, não o têm muito em conta; como exemplo, citamos Geza Vermes, que assim diz:

> Em nove vezes em dez, a pergunta desconcertada dos tradicionalistas deriva de alguma passagem no Quarto Evangelho. Minha resposta costumeira, que ecoa as conclusões da maioria dos estudiosos criteriosos, deixa-os em regra algo confusos, mas em última análise não afetados. Eles não conseguem engolir a opinião de que **o assim chamado Evangelho de João é algo especial, e que reflete, não a autêntica mensagem de Jesus ou sequer o pensamento dos seus seguidores imediatos sobre ele**, mas uma teologia altamente evoluída de um escritor cristão que viveu três gerações depois de Jesus e completou o seu Evangelho nos primeiros anos do segundo século d.C. **Para o crente médio, o último Evangelho é naturalmente o melhor e mais confiável dos quatro**. Eles o consideram como a obra do apóstolo e testemunha ocular da vida de Jesus, que o estimava tanto que pouco antes de morrer na cruz nomeou-o seu herdeiro e guardião de sua mãe Maria.
>
> […]
>
> Nenhuma leitura crítica dos quatro Evangelhos justifica tal compreensão de João. Pois **é óbvio para qualquer leitor imparcial, sem viés religioso, que, se o Quarto Evangelho está certo, seus precursores têm de estar errados, ou vice-versa.** Os Sinópticos e João não podem estar simultaneamente corretos, pois o primeiro atribui a Jesus uma carreira publica que dura um ano, ao passo que João a estende em dois ou três anos, mencionando duas ou possivelmente três celebrações da Páscoa consecutivas durante o ministério de Jesus na Galileia e na Judeia. Do mesmo modo, se for exata a data de João da crucificação na véspera da Páscoa, isso é, em 14 Nisan, os Sinópticos, que descrevem a Última Ceia como um jantar de Páscoa e situam os acontecimentos que conduzem à execução em 15 Nisan, têm de estar errados. Ou para hebraizar e adaptar apropriadamente o provérbio inglês à situação da Páscoa judaica, não é possível guardar o pão ázimo e comê-lo! (VERMES, 2006a, p. 15-18, grifo nosso).

Carlos T. Pastorino (1910-1980), escritor, jornalista, teatrólogo, radialista, historiador, filólogo, filósofo, professor, poeta e compositor, que falava fluentemente vários idiomas, legou-

nos inúmeros livros didáticos, traduzindo obras de vários autores ingleses, franceses, espanhóis, italianos, clássicos latinos e gregos, explica-nos o passo Jo 1,12-13:

> **A expressão "filho de", muitíssimo usada na Bíblia, é um hebraísmo que exprime o ser, que possui a qualidade do substantivo que se lhe segue**. Por exemplo: "filho da paz" é o pacífico; "filho da luz" é o iluminado; então, "filho de Deus" é o ser que se divinizou, que se tornou participante da Divindade, que conseguiu ser "um com o Pai". **E todos os que nele acreditam e obedecem a seus preceitos, tornam-se divinos: "eu e o Pai viremos e NELE faremos morada**". (Jo. 14:23).
>
> Aí reside o segredo de a criatura tornar-se divina. (PASTORINO, 1964a, p. 14, grifo nosso).

Como todos nós, no decorrer dos milênios, inapelavelmente, chegaremos a participar da comunhão espiritual com Deus; aí, nessa condição de Espíritos puros, poderemos ser merecidamente chamados "filhos de Deus", porquanto estaremos na condição de plenos cumpridores de Sua vontade.

Vejamos algumas passagens nas quais encontramos a expressão "filhos de Deus", para demonstrar que, biblicamente falando, Jesus não é o único filho de Deus:

> Gn 6,1-4: "*Sucedeu que, quando os homens começaram a multiplicar-se sobre a terra, e lhes nasceram filhas, viram os **filhos de Deus** que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram. Então disse o Senhor: O meu Espírito não permanecerá para sempre no homem, porquanto ele é carne, mas os seus dias serão cento e vinte anos. Naqueles dias estavam os nefilins na terra, e também depois, quando os **filhos de Deus** conheceram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos. Esses nefilins eram os valentes, os homens de renome, que houve na antiguidade*".

Nesse passo os filhos de Deus seriam seres espirituais, que faziam parte da corte divina, segundo a crença da época. O trecho que diz "*o meu Espírito não permanecerá para sempre no homem*", deixa claro que todos nós, seres humanos, temos um espírito criado por Deus, daí, ter razão o autor de Hebreus, quando se refere a Deus como "***Pai dos espíritos***" (Hb 12,9), o que nos faz concluir que, também sob essa ótica, todos nós, por sermos espíritos, somos filhos de Deus.

> Jó 1,6: "*Ora, chegado o dia em que os **filhos de Deus** vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles*".

Russell P. Shedd (1929-), teólogo evangélico, tradutor da Bíblia Shedd, dá a seguinte explicação: "*Filhos de Deus*. Tem referência a todos os seres celestiais. […]" (Bíblia Shedd, p. 720), o que confirma a hipótese que levantamos no item anterior.

E aqui temos algo inusitado; se, conforme o texto, "veio também Satanás entre eles", ou seja, entre os filhos de Deus, significa que até ele, Satanás, da mesma forma é filho de Deus; e, aí, perguntamos: por que nós também não o seríamos?

Estas duas passagens imediatamente anteriores (Gn 6,1-4 e Jó 1,6), são importantes para provar que os que advogam que Jesus é "**filho único"** de Deus, estão completamente enganados, assunto que trataremos um pouco mais à frente.

Num dos salmos (louvores) de Asafe (ou Asaf), um dos músicos do rei Davi, há uma afirmação bem interessante; vejamo-la:

> Sl 82,6: "*Eu disse: Vós sois deuses, e **filhos do Altíssimo, todos vós***".

Ora, afirmação mais categórica do que essa não precisa. Se "todos vós" somos "*filhos do Altíssimo*", como explicar, usando-se de uma boa lógica, para não contradizer o que aqui se afirma, que não sejamos filhos de Deus? Haja fanatismo cego para negar isso!

> Lc 1,30-35: "*Disse-lhe então o anjo: 'Não temas, Maria, pois achaste graça diante de*

Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Este será grande e será chamado ***Filho do Altíssimo****; o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi; e reinará eternamente sobre a casa de Jacó, o seu reino não terá fim'. Então Maria perguntou ao anjo: 'Como se fará isso, uma vez que não conheço varão? Respondeu-lhe o anjo: 'Virá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso, o que há nascer será chamado* ***Filho de Deus****'"*.

Aqui nesse passo já temos uma visão pagã, pela qual um Deus fecunda uma mulher virgem, gerando um semideus ou filho de deus. Relevando isso, podemos ver que também Jesus é considerado Filho do Altíssimo, designação dada, no passo anterior (Sl 82,6), a todos nós.

Lc 3,21-22 "*Quanto todo o povo fora batizado, tendo sido Jesus também batizado, e estando ele a orar, o céu se abriu; e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba; e ouviu-se céu esta voz: 'Tu és o* ***meu Filho amado;*** *em ti me comprazo'"*.

Esse passo tem o mesmo teor em Mateus (3,16-17) e Marcos (1,10-11), que narram o batismo de Jesus, afirmando que uma voz, vindo do céu, o identifica como "meu Filho amado". Os tradutores da Bíblia de Jerusalém afirmam, em relação a Lucas, que:

> Var.: "Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo", **suspeita de harmonização com Mt e Mc**. Provavelmente o teor da voz celeste em Lc não faça referência a Is 42 como em Mt e Mc, mas ao Sl 2,7. Ao invés de reconhecer em Jesus o "Servo", prefere apresentá-lo como Rei-Messias do Salmo, entronizado no batismo para estabelecer o Reino de Deus no mundo. (Bíblia de Jerusalém, p. 1793, grifo nosso).

Da genealogia de Jesus, em Lucas, transcrevemos o seguinte trecho:

Lc 3,38: "*Cainã [filho] de Enos, Enos [filho] de Sete, Sete [filho] de Adão, e* ***Adão [filho] de Deus***".

Se Adão é filho de Deus e nós todos filhos de Adão, conforme creem os cristãos tradicionais, então, por consequência, só podemos ser também filhos de Deus, ou estamos indo longe demais? Colocamos "[filhos]" no texto visando um melhor entendimento do seu teor.

Lc 4,1-12: "*Repleto do Espírito Santo, Jesus voltou do rio Jordão, e era conduzido pelo Espírito através do deserto. Aí ele foi* ***tentado pelo diabo*** *durante quarenta dias. Não comeu nada nesses dias e, depois disso, sentiu fome. Então o diabo disse a Jesus: 'Se tu és* ***Filho de Deus****, manda que essa pedra se torne pão'. Jesus respondeu: 'A Escritura diz: 'Não só de pão vive o homem''." O diabo levou Jesus para o alto. Mostrou-lhe por um instante todos os reinos do mundo. E lhe disse: 'Eu te darei todo o poder e riqueza desses reinos, porque tudo isso foi entregue a mim, e posso dá-lo a quem eu quiser. Portanto, se te ajoelhares diante de mim, tudo isso será teu'. Jesus respondeu: 'A Escritura diz: 'Você adorará o Senhor seu Deus, e somente a ele servirá'". Depois o diabo levou Jesus a Jerusalém, colocou-o na parte mais alta do Templo. E lhe disse: 'Se tu és* ***Filho de Deus****, joga-te daqui para baixo. Porque a Escritura diz: 'Deus ordenará aos seus anjos a teu respeito, que te guardem com cuidado'. E mais ainda: 'Eles te levarão nas mãos, para que não tropeces em nenhuma pedra''. Mas Jesus respondeu: 'A Escritura diz: '****Não tente o Senhor seu Deus****'"*.

O teor de Mateus (4,1-7) é quase idêntico ao de Lucas; Marcos, ao contrário, é bem resumido:

Mc 1,12-13: "*Em seguida o Espírito impeliu Jesus para o deserto. E Jesus ficou no deserto durante quarenta dias, e aí era* ***tentado por Satanás****. Jesus vivia entre os animais selvagens, e os anjos o serviam*".

Sobre a tentação de Jesus, vejamos as colocações de Juan Arias (1932-):

> Na mesma linha, como o inimigo de Hórus era Sata, deduz-se que daí teria vindo a teoria de satanás e dos demônios contida nos evangelhos. **Hórus, assim como Jesus mil anos depois, também lutou no deserto, durante quarenta dias, contra as tentações de Sata, numa luta simbólica entre a luz e a escuridão**. (ARIAS, 2001, p. 112, grifo nosso).
>
> **Assim como os grandes magos e xamãs, Jesus retirou-se por quarenta dias no deserto a fim de se preparar para a vida pública de fazedor de prodígios.** O que o demônio propõe a Jesus em suas tentações são justamente coisas típicas dos magos, como voar através das nuvens ou transformar pedras em pães. Os evangelhos dizem que Jesus não caiu nas tentações do demônio que lhe propunha fazer milagres próprios dos magos, justamente para combater a ideia de que fosse um mago como os de seu tempo. (ARIAS, 2001, p. 177, grifo nosso).

Estabelece-se o padrão: todo iluminado tinha que iniciar sua pregação após resistir às tentações do ser do mal.

E, para nós, é difícil aceitar que Jesus tenha dito "Não tente o Senhor seu Deus", como se vê em Mateus e Lucas, porquanto, ele se colocava como um igual a nós e não como o próprio Deus. Aliás, vários problemas surgem disso: a) as profecias diziam que Deus enviaria um mensageiro, não que viria pessoalmente; b) o passo: "*Jesus respondeu: 'Por que você me chama de bom? Só Deus é bom, e ninguém mais'*" (Mc 10,18), fica completamente sem sentido; c) não há como resolver o conflito com essa outra fala de Jesus: "*[...] pois o Pai é maior do que eu*" (Jo 14,28); d) Em Jo 5,30; 6,38-30, Jesus afirma e reafirma que veio: "*para cumprir a vontade daquele que me enviou*", a questão é simples: não há como o superior ser, ao mesmo tempo, igual ao inferior e vice-versa.

O passo relacionado ao "*não tente o Senhor seu Deus*" (Lc 4,12), segundo os tradutores da *Bíblia de Jerusalém*, é Dt 6,16, que diz: "*Não tentareis o Senhor vosso Deus, como o tentastes em Massá*". Se é algo bem especificado. Vejamos, para melhor entendimento, o que aconteceu em Massá:

> Ex 17,7: "*E deu ao lugar o nome de Massá e Meribá, por causa da contenda dos filhos de Israel, e porque* ***tentaram ao Senhor, dizendo: Está o Senhor no meio de nós, ou não?***".

Fica evidente que as tentações pelas quais passou Jesus, tendo o demônio como protagonista, nada tem a ver com o que é sugerido nesse passo, que, na verdade, é uma dúvida partindo do povo, portanto, a menção citada em Lc 4,12 é totalmente desconexa, fora de propósito.

Em relação aos demônios, os relatos bíblicos os colocam atribuindo a Jesus a condição de: 1) "Filho de Deus" em Mt 8,29, "Filho do Deus Altíssimo" em Mc 5,7 e em Lc 8,28; 2) "Santo de Deus" em Mc 1,24 e em Lc 4,34. Ainda em Lc 4,41-42 temo-los dizendo "Filho de Deus", por saberem que ele era o Messias. Portanto, como dizem serem os demônios os "pais da mentira" não se pode acreditar neles; não é mesmo?

> Lc 20,34-36: "*Respondeu-lhes Jesus: Os filhos deste mundo casaram-se e dão-se em casamento; mas os que são julgados dignos de alcançar o mundo vindouro, e a ressurreição dentre os mortos, nem se casam nem se dão em casamento; porque já não podem mais morrer; pois são iguais aos anjos,* ***e são filhos de Deus****, sendo filhos da ressurreição*".

Nesse passo, a expressão "filhos de Deus" simboliza aqueles que já se tornaram iguais aos anjos, ou seja, tornaram-se espíritos puros; oportunidade dada a todos, sem distinção.

> Jo 11,49-52: "*Um deles, porém, chamado Caifás, que era sumo sacerdote naquele ano, disse-lhes: Vós nada sabeis, nem considerais que vos convém que morra um só homem pelo povo, e que não pereça a nação toda. Ora, isso não disse ele por si mesmo; mas, sendo o sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus havia de morrer pela nação, e não somente pela nação, mas também para congregar num só corpo* ***os filhos de Deus*** *que estão dispersos*".

Quem são os filhos de Deus que estão dispersos, senão aqueles que não faziam parte da nação judaica, ou seja, todos nós?

> Rm 8,12-23: "*Portanto, irmãos, somos devedores, não à carne para vivermos segundo a carne; porque se viverdes segundo a carne, haveis de morrer; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis. Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses* ***são filhos de Deus****. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes com temor, mas recebestes o espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba, Pai! O Espírito mesmo testifica com o nosso espírito que* ***somos filhos de Deus****; e, se filhos, também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados. Pois tenho para mim que as aflições deste tempo presente não se podem comparar com a glória que em nós há de ser revelada. Porque a criação aguarda com ardente expectativa a revelação dos* ***filhos de Deus****. Porquanto a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que também a própria criação há de ser liberta do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos* ***filhos de Deus****. Porque sabemos que toda a criação, conjuntamente, geme e está com dores de parto até agora; e não só ela, mas até nós, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, aguardando a nossa adoração, a saber, a redenção do nosso corpo*".

Essa pregação de Paulo não pode ser vista no sentido exclusivista; mas no sentido figurado de que todos aqueles, que seguem Jesus, podem efetivamente merecer serem chamados filhos de Deus. É algo como se um pai humano, diante de uma atitude louvável do filho, lhe dissesse: *Agora sim, posso dizer que você é meu filho*. Exatamente, conforme se vê nos passos: Mt 5,9: "*Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus.*" e Lc 6,35: "*Ao contrário, amem os inimigos, façam o bem e emprestem, sem esperar coisa alguma em troca. Então, a recompensa de vocês será grande, e vocês serão filhos do Altíssimo, porque Deus é bondoso também para com os ingratos e maus.*"

> Gl 3,26-29: "*Pois todos sois* ***filhos de Deus*** *pela fé em Cristo Jesus. Porque todos quantos fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo. Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa*".

Pode ser que por seguirem esse pensamento de Paulo é que dizem serem filhos de Deus apenas os que, após serem batizados, lhes seguem na mesma crença religiosa; porém, é contrário ao que Jesus disse; portanto, a questão que se coloca é: devemos seguir a palavra de Jesus ou a de Paulo?

> 1Jo 3,1-2: "*Vede que grande amor nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados* ***filhos de Deus****; e nós o somos. Por isso o mundo não nos conhece; porque não conheceu a ele. Amados,* ***agora somos filhos de Deus****, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é, o veremos*".

"Agora somos filhos de Deus"; será que antes ainda não éramos? Será que Jesus estava enganado quando disse que todos somos filhos de Deus? E isso é feito de forma direta e indireta; como exemplo disso, apresentamos:

> Mt 5, 45: "*para que vos torneis filhos do* ***vosso Pai*** *que está nos céus; porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos*".
>
> Mt 5,48: "*Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o* ***vosso Pai celestial***".
>
> Mt 6,1: "*Guardai-vos de fazer as vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles; de outra sorte não tereis recompensa junto de* ***vosso Pai****, que está nos céus"*.
>
> Mt 6,8: "*Não vos assemelheis, pois, a eles; porque* ***vosso Pai*** *sabe o que vos é*

necessário, antes de vós lho pedirdes".

Mt 6,14-15: "*Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós; se, porém, não perdoardes aos homens, tampouco* ***vosso Pai*** *perdoará vossas ofensas*".

Mt 6,26: "*Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam, nem ajuntam em celeiros; e* ***vosso Pai celestial*** *as alimenta. Não valeis vós muito mais do que elas?*"

Mt 6, 31-32: "*Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que havemos de comer? ou: Que havemos de beber? ou: Com que nos havemos de vestir? (Pois a todas estas coisas os gentios procuram.) Porque* ***vosso Pai celestial*** *sabe que precisais de tudo isso*".

Mt 7,11: "*Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais* ***vosso Pai****, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhas pedirem?*"

Mt 10,19-20: "*Mas, quando vos entregarem, não cuideis de como, ou o que haveis de falar; porque naquela hora vos será dado o que haveis de dizer. Porque não sois vós que falais, mas o Espírito de* ***vosso Pai*** *é que fala em vós*".

Mt 18,14: "*Assim também não é da vontade de* ***vosso Pai*** *que está nos céus, que venha a perecer um só destes pequeninos*".

Mt 23,9: "*E a ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque um só é o* ***vosso Pai****, aquele que está nos céus*".

Lc 6,36: "*Sede misericordiosos, como também* ***vosso Pai*** *é misericordioso*".

Jo 20,17: "*Disse-lhe Jesus: Deixa de me tocar, porque ainda não subi ao Pai; mas vai a meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e* ***vosso Pai****, meu Deus e vosso Deus*".

Se, ao falar para a multidão, Jesus dizia que Deus é "vosso Pai", diante disso não há como não nos considerarmos filhos; portanto, quer queiram ou não os contrários, todos nós somos filhos de Deus.

O autor da primeira carta de João é, realmente, bem confuso, veja, caro leitor:

1Jo 3,9-10: "*Todo aquele que nasceu de Deus não comete pecado, porque sua semente permanece n ele; ele não pode pecar porque nasceu de Deus. Nisto são reconhecíveis os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo o que não pratica a justiça não é de Deus, nem quele que não ama o seu irmão*".

Em 1Jo 3,1 ele afirmou que todos somos filhos de Deus, enquanto aqui, nesse passo, está dizendo que são filhos de Deus somente quem não comete pecado. Ora, dentro dessa linha de raciocínio, como não há na face da Terra um só homem que não comete pecado, então, somos formados a concluir que ninguém pode considerar-se filho de Deus.

Vamos tratar da questão, que rapidamente mencionamos, de Jesus ser filho único, apesar de já termos visto em alguns textos bíblicos a existências de vários filhos de Deus (Gn 6,1-4, Jó 1,6; Sl 82,6; Lc 3,38) o que nega a crença de sermos criaturas.

Curiosamente, essa ideia de Jesus ser filho único ou unigênito, conforme algumas traduções, somente consta em João, cujo evangelho foi escrito nos anos 90, segundo Julio Trebolle Barrera, membro do Comitê Internacional de publicação dos Manuscritos de Mar Morto, professor de hebraico e aramaico na Universidad Complutense de Madri, doutor em Filologia Semítica e Teologia (BARRERA, p. 287-288); portanto, cerca de uns 60 anos depois da morte de Jesus. E disso cabe a pergunta: por que nos outros evangelhos não encontramos essa afirmativa? Simples: porque nessa época não tinham essa crença, que só veio a aparecer depois desses autores terem escrito suas versões dos acontecimentos.

Jo 1,14: "*E a Palavra se fez homem e habitou entre nós. E nós contemplamos a sua glória: glória do* ***Filho único*** *do Pai, cheio de amor e fidelidade*".

Jo 1,18; "*Ninguém jamais viu a Deus; quem nos revelou Deus foi o* ***Filho único****, que*

está junto ao Pai".

Jo 3,16-18: "*Pois Deus amou de tal forma o mundo, que entregou o seu **Filho único**, para que todo o que nele acredita não morra, mas tenha a vida eterna. De fato, Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, e sim para que o mundo seja salvo por meio dele. Quem acredita nele, não está condenado; quem não acredita, já está condenado, porque não acreditou no nome do **Filho único** de Deus*".

Devemos observar que em nenhuma dessas passagens foi o próprio Jesus quem atribuiu a si mesmo essa condição de filho único (unigênito). Entendemos que para ser filho único não poderia existir mais nenhum outro filho de Deus; porém, já provamos que existem. Além do que já foi dito, encontramos no mesmo evangelho de João, essa fala de Jesus ressurrecto a Madalena: "*Não me segure, porque ainda não voltei para o Pai. Mas vá dizer aos **meus irmãos**: 'Subo para junto do meu Pai, **que é Pai de vocês**, do meu Deus, que é o Deus de vocês*'". (Jo 20,17); dessa forma ele se iguala a nós ou, se preferirem, nos iguala a ele.

Dois pontos importantes: a expressão "**meus irmãos**", refere-se aos que o seguiram; portanto, Jesus se iguala a todos nós, não se colocando como um ser especial; disso, é forçoso concluir que temos um mesmo Pai; é, inclusive, o que, ainda naquele momento, ele afirma quando diz "**que é Pai de vocês**", reafirmando, com essa outra expressão, que Deus é pai de todos nós. Podemos, inclusive, corroborar isso com Paulo, que é muito utilizado no meio evangélico, que asseverou: "*[...] só há um **Deus que é Pai de todos**, e está acima de todos, age por todos e em todos*" (Ef 4,6).

Por outro lado, a condição de ser filho unigênito é incompatível com a de ser, ao mesmo tempo, filho primogênito, o que prova a contradição entre os "inspirados" autores bíblicos. Vejamos os passos com base nos quais atribuem a Jesus a condição de ser filho primogênito:

Rm 8,29: "*Aqueles que Deus antecipadamente conheceu, também os predestinou a serem conformes à imagem do seu Filho, para que este seja **o primogênito entre muitos irmãos***".

Cl 1,15: "*Ele é a imagem do Deus invisível, **o Primogênito**, anterior a qualquer criatura*".

Hb 1,6: "*E de novo, quando introduz **seu Filho primogênito** no mundo, ele diz: "Que todos os anjos o adorem*".

Uma vez usada a expressão "filho primogênito" presume-se que Deus tenha criado outros filhos; portanto, a condição de filho unigênito fica, totalmente, prejudicada com isso.

Ademais, não temos nenhuma outra fonte de informação que nos assegure ter Jesus essa condição de primogênito de Deus, ou seja, que tenha sido o primeiro filho a ser criado, embora isso possa ser irrelevante ao nosso estudo.

Por outro lado, nem mesmo filho único de Maria, também o foi:

Lc 2,6-7: "*Enquanto estavam em Belém, se completaram os dias para o parto, e Maria **deu à luz o seu filho primogênito**. Ela o enfaixou, e o colocou na manjedoura, pois não havia lugar para eles dentro da casa*".

Como filho de Maria não resta nenhuma dúvida que ele foi mesmo o primeiro dos filhos, porquanto é citado que teve irmãos e irmãs. (Mt 12,46; Mt 13,55). Corroborando em Heinz Zahrnt (1915-2003), protestante teólogo alemão, temos que "Jesus era o mais velho de um total de sete filhos, quatro homens e três mulheres. […]". (ZAHRNT, 1992, p. 40), portanto, quanto ao fato de ser primogênito de Maria, não há o que contestar; porém, uma coisa é ser primogênito de Maria e outra é o ser de Deus.

Não podemos deixar de mencionar que Jesus sempre atribuiu a si mesmo a condição de "Filho do homem". Conforme vemos em Champlin e Bentes, das noventa e quatro vezes que aparece a expressão "Filho do homem", no Novo Testamento, apenas por cinco vezes (5,3%) não foi Jesus quem a usou (CHAMPLIN e BENTES, 1995a, p. 742).

E, para não fugir ao processo da divinização de Jesus, o autor de João é quem coloca

Jesus dizendo ser filho de Deus, exatamente onde, conforme vimos, encontramos mais passagens nas quais atribuem-lhe esse epíteto. Eis os passos:

> Jo 4,1-4: "*Um tal de Lázaro tinha caído de cama. Ele era natural de Betânia, o povoado de Maria e de sua irmã Marta. Maria era aquela que tinha ungido o Senhor com perfume, e que tinha enxugado os pés dele com os cabelos. Lázaro, que estava doente, era irmão dela. Então as irmãs mandaram a Jesus um recado que dizia: 'Senhor, aquele a quem amas está doente'. Ouvindo o recado, Jesus disse: 'Essa doença não é para a morte, mas para a glória de Deus, para que o* ***Filho de Deus*** *seja glorificado por meio dela'*".
>
> Jo 5,25: "*Eu garanto a vocês: está chegando, ou melhor, já chegou a hora em que os mortos ouvirão a voz do* ***Filho de Deus****: aqueles que ouvirem sua voz, terão a vida*".
>
> Jo 10,29-39: "'*O Pai, que tudo entregou a mim, é maior do que todos. Ninguém pode arrancar coisa alguma da mão do Pai. O Pai e eu somos um'. As autoridades dos judeus pegaram pedras outra vez para apedrejar Jesus. Então Jesus disse: 'Por ordem do meu Pai, tenho feito muitas coisas boas na presença de vocês. Por qual delas vocês me querem apedrejar?' As autoridades dos judeus responderam: 'Não queremos te apedrejar por causa de boas obras, e sim por causa de uma blasfêmia: tu és apenas um homem, e te fazes passar por Deus'. Jesus disse: 'Por acaso, não é na Lei de vocês que está escrito: 'Eu disse: vocês são deuses'? Ninguém pode anular a Escritura. Ora, a Lei chama de deuses as pessoas para as quais a palavra de Deus foi dirigida. O Pai me consagrou e me enviou ao mundo. Por que vocês me acusam de blasfêmia, se* ***eu digo que sou Filho de Deus****? Se não faço as obras do meu Pai, vocês não precisam acreditar em mim. Mas se eu as faço, mesmo que vocês não queiram acreditar em mim, acreditem pelo menos em minhas obras. Assim vocês conhecerão, de uma vez por todas, que o Pai está presente em mim, e eu no Pai'. Eles tentaram outra vez prender Jesus, mas ele escapou das mãos deles*".

Foi muito comum atribuírem a Jesus o título de "Filho de Deus" após algum "milagre" realizado por ele; vejamos, primeiro, as narrativas de Marcos e João, para depois as compararmos com Mateus:

> Mc 6,45-51: "*Logo em seguida Jesus obrigou os discípulos a entrar na barca e ir na frente para* ***Betsaida****, enquanto ele despedia a multidão. Logo depois de se despedir da multidão subiu ao monte para rezar. Ao anoitecer, a barca estava no meio do mar e Jesus sozinho em terra. Viu que os discípulos estavam cansados de remar, porque o vento era contrário. Então, entre as três e as seis horas da madrugada, Jesus foi até os discípulos* ***andando sobre o mar****, e queria passar na frente deles. Quando os discípulos o avistaram andando sobre o mar, pensaram que era um fantasma e começaram a gritar. Com efeito, todos o tinham visto e ficaram assustados. Mas Jesus logo falou: 'Coragem! Sou eu, não tenham medo!'* ***Então subiu com eles na barca****.* ***E o vento parou****. Mas os discípulos ficaram ainda mais espantados, [...]*"
>
> Jo 6,16-21: "*Ao cair da tarde, os discípulos de Jesus desceram ao mar. Entraram na barca e foram em direção a* ***Cafarnaum****, do outro lado do mar. Já era noite, e Jesus ainda não tinha ido ao encontro deles. Soprava vento forte e o mar estava agitado. Os discípulos tinham remado mais ou menos cinco ou seis quilômetros, quando viram* ***Jesus andando sobre as águas*** *e aproximando-se da barca. Então ficaram com medo, mas Jesus disse: "Sou eu. Não tenham medo".* ***Eles quiseram recolher Jesus na barca****, mas nesse instante a barca chegou à margem para onde estavam indo*".

Relatos mais ou menos de mesmo teor, a não ser a questão do local, que em Marcos é dito que iam para Betsaida e em João para Cafarnaum. Embora essas duas localidades se distanciassem cerca de uns 7 km uma da outra, permanece o conflito. Acrescente a este fato a circunstância de que, em Marcos, Jesus teria subido na barca, enquanto em João, pelo fato de terem chegado à margem, não deu tempo de Jesus embarcar.

Já no relato de Mateus as coisas se complicam mais ainda, pois há acréscimo de um fato não relatado pelos dois anteriores; senão vejamos:

Mt 14,22-27: "*Logo em seguida, Jesus obrigou os discípulos a entrar na barca, e ir na frente, para o outro lado do mar, enquanto ele despedia as multidões. Logo depois de despedir as multidões, Jesus subiu sozinho ao monte, para rezar. Ao anoitecer, Jesus continuava aí sozinho. A barca, porém, já longe da terra, era batida pelas ondas, porque o vento era contrário. Entre as três e as seis da madrugada, Jesus foi até os discípulos,* ***andando sobre o mar****. Quando os discípulos o avistaram, andando sobre o mar, ficaram apavorados, e disseram: 'É um fantasma!' E gritaram de medo. Jesus, porém, logo lhes disse: "Coragem! Sou eu. Não tenham medo"*".

Mt 14,28-30: "*Então Pedro lhe disse: 'Senhor, se és tu, manda-me ir ao teu encontro, caminhando sobre a água'. Jesus respondeu: 'Venha'. Pedro desceu da barca, e começou a andar sobre a água, em direção a Jesus. Mas ficou com medo quando sentiu o vento e, começando a afundar, gritou: 'Senhor, salva-me'. Jesus logo estendeu a mão, segurou Pedro, e lhe disse: 'Homem fraco na fé, por que você duvidou?'*"

*Mt 14,31-32: "****Então eles subiram na barca. E o vento parou.*** *Os que estavam na barca se ajoelharam diante de Jesus, dizendo: 'De fato, tu és o Filho de Deus*'".

Dividimos a narrativa de Mateus (14,22-32) em três partes, para facilitar o entendimento, quanto aos dois pontos que iremos abordar: o fato de Jesus andar sobre o mar e o episódio de Pedro.

Em relação ao primeiro ponto, podemos dizer que não se trata de algo inusitado, porquanto pode-se ver histórias iguais sendo contadas:

> Nas antiguíssimas esculturas da Índia **existem representações de "Rama" caminhando sobre as águas** (Révue – Les Arts nº 57 – setembro 1906)" (LETERRE, 2004, p. 158). (grifo nosso).
>
> Dois famosos milagres atribuídos a Jesus foram certamente extraídos de lendas budistas: o milagre dos peixes e dos pães, e o poder de caminhar sobre as águas. […]
>
> **No *Dighanikaya* e no *Majjhimanikaya*, os mais antigos textos budistas, a capacidade de andar sobre as águas é expressamente relacionada entre os muitos poderes mágicos do Buda**. No *Mahavamsa*, conta-se como **Gautama atravessou o Ganges flutuando sobre a superfície**. Na Índia ao tempo de Buda, o poder paranormal de caminhar sobre as águas não era uma novidade. Sabemos pelos Vedas da existência de santos dotados dessa capacidade.
>
> […]
>
> Numa das mais impressionantes edificações budistas, o Monumento Sanchi, está gravada em relevo a imagem da caminhada sobre as águas. Esse monumento foi erigido entre o segundo e o primeiro século antes de Cristo. As ilustrações sobre a vida de Buda mostram a rapidez com que essas lendas se espalharam, uma vez que essas representações nos permitem presumir que elas já eram amplamente conhecidas. Naquela época, devido à grande reverência que o Buda inspirava, sua imagem não era representada. A imagem da apresentação do príncipe Rahula ao Buda gravada no Monumento Amaravati (ilustração 24) mostra muitas pessoas prestando reverência diante de um trono vazio, onde as almofadas, um banco baixo e as impressões dos dois pés simbolizam a presença de Buda. A caminhada confiante do Buda sobre as águas é representada no Monumento Sanchi através de um banco de pedra vazio em meio à torrente.
>
> […]
>
> O teólogo Nobert Klatt provou que o tema da caminhada sobre as águas era totalmente desconhecido do judaísmo pré-cristão, e que as passagens do Livro de Jó e dos Salmos citadas pela maioria dos exegetas em sua interpretação do incidente não podem ser relacionadas com o Novo Testamento. **São tão numerosas as coincidências nos relatos das caminhadas de Jesus e do Buda sobre as águas que, seguindo a análise de Klatt, passaremos a enumerá-las a seguir**:
>
> 1. Tanto Jesus quanto Buda estão sozinhos num lugar ermo.
> 2. Ambos estão absortos numa prática religiosa (oração/meditação).
> 3. Ambos caminham de um lado para o outro sobre a água – uma descrição

> na qual a versão páli e o texto grego usam os mesmos termos.
>
> 4. Em ambos os casos as águas são turbulentas.
>
> 5. Ambas as narrativas se dirigem a discípulos/Kassapa.
>
> 6. Tanto Kassapa quando os discípulos estão numa barca.
>
> 7. Os que estão na barca se assustam com o homem que caminha sobre as águas.
>
> 8. Eles não sabem quem é o homem que caminha sobre as águas e o interrogam.
>
> 9. Tanto Jesus quanto o Buda se identificam com as palavras "sou eu".
>
> 10. Os homens desejam que o caminhante suba à barca.
>
> 11. Jesus e o Buda entram na barca.
>
> **Como vimos, são tantas as correspondências que as duas histórias podem ser consideradas praticamente idênticas**. (KERSTEN e GRUBER, 1996(?), p. 143-147, grifo nosso).

Comparando-se com as narrativas anteriores, vemos que o que Mateus cita nos versículos 28 a 30, exatamente o nosso segundo ponto, não é mencionado por Marcos nem João e Lucas nem sequer faz alusão a esse episódio. Tem tudo para ser uma adição copiada do budismo:

> Em Mateus (14:28-33), mas não em Marcos e em João, o apóstolo Pedro tenta caminhar sobre as águas, mas começa a afundar. **Esse episódio é incrivelmente semelhante ao descrito no verso 190 da introdução ao *Jataka*, no qual Sariputta, discípulo de Gautama**, também **tenta seguir o mestre sobre as águas** porque não consegue encontrar a balsa na margem do rio Aciravati. Num estado de profunda contemplação, ele começa a atravessar o rio, mas as altas ondas o arrancam do estado meditativo e ele começa a afundar. No entanto, logo que retoma sua meditação, pode continuar caminhando sobre a água sem perigo. Nem Sariputta nem Pedro conseguiram caminhar sem esforço sobre as águas traiçoeiras, o que só é possível para alguém que tenha atingido um estágio avançado na arte da contemplação e da entrega. Pedro afunda porque lhe falta confiança, por causa da "falta de fé" que Jesus reprova nele. **Tão exata correspondência só pode se dever a uma apropriação**. (KERSTEN e GRUBER, 1996(?), p. 147).

É... parece que as histórias sobre Buda, novamente, influenciaram o autor bíblico. Isso coloca num dilema aqueles que acreditam que todos os autores bíblicos foram inspirados pelo Espírito Santo, quando escreviam seus textos. Geralmente, tomam para justificar a inspiração o teor do seguinte passo: "*Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para instruir, para refutar, para corrigir, para educar na justiça*". (2Tm 3,16). Entretanto, não se pode deixar de levar em conta que quem quer que seja o seu autor, ele não tinha em mãos a Bíblia como a conhecemos hoje; no máximo, poderia estar se referindo à Bíblia hebraica, porquanto os textos do Novo Testamento ainda não haviam sidos agregados aos do Antigo para formar a Bíblia cristã. Dessa forma, teriam apenas que aceitar como inspirados os autores do Antigo Testamento; porém, na prática, não é o que fazem. Sobre isso, que é um assunto mais específico, recomendamos nosso texto: "Todo Escritura é mesmo inspirada?", disponível em nosso site: www.paulosnetos.net

Pastorino afirma que o último versículo, onde se lê: "*De fato, tu és **o** Filho de Deus"* (Mt 14,32), na verdade, tem a seguinte tradução: "verdadeiramente és **um** filho de Deus", explicando a divergência do artigo definido no primeiro, para o indefinido no segundo texto da seguinte forma:

> **O texto grego está sem artigo**. Não é, pois, uma confissão da Divindade de Jesus, como pretendem alguns. Temos que compreender a mentalidade e a psicologia dos israelitas, sobretudo naquela época: rigidamente monoteístas, não podiam jamais cogitar de outro Deus além do único Deus, a quem Jesus chamava "O PAI", repetindo exaustivamente que era "o único Deus". Entretanto, eles sabiam que havia os "filhos de mulher" (homens sujeitos ao "*kyklos anánke*" ou ciclo fatal das encarnações por meio da mulher) e os "filhos do homem" (criaturas que já se haviam libertado da evolução na etapa humana),

> mas havia também os "filhos de Deus" (seres excepcionais acima de qualquer classificação que não fosse a comparação de "ligados à Divindade", os seres (que hoje chamaríamos "avatares") em que Se manifesta a Divindade, os Cristos ou Buddhas. (PASTORINO, 1964b, p. 103, grifo nosso).

E apenas para registrar mais alguns passos nos quais podemos identificar problemas na "inspiração":

> Mt 27,39-44: "*As **pessoas** que passavam por aí, o **insultavam**, balançando a cabeça, e dizendo: "Tu que ias destruir o Templo, e construí-lo em três dias, salve-te a ti mesmo! Se é **o Filho de Deus**, desce da cruz!" Do mesmo modo, os chefes dos sacerdotes, junto com os doutores da Lei e os anciãos, também zombavam de Jesus: "A outros ele salvou... A si mesmo não pode salvar! É Rei de Israel... Desça agora da cruz, e acreditaremos nele. Confiou em Deus; que Deus o livre agora, se é que o ama! **Pois ele disse: Eu sou Filho de Deus**'*. Do mesmo modo, também **os dois bandidos que foram crucificados com Jesus o insultavam**".
>
> Mc 15,29-32: "*As **pessoas** que passavam por aí o **insultavam**, balançando a cabeça e dizendo: 'Ei! Você que ia destruir o Templo, e construí-lo de novo em três dias, salve-se a si mesmo! Desça da cruz!' Do mesmo modo, os chefes dos sacerdotes, junto com os doutores da Lei, zombavam dele dizendo: 'a outros ele salvou... A si mesmo não pode salvar! O Messias, o rei de Israel... Desça agora da cruz, para que vejamos e acreditemos!' **Os que foram crucificados com Jesus também o insultavam***".
>
> Lc 23,35-43: "*O povo permanecia aí, olhando. **Os chefes**, porém, **zombavam** de Jesus, dizendo: 'A outros ele salvou. Que salve a si mesmo, **se é de fato o Messias de Deus**, o Escolhido!' Os soldados também caçoavam dele. Aproximavam-se, ofereciam-lhe vinagre, e diziam: 'Se tu és o rei dos judeus, salva a ti mesmo!' Acima dele havia um letreiro: 'Este é o Rei dos judeus'. Um dos criminosos crucificados o insultava, dizendo: 'Não és tu o Messias? Salva a ti mesmo e a nós também!' Mas o outro o repreendeu, dizendo: 'Nem você teme a Deus, sofrendo a mesma condenação? Para nós é justo, porque estamos recebendo o que merecemos; mas ele não fez nada de mal'. E acrescentou: 'Jesus, lembra-te de mim, quando vieres em teu Reino'. Jesus respondeu: 'Eu lhe garanto: hoje mesmo você estará comigo no Paraíso'*".

Divergências entre as narrativas: os circunstantes diziam "Salva a ti mesmo", por que supunham que ele era o Messias ou por que não aceitavam ser ele rei dos judeus? Pela versão de Mateus e Marcos os que caçoavam foram as pessoas e os chefes dos sacerdotes, enquanto em Lucas, se diz terem sidos esses últimos e os soldados. Quem está relatando a verdade? Os dois bandidos o insultavam ou apenas um deles? Por qual motivo no Evangelho de João nada foi falado sobre o que realmente fizeram os dois bandidos? Por que só em Mateus aparece a expressão "Filho de Deus", inclusive afirmando que Jesus tenha dito isso? Por que só em Lucas temos a hipotética promessa de Jesus ao "bom" ladrão: "*Eu lhe garanto: **hoje mesmo** você estará comigo no Paraíso*"? Será que Lucas não sabia que Jesus ressuscitara três dias após ser crucificado?

> Mt 27,45-54: "*Desde o meio-dia até às três horas da tarde houve escuridão sobre toda a terra. Pelas três horas da tarde Jesus deu um forte grito: 'Eli, Eli, lamá sabactâni?', isto é: 'Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?' ... Jesus deu outra vez um forte grito, e entregou o espírito. **Imediatamente a cortina do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo; a terra tremeu, e as pedras se partiram**. **Os túmulos se abriram e muitos santos falecidos ressuscitaram**. Saindo dos túmulos depois da ressurreição de Jesus, apareceram na Cidade Santa, e foram vistos por muitas pessoas. **O oficial e o soldados** que estavam com ele guardando Jesus, ao notarem o **terremoto** e tudo o que havia acontecido, ficaram com muito medo, e disseram: '**De fato, ele era mesmo Filho de Deus!**'*
>
> Mc 15,33-39: "*Ao chegar o meio-dia, até às três horas da tarde, houve escuridão sobre toda a terra. Pelas três horas da tarde, Jesus deu um forte grito: 'Eloi, Eloi, lamá sabactâni?', que quer dizer: 'Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?' ... Jesus lançou um forte grito, e expirou. Nesse momento, a cortina do santuário se rasgou de*

alto a baixo, em duas partes. ***O oficial do exército****, que estava bem na frente da cruz, viu como Jesus havia expirado, e disse: "****De fato, esse homem era mesmo Filho de Deus****!*"

Lc 23,44-47: "*Já era mais ou menos meio-dia, e uma escuridão cobriu toda a região até às três horas da tarde, pois o sol parou de brilhar. A cortina do santuário rasgou-se pelo meio. Então Jesus deu um forte grito: "Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito." Dizendo isso, expirou.* ***O oficial do exército*** *viu o que tinha acontecido, e glorificou a Deus, dizendo: "De fato!* ***Esse homem era justo****!*"

No Evangelho de João nada encontramos sobre o fenômeno "escuridão sobre **toda a terra**", como narra Marcos; ou teria sido só localizada, escurecendo só a região? "A terra tremeu e as pedras se partiram" parece-nos a descrição de um terremoto, isso que Mateus descreve; daí surge a dúvida: como algo tão "estrondoso" assim não foi registrado pelos outros evangelistas?

Segundo Mateus, no momento da morte de Jesus "*os túmulos se abriram e muitos santos falecidos ressuscitaram*"; relevando o fato de que Mateus é o único que fala disso, não conseguimos entender o que "santos falecidos" ficaram fazendo, pois somente depois da ressurreição de Jesus é que eles saíram dos túmulos??!!

Mateus menciona o oficial e os soldados, enquanto Marcos e Lucas mencionam que foi somente o oficial que disse algo diante dos acontecimentos; quem tem razão? Em Mateus todos os fenômenos – escuridão, terremoto – foram o motivo deles dizerem "De fato, ele era mesmo Filho de Deus!", fala bem estranha partindo de romanos, que não esperavam nenhum Messias; porém, a frase em Lucas, "*Esse homem era justo*", dita somente pelo oficial, complica ainda mais a situação do "inspirador" dos textos bíblicos.

Mt 26, 63-66: "*[...] E o sumo sacerdote disse: 'Eu te conjuro pelo Deus vivo que* ***nos digas se tu és o Messias, o Filho de Deus'****. Jesus respondeu: '****É como você acabou de dizer****. Além disso, eu lhes digo: de agora em diante, vocês verão* ***o Filho do Homem*** *sentado à direita do Todo-poderoso, e vindo sobre as nuvens do céu'. Então o sumo sacerdote rasgou as próprias* vestes*, e disse: 'Blasfemou! Que necessidade temos ainda de testemunhas? Pois agora mesmo vocês ouviram a blasfêmia. O que vocês acham?' Responderam: 'É réu de morte!'*".

Mc 14,60-64: "*O sumo sacerdote o interrogou de novo: '****És tu o Messias, o Filho do Deus Bendito?'*** *Jesus respondeu: '****Eu sou.*** *E vocês verão o* ***Filho do Homem*** *sentado à direita do Todo-poderoso, e vindo sobre as nuvens do céu'. Então o sumo sacerdote rasgou as próprias vestes, e disse: 'Que necessidade temos ainda de testemunhas? Vocês ouviram a blasfêmia! O que parece a vocês?' Então todos eles decretaram que Jesus era réu de morte*".

"Lc 22,66-71: "*Ao amanhecer, os anciãos do povo, os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei se reuniram em conselho, e levaram Jesus para o Sinédrio. E começaram: 'Se tu és o Messias, dize-nos!' Jesus respondeu: 'Se eu disser, vocês não acreditarão, e, se eu lhes fizer perguntas, não me responderão. Mas de agora em diante,* ***o Filho do Homem*** *estará sentado à direita do Deus Todo-poderoso'. Então todos perguntaram: '****Tu és, portanto, o Filho de Deus?****' Jesus respondeu: '****Vocês estão dizendo que eu sou****'; Eles disseram: 'Que necessidade temos ainda de testemunho? Nós mesmos ouvimos de sua própria boca!'*".

A resposta de Jesus ao sumo sacerdote (Mateus e Marcos) ou a todos (Lucas), não é a mesma em todas as narrativas: "*É como você acabou de dizer*" e "*Eu sou*", são como a concordância de Jesus com o que perguntaram, ou seja, estaria afirmando ser o Messias, o Filho de Deus. Entretanto, em Lucas, a fala de Jesus é outra: "*Vocês estão dizendo que eu sou*", texto esse que tem a conotação de negativa, deixando a responsabilidade sobre quem disse isso a terceiros. Em todas, vemos Jesus utilizar para si a designação de "Filho do homem", no sentido de que ele era ser humano e não um ser divino, como querem uns, ou semidivino, como sustentam outros.

Vejamos, agora, alguns passos que contêm a expressão "Filho de Deus" com as respectivas notas explicativas dos tradutores:

Mc 1,1: "*Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, **Filho de Deus***".

> Nota 1: Este título não indica uma filiação de natureza, mas uma simples filiação adotiva (4,3+), que implica uma proteção de Deus sobre o homem que ele declara seu "filho" (Sb 2,18), especialmente sobre o rei que ele escolheu "2Sm 7,14-16; Sl 2,17). Om. "Filho de Deus". (Bíblia de Jerusalém, p. 1759).
>
> Nota 2: "*...Filho de Deus...*" Esta adição aparece nos mss ABDW, Fam Pi, Fam 1 e Fam 13, juntamente com certo número de versões latinas e cópticas. É seguida pelas traduções ASV, AA, AC, BR (que assinala como duvidosa), NE, IB, KJ, PH, RSV e WY. Tais palavras são omitidas pelos mss Aleph (1), Theta, 28 e pelos pais da igreja Irineu, Orígenes, Basílio, Victor e Hieráclito (em algumas citações). As traduções GD e W; também as omitem. A evidência objetiva infelizmente está dividida exatamente pela metade. A grande questão, e aquela que sem dúvida favorece o texto mais abreviado, mostrando que o evangelho original de Marcos não continha tais palavras, é: Se estas palavras eram autênticas, por que foram elas omitidas? Não existe razão alguma pela qual algum escriba, mesmo parcialmente ortodoxo, haveria de omiti-las. Parece melhor dizermos, portanto, que essas palavras foram acrescentadas em uma data bem remota. […] (CHAMPLIN, 2005b, p. 663).

Jo 1,49: "*Natanael respondeu: 'Rabi, tu és o **Filho de Deus**, tu és o rei de Israel!'*".

> Nota: Aqui, simples título messiânico, como "Rei de Israel" (cf Mt 4,3+) (Bíblia de Jerusalém, p. 1846)

Jo 11,27: "*Ela respondeu: 'Sim, Senhor. Eu acredito que tu és o Messias, o **Filho de Deus** que devia vir a este mundo'*".

> Nota: Como para Natanael (1,49), a expressão "Filho de Deus" é simples título messiânico (1,18+) (Bíblia de Jerusalém, p. 1873).

At 8,37: "*Filipe lhe disse: 'É possível, se você acredita de todo o coração'. O eunuco respondeu: 'Eu acredito que Jesus Cristo é o **Filho de Deus**!'*".

> Nota: O v. 37 é glosa muito antiga, conservada no texto oc. E inspirada na liturgia batismal […] (Bíblia de Jerusalém, p. 1916).

Consultado o Houaiss, temos que glosa é "anotação em um texto para explicar o sentido de uma palavra ou esclarecer uma passagem".

At 9,20: "*E logo começou a pregar nas sinagogas, afirmando que Jesus é o **Filho de Deus***".

> Nota: "Filho de Deus" corresponde a "Cristo" do v. 22 (cf Mt 4,3+). O título de "Filho de Deus" reaparece nos Atos apenas em 13,33. É característico da cristologia paulina (Gl 1,16; 2,20; 4,4.6; Rm 1,3-4.9; 1Ts 1,10; cf. Rm 9,5+). (Bíblia de Jerusalém, p. 1917).

O interessante é que Tiago, o irmão do Senhor (Gl 1,19), também considerava Deus como nosso pai; senão, vejamos:

Tg 1,27: "*A religião pura e imaculada diante de **nosso Deus e Pai** é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições e guardar-se isento da corrupção do mundo*".

Tg 3,9: "*Com ela bendizemos **ao Senhor e Pai**, e com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus*".

Resta-nos ainda ver Paulo, que nas cartas, que lhe são atribuídas, tem, quase como padrão, a seguinte saudação:

> Rm 1,7: "*[…] Graça a vós, e paz da parte de **Deus nosso Pai**, e do Senhor Jesus Cristo*".

Igual saudação ou com pequena diferença pode ser encontrada nas suas cartas aos: coríntios, gálatas, efésios, felipenses, colossenses, tessalonicenses, a Timóteo, a Tito e a Filêmon (1Cor 1,3; 2Cor 1,2; Gl 1,3; Ef 1,2; Fl 1,2; Cl 1,2; 1Ts 1,1; 3,11; 2Ts 1,1; 2,16; 1Tm 1,2; 1Tm 1,2; Tt 1,4; Fm 1,3).

Em algumas passagens podemos ver, bem claramente, como as pessoas daquela época consideravam Jesus:

> Lc 24,19-20: "*Jesus perguntou: 'O que foi?' Os discípulos responderam: 'O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que **foi um profeta poderoso** em ação e palavras, diante de Deus e de todo o povo. Nossos chefes dos sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte, e o crucificaram'*".
>
> Jo 7,40: "*Ouvindo essas palavras, alguns diziam no meio da multidão: '**De fato, este homem é mesmo o Profeta!**'*"
>
> Jo 9,17: "*E havia divisão entre eles. Perguntaram outra vez ao que tinha sido cego: 'O que você diz do homem que abriu seus olhos?' Ele respondeu: '**É um profeta**'*".
>
> At 2,22: "*Homens de Israel, escutem estas palavras: **Jesus de Nazaré foi um homem que Deus** confirmou entre vocês, realizando por meio dele os milagres, prodígios e sinais que vocês bem conhecem".*
>
> At 3,13-14: "*O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, o Deus de nossos antepassados glorificou o seu **servo Jesus**. Vocês o entregaram e o rejeitaram diante de Pilatos, que estava decidido a soltá-lo. Vocês, porém, renegaram **o Santo e o Justo**, e pediram clemência para um assassino.*

Dessa forma, fica provado que viam a Jesus como um homem, profeta, santo e justo, e não como um ser especial: divino ou semidivino.

Resta-nos, agora, apresentar algumas opiniões de estudiosos bíblicos, visando um maior esclarecimento do assunto.

1) Ernest Renan (1823-1892)

> Que jamais Jesus tenha pensado em se fazer passar por uma encarnação do próprio Deus, é uma coisa que não pode duvidar. Tal ideia era profundamente estranha ao espírito do Judaísmo; não há nenhum vestígio dela nos Evangelhos sinóticos [25], só a encontramos indicada nas partes do quarto Evangelho que menos podem ser aceitas como um eco do pensamento de Jesus. Às vezes parece que Jesus toma precauções para repelir tal doutrina [26]. A acusação de passar por Deus, ou igual a Deus, é apresentada, mesmo no quarto Evangelho, como uma calúnia dos judeus [27]. Nesse último Evangelho, Jesus se declara menor que seu Pai [28]. Em outro, lugar, confessa que o Pai não lhe revelou tudo [29]. Ele se toma por um homem além do comum, mas separado de Deus por uma distância infinita. **Ele é filho de Deus; mas todos os homens o são ou podem tornar-se em diversos níveis** [30]. Todos, a cada dia, devem chamar a Deus seu pai; todos os ressuscitados serão filhos de Deus [31]. No Antigo Testamento a filiação divina era atribuída a seres que não se pretendia, de forma alguma, igualar a Deus [32]. A palavra "filho", nas línguas semíticas e na língua do Novo Testamento, tem as mais variadas acepções [33]. Além disso, a ideia que Jesus faz do homem não essa ideia humilde que um frio deísmo introduziu. Em sua poética concepção da natureza, um único sopro permeia o universo: o sopro do homem é o de Deus. Habitando no homem, Deus vive pelo homem, assim como o homem que habita em Deus vive por Deus [34]. O idealismo transcendente de Jesus nunca lhe permitiu ter uma visão clara de sua

própria personalidade. Ele é seu pai, seu Pai é ele. Ele vive em seus discípulos, está em toda parte com eles [35]; seus discípulos são um, como ele e seu Pai são um [36]. A ideia, para ele, é tudo; o corpo, que faz a distinção das pessoas, não é nada.

O título de "Filho de Deus", ou simplesmente "Filho" [37] aparece para Jesus, desse modo, como um título análogo a "Filho do Homem" e, como este, sinônimo de "Messias", com a única diferença que ele se autodenominava "Filho do Homem" e que parece não ter feito o mesmo uso da expressão "Filho de Deus" [38]. O título de Filho do Homem exprimia sua qualidade de juiz; o de Filho de Deus, sua participação nos desígnios supremos e o seu poder. Esse poder não tem limites. Seu Pai lhe deu todo o poder. Ele tem o direito de modificar até o sabá [39]. Ninguém conhece o Pai, a não ser por meio dele [40]. O Pai lhe transmitiu o direito de julgar [41]. A natureza lhe obedece; mas ele também obedece a quem quer que creia e ore; a fé tudo pode [42]. E preciso se lembrar de que, nem em seu espírito nem no dos seus ouvintes, nenhuma ideia das leis da natureza aparecia como limite intransponível. As testemunhas de seus milagres agradecem a Deus "por ter dado tais poderes aos homens" [43]. Ele remove os pecados [44] ele é superior a Davi, a Abraão, a Salomão, aos profetas [45]; Não sabemos sob que forma e em que medida eram produzidas essas afirmações. Jesus não deve ser julgado sob as regras de nossas mesquinhas conveniências. A admiração de seus discípulos o preenchia e o arrebatava. É evidente que o título de rabi, com o qual ele se contentara inicialmente, não lhe bastava mais; o próprio título de profeta ou de enviado de Deus não mais correspondia ao seu pensamento. A posição que ele se atribuía era a de um ser sobre-humano, e ele queria ser visto como alguém que tinha com Deus um contato mais elevado que o dos outros homens. Mas é preciso notar que esses termos "sobre-humano" e "sobrenatural", tirados de nossa teologia mesquinha, não tinham sentido na alta consciência religiosa de Jesus. Para ele, a natureza e o desenvolvimento da humanidade não eram reinos limitados fora de Deus, raquíticas realidades, sujeitas a leis de um rigor desesperante. Para ele não havia sobrenatural, pois não havia natureza. Embriagado de amor infinito, ele se esquecia da pesada corrente que prende o espírito cativo. Atravessava de um salto o abismo, intransponível para a maioria, que a mediocridade das faculdades humanas traça entre o homem e Deus.

Não se poderia desconhecer nessas afirmações de Jesus o germe da doutrina que devia, mais tarde, fazer dele uma substância divina identificando-o com o Verbo, ou "Deus segundo" [47] ou primogênito de Deus [48] ou Anjo Metátrono [49] que a teologia judaica, por outro lado, criava [50]. Uma espécie de necessidade levava essa teologia, para corrigir o extremo rigor do velho monoteísmo, a pôr perto de Deus um assessor, ao qual o Pai supostamente teria delegado o governo do universo. A crença de que certos homens são encarnações de faculdades ou de "poderes" divinos começava a se espalhar; os samaritanos possuíam, à mesma época, um taumaturgo que se identificava com "a grande virtude de Deus" [51]. Havia quase dois séculos que os espíritos especulativos do judaísmo se deixavam levar pela tendência de criar pessoas distintas com atributos divinos ou certas expressões que remetiam à divindade. Assim é que o "Sopro de Deus", do qual se trata frequentemente no Antigo Testamento, é considerado como um ser à parte, o "Espírito Santo". Da mesma forma, a "Sabedoria de Deus", "Palavra de Deus" tornam-se pessoas existentes por si própria Era o germe do processo que engendrou os sefirotes da cabala, os eões do gnosticismo, as hipóstases cristãs, toda essa mitologia seca, consistindo de abstrações personificadas, às quais o monoteísmo é obrigado a recorrer quando quer introduzir a multiplicidade em Deus.

---

[25] Certas passagens, como Atos, II, 22, a excluem formalmente.
[26] Mat. IV, 10; VII, 21, 22; XIX, 17; Marc. I, 44; III, 12; X, 17, 18; Luc., XVIII, 19.
[27] João V, 18 e seg.; X, 33 e seg.
[28] João XIV, 28.
[29] Marc., XIII, 35.
[30] Mat. V, 9,45; Luc. III, 38; VI, 35; XX, 36; João, 1, 12-13; X, 34-35, Comp. Atos, XVII, 28-29; Rom. VII, 14-17, 19, 21, 23; IX, 26; II Cor. VI, 18; Gálat. III, 26; IV, I e seg.; Fíl. II, 15; epístola de Barnabé, 14 (p. 10, Hilgenfeld, segundo o *Codex Sinaïticus*).e, no Antigo Testamento, Deuter. XIV, 1 e sobretudo Sabedoria II, 13, 18.1
[31] Luc. XX, 36.
[32] Gen. VI, 2; Jó I, 6; II, 1; XXVIII, 7; Salmo II, 7; LXXXII, 6; VII, 14.
[33] O filho do diabo (Mat., XIII, 38; Atos, XIII, 10); os filhos deste mundo (Marc., III, 17; Luc., XVI, 8; XX, 34); os filhos da luz (Luc., XVI, 8; João, XII, 36); os filhos da ressurreição (Luc., XX, 36); os filhos do reino (Mat., VIII, 12; XIII, 38); os filhos do esposo

(Mat., IX, 15; Marc., II, 19; Luc., V, 34); os filhos da geena (Mat., XXIII, 15); os filhos da paz (Luc., X, 6), etc. Lembremos que o Júpiter do paganismo é *pater andron te theon te*.
[34] Comp. Atos, XVII, 28.
[35] Mat. XVIII, 20; XXVIII, 20.
[36] João X, 30; XVII, 21. Ver, em geral, os últimos discursos relatados pelo quarto Evangelho, principalmente o cap. XVII, que exprimem bem um lado do estado psicológico de Jesus, embora não se possa encará-los Como verdadeiros documentos históricos.
[37] As passagens que confirmam isso são muito numerosas para serem Citadas aqui.
[38] Apenas no quarto Evangelho Jesus emprega a expressão "Filho de Deus" ou "Filho" como sinônimo do eu. Mat., XI, 27 XXVIII, 19; Marc., XIII, 32; Luc., X, 22, a apresentam apenas empregos indiretos. Além disso, Mateus, XI, 27, e Luc., X, 22 representam no sistema sinótico uma tardia intercalação, concordando com o tipo dos discursos joaninos.
[39] Mat. XII, 8; Lucas, VI, 5.
[40] Mat. XI, 27; XXVIII, 18; Luc., X, 22.
[41] João V, 22.
[42] Mat. XVII 18-19 Luc XVII 6
[43] Mat. IX, 8.
[44] Mat., IX, 2 e seg.; Marc II, 5 e seg.; Luc. V, 20; VII, 47-48.
[45] Mat. XII, 4 1-42; XXII, 43 e seg: Marc. XII, 6; João, VIII, 25 e seg.
[46] Ver principalmente João, XIV e seg.
[47] Fílon citado em Eusébio, *Proep. evang.*, VII, 13.
[48] Fílon, *De migr. Itbraham*, § 1; *Quod Deus immut.*, § 6; *De confus. ling.*, § 14 e 28; *De profugis*, § 20; De somniis, I, § 37; *De agric. Noë*, § 12; *Quis rerum divin. haeres*, § 25 e seg.; 48 e seg., etc.
[49] Metátrono quer dizer que participa do trono de Deus; espécie de secretário divino, sendo responsável pelo registro dos méritos e deméritos; *Bereschith rabba*, V, 6 c; Talm. da Bab., *Sanedr.*, 38 b; *Chagiga*, 15 a; Targum de Jonathan, *Gen.*, V, 24.
[50] Essa teoria do *Lógos* não contém elementos gregos. As comparações feitas com o *Honover* dos parses também não têm fundamento. O *Minokhired* ou "inteligência divina" tem bastante analogia com o *Lôgos* judeu (Ver os fragmentos do livro intitulado *Minokhired* em Spiegel, *Parsi-Grammatik*, p. 161-162). Mas o desenvolvimento que a doutrina do *Minokhired* tomou entre os parses é moderno e pode implicar uma influência estrangeira. A "inteligência divina" (*Mainyu-Khratû*) figura nos livros zendes, mas ela não serve de ara teoria; entra somente em algumas invocações. As comparações tentadas entre a teoria dos judeus e dos cristãos sobre o Verbo e certos e certos pontos da teologia egípcia podem ter algum valor, mas não bastam para provar que a referida teoria tenha vindo do Egito.
[51] Atos VIII, 10.

(RENAN, 2004, p. 260-264, grifo nosso)

2) Jean Dupuis (1829-1912)

> Além disso, segundo Dupuis, toda essa alegoria de Pai e Filho é a perfeita reprodução de todas as mitologias antigas, chamadas pagãs, baseadas, aliás, cientificamente, sobre os mapas celestes ou planisférios estrelados, em que **Mitra, Osíris, Baco,** etc. Já eram considerados, pelos diversos povos, como **Filhos de Deus**, sendo Deus alegoricamente representado pelo **Filho,** que era o Sol, como ainda teremos ocasião de repisar. (LETERRE, 2004, p. 100).

3) H. Spencer Lewis (1883-1939)

> Posso acrescentar que nossos próprios registros de tradições antigas e escrituras sagradas **contêm muitas referências a movimentos religiosos da antiguidade, cujo grande líder era considerado "O Filho de Deus**".
>
> A Índia teve um grande número de Avatares ou Mensageiros Divinos, Encarnados por Concepção Divina, tendo dois deles levado o nome de "Chrishna", ou "Chrishna o Salvador". Consta que Chrishna nasceu de uma virgem casta chamada Devaki que, por sua pureza, fora escolhida para se tornar a mãe de Deus. Neste exemplo, encontramos a antiga história de uma virgem dando à luz um mensageiro de Deus divinamente concebido.
>
> Buda foi considerado por todos os seus seguidores como *gerado por Deus* e nascido de uma virgem chamada Maya ou Maria. Nas antigas histórias sobre o nascimento do Buda, tais como são compreendidas por todos os orientais e como são encontradas em seus escritos sagrados muito anteriores à Era Cristã, vemos como o poder Divino, chamado o Espírito Santo, desceu sobre a virgem Maya. Na antiga versão chinesa dessa história, o *Espírito Santo* é chamado

Shing-Shin.

Os siameses tinham igualmente um deus e salvador nascido de uma virgem e que eles chamaram Codom. Nesta velha história, a bela e jovem virgem fora informada com antecedência de que se tornaria mãe de um grande mensageiro de Deus e, um dia, enquanto fazia seu período usual de meditação, concebeu através de raios de sol de natureza Divina. O menino nasceu e cresceu de maneira singular e notável, tornou-se um protegido da sabedoria e fez milagres.

Quando os primeiros europeus visitaram o Cabo Comorim, na extremidade sul da península do Industão, surpreenderam-se ao encontrar os naturais do lugar, que nunca haviam tido contato com as raças brancas, cultuando um Senhor e *Salvador* que fora divinamente concebido e nascera de uma virgem.

E quando os primeiros missionários jesuítas visitaram a China, escreveram em seus relatórios que havia ficado consternados por encontrarem na religião pagã daquela terra a história de um mestre redentor que nascera de uma virgem por concepção divina. Ao que consta, esse deus havia nascido 3468 anos a.C. Lao-Tse, o famoso deus chinês, também nascera de uma virgem, de pele negra, sendo descrita como a bela e maravilhosa como o jaspe.

No Egito, bem antes do advento do cristianismo e muito antes do nascimento dos autores da Bíblia ou de qualquer doutrina concebida como cristã, o povo egípcio já tivera vários mensageiros de Deus nascidos de virgens por Concepção Divina. Hórus, segundo o sabiam todos os antigos egípcios, havia nascido da virgem Ísis, sendo sua Concepção e seu nascimento um dos três grandes mistérios ou doutrinas místicas da religião egípcia. Para eles, **todos os incidentes ligados à Concepção e ao nascimento de Hórus eram pintados, esculpidos, adorados e cultuados como o são os incidentes da Concepção e do nascimento de Jesus pelos cristãos de hoje**. Outro deus egípcio, Ra, nascera de uma virgem. Examinei uma das paredes de um antigo templo na margem do Nilo, onde há um belo quadro esculpido representando **o deus Tot – o mensageiro de Deus – dizendo à jovem Rainha Mautmes quedaria à luz um Divino *Filho de Deus,* que seria o rei e Redentor de seu povo**.

Ao nos voltarmos para a Pérsia descobrimos que Zoroastro foi o primeiro dos redentores do mundo a ser aceito como nascido em plena inocência, pela concepção de uma virgem. Antigos entalhes e pinturas deste grande mensageiro mostram-no cercado por uma aura de luz que inundava o humilde local de seu nascimento. **Ciro, rei da Pérsia, também era tido como nascido de origem divina, e nos registros de seu tempo ele é chamado de *Cristo* ou *Filho ungido de Deus* e considerado mensageiro de Deus**. (LEWIS, 2001, p. 74-76, grifo nosso).

4) Carlos T. Pastorino (1910-1980)

FILHO DE DEUS

Aqui dividem-se os exegetas, afirmando uns (Loisy "Les Evangiles Sinoptiques", t.2, pág. 604; M. Maillet, "Jesus, Fils de Dieu", pág. 52; Strack e Billerbeck, o.c., pág. 1.006, etc.), que a designação "Cristo" e "Filho de Deus" representam uma unidade, com o sentido único de "Messias".

Outros (Buzy, "Evangile selon Saint Marc", pág. 358; Durand, "Evangile selon Saint Matthieu", pág., 444; Prat, "Jesus-Christ, sa vie, sa doctrine, son oeuvre", t. 2, pág. 349, etc.) acham que a pergunta é dupla:

1.ª se é o Cristo (Messias);

2.ª se é o Filho de Deus no sentido metafísico e teológico, ou seja, se é a "segunda pessoa da santíssima Trindade".

Estes últimos não observaram o anacronismo dessa interpretação, pois a teoria da Trindade só se foi plasmando lentamente, chegando ao ponto atual séculos mais tarde. Mas aqui só nos interessa estudar o sentido, na época, da expressão "Filho de Deus" e seu desenvolvimento nas primeiras décadas, a fim de provar que Caifás jamais pôde entender sua pergunta nesse segundo sentido.

O mosaísmo era estritamente monoteísta, não admitindo qualquer sombra de multiplicidade de "aspectos" na Divindade. Portanto é historicamente inadmissível que o Sumo-Sacerdote colocasse essa questão em termos teológicos, perguntando a um homem se era "Filho de Deus" *sensu stricto*.

O judaísmo aceitava essa expressão alegoricamente, isto é, era

possível a qualquer um ser "Filho de Deus" por ADOÇÃO, inclusive quando a aplicavam ao Messias esperado, pois se baseavam no Salmo (2:7) que cantava: "Tu és meu filho, eu hoje te gerei". E qualquer judeu, sem nenhum perigo de blasfêmia, podia declarar-se "Filho de Deus" em sentido amplo, como empregou Pedro (Mat. 16:16) para afirmar que Jesus era "o Cristo, o Filho do Deus vivo" (cfr. vol. 4).

A partir daí temos, pois, três sentidos que se foram superpondo no decurso dos séculos:

a) FILHO DE DEUS em sentido metafórico ou alegórico, segundo o pensamento judaico: filho POR ADOÇÃO;

b) FILHO DE DEUS no sentido físico ou material (carnal), por influência do paganismo: um Deus fecundava uma mulher, produzindo um filho;

c) FILHO DE DEUS no sentido metafísico ou teológico: consubstancial com a Divindade.

I - FILHO POR ADOÇÃO

Nos "Atos dos Apóstolos" encontramos Jesus apresentado como "um homem de quem Deus deu testemunho e através do qual fez prodígios e sinais" (At. 2:22). Em Atenas, Paulo diz que Jesus é "o homem pelo qual Deus decidiu discriminar a humanidade" (At. 17:31). Era, pois, o Filho de Deus no sentido metafórico: "Sirvo a Deus, pregando seu Filho" (Rom. 1:9); "Deus vos chamou à sociedade de seu filho Jesus, o Cristo" (1.ª Cor. 1:9): "o Cristo Jesus, Filho de Deus, que vos pregamos" (2.ª Cor. 1:19), etc.; tudo isso decorre do Salmo citado "Tu és meu filho, eu hoje te gerei", composto em homenagem de um príncipe macabeu (João Hircan?) mas atribuído a Jesus desde os primórdios por Seus discípulos (cfr. At. 13:33 e Hebr. 1:5 e 5:5). Para os primeiros cristãos, esse Salmo foi a patente da realeza de Jesus como filho de David.

Mas essa filiação divina é encontrável em outros passos do Antigo Testamento, tendo sido sempre interpretada como filiação ADOTIVA, não sendo considerado blasfêmia dizer-se, nesse sentido, Filho de Deus, como não o era afirmar-se o "Messias".

No Êxodo (4:22-23) lemos "Assim diz YHWH: Israel é meu filho primogênito... deixa ir meu filho". No Deuteronômio (14:1), falando a todo o povo, está: "Sois filhos de YHWH vosso Deus". Isaías (63:16) escreveu: "Pois tu és nosso Pai ... agora, YHWH, és nosso Pai". Em Jeremias (31:9) YHWH assevera: "Tornei-me Pai de Israel". No livro da Sabedoria, de Salomão, o autor descreve vividamente, no capítulo 2, o comportamento das criaturas do Anti-Sistema, que infalivelmente investem contra as do Sistema (então como agora), dizendo entre outras coisas: "Cerquemos o justo porque é inútil para nós e contrário às nossas obras ... ele diz ter conhecimento de Deus e se diz Filho de Deus" (2:12-13). E, logo a seguir: "Ele julga-nos de pouca valia e se afasta de nosso modo de viver como de coisas imundas e prefere as sendas dos bons, glorificando-se de ter Deus como Pai. Vejamos, pois, se são verdadeiras suas palavras e verifiquemos qual será seu fim, e saberemos o resultado: se, com efeito, é verdadeiro Filho de Deus, Ele o receberá e o livrará das mãos dos adversários" (Sab. 2:16-18). Também no Eclesiástico (4:11) lemos as palavras do mestre ao discípulo: "E tu serás obediente como um Filho do Altíssimo" e mais à frente (36:14): "Apiada-se de Israel, que igualaste a teu filho primogênito".

YHWH, pois, o Deus dos judeus, era Pai de todos os israelitas e, por extensão, de todos os homens, no pensamento de Paulo (cfr. Rom. 1:7; 1.ª Cor. 1:3; 2.ª Cor. 1:2; Ef. 1:2; Filp. 1:2; Col. 1:3; 2.ª Tes. 1:2; Gál. 1:3; 1.ª Tim. 1:2; Tito, 1:4, etc.)

Ainda em meados do 2.º século Justino escreve a Tryphon, o judeu (Diál. 48, 2; Patrol. Gr. vol. 6, col. 581; cfr. Lagrange, "Le Messianisme", pág. 218): "Entre vós reconhecem que Jesus é o Cristo (Messias), mesmo afirmando que ele é homem nascido de homens (*ánthrôpon ex anthrôpôn genómenon*)".

II - FILHO CARNAL DE DEUS

Até o final do 1.º século, a maioria dos cristãos provinha do judaísmo, mas a partir daí inverte-se a situação, e o número dos de origem .pagã. supera de muito o dos do judaísmo.

Ora, na mitologia do paganismo era comum encontrarem-se deuses que possuíam sexualmente mulheres mortais (geralmente virgens), dando origem a filhos: os semi-deuses, os heróis, os grandes vultos. Facílimo foi adaptar essa

concepção divina a Maria, supostamente possuída por um deus, para dar nascimento a um semi-deus, fato que Lucas (proveniente do paganismo e não do judaísmo) aceitou com facilidade, sendo reproduzida a cena com o seguinte diálogo (Luc. 1:34-35): "Como será, pois não conheço homem? - Um Espírito Santo virá sobre ti e o Poder do Altíssimo te cobrirá, POR ISSO o menino que nascerá de ti será chamado Filho de Deus".

Então Jesus passou a ser considerado fisicamente Filho de Deus, que nessa situação recebeu o nome de "Espírito-Santo".

Como se teria processado a concepção, a penetração do sêmen no útero de Maria? Na cena do mergulho ("Batismo") o Espírito Santo é apresentado numa forma semelhante a uma pomba, que afirma ser Jesus seu Filho. Teria sido essa forma apresentada também para a concepção de Jesus no ventre de Maria, à imitação da forma de cisne, assumida por júpiter para fecundar Leda?

O mesmo Justino diz a Tryphon (1.ª Apol. 33, 4) que a concepção se deu sem que Maria perdesse a virgindade (*kyophorêsai parthênon oúsan pepoiêkê*).

Mas o judeu Tryphon objeta: "Nas fábulas gregas diz-se que Danae, ainda virgem, deu à luz Perseu, porque Júpiter a possuíra sob a forma de uma chuva de ouro. Devias envergonhar-te de narrar a mesma coisa. Seria melhor dizeres que teu Jesus era um homem como os outros e demonstrar, pelas Escrituras, se puderes, que ele é o Cristo, porque sua conduta conforme a lei e perfeita lhe mereceu essa dignidade" (Diál. 67,2).

A isso Justino responde (Apol. 54, 2) com argumento fraco e infantil: "Sabendo os demônios, pelos profetas, que o Cristo devia vir, apresentaram muitos pretensos filhos de Júpiter, pensando que conseguiriam fazer passar a história de Cristo como uma fábula semelhante à invenção dos poetas".

Então, para os pagãos que chegavam ao cristianismo, era fácil aceitar que, como Júpiter o fazia, também o Deus dos judeus podia ter relações sexuais com Maria para gerar Jesus. (Notemos que a raiz de Júpiter - IAO pater - é a mesma de IAU-hé).

Logicamente a interpretação pagã de filho carnal de Deus era superior à ideia de simples filho adotivo, defendida pelos judeus.

III - FILHO CONSUBSTANCIAL DE DEUS

O terceiro passo, que eleva Jesus a filho consubstancial de Deus é iniciado ainda pelo próprio Justino, figura que teve larga repercussão no segundo século da era cristã. Nasceu ele na cidade de Flávia Neápolis, a antiga e famosa cidade de Siquém, no ano 100, e aos trinta anos ingressou no cristianismo. Em suas obras (o "Diálogo" e as duas "Apologias", a 1.ª, ou grande e a 2.ª ou pequena) assistimos a toda a elaboração da doutrina teológica que predominaria mais tarde na igreja cristã romana.

Para Justino, depois de certo tempo, Jesus passa a ser Filho de Deus no sentido metafísico, ainda não eterno, como o Pai, pois foi gerado em determinado momento da eternidade, quando então recebe, legitimamente, o título de "Filho" (2.ª Apol. 6,3): "Seu Filho, o único que deve ser chamado Filho; (*homónos legómenos kyrios hyiós*), o Verbo que estava com Deus antes das criaturas (*ho lógos prò tôn poiematôn kaì synón*), que foi gerado quando, no início, fez e elaborou todas as coisas por meio dele (*kaì gennômenos hóte tên archên di'autoú pánta éktise*)".

Teófilo ("Ad Aulólicum", 2, 22 e 2, 10) tenta explicar como e quando foi o Verbo gerado, e diz que a voz ouvida por Adão só pode ter sido o Verbo de Deus, que também é Filho, e "existe de toda eternidade, envolvido (*endiathêton*) no seio de Deus. Quando Deus quis criar o mundo, gerou o Verbo proferindo-o (*tòn lógon êgénnêse prophorikón*) e fazendo dele o primogênito de toda a criação".

Mas tudo isso ocorria um século depois do interrogatório de Caifás, que jamais poderia compreender nem admitir o atributo de Filho de Deus, a não ser por adoção, como todo o povo israelita.

Concluindo, vemos que a pergunta do Sumo-Sacerdote NÃO PODE ser interpretada como filiação nem física nem metafísica do Inefável, mas apenas como filiação ADOTIVA, como aposto gramatical de MESSIAS. (PASTORINO, 1971, p. 91-94, grifo nosso).

5) Geza Vermes (1924-)

A metáfora de Deus "gerando" humanos

[…]

É de conhecimento geral que, antes do Novo Testamento, a Bíblia hebraica e os Manuscritos do Mar Morto falavam regularmente de "Filhos de Deus" e por vezes se referiam a Deus em linguagem figurativa como "gerando" ou "procriando" um ser humano. Na Bíblia e em escritos produzidos durante os séculos seguintes à conclusão do Antigo Testamento, "Filho de Deus" ocorre em uma variedade de sentidos. Além dos anjos já mencionados, e**ntre os humanos "Filho de Deus" era o título de qualquer pessoa considerada, de alguma forma, ligada a Deus**. **Qualquer israelita varão podia orgulhar-se de ser um "filho de Deus"**, e, reciprocamente, estava em posição de chamar Deus de seu Pai. Com o tempo, a expressão foi aplicada – de modo cada vez mais restrito – aos bons judeus, aos judeus especialmente santos, culminando como o rei dos judeus e por fim com o Messias, o mais sagrado e poderoso futuro soberano de Israel, sobre quem lemos no *Florilegium*, um dos Manuscritos do Mar Morto: "Eu serei seu Pai e ele será meu Filho. Ele é o Rebento de Davi" (Ver *Jesus the Jew*, de minha autoria, pp. 168-73)

[…]

Entre os especialistas, é universal a concordância de que no judaísmo a frase é sempre usada como metáfora; jamais designa uma pessoa que, segundo a crença, é simultaneamente homem e Deus, um ser humano que de alguma forma também compartilha a natureza divina. A esse respeito, sob o ponto d vista do monoteísmo, os habitantes judeus da Terra Santa se encontravam em uma posição privilegiada em comparação com os judeus e gentios que viviam fora da Palestina, em terras impregnadas pela cultura religiosa greco-romana, cheia de lendas sobre nascimentos miraculosos e divinamente ensejados de heróis e grandes líderes, do passado e do presente. (VERMES, 2007, p. 61-62, grifo nosso).

6) Hans Küng (1928-)

Tendo em conta a profissão de fé apostólica, tenho que tratar a problemática da cruz e da ressurreição isoladamente, e debruçar-me mais aprofundadamente sobre o conceito judeu da história de Jesus. Contudo, neste capítulo pretendemos apenas explicar o título de "filho de Deus". Segundo a exegese actual relativa ao Novo Testamento. Jesus nunca se intitulou Deus, pelo contrário: "Porque me chamas bom! Só Deus é bom, e mais ninguém". (Mc 10,18. Somente **depois de sua morte**, quando, mediante determinadas experiências pascoais, visões e audições, se passou a acreditar que ele não tinha permanecido a sofrer e morto, mas sim que tinha sido acolhido por Deus na vida eterna, e que por Deus tinha "subido até" Deus, é o que **a comunidade de crentes passou a utilizar o título de "filho" ou de "filho de Deus" para Jesus**.

Porquê? Isto (e aqui fecha-se o círculo, e regressamos ao nosso ponto de partida nos Evangelhos) era aceitável, do ponto de vista de alguns judeus, naquele tempo.

- Em primeiro lugar, lembravam-se com quanta experiência divina interior, união e proximidade de Deus o Nazareno viveu, proclamou e agiu, como ensinou a ver Deus como pai de todos os Homens ("Pai nosso"), chamando-o ele próprio de pai ("*Abba*, querido pai"). Desta forma, existia para os judeus seguidores de Jesus uma razão objectiva e uma lógica interior para o facto de Jesus chamar Deus de "**pai**", sendo Jesus expressamente chamado de "**filho**" pelos seus seguidores. O Messias esperado que veio era chamado filho de Deus de uma forma singular, ao contrário do que havia acontecido no passado com o rei de Israel, que deixara de existir desde há muito.

- Em segundo lugar, começaram a ser entoadas canções dos Salmos, entendidas de forma messiânica, em honra daquele que ressuscitou da morte, em especial os Salmos relativos à subida ao trono. A subida até Deus era facilmente concebida pelos judeus por analogia à subida ao trono do rei israelita. Este último – porventura com base em ideologias reais orientais – no momento em que sobe ao trono passa a ser "filho de Deus". O mesmo sucede com o crucificado mediante a sua ressurreição e subida ao céu.

Supõe-se que, em especial, o Salmo 110, no qual o Rei David celebrava o seu

futuro "filho", que era simultaneamente o seu "Senhor", era frequentemente cantado e citado: "O Senhor disse ao meu Senhor: Senta-te à minha direita!" (versículo 1). Este versículo fornece aos seguidores judaicos de Jesus a resposta à pergunta fulcral sobre o local e a função do ressuscitado (Martins Hengel20): Onde se encontra o ressuscitado, neste momento? Poder-se-ia responder: esta junto ao pai, "à direita do pai": não numa comunidade de seres, mas sim numa "comunidade de trono" com o pai, passando o reino de Deus e o reino do Messias a serem, efectivamente, a mesma coisa: "A atribuição ao Messias crucificado do título de "filho" que está junto ao pai "ao ressuscitar dos mortos" faz parte da mensagem mais antiga comum aos mensageiros do Messias, através da qual convidavam o seu próprio povo à conversão e à crença no "Messias de Israel", crucificado e ressuscitado por Deus e sentado à sua direita"21.

E de facto, no Salmo 2,7 – um ritual da subida ao trono – o Messias-Rei é expressamente chamado de "filho": "Tu és meu filho; desde hoje sou teu pai". Note-se: "sou teu pai", neste caso, é sinónimo de subida ao trono. Nem a bíblia hebraica, nem o Novo Testamento apresentam vestígios de uma geração psíquico-física como no caso do deus-rei egípcio ou dos filhos de deuses helénicos, nem tão pouco de uma geração meta-física no sentido posterior da doutrina da trindade helénico-ontológica!

Por este motivo, uma das últimas profissões de fé (antes de Paulo) reza o seguinte na introdução: Jesus foi "constituído Filho de Deus ao ressuscitar dos mortos" (Rm 1,4). Por isso, nos Actos dos Apóstolos este Salmo 2 da Subida ao Trono pode ser aproveitado e aplicado a Jesus: "Ele (Deus) disse-me (segundo Sl 2,7 ao rei, ao consagrado, segundo Act 13,33 a Jesus): "Tu és meu filho; desde hoje sou teu pai". E por que razão isto tudo pode acontecer? Porque aqui no Novo Testamento ainda domina o pensamento judaico: "gerado" como rei, "gerado" como consagrado (= Messias, Cristo) significa nada mais, nada menos do que constituído como representante e filho. E o "hoje" (no Salmo o dia da subida ao trono) nos Actos dos Apóstolos não corresponde ao Natal, mas sim à Pascoa. Não se refere à festa da vinda ao mundo, do fazer-se Homem, da "encarnação", mas sim ao dia da ressurreição, da subida de Jesus até Deus, na Páscoa, na festa principal da cristandade.

Qual é o significado originalmente judeu e atribuído pelo Novo Testamento ao Filho de Deus? Apesar do modo como este assunto foi definido, mais tarde, pelos concílios helénicos com conceitos helénicos, o Novo Testamento refere-se, sem dúvida, não a uma mera ascendência, mas sim **à colocação numa posição de direito e de poder no sentido hebraico do Antigo Testamento**. Não se trata de uma filiação física, como nos mitos helénicos ou como é frequentemente aceito até hoje pelos judeus e muçulmanos. Trata-se, pelo contrário, de uma **escolha e autorização plena** de Jesus por Deus, no sentido da Bíblia hebraica, segundo a qual o povo de Israel também pode ser chamado "Filho de Deus" de forma colectiva. A crença judaica num só Deus não apresentava objecções fundamentais contra a ideia de filho de Deus; se assim não fosse a comunidade judaica não teria apoiado essa ideia. Ainda hoje o monoteísmo judaico ou islâmico têm poucas objecções a fazer.

Porém, alguns dos nossos contemporâneos não parecem estar convencidos: "A ideia de Deus se fazer Homem não é certamente judaica, para não dizer que é absurda?".

---

20. **M. Hengel** produziu a primeira abordagem convincente da função-chave cristológica do seguinte versículo do salmo: "Senta-te à minha direita!". O lugar de Cristo no trono, à direita de Deus e o Sl 110,1 em: M. Philonenko (Editor), Le trône de Dieu (Tübingen 1993).
21. idem.

(KÜNG, 1997.p. 71-74, grifo do original).

7) José Pinheiro de Souza (1938-)

Os mitos da filiação divina e da divinização de Jesus, bem como o de seu nascimento miraculoso, foram copiados dos mitos de filiações divinas e de divinizações de outros personagens marcantes da História (como reis, heróis, líderes religiosos etc.). Como já vimos, há coincidências interessantes entre o Jesus que os cristãos apresentam e os personagens e deuses anteriores, como Hórus, do Egito; Mitra, da Pérsia; e Krishna, da Índia.

Repetindo as palavras de Juan Arias, "**todos** nascem de uma virgem. Hórus e Mitra também nascem em 25 de dezembro. Todos fizeram milagres, todos tiveram 12 discípulos que corresponderiam aos 12 signos do zodíaco, todos ressuscitaram e subiram aos céus depois de morrer. Hórus e Mitra foram chamados Messias, Redentores e **Filhos de Deus**. Krishna foi considerado a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade e foi perseguido por um tirano que matou milhares de crianças inocentes. Além disso, Krishna também se transfigurou, como Jesus, diante de seus três discípulos preferidos, foi crucificado e subiu aos céus. Exatamente como o profeta de Nazaré. Os mitólogos se perguntam: 'Precisamos de mais coincidência?'" (ARIAS, p. 111-112) (SOUZA, 2007, p. 51, grifo nosso).

O MITO DE JESUS COMO "FILHO DE DEUS" NO SENTIDO NATURAL

[...]

Por conseguinte, é somente por linguagem *analógica (metafórica, mitológica)* que dizemos que "Deus é nosso Pai", ou que "Deus é um ser pessoal" etc. Mas Deus não é *literalmente* "nosso Pai", ou *literalmente* "uma pessoa", mesmo admitindo que ele possua, em altíssimo grau, atributos paternos e pessoais. E se Deus não é *literalmente* "nosso Pai", ninguém pode ser *literalmente* "filho de Deus". A palavra "filho" é muito usada em *sentido figurado,* particularmente na cultura judaica:

> Na linguagem judaica, usa-se amiúde o termo "filho" para designar alguma semelhança. Por exemplo: "filho de touro" significa um homem forte; [...] "filho da gordura" significa "filho gordo". Analogamente, **a expressão "Filho de Deus" significa um homem intimamente unido a Deus ou um pregador de Deus. É neste sentido que se atribui a Cristo o título de "Filho de Deus", um título que o rei Davi também o tinha** (GRIESE, 1957, p. 28, nota 2) (negrito meu). [do autor].

Logo, Jesus não pode ter cometido a blasfêmia de ter declarado ser "Filho de Deus" - no sentido *literal, natural* - como dogmatizaram os cristãos, no Concílio de Niceia (ano 325), fundamentados na mitologia de muitos povos antigos, principalmente na mitologia greco-romana, em que as encarnações e filiações divinas (no sentido natural/biológico) eram vistas como fenômenos normais.

No sentido analógico/metafórico/honorífico, portanto, ninguém comete blasfêmia ao chamar Jesus de "Filho de Deus". Aliás, nesse sentido, todos nós somos "filhos de Deus", uns apenas mais adiantados que outros na carreira evolutiva, por serem mais antigos, ou por já terem trabalhado mais no caminho da perfeição.

Jesus nunca declarou ser uma pessoa divina (no sentido literal da palavra). As passagens evangélicas que lhe atribuem tal declaração (por ex., Mt 26,63-64; Mc 14,62; Jo 10,30;14,9-10) foram criações dos evangelistas para enaltecer a sua pessoa e para dar credibilidade exclusiva ao cristianismo mítico dos cristãos.

Conforme elucidado, **ser "filho de Deus", na cultura hebraica, não significava ser Deus, mas era um título honorífico aplicado geralmente aos reis por ocasião de suas coroações**. Os judeus, sendo estritamente monoteístas, rejeitavam qualquer crença que tivesse sabor de politeísmo. Por isso, não podiam admitir que alguém pudesse ser "filho de Deus", no sentido natural/físico/biológico e, muito menos ainda, acreditar que Deus pudesse encarnar-se em forma humana. Já na cultura greco-romana, e em muitas outras culturas antigas, era muito comum a ideia mitológica de alguém importante ser considerado "filho de Deus", no sentido natural (físico, biológico), através da concepção miraculosa entre uma divindade e uma mulher da Terra, ou entre uma deusa e um homem da Terra, como era igualmente comum a ideia de uma divindade encarnar-se (ou reencarnar-se) em forma humana (o chamado MITO DO DEUS ENCARNADO).

Assim, por exemplo, os chamados *heróis* na mitologia grega eram tidos como "filhos de um deus e de uma mortal" (COMMELIN, Op. Cit., p. 215); Teseu, o décimo rei de Atenas, também é chamado, às vezes, de "filho de Netuno", a grande divindade dos trezenienses (Ibid.); Júpiter, o pai, o rei dos deuses e dos homens, também engravidou um grande número de mulheres da Terra, e delas nasceram muitos filhos, que foram todos colocados entre os deuses e semideuses (Ibid., p. 21-22); "a deusa Vênus ('Afrodite', em grego) gerou Eneias e um grande número de mortais" (Ibid., p. 60-61); o próprio Platão, nascido em Atenas em 429 a.C., era considerado um divino Filho de Deus, nascido de uma virgem pura chamada Perictione, segundo acreditava o povo em

geral (Cf. LEWIS, 1997, p. 78); o taumaturgo Apolônio de Tiana, contemporâneo dos primeiros cristãos, também nascera de uma mãe virgem, tendo sido concebido miraculosamente pela mãe terrena e um deus egípcio de nome Proteu (Cf. RIFFARD, Op. Cit., p. 405); **na mitologia egípcia, o rei, chamado faraó, era considerado um *deus* vivente e dava-se-lhe o título de "Filho de Deus"**; na mitologia da Pérsia, Zoroastro foi o primeiro dos redentores do mundo a ser aceito como nascido pela concepção entre um deus e uma virgem (Cf. LEWIS, Ibid., p. 76); Ciro, rei da Pérsia, também era tido como nascido de origem divina e era chamado de "Cristo" ou "Filho ungido de Deus" (Ibid.).

Analogamente, o MITO DO DEUS ENCARNADO, isto é, a crença segundo a qual uma divindade se encarna numa pessoa humana, era (e continua sendo) muito comum. Assim, por exemplo, no hinduísmo, Krishna é considerado a oitava encarnação do deus hindu Vishnu; para os hinduístas, Buda é considerado a nona encarnação da mesma divindade (Vishnu); "O Dalai Lama do Tibete é considerado um avatar [= encarnação divina] de Avalokitezvara" (BLAVATSKY, 2000, p. 65); "A Sociedade Teosófica anunciou, como encarnação divina da época, em suas próprias fileiras a Krishnamurti" (ARMOND, 1999, p. 137); ainda hoje, em vários países, monarcas são considerados a reencarnação de um deus. Como também já foi dito, o guru indiano Sathya Sai Baba é considerado uma encarnação da divindade (Cf. HISLOP, 2003).

Diante de todos esses exemplos de supostas filiações e encarnações divinas na História de muitos povos, fica muito difícil aceitar a crença mítica e exclusivista da maioria dos cristãos, segundo a qual Jesus seria o único Filho de Deus e a única encarnação de Deus na História. (SOUZA, 2007, p. 112-114, grifo nosso).

8) Elaine Pagels (1943-)

Embora Marcos e outros evangelistas usem títulos que os cristãos de hoje costumam compreender como indicadores da divindade de Jesus, tais como "filho de Deus" e "Messias", na época de Marcos **esses títulos designavam papéis *humanos***. (20).

_____

20. Para discussão dos títulos "filho de Deus" e "Messias", ver a influente obra de Bart Ehrman, *The New Testament: A Historical Introdução to the Early Christian Writings* (Oxford e Nova York, 2000), 60-84. Para uma excelente discussão de várias cristologias, ver Pheme Perkins, "New Testament Christologies in Gnostic Transformation", em *The Future of Early Cristianity: Essays in Honor of Helmut Koester*, Birger ª Pearson, ed. (Minneapolis, 1991), 422-441.

(PAGELS, 2004, p. 46, grifo nosso).

9) Bart D. Ehrman (1955-)

[…] Naquele dia, chamei atenção em sala – como fiz várias vezes nos capítulos anteriores – para o fato de o Evangelho de João ser o único no qual Jesus é explicitamente identificado como divino. Na verdade, ele é chamado de Filho de Deus em todos os Evangelhos. Mas, **para os antigos judeus, ser "Filho de Deus" não fazia de alguém um deus; fazia da pessoa um ser humano com uma relação íntima com Deus, alguém por intermédio de quem Deus faz a sua vontade na Terra**. O Evangelho de João vai além disso. Em João, Jesus é o Verbo de Deus preexistente, por intermédio de quem o universo foi criado, que se tornou humano (1:1-14); ele é igual a Deus (10:30); ele pode tomar a si o nome de Deus (8:58). Ele mesmo é Deus (1:1; 20,28). O Evangelho de João é o único com essa visão exaltada de Cristo. (EHRMAN, 2010, p. 156, grifo nosso).

Para os antigos judeus, ser o "Filho de Deus" não significava ser divino (ver capítulo 3). No Antigo Testamento, "Filho de Deus" pode se referir a vários indivíduos diferentes. **O rei muito humano de Israel era chamado de Filho de Deus (2 Samuel 7:14), e a nação de Israel era vista como o Filho de Deus (Os 11:1)**. **Ser o Filho de Deus costumava significar uma relação especial com Deus, como aquele que Deus escolhera para fazer sua vontade**. Em Marcos, Jesus é o Filho de Deus porque é aquele que Deus escolheu como o Messias, que deve morrer na cruz para fazer a expiação como um sacrifício humano. Mas não há uma única palavra nesse Evangelho sobre

Jesus ser realmente Deus.

Enquanto os primeiros cristãos pareciam achar que Jesus se tornou Filho de Deus na sua ressurreição (e também o Messias e o Senhor), como apresentado nos discursos de Atos, outros passaram a achar que ele já era Filho de Deus no momento do batismo.

A evolução dessa ideia não termina aqui, porém. Alguns anos após o Evangelho de Marcos ser escrito, apareceu o Evangelho de Lucas; nele, Jesus não é meramente o Filho de Deus na ressurreição ou começando pelo batismo; ele foi o Filho de Deus a vida inteira. E assim, em Lucas, diferentemente de Marcos, nós temos o relato de Jesus nascendo de uma virgem. Como vimos em um capítulo anterior, Lucas entende que é no momento de sua concepção que Jesus se torna Filho de Deus – literalmente, Deus fecunda Maria por intermédio de seu Espírito. Maria fica sabendo disso pelo anjo Gabriel na Anunciação:

> *O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra, por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus.* (Lucas 1;35)

O "por isso" é muito importante nessa frase (a pessoa sempre deve se perguntar por que o "por isso" está ali). É porque Maria concebe por intermédio do Espírito Santo de Deus que Jesus pode ser chamado de Filho de Deus. Para Lucas, esse é o momento em que Cristo passa a existir. Ele é Filho de Deus porque Deus é literalmente seu Pai. Consequentemente, ele é o Filho de Deus não depois da ressurreição ou a partir do seu ministério público, mas por toda a vida.

O último dos nossos Evangelhos a ser escrito, o de João, recua ainda mais a paternidade divina de Jesus, até o passado eterno. João é o único dos nossos Evangelhos a realmente falar de Jesus como ser divino. Para João, Cristo não é o Filho de Deus porque Ele o ressuscitou dos mortos, adotou-o no batismo ou fecundou sua mãe: ele é o Filho de Deus porque ele existiu com Deus no momento inicial, antes da criação do mundo, como o Verbo de Deus, antes de vir a este mundo como um ser humano (se tornar "encarnado").

E, assim, temos as palavras exaltadas da abertura do Evangelho de João (João 1:1-14):

> *No princípio era o Verbo e o verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio ele estava com Deus. Tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito. (…) E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como filho único, cheio de graça e de verdade.*

Essa é a visão que passou a ser a doutrina-padrão cristã, a de que Cristo era o Verbo de Deus preexistente que se tornou carne. Ele ao mesmo tempo estava com Deus no princípio e era Deus, e foi por intermédio dele que o universo foi criado. Mas essa não era a visão original dos seguidores de Jesus. A ideia de que Jesus era divino foi uma invenção cristã posterior, encontrada, entre nossos Evangelhos, apenas em João. ((EHRMAN, 2010, p. 266-268, grifo nosso).

10) Timothy Freke (1959-) e Peter Gandy (? -)

FILHO DE DEUS

Apesar da reivindicação do cristianismo de que Jesus é o "único Filho de Deus gerado" (6), **Osíris-Dionísio, em todas as suas formas, é também aclamado como o Filho de Deus. Jesus é o Filho de Deus, contudo igual ao Pa**i. Dionísio é o "Filho de Zeus, Deus de sua plena natureza, muito terrível, embora muito bondoso para a humanidade" (7). Jesus é "Deus verdadeiro de Deus Verdadeiro" (8). Dionísio é "Senhor Deus de Deus nascido!" (9).

Jesus é Deus em forma humana. São João escreve acerca de Jesus como sendo "a Palavra tornada carne" (10). São Paulo explica que "Deus enviou o seu próprio Filho em carne semelhante à do pecado" (11). Dionísio era também conhecido como Baco, daí o título da peça de Eurípides *As Bacantes*, na qual Dionísio é a personagem principal. Nesta peça, Dionísio explica que ocultou a sua "Divindade em forma humana" a fim de a tornar "manifesta aos homens mortais" (12). Diz aos seus discípulos: "Foi por isso que eu mudei a minha forma imortal e assumi a semelhança do homem" (13).

Como Jesus, em muitos dos seus mitos o deus-homem pagão nasce de uma mãe virgem mortal. Na Ásia Menor, a mãe de Átis é a virgem Cibele (14). Na Síria, a mãe virgem de Adónis chama-se Mirra. Na Alexandria, Aion nasce da

virgem Kore (15). Na Grécia, Dionísio nasce de uma virgem mortal Sémele que deseja ver Zeus em toda a sua glória e é misteriosamente impregnada por um dos seus raios (16).

Foi a tradição popular, registrada no texto não canônico do cristianismo primitivo mais citado, que Jesus passou apenas sete meses no ventre de Maria (17). O historiador pagão Diodoro relata que também se diz que a mãe de Dionísio, Sémele, teve uma gravidez de apenas sete meses (18).

Justino Mártir reconhece as semelhanças entre o nascimento de Jesus de uma virgem e a mitologia pagã, escrevendo:

> "Ao dizer que a palavra nasceu para nós sem união sexual como Jesus Cristo o nosso mestre, não introduzimos nada para além daquilo que é dito daqueles chamados os Filhos de Zeus" (19).

Em lado algum estava o mito do "Filho de Deus" mais desenvolvido do que no Egipto, antiga terral natal dos Mistérios. Até o cristão Lactantius reconhecia que o lendário sábio egípcio, Hermes Trismegisto, tinha "chegado de certa forma à verdade, pois de Deus Pai ele tinha dito tudo, assim com do Filho" (20). No Egipto, o faraó tinha sido durante anos considerado como a encarnação do deus-homem Osíris e louvado em hinos como o Filho de Deus (21). Como um eminente egiptólogo escreve:

> "Cada faraó tinha de ser o Filho de Deus e de uma mãe humana, a fim de poder ser o Deus Encarnado, o Dador da Fertilidade ao seu país e povo". (22).

Em muitas lendas, os grandes profetas de Osíris-Dionísio são também retratados como salvadores e filhos de Deus. Dizia-se que Pitágoras era o filho de Apolo e de uma mulher mortal chamada Parténia, cujo nome deriva da palavra *parthenos*, significando "virgem" (23). Platão também foi postumamente considerado como sendo o filho de Apolo (24). Filostrato relata na sua biografia de Apolónio que o grande sábio pagão era considerado como sendo o "Filho de Zeus". Empédocles era considerado um deus-homem e salvador que tinha descido a este mundo para ajudar as almas confusas, tornnando-se "como um louco, chamando as pessoas aos gritos e incitando-as a rejeitar este reino e tudo nele e a voltar a seu mundo original, sublime e nobre" (25).

Os temas míticos dos Mistérios até ficaram associados aos imperadores romanos que, por razões políticas, cultivaram lendas acerca da sua natureza divina que os relacionariam com Osíris-Dionísio. Júlio César, que não acreditava na imortalidade pessoal (26), foi saudado como "Deus tornado manifesto, o salvador comum da vida humana" (27). O seu sucessor, Augusto, foi igualmente o "salvador da raça humana universal" (28). E até o tirano Nero é designado num altar "Deus o libertador para sempre" (29).

Em 40 AEC, baseando-se nos mitos dos Mistérios, o poeta e iniciado romano Virgílio escreveu uma "profecia" mística de que uma virgem daria à luz uma criança divina (30). No século quarto EC, os cristãos literalistas afirmariam que esta vaticinava a vinda de Jesus, mas naquele tempo este mito foi interpretado como referindo-se a Augusto, dito o "Filho de Apolo", predestinado a reinar sobre a Terra e a trazer paz e prosperidade (31). Na sua biografia de Augusto, Suetónio oferece um conjunto de "sinais" que indicavam a natureza divina do imperador. Uma autoridade moderna escreve:

> "Eles incluem alguns impressionantes pontos de semelhança com as narrativas do evangelho do nascimento de Cristo. O senado é suposto, o que é ridiculamente implausível, ter decretado uma interdição de criar bebés romanos do sexo masculino no ano do nascimento de Augusto por um presságio ter indicado que um rei de Roma tinha nascido. Além deste massacre dos inocentes, é-nos oferecida uma Anunciação: a sua mãe Átia sonhou durante uma visita ao templo de Apolo que o deus tinha feito recair os seus favores sobre ela na forma de uma cobra; Augusto nasceu nove meses depois" (32)

Uma inscrição escrita por volta da altura em que Jesus é suposto ter vivido diz:

> "Este dia deu à Terra um aspecto totalmente novo. O mundo estaria destinado à destruição se daquele que agora nasceu não tivesse irrompido uma bênção comum. Está certo aquele que reconhece neste dia de nascimento o começo da vida; terminou agora esse tempo em que os homens lamentavam terem nascido. De nenhum outro dia o indivíduo ou a comunidade recebem tal benefício como deste dia natal, cheio de bênçãos para todos. A Providência que reina sobre tudo cumulou

> este homem de tais dons para a salvação do mundo que o designam como o salvador para nós e para as gerações vindouras; às guerras ele porá termo e estabelecerá todas as coisas dignamente. Com o seu aparecimento, as esperanças dos nossos antepassados são realizadas; ele não só excedeu as boas ações de tempos passados, como é impossível que alguém maior alguma vez poderá aparecer. O dia do nascimento de Deus trouxe ao mundo boas novas que estão incorporadas nele. Com o seu dia de nascimento começa uma nova era". (33)

Mas esta não é uma comemoração cristã do nascimento de Jesus. Nem sequer é um louvor ao deus-homem dos Mistérios. É em honra de Augusto. Estes temas míticos eram claramente tão comuns no primeiro século AEC que eram usados para fabricar lendas politicamente úteis a um imperador vivo.

Celso cataloga as figuras a quem a lenda atribui igualmente um parentesco divino e um nascimento milagroso, e acusa o cristianismo de claramente usar mitos pagãos "para fabricar a história do nascimento de Jesus de uma virgem" (34). Mostra-se depreciativo quanto aos cristãos que interpretam este mito como um facto histórico e considera a noção de que Deus poderia literalmente conceber um filho numa mulher mortal claramente absurda (35).

---

(6) "Creio... num só Senhor Jesus Cristo, seu filho, o único de Deus gerado." "Dedication Creed", de 341 EC, *ver* Doran, R (1995), 102.
(7) Eurípides, A*s Bacantes*, 222, linha 836.
(8) A versão do rei Jaime da Comunhão Sagrada, baseada na "Dedication Creed".
(9) Harrison, J. (1922), 444, citando *As Bacantes*, linha 723.
(10) João 1 v 14.
(11) Romanos 8 v 3.
(12) Eurípides, *op. cit.*, 191, linha 5.
(13) *Ibid*, 192, linha 22.
(14) Lane, E. N. (1996), 40. Cibele, a deusa virgem, era conhecida como *Mater Deum*, a Mãe de Deus. No século quatro, Maria assumiu este título.
(15) Ver *The Hermetica* (Stobaeus fr. 23), onde[Ísis é saudada como *Kore Kosmu*, a Virgem do Mundo.
(16) Campebell, J. (1964),26. O mitólogo Joseph Campebell escreve acerca de semelhanças entre o nascimento de Jesus e o mito órfico do nascimento milagroso de Dionísio: "Enquanto a deusa donzela ali estava sentada, a tecer calmamente um manto, no qual haveria uma representação do Universo, a sua mãe fez com que Zeus se apercebesse de sua presença; ele aproximou-se sob a forma de uma imensa cobra. E a virgem concebeu o deus do pão e do vinho que morre e vive eternamente, Dionísio, que nasceu e cresceu nessa gruta, foi desmembrado até à morte enquanto bebé e ressuscitou... Na lenda cristã, decorrente do mesmo antecedente arcaico, Deus Espírito Santo sob a forma de uma pomba aproximou-se da Virgem Maria e ela – através do ouvido – concebeu Deus Filho, que nasceu numa gruta, morreu e ressuscitou, e está actualmente hipostaticamente no pão e no vinho da Missa".
(17) Um dos poucos fragmentos que restam de *O Evangelho dos Hebreus* diz de Maria que "Cristo esteve no seu ventre durante sete meses", ver Barnstone, W. (1984), 335, e Metzger, B. M. (1987), 170. Crê-se que o *Evangelho dos Hebreus* foi escrito no Egipto, ver Stanton, G. (1995), 101. Segundo Clemente também citava de *Timeu* de Platão, ver Barnstone, W. (1984), 335.
(18) Kerenyi, C. (1976), 106. A gravidez de sete meses de Sémele é registrada por Diodoro da Sicília e por Luciano.
(19) Justino Mártir, *Apology*, 3.
(20) Lactantius, *Divine Institutions*, 4.27,20, citado em Turcan, R. (1992), 279. O pai da Igreja torna claro que esta doutrina da identidade do Pai e do Filho estava "implícita nos mistérios divinos".
(21) Murry, M. A. (1949), 45. Os reis e rainhas do período ptolemaico mandavam construir uma câmara de nascimento em todos os templos. Aqui, o nascimento divino do rei, Filho de Deus, era celebrado anualmente.
(22) *ibid*, 39.
(23) Guthrie, K. S. (1987), 58, citando Iamblichus, *Life of Pythagoras*.
(24) Gruber e Kersten (1985), 223.
(25) Kingsley, P. (1995), 380, registra a transmissão da tradição oculta órfica/pitagórica desde Empédocles, passando pelos místicos sufi do Islão. Os gnósticos judeus e cristãos e os herméticos e alquimistas de Alexandria são paragens ao longo deste caminho; todos eles derivam de uma tradição clássica esotérica.
(26) *Ver* Sallust, *Cataline*, 51.20.
(27) Angus, S. (1925), 227.
(28) Dittenberger, *Sylloge*, 2ª ed., 1347, 3ª ed., 760, citado, *ibid.*, 109.
(29) *ibid.*, 227.
(30) Virgílio, *The Pastoral Poems*, 53. A quarta *Écloga* de Virgílio, o chamado poema "Messiânico, foi escrita em 40 AEC. Os poetas da era augustana estavam profundamente imersos na filosofia e no misticismo gregos e através deles as doutrinas de Orfeu e Pitágoras e os ensinamentos astrológicos da Nova Era foram impostos ao serviço da propaganda imperial. Embora o aniversário de Augusto fosse a 23 de setembro, ele

> retratou-se como sendo Capricórnio, como Mitra e Jesus. Nas moedas, ele é representado com o signo do Capricórnio. O facto de este ser o "Portão dos Deuses" no Zodíaco – o renascimento do sol no solstício de Inverno – era um lugar-comum no pensamento grego-romano.
> (31) Mayor, Fowler e Conway (1907), 22. A tentativa mais antiga registrada para interpretar o poema neste sentido foi a do imperador Constantino, o *Grande.* Ele declarou que o poeta sabia que estava a escrever sobre Cristo, mas "embrulhou a profecia numa alegoria a fim de evitar perseguições". Esta ideia foi aceite durante séculos, mas ver p. 12, onde um acadêmico moderno escreve acerca da "noção ridícula e, se não fosse sincera diria mesmo blasfema, de que a Écloga contém uma profecia messiânica inspirada".
> (32) Wallace-Hadrill, A. (1993), 86. Histórias semelhantes foram contadas acerca do nascimento de Alexandre, o *Grande.*
> (33) Dittenberg, *Orients Graeci Inscriptiones Selectae*, 458. O erudito augustano Andrew Wallace-Hadrill escreve sobre3 a inscrição recentemente encontrada feita em 9 AEC na Ásia Menor "Se tivéssemos mais coisas destas, os elos com o pensamento e linguagem de Paulo poderiam parecer menos estranho". *Ver* Wallace-Hadrill, A. (1993), 93.
> (34) Citado em Hoffmann, R. J. (1987), 57.
> (35) Para os pagãos, o mito do nascimento divino era uma história didáctica metafórica. Para os iniciados dos Mistérios, um ser humano consistia num corpo material e uma alma espiritual. O nosso "pai" divino é Deus que nos dá a nossa alma imortal, a nossa "mãe" material e a Terra (matéria), que nos dá um corpo mortal. A matéria por si só não pode gerar mas é misteriosamente impregnada pelo Espírito invisível para produzir Vida e assim é retratada como uma eterna virgem. Para os filósofos pagãos, nós somos todos filhos e filhas de Deus. O nascimento milagroso de Osíris-Dionisio é uma alegoria que para os iniciados exprimia esta verdade espiritual.
>
> (FREKE e GANDY, 2002, p. 34-36, grifo nosso).

11) Os tradutores da Bíblia de Jerusalém

> Na Bíblia, **a expressão "filho de Deus" não tinha sentido transcendente, e podia designar: os membros do povo de Deus (Os 2,1), ou seu rei (Sl 2,7; 2Sm 7,14), ou o justo perseguido que esperava o socorro de Deus (Sb 2,16-18; Mt 4,3+).** João o admite também (10,32-36), e é por isso que ele adota a expressão "Unigênito". (Bíblia de Jerusalém, p. 1844, grifo nosso).

Sabemos que não conseguiremos com esse estudo convencer a muitos, mas isso não nos preocupa, pois devemos respeitar a opinião dos outros. O que nos causa preocupação é quando querem separar as pessoas em duas classes: filhos de Deus e criaturas de Deus, pelo caráter sectarista contido nessa ideia, que, muitas vezes, leva as pessoas a terem preconceitos umas das outras por conta da religião que professam. E aí voltamos a insistir: a quem seguem? Certamente, que não a Jesus, que nunca pregou tal barbaridade; aliás, esta sua frase é lapidar: "*Tudo o que quereis que os outros vos façam, fazei o mesmo também vós a eles*" (Mt 7,12).

E, conforme previsível, postaram num site, onde constava esse nosso texto, na primeira versão, o seguinte:

> Sou católica e minha religião afirma que somos criaturas amadas de Deus, só passamos a fazer parte da FILIAÇÂO de Deus depois do batismo porque no batismo somos mergulhados em Cristo e como Cristo é filho único de DEUS só mergulhados em Cristo seremos filhos adotivos de Deus. TENHO HORROR À ESSES EVANGÈLICOS QUE NÃO CONHECE NEM A SUA RELIGIÃO E QUER ENSINAR A NOSSA. (MC)

Haja sofisma para tentar explicar o inexplicável. Até onde sabemos no batismo se mergulha na água e não em Cristo; nem simbolicamente dá para se admitir isso. Além do mais, não uma só palavra em Jesus na qual se possa apoiar para corroborar essa crença. Foi por isso que a nossa contraditora não foi capaz de citar uma só passagem bíblica, pela qual Jesus confirme o que os líderes de sua igreja lhe impõem, dizendo que somente os batizados são filhos de Deus. Recomendamos a ela o nosso texto "O ritual do batismo", disponível em www.paulosnetos.net, no qual se verá que essa pratica ritualística católica não tem o sentido que ela quis passar, além do fato de ser, totalmente, de origem pagã.

Essa pessoa está tão perdida que não conseguiu perceber que, pelo texto, não citamos

a Igreja Católica, a quem defende, numa visão bem sectária, como dizendo que todos somos criaturas de Deus e não filhos. Aconteceu justamente o contrário. Ademais, a ela nada do que foi falado, por várias autoridades bíblicas, tem valor algum, continua, no direito que lhe cabe, crendo no dogma de sua Igreja. Pessoas assim é que se deve ter "horror", pois abdicam da capacidade de pensar por si próprias, para defenderem pensamento alheio, que, na maioria das vezes, nem conseguem entendê-lo, para verem que se trata apenas de uma falácia.

E para encerrar vamos reportar ao escritor José Pinheiro de Souza, na obra *Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso*, na qual cita de Gandhi e Leonardo Boff o seguinte:

> Mahatma Gandhi:
>
> Se, porém, houver alguma suspeita em sua mente de que apenas uma religião pode ser a verdadeira e todas as outras são falsas, você pode rejeitar a doutrina da fraternidade. Então, estaremos alimentando um processo contínuo de exclusão e fundando a nossa fraternidade sobre alicerces de exclusivismos (apud ELSBERG, 1996, p. 128) (SOUZA, 2011, p. 118)
>
> Leonardo Boff:
>
> Quem se sente portador de uma verdade absoluta não pode tolerar outra verdade, e seu destino é a intolerância. E a intolerância gera o desprezo do outro, e o desprezo, a agressividade, e a agressividade, a guerra contra o erro a ser combatido e exterminado. Irrompem conflitos religiosos com incontáveis vítimas (BOFF, 2002, p. 25) (SOUZA, 2011, p. 118).

Acreditamos que ainda vale: "*Eu dou a vocês um mandamento novo: amem-se uns aos outros. Assim como eu amei vocês, vocês devem se amar uns aos outros. Se vocês tiverem amor uns para com os outros, todos reconhecerão que vocês são meus discípulos*". (Jo 13,34-35), no sentido de que "amar uns aos outros" não significa amar só os que nos seguem na mesma religião, mas a todos que seguem conosco na presente encarnação.

Referências bibliográficas

Bíblias:

A Bíblia Anotada, 8ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

A Bíblia Tradução Ecumênica, 1ª edição, São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, 1996.

Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia do Peregrino. s/ed. São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia Sagrada, 37ª ed. São Paulo: Paulinas, 1980.

Bíblia Sagrada, 5ª ed. Aparecida-SP: Santuário, 1984.

Bíblia Sagrada, 68ª ed. São Paulo: Ave-Maria, 1989.

Bíblia Sagrada, 8ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1989.

Bíblia Sagrada, 9a. ed. São Paulo: Paulinas, 1957.

Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.

Bíblia Sagrada, Edição Pastoral, 14ª imp. São Paulo: Soc. Bíblia Católica Internacional e Paulus, 1995.

Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª imp. São Paulo: Paulus, 2001.

Bíblia Sagrada, Edição Popular, 3a. ed. São Paulo: Paulinas, 1977.

Bíblia Sagrada, s/ed. Brasília – DF: Sociedade Bíblica do Brasil 1969.

Bíblia Sagrada, s/ed. são Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1994.

Bíblia Shedd, 2ª ed. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.

Bíblia Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH). Barueri, SP: SBB, 2000.

Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.

Novo Testamento. S/ed. São Paulo: Loyola, 1984.

TORÁ - A Lei de Moisés. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001.

Rksoft – Bíblia Eletrônica 3.4.0. Rksoft Softwares, 2012.

MONLOUBOU, L. e BUIT, F.M. *Dicionário Bíblico Universal*. Petrópolis, RJ, Vozes, Aparecida, SP: Editora Santuário, 1997.

Livros:

ALBERTINI, L. S. *O Além Existe*. São Paulo: Loyola, 1989

ALEIXO, S. F. *Reencarnação – Lei da Bíblia, Lei do Evangelho, Lei de Deus*. Niterói (RJ): Lachâtre, 2003.

ANDRADE, H. G. *Parapsicologia: uma visão panorâmica*. São Paulo: Fé Editora, 2002b.

ANDRADE, H. G. *Você e a Reencarnação, Bauru*. São Paulo: CEAC, 2002a.

ANDRADE, J. *O Espiritismo e as igrejas reformadas*. Salvador: SEDA, 1997.

ARAÚJO, E. M. *Paradoxo Bíblico*, Marica – RJ: Blocos, 2000.

ARIAS, J. *Jesus, esse grande desconhecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ARMSTRONG, K. *A Bíblia: uma biografia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

ARMSTRONG, K. *Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

ASLAN, R. *Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BARRERA, J. T. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BERG, P. S. *Reencarnação, as rodas da alma*. São Paulo: Centro de Estudos da Cabala, 1998.

BRUNE, F. *Os Mortos nos Falam*, Sobradinho, DF: Edicel, 1991

CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 1*. São Paulo: Candeia, 1995b.

CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 2*. São Paulo: Candeia, 1995a.

CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 5*. São Paulo: Candeia, 1995e.

CHAMPLIN, R. N. *Evidências científicas demonstram que você vide depois da morte*. São Paulo: Nova Época, 1981(?).

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. *Vol. 1*. São Paulo: Hagnos, 2005a.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo. Vol. 2*. São Paulo: Hagnos, 2005b.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo*, *Vol. 3*. São Paulo: Hagnos, 2005c.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. *Vol. 4*. São Paulo: Hagnos, 2005b.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo a versículo*. *Vol. 5*. São Paulo: Hagnos, 2005e.

CHAVES, J. R. *A Face Oculta das Religiões: uma visão racional da Bíblia.* São Paulo: Martins Claret, 2001.

CHAVES, J. R. *A face oculta das religiões: uma visão racional da Bíblia*. Santo André, SP: EBM Editora, 2011.

CHAVES, J. R. *A Reencarnação na Bíblia e na Ciência.* São Paulo: EBM, 2006.

CHURTON, T. *O beijo da morte*. São Paulo: Madras, 2009.

DENIS, L. *Cristianismo e Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1987a.

EHRMAN, B. D. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?: quem mudou a Bíblia e por quê.* Rio de Janeiro: Prestígio, 2006.

EHRMAN, B. D. *Quem escreveu a Bíblia?: porque os autores da Bíblia não são quem pensamos que são*. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

EHRMAN, B. D. *Quem foi Jesus? Quem Jesus não foi?* Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.

Enciclopédia Encarta (Eletrônica).

ESPINOSA, B. *Tratado Teológico-Político*, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FINOTTI, P. *Ressurreição*, São Paulo: Edigraf, 1972.

FLUSSER, D. *O judaísmo e as origens do cristianismo.* vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FREKE, T. e GANDY, P. *Os mistérios de Jesus: "seria o Jesus original" um deus pagão?* Mem Martins, Portugal: Europa-América, 2002.

GIBSON, S. *A gruta de São João Batista*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

HARPUR, T. *Transformando água em vinho: uma visão profunda e transformadora sobre os Evangelhos*. São Paulo: Pensamento, 2010.

JOHNSON, P. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

JOSEFO, F. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

KARDEC, A. *A Gênese*, Rio de Janeiro: FEB, 2007e.

KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: FEB, 2007d.

KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1982.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos (Edição Especial).* Rio de Janeiro: FEB, 2006.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2007a.

KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2007b.

KARDEC, A. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006b.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras, SP: IDE, 1993e.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1862*. Araras, SP: IDE, 1993b.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1864*. Araras, SP: IDE, 1993h.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1867*. Araras, SP: IDE, 1999.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1868*. Araras, SP, 1993.

KARDEC, A. *Viagem Espírita em 1862*. Matão, SP: O Clarim, 2000d.

KELLER, W. *e a Bíblia tinha razão...,* São Paulo: Melhoramentos, 2000.

KERSTEN, H. e GRUBER, E. R. *O Buda Jesu*s. São Paulo: Best Seller, 1996(?).

KÜNG, H. *A Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

KÜNG, H. *Credo: a profissão de fé apostólica explicada ao homem contemporâneo*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1997.

LETERRE, A. *Jesus e sua doutrina: a distinção entre cristianismo e catolicismo: um estudo que remonta há mais de 8.600 anos*. São Paulo: Madras, 2004.

LEWIS, H. S. *A vida mística de Jesus*. Curitiba: AMORC, 2001.

MACHADO, R. C. *A Sociedade Secreta de Jesus*, São Paulo: Ibrasa, 2004.

MARQUES, L. A. *História das religiões e a dialética do sagrado*. São Paulo: Madras, 2005.

MEAD, G. R. S. *Apolônio de Tiana*. Brasília: Esotérica, 2007.

MONLOUBOU L. e DU BUIT, F. M. *Dicionário Bíblico Universal.* Petrópolis – RJ: Vozes; Aparecida – SP: Santuário, 1997.

MULLER, K. E. *Reencarnação Baseada em Fatos.* São Paulo: Edicel, 1986.

NIELSSON, H. *O Espiritismo e a Igreja*, São Bernardo do Campo, SP: Correio Fraterno, 1983.

NUNES, C.S. *Transcomunicação*, Sobradinho – DF: Edicel, 1990.

ORÍGENES. *Contra Celso*. São Paulo: Paulus, 2004.

PAGELS, E. *Além de toda crença: o Evangelho desconhecido de Tomé*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

PALHANO JR, L. *Dicionário de Filosofia Espírita*. Rio de Janeiro, 2004.

PALHANO JR. L. *Aos Gálatas: a carta da redenção*, Niterói, RJ: Lachâtre, 1999.

PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho. Vol. 1*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964a.

PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho*, V*ol. 2*, Rio de Janeiro: Sabedoria, Rio, 1964b.

PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho. Vol. 3*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964c.

PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho*, V*ol. 5*, Rio de Janeiro: Sabedoria, Rio, 1964e.

PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho*, *Vol. 6*, Rio de Janeiro: Sabedoria, 1969.

PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho. Vol. 8.* Rio de Janeiro: Sabedoria, 1971.

PINHEIRO, L. G. *O perispírito e suas modelações*. Capivari, SP: EME, 2009.

PIRES, J. H. *Os 3 caminhos de Hecate*. São Paulo: Paidéia, 2004.

PROPHET, E. C. *Reencarnação – o Elo Perdido do Cristianismo.* Rio de Janeiro: Nova Era, 1999.

RENAN, E. *A Vida de Jesus*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

RODRÍGUEZ, P. *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*. Lisboa, Portugal: Terramar, 2007.

ROHDEN, H. *Que vos parece do Cristo?* São Paulo: Martin Claret, 4ª ed. 1996 (?).

RUCINSKI, L. A. *A reencarnação está na Bíblia... reencontrando o antigo ensinamento*. Porto União, SC. 2006.

SÁNCHEZ-GARNICA, P. *O grande Arcano*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SELEEM, R. *O Livro dos mortos do Antigo Egito*. São Paulo: Madras, 2003.

SILVA, S. C. *Analisando as Traduções Bíblicas.* João Pessoa: Ideia, 2001.

SOUZA, J. P. *Mentiras sobre Jesus*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.

SOUZA, J. P. *Mitos Cristãoso*. Divinópolis, MG: GEEC, 2007.

SOUZA, J. P. *Três maneiras de ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.

TABOR, J. D. *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

TRICCA, M. H. O. *Apócrifos: os proscritos da Bíblia*. Vol. I. São Paulo: Mercuryo, 1995a.

UR-RAHIM, M. *Jesus, um profeta do Islão*. Lisboa, Portugal: Editorial Al Furqán, 1995.

VAN LOON, H. W. *A História da Bíblia*. São Paulo: Cultrix, 1981

VERMES, G. *As várias faces de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006a.

VERMES, G. *Natividade.* Rio de Janeiro: Record, 2007.

VERMES, G. *O autêntico evangelho de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006b.

VICTOR, M. *O Fantástico Lesage*, São Bernardo do Campo – SP: Correio Fraterno, 1998.

ZAHRNT, H. *Jesus de Nazaré, uma vida*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

Textos/Artigos:

ARANTES, J.T., O desafio de entender Jesus, *Revista Galileu Especial nº 2*, São Paulo: Globo, jul. 2003, p. 12-21.

FELIPPE, C., O Egito que revivia os mortos, *Revista das Religiões,* São Paulo, Ed. 2, ago. 2003, p. 40-45.

GORE, R., Ramsés, o grande, *National Geograph Especial*, São Paulo, nº 26 A, jun. 2002, p. 8-35.

HESSEN, J. Reencarnação: processo universal de aplicação da Justiça Divina. *in.* Reformador, *nº 2095*. Rio de Janeiro: FEB, out/2003, p. 26-27.

REBELO, V. e SILVEIRA, E. Conceitos do Judaísmo in. Coleções Religiões do Mundo: Judaísmo, nº 4, p. 23-24).

Periódicos:

A Magia do Egito, nº 01, São Paulo: Escala, (s/d)

A Magia do Egito, nº 02, São Paulo: Escala, (s/d).

A Magia do Egito, nº 05, São Paulo, p. 14-21, (s/d).

Coleções Religiões do Mundo: Judaísmo, nº 04 (revista), São Paulo: Escala, s/d.

Deuses Gregos, nº 01, São Paulo: Escala, p. 33-40, (s/d).

National Geograph Especial, São Paulo, nº 26 A, jun. 2002.

Qual é o assunto?, nº 02, São Paulo: Escala, p. 4-6, (s/d).

Reformador, nº 2095. Rio de Janeiro: FEB, out/2003.

Revista Cristã de Espiritismo, nº 24, São Paulo: Escala, s/d.

Revista das Religiões, São Paulo, Ed. 2, ago. 2003.

Revista Galileu Especial nº 2, São Paulo: Globo, jul. 2003.

Revista Veja, Editora Abril, edição de 19/12/2001.

Superinteressante, Edição 183, dezembro 2002.

Internet:

DIAS, H. D. *Traduttore, Traditore (Tradutor, Traidor).* Disponível pelo link: http://www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/estudo/traduttore.html, acesso em 14/02/2012 às 09:19hs.

LIMA, J. F. M. Mensagem postada no site https://saomiguelarcanjo.wordpress.com/quarentena-de-sao-miguel-arcanjo/o-fim-de-chico-xavier/, acesso em 31.01.2011, às 15:50hs.

História de Israel: http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/israel/historia-de-israel.php, acesso em 05.02.2012 às 09:45hs.

http://www.estudosdabiblia.net/bd75.htm, acesso em 05/08/2012, às 18:38hs.

http://www.estudosgospel.com.br/a-biblia-responde/deus/qual-a-diferenca-entre-criaturas-e-filhos-de-deus.html, acesso em 05.09.2011 às 14:11hs.

NAVES, F. Imagens e a cores *in* http://www.psicologia.com.pt/noticias/ver_noticia.php?codigo=NO00109, acesso em 10.04.2011.

Site *Bíblia Católica Online*: http://www.bibliacatolica.com.br/09/2/34.php#ixzz1mRZJ2T8b, acesso em 15/02/2012 às 08:08hs.

Site C*írculo de Estudos Ramacháraca*: http://www.ramacharaca.com.br/autor.htm, acesso em 26/01/2012, às 09:27hs.

Site CNBB: http://www.cnbb.org.br/liturgia/app/user/user/UserView.php?ano=2011&mes=6&dia=24, acesso em 19/03/2012, às 22:02hs.

SPADAFORA, F. O profeta Elias in http://www.hermanubis.com.br/Biografias/BioElias.htm**,** acesso em 18.03.2011, às 10:05hs.

Paulo da Silva Neto Sobrinho, é natural de Guanhães, MG.

Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG).

Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais.

Ingressou no movimento Espírita em Julho/87, atualmente frequenta o Movimento Espírita em Belo Horizonte.

Escreveu vários artigos que foram publicados em alguns sites Espíritas na Internet, entre eles:

- O Portal do Espírito: www.portalespirito.com/
- Grupo de Apologética Espírita: www.apologiaespirita.org
- Panorama Espírita: www.panoramaespirita.com.br

Autor dos livros:

– *A Bíblia à Moda da Casa*

– *Alma dos Animais: estágio anterior da alma humana?, e*

– *Espiritismo, princípios, práticas e provas.*

– *Os espíritos se comunicam na Igreja Católica*

Endereço: Rua Mar de Espanha, 633 – Aptº 401
Santo Antônio – Belo Horizonte.
CEP 30.330-270.

Site: www.paulosnetos.net
e-mail: paulosnetos@gmail.com
Tel: (31) 3296-8716